



Amor Imortal

ETERNA UNIÃO

HALICE FRs



Table of Contents

[Copyright](#)

[A morte](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[O final – Brasil – 2013](#)

[CONTATOS DA AUTORA:](#)

[OUTROS TRABALHOS:](#)



Amor Imortal

ETERNA UNIÃO

گ

Halice FRS

Copyright © Halice FRS

Todos os direitos reservados. Proibida a distribuição, tradução ou cópia, integral ou parcial dessa obra sem o consentimento por escrito da autora.

Criado no Brasil

Imagens da capa: Can Stock Photo

Capa: Naty Cross

Agradeço a Deus, pela inspiração. A todas amigas leitoras, antigas ou novas, por indicar meu trabalho, pelo carinho ao avaliar. A Fernanda, por revisar meus textos com paciência e dedicação.

Dedico essa história a cada “cria” que sorriu e chorou com Ethan McCain ao longo de quatro anos, migrando para onde quer que ele fosse, amando-o incondicionalmente.

Índice

[A morte](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[O final – Brasil – 2013](#)

A morte

Era libertador contrariar a lógica humana, saboreando o poder absoluto, a nulidade das regras, entregue ao fogo das paixões exacerbadas; sem amarras. Fiéis apenas aos amores imortais.

Contudo, este mundo extraordinário, clandestino, as criaturas soberanas que nele habitam não poderiam ultrapassar suas fronteiras.

Para que o caos não fosse instaurado, tais maravilhas adquiridas com a imortalidade deveriam ser mantidas em segredo. Para tanto, o sacrifício do mais forte era válido, necessário.

Capítulo Um

Não tinha como esquecer o próprio nome, Danielle Hall. Lembrava também de Martin e Tracy, seus pais. Era jornalista, tinha 25 anos... Nova demais para morrer! No entanto, era isso. Estava morrendo da forma mais dolorosa que alguém poderia morrer. Sua cabeça e seu coração estavam prestes a explodir. Mas não queria partir, não ainda... Tinha de ficar com ele...

Ele quem?

Também não sabia há quanto tempo padecia. Dez horas, dez minutos. Não tinha como saber, pois não esteve consciente todo o tempo. Queria, mas não gritava. Descobriu que apenas agravava a dor lancinante que a mataria.

Se havia algum conforto naquela tortura, este era saber que não estava sozinha. Alguém – um homem – a amparava. E tinha *o cheiro*. Um odor especial, almiscarado, que parecia correr por suas veias junto ao fogo que a consumia, tornando a dor quase suportável.

Por vezes, o homem segurava sua mão e acariciava seu rosto, ou entoava sons harmoniosos ao seu ouvido. Outro detalhe que se destacava tanto quanto o cheiro, a voz. A mesma que naquele instante cantava uma música conhecida, que ela não recordava o título.

Ele entrelaçava os dedos nos seus. Ela queria retribuir o aperto para mostrar que sabia de sua presença, mas a mão não a obedecia. E ele não estava com ela à toa, era alguém importante. Por que não lembrava?

Como se não bastasse tanta dor, a agonia por não saber a torturava.

– Shhh... Não chore! Eu estou aqui, meu amor... – a voz era confortadora. – Está acabando, eu prometo... É horrível agora, mas não passará por isso outra vez. Vou ficar aqui até que termine, Danielle.

Ethan!

Era isso! Precisava morrer em seu mundo para viver eternamente ao lado de Ethan McCain. De repente, todas as lembranças vieram. Desde quando o conheceu e o deixou até o reencontro, o medo de perdê-lo em uma luta com Paul e o momento da transformação. Ethan finalmente confiou e no que dependesse dela, ele não se arrependeria.

A consciência trouxe certo alento. Ainda doía, contudo, agora fazia sentido. Tanto sentido quanto ouvir seu noivo imortal voltar a cantar ao seu ouvido.

– Por favor, amor... – ele pediu depois de beijar seu rosto. – Não chore!

Ela não sentia que chorava, nem o que poderia ter feito para parar, mas gostou de saber que o fez.

– Isso! – Ethan a encorajou. – Seja forte, minha bruxa! Eu sei que pode.

Queria poder sorrir para indicar que estava bem – na medida do possível –, contudo não tinha como mover qualquer músculo. E então não era preciso, pois todos os sons se calaram e os pensamentos se foram.

Aquela estranha conexão que os unia permitia a Ethan saber quando perdia Danielle para a inconsciência. Era o que acontecia naquele momento. E, como das outras vezes, ele agradecia, pois enquanto ela *dormia* não sentia as dores massacrantes. Consequentemente, sua própria dor era apaziguada. Queria que existisse um jeito melhor para não perdê-la – tranquilo e indolor –, mas não existia.

Analisando o rosto amado, Ethan o beijou sem pressa, sentindo o cheiro e o sabor das lágrimas antes de se obrigar a levantar. Enquanto Danielle estivesse inconsciente, precisava ocupar sua mente. Como na trégua anterior, Ethan desceu para o gabinete e tentou contatar Thomas ou Joly.

Mais uma vez não fora atendido, mas mantinha a confiança. Era cedo para que Thomas usasse sua força, contudo sempre seria forte o bastante para lidar com Betânia, mesmo esta sendo ágil. Quanto a Joelle, parecia claro que o evitava, visto que mentira de forma arbitrária, fazendo com que acreditasse na morte de Danielle.

Enfim, seja qual for o motivo de não encontrá-los, nada poderia resolver nas próximas horas, então, depois de tomar uma dose de uísque, Ethan retomou a montagem dos novos móveis, como antes, para se ocupar até que sentisse a aflição de Danielle e voltasse ao quarto. Daquela vez não demorou a subir, assim como não tardou a perdê-la para a inconsciência, mais uma vez.

Ao descer, seguiu o ritual e ligou para os amigos. E nada conseguiu. Resignado, Ethan recolocou o fone no gancho e olhou para a imensa janela de vidro. Era dia, provavelmente mais de 7h. Os jornais já estavam em circulação há horas. Não tinha como saber de Thomas e Joly, mas poderia se inteirar da comoção que a luta no parque causou à população.

Ethan levou seu computador para a sala e o ligou. Após o tempo interminável de iniciação, digitou algumas palavras chaves na barra de pesquisa e esperou. Nem precisou ver todas as manchetes para saber que o encontro da noite passada não seria esquecido facilmente.

Todos os jornais comentavam o ocorrido, mas a manchete que mais lhe chamou à atenção fora a do *New York Times*.

Mortes Misteriosas Marcam Feriado à Sangue.

De imediato Ethan clicou para abrir a matéria.

A noite de um dos feriados mais tradicionais e festejados pelos americanos foi marcada por acontecimentos macabros. Como ocorrido há quase dois meses, mais uma vez o Central Park serviu de cenário a eventos dignos de histórias de terror. Três turistas canadenses estão desaparecidos e um corpo foi encontrado.

A imprensa não teve acesso ao local, mas segundo informações extra-oficiais, o estado adiantado de putrefação do corpo, ainda não identificado, o desligou das mortes recentes. No entanto, a brutalidade do ataque, chocante para ser descrita, levou as autoridades responsáveis pela investigação a associá-lo ao mesmo procedimento quanto à morte de Michael King e seus seguranças.

Histerias à parte é impossível até mesmo para o nova-iorquino mais cético não associar a morbidez desses assassinos em série a seres míticos. A similaridade confere credibilidade aos muitos relatos de quem esteve próximo ao local que narraram sobre os rosnados animalescos e os vultos velozes, impossíveis de ser descritos.

O detetive responsável pela investigação, Joshua Palmer do 22º DP, manifestou sua preocupação com o pânico generalizado. Segundo Palmer, não há motivos para alardes já que se trata de um crime comum apesar da brutalidade.

Todavia, contrariando a declaração, fala-se em toque de recolher caso outro assassinato sem explicações lógicas ou de pronta resolução ocorra nos próximos dias. Seja como for, a cada novo ataque um dos pontos turísticos mais visitados da cidade deixa de ser um local seguro para...

Exasperado, Ethan fechou a página. Se um dos jornais mais lidos e respeitáveis especulava sobre a existência de criaturas míticas, não era preciso ler outro para saber a dimensão que sua ação da noite passada alcançou. Infelizmente não teve como evitar. Betânia estava disposta a tudo. Se tivesse dúvidas, bastava lembrar como a vampira se lançou contra os turistas e, sem cerimônia, arrancou-lhes a cabeça. O que custaria matar Danielle?

Ethan se eriçou e afastou o pensamento. Olhando o fundo azul da tela à sua frente, voltou a lembrar a matéria, a parte boa. Por ela, indiretamente soube que Thomas estava bem, pois era evidente que fora ele o responsável por dar sumiço aos corpos. Contudo, o amigo ter a oportunidade de limpar a cena do crime não significava que tivesse se livrado da vampira.

Com um bufar aborrecido pela possibilidade real de novamente se encontrar com Betânia, Ethan seguiu até a piscina e mergulhou. Entre uma braçada e outra, sentiu Danielle.

No quarto, depois de seco, estendeu-se ao lado dela e todo assunto que não fosse referente à transformação fora esquecido. Especialmente por notar as mudanças sutis que a deixavam ainda mais bela. As pálpebras – em constante movimento – estavam mais lilases e os lábios, antes rosa pálido, estavam dois tons mais rosados. Perfeitos!

E a mudança não se dava apenas no rosto. Os hematomas, deixados por ele e pelo ex-namorado abjeto, agora eram marcas esmaecidas. Logo, somente o desenho no quadril direito impediria que toda a pele de Danielle fosse imaculada.

Desviando o olhar do dragão rosado – que a cava da calcinha mínima não cobria –, Ethan beijou a mão que segurava, fitando o ventre de Danielle. Sem pensar, agora desligado de todo o resto, ele espalmou a mão naquele ponto. Delicadamente acariciou a barriga lisa, plana. Foi impossível não recordar o questionamento quanto a filhos. Antes era pouco provável que os tivesse, agora era impossível. Tanto melhor!

Se esquecesse por um minuto o ciúme desmedido que não lhe permitiria dividi-la com ninguém, o vampiro ainda teria plena consciência de que em seu mundo violento e clandestino – em breve o mundo de Danielle – não comportava crianças. Respirando profundamente, ainda acariciando a carne cada vez mais firme, ele agradeceu a esterilidade eterna que reservaria Danielle somente para si.

Ethan descartou o assunto antes de deslizar a mão, com toda delicadeza possível, sobre as costelas de sua noiva, até parar na base dos seios simetricamente redondos, de bicos eriçados pela tensão da transformação. Nesse ponto Ethan se obrigou a parar. A inspeção detalhada dava início a uma reação de difícil reversão. Nas próximas horas – as últimas graças aos deuses! –, Danielle ficaria melhor sem sua perversão.

Mas... Ele sempre seria aquilo que era, então, não se furtou de roçar a palma aberta no mamilo enrijecido antes de acariciar e beijar o rosto de sua noiva.

– Se ainda posso pedir alguma coisa – soprou sobre a pele dela. – Rogo para que os deuses me ajudem, pois agora será impossível resistir a você!

Não queria que resistisse, Dana pensou, queria que ele continuasse com os carinhos que desviavam sua atenção da dor, que despertavam algo em seu âmago, mas ele não os fez, não como antes. Ethan se manteve a tocar seu rosto, seu pescoço, suas mãos e nada mais. De toda forma, talvez não fizesse diferença. Agora a dor, como se fosse possível, parecia pior. E havia a indecisão de seu coração. Para cada batida, falhava duas ou três. E sua garganta se obstruía, ardia.

Ethan soergueu o dorso para analisar o rosto de Danielle ao ouvi-la emitir sons estranhos. Não se lembrava de Thomas tê-los feito durante sua transformação. Queria entender a razão daqueles ruídos que não eram gemidos nem rosnados, quando percebeu a movimentação no andar inferior.

Imediatamente deixou a cama, vestiu apenas a boxer deixada ao chão na noite passada e correu escada abaixo. Sabia não se tratar de Thomas ou Joly, pois o casal jamais faria tanto barulho. Ao chegar à sua sala, dirigiu-se à cozinha. Entrou em tempo de ver a empregada depositar sua bolsa sobre o balcão.

– O que faz aqui? – perguntou de chofre, assustando-a.

– Credo, Senhor McCain! – Martha exclamou, levando as mãos ao coração.

– Fiz uma pergunta – lembrou-a de mau humor, ignorando os batimentos acelerados do coração humano.

– V-vim... – Ela encolheu os ombros ante ao olhar do patrão. – V-vim cuidar de meu serviço senhor... Como... Como sempre faço...

– Estava combinado de vir hoje?

Talvez fosse irracional interpelá-la daquela maneira, mas depois de tantos acontecimentos estranhos, encomendas mórbidas e induções de seus funcionários, ele não se continha. Sem contar que não era aconselhável ter uma humana por perto com uma nova vampira prestes a despertar.

– Responda, Martha! – ordenou. Como a mulher não se moveu, ele se esforçou em manejar o tom de sua voz. – Por favor, Martha, poderia me dizer se combinou com Danielle de vir hoje limpar a cobertura? – finalizou com um sorriso.

Martha piscou algumas vezes e, depois de liberar a respiração, explicou:

– Não combinamos nada, senhor. Nem mesmo me lembro de quando fui embora da última vez.

Ethan se lembrava. Literalmente a expulsara, pois não queria descer ao escritório deixando a serviçal com Danielle.

– Bem... – ela prosseguiu – Como não sei o que ficou acertado e agora é preciso tratar com a Srta. Hall, eu achei melhor vir hoje para terminar o serviço de quarta... – Olhando rapidamente em volta, ela murmurou como que para si mesma. – Não me lembro se fiz tudo... Vim também conversar com ela para combinarmos os dias que devo vir...

Martha explicava, contudo Ethan não mais a ouvia, apenas a encarava fixamente, alimentando uma ideia repentina. Talvez, a presença dela fosse providencial. Precisava apenas cercar-se de soluções para todas as possibilidades.

– Você tem família?

– Como, senhor?!... – ela estranhou a pergunta repentina, fora do contexto.

– Perguntei se tem família. – Ethan sorriu mais uma vez. – Perdoe-me se a interrompi. Quis saber como foi seu feriado. Esteve com sua família? Foi ao desfile?

– Ah... Sim, senhor! Tenho marido, filhos... Ontem fomos todos ver o desfile da Macy's. Lindo! Esperamos para ver os balões e os carros na Central Park West. O senhor também viu?

Não, ele não viu o maldito desfile! Mas teve sua cota de Central Park à noite. Assim como proporcionou um show à parte para uma plateia limitada.

– Não gosto de feriados – simplificou. E, bem, Martha tinha família. Ainda assim, ele não desistiria.

– Realmente uma pena. O senhor poderia ter levado sua noiva. Eu acredito que ela teria gostado muito e...

– Martha – cortou-a, prendendo-a pelo olhar. – Quero que ligue para seu marido e diga que não nos encontrou, por isso resolveu tirar o dia de folga. Diga que não tem hora para voltar. Depois, sente-se no sofá da sala e espere que eu a chame.

– Sim, senhor!

Seguro de que seria obedecido, Ethan a deixou e voltou para o quarto. Faltavam duas horas, aproximadamente, para que a transformação estivesse completa e ele queria estar com Danielle em tão significativo despertar. Subiu os degraus de dois em dois, no corredor, correu, abriu a porta do quarto e estacou.

Danielle não estava onde a deixou, sim, de pé, diante da janela.

Um dia, caso Martha sobrevivesse, ele a odiaria por obrigá-lo a deixar o quarto no momento em que deveria estar presente. Um dia... Naquele momento, Ethan somente conseguia admirar uma nova vampira em todo seu esplendor. Seminua, realçada pela claridade do dia.

– Oi... – ele a cumprimentou, apreensivo.

– Oi... – ela retribuiu e imediatamente uniu as sobrancelhas.

Ethan entendia a estranheza. A adorável reação à própria voz o ajudou a sair do transe. Sem deixar de encará-la, fechou a porta atrás de si, e não avançou.

– Com o tempo você se acostuma – disse. – Não só com a mudança em sua voz, mas com todo o resto. – Foi inevitável descer o olhar ao longo do corpo semidespido antes de voltar a fitar o rosto irretocável. – Como se sente?

Como ela se sentia? Em chamas. E especulava de onde vinha aquele cheiro almiscarado, doce e atrativo que a eletrizava. Queria saber também, porque Ethan não estava ao seu lado quando a dor cessou, de repente, como veio. Sim, ela queria saber muitas coisas, mas... *aquele cheiro!*

– Danielle? – Ethan chamou-a, receoso. – Não se sente bem?

– Não sei... – respondeu ela, dispersa, agora perscrutando o homem parado junto à porta com total atenção. Era estranho, mas podia ouvir a batida errática de seu coração. E era como se o visse pela primeira vez, magnífico em cada detalhe.

Por instinto, ela ergueu o rosto e sorveu o ar pelo nariz, profundamente, expandindo as narinas.

Nunca, em sua existência, Ethan se sentiu exposto ou constrangido ao ser avaliado por uma mulher. Mas ali, sob a avaliação descarada de sua noiva, ele não se cobriu como uma ridícula virgem na noite de núpcias por estar paralisado. E, sim, admitia estar um tanto temeroso com o que viria. Para piorar, Danielle agora o encarava seriamente, farejando o ar.

Que os deuses o defendessem! Foi tudo o que Ethan pediu em silêncio ao sentir a tensão no ar e saber que seria atacado. Quando os olhares se cruzaram, o vampiro tomou consciência de que ela se lançaria em sua direção tal qual ele fizera com sua criadora, há dezenas de anos. Preparou-se para desviar do bote, porém, quando Danielle se moveu com graça felina, ele não pôde sair do lugar.

– Acalme-se, Danielle! – Ethan pediu ao ser empurrado de encontro à porta, deixando-se prender pelos pulsos. Jamais usaria sua força contra ela. Se acontecesse como sempre temeu, que assim fosse! Assumira o risco ao transformá-la, não?

– Vem de você! – ela o cheirava minuciosamente. Primeiro todo o rosto, depois a mandíbula até arrastar o nariz à base do pescoço. Antes que Danielle o lambesse, com lentidão e força, Ethan já se encontrava enrijecido. – Ah! Vem mesmo de você!

– Danielle... – ele soprou, enquanto a língua indócil circulava sobre sua pele. – Sei que está com sede, mas não é prudente se alimentar de mim. Não tenho o que você precisa.

– Tem, sim! Seu cheiro é tão bom! – rouca, Dana o contradisse, farejando o peito largo. – E está queimando tanto...

– Eu sei... – Sim, era incômodo. Estava sendo incômodo para ele também.

Quando Danielle ergueu os olhos em sua direção, Ethan pôde admirá-los. O novo olhar era hipnotizante, salpicado com filetes dourados que seguiam desde a borda até a íris negra. Ao percebê-los lamuriosos, o coração do vampiro derreteu como manteiga lançada à brasa.

– Deixe... – ela pediu, doce e carinhosamente em seu tom melodioso.

Sem dúvida, Danielle estava pronta. Além de ser sua eterna bruxa, era uma vampira e definitivamente possuía todas as armas para persuadi-lo. Seria sua primeira vítima de bom grado.

Sem nem se importar com o que acontecesse, Ethan consentiu. Depois de fechar os olhos, inclinou sua cabeça para trás. Dana arfou em expectativa e voltou a lamber o pescoço exposto, roçou seus dentes de leve então os apertou.

Ao sentir seu sangue velho verter lentamente para a boca de Danielle e ter o peito comprimido pelos seios perfeitos, Ethan se excitou ainda mais. Tinha algo de atraente e erótico no perigo representado por sua noiva. Ele começava a apreciar aquela sedução assassina.

– Danielle...

Dana vibrou ao ouvir o seu nome entre gemidos enquanto o mordia. A sensação de romper a carne firme com seus próprios dentes era indescritível e altamente excitante. Suas palmas formigaram então, segurando com firmeza os pulsos de Ethan, ela correu a mão livre pela lateral do abdômen, deliciando-se com cada volta inédita que sua mão receosa e humana deixara passar.

Ela apreciou também a temperatura corporal. Agora Ethan não lhe parecia frio. Quando sua mão tocou a base do abdômen, ele liberou outro gemido lamurioso. O som ecoou dentro dela, agravando o latejar insuportável em seu sexo. Precisava de Ethan, teve certeza ao apertar o membro rijo sobre a boxer. Precisava montá-lo e bebê-lo.

Ele não tinha prometido que seria sempre seu?

“Não depende dele”, disse uma voz interior. Se continuasse a beber como queria, terminaria por cumprir a profecia. E estava claro que Ethan sequer reagiria. Morreria em deleite e prazer enquanto ela extravasasse sua luxúria. Ciente do fato, ela parou, antes que não fosse capaz. Afinal, mesmo que o sangue velho tivesse um sabor estranho, sempre seria o sangue de Ethan.

Ethan se sentiu confuso quando Danielle o imitou e lambeu seu pescoço. Contudo não teve tempo de entender ao senti-la enfiar a mão em sua boxer. Estava adorando a desenvoltura de sua noiva, mas, uma vez liberado de seu poder de sedução, era preciso refreá-la e fazer o certo antes que fosse tarde. Reflexivo, Ethan segurou-lhe a mão.

– Agora não, Danielle! – disse rouco, com toda a firmeza que conseguiu; não fora tanta. E mesmo que ela tivesse interrompido a ação, não deixou de acariciá-lo e prendeu sua boca para beijá-lo. Como não retribuir?

Jamais saberia. Especialmente quando entre todas as coisas que queria fazer com a nova versão de Danielle, provar a boca rosada sem a mínima reserva fosse, talvez, a mais aguardada. Com isso, deixou que os lábios macios, porém não frágeis, acariciassem os seus até que a língua exploradora se aventurasse entre eles. Com um urro incontido, assumiu o controle do beijo.

Logo os dois rugiam com as bocas atadas, as línguas duelando-se entre si. Uma vez que não era necessário ter cuidados, por vezes a mordeu levemente até que fosse retribuído no ataque e passasse a sentir os dentes de Danielle em sua língua e boca. A cada nova mordida seu membro pulsava sob a mão dela.

– Eu preciso de você, Ethan... – ela soprou em sua boca. – Dói tanto!

As palavras mais uma vez o livraram do transe. Teriam todo o tempo do mundo para saciarem o desejo da carne. No momento, Danielle precisava se alimentar antes que a sede chegasse a tal ponto que não fosse possível racionalizar sobre suas ações. Mesmo extremamente excitado, Ethan obrigou-se a fazer o certo.

Senhor de si, ele fez com que ela o soltasse e experimentou girar os corpos, recostando-a contra a porta. Danielle não impôs resistência, deixando-se ser contida enquanto ainda era beijada. Quando a sentiu entregue, Ethan interrompeu o beijo e a encarou. A visão do rosto adorado, com os olhos flamejantes e os lábios entreabertos, roubou suas palavras. Sua vampira realmente estava magnífica, pensou orgulhoso.

– Beije-me – ela pediu, despertando-o mais uma vez.

– Danielle, acredite – ele começou, forçando-se a acalmar seu desejo por ela. – Beijá-la e possuí-la é o que mais quero, mas...

– Então vem! – ela o cortou, girando os corpos para prendê-lo junto à porta. – Eu te quero tanto... E esse seu cheiro!

– Não podemos, meu amor! Não ainda... – disse sem convicção alguma, quando sentiu os lábios puxarem os pelos de seu peito.

– Por que não? – ela inquiriu, antes de morder um mamilo diminuto.

– Como está sua garganta? – perguntou, refreando um gemido.

– Queimando, como tudo em mim... – ela respondeu antes de morder o outro mamilo.

– Você está com sede, Danielle – Ethan explicou, contendo-se como podia. – Sempre despertamos com sede de sangue.

– Eu despertei com fome de você!

Para o vampiro apaixonado e vaidoso que sempre seria, foi impossível refrear um sorriso convencido após a declaração.

– Eu percebi – ele sorriu –, mas não quis me morder por me desejar sexualmente. Você precisa se alimentar.

Ao entender no que as palavras implicavam, Dana imediatamente se afastou. Ela teria de caçar, era evidente. Sem comentários, olhou para além da janela. Era dia claro, sentia que ainda era muito cedo e que não estava pronta para matar alguém. Contudo, agora não era opcional. Fazia parte do *seu* pacote!

– Se eu preciso caçar, me ensine como fazer – pediu, sorrindo, resoluta.

Danielle esteve calada por tempo demais depois de se afastar, então as palavras vieram tranquilizá-lo. O sorriso – perfeito e seguro – serviu para endossar a certeza de que ela não tinha se arrependido. Ensinar-lhe-ia muitas coisas. Desde que fosse preciso.

Apenas não a influenciaria a ser como ele, Ethan determinou ao analisar o rosto angelical. Como disse antes, gostaria que ela conservasse sua paixão. E lhe pareceu errado fazer de uma criatura tão bela, uma assassina. Ele fez sua opção, Danielle faria a dela. Em breve saberia.

– Na verdade – disse Ethan, sorrindo-lhe, seguro –, para caçar basta seguir seu instinto.

– Mas vamos sair agora? – Dana voltou a olhar para a janela. O dia não estava ensolarado, mas era cedo, muito cedo.

– Não será preciso – assegurou, com seu desejo arrefecido, afastando-se para abrir a porta. – Apenas escute e encontre a surpresa que reservei para você.

Capítulo Dois

Como se a declaração apurasse sua audição, Dana reconheceu o bater compassado de outro coração. Não era a primeira vez que o ouvia, mas considerou ser impressão. Agora sabia que não estavam sós na cobertura. Aproveitando a quietude que se instalou entre eles, Dana focou sua atenção no som ritmado. Reflexiva, correu para a porta, contudo Ethan bloqueou sua passagem.

– Danielle, espere!

– Eu quero ver.

– Você vai vê-la, mas...

– Uma mulher!

Por que a surpresa? Sendo Ethan tão ciumento, era evidente que não gostaria de vê-la beber o sangue de um homem. Beber de alguém! Dana se espantou ante a naturalidade com que tratava sua nova fonte de alimento. A necessidade mitigava o escrúpulo, especialmente com a iminência de ter sua sede aplacada.

Tinha pressa, porém o nome sussurrado por Ethan a refreou:

– Martha.

– Martha?!... – Dana uniu as sobrancelhas.

Vira a empregada apenas uma vez. Não possuíam laços afetivos, mas sabia que não seria capaz de matar sua *surpresa*. O problema era que sua garganta ardia. Dana sequer sabia se teria coragem de morder a empregada, mas também não conseguiria ficar ali, parada, com Ethan bloqueando a passagem.

– Me deixe passar, Ethan!

– Vou deixar, mas antes me escute com atenção. Reservei-a para você. Caso a mate, eu me livro do corpo e ficamos por aqui até a noite. Mas, se por acaso não for o que deseja, entenderei sua decisão. Sairemos se prometer se controlar. Assim posso dar um jeito para que se alimente até estar satisfeita. Está bem assim?

– Está! Agora, vamos acabar logo com isso.

Quando se tornou impaciente? Dana não sabia, mas agradeceu quando Ethan lhe deu passagem.

Sem mais demora, sem atentar à falta de roupa, a vampira correu escada abaixo – e se admirou com a própria rapidez. Em um átimo estava parada diante de Martha que, sentada, parecia alheia a tudo ao seu redor.

A mulher estava induzida e tinha um cheiro muito, muito bom. Sim, o odor era altamente atrativo, porém, olhando para aquele rosto impassível, Dana não se sentia compelida a mordê-la, mesmo que sentisse a vontade. Era estranho.

Dana ainda analisava a empregada, quando um movimento furtivo chamou sua atenção. Não ouviu Ethan segui-la, mas por sua visão periférica, viu-o ao lado do corrimão. Estava vestido na calça que usava na noite anterior, sem camisa, descalço e com os braços cruzados sobre o peito largo, apenas observando.

Não queria decepcioná-lo, mas não via como morder aquela mulher. Impaciente, com a garganta a arder mais do que antes, Dana se pôs a andar de um lado ao outro diante de sua *refeição*, estudando-a.

Ethan estava curioso quanto ao comportamento de Danielle. Aquela calma apreciativa não era normal. Mas o que esperou afinal? Sua bruxa jamais foi comum e não o seria agora que era imortal. O que via, valia como prova. E era inquietante. A sede estaria insuportável àquela altura. Até mesmo Thomas, que se recusou a beber sangue humano desde o início, controlou-se a muito custo e logo se lançou com apetite voraz sobre o cavalo que o vitimou.

Então, por que Danielle não saciava sua sede de uma vez por todas?

A passividade dividia sua opinião. Ainda considerava errado que sua noiva se tornasse uma assassina, mas também não a queria uma bebedora de animais. Confuso, oscilando entre o alívio e a decepção, Ethan viu Danielle se agachar diante da humana. Depois de analisá-la, a vampira levantou e bufou.

– Isso tudo é muito esquisito! – Dana explodiu, sem deixar de mirar o rosto impassível da empregada. – Como devo fazer? Eu mordo o pescoço? Os pulsos?

– O que tem vontade de fazer? – Ethan perguntou, divertindo-se com a racionalidade da jovem imortal.

– Eu quero morder, mas... – Danielle se interrompeu, indicando Martha com um amplo mover de braços. – Ela não ajuda.

Reprimindo um sorriso ao constatar que sua noiva sempre seria absurda, divertindo-o nos momentos mais inusitados, Ethan perguntou:

– Gostaria de alguma participação?

– Sinceramente, Ethan? Eu não sei do que gostaria – respondeu séria demais, ainda olhando para Martha. – Como disse, tudo isso é muito esquisito. Deveria ter um jeito mais fácil. Sempre que comia um bife, eu não precisava olhar nos olhos da vaca.

Ao comentário, Ethan irrompeu em uma sonora gargalhada. Danielle o fuzilou com o olhar, porém ele não se importou. Poderia existir algo mais a desejar? Não, era impossível! Sua noiva lhe dava tudo! Jamais, em tempo algum, o destino poderia ter reservado alguém melhor para presentear-lo.

– Fico feliz que minha inexperiência o divirta – Dana comentou, secamente.

E ela ainda possuía um humor tão variável quanto o seu próprio, Ethan acrescentou em pensamento. A eternidade com Danielle jamais seria monótona.

– Perdoe-me – pediu, recuperando-se do riso acintoso. Sabia exatamente do que ela precisava. – Estou vendo que está pouco à vontade.

– Estou – Dana desarmou-se. – Muito!

– Vou facilitar para você. – Ethan descruzou os braços e se aproximou, lentamente. – Pense desta forma... Por que se imaginar como uma humana comedora de bife se pode ser a leoa que espreita uma vaca?

– Uma leoa não teria problemas em atacar a vaca – comentou Dana, voltando a analisar a mulher, absorta.

– Não teria. E acharia muito mais interessante se a vaca tentasse fugir. Martha... Desperte! Levante!

Quando Martha o obedeceu, instintiva, Danielle se pôs às costas de Ethan; como se a humana representasse perigo, não o contrário. Sem se mover, satisfeito com os reflexos de sua noiva, o vampiro encarou a mulher confusa.

– Que horas são? – Martha perguntou, olhando em volta. Então uniu as sobrancelhas ao reparar em Danielle, que a olhava atentamente, meio oculta pelo corpo de Ethan. – O que está acontecendo aqui?

– Acalme-se! – ele pediu ao ouvir o coração humano acelerar.

Danielle também ouvia e, lentamente deixou seu esconderijo, o que fez com que Martha maximizasse os olhos.

– Como posso me acalmar, senhor? Vocês estão estranhos... Por que ela está assim, pelada? O que...

– Precisamos de você – ele declarou, cortando-a.

– O quê?! – A mulher deu um passo atrás e se chocou ao sofá, mas não caiu sobre ele.

Nesse momento, Ethan sentiu sua leoa tocar seu braço. Decidido a deixar a brincadeira mais interessante, abraçou a noiva e beijou o alto de sua cabeça antes de deliberadamente rosnar de forma animal, comprazendo-se ao ver a cor fugir do rosto humano.

– Precisamos de alimento, Martha!

Para Dana, o que antes parecia impossível, passou a ser necessário. Quando a mulher gritou e correu, ela soube o que fazer. Martha não se afastou dois metros antes que a alcançasse e a derrubasse.

– Não! Por favor!... Não!... – ela rogou, quando Dana a virou para que pudesse morder sua jugular. – Não!

Dana não poderia atendê-la. Ao ter o sangue quente e fresco em sua boca, ela fechou os olhos em deleite. Jamais poderia imaginar que o líquido grosso, levemente salgado, fosse tão saboroso. O constante lamento da mulher proporcionava um prazer à parte que a compelia a sugar com maior vigor. Foi impossível conter um gemido baixo de puro contentamento.

Ethan assistia a cena, imóvel, excitado com toda ação. Os gemidos lânguidos que Danielle liberava ao se alimentar, assim como seus cabelos em leque sobre o dorso nu, agravavam seu estado.

Quando os lamentos da mulher silenciaram, Ethan se obrigou a reagir e instruir Danielle para que não viesse a se arrepender.

– Se beber mais, irá matá-la – avisou.

As palavras de Ethan somente fizeram sentido, quando Martha silenciou. Imediatamente Dana lambeu o local onde mordeu e ergueu a cabeça para encará-lo.

– Não quero matar – anunciou. – Mas eu queria mais. Não posso ter só mais um pouco?

– Não sem debilitá-la. Sinto muito! – Ocorreu-lhe testá-la. – Mas se o desejo é muito forte... Vale o que eu disse. Posso me livrar do corpo caso você a mate.

– Não! – Dana se ergueu de um salto. – Você também disse que poderíamos sair caso eu precisasse de mais.

– Sim.

– Tem certeza de que ela está bem? – Dana indagou incerta, mirando a mulher caída.

– Tenho. – Ethan se agachou ao lado de Martha e lhe tomou o pulso. – Está fraca, mas ficará bem... Como daquela vez, quando eu a deixei...

– Certo! Eu já entendi! – Dana o cortou. – Ela está fraca, mas nada que muito líquido e uma boa alimentação não resolva.

– Isso! Como está sua sede? – perguntou ao levantar e recuar um passo. – Gostaria de sair agora ou acha que pode aguentar até mais tarde?

– Posso aguentar – Dana assegurou, olhando-o com as sobrancelhas unidas. Queria questioná-lo sobre sua postura rígida, mas Ethan não lhe deu a chance.

– Então vou cuidar para que ela chegue com segurança a sua casa. Por favor, vá se vestir.

Dana apenas assentiu. Voltou a se mover após a saída de Ethan, que levou Martha em seus braços, rumo à cozinha. Não o obedeceu de pronto. Antes, analisou a si mesma, como fez ao despertar. Ainda não saberia descrever como se sentia, mas estava bem.

Muito bem!

Quando humana, não pensou em como seria *depois*. Agora, com a mudança consumada, descobria uma gama de sentimentos inimagináveis. E notava a eliminação de outros tantos. Sim, teve o receio inicial em morder alguém, contudo, ao fazê-lo, este foi eliminado por completo.

E o cheiro do medo? Salivou somente por lembrar o odor desprendido por Martha. Outro detalhe relevante era a completa falta de pudor. Não era extraordinário estar despida. E não sentia remorso. Preocupou-se, mas não ao ponto de se compadecer com a mulher caída. Não quis que morresse e só.

A sensação era estranha, porém boa. Comprazendo-se de tanta *vida*, Dana correu escada acima. Não poderia dispersar, quando tinha de atender ao noivo. Um cujo retorno seria aguardado, ansiosamente. Agora, tudo parecia urgente.

Ethan permaneceu em sua garagem, andando de um lado ao outro, depois de despachar a criada. Era ridículo fugir de Danielle, contudo, era exatamente o que fazia.

– Inferno! – praguejou.

Nunca se imaginou naquela situação. Sabia que seria esplêndido quando se unissem. Queria aquilo! Sequer dava importância aos primeiros sinais de cansaço ou lembrava a existência de Thomas e Joly, Graco e sua corja. Somente maldizia a si mesmo e a necessidade de Danielle aplacar a sede de forma devida.

Era isso ou atender ao chamado do corpo. Arriscando-se, pois sabia que ao possuí-la, a fome dela seria agravada e talvez não pudesse contê-la.

Com um sorriso escarninho, Ethan zombou de si mesmo. Era obcecado por Danielle desde que sentiu seu cheiro? Não! Era-o *agora*!

– Posso ser masoquista. Suicida? Talvez... Covarde, jamais! – disse, dirigindo-se à escadaria. – Que os deuses me defendam!

Coberta por um vestido vermelho Dana olhava para o próprio reflexo num dos espelhos do *closet*. Via o seu rosto, reconhecia-se, mas estava diferente. Divino! Ela queria olhar todo seu corpo, mas não conseguia desviar a atenção da própria face.

Dana moveu seu olhar apenas quando sentiu o movimento às suas costas.

Ethan agora a mirava também pelo espelho, distante, maravilhado como ela. A imagem de duas figuras perfeitas era chocante. Eram magníficos! Dois anjos caídos, tão letais quanto demônios encarnados caso assim determinassem. Logo o bater de dois corações incertos enchia o cômodo, como o odor dos corpos sedentos um pelo outro.

Voltando os olhos para a própria imagem no espelho, Dana comentou:

– Agora entendo o *Narciso*.

– Apaixonou-se por si mesma?

– Assim como aconteceu com você, não?

– Sempre fui apaixonado por mim mesmo, Danielle. A imortalidade só piorou esse traço da minha personalidade. Nunca tive ninguém... Até conhecer você.

– Hoje sei que também nunca tive ninguém... Que nunca fui alguém, até ter você. E agora eu combino!

– Sempre combinou – ele retrucou ao recostar no batente e cruzar os braços. – Sempre foi perfeita para mim.

Medo. Decididamente era medo o que Ethan sentia misturado ao desejo. Confirmou ao ver Danielle sorrir mansamente para seu reflexo e um brilho fortuito cruzar o olhar dourado antes que ela se voltasse e o encarasse.

– Prove! – desafiou-o.

Ficou claro que Ethan não tinha amor à própria vida quando descruzou os braços e, obediente, recuou de costas rumo à cama, sem deixar de encarar sua noiva. Esta se pôs a segui-lo, sem pressa, felina.

Ao esbarrar nos pés da cama, Ethan caiu sentado. De costas, ainda a encarar Danielle, arrastou-se pelo colchão até encontrar os travesseiros. Resignado, esperou o que viesse, para a vida ou para a morte... E em qualquer um dos casos, sim, seria esplêndido!

A impressão se confirmava em seu corpo tenso, em seu membro rijo apenas por aquele breve e lento espreitar. Pelo cheiro... O inebriante cheiro de cio que corrompia o ar.

Danielle pediu que provasse. Era esperado que fizesse alguma coisa, contudo ele não tinha forças para se mover. Era a presa fácil, fascinada e bem disposta que, paralisada, assistia seu algoz baixar as alças do vestido até que este escorregasse por seu corpo. Um corpo forte!

Não precisaria ser cuidadoso, Ethan atentou ao detalhe. Foi impossível calar um gemido ao antever *tudo* o que poderia fazer com sua noiva, sem que a machucasse. Quando Danielle ajoelhou na cama e de mansinho engatilhou em sua direção, a expectativa eliminou o medo.

Pertencia a ela!

Para Dana, ter seu vampiro entregue era novo e estimulante. E o cheiro!... Era como se precisasse dele para viver, ela considerou ao farejar uma das pernas, subindo até a virilha. Nunca saberia de onde tirou a ideia de morder o membro enrijecido ainda coberto, contudo, Dana não se arrependeu ao fazê-lo. Congratulou-se ao ouvir o gemido aflito, ao sentir o estremecimento daquele corpo forte, grande, todo seu.

Ao erguer o olhar e encontrar os brilhantes olhos verdes postos nela e a boca aberta em muda exclamação, Dana sorriu, convencida. Experimentando um novo poder, ela avançou até estar com o rosto próximo ao dele e, sem conter-se, beijou-o com paixão. Ethan correspondeu com a mesma fúria. Mordiscou-lhe a boca antes de vencer a catatonia e puxar sua noiva de encontro ao peito.

Logo Ethan a segurava pelos cabelos da nuca, prendendo-a junto a si. As línguas famintas provavam-se sem reservas, entre gemidos e grunhidos enquanto as mãos se tocavam, ansiosas.

Sem desfazer o beijo, Dana desceu uma das mãos pelo abdômen até encontrar o cós da calça e escorregou sua palma para acariciar o volume que antes mordiscou. Queria prová-lo. Queria muitas coisas. Queria tudo!

– Ah... – Ethan gemeu e afastou sua boca para pedir: – Por favor, tenha cuidado!

– Ainda tem medo que eu o machuque – Dana observou.

– Você não conhece a força que tem.

A explicação fora feita sobre sua pele, enquanto Ethan estremecia, procurando forças para não sucumbir ao carinho ousado.

– Mas sei que não vou machucar você... Nunca! – Dana assegurou ao se afastar somente para sentar sobre as coxas de Ethan e começar a abrir sua calça. – Não tenha medo de mim.

– Não tenho.

Como se o pedido o liberasse, Ethan a derrubou sobre a cama, invertendo a posição de seus corpos, sendo ele a sentar sobre o quadril de sua vampira. Senhor da situação, apreciando a surpresa no rosto amado, sem reserva ou cuidado, apertou os seios expostos.

Tinha pressa. Logo se curvou para ocultar um mamilo em sua boca. Chupou-o com força, engolindo a maior porção possível do monte que sempre tiraria seu sono.

– Ethan... – Dana arfou ao ataque voraz. – Antes não era assim.

– Não preciso ter cuidado – explicou antes de provar outro seio com a mesma fome.

Com Ethan participativo, Dana sentia sua garganta protestar, como seu centro. Precisava dele!

– Me mostre, por favor! – rogou. – Ethan... Dê tudo que negou! Tudo!

Foi apenas um pedido, sem real ousadia, contudo bastou para inflamá-lo. Danielle era seu pote de balas... Sem nem notar, Ethan urrou enlouquecido, fazendo com que os vidros ao redor, trepidassem. Para atendê-la, rasgou as laterais da calcinha, fez saltar o botão e partiu o zíper de sua própria calça antes de se posicionar entre as pernas de sua noiva. Com o velho coração a bater errático o vampiro moveu o quadril e a penetrou numa única investida.

– Ethan – ela choramingou enquanto segurava-o pelas costas, arranhava-o.

Antes de incomodá-lo, as unhas afiadas excitavam-no mais, incentivando-o a serpentear o corpo sobre o dela. Indo cada vez mais fundo, arremetendo com força. Imediatamente Dana o comprimiu em si com a mesma intensidade.

– Bruxa – Ethan gemeu, acusador.

Dana não o ouviu. Como se não bastasse o mover compassado para agravar sua sede, o odor vindo dos fermentos que causou, nublou seu pensamento. Apenas sentia.

– Vou te morder – anunciou. – Eu preciso...

Ethan jamais se perdoaria por negar tal pedido, mas o faria. Ele mesmo tinha sede, mas era experiente e a domava. Infelizmente Danielle teria de aprender a lidar com sua vontade da pior forma, pois os dois chegaram a um ponto onde não tinha retorno.

– Sinto muito – sussurrou. Ciente de que provavelmente fosse mordido, mesmo sem consentimento, em um movimento rápido, girou-os sobre a cama e prendeu sua noiva de bruços.

Ainda surpresa, Dana se perdeu nas sensações quando Ethan a estocou com renovado vigor. Contudo, precisava mordê-lo. E era mais forte, lembrou-se antes de tentar se soltar. Ethan entendeu a ação. Sabia que não poderia segurá-la por muito mais tempo então, mesmo indo contra sua resolução, valeu-se de sua força e segurou-a pelos pulsos, mantendo-os atados às costas, deixando-a debruçada sobre o colchão; mais exposta para receber suas investidas.

Cada detalhe daquela posse violenta vinha para agravar a sede sentida. Agora, com os mamilos a roçarem o lençol, Dana sentia ganas de lutar, morder, destroçar, mas não seu Ethan. Dele queria que aplacasse aquele fogo que a consumia. Era insuportável. Afundando o rosto no travesseiro para abafar um urro aflito, ela ergueu mais o quadril.

Dana sucumbiu ao ouvi-lo rosnar. E assim, entre gemidos e urros, dois vampiros sedentos um pelo outro, gritaram palavras indecifráveis antes de serem devastados pelo orgasmo poderoso. As sensações que percorriam seus corpos não permitiram que parassem, compelindo-os a se mover até que alcançassem nova satisfação.

Minutos depois, com Ethan estendido sobre ela, Dana encontrou sua voz:

– Tem mais, não tem?

– Se prometer não morder – Ethan murmurou, esperançoso, repassando tudo o que ainda fariam juntos, rouco, antes de girá-la para que pudesse olhá-la. – Danielle, não seria sábio fazermos algumas coisas agora, mas, sim... Tem muito mais.

– O quê? – Ela queria. – Eu prometo não morder. Me dê mais, Ethan – rogou.

Ethan sorriu, satisfeito. Seria perfeito, mas ainda não.

– Temos tempo, meu amor... Mas podemos ter um pouco mais daquilo que considero seguro.

Uma vez dito, Ethan a atendeu de pronto, tocando-a, beijando-a, amando-a tradicionalmente até que toda ação se convertesse em gozo.

No que tinha se transformado? O que eram eles dois, afinal? Dana se perguntou ao retomar a consciência, tendo Ethan tombado sobre si. Pouco mais de uma hora havia se passado desde seu despertar na nova vida, amavam-se e o fogo não se extinguia!

O assombro se dava pela falta de pudor, por estar prostrada pela submissão máxima sob o corpo daquele que seria para sempre seu senhor. Por lutar com todas as suas forças contra a sede, simplesmente por não desejar sair dali. Porque ainda queria tudo.

– Ethan... – ela murmurou contra o travesseiro.

– Sim, meu amor... – Ele lhe beijou as costas.

– Tem mais, não tem?

Ethan sorriu.

∞

Quando a noite veio, Ethan abraçou Danielle junto ao peito onde mal cabia o velho coração, este estava inflado de puro contentamento. Enquanto esperava a conclusão da transformação, ele pôde vislumbrar tudo que poderia fazer com sua ex-humana frágil, contudo nada o preparou para a realidade. Danielle era insaciável! Por ele ficariam naquela cama eternamente, pensou satisfeito ao fechar os olhos.

Precisava dormir e seria perfeito fazê-lo com sua noiva imortal presa ao seu corpo. Infelizmente sua irresponsabilidade, há muito ultrapassara o limite aceitável. Se ele sentia sede, poderia mensurar a necessidade de Danielle. Ela estava sob admirável controle, porém, até quando?

Antes que a chamasse para que se vestissem, ouvi-a murmurar:

– Estava mesmo disposto a nos privar de tudo isso?

Eram incríveis juntos! Teria sido uma temeridade morrer sem ter tudo o que Ethan poderia oferecer. Dana percebeu que verbalizou o pensamento quando Ethan retrucou, sério demais:

– Agora sabe o quanto eu seria um idiota.

– Não sei nada sobre idiotices – disse Dana, carinhosamente. – Por mais que não entenda ou aceite, não menosprezo temores e agora sei que o seu nunca foi infundado... Eu quase o ataquei.

– Eu não deveria ter cedido a você, em primeiro lugar – replicou ao obrigá-la a erguer o rosto. – Era o único que conhecia os riscos.

– Eu também conhecia. Você avisou... Acha que pode me perdoar?

Ethan sorriu mansamente e indagou:

– Alguém poderia culpar o fogo por consumir a pólvora sempre que tivesse a chance de tocá-la?

– Acho que não... – Dana o acompanhou no sorriso.

– Se as últimas horas não foram suficientes para saber que não há nada a perdoar, acho que posso demonstrar um pouco mais – ele sugeriu, correndo a mão livre pelas costas nuas de sua noiva, distraído-se.

– Hum... Ainda ficaram algumas dúvidas – ela retrucou, roçando seu corpo ao dele, maliciosamente. – Mas receio não suportar a sede por mais tempo.

– Sou um devasso relapso! Mas como posso ser diferente? Percebe o que faz comigo quando se esfrega em mim dessa maneira?... Como sairemos se você me obriga a ficar?

– Perdoe-me – Dana pediu, sem lamentar de verdade. Adorava aquela naturalidade que surgiu entre eles. Tanto que se colocou sobre ele e lhe cheirou o rosto, o pescoço. – Algo me ocorreu. Não precisamos sair... Podemos chamar alguém... O porteiro... Um vigia... Quem sabe o rapaz que viesse entregar uma pizza. Bastaria pedir.

Era chocante confirmar que Danielle sempre o surpreenderia, nem sempre de forma positiva. Mal despertara e já arquitetava armadilhas. Não fosse o detalhe que o enfurecia, estaria orgulhoso. Com um esgar o vampiro girou os corpos e a prendeu contra o colchão.

– Todos, homens? – indagou, rouco. A imagem o cegou. – E não os mataria. O que faria depois que cada um deles se rendesse de bom grado?

– Eu poderia lhes dar uma gorjeta e...

– Nunca se atreva a morder um homem! – sibilou, antes que ela concluísse o gracejo.

Por reflexo Dana estremeceu, contudo não se deixou intimidar.

– Sou nova nisso, mas acredito que não possa escolher... Sabe que está sendo irracional, não sabe?

Sim, ele sabia! Qual a novidade? Respirando profundamente para conter seu ciúme, pediu:

– Sei... Como não tem jeito, apenas prefiro que não o faça na minha presença. – Irritado, Ethan deixou a cama, levando sua noiva consigo. – Também preciso reconhecer que sua ideia é boa.

– Ethan, eu estava brincando, eu não queria...

– Vá se vestir de uma vez – ordenou, interrompendo-a.

Depois de Martha, ele sabia que Danielle não representaria perigo às futuras vítimas, sendo assim, o NY Offices lhe ofereceria tudo que precisasse. Ele poderia fazer o mesmo somente daquela vez, pensou ao arrastá-la até o *closet* para que se vestissem.

Ante ao súbito mau humor, Dana nada acrescentou. Em silêncio o imitou, vestindo o que estava à mão: calça *jeans* e um casaco de lãzinha azul com decote em V. Estava prestes a pegar seus tênis, quando Ethan a deteve:

– Deixe-os!

– Mas...

– Não serão necessários. Não vamos sair para a rua.

– Não?!

– Você terá o seu porteiro – Ethan anunciou, soturno.

Dana calou seu protesto por saber que seria inútil argumentar. Desceram pela escadaria, correndo. A sensação de liberdade, mesmo estando entre as paredes do edifício, era nova e indescritível. Dana não a considerou plena por não poder compartilhá-la com seu noivo, contrariado com o que estavam prestes a fazer.

No térreo, Ethan confirmou seu péssimo humor ao anunciar:

– Daqui você segue sozinha.

– Mas... – Dana estacou, alarmada. – Eu não saberei...

– Saberá – ele a cortou. – Você, assim como eu, nasceu para ser imortal. Então vá à caça... Farei o mesmo e voltarei para a cobertura. Apenas não demore.

Depois de acariciar o rosto contrito, Ethan se foi.

Ainda seria inútil argumentar. Melhor seria atendê-lo, considerou ao dedicar toda sua atenção à sua presa. Caminhando, sem pressa, em direção ao vigia distraído, Dana o

reconheceu. Era o mesmo que tentou socorrê-la, quando descobriu a verdade sobre Ethan. Logo sorria, divertida.

– Boa noite! – disse solícito ao vê-la. Não a reconheceu, afinal, Ethan fez com que a esquecesse. – Posso ajudá-la em alguma coisa?

– Pode.

Quando o homem a viu nitidamente, Dana pôde ouvir seu discreto arfar assim como o acelerar de seu coração.

– O que posso fazer por você, linda? – ele perguntou, mirando o decote revelador. – Pode pedir o que quiser.

A reação de encantamento era prazerosa, como o cheiro da crescente excitação, contudo, Dana queria o medo. Não o mataria. Mas ele não precisava saber.

– Se é assim... – Dana começou, inclinando-se sobre o balcão, sedutora. – Quero provar o seu sangue. Posso?

– Como disse?! – O vigia piscou algumas vezes e se pôs de pé. – Acho que eu não entendi.

– Sim, você entendeu...

Ao recordar o temor que o vigia sentia por trabalhar num edifício que considerava mal-assombrado, Dana saltou para cair sentada sobre o balcão.

– Minha Nossa Senhora!

E lá estava! O delicioso odor do pavor. Divertida, Dana viu o vigia se atrapalhar com a cadeira antes de correr pelo saguão em direção à porta de vidro. Ela o barrou a meio caminho e, valendo-se da paralisia, tocou-o no peito, correu os dedos até a gola do uniforme para abri-la.

– Não se preocupe, meu amigo – disse já a lamber-lhe o pescoço. – Não vou te machucar.

Esperava manter sua palavra, pensou enquanto cravava seus dentes na pele morna. À medida que sorvia o sangue, o medo cedeu lugar à excitação. Sua vítima apreciava o carinho mortal e tal entrega proporcionava prazer a Dana. Tanto quanto saciedade. Seria fácil ir além, mas não o faria. Graças à sua experiência com Martha sabia quando parar para que o vigia não ficasse debilitado. Depois de lamber o ferimento, a vampira procurou pelos olhos vagos da vítima e ditou sua primeira ordem:

– Volte para seu posto e esqueça!

Vira Ethan induzir os humanos tantas vezes que nem mesmo recebeu fazer errado. Ainda assim foi com satisfação que viu seu induzido obedecê-la, antes que ela deixasse o saguão. Precisava de um pouco mais para que pudesse voltar à cobertura saciada. Voltar para Ethan!

Capítulo Três

Com as mãos nos bolsos da calça, imóvel, Ethan soltou a respiração que prendera nos últimos minutos. Não era seu desejo ver Danielle beber de homens, mas sua curiosidade, mesclada ao senso de proteção, guiou-o até a sala das câmeras de segurança. Agora, diante das pequenas telas, o vampiro tentava definir qual sentimento prevalecia: orgulho, divertimento ou ciúme.

Uma coisa era certa. Ele não errou ao dizer que Danielle nascera para ser imortal. Não ouviu o que fora dito, mas viu que ela apavorou o vigia antes de mordê-lo. Fora maldosa. Sorte dos mortais que fosse controlada.

Satisfeito, Ethan procurou pelo vídeo correspondente à câmera de segurança e danificou a gravação.

– Uma pena!

Enquanto procurava nas outras telas o rumo tomado por Danielle, ele identificou o sentimento predominante. Apesar do ciúme, estava orgulhoso. Ainda sentia sede, mas não se furtaria de vê-la em ação mais uma vez.

Dana tinha pressa, seguia um rumo certo. Enquanto percorria o primeiro andar, um odor se sobrepôs a todos os outros. Este a guiou ao segundo piso. Ali, o cheiro concentrado se revelou forte, apetitoso, convidativo. No final do corredor viu o segurança de uma agência de seguros. Ele dormia numa cadeira próxima à entrada, tinha cabelos negros, a pele morena. Era bonito – nada comparável a Ethan, evidente! – e seu *perfume* a atraía sem que precisasse amedrontá-lo.

Por divergir das vezes anteriores, ele instigou a curiosidade da vampira. Com cautela, para não espertá-lo, Dana se aproximou e o farejou. Aproveitando a quietude, ela segurou os longos cabelos, formando um rabo de cavalo lateral e recostou a cabeça no peito do homem adormecido para ouvir os batimentos compassados do coração. A pulsação instigou sua sede.

Interessante! Do segurança, Dana não esperava participação. Queria seu sangue e o teria. Com cuidado, aproveitou o ângulo da cabeça pendida e desabotoou mais a camisa para morder o pescoço exposto. O sangue, quente como qualquer outro, era doce, saboroso, condizia com o odor. Poderia tomá-lo todo sem notar, contudo não o faria. Mas nada a impediria de vir primeiro até o segurança, na noite seguinte.

Resoluta, depois de fechar-lhe a ferida, Dana sorriu para sua vítima adormecida. Nem seria preciso induzi-lo. Ethan ficaria orgulhoso caso pudesse vê-la.

Ethan!

Agora bastava o nome para instigá-la. Ansiosa por encontrá-lo, Dana correu rumo à escadaria. Sua esperança de estar com o vampiro tão logo chegasse à cobertura, esvaiu-se ao não encontrá-lo em parte alguma. Onde ele estaria? Especulou ao se acomodar na cama espaçosa.

Dana despertou alarmada e se sentou abruptamente. Dormira enquanto esperava. O silêncio do cômodo era opressor e para agravar o clima estranho, ainda estava sozinha. Onde Ethan estaria? De um salto Dana se levantou, alerta.

Esteve tão distraída com as descobertas sobre si mesma, sobre seu noivo e tudo o que a imortalidade lhe trouxe, que se esquecera da tensão na qual viviam. Não estavam livres de todos seus inimigos... Ela nem mesmo sabia se Paul e Betânia estavam mortos. Talvez Ethan tivesse voltado atrás e saído. Talvez estivesse ferido! Talvez...

– Não! – Dana exclamou, seguindo até a porta, decidida a procurá-lo.

Ao sair para ao corredor, sentiu-lhe o cheiro. Ethan estava no apartamento, longe dela. Intrigada, Dana seguiu para a sala, andando. Estava feliz que ele estivesse seguro, mas o afastamento inspirava cautela. Ao que parecia, Ethan ainda alimentava o mau humor, vindo após sua provocação infeliz.

A impressão fora confirmada ao encontrar seu vampiro na sala escura, absorto, sem camisa, sentado no sofá, a rolar um copo de uísque sobre a coxa. Ao parar diante de Ethan, este sequer ergueu o olhar para ela. Apesar da carranca, Dana refreou um sorriso. Como era possível que uma criatura de quase duzentos anos fosse tão mimada? Na verdade, saber não importava. Amava aquele cabeçudo e todos os defeitos que o tornavam único.

Ethan ainda não a olhava, quando Dana sentou sobre a mesinha para que ficassem de frente. Ele tomou um gole de seu uísque e olhou para a porta que levava à piscina. Ignorando-a.

– Você demorou, eu acabei dormindo – ela comentou, refreando o riso. – Acordei sentindo sua falta. Onde esteve?

– Como foi sua primeira caçada? – Ethan a encarou. A um só gole, tomou o restante do uísque antes de atirar o copo às suas costas.

O divertimento de Dana se esvaiu. Não era bom sinal quando Ethan quebrava copos.

– Teria sido melhor se você estivesse comigo – disse a verdade. E acrescentou sem falsa modéstia: – Acho que teria orgulho de mim.

– Gostaria que eu estivesse com você? – Ele ignorou o comentário.

– Tudo bem, Ethan! Qual é o problema? – Teve de perguntar uma vez que pareceu insólito que ele estivesse de birra pela brincadeira anterior.

O problema, ele pensou contrafeito, era seu gênio infernal. Era ser doentiamente possessivo ao ponto de não conservar o orgulho que sentira por ela. Este durou o tempo de vê-la junto ao segurança. Com a lembrança, seu peito rugiu.

– Está me deixando preocupada! – Dana se ajoelhou, entre as pernas afastadas do vampiro. – Divida comigo.

Com Danielle aos seus pés, Ethan lhe acariciou o cabelo, lamentando que não tivesse o poder de Graco. Seria tranquilizador poder ler o pensamento de sua noiva; ou aniquilador. Ainda assim gostaria de saber em quem ela pensava ao farejar o moreno.

– Não estive com você, mas eu a vi – declarou por fim, ainda a tocá-la. Tinha de saber!

– Como?

– No mezanino, ao lado da Cafeteria, há uma sala reservada para o circuito de câmeras de segurança. Durante o dia elas são monitoradas, mas à noite todas as cenas são apenas gravadas. Quando a deixei no saguão fui até lá... Jamais a deixaria sozinha.

Dana sorriu. Ethan era inacreditável. Queria poder dizer o que sentia, mas optou por se manter calada. Algo na expressão sombria indicava que ele tinha mais a contar.

– Eu tive orgulho de você – Ethan prosseguiu. – Até que fosse para o segundo andar.

– Certo! Você me viu. – A revelação não a surpreendia. Estranha era a reação. – Agora posso saber o que fiz de errado?

Encarando-a, tendo o cenho franzido, Ethan arriscou o palpite que tentava negar:

– Você encontrou um preferido.

– Eu... O quê?! – Dana perguntou, incrédula. *Ele* era seu preferido!

– Não negue – Ethan pediu. – Descreva para mim o que sentiu.

– Eu... Apenas o bebi... Nada mais... – desconversou.

– O sabor dele não lhe pareceu diferente? – Ele a encarava, sempre a mover a mão por seus cabelos. – Saberei se mentir, então não tente banalizar e me diga o que sentiu.

– Sim, o gosto era bom, diferente – admitiu. – Melhor do que os outros.

Ethan conteve sua respiração, odiando estar certo em sua dedução. Sabia ser involuntário, contudo, quando racionalizar ajudou nos assuntos referentes a ela?

– Isso acontece com todos nós – explicou. – Não tive muito contato com outros de nossa espécie, mas dentre os poucos que conheci, os relatos sobre os preferidos coincidiram. Eles têm o sangue agradável, tão saboroso que é difícil não beber deles até que morram. Mas alguns imortais não os matam, preferindo conservá-los, uma vez que podem nos despertar outros sentidos e...

– Não me apaixonei – Dana o cortou ao entender onde ele queria chegar. E assegurou: – Não senti tesão por ele! O sangue é bom, pode até ser meu preferido, mas como alimento. Não quero o que ele tem a oferecer como homem! Você está maluco?

– É como me deixa! – declarou Ethan, num murmúrio cansado, embrenhando seus dedos nos cabelos macios. – Louco!

Sabia ser impossível, mas algum dia Ethan a mataria com aquelas declarações. Em milésimos de segundo ele conseguia lançá-la do inferno ao céu e vice-versa. Naquele instante Ethan impediu que a bronca sentida, ganhasse força. As palavras simples, carregadas de dor e uma súbita exaustão, comoveram-na.

– Se é tão importante... Não volto a beber dele – prometeu.

– Sei que não vai – Ethan comentou absorto, acompanhando o mover de sua mão. – Nem se quisesse, poderia.

– Vai me proibir? – O mau gênio ameaçou voltar à tona.

Ethan esboçou um sorriso antes de calmamente declarar:

– Jamais vou proibi-la de coisa alguma, meu amor. Não poderá beber dele porque eu o matei.

E não sentia remorso. Não saberia lidar com um preferido na vida de sua noiva. Em especial, com um que fosse moreno, tratado com desvelo, um belo espécime no qual ela deitou a cabeça, para o qual sorriu.

Dana o encarava, incrédula. Nunca seria capaz de mensurar os sentimentos violentos de Ethan. De fato ela acreditava numa possível loucura – de ambas as partes! –, pois deveria recriminá-lo. Antes, talvez o fizesse, mas agora... Apenas admirou-o.

Era impossível não desejá-lo.

Ethan ainda esperava pela explosão, quando percebeu o brilho nos olhos âmbar e sentiu o odor inconfundível. Danielle estava excitada?!... Como resposta à sua questão, ajoelhada como estava, ela inspirou lentamente e correu as mãos por suas pernas.

– Seu senso de propriedade sobre mim é impressionante! – observou, acariciando-lhe as coxas. – O que você fez?... Esbravejou que sou sua?

– Não me prestaria a esse papel! – assegurou Ethan, veemente, mesmo que contagiado pelo entusiasmo.

Mentira! Deliciada, a estender o carinho até uma área instigante, próxima à virilha do vampiro carrancudo, Dana insistiu:

– O que o aborreceu? Eu acho que sei... – ela exibiu seu melhor sorriso. – Não gostou quando o cheirei, não foi?

Ao se calar ela farejou uma das coxas, depois outra. Seu nariz estava a um centímetro do *jeans*, mas para Ethan era como se este o tocasse. Impossível não endurecer. Como se adivinhasse o momento exato, Danielle correu as mãos pequenas para o volume que o *jeans* não ocultava.

Ethan suspirou e fechou os olhos ao contato, porém abriu-os em seguida. Não queria perder nada do que sua noiva fizesse.

– Admita! – ela pediu.

Decidida, Dana se aproximou e substituiu as mãos pelo nariz, cheirando-o ruidosamente, acariciando a rigidez coberta. Ethan gemeu e se reacomodou, separando mais suas longas pernas. Rendido, rouco, cedeu ao jogo:

– Acertou! Não gostei que cheirasse outro homem – Foi recompensado com uma mordiscada em seu membro e simplesmente precisou de mais agrados pervertidos. – Também não gostei que encostasse o rosto contra seu peito.

– Apenas ouvia o coração... Mas prefiro o ritmo do seu – disse Dana, enquanto a ponta de seu nariz tocava toda extensão enrijecida. – O descompasso é mais interessante do que o bater monótono e previsível do coração humano.

Mais uma vez ela o mordiscou sobre a calça. Ethan gemeu em expectativa e se moveu, ajeitando-se.

– Dispensaria ter visto quando o lambeu e bebeu...

Ethan esperou por outra mordida, ao invés de atender sua vontade, Danielle segurou o cós de sua calça e a rasgou, expondo-o.

– Quando o lambi... E bebi... – repetiu. Sem pudores, admirou-o antes de correr sua língua, sem pressa, ao longo da hombridade intumescida.

– Ah!... – Ethan conteve a respiração e retesou-se ao ter seu membro oculto pelos lábios decididos.

Mentiria se dissesse que jamais desejou tal carinho vindo de sua humana covarde. Sim, ele o quis e agora era agraciado pela perversão vinda com a imortalidade. Jamais esqueceria aquela visão. E morreria! Confirmava a cada sugar profundo, a cada gemido, a cada aperto em suas coxas. Foi impossível refrear sua satisfação quando esta veio estremecê-lo. E nem assim Danielle parou. Tarde demais Ethan entendeu se tratar de tortura, pura e simples.

– Maldita! – vociferou em desespero, experimentando o prazer e a agonia de um orgasmo violento e ininterrupto.

Ethan rugia e rosnava, tentando afastar Danielle, puxando-a pelos cabelos. Sabia que seu velho coração não resistiria. Seu corpo, vibrante e trêmulo, verdadeiramente explodiria.

– Pare, Danielle!... Pare!... Não... – ele rogou ao sentir como se partisse ao meio, desconexo, contraditório.

Ao ouvi-lo gritar, Dana o acompanhou no gozo, rendida ao prazer de ter dominado seu macho. Contudo, a própria satisfação não era plena. Mas não se abateria, pois sabia que seu noivo era uma fonte inesgotável.

Sem rodeios, Dana levantou e se despiu diante dos olhos brilhantes e sim, expectantes de Ethan. Logo ela o montava, encaixando-os da forma correta para se mover sem cuidado, segurando-lhe os cabelos da nuca.

– Bruxa maldita! – Ethan rosnou.

– Ethan... – ela gemeu, quando o vampiro a segurou pelo quadril e a ajudou a cavalgá-lo.
– Rosne que eu sou sua...

– Minha... Somente minha... Para sempre, minha Danielle.

Quando o vampiro estremeceu sob ela, imediatamente sucumbiu aos estímulos e foi ao céu. Naquele instante nada além de seus corpos trêmulos, fundindo-se numa só alma, importava.

∞

Os raios de sol daquela manhã fria de final de outono entravam pelas imensas paredes de vidro e tímidos tocavam o casal ainda sem aquecê-lo. Aquela seria a primeira manhã que via surgir depois de transformada e Dana não dava a mínima importância. No sofá, estendida ao longo do corpo de Ethan, a rolar a mão masculina na sua, ela suspirou, perdida em meio ao torpor que o amor poderoso de Ethan lhe trazia.

Estava satisfeita, como e onde sempre desejou estar depois que aceitou a condição do seu vampiro. Eram iguais, física e moralmente. Apaixonados, insaciáveis, possessivos. Sim, ela não experimentou seu ciúme, mas não tinha ilusões. O sentimento seria equivalente àquele que levou Ethan a matar o segurança. Qualquer desprendimento que um dia possa ter sentido, foi-se com sua mortalidade. Agora, também seria capaz de eliminar uma mulher que se insinuasse. Assim como seria capaz de arrancar o coração de qualquer um de seus rivais para proteger Ethan com a mesma fúria assassina.

O pensamento mais uma vez trouxe a lembrança de que não estavam livres de seus inimigos. Tudo aconteceu tão rápido... O reencontro, a transformação, o despertar conturbado, o desejo desesperado que os mantinha atados um ao outro de forma tão intensa, tomando-lhes todo o tempo. Contudo tinham de encontrar um meio de sair daquele ciclo vicioso de sexo, provocações e demonstrações de força. Havia um mundo lá fora, um do qual faziam parte... Eternamente.

Tinham muito a conversar. Assuntos inquietantes que não poderiam mais ser adiados. Decidida, Dana ergueu o dorso e encarou seu vampiro. Pousando a mão que segurava sobre o peito largo, sem soltá-la, disse:

– Preciso te fazer uma pergunta.

– Não apenas uma... – Ethan esperava por aquilo. – Pergunte o que quiser.

Dana suspirou. Não havia tempo para cuidados. Sem deixar de olhá-lo, passou a lhe acariciar os pelos do peito.

– Eu... Bem... Queria saber o que aconteceu ao Paul. Você...?

– Arranquei-lhe os olhos, o coração e a cabeça – Ethan a cortou sem rodeios, segurando a mão que o perturbava. – Matei aquele rábula dos infernos como o avisei que faria caso a tocasse mais uma vez.

Não era a intenção de Ethan que suas palavras soassem aborrecidas, mas não pôde evitar. A clara adulação o irritou. Se vislumbrasse a mínima sombra de compaixão nos olhos âmbar, enlouqueceria de fato. Para seu alívio, o que viu neles foi um límpido contentamento.

– Não esperava menos de você! – ela disse. – Pena não ter visto.

– Não foi uma cena bonita.

– E quem queria beleza? Ele me obrigou a deixar você, Ethan... Era tão vil e baixo que matou uma criaturinha indefesa... Você jamais saberá a dor que senti ao ver a cabeça do Black.

– Sinto por sua dor! – Foi sincero, porém a perda do gato nada lhe dizia. – Mas estamos em guerra. Lutamos com as armas que temos. Eu deveria ter previsto que ele faria algo assim.

– Não me esquecerei disso. Quanto a Paul, o melhor que fazemos é esquecer que existiu.

– Prometo tentar – assegurou, acariciando a cintura delicada, sentindo boa parte de sua aflição ser dissipada.

– E quanto à Betânia?

– Não saberei dizer. – Contrafeito, Ethan sentou, obrigando-a a fazer o mesmo – Ainda não consegui manter contato com Thomas ou Joly.

– Ainda não? – Dana uniu as sobrancelhas. – E isso não é um problema?

– Não. Sei que estão bem porque Thomas cuidou da sujeira que Betânia deixou no parque e Joly... Bem. Joly a trouxe para cá, então... Estão bem!

– Se é como diz... – murmurou Dana, incerta. Ao ver a convicção nos olhos verdes, acalmou seu coração. – Você sabe disso melhor do que eu. De toda forma, eles jamais te abandonariam numa hora como essa.

– Jamais – ele confirmou, rolando uma mecha dos cabelos dela entre os dedos. – No parque, chegaram quando eu mais precisava. Eu não suportaria que o rábula a levasse embora.

– Eu voltaria!... Mesmo que não me aceitasse de volta, afinal... Sempre deixou claro que não aceitaria trocas. Eu não sabia se entenderia meu recado.

– Ameaças de um vampiro velho, desesperadamente apaixonado... Esqueça-as! Eu sabia que não era uma troca. Não sei explicar como ou porque, mas eu sentia sua aflição. E foi horrível, pois eu não podia ajudar ou defender você – a voz adquiriu um tom rouco, meio rosnado. – Sei que ele a tocou, Danielle!... Que a beijou...

– Ethan...

– Eu faria! – declarou, veementemente. – Se fosse o contrário eu não mediria esforços para ficar com você. E tão logo a pegasse de volta eu faria amor com você de todas as maneiras até que me aceitasse. Nesse sentido, Paul e eu fomos iguais... O amor é desmedido, então não tente negar. Acredito em você, mas sei que ele ao menos tentou. Só não consigo atinar como não aconteceu.

– Você me ajudou – ela revelou. – Ele não conseguia chegar perto... Reclamava do seu cheiro em mim. Acredite, Ethan, você me defendeu mesmo estando longe.

– Nunca soube de nada parecido – Ethan admitiu, agradecido pela restrição que desconhecia, mas não de todo. – Infelizmente não foi o suficiente. O cretino a machucou.

– Mas não foi nada grave – disse Dana, acariciando-lhe o peito como se pudesse acalmá-lo o coração. – Acredite ou não, Betânia não deixou que ele fizesse algo pior.

– Betânia?! Por quê?

– Ela queria me usar para atingir você.

E conseguiu, pensou ele, enraivecido. Mas não poderia deixar que sua raiva desviasse sua atenção agora que finalmente conversavam sobre o ocorrido.

– Para onde o rábula a levou?

– Para ele, o apartamento era de Seager, mas eu sei que é de Graco.

– De Graco Demini? – Ethan se eriçou. – Como você pode saber?

– Pelos detalhes. Sei que Seager não deixou a cidade, Graco, sim... – indiferente à sua nudez, Dana se afastou e prosseguiu: – Paul me deixou sozinha pela manhã então aproveitei para explorar o apartamento. Num dos quartos encontrei vários ternos e nos outros, vi roupas femininas. Não sabia a quem pertenciam, mas pensei que algumas delas pudessem ser de Raquel. Era só uma suspeita, mesmo assim eu quis sair de lá o mais rápido possível. Imaginei que se Graco chegasse e me descobrisse, seria pior do que estar com Paul.

Interessado, Ethan se acomodou melhor e, focado na narrativa, segurou as mãos delicadas e pediu:

– Conte-me mais.

Entrelaçando os dedos aos dele, Dana obedeceu. Contou sobre sua tentativa de fuga, frustrada pela chegada de Betânia. Revelou como iludiu seu captor, fazendo-o crer que estava com ele de boa vontade, para ajudar a mantê-lo longe. Ao reconhecer o orgulho nos olhos verdes, animou-se e foi além, revelando seu plano de ser transformada. Percebeu seu erro ao ver o contentamento do vampiro ceder lugar ao horror, à incredulidade.

– Não é verdade! – Ethan vociferou, soltando-lhe as mãos como se estas o queimassem.

Dana tentou tocar em seu rosto. Ethan não permitiu.

– Consegue imaginar outra forma de fuga? – ela indagou. – Eu precisava ser forte para me livrar dele...

A declaração final roubou a razão de Ethan. Somente uma cena persistia: horrenda e nauseante. Sem conseguir encarar Danielle, levantou-se de um salto e foi até a porta dupla que levava à piscina. Fixou o olhar no topo dos edifícios, contudo não os via.

– Teria coragem de se entregar a ele?... Tentaria ser uma imortal mesmo que esse não fosse meu desejo?

– Não creio que a transformação ocorra durante o sexo, obrigatoriamente – ela argumentou sem sair do lugar, respondendo à sua primeira questão antes de assegurar: – Sou capaz de qualquer coisa para ficar com você, Ethan!

– Foi por isso que temeu não ser aceita – ele concluiu. – Pela traição!

– Sim – Dana admitiu. – E se não me aceitasse eu entenderia.

Ethan fechou os olhos e respirou profundamente. Sentiu a aproximação de Danielle e se eriçou ao ser abraçado pela cintura e ter a cabeça feminina repousada no meio de suas costas. Reflexivo pousou as mãos sobre as dela, dispostas em seu abdômen.

– Eu não a perdoaria! – Ethan a sentiu estremecer, mas não se calou: – Realmente o sexo é desnecessário. Acredito que você encontraria um jeito de conseguir seu intento de outra forma, mas a dúvida me atormentaria para sempre. Tal sombra eclipsaria meu amor.

– Não, Ethan... – ela sussurrou, movendo a cabeça para roçar os lábios em sua pele.

– Acredite. Se o maldito a tivesse usado eu não a culparia. Eu a receberia, mesmo violada, machucada. Cuidaria de você e imploraria seu perdão todos os dias por deixá-la vulnerável, mas... Se acreditasse na mínima possibilidade de ter sido consensual... Você morreria para mim.

– E eu seria obrigada a entender – Dana repetiu, agradecendo aos céus por nada daquilo ter acontecido. – E viveria pela metade. Se me deixasse, nada mais faria sentido.

Por que sofria? Ethan se perguntou de súbito, afetado pela declaração. O quadro era horrível, sim, mas a cena que lhe servia como base não acontecera, disse a si mesmo. Estavam junto e seu desafeto, morto.

Sem que esperasse, Ethan se voltou e a beijou. Dana retribuiu, agradecida por ter sido perdoada. Ainda assim, resistiu bravamente ao ardor que parecia nunca ter fim. Precisavam conversar. Quando Ethan gemeu e a abraçou, Dana tentou afastá-lo, detendo-o pelo peito.

– Não lute contra mim, Danielle! – rouco, rogou.

– Não luto... – ela assegurou. – É que tenho tanto a contar...

– Agora não vou ouvi-la – admitiu em sua boca. – Estou cansado! Há três noites que não durmo... Nada que disser fará muita diferença agora. Só preciso de você... E de algumas horas de sono.

E, de repente, Dana enxergou o vampiro, além do seu desejo. Ethan estava no limite e ela somente exigia mais e mais. Era uma egoísta insaciável, perdida em seu deslumbre. Com o entendimento, apenas assentiu e o tomou pela mão, para guiá-lo escada acima. Não lutaria. Aceitaria o que viesse e o deixaria dormir, daquela vez, sendo ela a niná-lo.

Capítulo Quatro

O Silêncio a acordou. Ou fora o fim de um sonho. Ethan, por sua vez confirmava a exaustão, dormindo pesadamente, prendendo-a em seu abraço. Dana o invejava. Seu sono fora agitado, povoado de sonhos que esquecia ao despertar. Em cada uma das vezes voltou a dormir. No entanto, agora estava desperta, inquieta, com a imagem de três pessoas queridas nítidas em sua mente.

Era sua vontade ficar sob o corpo grande e nu até que seu vampiro despertasse, mas depois de quase uma hora, ficar imóvel se tornou impossível. Ao erguer o braço que a prendia e escorregar para fora da cama, Ethan sequer resmungou, indicando que as poucas horas de sono não o recuperaram. Compadecida, Dana o observou por dois minutos inteiros antes de beijá-lo e seguir ao banheiro.

Sob o chuveiro, foi preciso manter o foco para que não se encantasse com a carícia da água morna em sua pele. Depois de um banho breve, secou-se e seguiu direto ao *closet*. Vestiu uma de suas calcinhas e deixou o quarto com o firme propósito de contatar seus pais e sua amiga.

No gabinete, acomodada na cadeira de Ethan, Dana discou rapidamente. Antes do primeiro toque, colocou o fone no gancho, alarmada. E se seus pais estranhassem sua voz? Ou ainda, como seus parentes e amigos reagiriam ao vê-la? As mudanças eram visíveis.

Ainda com a mão sobre o fone, Dana avaliou as possibilidades. Concluiu que nada poderia fazer para mudar sua nova aparência. E se não tinha jeito, o melhor era conhecer as reações o quanto antes.

Ao ligar para a casa dos pais, não se acovardou e logo a voz amada acarinhava seus ouvidos:

– Alô!

– Mãe... – murmurou.

– Dana?!

– Sou eu, mãe... – confirmou, preocupada.

– O que aconteceu?

– Eu... – O que diria?

– Fale de uma vez – pediu Tracy, alarmada. – *Está me preocupando, sempre liga aos domingos... Aconteceu alguma coisa para nos procurar hoje?*

Todo o problema era a boa e velha preocupação materna ante de alguma exceção à regra? Perfeito! Dana pensou, aliviada.

– Nada aconteceu, mãe... Eu só... Eu só queria saber como está. E o papai.

– *Saber como estamos?* – Tracy estranhou, porém logo exclamou: – *Ah! Você quer saber como foi nosso feriado, é isso? Espere, vou colocar no viva-voz, assim poderá falar com seu pai.*

– Certo.

– *Boa noite, querida!* – Martin a cumprimentou. – *Está tudo bem?*

– Sim – confirmou, incerta. Algo não tinha mudado, enfim. Mentir para os pais não era bom. – Como... Como foi o feriado?

– *Foi tranquilo, querida* – respondeu a mãe. – *Nada extraordinário. E o seu?*

– Nada extraordinário. – Sim, era péssimo mentir. – Escrevi algumas matérias.

– *Você trabalha demais* – comentou o pai, condoído. – *Admiro sua dedicação, querida, mas deve se lembrar de aproveitar a vida... Ainda é muito nova. Acredite, o tempo passa rápido e quando nos damos conta, não desfrutamos momentos únicos.*

O tempo deixou de ser um problema. Consternou-a entender que o tempo reservado *aos seus pais* seria limitado. Logo teria de se despedir em definitivo, pois sua juventude eterna não poderia ser explicada. Aquele era o ônus por escolher as maravilhas de viver ao lado de Ethan. Entristecia-se, mas não se arrependia.

Nostálgica quanto ao que ainda perderia, disse:

– Sei disso, pai. Vou tentar aproveitar mais. Especialmente o tempo que passar aí, com vocês.

– *Dana, está mesmo bem?* – insistiu a mãe. – *Parece estranha...*

– É impressão – Dana tentou imprimir alegria à sua voz. – Vou dar um jeito de visitá-los assim verá com seus próprios olhos.

– *Bem...* – Tracy aquiesceu. – *Vou acreditar em você.*

– Pode acreditar!... Agora preciso desligar. Sintam-se abraçados e... Eu amo vocês!

– *Também te amamos!* – disseram em uníssono, comovendo-a. – *E venha logo, como prometeu.*

Ao recolocar o fone no lugar, Dana sentia seus olhos arderem. Não estava preparada para deixá-los. De súbito uma ideia lhe ocorreu. Se seus pais notassem sua mudança, ela os induziria. Faria qualquer coisa que permitisse ficarem perto pelo tempo que fosse possível, até que cada um deles partisse.

Animando-se com seu plano, Dana capturou o fone e ligou para Joly. O celular chamou por incontáveis vezes. Começava a se impacientar, acreditando que sua tentativa também seria frustrada, quando a amiga atendeu:

– *Ethan...*

– Não, Joly. Sou eu...

– *Dana...* – Joly sussurrou. – *Ethan finalmente a transformou! Como se sente?*

– Muito bem – assegurou, ainda tentando entender o tom incerto. Esperava entusiasmo.

– *E ele?... Como está?*

– Bem, também – Dana respondeu, impacientando-se. – Joly, qual o problema? Ethan tentou falar com você e Thomas e não conseguiu.

– *Ele está aí com você?*

– Não. Ethan está dormindo... E Thomas, onde está?

– *Deixe que Ethan descanse. Devia fazer o mesmo... Quando despertou?*

Dana estranhou a falta de respostas, mas notou que Joly não parecia preocupada ou alarmada. Como não sabia detalhes do que aconteceu e não queria se meter em assuntos que talvez a amiga quisesse discutir com Ethan, respondeu:

– Ontem pela manhã... Ethan saberá dizer a hora exata.

– *Você... se alimentou?*

– Ethan cuidou disso. Se quer saber se matei, a resposta é não. Mas bebi sangue humano.

– *Sem matar?! – Joly não ocultou seu espanto.*

– Sem matar. – Com um suspiro cansado, Dana mais uma vez inquiriu: – Joly, onde está Thomas?

– *Estamos viajando, Dana... Para nos alimentar.*

– Por isso Ethan não consegue encontrá-los? – estranhou. – Sempre foi assim?

– *Não, mas aqui em Sterling nem sempre o sinal é bom.*

– Sterling?! Estão em Sterling Forest?! – Dana se alarmou. – Joly, por que foram tão longe?

– *Não estamos tão longe assim. Nem saímos do estado! Precisávamos nos alimentar, Dana. Logo estaremos de volta, não se preocupe.*

Era evidente que o casal tinha suas necessidades, Dana disse a si mesma. Talvez, por estar focado na sua transformação, Ethan não tenha cogitado a possibilidade de estarem fora.

– Quando vocês voltam?

– *O mais rápido que pudermos... Diga a Ethan que não se preocupe.*

– Joly, tem algo que queira dizer? – Dana sentia no tom da amiga que ela lhe escondia algo.

Após um instante em silêncio, a francesa sussurrou:

– *Bom... Eu sabia que vocês precisariam desse tempo tranquilo. Não queria preocupá-los agora... Mas acho que devem saber que...*

– Diga de uma vez, Joly!

– *Infelizmente, Thomas não conseguiu eliminar Betânia.*

– Ela ainda está viva?! – Dana vociferou, pondo-se de pé.

– *Sim... Como disse, logo estaremos de volta. Até lá, acho que devem ter cuidado.*

– É a cretina quem deve ter cuidado comigo! – Dana rosnou.

– *Dana – Joly a chamou, preocupada. – Me prometa que não vai procurá-la.*

– Prometo. Afinal, eu nem preciso me dar ao trabalho. Ela virá a mim.

Dana não tinha dúvida. O breve contato com a vampira foi educativo. O ódio de Betânia por Ethan era cego, sua sede de vingança, inabalável. A diferença era que agora Dana estaria pronta para defendê-lo.

– *Dana, não pense que só porque é mais forte, pode levar a melhor.*

– Você não tem como saber – retrucou, decidida.

– *Droga, Dana! Eu sabia que não deveria ter dito nada a você... Não agora! Inferno!... Eu preciso desligar... Prometa, Dana...*

Antes das despedidas o sinal foi perdido. Ao menos ela conseguiu manter contato com a amiga, pensou ao recolocar o fone no gancho. Com a sensação de dever cumprido, Dana seguiu para a sala e de lá até o jardim. Caminhou lentamente até o espaço aberto, apoiou os braços na grade de proteção e mirou a cidade.

Os arranha-céus, brilhantes pelas luzes das incontáveis janelas, roubaram sua atenção. Assim como a brisa que agitava seus cabelos e acariciavam seu corpo. Cada sensação era única, surpreendente, porém não capaz de fazê-la esquecer a informação repassada por Joly. Sentia-se preparada, mas preferia que Betânia estivesse morta.

– Tentando os deuses? – Ethan sussurrou ao seu ouvido antes de girá-la e abraçá-la. – Ou pretende apenas me matar de ciúmes?

– O que fiz agora? – perguntou Dana, confusa, sem entender como não ouvira a aproximação de Ethan.

– Deixou-me sozinho em nosso leito para expor o que pertence apenas aos meus olhos.

– Não estou me expondo. Este não é um dos edifícios mais altos da Wall Street, mesmo assim ninguém pode me ver com nitidez. Então, cada milímetro do meu corpo continua sendo exclusividade sua.

Fingindo analisar a questão, Ethan olhou em volta com atenção, para os edifícios vizinhos até que voltasse a encará-la.

– Alegação aceita, sua exibicionista! Entendo essa relação com o vento.

– A sensação é mesmo boa – Dana se referia ao abraço.

– Mas não gostei de acordar sozinho. – Ethan revelou com seriedade. – Temi que tivesse saído.

– Eu não faria. – Ela lhe acariciou a testa vincada. – Sei que não é seguro.

Ethan sorriu.

– Outra teria saído. Eu já deveria saber que você não faria nada do que é esperado.

– Esperava que eu fosse insubordinada?

– Você é insubordinada, Danielle! – Ethan a girou e a abraçou por trás para lhe soprar ao ouvido. – E voluntariosa, teimosa, decidida... Acho que justamente por isso vivo em constante estado de alerta. Você sempre faz o contrário do que imagino.

– Me desculpe.

– Não se desculpe por não ser monótona. – Ethan juntou mais seus corpos.

Dana prendeu a respiração ao sentir cada mínima parte do corpo masculino moldada ao seu. Ethan usava apenas uma peça íntima e por mais que sentisse o odor característico, ele não estava notoriamente excitado. Detalhe que não impedia as reações de seu corpo.

– Agora... – ele prosseguiu. – Onde paramos?

– Como?!

– Conte-me o que se passou no apartamento de Graco – ele pediu a mover a mão lentamente sobre seu ventre.

Ethan só poderia estar brincado, Dana considerou. Como seria capaz de se lembrar do que quer que fosse com ele abraçado a ela daquela maneira? Bem, sabendo que seria inútil contestar, e apreciando o abraço, obrigou-se a manter o foco. De toda forma, o que tinha a dizer, provavelmente dissiparia qualquer centelha de desejo. Sem preâmbulos disparou:

– Sim, eu conto. Mas antes precisa saber que Betânia está viva.

– Como sabe? – Ethan a girou e segurou seu rosto. Dana podia ouvir os rosnados baixos.

– Consegui falar com Joly... Ela me contou.

– Quando? Ela esteve aqui?

– Não. Eu liguei, enquanto você dormia.

– E ela atendeu – resmungou contrafeito. – Disse por que não atendeu às minhas ligações?

– Ela não estava evitando você, afinal eu liguei daqui... O problema é que o celular dela estava sem sinal.

– Sem sinal? Onde ela está?... E Thomas?

– Ele está bem... Estão caçando em Sterling Forest.

Caçando? Natural, Ethan pensou. Porém somente faria sentido se antes o procurassem. Thomas poderia ter ligado para contar sobre Betânia, não?

– Joly avisou quando voltam?

– Disse que seria em breve.

– Algo nessa história não condiz – ponderou o vampiro.

– Gostaria de poder opinar, mas você os conhece melhor do que eu.

– Justamente. Algo não encaixa. Eles sempre viajam nos finais de semana, mas Thomas não sairia assim, sem nem ao menos uma ligação para me avisar que não conseguiu matar Betânia.

Dana lamentou que não pudesse ajudar. Restava tentar tranquilizá-lo:

– Agora é esperar para saber o que aconteceu. Não vamos chegar a lugar algum, especulando sobre o que pode ter acontecido. Basta saber que estão bem.

– Sei disso. E pelo menos você os encontrou – contrariado, anuiu.

– Sim. – Dana sorriu para encorajá-lo.

Ethan contornou os lábios de sua noiva com o polegar, decorando a forma. Sua garganta voltou a emitir um baixo rosnado, quando falou, a voz saiu rouca:

– Betânia não deveria estar viva. Não gosto de imaginar que possa se aproximar de você.

– Sabemos que ela vai tentar e não podemos evitar. Temos de estar preparados e confiarmos na nossa força.

– É pouco! Mas de fato, não há o que fazer. – Ethan bufou exasperado. – Melhor ouvir o que você tem a dizer. Ainda temos algum tempo até que seja hora adequada para sairmos.

Dana foi tomada pela expectativa. Aquela seria sua primeira saída como imortal.

– Você me dizia que tentava fugir de Paul quando Betânia chegou e a flagrou – Ethan prosseguiu, lembrando-a, contrafeito.

– Tudo bem... – ela começou e se calou. Toda ansiedade foi substituída pelo receio. O assunto fora interrompido num momento nocivo para Ethan. – Bem, lidar com Paul foi fácil, mas com ela foi diferente. Betânia me hostilizou desde o início ao me reconhecer como uma de suas amantes.

– Você sempre foi minha mulher e se ela concluiu o contrário, é uma estúpida!

– É uma estúpida! – Dana fez coro, contente. Porém logo voltou à seriedade. – Você precisa saber que Betânia é o intruso. Foi ela quem matou Laureen.

– Quando a vi eu soube – ele revelou –, mas a tensão do momento não permitiu que me lembrasse de Laureen.

Refreando o ciúme por alguém que não mais existia, Dana comentou:

– A cretina me contou por acreditar que também me mataria. Foi ela quem destruiu o corpo da outra que matou.

– Sarah – Ethan nomeou, distraidamente.

– Essa mesmo – Dana murmurou, ocultando seu incômodo. – Na mesma ocasião ela foi até minha sacada.

– E você a viu? – Ethan conteve a respiração apenas por imaginar que a vampira tivesse chegado tão perto outras vezes.

– Para mim, foi como um sonho – ela explicou. – Eu vi você.

– Ela tentou induzi-la – Ethan elucidou. A dedução não eliminava sua aflição.

– Acho que não – Dana o corrigiu. – Betânia pode usar a sua imagem. Ela fez o mesmo no apartamento. Como você quando ficou igual ao...

– Sei como – Ethan a cortou, odiando a lembrança, odiando que Betânia assumisse sua forma para se aproximar de Danielle. – Então foi assim que ela abusou de Laureen antes de matá-la.

– Espere! – Dana se afastou ao reparar nas palavras usadas por Ethan. – Está me dizendo que ela não usou sua imagem, mas, sim, que assumiu sua forma física?! Com *todos* os detalhes?! – Para seu horror, Ethan assentiu. – Mas isso é impossível!

– Lamento dizer que não.

Dana se enrijeceu ao recordar que a vampira tentou tocá-la, como Ethan faria.

– Isso é... um absurdo!

– Não é absurdo – Ethan corrigiu. – Eu particularmente acho a prática indigna, mas alguns imortais se valem dela. Nos meus primeiros anos de imortalidade assumi a forma de outros homens para conquistar suas mulheres, mas apenas por divertimento. Com o passar do tempo a brincadeira perdeu a graça. Eu queria ser eu mesmo, sempre. Abri uma exceção por você.

– Considero absurdo ela se passar por homem. Você não fazia o contrário, então não se use como exemplo. E fez bem em parar – Dana retrucou, mal-humorada. – Com certeza era uma brincadeira boba e inútil, pois é evidente que todas *sempre* vão desejar você.

– Assim como todos os homens vão desejar você – ele rebateu. – Somos vampiros, Danielle!... Encantar e atrair mortais são dons naturais. Somos os melhores predadores que poderia existir. Nossas vítimas não têm qualquer chance de defesa contra nós. Como nos apresentamos, não faz a mínima diferença.

Não tinha argumentos, então Dana optou por permanecer calada. Após um suspiro resignado, Ethan prosseguiu:

– Vampiros, de um modo geral, são promíscuos, amorais. Não têm medidas. Muitos imortais apreciam essa dominação sobre a raça inferior. Vivem não somente de seu sangue, mas do prazer que a conquista e o sexo lhes proporciona. Por isso, mesmo que muitos não usem tais recursos, outros imortais não vêem problema algum e até mesmo se relacionam com ambos os sexos dessa maneira.

Dana assentiu. Não precisava mudar seu pensamento, mas era fato que teria de aprender a lidar com as informações perturbadoras sobre sua nova raça. Depois de assentir mais uma vez, esboçando um sorriso, ela tocou o peito agitado de seu vampiro e voltou a narrar o que se passou no apartamento depois da chegada de Betânia e posteriormente, a de Paul.

Disse que o vampiro não tinha permissão para ocupar o apartamento, nem para se aproximar dela. Contou da briga entre Betânia e Paul, da aliança para derrotá-lo que voltou a uni-los. E também de seu descuido ao dedurar que Raquel fora procurá-lo.

– Cedo ou tarde eles descobririam – Ethan tentou tranquilizá-la. – Esqueça isso! Agora me diga... Você saberia voltar ao edifício onde foi mantida refém?

– Eu estava nervosa, mas acho que reconheceria o lugar... Do bairro eu me lembro, com certeza! Upper East Side.

– Esse é o bairro de Thomas e Andrew. – Ethan rogou para que Danielle se lembrasse do local exato de seu cativeiro.

– Para mim, Joly sempre morou ao meu lado. É estranho imaginar esse Graco perto de seus aliados.

– Ou talvez não seja nada estranho. Raquel contou que Graco consegue ler mentes então...

– O quê?! – Dana o interrompeu de súbito. – Quando?

Apesar das consternações, Ethan se envaideceu e tentou acariciar o rosto de sua noiva. Enciumada, esta afastou a mão masculina antes que a tocasse e se livrou do abraço. Temendo ser encurralada, Dana se afastou. Depois de cruzar os braços num gesto defensivo, encarou-o com uma das sobranceiras erguida, inquiridora.

– Estou esperando – cobrou-o. Então, como um sonho distante, recordou uma conversa entre eles, naquela semana, mas que agora parecia tão distante. – Ah, eu me lembro! Eu sabia desse encontro, mas você nunca me deu detalhes.

– Não fiz de propósito como sugere. Nem que quisesse eu poderia. E para que depois não me acuse de omissão, saiba que foram três encontros ao todo.

– O quê?! – Dana se enfureceu e se pôs a andar de um lado ao outro. – Quando? Onde?... Por que aquela cretina não diz tudo o que sabe de uma vez? Será uma revelação a cada encontro? Talvez agora ela queira se encontrar comigo num hotel... Vadia! – vociferou por fim.

– Acalme-se, Danielle! – Ethan pediu, aproximando-se com cautela.

– Fique bem aí, Ethan McCain! – Dana ciciou. – Não vai me enrolar com sua sedução. Começo a perceber certa desigualdade aqui. Você fica todo melindrado por causa de um mero humano, mas mantêm encontros com Raquel sempre que lhe convêm.

– Não é verdade! – Ethan negou, energicamente, imóvel. Não admitiria injúrias nem simplificações. Ao retrucar, seu tom era baixo, raivoso: – Quando me acusa de manter encontros, implica em muita coisa que não ocorre. Não encontro Raquel à minha conveniência nem porque quero. E nada posso fazer se ela se esquiva de contar tudo o que sabe.

– Ethan...

– Se não contei antes foi por falta de oportunidade – ele prosseguiu como se ela nada tivesse dito. – E não se refira ao meu ciúme como melindre. Não tiraria a vida de um inocente, movido por um sentimento banal. Quero crer, Danielle, que me conheça o suficiente para saber que sou melhor do que isso.

– Me desculpe – ela pediu num sussurro rouco, abaixando o olhar. Estava verdadeiramente arrependida, contudo, não controlava seu ciúme.

A pronta submissão de Danielle abrandou o mau gênio de Ethan. Queria acalmar sua noiva, pois sabia que ela sofria. Porém não via como se aproximar. Danielle rosnava, lembrando-o de sua *juventude*. Sua vampira ainda estava sujeita ao descontrole inicial.

– Acalme-se, Danielle... – pediu, num sussurro apaziguador. – Olhe para mim.

– Não consigo – admitiu Dana, muito trêmula.

– Pare de rosnar, Danielle!

– Eu não consigo – repetiu, odiando seu descontrole. Envergonhada, tentou se afastar. – É melhor conversarmos depois e...

– Pare exatamente onde está! – Ethan ordenou com rispidez. Danielle tinha de aprender a controlar seus sentimentos o quanto antes.

Ela demonstrou obediência ao estacar, mas não silenciou seu peito.

– Pare com isso, Danielle! – Ethan voltou a ordenar, porém baixou o tom.

– Eu não consigo! – Dana explodiu ao fechar os olhos. – Eu a odeio! Odeio! Confio em você, Ethan. De verdade! Mas odeio saber que estiveram juntos!

– Pois se confia, pare agora. – Não soou como ordem, mas como desafio.

Dana sentia o peito prestes a explodir de ódio intenso, contudo a condição pouco a pouco o arrefeceu. Depois de engolir em seco, disse a si mesma que Raquel não valia tanto. Ethan tinha razão, eram as atitudes dele que contavam. O que fazia Raquel estava fora do controle de qualquer um deles dois.

Com a consciência, veio o silenciar de seu peito. A súbita calma era estranha, porém infinitamente melhor.

– Assim está bem melhor! – Ethan deu voz ao seu pensamento, aproximando-se por fim, até abraçá-la. – Não posso permitir que perca o controle dessa maneira. Há muito em jogo, Danielle. E por mais que seu ciúme me envaideça, prefiro sua versão comedida. Agora, o que lhe afeta, me afeta... Por favor, tente não perder a cabeça... Eu preciso de você, meu amor! Como será se encontrarmos Raquel na presença de humanos?

– Me perdoe. – A verdade em cada palavra eliminou o resquício de raiva. – Não vou nos denunciar por causa dela.

Confiante de que Danielle não perderia o controle, Ethan a tomou pela mão e a levou até o sofá. Depois de acomodá-la em seu colo, envolveu-a em um abraço e contou sobre o encontro no fórum. Sobre Raquel conseguir bloquear seu poder e sobre sua falta de

conhecimento ao que se referia a própria raça. Contou ainda que Raquel, indiretamente, revelou a capacidade telepática de Graco Demini. Nesse ponto sua noiva o interrompeu:

– Graco pode ter escolhido morar próximo a Thomas e Andrew para vigiá-los?

– É o que penso. De toda forma, quando essa confusão começou, Thomas praticamente se mudou para o seu bairro e como bem sabemos, Andrew está sumido.

– Acha que Graco o matou?

– Acredito em qualquer hipótese – disse soturno, passando a fazer movimentos circulares sobre o ventre plano.

– Eu também. – Dana segurou a mão que a acariciava. – Bem, continue...

– Encontrei Raquel pela terceira vez no feriado – Ethan revelou rouco, obediente, porém incomodado com a lembrança. – Estava à caça de Seager e a encontrei no apartamento dele em Sutton Place. Os dois estão juntos.

– Raquel e Seager?... Juntos?! – Ethan assentiu. – Nossa! Ela é pior do que eu pensava.

– Isso prova que não é confiável.

– Nunca achei que fosse. Mas... Como ela pode estar com Seager se é amante de Graco? Pergunto, porque Paul mal chegava perto de mim sem reclamar de seu cheiro. – Ethan se moveu, inquieto. Dana lhe acariciou os cabelos da nuca, conciliadora. – Desculpe meu amor, mas precisamos entender como isso funciona.

– Está certa! Mas quanto a isso temos a resposta... Graco constantemente toma as esposas dos imortais que substitui, não?

– Mas, então...?

– Bem... No caso do rábula, a única explicação que me ocorre é que, talvez, o ódio dele por mim fosse maior do que o amor por você.

Dana pensou nas possibilidades. Fazia sentido.

– Acho que você está certo! Seja como for, temos de agradecer.

– Eu agradeço – disse Ethan, beijando-a de leve. – Eu agradeço!

– Eu também – Dana lhe exibiu um sorriso, porém este se desfez ao prosseguir: – Sobre o novo casal, qual será a importância de Seager para Raquel?

– Acho que nenhuma. Ele é apenas um peão nesse jogo doentio.

– Ethan, eu não sei... Mas um dia a máscara dela há de cair. Ninguém consegue encobrir o motivo de suas ações para sempre.

– Conto com isso.

– Bem... Enquanto não acontece, podemos nos concentrar em algo que podemos fazer. Quando vamos ao Upper East Side?

– Essa noite, mas não agora. Com Betânia solta por aí, não é aconselhável sair tão cedo. E preciso me alimentar da forma correta, assim como você... – de súbito, preocupou-se e perguntou: – Está com sede?

– Minha garganta está ardendo, mas sei que posso esperar até que você diga ser seguro. E confesso que estou contando os segundos para nossa saída. Você se lembra que falei dos três quartos, não? – Ethan assentiu. – Pois bem. Se minha dedução estiver certa, temos de descobrir quem é a terceira vampira, afinal, Sabina está morta.

– Sinceramente espero que esta sequer exista – Ethan retrucou. – Não gosto de imaginar que haja outra imortal vagando pela cidade. Alguém que não conhecemos.

A cada novidade, Ethan ficava mais inquieto. Antes tinha de lidar com um intruso, agora eles pareciam se multiplicar. E cada um deles era uma ameaça real, letal. Distraído por suas cismas, Ethan intensificou o carinho que fazia no ventre de sua noiva. Ele assistia o mover da própria mão, circunspecto.

– Quer mesmo conversar? – perguntou Dana.

Ethan despertou do transe e deu conta do que fazia. Aproveitando a leveza que ela sugeria para domar sua consternação, ele sorriu e retrucou:

– Faz parte de ser imortal, pensar em várias coisas ao mesmo tempo. Estou educando você.

– Certo! – Dana aquiesceu. – Betânia comentou que não admitiria que Graco tomasse seu lugar... Que sempre o desculpava pelas loucuras, que ficava longe por anos, mas que sempre voltava apesar de não gostar de suas superstições. Ela disse que ele se prende a simbolismos e maldições... Você sabe ao que ela se referiu?

– Não! – Após alguns segundos em silêncio, admitiu contrafeito: – O que Raquel falou no fórum é a mais pura verdade... E eu odeio não poder entender tudo que está me contando.

– Da forma que foi criado e o que aconteceu em seguida, não tinha como ser diferente.

– E, limitado por minha ignorância – Ethan sibilou –, não tenho o que passar a você, assim como nada expliquei a Thomas que consequentemente não tinha nada a ensinar para Joly.

– E pelo o que sei, todos viveram muito bem até aparecer essa corja de desocupados. Meu amor, não se recrimine. Você não tinha como saber que nesse mundo há regras, maldições, superstições, poderes e nem sei mais o quê que possa haver... E eu acredito que nunca é tarde para aprender e descobrir.

– Também penso assim – disse antes de afundar a cabeça na nuca dela. – Mas odeio me sentir inútil... Odeio!

– Descobriremos juntos – Dana tentou animá-lo. – E da minha, parte posso dizer que está se saindo muito bem como meu criador.

– Obrigado! – Ethan a estreitou num abraço e, ainda com a cabeça pousada na curva do pescoço delgado, disse: – Não podemos ficar sozinhos. Antes eu acreditava que seria fácil eliminar o intruso. Queria que Thomas e Joly estivessem aqui.

Até mesmo o desejo de questionar Joly tinha se esvaído. Confirmar as palavras de Raquel no relato de Danielle o inquietava. Poderia ser tarde, entretanto, mais do que nunca, precisava descobrir sobre quais maldições ou superstições Betânia se referia.

– Se importaria de subir sem mim? Por um instante.

– Posso me arrumar para sairmos? – Dana se animou, estava ansiosa.

– Ainda é cedo, Danielle... Sairemos depois da meia-noite. Apenas suba... Tente descansar.

– E você, vai aonde? – perguntou, preocupada com o súbito cansaço.

– Vou tentar entrar em contato com Thomas ou Joly, mais uma vez.

Dana pensou em demovê-lo, pois sabia que se não conseguisse, Ethan ficaria ainda mais inquieto. Mas nada disse. Conhecia-o bem para saber que se não tentasse, ficaria pior. Depois de beijar-lhe no rosto, ela saiu de seu colo.

– Vou tentar não sentir sua falta... Boa sorte na procura.

Capítulo Cinco

De fato, Dana apenas poderia tentar descansar. Mais do que isso estava além de sua nova condição. Era estranho e inquietante se manter imersa num banho de espuma, enquanto Ethan descia, de novo, para procurar por seus amigos. Estava claro que seria inútil, como das outras três vezes.

Joly explicou a dificuldade de acesso, e pelo único contato sabiam que o casal estava bem, apenas distante. Restava esperar. Sim, ela entendia – sentia – o quanto era ruim aquela inércia, mas se não tinha jeito, não era saudável alimentar a expectativa.

E já que eram obrigados a aguardar a volta de Thomas e Joly, ou por algo mais próximo, como a ida ao edifício de Graco Demini, deveriam aplacar a ansiedade, juntos. Seu noivo, ao menos, poderia ligar dali, usando o celular. Antes que cismasse por Ethan não fazê-lo, a lembrança do seu compromisso roubou sua atenção: era noiva de Ethan Smith McCain!

Ao pensamento, Dana olhou para a mão esquerda. Perdida em tantas novidades, esquecer-se de algo tão simbólico. Onde estaria seu anel?

Aprensiva, Dana vasculhou sua mente à procura de imagens que lhe indicassem o que acontecera. Logo desistiu, pois não recordava nada além de *Ethan* ou contava os minutos para ver a cidade com seus novos olhos. E sabia que não o tinha perdido.

Cogitava abandonar o banho, acariciando o dedo vazio, quando Ethan surgiu ao seu lado, na espaçosa banheira. Tinha o semblante carregado.

– Não conseguiu, não foi? – Era o esperado.

– Pelo contrário – ele respondeu após alguns segundos. – Falei com Thomas.

– Então...? – Dana deixou a pergunta incompleta, confusa, esquecida de seu anel e a iminente saída. Estava claro que o contato em nada ajudou. Para confirmar seu pensamento, Ethan murmurou intimista:

– Confirmei que tem algo errado.

– Como assim? O que pode estar errado com Thomas?

– Eu não sei... – Ethan franziu o cenho. – Achei-o estranho... Distante. Frio.

– Frio?! – Dana não pôde deixar de repetir a palavra. – Frio em qual sentido, Ethan?

– Comigo – ele esclareceu. – Somos amigos desde sempre, Danielle. Thomas é meu irmão e eu o conheço como ninguém... Já nos desentendemos, brigamos... Ofendemos um ao outro

em um momento de raiva, mas nunca, em tempo algum ele foi tão lacônico e, sim, frio, comigo.

– Estamos todos com os ânimos exaltados, meu amor... – Dana se aproximou, forçando passagem para as costas dele, fazendo com que recostasse em seu peito. – Quando Thomas voltar você verá que foi apenas uma cisma.

– Assim espero – retrucou sem convicção.

Ethan se deixou abraçar, contudo, ainda que apreciasse o contato dos seios fartos à suas costas e o carinho que sua noiva passou a fazer sobre seu peito, não conseguia se acalmar. Tamanho distanciamento não era justificado. Assim como o tom que beirou à rispidez, quando perguntou por Joly.

Outro detalhe perturbador fora comunicar que estaria de volta na segunda-feira para que dessem sequência aos processos. Aquele não era o momento de tratar de funções jurídicas, mas dos acontecimentos de seu mundo clandestino, cuja guerra fora declarada desde o feriado. Queria saber detalhes da luta com a vampira peçonhenta.

– Inferno! – ciciou sem notar, contrafeito, rosnando levemente.

– Shhh... Se acalme – Danielle lhe soprou ao ouvido, descendo os dedos por seu peito, abdômen. – Tenho certeza de que terá uma explicação em breve. Joly também parecia evasiva, mas eu não estranhei, pois o momento é tenso. Dê um desconto a Thomas. Não acredito que seja algo *com você*, como imagina.

– Assim espero – repetiu, porém mais confiante. Sorrindo mansamente, estimulado pelas palavras e pelos carinhos, disse: – Pelo que vejo não usa sua vasta experiência somente para aplacar a ira desse vampiro pervertido, mas também as aflições.

– Vasta experiência?! – Dana indagou estupefata, interrompendo o mover de seus dedos.
– Eu?!... E quando fiz tal coisa?

– Durante nosso banho, quando cogitei matá-la e você me tocou como agora, pela primeira vez. – Apesar de não ser uma boa lembrança, Ethan conseguiu sorrir. – E esta manhã ao me tomar em sua boca. Não tem como negar, pequena hipócrita.

– Pois saiba que está enganado – retrucou ofendida. – Durante o banho não foi minha intenção e esta manhã... Bem, era a intenção, mas para o seu governo, nunca fiz nada igual. Nunca quis sentir o gosto de Ron ou o de Paul. Resumindo, nunca fiz coisas impróprias entre um casal. Hoje eu estava *experimentando*, não, utilizando minha vasta experiência. Se não quiser acreditar, não acredite... Mas, se isso existe, foi você quem tirou a virgindade de minha boca.

Ethan a escutava, mas sem ouvir na verdade. Não poderia depois que uma ideia súbita e pervertida espocou em sua mente, expulsando qualquer outro pensamento. Não fora Danielle quem pedira *tudo*? Quem queria mais, sempre mais?

Mais uma vez, sua paixão insana se sobrepunha a tudo, relegando todos os problemas a um plano inferior.

Tomado por um excitamento expectante, Ethan a prendeu no momento exato quando ela tentou deixá-lo e a sentou em seu colo para que se encarassem. Ignorando a carranca aborrecida de sua noiva, sussurrou:

– Acredito em você, amor... E gostei de saber que fui o primeiro em alguma coisa.

– Fico feliz por você – Dana replicou sentida, lutando para não se render à rígida excitação que provocou e que agora Ethan insistia em agravar comprimindo-a em seu ventre.

– Pois poderia me fazer ainda mais feliz – ele anunciou, deslizando uma das mãos pelo quadril cheio. Dana prendeu o ar, quando os dedos passearam no vão de suas nádegas e se insinuaram adiante, tocando-a intimamente.

– Se fazer amor comigo o torna feliz, sabe que sou sua – retrucou, sucumbindo às carícias ritmadas. – Faça!

– Não quero somente fazer amor com você, Danielle – explicou, sempre a acariciando.

– Ah, não?!

– Não. – Ethan fez com que se recostasse em seu peito para lhe dizer diretamente ao ouvido: – Odeio o fato de não ter sido seu primeiro homem, Danielle. Era para você ser apenas minha. Infelizmente não posso apagar seu passado, contudo... Agora que mencionou a virgindade de sua boca... Ocorreu-me que posso ser o primeiro mais uma vez...

E então ele a estocou com seus dedos, confundindo-a, excitando-a mais.

– Não entendi aonde quer chegar... – murmurou, empinando seu quadril para facilitar o carinho ousado.

– Se por *coisas impróprias*, quis citar todas as possibilidades de sexo que existe... Quero chegar aqui. – Ethan moveu os dedos aliciadores para cima, tocando onde desejava estar.

Instintivamente Dana se retesou ao entender a intenção. De imediato, Thomas, Joly, Graco, sua saída, sua ofensa foram esquecidos. Tudo era nada ante aquela proposta repentina e indecente. Jamais cogitara fazer tal coisa. Certa vez veementemente refutou a proposta do antigo namorado por considerar anormal, sujo.

Evidente que sempre estaria disposta a experimentar muitas coisas com Ethan, ele mesmo dissera que teria mais quando lhe pediu tudo ao despertar, mas... *Aquilo?!*

– Ethan, eu não...

– Deixe – o vampiro soou baixo, suplicante, acariciando-a naquele ponto. – Prometo ser um amante gentil... Cuidadoso como se deve ser com uma virgem... Mas dê-me o prazer

inenarrável de ser o primeiro mais uma vez... O único homem... O único macho a deflorá-la dessa maneira.

Estimulada, com os pelos eriçados, Dana quase sucumbiu a um orgasmo somente com aquele carinho obsceno, o pedido sussurrado. E, tomada por uma curiosidade mórbida, excitante, aquiesceu:

– Se você promete...

Ethan sibilou em júbilo e, depois de prender os lábios de sua noiva num beijo apaixonado, ergueu-lhe o quadril e os encaixou – da forma correta –, mas com a mente pervertida em festa pela iminente sodomia.

A língua sedenta explorava a boca feminina, furiosamente. Logo Ethan descia seus beijos pelo pescoço delicado, obrigando-a a se curvar para que pudesse provar-lhe um seio, ainda a mover o quadril feminino, sem cuidado.

As investidas vigorosas nublavam a reserva de Dana, provocavam sua sede, tornavam-na impaciente.

– Faça de uma vez, Ethan... – Dana implorou, agarrando-se aos ombros do vampiro.

– Ainda não... Primeiro... Vem por mim, Danielle, vem!

Dana gritou ao atendê-lo, aflita, trespassada pelo gozo arrebatador. Ethan mais uma vez sibilou contente e, sentindo-a trêmula pelas sensações luxuriantes, ergueu-a e a reposicionou.

– Como prometido... – sussurrou, mais para si mesmo, pois a vontade premente era mover seu quadril para cima, de uma só vez. Mas a sede que imaginava já beirar o insuportável, o resquício do temor humano, o pudor incutido pelos pais religiosos, refreavam-no. – Gentil...

Dana se agarrou à borda da banheira por instinto, mas não ao ponto de interromper o baixar lento de seu quadril para receber o membro hirto, onde antes, para ela, seria inadmissível.

Quando os sons cessaram Dana atinou que ambos tinham gritado. Ela pela surpresa de descobrir quão prazeroso era o leve incômodo, Ethan preso ao deleite por estar onde nenhum outro jamais fora. E assim, recuperado da emoção nefanda de ser o primeiro e único, Ethan a segurou pelo quadril e voltou a se mover, ameaçando sair para logo em seguida voltar. O sibilar de Danielle, assim como seus gemidos lamuriosos o estimulavam. Era impossível conter seus urros enquanto o êxtase parecia correr por suas veias.

– Ah, minha bruxa... – gemeu alto quando ela o abraçou e tomou para si a tarefa de se mover. – Meu amor...

– Ethan... – Dana choramingou, de prazer indescritível, de sede extrema. – Não aguento... Isso vai me matar, vai...

– Morro antes, Danielle! – Ethan murmurou. – Morro antes...

Então, cego pelo desejo que em breve o romperia, Ethan ultrapassou o limite da sanidade e a mordeu, somente para inflamá-los mais. Dana salivou e ansiou poder fazer o mesmo, contudo as investidas cada vez mais vigorosas se converteram num orgasmo glorioso, embalando o grito de seu vampiro ao liberar seu pescoço. Era sua chance, Dana pensou e agiu, obrigando Ethan a tombar a cabeça para mordê-lo.

A reação do vampiro foi abraçá-la, oferecendo-se mais, entregue. E a vampira não se fez de rogada. Bebeu-o, mas apenas para ter um pouco do sangue *dele*. Apesar da instigante vertigem, da sede quase insuportável que ele provocou, ela estava sob controle. E tinha plena consciência de que não encontraria em Ethan o alimento que necessitava para viver.

E ela queria estar viva! Tinha de estar. Ambos, para sempre!

Dana jamais poderia imaginar que um ato tão depravado e profano pudesse lhe proporcionar tamanho prazer. Aquele era o limite! Fora corrompida em definitivo, mas tinha a vantagem de não experimentar qualquer remorso, qualquer embaraço. Realmente, estava perdida!

Minutos após, parcialmente recuperada do turbilhão no qual Ethan a lançou, Dana desceu os olhos até a borda da banheira e riu, levemente.

– O que é engraçado? – Ethan perguntou depois de beijar-lhe o ombro.

– Estava aqui pensando que, se existe algum material à prova de vampiro, é melhor você mandar revestir seu apartamento.

Ethan a afastou de si e seguiu seu olhar até a borda da banheira, danificada. Logo ria com ela, divertido. Depois de novamente abraçá-la, beijou-lhe a curva do pescoço e gracejou:

– Teríamos que revestir o edifício. A cidade... Será mais fácil e econômico se você não voltar a danificar nossas coisas, amor.

– Vou tentar me lembrar da próxima vez – retrucou divertida.

– Hummm... – Ethan gemeu esperançoso. – Próxima vez...

– Que não será agora! – Dana exclamou, rindo ainda mais, desvencilhando-se do abraço para se sentar no lado oposto, lamentando por saber que em breve a leveza seria perdida. – Acabo de criar um monstro, é isso?

– O monstro sempre existiu você apenas o despertou. – Ethan assegurou, aproximando-se lentamente, sem deixar de encará-la. – E você sabe o que dizem quando se desperta um monstro, não sabe?

– Não, não sei... O que dizem?

– Que, depois de despertos é preciso amá-los, alimentá-los e nunca, nunca contrariá-los. Caso contrário quem os acordou é cruelmente castigado pelos mesmos.

– Agora fiquei em dúvida – Dana simulou preocupação, ignorando o fato de não poder alimentá-lo, nunca mais. – Bem, quando lhe dou amor é muito bom... Mas quando o contrario e você me castiga é... maravilhoso!

– Quem bem ama, bem castiga!

Dito isso, sem aviso, Ethan segurou-lhe a cintura e a afundou. Sentindo o espírito leve, satisfeito, ainda divertido, ajudou-a a emergir. Antes que Danielle liberasse os protestos que lia no olhar âmbar, disparou:

– Não preciso dizer o quanto estou feliz, não é mesmo?

Dana piscou algumas vezes para livrar seus cílios da água e o encarou. A bronca que preparou o segundo em que esteve submersa se perdeu no sorriso luminoso, no brilho dos olhos verdes.

– Não precisa – ela respondeu, sorrindo, mansamente.

– Ainda bem que não preciso dizer o quanto estou extremamente feliz por você ter sido persistente e me mostrado que seu lugar era ao meu lado. Por não ser preciso me conter durante o sexo. Por finalmente poder fazer coisas tolas como brincar com você sem correr o risco de matá-la de hipotermia ou machucá-la... O quanto estou feliz por você ser, de verdade, minha mulher.

– É melhor que não diga nada – Dana disse ao encontrar sua voz, enlevada. – Pois se você expressar tudo isso em palavras é bem capaz que meu coração não resista.

– Sempre minha bruxa absurda! – Ethan sorriu e uniu as testas. – Eu amo você, Danielle!

– Eu amo você, Ethan!

∞

– Vista qualquer roupa, Danielle – Ethan sugeriu, calmamente, minutos depois, enquanto esperava por sua noiva, recostado no batente do *closet*. – Queria tanto sair e agora se prende a esse detalhe?

Dana o encarou com seriedade. Ethan já se encontrava pronto, calçado e penteado. Usava calça *jeans* escura, camiseta preta, como a jaqueta. Perfeito, como sempre. Ela voltou a analisar os cabides e suspirou. A praticidade era um traço masculino e não veio no pacote.

– Não é detalhe! Não tenho quase nada aqui... A maioria das minhas roupas ainda está no meu apartamento. Ficamos de ir até lá na quarta, mas...

– Mas nós sabemos bem o que aconteceu – ele a cortou. – Então esqueça e apenas se vista... Prometo que amanhã eu a levo para comprar roupas novas, mas agora veja o que consegue com as que têm.

Resignada, Dana olhou para as roupas dispostas. Não era como se desejasse algo novo, mas todas as peças escolhidas por Joly lhe pareceram inadequadas, simplórias. Como não tinha opção, Dana escolheu outro vestido, um de lãzinha azul. Enquanto o vestia, lembrou a falta de seu anel.

– Estou quase pronta – disse ao terminar de calçar as botas.

– Quase? – Ethan indagou ao se aproximar, sempre a avaliando. – Não pode desejar mais do que isso... Você tem a mais remota ideia de como esses mínimos pedaços de pele exposta a deixam desejável?

– Isso porque sou uma vampira – retrucou envaidecida. – É natural ser desejável!

– Ai de mim e dos pobres mortais! – Ethan replicou, sério demais para o clima leve que pairava entre eles desde o banho. – Por favor, Danielle... Quando resolver se arrumar com esmero, pense em nossa sanidade.

– Pensarei – prometeu. – Mas já que falou em detalhes, tem um que não poderei dispensar. Na verdade me sinto péssima por pedir somente agora. – Ao se calar ergueu a mão esquerda e moveu seu dedo anelar. – Onde está a prova de nosso compromisso?

– Em nossos corações, acredito – retrucou seguro. – O anel é somente um detalhe.

Sem esperar comentário, Ethan se ausentou por um instante. Ao voltar trazia o anel que recolocou no devido lugar.

– Contudo é um detalhe indispensável. Tirei-o quando sua transformação começou – explicou antes de beijar o anel e boa parte da pele de sua noiva. – Fez-me feliz ao lembrar, quando eu mesmo já tinha esquecido.

– Ethan...

Quando sua vampira ergueu os olhos e Ethan percebeu toda sua emoção, ele achou por bem não se deixar influenciar por ela. Conhecia-os o suficiente para saber onde terminariam. E não seria benéfico, para nenhum dos dois.

– Já que está pronta, é melhor sairmos.

Antes que se rendesse, Ethan a beijou de leve, tomou-a pela mão e a conduziu até deixarem o quarto, o apartamento. À medida que descia, ele pôde sentir a súbita apreensão de sua noiva.

– Está com medo?

– Sim, um pouco – Dana admitiu. As últimas emoções eram substituídas pelo receio.

– Eu estou com você. – Ethan lhe apertou a mão. – E não supervalorize essa primeira saída. Tudo está como sempre foi. Somente mais iluminado, então, mesmo estando à noite, prepare seus olhos... Com o tempo a luz artificial deixa de incomodar. E a cidade estará mais barulhenta, por vezes, fedida... No mais, será como antes.

Ao sentir que Danielle relaxava após sua explicação, acrescentou para animá-la:

– Ah, sim! E todas as pessoas serão apetitosas. Um poderoso convite à livre degustação, então... Seja educada e decline!

– Engraçadinho... – replicou, olhando em volta enquanto era guiada até a moto. – Onde está o BMW?

– No pátio, creio eu.

Ethan respondeu ao se acomodar sobre a moto, antes de indicar o espaço vago às suas costas, num convite mudo. Dana sequer se moveu para atendê-lo. Apenas cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha.

– Maldita curiosidade! – Ethan bufou, antes de explicar: – Fiquei preso num engarrafamento quando voltava do *Today*. Foi quando senti que você estava em perigo, então deixei o carro na rua.

– Eu sinto muito... – Dana de fato se arrependeu. Não imaginou que aquele fosse o motivo. – Se quiser posso cuidar disso para você – ofereceu ao se acomodar sobre a moto.

– Ou Joly cuida, quando voltar – ele respondeu sem pensar.

Dana se ressentiu ao ter seu oferecimento negado. Logo tratou de expulsar o sentimento. A preferência se dava por Joly ser a secretária. Simples assim. Logo o leve ciúme fora esquecido.

Bastou Ethan sair para a rua, obrigando-a a fechar os olhos para evitar a iluminação pública. De imediato seus outros sentidos despertaram. Ethan avisou que seria barulhento e fedido, porém Dana estava adorando as mudanças.

Animada com seus novos sentidos e percepções, Dana abraçou a cintura de Ethan e abriu os olhos lentamente para não perder nada em seu caminho. E novamente se deslumbrou, agora com as luzes artificiais, os faróis, letreiros. Tudo tão nítido!

Ao sentir Danielle apertar sua cintura, Ethan tentou tranquilizá-la:

– Sei que a sede a incomoda, mas aguenta mais um pouco. Vou levá-la a um lugar seguro para...

– Estou bem! – Dana lhe disse ao ouvido. – Prefiro que me leve até Upper East Side. Posso esperar.

– Tem certeza?

– Absoluta. – Estava encantada com o mundo renovado, distraia-se, mas não desviava de seus objetivos. – Quero confirmar minha impressão.

Ethan sorriu, orgulhoso da força determinada de sua vampira. Danielle destoava por completo da humana covarde por quem se apaixonou. Tantas coisas aconteceram desde então. Muitas perturbadoras, mas indispensáveis para moldarem a mulher atada a ele.

Satisfeito, Ethan passou a guiar com uma das mãos e com a livre cobriu as de Danielle, pousadas sobre seu abdômen. Segurou-as até que chegaram ao bairro de Thomas e Andrew. Em Upper East Side a atenção do vampiro estava nas ruas pelas quais passou sem pressa. Somente assim Danielle reconheceria o edifício usado como seu cativeiro.

– E então? – Ethan perguntou em determinado momento. – Reconhece algum?

– Ainda não.

Era frustrante. Até mesmo ter visto onde Thomas e Joly moravam, pois como dissera, para ela a amiga sempre viveu ao lado. Estava prestes a tecer este comentário quando, de repente, reconheceu o endereço procurado.

– Andrew mora naquele edifício – Ethan indicou à frente.

– Em qual deles? – Dana perguntou receosa, mas no fundo, sabia a resposta.

– Este. – O vampiro parou diante da construção luxuosa.

Dana lutou para se manter estável. Sua cabeça girava à procura de ligações que explicassem a coincidência. Sabia que deveria dizer alguma coisa, qualquer coisa. Contar, sobretudo, que tinham chegado ao local procurado, porém, uma voz fininha no fundo da sua mente pedia-lhe que ficasse calada.

– Algum problema, meu amor? – Ethan se voltou no assento para encará-la.

– Não, nenhum.

– Eu a conheço, Danielle. – Ethan saltou da moto, deixou-a sobre o apoio e encarou sua noiva. – Acredita mesmo que pode me enganar? Eu sentia sua aflição quando estávamos em bairros diferentes, como não a sentiria com você abraçada a mim?

Dana analisou a postura rígida, os braços cruzados. Nesses momentos Ethan parecia maior, intimidador. Contudo, não via como contar a verdade. Betânia comentou que ele conhecia o endereço onde estavam então... Algo estava errado!

Morar no mesmo bairro era uma coisa. Outra bem diferente era Graco ser vizinho de Andrew. O rival poderia ler mentes, não ocultar seu cheiro. Tão logo aquele pressentimento estranho silenciasse, ela contaria. No momento, parecia urgente tirar seu noivo dali.

– Só estava aqui me perguntando o que pode ter acontecido com Andrew – disse por fim.
– E fiquei com medo que Graco o tenha matado. Não quero que aconteça o mesmo a Thomas e Joly... Ou a você.

Ficou claro que o despistou ao notar o semblante taciturno desanuviar-se. Para acalmá-la ele estendeu a mão e tocou seu rosto, carinhosamente.

– Não pense nisso... Vamos confiar que Andrew logo apareça e nos diga onde esteve todo esse tempo.

Dana esboçou um sorriso, recordando a recomendação de Ethan para que não confiasse em seus sócios. Seager eles já sabiam estar com Raquel. E o outro? Onde se encaixava? Com certeza fazia parte da corja.

– Podemos aproveitar que estamos aqui para subirmos... Poderíamos conhecer o prédio, ao menos rondar o apartamento de Andrew. Agora sei que podemos entrar.

– Não! – Dana negou veemente, então se valeu de uma meia verdade para encobrir a reação exagerada. – Minha sede está aumentando. Podemos caçar agora? Depois voltamos... Se desejar.

– Está bem! – Ethan aquiesceu, não sem escrutinar-lhe o rosto antes de finalmente voltar a montar em sua moto. – Vamos caçar.

Capítulo Seis

Ethan os levou para longe, atento a Danielle. Para ela, Andrew deveria ser pouco mais que um nome, não alguém que inspirasse tamanha consternação. Sua tensão não condizia com a explicação, nem com sua sede. Danielle ocultava algo e ele não gostava daquilo.

Como não poderia forçá-la a dizer, Ethan tentou se concentrar na ação seguinte: a caçada urbana de sua noiva. Resignado, cruzou a ponte Manhattan e seguiu até o Prospect Park. Preferia levar Danielle ao Central Park, mas por motivos óbvios, resolveu evitá-lo. De toda forma, os parques nova-iorquinos sempre seriam iguais durante a madrugada, com seus frequentadores tardios, de índole duvidosa. Sua refeição preferida.

Ethan deixou a moto afastada, estacionada numa vilela larga e escura, formada pelos fundos de dois galpões. De lá seguiram a pé, abraçados. Caso Danielle não estivesse tensa, ele consideraria a noite perfeita. Pela primeira vez caminhava com sua mulher, sem reservas ou temores imediatos. Era apenas ele mesmo, indo saciar sua sede, sem o temor de assustá-la.

– Como está sua sede? – indagou com carinho ao beijar o alto da cabeça castanha.

– Intensa – Danielle reconheceu. – Apesar da hora, cruzamos com muitas pessoas e o cheiro delas é realmente atraente. Acho que, mesmo com o pânico de alguns, as ruas dessa cidade jamais ficaram vazias.

– É isso que a preocupa? – ele arriscou.

– Sim. – Em parte. – Não por minha sede, pois sei que posso me controlar, mas pelo que falou sobre evitar encontros com Betânia. Isso sem contar com os outros.

– Posso estar errado, mas acredito que não precisamos nos preocupar com os outros. E se Betânia não fosse descontrolada, saberia que não deve nos expor. Esse segredo não é apenas nosso, é deles também. Nossas diferenças devem ser resolvidas com discrição.

– Acho que aquela nojenta não conhece sequer a palavra discrição – Dana retrucou de súbito, raivosa. – Pelo o que entendi, ela se manteve distante de você por imposição de Graco, caso contrário nem quero imaginar o que já teria feito.

– Shhh... Não pense em coisas que não aconteceram.

– O que me preocupa é o que pode acontecer. Bom... Pelo menos agora, no que depender de mim, ela nunca chegará perto de você.

Ethan se surpreendeu com a violência da declaração. De imediato estacou e obrigou Danielle a encará-lo.

– Cuidar de mim não é assim tão fácil. Aprecio que esse seja seu desejo, mas não se coloque em perigo na tentativa de proteger-me.

– Farei apenas o que você faria por mim – Dana retrucou de pronto.

A determinação que Ethan percebeu nos olhos âmbar o alarmou.

– Por favor, Danielle, não se compare a mim.

– Por que não? Agora sou tão forte quanto você.

– Mas é inexperiente.

– Em quê? Em lutar? – Dana inquiriu, desafiadoramente. – Até onde sei, todos vocês são inexperientes. E como você mesmo me disse, todas as brigas são iguais. Também posso não ter enfrentado um imortal antes, nem trocados muitos socos com outras garotas quando mortal, mas também nunca fui um anjo de candura.

– Não há comparação, Danielle – Ethan replicou, restando a vontade de chacoalhá-la para ver se entrava algum juízo naquela mente voluntariosa. – Trocar sopapos com alguma colega de escola ou faculdade, não é o mesmo que lutar com uma vampira experiente como Betânia ou até mesmo Raquel. Nem eu fui páreo para elas, assim como Thomas, então... Por favor, Danielle! Se estiver pensando que pode se colocar à minha frente e lutar, esqueça!

A vampira o encarou por alguns segundos, então aquiesceu:

– Está bem! Não farei nada imprudente, mas não espere que eu fique de braços cruzados caso uma luta ocorra ou qualquer um deles te ameace porque, isso, eu não farei.

– Tudo bem! – repetiu, mas para si mesmo. – De toda forma agora não é o momento para essa conversa. Precisamos nos alimentar.

– Então vamos. – De súbito Danielle lhe piscou, um tanto matreira, e estalou a língua nos dentes. – Toda essa conversa de luta abriu meu apetite.

Ethan quis acreditar que Danielle estivesse relaxada, mas não era o caso. Ao acessarem o parque pela Third Street, e avistarem dois homens sentados na guia de uma das calçadas internas, ela enrijeceu sob seu braço.

– Serão aqueles dois? – perguntou, ansiosamente.

– Não sei. Geralmente espero que minhas vítimas se pronunciem. Não gosto de matar inocentes, sabe disso. E aqueles dois podem ser apenas drogados, como tantos que existem por aí. Não os suporto, mas não é sempre que eles importunam alguém. Eu prefiro os mal-intencionados que, invariavelmente, tentam me assaltar ou matar... Essas coisas.

– Entendo – Dana murmurou. – E como faremos? Apenas passeamos por aí?... E como será, pois eu não pretendo matar, mesmo esses tipos que você descreveu.

– Estava pensando sobre esse detalhe – disse Ethan, como se negociassem a divisão de um lanche comum. – Imaginei que, como bom cavalheiro que sou, posso deixá-la bebê-los primeiro e eu finalizo. Está bem assim?

– Perfeito!

Com a aproximação de Ethan e Danielle, os homens ergueram as cabeças para medi-los de alto a baixo, avaliando-os, descaradamente.

– Não olhe para eles – Ethan instruiu ao ouvido de sua noiva. – Apenas continue andando. Se nos acompanharem, serão os escolhidos.

Caminharam ainda por dez metros antes que comesçassem a ser seguidos.

– Eles estão atrás de nós! – murmurou Dana, rouca, ansiosa, sedenta.

– Estão... Vamos facilitar o trabalho deles. Vou levá-la para as árvores, como se fossemos ficar juntos em algum ponto isolado.

De imediato o vampiro sentiu o cheiro atrativo vindo de sua noiva, então, momentaneamente esquecido de sua inquietação anterior, disse divertido:

– Lembre-se que agora é só encenação, amor.

– O que não impede que se torne realidade – Dana rebateu, esperançosa.

– Hummm... Primeiro jantar, depois fazer amor... Será o encontro perfeito!

Dana sorriu, agradecida pela distração, contudo não pôde replicar. Aproximavam-se das árvores, quando um dos homens falou:

– Ei, idiota! Aonde vai com tanta pressa?

– Hora do show! – Ethan avisou baixinho antes de altear a voz e retrucar: – Acho que não é da sua conta, amigo.

– É da *nossa* conta, quando um riquinho de merda vem até nossa área, trazendo uma belezinha como essa.

– Ei, a *belezinha* sou eu? – Dana indagou baixo para que somente Ethan ouvisse.

– Na língua dele isso é um elogio, não se ofenda – Ethan murmurou de volta e a afastou. Divertindo-se, provocou-os: – Para mim, continua não sendo da sua conta, agora, se nos der licença...

– Não, não a gente não dá licença porra nenhuma, seu idiota – replicou o outro homem, retirando algo do cós de sua calça.

Quando este moveu o objeto no ar, Ethan viu se tratar de um canivete foiçado em forma de chifre. Causaria pânico nos homens comuns, o que não era o caso. Com a ação, Ethan apenas confirmou que não ceifaria uma vida inocente.

– Pra falar a verdade, idiota, a gente veio fazer um favor à moça – ele indicou Danielle com o canivete enquanto seu amigo a cercava, encarando-a com cobiça. – Decidimos que ela é muita mulher pra um monte de merda feito você. Se a princesa queria provar um pau, vai ter dois.

Antes do comentário ofensivo Ethan deveria ter percebido que a brincadeira não terminaria como esperado. Danielle rosnava ao seu lado, ainda baixo o bastante para que os homens não a ouvissem.

– Acalme-se, eles não são problema – sussurrou para ela, antes de insistir com a provocação: – Ninguém faz favores oferecendo o que não tem.

– Folgado de merda! – vociferou o primeiro que os abordou, avançando sobre ele para socá-lo. – Vai ver se não tenho quando colocar todo na boca da belezinha. Faço questão que assista.

As ofensas vindas do humano não o abalavam, assim como sentir o cheiro do desejo que sua vampira despertava neles. Para o vampiro, os dois eram insignificantes. Ratos que incauta e inadvertidamente provocavam o leão. Tudo o que fez foi empurrá-lo para longe antes que fosse atacado.

Aquela era hora de acabar com as provocações, porém, o segundo homem – que já estava perto demais – simultaneamente à sua ação, abriu-lhe um corte no abdômen com seu canivete de lâmina grossa, curvada e afiada. Para Ethan, o ferimento equivalia a um arranhão. O vampiro sempre se divertia com o espanto de suas vítimas ao nunca se curvar de dor ou ao se recuperar milagrosamente. Contudo, para sua noiva, não foi divertido.

Sem que pudesse detê-la, Danielle rosnou furiosa e abertamente para o agressor antes de se colocar entre Ethan e ele. Depois de fazê-lo soltar o canivete, pegou-o pelos cabelos e inclinou seu pescoço com tal violência que todos puderam ouvir os ossos se partindo. Antes que ela descesse seus dentes sobre a jugular evidenciada pela curvatura anormal, Ethan soube que a morte daquele homem era certa; quase instantânea e não viria por suas mãos.

Daquela vez, Danielle beber de um homem não despertou seu ciúme. Passado o choque inicial por vê-la atacar de forma tão feroz, o vampiro foi tomado por uma admiração solene, um orgulho contemplativo que o prendia à ação feminina. Ainda que se controlasse, Danielle era uma predadora. E deixara claro que sempre o defenderia, fossem seus atacantes, mortais ou imortais. Seu senso de proteção era instintivo.

Foi preciso que os chiados vindos do segundo homem por fim se transformassem em gritos de pavor para que Ethan voltasse à realidade. Livre do encantamento, lançou-se sobre o homem apavorado para aplacar sua própria sede. Beber dele se mostrou extremamente prazeroso. Há dias que não se alimentava como deveria. Quando o deixou

largado ao chão, inerte, sentou-se ao seu lado e olhou em volta. Danielle fizera o mesmo e, sentada ao lado de sua primeira vítima fatal, observava-o.

– Como se sente? – ele indagou.

– Não sei... É mais fácil dizer como *não* me sinto – disse sincera. Ethan nada comentou, apenas esperou que ela concluísse: – Sei que deveria, mas não me sinto culpada. O que aconteceu aqui não muda minha forma de pensar, ainda não quero tirar vidas, mas, sinceramente... Não me importei de matar agora. Me desculpe.

Sem se importar com suas roupas, Ethan engatinhou sobre as folhas caídas ao chão, até eliminar a distância entre eles. Ao parar diante dela, ajoelhou-se antes de segurar-lhe o rosto.

– Está se desculpando por ter tirado a vida de um confesso estuprador?

– Disse que prefere quando eu me controlo – ela comentou num murmúrio, erguendo os olhos lamuriosos.

Ethan se perguntou se aquela era a mesma mulher que rosnara e matara minutos atrás. Não restava dúvida, Danielle era seu orgulho. Conhecia-a e tinha certeza de que não era intencional, mas seu comportamento derretia-lhe o coração, assim como derreteria o coração do mais frio dos homens, quando ela aprendesse a usar aquele olhar deliberadamente. Não fosse pelo sangue escorrido no canto de sua boca, nada em sua expressão denunciava a criatura voraz na qual se tornara.

– Sempre vou preferir que seja comedida, mas somente quando for preciso, amor. Jamais, em tempo algum, vou recriminá-la por fazer o que sua natureza ordenar.

Então, sem esperar por resposta, colheu o sangue escorrido com a ponta de sua língua antes de beijá-la apaixonadamente. Se não considerasse mórbido, faria amor com ela ali mesmo, ao lado de suas vítimas. Contudo, mesmo não sendo a melhor das criaturas, seria incapaz de tal baixeza.

– Venha! – Ethan a chamou, colocando-se de pé, levando-a consigo. – Agora precisamos dar um jeito neles.

– O que faremos? – Dana perguntou, arrumando uma mecha de cabelos atrás da orelha, preocupada. – Nunca *dei um jeito* em cadáveres.

– Bom... – Ethan pegou os corpos como se nada pesassem. – Aprenda. Ao fazer a sujeira, limpe-a. Agora, siga-me.

Depois de cobrir os corpos com folhas e galhos, num ponto afastado das calçadas, Ethan conduziu Danielle, em silêncio, até o lago do parque para lavar suas mãos. Por último fechou sua jaqueta.

– Vamos?

Antes mesmo de aceitar sua mão estendida, mais uma vez Danielle o afligia com a inquietação iniciada no bairro de seus sócios. Olhando-a de soslaio, disse a si mesmo que precisava fazê-la falar o que estava errado. Ao chegarem à saída do parque, Ethan estava decidido a agir tão logo tivesse a chance.

Enquanto caminhavam até a viela próxima, ainda em silêncio, Danielle passou a confundi-lo. Mesmo estando inquieta, voltou a exalar aquele odor que sempre o inebriaria. Que no momento o instigava mais por tê-la visto matar para defendê-lo.

– Sabe que está me matando, não sabe, Danielle? – inquiriu roucamente, apressando o passo.

– Me desculpe. – Foi sincera porque simplesmente não via como conter a súbita excitação, mitigada durante o ataque, mas que agora, com o sangue novo a correr suas veias, junto com a emoção de suas últimas ações, vinha forte. – É que não consigo evitar.

– E seria maluquice de minha parte pedir que o fizesse – Ethan retrucou ainda mais rouco, apertando-lhe a mão, obrigando-a a correr.

Bastou estarem ocultos pelas sombras da viela para que Ethan empurrasse sua noiva de encontro à parede de um dos galpões e a abraçasse, procurando por seus lábios. Danielle se prendia ao seu corpo enquanto correspondia com volúpia. Sempre o segurando pela cabeça, com os dedos enroscados em seus cabelos, sua vampira logo o escalou, passando uma das pernas por seu quadril de forma que os sexos se roçassem. Ethan urrou, louco por estar dentro dela.

– Venha – chamou após interromper o beijo, pegando-a pela mão. – Vamos sair daqui.

Num átimo estava montado em sua moto, porém Danielle não sentou às suas costas. Antes que ele ligasse o veículo, ela se afastou um passo e moveu os dedos na saia de seu vestido para erguê-la lentamente.

– O que está fazendo? – ele perguntou, olhando em volta. A luz pública não os alcançava, mas ainda assim... – Não está pensando em...

– Ah... Por que não? – Dana inquiriu depois de simplesmente passar todo o vestido por sua cabeça.

Porque não era seguro, Ethan repetiu mentalmente para seu próprio entendimento enquanto mirava os seios nus de sua aluna exemplar. Era ele o irresponsável? Como líder deveria repreendê-la, como mentor, gabaritá-la pela iniciativa de tentá-lo na rua. Contudo, obrigou-se a ser consciente e ordenou, sem muita convicção:

– Cubra-se! O que quer fazer é perigoso, Danielle... Logo estaremos em casa.

– Não sei o que acontece comigo – começou ela, sem lhe dar ouvidos, aproximando-se. – Mas estou impaciente. Tudo que aconteceu lá no parque me excitou e então você me

beijou... E agora assume essa pose e fica magnífico! Não tem como esperar... Estou queimando, Ethan!

Pouquíssimas ações o chocaram ao longo de sua existência, e ali, diante dele, estava uma delas. Vestida apenas com as botas, Danielle sentou diante dele, com as coxas sobre as suas. Era ele o monstro desperto? Não, não era. Os deuses o abandonaram. Estava perdido!

– Entendo que é perigoso... – murmurou ela, começando a livrá-lo da jaqueta. – Mas, por você, o risco vale a pena.

– E quem sou eu para discordar?

Excitado, deixou que ela tirasse sua camiseta danificada e deixasse seu dorso nu.

– Humano idiota! – ciciou ao correr os dedos sobre seu abdômen e conferir que estava incólume.

Ethan ignorou o comentário e, excitado, contagiado pela iniciativa, deitou Danielle sobre o tambor da moto, decidido a aplacar o desejo de ambos. O perigo não mais o preocupava, ou a consternação anterior sentida nela. Naquele momento o vampiro queria apenas aplacar a fome que os consumia. Com a escuridão do beco e a brisa da noite, tornando o ato irresponsável em algo extraordinário.

Capítulo Sete

A música cadenciada ditava o compasso: dois para lá, dois para cá. O casal mascarado seguia no ritmo, encarando-se. Ele precisava ser vigiado, contudo ela não conseguia ver seu rosto. De súbito a música acelerou e o casal girou mais rápido. Rodopiaram vertiginosamente até que a melodia silenciasse e parassem diante de um grande espelho. Agora ele se mantinha as costas dela, segurando-a pelos ombros, deixando-a em evidência no reflexo. Não estavam sós. Eram ladeados por duas mulheres mascaradas. Todos estavam elegantemente vestidos. Apenas ela destoava, tendo seus membros expostos, pálidos e perfeitos, revelados pela roupa infantil e mínima de tecido azul claro.

– Danielle! – ela ouviu a voz distante. – Acorde, meu amor!

– Ethan... – Dana o chamou ao despertar e abriu os olhos rápido demais, ferindo-os com a claridade matinal.

– Devagar, amor. Nunca esqueça o cuidado com a luz.

– Não vou esquecer – garantiu de olhos fechados.

A jovem vampira precisou de alguns minutos até que pudesse descerrar as pálpebras e olhar em volta. Estava em seu novo quarto. Contudo ainda era como se estivesse naquele salão desconhecido, diante do espelho.

– Melhor agora? – Ethan a estreitou num abraço ao vê-la assentir. – O que sonhou para que gritasse?

Num átimo a lembrança veio. Sim, ela gritara de surpresa e terror. A desconfiança, nascida em Upper East Side, alimentada em suas ponderações, antes e após a caçada, fora confirmada por aquele sonho. Há tempos entendia que as imagens, por vezes, eram premonitórias. Então sabia que não estava sugestionada por sua mente criativa. O que vira em sonho era a verdade aterradora: Andrew Kelly era Graco Demini.

Estava explicado o endereço ou o vestido de Alice – usado por Samantha no Halloween – estar pendurado em meio aos seus ternos. Não reconheceu a fantasia na ocasião, mas depois de ver a si mesma usando-o, não tinha dúvidas. Sim, outras possibilidades vagaram por sua mente, mas aquela era forte, vívida. Real.

O mascarado era Andrew!

Reconhecera os olhos azuis. As duas mulheres ao seu lado eram Betânia e Raquel. E ela, Dana, se apresentava no lugar da terceira vampira, já morta.

Por isso gritou. Graco não enganou somente a Paul, enganou a todos. Ethan corria perigo há anos sem atinar que convivia com seu inimigo. E agora não poderia ser alertado, não ainda. Graco lia mentes, era paciente e ardiloso. Ethan era o oposto, não se manteria passivo ante tal revelação. E mais. Corria o risco de sequer convencê-lo. Ela precisaria de provas irrefutáveis.

– Danielle – Ethan chamou, preocupado, despertando-a. – Conte-me.

– Não me lembro. Estava tentando, mas as imagens não vêm.

Danielle estava mentindo! Sua noiva estava dispersa e esquiva desde sua ronda por Upper East Side. Talvez ela estivesse realmente preocupada com o destino de seu sócio, contudo, sempre consideraria a reação exagerada.

Enquanto a estreitava em seus braços e acariciava seus cabelos, Ethan recordou a noite anterior, as ações de Danielle durante a caça, e se perguntou se talvez, o sonho não fosse reflexo daquela primeira noite na rua. Se fosse, a inquietação dela, que sentia em si naquele exato momento, seria justificável. Ela sempre seria a filha de um reverendo e matar não estava em seus preceitos.

Danielle não externou qualquer remorso, contudo poderia carregá-lo em seu peito. Ou ainda, talvez ela se recriminasse de suas ações libidinosas. Para ele sempre seria insólita a completa conversão da covardia em ousada licenciosidade. Uma que a levou sua noiva a se despir numa viela do Brooklin para tentá-lo. A lembrança das sensações recentes, do seu mover ritmado, dos urros femininos ao mordê-la e beber dela, desviaram sua atenção da fraca mentira.

– Muito bem... Não me lembro do meu sonho, mas tenho certeza de que não foi excitante e que, dessa vez, não fiz nada para te deixar assim – o divertimento na voz feminina o despertou da divagação. Sim, estava excitado. – Mas não tem problema. Mesmo inocente eu assumo a responsabilidade de te ajudar com esse problema matinal.

Há muitos e muitos anos que ele não padecia de tal incômodo e estava acostumado a desejá-la. No momento, queria respostas. Antes que Danielle o atacasse, prendeu-a contra o colchão, sentado em seu quadril.

– Depois... Agora quero que me diga a verdade – pediu rouco.

– Qual... Qual verdade?... – Dana balbuciou num gemido surpreso.

– Essa que esconde – retrucou.

– Agora, não... – Ela ergueu a cabeça para tentar lambe-lhe o pescoço, tinha de dissuadi-lo.

– Agora, sim... Diga – ordenou ao perceber que não se dominaria por muito mais tempo.

Danielle percebeu a fraqueza em sua voz e, sendo mais forte, prendeu-o entre seus braços e pernas para girá-los. Uma vez sobre Ethan, ela retomou o domínio da ação e o beijou. Evidente que Ethan sabia que mentia.

Precisava achar um jeito de obter provas o quanto antes. Até lá, infelizmente, gostando ou não, teria de se manter calada.

– Vai fazer isso comigo? – Ethan indagou ao libertar sua boca, assustando-a. Pareceu que tivesse lido seu pensamento. – Vai me deixar aflito juntamente com você?

– Não queria que fosse assim, só que... Não consigo evitar. É tudo tão novo. Acho que estou ansiosa por isso... Pelo excesso de novidades... E ainda tenho tanto para ver, temos tanto a resolver... Fico me perguntando como será quando todos me virem pela primeira vez... Meu pai, minha mãe, Cindy, meus colegas no jornal. Enfim... Todos! Uma vida me espera, mas agora ela não me parece ser a minha vida, entende?

Uma meia verdade deveria funcionar, ela determinou.

– Entendo perfeitamente. – Ethan sabia não era apenas aquele o motivo da omissão, mas resolveu deixar passar. – Mas, o que a preocupa?

– O que vão pensar quando me virem assim... Diferente.

– Não supervalorize os humanos, amor – ele pediu acariciando seu rosto. – É evidente que eles vão notar alguma mudança, mas da mesma forma que Joly ou Thomas, por exemplo. Seu pai e todos os outros vão considerá-la pálida, mais bonita, mas apenas como se não tivessem reparado antes, não como resultado de alguma mudança inexplicável.

– Só isso?! – O inusitado das palavras de Ethan teve o poder de distraí-la e causar-lhe estranheza. Estava tão mudada, como poderia ser daquela maneira?

– Sim... – Ethan confirmou, sorrindo. – Sempre foi bonita, Danielle, mas de uma maneira comum para eles. Agora, todos os seus atributos estão evidenciados, mas os olhos humanos não estão preparados para notar cada mínimo detalhe que a deixaram maravilhosa.

– Maravilhosa? – Dana derreteu ao elogio, e sorriu com malícia.

– Não divague, Danielle – ele pediu. – Nem me tente.

– Me desculpe... Nada de divagar ou tentar. Mas é sério, ainda acho estranho imaginar que não notarão a diferença.

– Asseguro-lhe que não acontecerá. Você notará reações mais acentuadas nos imortais que a conheceram do que nos humanos. É assim com todos.

Então Dana se lembrou da primeira vez que vira Ethan, depois de imortalizada. Ele era o mesmo, mas para ela apareceu nítido, todas as cores que o compunham mais destacadas, como a cor de seus cabelos, dos olhos e do dragão avermelhado. Ele dizia a verdade.

– De toda forma – Ethan prosseguiu. – Se acontecer de alguém mais sensível notar algo além dos outros, você é capaz de eliminar a impressão.

– Está dizendo isso por causa daquela mulher que tentou me alertar sobre você, não é?

– Sim... Às vezes nos encontramos com pessoas como ela, sensíveis e crentes. Naquela ocasião ela me pegou desprevenido, mas o certo é induzi-las para que se esqueçam.

– Foi o que você fez? – Dana perguntou, deduzindo a resposta. – As induziu para que esquecessem?

– Gostaria de dizer que sim... – Ethan esboçou um sorriso.

– Eu sabia! – Dana lhe acompanhou no sorriso. – Isso é bem a sua cara!

– Nunca escondi que não sou perfeito... E tenho certeza de que você me entende.

– Muito!... Não estou te recriminando.

– Sei disso – ele retrucou, beijando-a levemente. – Assim como sei que possuí uma alma melhor do que a minha. Se acontecer de encontrar com alguém assim, apenas faça-o esquecer... Quanto a todos os outros, não se preocupe. Tudo ficará bem... Verá amanhã.

– Amanhã – ela repetiu, distraidamente.

– Amanhã tudo recomeça.

Evidente. Eles precisavam manter as aparências. Ela teria de voltar ao jornal, ele ao escritório. Estiveram tão unidos naqueles últimos dias que não conseguia se imaginar apartada dele. Naquele instante entendeu a necessidade de Ethan de se manter por perto. Já lhe sentia a falta. E agora tinha o problema com Andrew. Dana poderia dizer com certeza que ele apareceria no dia seguinte. Como poderia deixá-los sozinhos?

E lá estava a inquietação, Ethan pensou. Aquela, porém foi fácil elucidar; era o temor do novo. Infelizmente nada poderia fazer para ajudá-la. A menos que...

– Venha – chamou-a de súbito, já a puxando para fora da cama. – Vamos começar de agora a provar o que lhe disse.

– Como assim? – indagou, atordoadas.

– Vamos ao seu apartamento – explicou ele, empurrando-a para o banheiro. – Hoje é domingo, com certeza encontraremos alguns de seus vizinhos.

– Mas, Ethan...

– Você precisa pegar roupas, não? – Ethan imprimia um tom leve ao cortá-la, distante de seu real espírito, contudo era preciso. – *Mas* antes de sairmos... Vamos dar um pulinho ali no boxe para mantermos certos hábitos de higiene que se tornaram muito interessantes desde que você veio para minha vida.

Mais uma vez deixaram o NY Offices sobre a moto de Ethan. Dana gostaria de se manter calma, mas não relaxou em momento algum ao longo do caminho. Ao desmontarem diante do prédio onde morou por anos, sua apreensão se tornou em alerta ao notar a postura vigilante de Ethan.

– O que está errado? – ela indagou, farejando ao ar, instintiva. – Está vendo alguma coisa? Sentindo a presença de alguém?

Ethan olhou em sua direção, disperso. Porém ao flagrar-lhe a ação, sorriu e lhe acariciou o queixo antes de gentilmente fazê-la baixar a cabeça.

– Precisa se lembrar de frear seus instintos, amor. Não deve farejar o ar como uma gatinha. – Então voltando à seriedade, mirou o prédio. – Apenas me lembrei da última vez que estive aqui.

– Sinto muito por aquilo – pediu, desarmando-se. – Se eu não tivesse pedido que viesse Raquel não nos teria seguido até a Cielo.

– Não – Ethan se apressou em corrigir. Tomando-a pela mão para tirá-los da rua. – Estive aqui na quarta-feira. Queria ficar... perto.

Inconscientemente Dana lhe apertou os dedos. Seu coração afundou no peito ao imaginar todo o sofrimento pelo qual Ethan passou sozinho, em seu apartamento.

– Ethan... Se quiser deixar para fazer isso depois, podemos vir outro dia.

– Tudo bem, Danielle! – Ele tentou sorrir. – Ainda incomoda, mas já passou. E temos um propósito para estar aqui.

Dana assentiu antes de abrir a porta principal. Bastou entrarem, para que Ethan sibilasse:

– Thomas e Joly estiveram aqui.

– Tem certeza? – Dana sentia muitos odores, mas ainda não saberia distinguir qual pertencia a quem. – Quando foi isso?

– Apenas sei que foi recente. Venha!

Ao chamá-la, Ethan tomou-a pela mão e subiu os degraus na velocidade considerada aceitável. Tinha pressa de entender quando não fazia sentido não ter sido procurado.

– Não sente o cheiro deles? – indagou de súbito ao recordar que era preciso instruí-la.

– Sinto vários odores.

– Esqueça os conhecidos, estes são os mesmos, apenas são mais fortes agora... Entre eles têm dois que nunca sentiu. Concentre-se e os decore, são únicos. Cada vampiro tem o seu.

Deixando-se guiar, Dana apurou o olfato. Realmente entre a mistura habitual, dois novos odores se distinguiam. Eram adocicados, fortes: Thomas e Joly. Estava prestes a dizer que os sentia, quando chegaram ao seu andar e um dos odores se tornou mais acentuado, o mais delicado deles. Instintivamente soube a quem pertencia.

– Joly! – exclamou sem nem pensar. – Ela está aqui.

– Está! – Ao confirmar, Ethan se encaminhou à porta do apartamento e ao descobri-la destrancada, abriu-a sem cerimônia. Joly estava lá, imóvel. Sequer olhou na direção do casal. Impaciente, Ethan entrou, levando Danielle consigo.

Ao parar diante da amiga, ignorando a surpresa de sua noiva pela falta de um convite, ele indagou entre consternado e ríspido:

– O que faz aqui, Joly? E onde está Thomas?

– Foi embora – ela disse num sussurro, sem olhá-lo.

– O quê?! – Ethan e Danielle indagaram quase que simultaneamente, mas foi o vampiro quem prosseguiu: – Como assim? Embora para onde?

– Não sei – Joly admitiu num lamento ainda sem se mover.

– Não estavam caçando em Sterling Forest? – Dana indagou. – Você me disse que estava tudo bem.

– Estávamos caçando, mas eu sabia que não estava nada bem... Thomas estava estranho. Não queria nem que eu falasse com você... Ou com Ethan. Quando atendi o celular, Thomas estava longe, mas ele me descobriu e encerrou a ligação.

– Por que isso? – Ethan insistiu. – Não faz sentido.

– Ele não me disse o motivo. Nunca vi meu Thom daquele jeito... – a vampira o encarou receosa antes de pedir: – Poderia me liberar, por favor... Antes de partir, Thomas ordenou que eu ficasse quieta... Ele não queria que eu o seguisse.

– Ele a induziu para que ficasse como está? – Dana ainda custava a crer. – Ethan, faça alguma coisa.

– Não – disse, secamente.

– Ethan?!

O vampiro ignorou a indagação repreensiva de sua noiva, assim como o olhar temeroso de sua amiga.

– Antes preciso de respostas.

– Que Joly dará mesmo livre. Solte-a, Ethan – pediu. – Ou eu faço.

– Não! – Ethan a freou, encarando-a com severidade. – Ela não está em perigo ou sofrendo. Só está imobilizada. Eu a libertarei assim que me disser o que quero saber. – Para a amiga, indagou: – O que aconteceu a Thomas?

– Eu não sei – Joly repetiu. – Ele tem agido de forma estranha desde o confronto no parque.

– E onde você o encontrou? Ele estava ferido?... Como Betânia escapou?

– Ele não me disse como ela conseguiu escapar e não, ele não estava ferido. – Nesse ponto Joly se calou por um segundo antes de prosseguir: – Depois que eu deixei Dana na cobertura... Voltei para o Central Park.

Mais uma vez, ela se calou. Ao notar que Ethan nada diria, continuou:

– Bom... A polícia já estava por toda parte então fui para nosso apartamento. Tínhamos combinado de voltarmos para lá... Ele já estava cansado de ficar aqui.

– Muito bem, Joly... E então você o encontrou no apartamento?

– Não. Mas eu esperei, pois como disse, era o combinado. – Joly olhou para as próprias mãos, imóveis em seu colo. – Ele demorou. Cheguei a pensar em procurá-lo, mas temi um desencontro. Também não lhe avisei porque não quis atrapalhá-lo, Ethan. Eu tinha esperança de que, depois de tudo, você deixasse de ser cabeçudo e a transformasse. E eu acertei – acrescentou, esboçando um sorriso ao mirar sua amiga.

– Não quis atrapalhar ou estava com medo do nosso encontro? – Ao questioná-la conseguiu a atenção da francesa para si.

– Por que ela teria medo de você? – Cada vez mais Dana entendia menos.

– Por que ela mentiu para mim – ele respondeu sem nem olhá-la.

– Mentiu sobre o quê? Joly?

– Ela me fez acreditar que você estava morta.

– O quê?!

– Ela me fez crer que você tinha morrido ao se chocar contra uma árvore depois que aquele cão desgraçado a puxou.

A atitude de Joly era chocante, mas nada comparável a dor que sentia ao ouvir aquela explicação. Ainda sem desviar os olhos do rosto contrito da amiga, Ethan concluiu, dirigindo-se à noiva:

– Eu queria socorrê-la, mas ela, minha *amiga*... fechou seus olhos. Naquele instante eu morri, pois jamais desconfiaria ser mentira. Morri por perdê-la, por ser o culpado... Por

matá-la mais uma vez, mesmo que indiretamente. Nem mesmo consegui sentir prazer ao me livrar do rábula porque mortos nada sentem.

– Joly? – Este foi todo questionamento que Dana conseguiu formular.

Queria brigar, acusá-la, contudo não conseguia. Mesmo que por caminhos tortuosos Joly sempre esteve presente, ajudando-os. Ela não faria tal perversidade sem motivos lógicos.

– Por favor, Joly – Dana pediu, aflita. – Fale alguma coisa.

Após um suspiro resignado, a amiga ergueu a cabeça para encará-la e então correu os olhos para Ethan.

– Talvez não tenha desculpas para o que fiz, mas na hora eu precisava fazer alguma coisa para que você mantivesse o foco. Você estava fora de controle. Eu sabia que era uma questão de segundos para que Paul o matasse... E depois ele mataria a mim para pegá-la de volta. Dana estava só desmaiada, pois eu a abracei antes que batesse contra a árvore.

Depois de bufar, falou ainda:

– A droga toda é que eu o conheço, Smith McCain! Você não sossegaria até ter certeza de que ela estava bem e nesse meio tempo poderia ser tarde. Sei que mentir foi arriscado, mas confiei que seu ódio por Paul fosse maior que qualquer outro sentimento. Eu não tinha opção.

Dana, aliviada depois da explicação, olhou de um ao outro e, ao notar que os ânimos não arrefeciam, decidiu intervir:

– Ethan... – Ela espalmou a mão em seu peito para ter sua atenção. – Eu nem consigo imaginar tudo pelo que passou aquela noite, mas eu estou aqui... Por favor, tente esquecer.

– Peça-me para agradecer por Joly ter salvado sua vida. Peça-me para perdoá-la, não para esquecer. Graças à mentira solidária de Joly fui apresentado ao pior sentimento que pode existir.

– Sei bem o que sentiu – Joly sussurrou, chamando-lhes a atenção. – Acho que é o que sinto agora.

– Olhe para mim, Joly – Ethan ordenou. Ao ser atendido liberou-a: – Pode se mover agora.

– Obrigada! – ela agradeceu ao se por de pé. – Acha que pode me perdoar?

– Como poderia não perdoar, Joly? Você, com a forma torcida de pensar, a imparcialidade para falar o que preciso ouvir ou indicar o que não vejo, colocou-me onde eu queria estar. Espero sinceramente que não tenha se ferido quando se chocou contra a árvore.

– Não me feri – assegurou, olhando para a amiga. – Doeu, mas nada que não pudesse suportar ou que me impedisse de repetir a ação, caso fosse preciso.

– Nem tenho como lhe agradecer, Joly – Dana murmurou.

– Não precisa. Ver que tudo deu certo já me deixa feliz.

O tom sofrido lembrou a Ethan da situação alarmante em que se encontravam. Aquela crise conjugal o afetava diretamente.

– Joly, conte-me mais sobre aquela noite – pediu. – Então, você esperou por Thomas em seu apartamento, ele demorou, mas é evidente que voltou em segurança. – Joly assentiu. – E então...?

– Quando Thomas chegou já passava da meia-noite, todo molhado. Ele logo me disse que Betânia o arremessou na lagoa antes de escapar. Achei estranho, pois, pelo tempo as roupas dele deveriam estar apenas úmidas, não encharcadas como estavam.

O casal ouvia o relato da amiga em silêncio. Ethan a avaliava.

– Bom... Deixei o detalhe passar, afinal nunca escondemos nada um do outro. Então eu quis contar o que fiz... Aquilo de deixar Dana na cobertura e de minha esperança que você a transformasse, mas Thomas não me deixou contar nada. Disse que depois conversaríamos sobre isso e que deveríamos sair para caçar, imediatamente.

– Até aí eu posso entender. – Ethan mantinha o cenho franzido, sério. – Mas não faz sentido ele a proibir de falar com Danielle, ou comigo. Ainda mais depois de tudo que aconteceu antes e durante o maldito encontro no parque. Nem vou dizer que era obrigação dos dois me colocarem a par dos acontecimentos. Aliás, era um dever! Eu tinha de saber sobre Betânia.

– Eu contei para Dana quando pude atender a ligação – Joly se defendeu.

– Está vendo! Não faz senti... – Ethan exclamou exasperado, passando a andar de um lado ao outro. Ao parar de súbito, encarou sua amiga com indisfarçada desconfiança. – Tem certeza de que não me esconde nada, Joly?

– O que estaria escondendo? – Seus olhos brilhavam úmidos. – Acha que eu também não quero entender?... Thomas foi embora! Disse que não esperasse por sua volta. Quando ameacei segui-lo, ele me forçou a ficar aqui.

O coração de Dana se afliesa a cada palavra. Coincidência ou não, o comportamento de Thomas se assemelhava ao seu. Ao se negar ouvir o que a esposa tinha a dizer, indicou a intenção de resguardar, aos dois, dos poderes de Graco. Mas... Para tanto o vampiro deixaria a esposa sozinha?

Dana ainda especulava, à procura de uma resposta satisfatória, quando um movimento veloz chamou sua atenção. Ethan cruzou a distância que o separava da amiga, parou exatamente à sua frente e a segurou pelos ombros.

– Perdoe-me por isso, Joly, mas tenho de fazê-lo.

– Ethan, não...

Sem dar-lhe atenção, Ethan ditou a ordem:

– Conte-me tudo, Joly. Cada detalhe.

Joly imediatamente suavizou a expressão e, sem rodeios, repetiu sobre o encontro em seu apartamento, o comportamento estranho do companheiro, as roupas molhadas. Tudo exatamente como revelara. Dana assistia a cena, em choque. E se Ethan *a induzisse*?

– Por que Thomas não queria que falasse conosco? – Ethan indagou, tentando ignorar a aflição vinda de sua noiva.

– Ele não deu motivos, apenas me proibiu de fazê-lo, sempre demonstrava estar com muita raiva de você – ela disse de pronto.

Ethan respirou profundamente, a rispidez ao telefone, não fora impressão afinal. Precisa de mais, mas as emanções de sua noiva começavam a dispersá-lo.

– Danielle, você entende que estou fazendo apenas o necessário. Sabe que eu não estou machucando sua amiga, não sabe?

– Claro que sim – disse ela, sem sair do lugar.

– Então, por favor, tente se acalmar. Obrigiar Joly a me dizer o que não deseja está sendo ruim para mim também, mas é preciso e você está me distraindo.

– Me perdoe. Deseja que eu os deixe? Posso ir para meu apartamento.

– Não mudaria nada. Apenas tente se acalmar. – Danielle suspirou e assentiu, deixando-o livre para voltar sua atenção a Joly. – Quando estavam caçando, Thomas não disse nada importante?

– Disse que precisava ordenar os pensamentos para agir da melhor forma.

– E ele, em algum momento, falou em deixá-la?

– Não durante a viagem, mas depois que eu atendi o telefonema de Dana, ele brigou comigo e disse que não sou confiável, por isso viemos embora. Ele me trouxe para cá, então avisou que partiria sem mim. Quando pedi uma explicação, ele disse que eu deveria ficar ao seu lado, uma vez que já o fazia sempre. Disse que você poderia fazer bom proveito já que me desejou por duas vezes. Eu, não...

– Já chega! – Ethan ordenou tardiamente, recriminando-se de seu pouco cuidado. Prevendo a tempestade que viria, afastou-se de sua amiga.

– Joly?! – Danielle se materializou ao lado dos vampiros mais velhos, olhou para ambos, então encarou seu noivo, beligerante. – Até Joly, Ethan? Sério, qual é o seu problema?

– Danielle, ouça...

– Não! – cortou-o, desviando de sua aproximação. – Não pode deixar passar nem mesmo a esposa de seu melhor amigo? Como pode ser assim tão... tão... desprezível? O que era? Um fetiche?... O chefe e a secretária?

– Nunca houve nada entre mim e Joly se é o que está pensando – Ethan assegurou, tentando uma nova aproximação.

– Não estou pensando, eu ouvi! E de uma induzida, então não há a mínima possibilidade de engano. – Dana não conseguia encobrir sua mágoa, sua tristeza por estar sozinha. Thomas tinha um motivo distinto e partira, não fora para protegê-los. – Alegre-se, seu amigo deixou a esposa de brinde para você.

– Aonde vai, Danielle? – Ethan indagou ao vê-la seguir para a porta. – Precisamos desfazer esse mal-entendido.

– Não há o que desfazer. E *você* precisa aprender a ser menos promiscuo, menos amoral e a manter sua braguilha fechada – Dana replicou secamente e os deixou. Antes que chegasse ao seu apartamento, Ethan já a esperava, bloqueando seu acesso. – Agora vai assustar meus vizinhos, é isso?

– Que se danem todos eles – Ethan sibilou. – Não gosto que me deixem falando sozinho. Já disse que precisamos conversar.

– Vou anotar esse detalhe em uma lista dupla com todas as coisas que Ethan McCain gosta ou desgosta. Agora, se me der licença, preciso entrar no meu apartamento... Vá conversar com sua secretária. Devem ter muito que acertar agora que ela te pertence.

– Pare de falar bobagens, Danielle. Já disse que nada aconteceu entre nós.

Ambos ouviram o abrir e fechar de uma porta e sentiram o cheiro da mulher antes que a chamasse, incerta:

– Dana?

A jovem vampira estremeceu ao ouvir seu nome pronunciado por uma de suas vizinhas. Não eram íntimas, ainda assim temeu sua reação ao vê-la modificada.

– Bom dia, Erin. Como está?

– Estou bem – disse ao se aproximar. Depois de olhar de um ao outro comentou, sem disfarçar o interesse em Ethan: – Você sumiu.

Com o vampiro ao seu lado não tinha como saber se a falta de interesse nela se dava por considerá-la igual ou por estar encantada por ele. De toda forma, naquele momento não estava com ânimo para aquele tema.

– Eu estive fora alguns dias – educadamente respondeu, evitando olhar para Ethan que não desviava os olhos inquiridores de seu rosto. – Agora estou de volta.

O vampiro se enregelou. Acaso Danielle acreditava que deixaria sua cobertura? Não aconteceria nem mesmo se ele tivesse fornicado com Joly mil vezes antes de conhecê-la.

– Que bom! – exclamou a vizinha, demonstrando verdadeira animação.

– Muito bem, Danielle – disse Ethan, ignorando a humana. – Se já matou a saudade de sua amiga, eu gostaria de continuar nossa conversa.

– Eh... Espere senhor... – a vizinha pediu, receosa. – Eu tenho de...

– Erin, não é mesmo? – Ela o encarou. Antes que assentisse, Ethan ordenou: – Volte para seu apartamento e esqueça que nos viu.

Como esperado, logo eram deixados a sós.

– Não tinha o direito! – Dana o repreendeu. – Acho que ela veio me dizer alguma coisa importante.

– Fofocas de corredor não me interessam. Agora... – Ethan indicou a porta – você abre ou abro eu?

Dana cogitou negar, mas lhe ocorreu que Ethan era bem capaz de arrombar a maldita porta. Bastou destrancá-la para que ele entrasse, levando-a pelo braço. Libertou-a apenas ao parar no meio da sala mínima.

– O que quis dizer com *agora estou de volta*?

Por um instante Dana não entendeu a pergunta, mas ao analisar a postura rígida e a expressão taciturna do vampiro, ela seguiu seu raciocínio. Ethan não tinha o que temer. Estava ligada a ele para sempre, não importando o quanto aquele relacionamento lhe engrandecesse ou degradasse.

– Falei por falar! – respondeu por fim. – Estou mesmo de volta, não estou?

– Pois então meça suas palavras para se expressar de forma correta – Ethan replicou com rispidez. Tendo o velho coração oprimido.

– Certo! Vou medir minhas palavras para que você não entenda errado. Sempre vou pedir licença para não te deixar falando com as paredes, vou sempre prestar conta de tudo que fizer na minha vida e não vou pronunciar nomes de ex...

Enquanto falava a vampira andava de um lado ao outro, sempre mirando os olhos verdes. Ethan permanecia imóvel, rígido, contudo não a intimidava.

– Vou matar prontamente todo e qualquer preferido que encontre pelo caminho, vou me comportar de forma exemplar para não ir contra tudo aquilo que o grande Ethan McCain não aprecia, mas... E quanto a mim? E quanto ao que *eu* não gosto?

Sem dar-lhe chance de resposta, prosseguiu:

– Você odeia meu passado? E eu, o que devo sentir pelo seu?... Eu digo coisas que você não quer ouvir? Pode ser... Mas, e o que eu ouço?

– Acredito que atitudes levianas, ocorridas há mais de cem anos, não tenham importância, sim, o que faço agora – Ethan replicou em defesa própria. – Thomas e eu não valíamos nada e justamente por isso não acreditei que ele estivesse apaixonado por Joly.

– Como não acreditou no amor deles?! Joly me contou sua história. Thomas se revelou e a transformou no mesmo dia. Nunca tive muito contato com ele, mas vindo de alguém que não valia nada, isso deveria significar alguma coisa.

– Para mim, não significava nada. Sabe muito bem que até conhecê-la jamais amei ninguém. O sentimento me era estranho. Somente por isso eu a cortejei, mas Joly não cedeu nem eu insisti. Com o passar dos anos, nossa amizade se fortaleceu. Acredite, Danielle, nada aconteceu.

Dana queria acreditar, contudo, sem que pudesse evitar um resquício de sua insegurança humana roubou-lhe a razão. Joly era perfeita! E se analisasse friamente, a amizade entre os dois parecia ser a mais forte. E mais... Não parecia lógico que Thomas partisse, rompendo um relacionamento centenário, por uma mera cantada. Aquele era o detalhe crucial.

– Você fala de quando eles se conheceram, mas Joly se referiu a duas vezes. Quando foi sua segunda investida.

Ethan respirou fundo. Ao responder, agravaria sua situação. O problema era que não via meios de mentir.

– Antes de minha última viagem... Dias depois que a conheci.

Como se não bastasse sentir sua dor, Ethan pôde ver todas as emoções que cruzaram os olhos de sua noiva. Queria dizer alguma coisa para explicar os motivos que o levaram a importunar Joly, mas... Como explicar que a convidou para participar de um ménage, quando tentava desesperadamente esquecê-la? Seria o golpe de misericórdia.

– Danielle... – Ethan tentou se aproximar.

– Não – Dana sussurrou, estendendo a mão para pará-lo. – Me deixe sozinha, por favor.

– Não vou deixá-la. Não sem antes encerrarmos esse assunto.

– Para mim, já está encerrado – disse sem emoção.

Ethan preferia o esbravejar, preferia que ela estivesse rosnando ou quebrando tudo à sua volta. Preferia qualquer reação violenta àquela súbita e superficial apatia. A falta de ação o atordoava. Precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa, menos deixá-la.

– Danielle...

– Por favor, Ethan... – Dana pediu sem olhar em sua direção. – Vá ver Joly. Ela está sozinha, induzida.

– Pouco me importa.

– É sério? – Dana o encarou. – Joly acaba de ser deixada por sua culpa e você diz que ela pouco importa?... Sei de seu problema com limites, Ethan. Agora vejo que em todos os sentidos, mas acredite... Existe um para tudo, até mesmo para ser egoísta.

Ethan procurou por argumentos, e não os encontrou. Danielle tinha razão, contudo não via como deixar o apartamento. Desentendiam-se vez ou outra, contudo, agora, era diferente. Parecia... definitivo.

– Bom... Enquanto decide se vai ou fica, vou juntar algumas coisas. Afinal, foi para isso que viemos.

Sem mais, Dana se dirigiu ao antigo quarto. Após alguns minutos, ouviu a porta principal ser aberta e fechada. Ethan se fora.

Capítulo Oito

Para Ethan, o assunto estava longe de ser encerrado. Por instantes sentiu-se compelido a segui-la, porém, sabia não ser prudente insistir. Deveria deixar suas ações egoístas de lado e dar algum tempo a Danielle para que digerisse mais uma de suas baixezas.

Seus pés pesavam como chumbo, contudo Ethan caminhou altivamente até o apartamento de sua amiga. Antes de liberá-la cogitou ordenar que esquecesse, mas não o fez.

– Desperte.

Joly piscou algumas vezes antes de olhar em volta e então, encará-lo, horrorizada.

– Como pôde? Onde estava com a cabeça?!

– Baixe a voz – ele pediu. – Danielle está ao lado e agora é capaz de nos ouvir.

– Ao que parece, não temos mais segredos não é mesmo? – Joly escarneceu. – Thomas resolveu me deixar e agora você estraga tudo com Dana. Está satisfeito?

– Não repita isso – Ethan ciciou entre dentes. – Não arruinei meu relacionamento com Danielle!

– Certo! Engane-se o quanto quiser, mas eu sempre disse... Ela é sua versão de saias e se ainda estou certa, agora ela não somente está decepcionada com você como até mesmo comigo que nada tenho a ver com toda essa confusão. – Exasperada, Joly passou a circular pelo apartamento. – Custava esperar? Eu ia contar, sabe disso.

– Ultimamente eu não sei de nada mais, Joelle – Ethan replicou. – O mundo, como eu conhecia, está do avesso.

– Não importa – replicou entristecida. – Você não pode desconfiar de mim. Se não contei tudo foi para resguardar a Dana. – Depois de cair sentada sobre o sofá, ela ergueu os olhos para Ethan. – O que farei agora? O que *nós* faremos?

– Eu não sei. – Ethan desejou consolá-la, mas, depois do ocorrido, a naturalidade entre eles estava abalada. E seria prudente evitar tocá-la. Ao sentar no extremo oposto do sofá, arriscou: – Tem certeza de que Thomas não deu nenhuma dica do que faria, para onde iria?

– Se ele tivesse dado alguma dica, você não teria tempo de me induzir, pois eu partiria tão logo me libertasse.

Ethan não rebateu, deixando o silêncio envolvê-los. Encaravam-se, imóveis. Para ele, nada daquilo fazia sentido. A reação de Danielle era esperada, pois não estava habituada a

sua má índole. No entanto, Thomas conhecia-o bem. O mais acertado era crer que seu amigo agia no calor da descoberta e que logo voltaria para lhe cobrar satisfações. Era isso, Ethan determinou.

– Acredito que Thomas esteja apenas extravasando sua ira. Esta toda direcionada a mim, não a você – disse para animá-la, para convencer-se.

– Espero que esteja certo. Nunca brigamos.

– Sei – concordou Ethan, intimista. – Joly, você disse que Thomas chegou molhado, agindo de forma estranha.

– Sim, chegou... O que tem isso?

– Uma ideia está se formando... – disse vagamente. Quando a hipótese se consolidou, exclamou convicto: – Por isso Thomas não eliminou a cobra peçonhenta. Ela o distraiu, contando-lhe o que fez. Ela está com Demini e o cretino, ao que parece, conhece tudo sobre minha vida.

Joly nada comentou, deixando Ethan livre para prosseguir:

– Isso nos leva a outro detalhe. Thomas ficou decepcionado comigo. Pelo o que disse, enraivecido até, então... Como ainda voltou para limpar a sujeira deixada por Betânia? Por que me ajudaria.

– O segredo é de todos nós, Ethan – lembrou-o Joly, um tanto ofendida. – Thomas sabe de suas obrigações. Não deixaria as evidências de um ataque para trás por despeito.

– Pode ser... – o vampiro retrucou, vasculhando a mente à procura de detalhes na narrativa de Joly que trouxessem mais informações.

– E por que ele voltaria todo molhado? – Joly perguntou.

Ethan não respondeu de imediato. Como ela salientara, se seu sócio tivesse sido arremessado à lagoa durante a luta, até a hora que chegou ao apartamento suas roupas estariam apenas úmidas. Se ao menos estivesse chovendo... Ao pensamento Ethan acreditou ter sua resposta.

– Não foi Betânia – disse convicto. – O delator foi Graco Demini.

– Como pode saber?

– É a única explicação. Não percebe? – inquiriu incrédulo por ela não ver o óbvio. – Thomas pode mesmo ter caído na lagoa, por que quis. Para apagar o cheiro de Demini de suas roupas. Para que nós não descobríssemos.

– Por que ele faria isso? Qual o problema em sabermos?

– Talvez eu tenha me enganado nessa parte, talvez a iniciativa não tenha partido dele e, sim, do próprio Demini. Talvez ele tenha induzido Thomas e não seria sábio deixá-lo com seu cheiro.

– Mas não é possível! Você mesmo disse que não aconteceria conosco, por nossa lealdade.

Sem que pudesse evitar, Ethan sorriu escarninho.

– Acho que descobrir que tentei levar a mulher dele para a cama, principalmente dessa última vez, deva ter minado toda e qualquer lealdade, não concorda?

– Concordo... E analisado dessa forma, tudo começa a fazer sentido. E torna tudo pior... Se Thomas estiver induzido, não vai voltar.

Por agora conhecer o sentimento de perda, Ethan entendia a dor da amiga. E Joly tinha razão. Se estivesse certo, talvez Thomas nunca voltasse. Talvez nem tenha deixado a cidade. Poderia estar, naquele momento, junto a Graco e sua malta.

Impaciente, Ethan se pôs de pé e passou a andar de um lado ao outro. Realmente tudo só piorava.

– Está me deixando impaciente, Ethan – Joly lhe chamou a atenção.

– Desculpe-me, mas não consigo ficar parado. Sinto que preciso fazer alguma coisa.

– Quanto ao Thomas? – indagou esperançosa.

– Também.

Foi sincero. A nova posição do amigo o preocupava. Se Demini fez de Thomas um novo peão, este seria uma peça descartável, usado talvez em ações suicidas. E se seu irmão fosse lançado contra ele, teria de ser ágil, prudente, para não feri-lo, mesmo que fosse atacado com toda fúria e força recém-descoberta. A droga toda...

– Entendo. Sua inquietação é em boa parte destinada a Dana, não é? – Joly completou seu pensamento.

– Sim – admitiu, e não pediria desculpas. – Thomas me conhece, Joly. Nada do que faço lhe é alheio. Tenho certeza de que, se ele descobrisse de outra maneira, caso você ou eu lhe contasse, não reagiria assim. Falo com conhecimento. Ele ficaria furioso, viria tomar satisfações, mas tão logo extravasasse sua decepção ele me perdoaria e, como um verdadeiro irmão, relevaria minhas falhas de caráter. Mas...

– Mas Dana não o conhece dessa maneira.

– Não. E reconheço que ela releva muitas coisas a meu respeito – Ethan bufou e passou as mãos pelos cabelos.

– Mas como Thomas, ela também o ama.

– Ama – ele repetiu ao parar diante dela para encará-la. – E tem se mantido firme até agora, mesmo sabendo a criatura abjeta que sempre fui. Mas quanto o amor pode suportar? Qual será o limite? – Lembrando-se das palavras de sua noiva, perguntou roucamente: – Para tudo tem um limite, não tem?

– Tem. – Joly lhe sustentava o olhar. – Lamento que tenha descoberto somente agora.

– Espero que ainda não seja o caso... Para Danielle ou para Thomas. – Ethan se agachou diante dela, restando o impulso de segurar-lhe a mão, prosseguiu: – Vamos trazê-lo de volta. Eu o trago de volta! Posso ter todos os defeitos, mas você sabe... Amo Thomas como a um irmão e jamais permitirei que lhe façam algum mal... Quando o vir eu dou um jeito de inverter a situação. Eu prometo, *ma chère*!

Joly esboçou um sorriso.

– Também estou preparada para o pior de você, Ethan. E para o seu melhor. Não pense que Thomas perdoa suas falhas de caráter por aceitá-las ou entendê-las. Assim como eu, ele apenas as tolera por saber que não se equiparam às suas qualidades. Então... Não precisa me prometer coisa alguma. Eu confio em você para reverter qualquer situação.

– Obrigado! – Ethan sustentou-lhe o olhar por um ínfimo instante, ineditamente, comovido. Então, rogou que a noiva sentisse como seus amigos e, tentando não parecer insensível, perguntou: – Você se importaria de conversar com Danielle?

– E mais uma vez arrumar sua bagunça? – Joly indagou gentilmente, talvez influenciada pela declaração.

– Sim. Importar-se-ia?

– Não, Ethan, eu não me importo!

∞

De volta à sala, depois de ziguezaguear por seu quarto, sem conseguir se concentrar em coisa alguma, Dana pousou os olhos na murcha Amarílis e nos restos da rosa que encontrou sobre seu travesseiro depois de *sua* primeira noite com Ethan. Exasperada, ainda presa à teia do ressentimento, ela seguiu à cozinha.

Despertou de suas questões internas ao chutar a vasilha de alumínio onde costumava deixar a ração de seu gato. Dana nem percebeu seu movimento. Quando deu por si já segurava a vasilha diante dos olhos úmidos.

– Me desculpe por não estar aqui, Black – pediu como se seu animal morto pudesse ouvi-la. – Mas se serve de consolo, saiba que aquele covarde queima no inferno!

E tomada de uma raiva e decepção tardia, por Paul, por Ethan, por Joly, por ela mesma, Dana esmagou a vasilha com facilidade. Depois de atirá-la na pia, obrigou-se a parar de remoer sua raiva e seu ciúme, pois o que os motivou era passado, imutável.

Resignada, Dana olhou em volta e respirou profundamente. Precisava fazer alguma coisa para ocupar sua mente. De volta ao quarto, abriu as portas do guarda-roupa pela enésima vez. Concentrando-se, escolheu algumas peças para levar à cobertura.

Bastou terminar a arrumação para que voltasse a se sentir inquieta. Então, lembrou-se de Erin. Sabia que tinha algo importante a dizer. Apegando-se a essa certeza, decidida, saiu. Domando seu ciúme, sequer olhou para a porta de Joly e seguiu até o apartamento da vizinha humana.

Instantes depois de dois toques – fortes demais, pois não mediu sua força – Dana foi atendida pelo marido de Erin. O homem a encarou e, analisando-a descaradamente, perguntou:

– Pois não, Dana?

– Eh... Eu queria falar com sua esposa.

– Minha esposa...? – repetiu vago então, como se despertasse, exclamou: – Erin, claro!

Reflexiva, quando ele lhe deu as costas Dana tentou segui-lo. Não ultrapassou o limiar. O choque com uma parede invisível atordoou-a. Demorou alguns segundos até que recordasse a restrição, uma que não existiu ao entrar no apartamento de Joly. Ali, seria preciso o convite.

– Incrível! – murmurou intimista, tateando o invisível algumas vezes, fascinada com a nova experiência.

Ainda experimentava a sensação estranha e nova de ser contida pelo vazio, quando um movimento na cortina chamou sua atenção. Somente quando o menino saiu de seu esconderijo, Dana se deu conta de que era observada. Por Jack.

– Dana – Erin a chamou, causando-lhe um sobressalto. – Finalmente apareceu!

A vampira recolheu a mão e sorriu, lembrava-se da recente indução.

– Oi... Posso falar com você?

– Claro! Foi até bom que aparecesse, também preciso falar com você! – Erin retribuiu o sorriso, porém logo uniu as sobrancelhas quando Dana não se moveu. – Qual o problema?

Furtivamente Dana relanceou o olhar para Jack: ele sabia. Mesmo que não tivesse visto, crianças sempre sabiam. Por sorte os adultos nunca lhes davam crédito. Valendo-se dessa certeza, Dana explicou:

– É que... Faz tanto tempo desde a última vez que estive aqui...

– E está com vergonha por isso? – Erin riu, docemente. – Deixe de bobagens, Dana, entre!

O menino instintivamente deu um passo atrás, sempre a encarando. Ignorando-o, Dana se dirigiu à vizinha.

– Desculpe vir te incomodar.

– Imagine! Não nos incomoda. Estávamos brincando de nos esconder... Bem, como bem lembrou, faz tempo que não vem até aqui então vou te oferecer uma xícara de café.

– Não há necessidade... – Dana tentou demovê-la. – Será rápido.

– Não, não... – Erin insistiu. – Sabe que as notícias correm, não sabe... Pois então. Fiquei sabendo que esteve doente e vejo que ainda está um pouco pálida. Me senti péssima por não ter ido te ver, mas como nunca fomos íntimas, não me senti à vontade, então... Venha!

Enquanto falava, a mulher se aproximou e ao chamá-la, pegou em sua mão.

– Nossa! Você está gelada!... Está muito frio na rua?... Ouvi dizer que esse inverno será rigoroso... Venha, tome ao menos um café... Vai esquentá-la.

Atordoada com a torrente de palavras, em parte agradecida, Dana se deixou levar até a cozinha. Já que não sabia quando partiriam e não se sentia inclinada a se juntar ao advogado e à secretária, ela poderia se valer da conversa fácil de Erin para se distrair.

– Nossa! – a vizinha voltou à carga. – Moramos lado a lado tanto tempo e nunca conversamos de verdade, não é mesmo?

– Não, nunca – Dana concordou, seguindo o olhar para a sala.

Agora o marido de Erin simulava zapear os canais, mas, vez ou outra lhe lançava olhares furtivos. Ele não lhe preocupava, sim, Jack que, recuperado do susto, a espreitava do batente da cozinha.

– Jack, diga oi para a Dana – Erin pediu ao filho, enquanto vagava pela cozinha. Em vez de obedecê-la, o menino correu para a sala. – Não ligue para ele... É sempre assim, e depois ele se solta.

Dana duvidava. De toda forma ficava feliz por Paul não representar perigo ao menino que ameaçou, nem para qualquer inocente, mas não estava ali para consolidar amizades.

– Pode deixar – disse vaga antes de resolver encerrar a visita, seria tolo acreditar que conversa fiada aliviasse sua inquietação. – Erin, disse que queria falar comigo...

– Sim... No começo dessa semana, por duas vezes vieram à sua procura.

– Quem? – Dana uniu as sobrancelhas, alerta.

– Dois homens. Acho que eram investigadores, mas não tenho certeza. Não me lembro os nomes, mas um deles deixou o cartão. Espere... Vou pegar para você.

Erin se foi. Outro fato esquecido em sua mente. Evidente que ainda estava sendo procurada por causa do desaparecimento de Jeff Davis. Era estranho imaginar que tomou conhecimento desse fato há apenas seis dias.

– Você vira *morcega*? – A voz infantil, sussurrada e cúmplice, vinha da porta da cozinha.

Dana fechou os olhos e sorriu, mansamente, divertida. E agradecida pela inocência infantil que acalmava seu coração. Depois de olhar para Jack, afirmou:

– Só à noite.

– Ah! – o menino exclamou, como se a revelação fizesse todo o sentido.

Deixando-se contagiar pela criança, Dana perguntou também em tom velado:

– Gostaria de voar comigo qualquer dia desses?

O menino mordeu o lábio inferior antes de admitir, envergonhado:

– Gostaria, mas tenho medo de altura. Os meninos no parquinho vivem me fazendo medo ou tirando sarro de mim porque eu não consigo ir naqueles brinquedos mais altos.

– Jack? Não é mesmo? – Dana perguntou ao lhe estender a mão. Satisfeita, constatou que o sangue jovem e fresco não lhe despertava nenhum interesse particular. – Você confia em mim?

A criança olhou para o pai antes de encará-la e estender a mãozinha para tocar a dela.

– Confio... Sempre gostei de vampiros.

Assim como ela própria, Dana pensou.

– Certo, Jack! – Fazendo com que ele a olhasse diretamente, ordenou: – De hoje em diante não vai mais ter medo de alturas. Não seja abusado ou teimoso, mas não tema brincar com seus amigos. Respeite sempre seu pai e sua mãe e... Esqueça que sou uma vampira.

A criança assentiu enquanto piscava os olhinhos para ela.

– Não falei que ele se chegava! – Erin comentou ao entrar na cozinha. – Tome... Aqui está o cartão.

Dana soltou a mão da criança para pegar o cartão. Ao girá-lo leu o nome: Joseph Holt e então seu número particular, antes de colocar o cartão no bolso traseiro de sua calça.

– Obrigada! – Depois de bagunçar os cabelos de Jack, pôs-se de pé. – Acho que vou dispensar o café e...

Dana se interrompeu ao reconhecer o nome citado no noticiário que agora o marido de sua vizinha assistia com total atenção. Sem nada dizer, foi até a sala para ver do que se tratava. A exibida na tela mostrava um apartamento em chamas.

– Ah, você ouviu isso! – comentou Erin, que parou às suas costas. – Esse incêndio é em Sutton Place.

– Onde, exatamente? – indagou Dana sem desviar sua atenção.

– Num dos prédios da 54ª Street – disse sua vizinha.

– Essa cidade precisa ser benzida, isso sim! – comentou o marido de Erin, sarcástico, sua voz se sobrepondo à matéria. – Ataques no parque, agora o segundo incêndio em menos de uma semana... A bruxa está solta!

Dana sequer o ouviu. Diante daquilo, era sua obrigação procurar por Ethan. Encarando sua vizinha para que não perdesse tempo com explicações, iludiu-a para que não a detivesse:

– Já me entregou o cartão, agora preciso ir embora.

Erin assentiu. Dana se despediu apressadamente. Depois de lançar um último olhar a Jack, abriu a porta e correu para o corredor. De repente, chocou-se contra Ethan. O impacto a desnordeou e teria caído caso ele não a segurasse.

Como sempre, seu corpo traidor reagiu ao dele, eriçando-se. Mas, por mais que aquele círculo protetor fosse seu lugar preferido no mundo, não tinha como ficar ali. Ao tentar se libertar, Ethan a reteve por alguns segundos somente então a soltou, encarando-a duramente.

– Onde estava com a cabeça para sair sem avisar? – ciciou.

O tom, associado à imagem magnífica que era Ethan enraivecida a desestabilizou. Dana estava prestes a se explicar, quando um movimento além dele chamou sua atenção. Joly os observava de sua porta. Rígida, Dana recuou mais um passo.

– Não sabia que precisava de sua autorização para circular em meu prédio – retrucou.

Depois daqueles instantes de pavor, nos quais acreditou que ela tivesse seguido os passos de Thomas ao não encontrá-la no apartamento, Ethan gostaria de poder obrigá-la a pedir autorização para o que quer que fosse.

– Danielle...

– Escute, por favor... – Dana o cortou ao notar o tom repreensivo. – Não temos tempo agora. Vocês dois precisam ver uma coisa.

Ethan percebeu o alarme em sua voz e a seguiu até seu apartamento. Quando Joly se juntou a eles, Dana já ligava sua TV e mudava os canais rapidamente até parar em um

exclusivo de notícias. Por sua importância a matéria ainda era exibida e logo os vampiros mais velhos prestavam atenção.

– Um incêndio no edifício de Seager? – Joly indagou, alarmada. – Você acha que incendiariam o apartamento de um aliado.

– Para os outros vampiros, Seager não passa de um peão – Ethan a corrigiu, sem desviar os olhos das imagens. – E não se esqueça de que nos últimos dias, Raquel estava com ele, o que caracteriza traição.

– Então foi vingança? – a francesa sugeriu, pensativa.

– Para mim, é uma boa explicação e a prova que faltava para validar tudo o que conversamos há pouco.

Sentindo a falta de Danielle, Ethan olhou em volta. Ela deixara a sala sem que notasse. Cada vez mais sentia falta da aflição causada por seu ciúme, dos rosnados e de seu esbravejar. Aquela calma jamais poderia ser benéfica para ele.

– Minha nossa! – a exclamação de Joly chamou sua atenção. – O que faremos?

– O cerco está se fechando – disse sem desprender os olhos do quarto onde descobriu Danielle a vagar de um canto ao outro. – Temos de estar preparados.

– E seguirmos com o teatro? – Joly perguntou entristecida.

– Não há mais teatro agora que as máscaras caíram. Conhecemos nossos inimigos e estamos preparados para eles. Não sabemos onde encontrá-los, mas eles virão até nós.

– No escritório, no fórum... – ela enumerou.

– Na rua... Em qualquer lugar – Ethan completou, quando Danielle voltava à sala, carregando uma grande bolsa.

– Estou pronta! – Dana anunciou. – Podemos ir quando quiser.

– Isso é tudo que vai levar? – Ethan perguntou, analisando a bolsa, com o cenho franzido.

– É o suficiente. Quando precisar, eu venho buscar mais. Bem... – Dana se dirigia a Joly. – Já juntou suas coisas?

– Não. Não vou à parte alguma.

– Como não?! – Dana estranhou. – Não é seguro ficar aqui, sozinha. E... Thomas disse para que ficasse com... Com Ethan. Então...

– Pouco importa o que ele disse, eu não...

– Já chega! – Ethan as calou num sibilar, obrigando-as a encará-lo. – Não quero ouvir mais uma palavra.

– Escute, Ethan...

– Joelle, pode não se lembrar na maioria das vezes, mas sou seu líder, então não discuta. Vá juntar suas coisas. Você vai conosco.

Após um instante de hesitação, Joly bufou e saiu para atendê-lo. Às suas costas Danielle pigarreou, talvez tentando ocultar seu desconforto.

– Eh... Fez bem... Realmente não é seguro, se ela ficasse aqui, sozinha.

– E tudo bem ela ficar conosco? – inquiriu, encarando-a. – Mesmo depois do que ouviu?

– Como eu disse, não temos tempo para isso. – Dana tentou ser indiferente. – Temos de ficar juntos. E depois do que fez não pode simplesmente deixar que ela fique sozinha.

– Não me sinto responsável por Joly nesse sentido, sim por ser seu líder, amigo, irmão. Não fiz nada que não estivesse de acordo com minha natureza. Devo ser julgado por assediá-la? Talvez... Contudo, não admito ser cobrado ou condenado por atos que não cometi.

– Mas...

– O que disse para Joly, vale para você – Ethan a interrompeu. – Nem mais uma palavra, apenas vá juntar suas coisas.

Dana olhou para a sacola sobre o sofá e então para ele, confusa.

– Já fiz isso. Juntei...

– O suficiente, eu ouvi – contou-a mais uma vez, duramente. – Mas não é o bastante. Quero que pegue tudo. Roupas, sapatos, bolsas, cintos... Enfim, todas as quinquilharias femininas das quais venha a precisar. Caso contrário, sigo o exemplo de nosso inimigo incendiário e acabo de vez com esse lugar. Faço o que for preciso, Danielle, mas não vou deixar que transforme este apartamento em seu refúgio ou *closet* particular.

Assim como Joly, sua noiva também o encarou beligerante antes de dar meia volta e atendê-lo. Com sua atitude talvez a afastasse mais, contudo faria como disse caso ela o desafiasse. Se desavenças surgissem, seriam resolvidas em conjunto. Pouco lhe importava se cedo ou tarde, desde que eles permanecessem sob o mesmo teto. Separar-se dele não era uma opção.

Em poucos minutos deixavam o prédio, em silêncio. Na calçada, esperaram pelo taxi chamado para levá-las a Wall Street uma vez que a moto de Ethan não poderia ser utilizada para tanto. De toda forma, ele tinha outros planos.

– Sigam direto para o NY Offices – ordenou, quando as duas já se acomodavam no veículo amarelo. – Logo estarei com vocês. Tenho algo a fazer.

– Aonde você vai? – Dana indagou, já a deixar o taxi.

– Preciso ver uma coisa – disse Ethan, vagamente.

Ethan não poderia estar falando sério! Dana se exasperou. Ele não podia ficar sozinho, ainda mais para fazer o que pretendia. Ele não disse, mas ela sabia.

– Eu vou com você até Sutton Place – anunciou, decidida.

– Eu também quero ir... – disse Joly, de dentro do taxi.

Ethan não se surpreendia por Danielle saber sua intenção, afinal parecia óbvio. Intrigava-o a insubordinação depois da briga. E não se demoraria. Apenas precisava ver com seus próprios olhos se o apartamento incendiado era de fato o de Seager.

– As duas vão fazer como eu ordenei. Quero que vocês...

– Não pode ir até lá, sozinho – Dana insistiu, aflita.

– Ela tem razão – Joly opinou. – Vamos todos!

– Para onde, afinal? – indagou o taxista.

– Para a Wall Street – disse Ethan, sua voz se sobrepondo às das duas vampiras –, como falei ao contatar sua companhia. – Para Danielle e Joly, ciciou em baixo tom, para que apenas elas o ouvissem. – Isso não está aberto à discussão. Obedeçam.

Joly bufou e se acomodou no assento. Dana quis retrucar, insistir. Afligia-lhe imaginar que Ethan fosse, sozinho, onde poderia encontrar alguns de seus inimigos – se não todos –, mas pelo olhar gélido soube que seria inútil argumentar.

Caso acreditasse que contar o que sabia o freasse, ela o faria. Mas não tinha ilusões. Se delatasse o sócio, seria ainda pior. Sem qualquer palavra, rogando para que seu temor fosse infundado, imitou sua amiga e manteve os olhos fixos à frente.

– Podemos ir para o endereço previamente citado – disse ao taxista, rígida.

Ethan observou o taxi ganhar distância, nada agradecido por voltar a sentir a aflição de sua noiva. Não quanto àquele assunto. Danielle tinha de entender que jamais deixaria que o defendesse de quem quer que fosse. E não era sua intenção se colocar em perigo, pensou ao seguir até a moto. Como dito, queria apenas ver...

Capítulo Nove

O que encontrou em Sutton Place foram dois carros do Corpo de Bombeiros, os próprios bombeiros a zanzar de um lado ao outro, três ambulâncias nas quais os socorridos recebiam oxigênio, alguns policiais, repórteres e muitos, muitos curiosos. Parado à distância, sem desmontar de sua moto, Ethan analisava a cena depois de conferir que o apartamento atingido era o de seu sócio.

A ideia era ir embora, contudo o desejo de ação o levou a apoiar sua moto e seguir até o edifício. Misturou-se à multidão, até estar próximo o bastante. Saltou a faixa de segurança e disfarçadamente se aproximou mais da entrada. Ao olhar em volta, e se assegurar de que não era notado, correu para o saguão, e então, escada acima.

No andar afetado, encontrou apenas quatro bombeiros remexendo no que restou do apartamento. Após ordenar que ignorassem sua presença, Ethan se misturou a eles para analisar seu entorno. O cheiro, insuportável, fora bloqueado ao parar de respirar, contudo nada pôde fazer quanto à fumaça que irritava seus olhos ou ao calor das cinzas.

Ao conferir que o cômodo mais afetado fora a sala, Ethan não tardou em partir. Seager, e até mesmo Raquel poderiam estar misturados ao que antes fora a mobília. Ele não tinha como saber, reconheceu ao montar em sua moto. Resignado, ciente de que ainda teria de esperar para descobrir o destino do casal improvável, Ethan seguiu para seu edifício. Para Danielle, que ainda sentia aflita.

Minutos depois, ao entrar na cobertura, estranhou que não fosse recebido por duas vampiras ansiosas, mas agradeceu aos deuses por ter sido obedecido. Elas ocupavam seus quartos. Ao passar pela porta de sua suíte, Ethan parou por um instante. Queria estar com Danielle o quanto antes, trocar-se, mas sabia que se entrasse, provavelmente demorasse a sair.

Após um expirar profundo, seguiu até o quarto de hóspedes. Depois de dois toques na porta, entrou sem esperar convite. Joly estava sentada sobre a cama, imóvel, a mirar o céu além da janela. A mala trazida continuava intocada sobre a cama. Ali, tudo estava inteiro, mas a cena era tão desoladora quanto a que viu em Sutton Place.

– Como foi lá? – Joly indagou, sem olhá-lo. – Encontrou alguém ou...

– Não vi ninguém – ele disse quando entendeu que ela não terminaria a questão. – Apenas cinzas.

– Como disse, o cerco está se fechando – ele murmurou.

Sim, e ele não se repetiria. Nem mesmo para reafirmar suas palavras de incentivo. Joly sabia o que pensava. De toda forma, não tinha como consolá-la.

– Bem... Seja bem-vinda, Joly. – Seria melhor deixá-la com seus pensamentos. – Mas espero que fique por pouco tempo.

– Eu também – ela murmurou, sem se mover.

– Só o tempo dirá. Por ora, fique à vontade. Com licença.

Ethan se retirou antes de ter uma resposta, preparando-se para o que viria ao entrar em seu quarto. Esperava ser sabatinado, ou ainda, cobrado por ter ido até Joly ao chegar. Ao invés disso, encontrou Danielle dispendo suas roupas no *closet*. Algo banal, caso sua postura rígida não lembrasse a rusga.

– Ouvi o que disse a Joly – falou Dana, sempre a arrumar suas roupas na velocidade humana. – Raquel e Seager podem estar vivos, não?

Não tinha acusação na voz pausada. A aflição se fora após sua chegada, restando a placidez demonstrada em East Side.

– Ou mortos – retrucou antes de marchar para o banheiro. Ele odiava a simulada calma.

Uma vez sozinha, Dana soltou a respiração, aliviada. Ethan não demorou a chegar, estava bem, graças aos deuses! Agora ela apenas rogava para que não passasse por nada parecido. Antes que ele voltasse, contara os minutos, sentada sobre a cama, sozinha.

Poderia tê-lo esperado ao lado de Joly, mas desde sua descoberta, estar junto à francesa era incômodo. O trajeto até o NY Office fora feito em silêncio inquietante, e nele se mantiveram até que chegassem à cobertura e se separassem.

Passado, pensou. Ethan estava de volta, assim como a tensão entre eles. Esta era palpável, como naquele momento, com ele de volta do banho – no qual se livrou do cheiro de fumaça impregnado em suas roupas e cabelo –, recostado no batente, a usar apenas uma toalha branca em torno da cintura.

Dana era obrigada a lutar contra a vontade de admirá-lo. Estava magoada. Aquele desejo insano não poderia ser mais forte do que sua decepção.

– Precisa mesmo ficar aí me olhando? – ela perguntou, após alguns minutos, dando o máximo de sua atenção à blusa que acomodava no cabide.

– Não preciso – respondeu Ethan, lacônico, sem se mover.

Danielle não interrompia a arrumação de suas roupas. De onde estava o vampiro podia ouvir o pulsar descompassado do coração imortal que pouco a pouco aumentou suas batidas.

– Sério, Ethan, se não precisa ficar porque não se veste e vai para outro lugar?

– Não *precisar* não significa que *queria* sair – retrucou, satisfeito em conseguir alguma reação.

– Droga, Ethan! – Dana explodiu, irritada. – Você não...

Ele a interrompeu, sinalizando com o dedo em haste para que se calasse. Então foi até a cama, onde deixou seu celular. Dana o seguiu e se aproximou em tempo de flagrá-lo a ler uma mensagem.

– Parece que suas preces foram atendidas. Vou deixá-la em paz – ele anunciou, antes de passar por ela para vestir-se.

– Aonde vai agora? – Dana perguntou intrigada, seguindo-o de volta ao *closet*. – De quem era a mensagem?

– Não era de Raquel. E como Joly está no quarto ao lado, não tem com o que se preocupar. – Queria provocá-la, contudo, sentindo o crescente alarme, explicou ao ficar pronto: – Vou apenas até meu escritório, Danielle. Volto em breve.

– Sozinho? De novo? – Dana voltou a se alarmar. – Não acho prudente. Vou com você.

– Foi assim da outra vez... – Ethan observou a um passo da porta. – Não me queria por perto, no entanto, quis que a levasse comigo até Sutton Place. Há um minuto estava incomodada com minha presença, agora quer descer comigo. Decida-se, Danielle.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra – retorquiu ela, defensiva. – Só não acho seguro que você fique perambulando por aí, sozinho.

– Sabe muito bem que *perambulo* sozinho desde antes de você nascer – replicou soturno. – Fique aqui.

Sem mais palavras Ethan a deixou e seguiu escada abaixo. Antes que chegasse à porta principal, voltou-se e encarou sua noiva, que o seguia, decidida.

– É uma ordem, Danielle – sibilou, duramente. – Também sei de seu problema em acatá-las, mas já que salientou limites, acredito que haja um para a desobediência. Não quero que desça.

Dana estacou. Permaneceu junto à porta fechada depois da saída de Ethan até que ouvisse a voz de Joly às suas costas.

– Bem-vinda ao time, *ma chère*! – disse ela, antes de se sentar no sofá. – Quando Ethan se lembra de que é nosso líder, ninguém o detém.

– Percebi – Dana suspirou tristemente ao encarar a amiga. – Quem será que o chamou?

– Espero que seja Thomas. Assim eles resolvem logo esse assunto.

Dana analisou a francesa, então comentou:

– Não quero parecer insensível ou injusta... Mas às vezes parece que você não está sentindo muito essa súbita saída de Thomas.

– Por que não estou arrancando meus cabelos um a um? – Joly sustentou o olhar especulativo da jovem vampira. – Estou sentindo, Dana, mas na verdade custo a crer que ele tenha me deixado... Não faz sentido, afinal o erro não é meu.

– Talvez o fato de ter omitido tenha contado – salientou.

– Não importa se omiti ou não, nem assim faz sentido. E também não acredito que ele esteja com Graco ou induzido, como Ethan sugeriu. Thomas não seria tão fraco.

– Graco?! – Dana inquiriu interessada, aproveitando que finalmente conversavam para se sentar ao lado da amiga. – O que ele tem a ver com essa história?

– Ethan levantou a hipótese. Ele acha que Graco está de volta desde o feriado e que pode ter induzido Thomas. Mas eu não acredito nisso.

Naquele momento Dana se arrependeu de não ter se juntado aos dois, no apartamento de Joly. Mais uma vez ficou à margem, sem participação. Antes, quando os via somente como irmãos, não se incomodava, mas agora...

– Bom... – Dana se pôs de pé sem conseguir dosar o mau gênio. – Também espero que seja Thomas quem o espera no escritório.

– Dana, qual o seu problema afinal?

– E ainda pergunta?!

– Sou obrigada a perguntar, pois não vejo motivos para que fique assim. Pelo menos, não por tanto tempo... Thomas reagir dessa forma até combina, mas você? Quando Ethan foi um idiota vocês nem estavam juntos. Não pode considerar traição.

– Não considero – resmungou, então, admitiu: – Ah, considero, sim! Sem contar que a atitude dele foi no mínimo canalha.

– Quanto a isso não posso contestar. Ethan foi mesmo um canalha, *com Thomas*. Seu amigo de infância e irmão de uma vida. Não há por que você se sentir ofendida. Muito menos, traída!

– Ethan sempre disse que se apaixonou por mim desde que me viu no parque, como pôde cantar você?! – Seu peito doía somente por repetir.

– Tudo bem, Dana, inverta a situação... Quando *você* se apaixonou por Ethan?

Desde que o viu, agora não tinha dúvidas. De súbito Dana entendeu o raciocínio de Joly, e não foi capaz de responder.

– Sim, Dana – Joly prosseguiu, captando a resposta no silêncio. – Tenho certeza de que se apaixonou desde que o viu. No entanto, continuou com Paul, foi para cama com ele... Talvez pensando em Ethan... Qual dos dois você estava traindo na ocasião?

– Paul – disse por fim –, afinal eu não reconhecia o que sentia.

– Ethan também não. Nem tinha como, uma vez que nunca sentiu nada parecido. Ele estava confuso e lutava como podia para não se render.

– Por isso a convidou para sua cama? Ia me esquecer, usando a esposa do amigo?

– Na ocasião, para ele, eu era apenas mais uma – Joly rebateu. – A única que disse não, pois saiba que ele tentou te esquecer nos braços de muitas mulheres até que se convencesse de que não conseguiria e passasse a lutar *por você*. E a partir desse dia, não houve outra.

Mesmo enciumada por todas as outras mulheres sem face que foram citadas, Dana já não nutria o ressentimento, mas se prendia ao fato de Joly ter um rosto, ser próxima, íntima.

– Eu entendo o que me diz e reconheço que exagerei, mas ainda me incomoda ele ter tentado levar você para a cama.

– Por que, criatura?! – Joly se impacientou. – Não faz diferença! Naquela noite ele estava tão alterado pela bebida que nem ao menos percebia quem eu era.

– Mas... E se Ethan nutrir algum interesse em você, mesmo mínimo? Não vê? Vocês são lindos. São parceiros, cúmplices... Hoje mesmo eu sobreí depois que a encontramos.

Joly se pôs de pé, visivelmente irritada.

– Como pode alguém dizer tanta bobagem? Não nos fez companhia porque não quis... E no seu apartamento, saiu à francesa para seu quarto, também por opção sua. Quanto a sermos cúmplices e parceiros... Todos nós três o somos, não exclusivamente eu e Ethan. Não exclua Thomas. E desculpe-me se parecer rude, mas quanto à nossa beleza, acho que você, mais do que ninguém, deveria saber que se Ethan desse tanto valor a ela, não teria se apaixonado por uma reles mortal.

Mais uma vez a sinceridade nua e crua de Joly a atingia como um raio. Poderia falar demais como Ethan tantas vezes reclamou – ser rude, sim, e até maldosa às vezes –, mas sempre tinha razão. Dana reconheceu que esteve cega e esquecida de todas as demonstrações de amor de seu vampiro.

– Eu estraguei tudo, não foi? – indagou, envergonhada. Era uma idiota!

– Impossível! Ethan a ama demais para se incomodar com uma infantilidade dessas.

– Infantilidade? – Dana uniu as sobrancelhas.

– E ainda acrescento uma insegurança absurda. Acaso não viu como está?... Sempre teve seus atrativos e agora é linda como qualquer um de nós.

– Obrigada!

– Sim, linda mais ainda infantil... E sua infantilidade se soma a de Ethan, pois lamento informar que posso ouvi-los e aquela discussão de “sai do quarto” versus “não saio” é típico de duas crianças birrentas.

– Ethan consegue ser bem irritante às vezes... – Dana declarou a guisa de desculpas, encarando a amiga, sem nenhum rancor.

– Como eu disse antes, bem-vinda ao time. E espero que se acostume, pois está fadada a conviver com ele por muito tempo ainda... Está preparada?

– Não – Dana admitiu, agradecida pela amizade incondicional, voltando a lhe depositar total confiança. Antes que Joly comentasse sua negativa, acrescentou: – Mas quem quer estar preparada para esse carrossel de emoções que será a vida ao lado de Ethan McCain?

– Carrossel?! – Joly se afastou, olhando-a entre incrédula e divertida. – Carrossel é minha vida ao lado de Thomas... A sua está mais para montanha-russa. E a bordo de um carrinho sem travas de segurança, sem freio.

Depois de compartilharem um riso leve, ambas silenciaram, repentinamente, como se tivessem dividido o mesmo pensamento. Coube a Dana consolar a amiga:

– Mesmo antes eu falei a verdade, Joly... Espero mesmo que seja Thomas que esteja agora com Ethan no escritório. E que tudo se resolva.

– Também espero.

Livre do ciúme, a impaciência e a curiosidade vieram fortes. Se Thomas estivesse com Ethan, talvez fosse acertado se juntar a eles, demonstrar apoio. Deixando a ideia ganhar força, Dana se afastou um passo na direção da porta.

– Eu acho que vou até lá conferir – anunciou. – Quer ir comigo?

– Não sei, Dana... Se Thomas está com Ethan, acho que devem conversar a sós até que se entendam.

– E se Thomas estiver mesmo induzido? – Dana indagou ao lhe ocorrer a possibilidade.

Joly não respondeu, apenas acompanhou o olhar de Dana em direção a porta.

∞

Ethan desceu pela escada de emergência, acalmando seu espírito agitado pelos últimos acontecimentos. Antes que chegasse ao andar da McCain & Associated, pôde sentir o cheiro

de seu sócio. Como especificado no SMS, seguiu direto para a sala ao final do corredor, onde era esperado.

Encontrou-o de costas, a olhar a cidade disposta aos seus pés pela parede de vidro. Seus cabelos estavam úmidos, vestia-se informalmente: calça *jeans* e jaqueta de couro.

– Andrew, boa tarde!

Seu sócio se voltou e o encarou, esboçando um sorriso incerto.

– Boa tarde! – cumprimentou-o por fim, aproximando-se com a mão estendida.

– Por onde andou? – Ethan o questionou com as mãos ainda unidas, sem rodeios, escrutinando-lhe o rosto eternamente jovem.

O sócio se libertou e passou uma das mãos pelos cabelos antes de admitir, sustentando-lhe o olhar:

– Fui atrás da mulher que amo.

Samantha! Dissimulando sua súbita inquietação, Ethan perguntou mesmo sabendo a resposta:

– E a encontrou?

– Infelizmente, não... – Andrew lhe indicou uma cadeira. – Sente-se.

Ethan o avaliou por alguns segundos antes de atendê-lo. Alheio a sua avaliação, Andrew contornou a própria mesa e se sentou.

– Pensei que desejasse esquecê-la depois do que aconteceu – comentou Ethan.

– Eu disse que não a perdoaria, mas... Mesmo parecendo estranho para alguém independente como você, acho que pode entender... Não consigo viver sem aquela que amo... Se ela me deixar por qualquer motivo, por uma falta minha ou dela, sempre irei procurá-la. Não importando o tempo que leve para tê-la de volta.

– Uma pena que não a tenha encontrado – comentou Ethan, aéreo. De súbito, as palavras de seu sócio soaram conhecidas, mas o vampiro não atinou o que poderia ser.

Andrew assentiu.

– Bem – disse –, mas não vim para falar de meus problemas pessoais, sim para me desculpar por ter me ausentado sem avisá-lo. Principalmente com tudo que vem acontecendo esses dias... Vi nos jornais o que aconteceu no feriado, por isso voltei.

– Ficamos todos preocupados. – Ethan o avaliava. – Ainda mais por aqueles intrusos estarem cada vez mais próximos.

– Imagino. – Andrew se mostrou culpado. – Como disse, não era minha intenção sair sem uma explicação, mas você estava fora. Também saiu numa viagem misteriosa, sem se despedir.

Uma breve e curta viagem ao inferno, Ethan pensou. Sem que pudesse evitar seu peito protestou pela briga daquela manhã. Jamais se acostumaria aos desentendimentos com Danielle. Quando voltou a encarar seu sócio, pareceu que era igualmente avaliado, mas num instante a impressão se esvaiu.

– Poderia ter dito a Thomas onde estava indo – Ethan retrucou, deixando passar o comentário sobre *sua* falta. – Ao menos não ficaríamos preocupados nesses dias de caos.

– Não me ocorreu na ocasião – Andrew admitiu. – Agora estou de volta. Ainda assim era minha intenção vir somente amanhã, mas depois do que vi no noticiário tive de procurá-lo. Soube que incendiaram o apartamento de Seager?

– Vi na TV... Estive lá, mas não tinha nada que pudesse fazer.

– Eu também passei em frente ao edifício antes de vir para cá... A fumaça atrapalha nosso faro... Você sabe quem pode ter feito tal coisa?

– Não faço à mínima ideia – reconheceu com cautela –, mas acredito que tenha sido o mesmo cretino que vem me atormentado desde o final de setembro.

– Que você ainda não conhece, eu suponho – comentou com evidente interesse.

Enquanto o encarava, Ethan acreditou ter visto o mesmo brilho breve e hostil da manhã seguinte ao desaparecimento de Samantha. Poderia ser sua mente desconfiada lhe pregando peças, mas resolveu testá-lo:

– Para dizer a verdade eu sei, ainda que não o conheça pessoalmente. Graco Demini.

– Graco Demini... – Andrew repetiu como se o repassasse mentalmente então maneou a cabeça. – Não, nunca ouvi falar.

– Eu também não, até a semana passada – Ethan esclareceu. Instigado ao reparar a leve mudança no ritmo do coração de seu sócio, acrescentou: – Mas acho que não perdemos grande coisa. Esse Graco não passa de um vampiro velho e recalcado, covarde. Esta é a única razão para evitar um confronto direto comigo.

– Então já não o suporto! – Andrew declarou, esboçando novo sorriso.

– Não preciso dizer que eu o detesto, não é mesmo?

Andrew respirou profundamente, pôs-se de pé e voltou a olhar a cidade. Ethan permaneceu onde estava, em alerta.

– Não, não precisa dizer. – Andrew se voltou para encará-lo. – Como o descobriu?

– Como descobri não importa – Ethan rejeitou a pergunta. – Agora precisamos saber onde encontrá-lo.

– Estou aqui para ajudar... E Thomas, onde está? Fui ao seu apartamento e não o encontrei. Nem a Joly.

– Não nos encontramos hoje – disse apenas.

– Entendo... Então, me diga ao menos o que aconteceu no Central Parque na noite do feriado... Sei que foi outro ataque.

– Sim, foi um ataque. – Ethan considerou que compartilhar os fatos não representaria exposição, nem confiança.

– Por que isso, Ethan? – Andrew perguntou passando a andar de um lado ao outro.

– Bom, a história é longa então vou simplificá-la... – Ethan não o perdia de vista, vigilante.
– Descobri que Graco tem uma antiga pendenga comigo. E, em vez de vir resolvê-la, ele fica se valendo de joguinhos, usando outros desafetos.

– Ah, sim? – Andrew se mostrou interessado. – Outros desafetos?

– Sua última jogada foi transformar Paul porque sabia de nossa desavença.

– Ah... Eu me lembro da briga entre vocês dois em seu escritório. Você lhe tomou a noiva, não foi isso?

– Isso. – Ethan lhe sustentava o olhar e pôde perceber o brilho indecifrável, que cruzou os olhos azuis.

– Então já imagino o que aconteceu. Vocês se enfrentaram no parque e... Você o matou? – Ethan assentiu. – Fez bem! Tudo o que não precisamos é de mais um recém-transformado raivoso, principalmente um que não respeita os mais velhos.

– Mais um? – Ethan estranhou.

– Foi uma forma de dizer. – Andrew deu de ombros, desconversando. – Bem, você nos livrou dele. E a noiva? – perguntou com uma piscadela cúmplice. – Valeu a pena essa quase exposição e o aborrecimento?

– Acredito que tenha sentido um novo cheiro somado ao meu, não? – Ethan indagou, sem ocultar seu desagrado pela falha de Andrew ao simular desconhecer o que claramente sabia.

– Sim, eu senti, mas... Não tinha como saber que fosse dela. Então, além de tomá-la para si, transformou-a. Não imaginei que estivesse tão interessado.

– Bem, perdoe-me, Andrew, mas esse detalhe, não é da sua conta!

Andrew prendeu a respiração e assumiu uma postura rígida, mas não respondeu à altura, como sua atitude sugeriu que faria. Em vez disso pediu:

– Então me diga algo que talvez seja da minha conta. Diga-me como descobriu todas essas coisas e o nome do vampiro.

– Andrew?!

Ethan se pôs de pé de imediato ao ouvir a voz de Joly, não antes de flagrar o olhar que Andrew lançou à porta. Ao imitá-lo, pôde ver Danielle logo atrás da amiga. Seu aborrecimento pela desobediência foi agravado ao notar o olhar que ela mantinha fixo em seu sócio.

Nada bom!

– Por onde andou todo esse tempo? – Joly perguntou intrigada.

Ethan sentiu a apreensão de sua noiva, contudo não poderia tentar entendê-la naquele instante. Obrigando-se a desviar o olhar, voltou sua atenção ao sócio.

– Fui atrás de Samantha – Andrew repetiu a explicação, lacônico, sem olhá-la.

Sua atenção, curiosa e indisfarçada, estava voltada para a nova vampira, mediando-a como se tentasse decorar a imagem dela, linda no vestido azul escolhido aquela manhã, que deixava seus membros expostos. Até mesmo as botas de saltos altos entraram na inspeção.

Nada, nada bom!

– Essa é Danielle, não? – perguntou Andrew, aproximando-se. – O pomo da discórdia.

– Discórdia esta que você bem sabe como findou – Ethan salientou, prostrando-se ao lado de sua noiva, tentando domar seu ciúme.

– Vampiros lutando por amor sempre termina em morte – Andrew profetizou.

Ao se calar, encontrava-se diante de Danielle que, defensiva, colocou-se entre Ethan e ele. Sem se importar com a manobra, antes que qualquer um pudesse esboçar alguma reação, Andrew lhe segurou a mão e a beijou.

– Danielle, bem-vinda.

– Obrigada! – Dana libertou sua mão, incomodada.

– Andrew, o que você...? – Ethan sequer concluiu a frase antes de inverter as posições, colocando a noiva às suas costas, possessivamente, tamanha era a exasperação que o dominava.

– Ethan, calma! – Andrew pediu com jovialidade e ergueu as mãos ao se afastar alguns passos, de costas. – Só a cumprimentei.

– Que não se repita – Ethan ciciou.

– Entendo-o perfeitamente. – O sócio não dava mostras de se importar com a tensão que gerou. Ainda com expressão despreocupada, curvou-se, reverente. – E devo parabenizá-lo pelo compromisso e pela percepção. Demorou a encontrar uma companheira, mas ao fazê-lo, soube reconhecer o potencial e escolheu a melhor.

– Evidente! – Ethan retrucou, empertigado.

Enciumado, considerou que o sócio não precisava proferir o óbvio. E não houve percepção alguma, ela sempre fora sua metade. Talvez a prova estivesse em suas peles. Nos dragões similares que os uniam: para o bem ou para o mal.

– Perdoe-me! – Andrew pediu de súbito e recuou mais um passo, agora em direção à porta. – Acho que vou nessa. Vou tentar encontrar Seager. Saber se está vivo e bem. Qualquer coisa que descobrir, eu aviso. Conte sempre comigo... Boa tarde a todos.

Sem esperar por respostas, Andrew se foi, deixando os três vampiros atônitos. Ethan quis segui-lo, contudo Danielle o deteve, segurando-o pelo braço. O vampiro olhou para a mão que o detinha. Quando sua noiva o soltou, encarou-a, inquiridor.

– O que foi isso? – A pergunta de Joly chamou a atenção do vampiro, adiando seu iminente interrogatório. – Qual a justificativa que Andrew deu para o sumiço?

Ethan se obrigou a encará-la antes de dizer:

– A mesma que disse a você. Que estava atrás de Samantha.

Era Mentira, Dana pensou, tentando se recuperar do choque que aquele breve encontro lhe causou. Custava a crer que Andrew, Graco Demini, esteve todo aquele tempo com Ethan. Deveria alertá-lo, contudo as palavras lhe faltavam. O mesmo não se deu com seus pensamentos. Àquela altura, Graco sabia que ela conhecia sua identidade assim como confirmou a ignorância de Ethan e Joly.

– Procurou por Samantha todo esse tempo? – Joly indagou ainda desconfiada.

– Até que se prove o contrário, sim – Ethan respondeu, porém a encarar Danielle.

– Não achou estranho? – Joly insistiu.

– Sim e não – Ethan respondeu, voltando a olhá-la. – Faz sentido ele ir atrás de Samantha, afinal acredita que ela voltou para Midland. Como não a encontrou por lá pode ter ido a outros lugares e isso lhe tomaria tempo.

Dana podia acabar com a farsa, mas permanecia travada.

– Eu acho que poderíamos subir, não? – sugeriu. – Seu sócio já foi embora, então...

– Se não se importarem – disse Joly a seguir para a porta –, eu prefiro ficar por aqui e colocar meu serviço em dia.

– Não! – Dana tentou detê-la. Quando Ethan a encarou, ela arrematou: – Acho que devemos ficar juntos, afinal, aqui é território livre, não?

– Acho que até mesmo onde moramos o seja, Danielle – Ethan observou. – Reparou que hoje pôde entrar no apartamento de Joly sem ser convidada.

– Talvez por ter entrado antes... – ela arriscou. Não deixaria a amiga para trás, sozinha.

– Não – Ethan refutou. – Na ocasião de minha transformação eu não pude entrar na casa de Thomas ao procurá-lo. E, pode-se dizer que eu cresci na Mansão Miller.

– Certo... – A informação, sem dúvida, era um detalhe relevante sobre sua nova raça. – A restrição existe, pois não consegui entrar no apartamento de Erin sem um convite.

– Evidente que existe – Ethan recordou todas às vezes que esbarrou na porta envidraçada de certa sacada. De súbito, algo lhe ocorreu. Aquele era o detalhe determinante, tinha de ser, pensou convicto, antes de disparar: – Humanos! A restrição existe quando há humanos em imóveis particulares.

– Será isso? – Joly uniu as sobrancelhas. Dana nada disse, apenas esperou pela explicação do vampiro.

– Tem de ser – ele reiterou. – Nunca entramos em lugares com humanos sem um convite sincero, no entanto, entrei no apartamento de Paul e no de Seager sem maiores problemas. E hoje Danielle entrou no seu.

– *Très intéressant!* – exclamou Joly.

Interessante e aterrador, Dana pensou. Tudo indicava que Ethan estivesse certo, o que confirmava que os vampiros mais velhos sempre estiveram sob real e total perigo. Ao procurar pelos olhos verdes e encontrá-los escurecidos, ela soube que Ethan seguira sua linha de raciocínio.

– Seja como for, você tem razão – disse ele, sustentando-lhe o olhar daquela forma intensa, intimidadora – Vamos ficar juntos.

O contentamento de Dana durou poucos segundos, até que ele concluísse:

– Mas aqui. Também quero colocar algum trabalho em dia.

Melhor seria não contestar. Resignada, Dana seguiu seu noivo e a amiga. Ao chegarem à antessala do escritório de Ethan, ela se preparou para fazer companhia a Joly, contudo ele a chamou, em tom que não dava margem a recusas:

– Você vem comigo.

Enquanto mantinha a porta aberta, Ethan pôde flagrar a troca de olhares significativos entre as duas. Ao que parecia, tinham voltado às boas. Mas no momento não era a amizade restaurada que o consternava.

– O que foi aquilo no escritório de Andrew, Danielle? – indagou ao fechar a porta. Sem dar-lhe tempo de responder, emendou: – Por que se colocou entre nós? Por que não me deixou segui-lo?

– Ei... Por que o interrogatório? – Dana se colocou na defensiva, sustentando o olhar enfezado. – Foi você mesmo quem disse para não confiar nele, esqueceu?

– Não... Não esqueci – ciciou, aborrecido. A reação exagerada não poderia ser apenas por sua recomendação.

– Se não esqueceu, pode entender minha reação – ela comentou, seguindo-o com o olhar quando Ethan foi se servir de uísque.

– Está servida? – ele ofereceu, mostrando-lhe o copo com o líquido âmbar.

– Não, obrigado!

O vampiro tomou seu primeiro gole e indicou o sofá para sua noiva, antes que ele se sentasse na sua cadeira. Dana sentia que sua desculpa não fora aceita. Preparou-se para o confronto, entretanto, fora brindada com o silêncio. Ethan apenas bebia lentamente, impondo sua presença marcante que tornava impossível a tarefa de ignorá-lo.

À medida que os minutos corriam, Dana passou a preferir o interrogatório. A falta de palavras, de ação – além do bebericar – e o olhar insistente, enervavam-na.

Enquanto a observava, Ethan sentia a inquietação feminina aumentar gradativamente. Sabia que daquela vez era causada única e exclusivamente por sua análise. Ele descobria que, além da beleza, do apelo sexual e de seu senso aguçado de proteção, Danielle adquiriu uma nova característica nada tranquilizadora. Se antes era voluntariosa e desafiadora, agora possuía uma determinação ferrenha. Quando a questionou, já sabia a resposta.

– Vai me contar o que está acontecendo? Por que está agindo de forma estranha nas últimas horas?

– Não – ela confirmou seu pensamento, endossando a negativa com um manear de cabeça.

Resignado, Ethan ainda a encarou por um minuto inteiro antes de sorver todo o conteúdo de seu copo e respirar profundamente, tentado a voltar sua palavra atrás e induzi-la. No entanto, ao recorrer a tal ação, não conseguira seu intento, apenas se colocou na situação na qual se encontrava agora. Melhor se conter, determinou, ainda que odiasse.

Talvez bastasse esperar a noite, quando poderia conversar com o subconsciente feminino, ele considerou, esperançoso. Qualquer coisa que lhe desse uma indicação do que acontecia.

– Sente-se aqui – Ethan pediu, indicando as cadeiras à frente de sua mesa.

– Escute – disse Dana ao atendê-lo. – Posso te dizer que tenho minhas cismas e prometo que quando souber como *explicá-las* sem ser leviana eu te conto, está bem assim?

– Não. Não está bem assim, mas não vou insistir.

– Obrigada!

– Bem, já que está aqui... – Ethan achou por bem, mudar de assunto. Abriu sua gaveta, pegou o envelope que Joly lhe entregou dias atrás e o estendeu para ela. – Queria dar-lhe isto. São os cartões dos quais lhe falei.

Danielle vasculhou o interior do envelope em silêncio. Ethan imaginara tantas formas de presenteá-la, as preferidas eram as que ele lhe entregava os cartões – e se possível as chaves de um novo carro – depois de ter feito amor com ela, na intimidade de seu quarto ou até mesmo ali, em seu escritório. Jamais imaginou que o fizesse enquanto estavam brigados.

Consolava-o saber que de uma forma ou de outra a reação seria basicamente a mesma, pois Danielle dera mostras de que não se deixaria deslumbrar por tudo que sua fortuna pudesse lhe proporcionar. A prova estava nas sobrancelhas unidas.

– Ethan, isso é... Muito!

– Nada se comparado ao que possuímos.

– É muito – insistiu. – E são tantos cartões... Tem um aqui de um banco que nem conheço. É suíço?

– Sim... Não vai fazer a desfeita de recusá-los, não é? – inquiriu entre expectante e soturno. – Não por causa dessa briga sem fundamento. Você já tinha concordado.

– Não. É demais, mas não vou recusar. E não diga que nossa briga não tem fundamento.

Estava agradecida pela generosidade de Ethan, entendera sua conduta, entretanto era inadmissível que ele agisse como se estivesse com a razão. Alterado pelo álcool ou não, confuso ou não, ele traiu a confiança de seus amigos. Portanto, Joly agora estava sozinha.

– Sim, Joly está sozinha – ele comentou secamente, como se lesse seu pensamento. – Mas parece conformada agora que, ao que pude notar, voltaram à velha naturalidade. Imagino que conversaram e que ela explicou como tudo se deu. Então, ainda acredita que haja fundamento?

Dana se reacomodou, incomodada com a intensidade das palavras, mas não se repetiria.

– Danielle, eu vou dizer isso pela última vez – ele prosseguiu. – Nada aconteceu. Nada que lhe diga respeito, ao menos. Não cometi falta alguma contra você então não aceito que me condene. Se você pôde entender o que ouviu ao ponto de desarmar-se quanto a Joly, por que não comigo?

Era o que Dana queria. Ir até ele e assegurar que o entendia, contudo, não se moveu. Ethan não desejava apenas resolver aquele impasse. Conhecia-o bem. Quando a tocasse, tentaria seduzi-la para saber o que queria e, apesar de sua determinação, ela não confiava em si mesma para se manter calada. Conseguira detê-lo minutos atrás pela estranheza, mas caso revelasse suas suspeitas, nada o impediria de caçar Andrew no segundo seguinte. Não tinha como ceder e a falta recente, o desentendimento, era a desculpa perfeita.

– Sei que não me traiu – disse ao se levantar –, mas esse não foi o único problema. Tente entender.

– Não, mas vou respeitar seu comportamento.

– Obrigada! – e indicando o envelope ela acrescentou, sinceramente: – Por tudo! Acho melhor eu ficar com Joly.

– Fique comigo – ele pediu. – Enquanto revejo alguns processos você pode se ocupar em meu computador até que seja hora de sairmos. Talvez queira escrever um pouco... Não vou perturbá-la. Apenas... fique.

Aquela era a segunda vez que Ethan baixava a guarda, demonstrando certa fragilidade. Dana assentiu, incapaz de proferir uma única palavra. Seu noivo se levantou e foi até ela. Não para tocá-la como acreditou – e temeu –, mas para pegar uma das cadeiras e colocá-la ao lado da sua, em frente ao computador.

Ainda em silêncio, Dana deixou o envelope de lado e o imitou, sentando-se em seguida. Ainda preferia manter-se longe, mas se ficar era o desejo de Ethan, nem que se rasgasse inteira internamente para não saltar sobre ele, não o deixaria sozinho.

Capítulo Dez

Mesmo com o silêncio, quebrado apenas pelo esporádico digitar dela ou o mover de páginas de seus processos, Ethan pôde apreciar a companhia de Danielle. Tentou esquecer a omissão, a tensão, e também relevou quando ela, discretamente, virou o monitor de forma que ele não tivesse uma visão completa da tela. Um cuidado esperado, visto que ela o repreendeu ao bisbilhotar a elaboração de seu e-mail à mãe, quando estavam na casa infernal.

Aproveitando a trégua, ele dedicou toda sua atenção ao caso Carlsson. Não poderia deixar que Demini e sua corja arruinassem a reputação que cuidadosamente criou para si, mesmo que não fosse fácil. Nada fácil, na verdade. Em especial sem a presença de Thomas, mas tentaria.

Rogava que uma possível volta de Graco pusesse freio em Betânia, afinal, o segredo era de todos e mesmo que seu rival fosse um cretino covarde, não deveria arriscar expor sua real condição para os mortais. Ele contava com essa reserva para manter a sanidade no dia seguinte, quando Danielle estaria livre para retornar à redação. Ela, assim como ele, precisava assumir sua vida entre os humanos.

Olhando-a de esguelha, Ethan recordou o quanto ela era forte, ágil e veloz. Depois de dar-lhe algumas instruções Danielle ficaria bem. Ele talvez se tornasse um inútil, mas ela ficaria bem.

Dana, por seu lado, mantinha sua postura rígida. Tarefa nada fácil com Ethan a olhando de minuto a minuto. Conseguiu certo descanso quando o sentiu envolvido no estudo dos documentos que segurava displicentemente diante de si. Com o vampiro no modo advogado, ela se sentiu mais à vontade para fechar a página do Word e se aventurar pelo navegador da internet.

Enquanto tentava escrever qualquer coisa que lhe viesse à mente uma ideia lhe ocorreu e estava ansiosa para colocá-la em prática. Depois de lançar um olhar furtivo a Ethan, ela digitou na caixa de pesquisa: **Lendas Maldições Vampiros**.

De imediato surgiram muitos resultados, desanimando-a. Encontrar algo confiável seria como procurar agulha num palheiro em tantos sites e blogs. Dana se aventurou a seguir em frente por acreditar em sua intuição. Se vampiros viviam à sombra de seu próprio mito, porque suas regras e maldições também não poderiam estar escondidas no óbvio?

Dana chegou a essa conclusão após remoer a atitude do vampiro embusteiro. Ainda não sabia tudo, mas estava claro que não se tratava de uma *apropriação indevida de imagem*. Graco não poderia se passar por Andrew nos últimos dias sem que Ethan reconhecesse o cheiro.

“Cada odor é único”, seu criador dissera. Assim sendo, eles estavam juntos há anos e se o rival ainda não levou seu plano adiante era por temer a tal maldição citada por Betânia. Recordar esse detalhe lhe trouxe certo alívio.

A droga toda, Dana pensou desanimada com a quantidade de bobagem a cada site que abria, era que Betânia não se prendia a nada. Talvez, apenas à sua obediência ao líder. Mas, até quando?

Reprimindo um suspiro exasperado para não atrair a atenção de Ethan sobre si, Dana mudou as palavras-chaves: **Vampiros Rivals Restrição**

Dessa vez, apesar da quantidade de sites sugeridos, os cinco primeiros enunciados eram mais interessantes. Dana abriu o primeiro e leu a matéria completa. Não se animou com o conteúdo superficial. O segundo e o terceiro deixaram a mesma impressão. Ela começava a duvidar de sua ideia, quando algo lhe chamou a atenção durante a leitura da matéria disponibilizada em PDF, intitulada: **Escolhidos - A Nobreza Imortal**

O início trazia um apanhado de tudo o que Dana já conhecia sobre vampiros. O que a atraía veio a seguir:

Guiados por suas vontades exacerbadas, vampiros duelam entre si desde os primórdios dos tempos, seja pela supremacia absoluta, passionalidade ou domínio territorial. Tais disputas entre vampiros de classes inferiores não trazem maiores problemas para o vencedor. Este passa a dominar a área requerida, se torna líder supremo da região escolhida ou toma a mulher desejada de seu rival aniquilado. Contudo, contendidas entre os escolhidos não trazem glória ao vencedor.

Escolhidos são os descendentes de Vlad Tepes, cujos corpos carregam a marca de sua estirpe. Todos pertencem à linhagem Draco. O parentesco indireto confere aos imortais escolhidos as mesmas características nefandas e cruéis do príncipe empalador da Romênia, assim como seu espírito de liderança. É raro um desses seres se curvarem perante outro, tornando inviável a convivência pacífica. Ainda assim, **vampiros rivais** de uma mesma casta não podem duelar entre si por qualquer razão. Há uma **restrição**, uma maldição, uma lenda. Como queira nomear o leitor. Aquele que destrói seu semelhante é igualmente destruído.*

**vampiros não se reproduzem, o parentesco se dá pela marca revelada*

– Oh!... – Dana não pôde conter seu assombro.

– Danielle, o que houve?

Dana passou o cursor sobre o ícone que fecharia a página, enquanto elaborava uma desculpa qualquer, e desistiu no último segundo. Bastava uma omissão quando entendia o quanto era incômodo para Ethan nada saber.

– Acho que descobri sobre o que Betânia se referia ao comentar as tais restrições que impediam Graco de te atacar – revelou.

– Como? – Ethan a encarou com incredulidade ao depositar seus papéis sobre a mesa.

– Pesquisei na internet – respondeu incerta, sentindo-se tola pela simplicidade da iniciativa.

Ethan não se moveu. Apenas a encarou enquanto digería a informação. Ele vinha de outro tempo, estava habituado à tecnologia e até utilizava a internet para algumas pesquisas, mas sabia bem que entre as disponibilidades do mundo virtual tinha muito conteúdo descartável. Não era possível que algo relevante sobre sua disputa com Demini pudesse ser explicada num site especulativo.

– Danielle, eu não acho que deva acreditar no que leu – disse, pacientemente.

A vampira bufou exasperada, abandonando o breve embaraço.

– Por favor, não seja cético – pediu, voltando o monitor para que ele mesmo pudesse ler a matéria. – Veja o que diz aqui.

Não era necessário, ainda assim Ethan eliminou a distância entre as duas cadeiras e se debruçou sobre Dana, aproximando-se do monitor. Depois de um tempo que ela considerou demasiado, ele disse sem se afastar:

– Pouco provável.

– Como pode dizer isso?! – Dana se arrependeu no instante em que se voltou para encará-lo. Seus rostos estavam muito próximos. Afastando-se minimamente, inquiriu: – Leu com atenção? Tem certeza?

– Tenho e não acredito em nada do que está escrito aí – respondeu, mirando a boca rósea, rígida. – Nossa vida não estaria exposta na internet.

– Acho que você não está nem prestando atenção ao que diz – ela retrucou incapaz de se mover, acuada pela aproximação invasiva. – Há muito tempo histórias de criaturas imortais circulam entre nós. Temos livros, gibis, vários filmes e até mesmo séries de TV. Tudo exposto como sendo apenas contos de terror, certo? No entanto, você e eu estamos aqui.

Separados! Ele acrescentou. Contrafeito, Ethan espiou longamente e voltou a olhar a matéria. Danielle tinha razão em sua última colocação, contudo, não tinha como aquiescer por completo.

– Muita coisa descrita é fantasiosa – retrucou. – Agora até brilhamos quando somos expostos ao sol!

Pela primeira vez depois do desentendimento, Dana riu, divertida. Ao ver o filme inspirado na saga, ela considerou bem interessante quando o vampiro fictício mostrou à namorada aquela característica de sua espécie, mas não admitiria a um vampiro real, aparentemente, de fato ofendido.

– Tudo bem! – disse conciliadora. – A autora pode ter exagerado, mas acertou sobre a alimentação com animais e o fato de não nos desintegrarmos à luz do sol. Em meio às teorias infundadas muitas se aproximam da verdade. E esse pode ser o caso – concluiu, apontando o monitor. – Acho que se você...

Ethan não a ouvia. Não conseguiu prestar a mínima atenção no que dizia aqueles lábios desde que emitiram um riso breve. O que aconteceria se roubasse um beijo quando estavam brigados? Considerou as possibilidades.

– Ethan? Ouviu o que eu disse?

– Não – admitiu, tentando manter o foco. – O que disse?

– Perguntei se prestou atenção ao trecho que cita os corpos que carregam a marca de sua estirpe? O símbolo da família Tepes? Draco?... Essa pode ser uma alusão à sua pele marcada. Ao dragão!

Ainda lhe parecia fantástico, entretanto Ethan a encarou quando outra voz fez coro com a dela. As palavras exatas de Raquel foram:

“Espantei-me com a coincidência em encontrá-lo e me admirei que alguém que carregava a marca de um dragão se equiparasse aos vampiros sem estirpe.”

Abandonando sua má vontade – e a vontade de roubar um beijo –, Ethan franziu o cenho e voltou a se aproximar, agora interessado.

– Essa matéria termina sem muitas explicações. Tente encontrar mais informações sobre esses vampiros de estirpe.

Agradecida pela troca de postura predatória, e animada por pesquisarem juntos, Dana girou o monitor e o posicionou em um ângulo que poderia ser visto pelos dois antes que digitasse: **Vampiros de estirpe**

O resultado se mostrou insatisfatório, nada relevante.

– Tente algo relacionado à nobreza.

Ao ouvir o pedido dito em seu ouvido, Dana se deu conta de que Ethan mais uma vez se apoiava no braço de sua cadeira. Engolindo em seco, ela limpou a caixa de pesquisa e arriscou: **Nobreza Vampiro Hierarquia**

Além de repetir a matéria que chamou a atenção de Danielle, nenhum resultado trouxe algo que agregasse informação à situação com seus rivais. Logo o vampiro se desinteressou da tela e dos incontáveis sites que anunciavam um vasto conhecimento sobre sua espécie, sem trazer nada novo.

Interessante eram as pontas daquele cabelo de doce, macio e lustroso, que agora rolava disfarçadamente entre seus dedos, temeroso de que a sua vampira notasse. Quando ela juntou os fios num rabo de cavalo grosseiro – sem desprender os olhos do monitor – e o

colocou todo para o lado oposto ao seu, Ethan maldisse a imortalidade que os deixava tão sensíveis. Nunca mais poderia se aproximar sorrateiramente ou surpreendê-la. Inferno!

Após alguns minutos, com Danielle engajada em sua incessante procura, Ethan passou a analisar a curva do pescoço que ela ficara exposta. Nada poderia fazer contra a atração que sentia. Era apenas um vampiro apaixonado, padecendo há horas de abstinência sem sua droga predileta, reconheceu, aproximando-se um pouco mais para cheirá-la.

– Está me distraindo, Ethan – disse ela, ainda procurando mais detalhes. – Talvez deva voltar ao seu processo. Quando encontrar algo novo eu te aviso.

– Estou bem onde estou – ele assegurou junto ao seu ouvido, satisfeito com o tremor na voz, sentindo-se presenteado ao notar o odor que atiçaria seus sentidos primários, no entanto os refreou. Não seria inteligente atacá-la. – Não vou atrapalhá-la – prometeu. – Apenas continue... Embora eu comece a achar que não tem nada aí.

– Vamos encontrar, meu amor, eu acredito! – encorajou-o, enquanto digitava outras palavras na barra de pesquisa.

Ethan estremeceu ante o ato falho. Ouvir que era *seu amor*, naquele instante lhe bastava. Não era definitivo. Logo Danielle o perdoaria e estaria de volta, sem segredos para afastá-los. Tomando por base essa certeza, Ethan se levantou para que sua noiva trabalhasse em paz. Depois de servir-se de uma dose de uísque, foi até a imensa janela de seu escritório e olhou para o horizonte. O domingo chegava ao fim, nublado, triste.

Interessante como Ethan estar distante não a deixava mais confortável do que quando estava ao seu lado, mexendo em seu cabelo ou cheirando-a discretamente, Dana considerou. Se encontrasse algo capaz de eliminar as dúvidas talvez nem fosse preciso juntar provas que endossassem sua descoberta e pudesse, finalmente, contar-lhe o que sabia sobre Andrew – e dissipar a tensão.

Precisava que seu noivo desse crédito à matéria. Agora que sabia sobre a maldição não queria correr o risco de ele se lançar sobre Andrew e provocar a própria morte com suas ações intempestivas. O problema era que não conseguia encontrar nada que confirmasse sua crença.

– Não há nada, não é? – Ethan perguntou sem se voltar, novamente como se lesse seu pensamento.

– Não – admitiu, desanimada.

– Valeu sua tentativa – ele disse já às suas costas. Quando Dana se retesou ao sentir uma de suas mãos em seu ombro, Ethan perguntou sério: – Não posso nem ao menos tocá-la?

– Não é isso... É que... Eu preciso de um tempo, por favor.

– Certo! – Ethan retrucou rispidamente, afastando-se.

Dana percebeu que a trégua terminara, mas não se abateu. Era preciso deixá-lo em segurança e se para tanto tivesse de se manter distante, o faria. Além do mais, Ethan também precisava reconhecer seus erros. Desde a manhã adquiriu ares de senhor da razão, nada condizente com a verdade.

Com um suspiro profundo, Dana decidiu cuidar de um assunto por vez e no momento era preciso saber mais sobre os tais escolhidos. Deixando de lado a sensação de queimação em seu ombro e o humor alterado de seu noivo, ela voltou à única matéria que lhe interessou e que se repetiu por três vezes durante sua pesquisa. Depois de lê-la mais uma vez, enquanto Ethan zanzava de um lado ao outro, cismando consigo mesmo, ela passou a analisar os detalhes da página.

– Quem escreveu a matéria sobre escolhidos foi Julian Felker – disse em voz alta.

– E daí? – Ethan perguntou depois de tomar um gole de uísque.

– Aqui tem o endereço e seus contatos – Dana comentou, ignorando o tom soturno. – E imagine, só?... Ele mora em Eldorado Place, Nova Jersey.

Ethan parou no meio de sua sala para encará-la.

– Está pensando em ir até a casa dele?

– Que mal poderia haver?

– Pedir informação sobre nós a um mortal? – Ethan perguntou, incrédulo.

– Aparentemente esse mortal sabe de coisas que nós não sabemos então acho que é exatamente o que temos de fazer. – Dana se levantou. – Nem vou me repetir e pedir para deixar de ser cético, mas *poderíamos* exercitar a humildade e procurar ajuda. Qualquer uma. Até mesmo onde nos pareça improvável.

Apesar de alguns detalhes na matéria terem coincidido com as palavras de Raquel, Ethan custava a crer que todo o restante fosse verdade. Seria preferível tentar descobrir se ela ainda vivia e abordá-la a se prestar ao papel de procurar um humano. Mas ante a determinação dos olhos âmbar, o vampiro aquiesceu.

Durante todos aqueles dias ele e seus amigos vagaram no escuro, inertes. Danielle, com sua ideia – simplória em sua opinião – fora a única a procurar por uma direção. Como jamais possuiu uma fonte de informação minimamente satisfatória, achou por bem se juntar a ela e arriscar.

– Então, vamos agora. Se não conseguirmos nada, vale pela tentativa e pelo passeio – disse ao se dirigir à sua mesa para juntar os papéis que espalhou. Guardou também o envelope de Danielle. – Podemos caçar logo após essa visita insólita.

Dana assentiu e desligou o computador depois de anotar o endereço de Julian. Ao saírem para a antessala, Joly os mediu e gracejou:

– Estão vivos!

– Muito engraçada – Ethan comentou secamente. – Ouviu o que conversamos, então venha.

– Sim, eu ouvi. Não sei o que Dana descobriu, mas estava quase me juntando a ela para fazê-lo acreditar. Acho que qualquer pista que nos ajude é válida. Bem, também ouvi que depois irão se alimentar. Como não preciso, eu preferia ficar... Caso vocês não se importem.

Joly podia tentar brincar, mas estava sim, sofrida. Agora Dana conseguia ver na expressão cansada. Comovida, acariciou-lhe o rosto e então a abraçou.

– Por mim acho que não tem problema... Sei bem como se sente.

– Por mim, Joly pode ficar – Ethan falou com certa rispidez.

Quando as duas se separaram viram que ele as encarava com o cenho franzido.

– Obrigada! – Joly disse aos dois, desprendendo-se do abraço. – Vou esperá-los lá na cobertura.

Dana assentiu e, antes que dissesse qualquer palavra de despedida, Ethan a tomou pela mão possessivamente e a guiou rumo à escadaria.

Se Danielle ousasse desprender os dedos dos seus, negando-lhe até mesmo os breves contatos, não responderia por seus atos. O ciúme que sentia era inédito. Era incompreensível que de uma hora para outra Danielle estivesse atenciosa e carinhosa com Joly enquanto ainda nem o deixava tocá-la. A vontade do vampiro era inquirir sua noiva, contudo não voltaria àquele assunto. Não ainda.

Encorajado por Danielle não ter recusado sua mão, Ethan a tomou nos braços antes de descer as escadas até sua garagem. Sentir o bater do coração feminino fora um prazer à parte que lhe confirmou o quanto Danielle não lhe era indiferente mesmo que persistisse em manter uma postura rígida.

– Obrigada, mas não era necessário – disse incerta ao ser posta de volta ao chão.

– Era! – Sisudo, Ethan abriu a porta de sua SW4 para que Danielle entrasse. – Os saltos dessas botas não resistiriam à velocidade da corrida. Deveria evitá-los, uma vez que sempre precisaremos caçar.

Dana apenas assentiu, sem entender a razão da nova bronca. Intimamente agradeceu o silêncio que se instalou entre eles enquanto Ethan corria pelas ruas e avenidas até chegar ao túnel Lincoln. A noite estava fria e úmida, confirmando o comentário de Erin quanto a um inverno rigoroso.

– O que espera que o humano nos diga? – Ethan perguntou quando já atravessavam o túnel.

– Não sei. Qualquer coisa. Para nós que não temos nada, cada caco de história será bem-vindo.

Ethan perguntou apenas para puxar assunto, mas se viu obrigado a concordar. Suas palavras novamente o lembraram da coincidência entre a matéria e os comentários de Raquel. Poderia não ser nada demais, como talvez se mostrar ser uma informação de grande valia. Ele esperava que Danielle estivesse certa, afinal, talvez tivesse perdido para sempre a vampira que, direta ou indiretamente, lhe dava maiores detalhes sobre sua imortalidade.

– Você perdeu a entrada – Dana alertou, tirando-o de seus pensamentos.

Sem nada dizer, Ethan acelerou até chegar à rua mais próxima que pudesse fazer a volta mesmo que fosse preciso cortar o trânsito para acessá-la.

– Não é seguro dirigir assim – Dana comentou, repreensiva.

– Nada aconteceu – Ethan retrucou, laconicamente, enquanto seguia o rumo correto.

– Certo. Apenas lembre que nem todos são imortais.

Ethan nada disse. Estava nervoso, irritado, saudoso e sabia que todas suas reações eram somente para provocá-la. Não deveria colocar inocentes em perigo por causa de seus problemas pessoais. Com o silêncio a envolvê-los, logo estavam à porta de um sobrado de três andares, ladeado por construções semelhantes.

Danielle foi a primeira a saltar do veículo. Contrariado, Ethan saiu do carro e, sendo obrigado a andar na velocidade normal, juntou-se a ela diante da porta principal.

– Também não posso mais ser gentil com você? – sibilou.

Ela estava no modo jornalista, sedenta por informações, Dana pensou, culpada por ter esquecido o cuidado. Arrepentida de sua ação impensada diante do olhar, mais ferido do que raivoso, murmurou:

– Desculpe-me, eu...

Dana não pode terminar sua frase, pois a porta fora aberta abruptamente para revelar um rapaz mirrado, de expressão aérea. Ao pousar os olhos nela, ele passou a tremer levemente enquanto sua pulsação acelerava.

– Pois não? – indagou sem desviar o olhar, encantado.

– Boa noite! – ela o cumprimentou. – Estamos à procura de Julian Felker, ele está?

– Sou Julian. O que deseja comigo?

Antes de responder-lhe, Dana o analisou de alto a baixo. Os cabelos loiros, descuidados, assim como os óculos de elevado grau e as roupas simples lhe conferiam um ar desleixado.

Era jovem demais! Julian poderia ser um nerd, competente web designer, mas dificilmente seria um profundo conhecedor de segredos vampírescos. Mas já que estavam ali, Dana resolveu arriscar.

– Oi, Julian, eu sou Danielle Hall e este...

– Danielle Hall? – Julian inquiriu vagamente, cortando-a.

– Isso – Dana confirmou intrigada. – Você me conhece?

– Eu esperava por você – ele declarou indiferente enquanto lhe dava passagem. – Entre, Danielle.

Curiosa, Dana deu um passo à frente.

– Espere – Ethan a segurou pelo braço. – Não pode entrar aí.

– Como não? – Dana o encarou confusa.

– Pode ser uma armadilha – ele observou, sem olhar na direção do rapaz. – Como ele a conhece e sabe que é preciso convidar para que entre?

– Isso é justamente o que quero descobrir... Ele pode convidar você também. – Então, perguntou ao rapaz: – Não é Julian? Pode convidar meu noivo a entrar com a gente?

– Devo falar apenas com você.

Imediatamente o aperto no braço de Dana se intensificou. Ela nem mesmo poderia recriminar seu noivo. Toda aquela situação era inusitada. Julian parecia estar induzido, contudo, não acreditava em armadilhas.

Ainda poderia ser seu sexto sentido lhe soprando ao ouvido – o mesmo que a manteve calada para que não expusesse Ethan ao perigo –, mas sentia que devia entrar. Aquele rapaz por si só jamais representaria algum perigo. O problema seria convencer seu vampiro.

– Você pode forçá-lo a te convidar? – perguntou baixo o bastante para que apenas Ethan a ouvisse. – Ou talvez eu possa?

– Não – Ethan disse sério, sem soltá-la. – Não podemos forçar nossa entrada, o convite tem de ser sincero, justamente por isso não entendo...

– Se é dessa forma me deixe ir. Só assim saberemos. Confie. – Dana pediu, tocando gentilmente a mão em seu braço.

– Não – o vampiro sibilou, tornando férreo seu aperto.

– Está me machucando, Ethan. – Dana avisou, com calma.

– Não vou deixá-la ir onde eu não posso entrar – Ethan replicou rouco, sem soltá-la.

Respirando profundamente, Dana olhou na direção de Julian que segurava a porta aberta, alheio à conversa que nem mesmo conseguiria ouvir. Entraria naquela casa de qualquer maneira. Se não fosse naquela noite, seria quando pudesse voltar sozinha, contudo preferia fazê-lo com o consentimento do vampiro taciturno que prendia seu braço com punho de aço.

– Eu vou ficar bem, Ethan. Confie. Sou forte agora.

– Não é seguro – ele ciciou, segurando-a pelo outro braço, obrigando-a a encará-lo. – Se alguma coisa acontecer com você dentro desta casa não terá nada que eu possa fazer para ajudá-la... Entende o que me pede?

– Eu entendo, Ethan – disse serena na tentativa de tranquilizá-lo. – Assim como entendo que é um risco necessário. Se não assumi-lo, nunca chegaremos à parte alguma. Estamos em desvantagem... Apenas confie.

Ethan permaneceu imóvel, prendendo-a com seu olhar escurecido. Dana podia ouvir as batidas incertas de seu coração. Quando começou a crer que seria arrastada para longe daquela casa, Ethan a soltou.

– Espero que ao menos tenha o bom senso de sair de imediato caso seja alguma armadilha – sussurrou roucamente. – E rogo para que ainda me ame sem medidas e me seja tão leal que nenhum deles possa induzi-la. Eu não suportaria.

– Não confunda meu sentimento em relação ao que aconteceu essa manhã com falta de amor ou lealdade. E saiba que eu jamais ficaria nessa casa, sabendo que está aqui fora incapaz de me ajudar. Estarei bem.

Depois de eliminar a distância e depositar um beijo breve no rosto de Ethan, ela entrou, sem causar qualquer espanto em seu morador. Quando estava sob a proteção da residência, Dana se voltou para murmurar ao noivo.

– Amar você é algo imutável Ethan, mas as pessoas não podem desculpá-lo sempre assim como eu também não o farei.

Sem mais palavras, ela seguiu rumo à sala. Claramente induzido, Julian fechou a porta, impedindo que Ethan visse para onde foram ou o que faziam. Toda ação praticamente passou despercebida ao vampiro que ainda sentia o formigar do beijo recebido, no rosto, não na boca.

De repente o bater de uma porta no interior da casa lhe chamou a atenção. De nada adiantaria remoer a rusga entre eles quando Danielle podia estar em perigo. Apreensivo, Ethan abandonou seus pensamentos e apurou os ouvidos na tentativa de ouvir-lhes os passos e tentar adivinhar a forma como se moviam naquela casa maldita. Infelizmente, àquela hora, não poderia sequer acompanhá-los de fora, pelos parapeitos das janelas.

Ao ser forçado a permanecer naquela angustiante passividade, intimamente agradeceu a escolha dos saltos altos que lhe permitia saber a localização de sua noiva. Ao menos isso!

Capítulo Onze

Sim, ela se tornara impaciente, Dana reconheceu ao odiar esperar pela volta de Julian que a deixou na sala de jantar, antes que saísse para buscar o que deveria lhe entregar. Ficar ali não era pior apenas por saber que não havia vampiros rivais na casa. Não reconheceria todos os odores, mas ao menos sabia que todos tinham a mesma base adocicada.

Como disse a Ethan, estaria bem.

Quando Julian regressou e, sem nada dizer, estendeu-lhe um envelope, Dana o tomou para si. Com dedos ágeis, abriu-o e dele retirou uma carta, escrita à mão. A letra era rebuscada e firme. Ao terminar a leitura e ver a assinatura, Dana estremeceu. Não entendia a razão de toda aquela armação para que tivesse acesso àquelas informações.

– Isso era tudo? – ela indagou ao recolocar a carta no envelope.

– Sim.

– E o que acontece depois que eu sair?

– Devo deletar o arquivo e esquecer, assim como devo esquecer que você esteve aqui.

– Então cumpra o que lhe foi ordenado, Julian!

Dana o deixou sem olhar para trás. Seguia tão apressada que mais uma vez se chocou a Ethan ao sair da casa. Ele tentou abraçá-la, contudo Dana não permitiu. Não pela rusga, mas por desejar partir. Antes que Ethan esboçasse qualquer reação, apenas o tomou pela mão e o arrastou de volta ao carro.

– Danielle o que houve? – perguntou confuso, com o cenho franzido, ao assumir o volante. –Tinha mais alguém lá dentro?

– Apenas Julian... Se eu tivesse me encontrado com outra pessoa você saberia, não?

– Danielle, você me confunde! – Ethan exasperou-se. – Se não está fugindo, por que a pressa?

– O rapaz recebeu ordens para me esquecer e não queria que nos visse diante da casa.

– Muito bem... – disse ele antes de colocar o carro em movimento, olhando em frente. – O que aconteceu lá dentro?

– Raquel o deixou encarregado de me entregar esta carta – ela revelou o envelope que ocultava das vistas de Ethan ao sair.

– Raquel?! – Por um segundo Ethan a encarou, incrédulo. – Raquel deixou uma carta com aquele garoto? E eu vou poder ler o que diz aí?

– Você pode lê-la se desejar – Dana não se rendeu à provocação. Para ela, era essencial que ele não apenas lesse como acreditasse.

Depois de estacionar na primeira vaga encontrada, Ethan tomou a carta sem cerimônias. Ansioso, desdobrou o papel o leu em silêncio.

Cara Danielle, se chegou até aqui devo parabenizá-la, não somente pela nova vida como também por manter características tão perceptíveis como sua curiosidade natural. Eu sabia que cedo ou tarde chegaria até o humano. Eu poderia ter permitido que ele revelasse mais através da página na internet, mas não quis arriscar. Já bastam as teorias tão próximas da verdade.

Agora vamos ao que interessa. Essa disputa já me cansou. Se fosse antes eu apenas desejaria que Graco a finalizasse para que pudéssemos ir embora dessa cidade fétida e barulhenta, mas agora isso não será possível. Expus-me demais ao procurar por Ethan, e corro perigo.

Hoje, mais do que um desejo, é uma necessidade que ele vença essa disputa, mas para isso, precisa saber da verdade sobre a marca revelada. Escolhi Julian por sua pesquisa se aproximar de nossa realidade, mesmo que equivocada. É verdade que aqueles com um dragão em suas peles são considerados descendentes da mesma linhagem, mas não do príncipe Tepes. Ele era apenas um escolhido na sua época e foi o primeiro a romper a discricção, nos colocando em evidência com sua violência desmedida. Vlad, Graco, Ethan e muitos outros ao longo dos anos são descendentes de Siro Demini.

Siro é o vampiro mais antigo do qual temos conhecimento, e não só acolheu Graco em seu grupo como lhe deu seu sobrenome. Anos antes fizera o mesmo por Seth e sua esposa, Didyme. Ao que se sabe Siro os adotou por possuírem um dragão em seus corpos, como ele mesmo o tinha.

Ao contrário daquilo que o humano escreveu vampiros com marcas semelhantes podem, sim, conviver pacificamente, tanto que Graco viveu por longos anos na Grécia, com sua nova família, todos sob a liderança de Siro. Separou-se deles em meados de 1.144 a.C. depois de tomar a esposa de Seth, mesmo já sendo casado com Sulpicia. Com as duas mulheres, Graco fugiu para Roma, mas Seth os encontrou. Depois de matar Sulpicia jurou dar o mesmo fim ao novo rival, que mais uma vez fugiu com Didyme. Graco se recusou a enfrentá-lo por temer a maldição.

Sendo honesta, deixo aqui que, até hoje, nunca tivemos relatos de um vampiro que tenha morrido ao destruir um rival marcado, mas qual de nós gostaria de pagar para ver, não é mesmo?

Acredito que Seth seja o único vampiro com coragem e disposição para confirmar a veracidade da maldição, pois segundo o próprio Graco nos contou, ele era perdidamente apaixonado pela esposa traidora. Como vê, não é certo que os escolhidos se destruiriam mutuamente em uma luta, ainda assim acho válido que saibam dos riscos.

Todos vocês têm de tomar cuidado, pois Betânia não crê na maldição. Por ela, todos vocês já estariam mortos. Se não fez nada para eliminá-los foi por temer Graco, que acredita na restrição. Não apenas isso, ele teme que se qualquer um dos seus atentar contra Ethan, ainda possa ser afetado e, consequentemente, morrer. Quando esse temor se for, nada o deterá. Ou talvez você possa. Sei que é incomum, pude sentir quando a segurei na boate. Graco não teria chances contra você.

Isso é tudo. Faça com essa informação o que desejar, mas sugiro que não a revele a Ethan. Conte sobre a maldição e tente fazê-lo acreditar. E o mais importante, certifique-se que ele tome todo o cuidado e não seja tão confiante só porque encontrou

sua força. Graco é louco e se Betânia finalmente conseguir convencê-lo a arriscar acredito que por amor a Sabina, nem nosso segredo será capaz de refreá-lo.

P.S.: Queime esta carta. E não me delate mais uma vez.

Raquel

Depois de reler por mais duas vezes, Ethan dobrou a carta e a recolocou no envelope.

– Por que me mostrou? – ele perguntou, encarando sua noiva. – Está escrito que não deveria me contar tudo... Poderia tê-la queimado antes mesmo de sair da casa e editado quando resolvesse revelar sobre o dragão.

– Poderia, mas não fiz... Agora entende que não deve lutar contra Graco. Achei importante que soubesse.

– Sabe que essas palavras não dizem nada para mim, não sabe? – indagou sério, colocando o carro em movimento.

– Como não dizem nada? – Dana se alarmou. – Está escrito aí que vocês não podem lutar.

– Está escrito também que nunca confirmaram tal bobagem – retrucou. – E eu também sou um vampiro com coragem e disposição.

– E arriscaria morrer apenas para matar Graco?

– *Apenas*, Danielle?! Esse cretino me espreita há meses... Querendo roubar minha vida e se apossar de tudo que eu possuo. Inclusive você. Então não transforme a morte desse rapace em algo banal. Ela é imprescindível antes que cause algum mal irreparável para todos nós.

– Mas você não pode matá-lo, Ethan! – Dana o tomou no braço. Quando ele olhou para a mão delicada, ela a recolheu, recriminando-se pelo ato impensado. Depois de pigarrear, acrescentou receosa: – Eu poderia detê-lo.

– Agora você enlouqueceu de vez! – Ethan vociferou. – Já que acredita nessa maldição o que deseja? Se oferecer em sacrifício? Você é nossa irmã de marcas, esqueceu? E mesmo que não tivesse um maldito dragão eu jamais permitiria que lutasse com um homem. Ainda mais lutar contra alguém tão velho. Graco tem mais de dois mil anos de idade. Você não teria a mínima chance mesmo sendo mais forte.

– Muito menos você – retrucou, aborrecida. – Raquel deixou claro que não deve ser tão confiante.

– Certo! Nenhum de nós tem a mínima chance contra ele, está satisfeita? – perguntou, azedo, acelerando mais.

Não, ela não estava satisfeita. A bendita carta veio reforçar a decisão de se manter calada quanto à farsa de Andrew – que reaparecera como se nada acontecesse. Ethan não acreditou no recado e com certeza iria atrás do rival ao saber exatamente onde encontrá-lo. E, se o matasse, talvez tivesse o mesmo fim.

– Não! – gritou reflexiva ante a imagem. Ao perceber a falha, moderou o tom e transformou em resposta: – Não, não estou satisfeita. Preferia que nenhum deles existisse. Queria até mesmo que essa carta fosse uma mensagem póstuma, mas não temos como saber e precisamos lidar com isso.

– Sei que não há nada satisfatório em toda essa história. – Ethan passou uma das mãos pelo cabelo. – Desculpe-me pelo destempero, mas você me tira do sério! Já lhe pedi uma centena de vezes para não se colocar em perigo e mesmo assim, insiste.

– Insisto porque sei que posso. E agora Raquel deixou claro que Graco não tem chances contra mim.

Ethan não retrucou. Não poderia. Sua garganta estava travada de ódio extremo. Se tivesse a chance de colocar as mãos em Raquel, ele mesmo a transformaria em cinzas por ter escrito tal disparate. Somado àquela temeridade estava o fato de sua vampira ser uma irmã de marcas, não somente dele, mas de Graco.

E não era tudo, Ethan sabia. Como sempre, Raquel contava sem muito dizer. Era evidente que usava humanos na tentativa ineficaz de tentar burlar a vigilância de seu líder. A prova estava na própria carta, ao pedir que Danielle não a delatasse uma segunda vez. Talvez estivesse ali à razão do apartamento incendiado, Ethan considerou. E pouco se importou.

Que todos eles se matassem!

– Vamos nos alimentar agora? – Dana perguntou.

– Vamos. E depois vamos voltar para a cobertura. Acho que Joly também tem de saber o que descobriu.

Pouco mais de uma hora depois, Ethan cruzou a porta de seu apartamento, conduzindo sua noiva pela mão. Precisava que Joly colocasse algum juízo na mente voluntariosa de Danielle.

– Vocês demoraram – Joly comentou ao deixar a sala de TV. – Começava a me preocupar.

– Desculpe, Joly. – Dana se livrou do aperto possessivo para se aproximar.

– Não foi conosco por vontade própria – Ethan disparou com acidez, antes de se servir de uísque.

– O que ele tem? – Joly perguntou a Dana. – Não conseguiram nada na casa do humano?

– Conseguimos – murmurou Dana, indicando a carta que Ethan exibia. – Apenas leia aquilo.

Joly olhou de um ao outro antes de pegar folha estendida. Curiosa, leu em silêncio e voltou a encará-los, com as sobrancelhas unidas.

– Acreditam nisso?

– Sim – disse Dana.

– Não – a voz trovejante de Ethan encobriu a dela.

– Até nisso discordam?! – Joly maneou a cabeça, incrédula. – Não sei por que ainda me surpreendo.

– Ethan não acredita que possa ser destruído caso mate Graco – Dana explicou.

– Realmente não acredito e se ele também não fosse supersticioso nada disso estaria acontecendo, pois já teria vindo me enfrentar de uma vez por todas.

– E talvez, a essa altura, nenhum dos dois estivesse aqui – Dana replicou. – Raquel disse que...

– Eu preferia quando você fervilhava à simples menção ao nome dela – Ethan a cortou. – Horas atrás não confiava em Raquel, agora, tudo que leu nessa carta passou a ser a verdade absoluta.

– Porque faz sentido – Dana insistiu. – Raquel não se daria a todo esse trabalho por nada. Eu poderia nem ter encontrado a pista. Ela confiou em mim... Acho que nesse caso devo retribuir a confiança.

– Desculpe-me, Ethan, mas Dana tem razão – Joly interveio. – Acho que deveria deixar de ser cético.

– Obrigada! – Dana exclamou.

– Com essa carta Raquel apenas confirmou o que já sabíamos. Demini é um covarde. Se ele rouba mulheres alheias, deveria ter hombridade também para enfrentar sua sina.

– Acho que o foco dessa carta é esse lance das marcas, por isso ainda concordo com a Dana... Todos nós deveríamos acreditar na veracidade dessa maldição, *mon ami*.

Ethan deu um grande gole em seu uísque antes de dizer, cansado:

– Certo! Já que estou sozinho não vou tentar fazê-las mudar de ideia. Preciso pensar a respeito. São muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo. – Depois de terminar a bebida, como nenhuma das duas nada dissesse, ele se voltou para Joly. – Thomas não ligou?

– Não. Começo a achar que ele não voltará tão cedo.

– Receio ter me enganado – Ethan comentou, sem inflexão. – Mas ainda quero crer que em breve ele volte para socar-me.

– Ele deveria ter feito isso desde o início, talvez assim não tivesse ido. – Joly retrucou embargada.

– Não fique assim... – Danielle se acercou da amiga e a abraçou. Acariciando-lhe os cabelos, tentou consolá-la: – Ele vai voltar Joly, eu acredito!

Ethan assistia a cena, contrariado. Não era justo ser deixado de fora.

– Penso o mesmo, Joly – assegurou sombrio. – E acredite, sequer reagiria.

– Eu sei... Bem, ele não ligou, mas Andrew, sim – ela revelou. – Ele queria saber onde Thomas estava.

– E você falou? – Dana se afastou para encará-la.

– Não! Não confio nele. E, Andrew não disse a razão, mas falou que só virá ao escritório, na terça-feira.

– Andrew está estranho – Ethan observou, sem deixar de reparar na postura rígida de sua noiva. Ele tinha de descobrir o que a arrelia. – Bem... Uma hora saberemos o que está acontecendo. Por ora, se me dão licença...

Ao deixá-las, Ethan parou apenas em seu banheiro, em frente ao espelho. Não gostou de ver-se sozinho. Não queria a distância, não queria a omissão, nem dividi-la com sua amiga abandonada.

Depois do banho breve, vestido na calça de seu pijama, diante da imensa janela, o vampiro mirava o céu. As nuvens que cobriam a cidade ainda ameaçavam chuva. Ethan não sabia se agradecia ou lamentava a mudança do tempo. Não importava, reconheceu, pois não tinha rastros a seguir nem era preciso se esconder. A falsa calma era inquietante.

Tinha de acontecer alguma coisa, qualquer coisa, especialmente agora que sabia sobre o dragão na pele de Demini. Novamente preso ao ciúme, o vampiro cerrou os punhos, sentindo uma vontade incontrolável de bater em alguém. Fora obrigado a controlar sua fúria quando o vidro trepidou, ruidosamente.

Contrafeito, Ethan seguiu para sua cama, espaçosa e fria. Deitou-se e, depois de cruzar os braços sob a cabeça, mirou o teto. Com um suspiro profundo, fechou os olhos e tentou conciliar o sono, que não veio. Assim como Danielle não vinha nunca. Cogitava voltar à sala para ordenar que as duas fossem dormir, quando ouviu a porta ser aberta e fechada com cautela.

Como ele, sua noiva não precisava de muita luminosidade para se locomover, talvez por esse motivo não tenha acendido as luzes. Ethan podia apenas ver-lhe a silhueta a vagar pelo quarto rumo ao *closet*. Talvez, por acreditar que estivesse dormindo, ela tenha voltado ao quarto ainda a se cobrir com a camisola escolhida, presenteando-o com os contornos de seu corpo curvilíneo.

Depois de descer o tecido diáfano e mal ocultar sua pele, ela seguiu até o banheiro. A partir dali, tudo que conseguia pensar era que em breve ela se deitaria ao seu lado e, dessa vez, não o tocaria. Quando Danielle voltou ao quarto e parou junto à parede de vidro, Ethan estava no seu limite. Colocar-se onde a luminosidade da noite revelaria seu corpo só poderia ser provocação.

– Temos uma vista incrível daqui, não? – ela comentou num sussurro intimista.

O tom leve e despretenso – destoante da conversa recente – o confundiu. Danielle parecia absorta, não provocativa. Intrigado, ele deixou a cama e foi até ela. Seguiu sem pressa, medindo seus passos e sentindo o quanto ela deixaria que se aproximasse. Depois de se colocar às suas costas, sem tocá-la, cheirando-lhe o cabelo, respondeu, rouco:

– Tenho a melhor vista daqui.

– Como será estar lá fora, amanhã? – ela indagou ao abraçar o próprio corpo, sem deixar de olhar a cidade.

– Não saberia lhe dizer... Só sei que será o dia de minha provação.

Quanto àquilo, ela não tinha dúvidas. Mesmo sabendo que Andrew não viria.

– Será ruim para mim também – admitiu –, mas entenderia se eu dissesse que estou ansiosa para que logo amanheça?

– Já disse que desisti de entendê-la – Ethan retrucou um tanto ríspido, ressentido pela ansiedade.

– Amanhã é o primeiro dia oficial em minha nova vida. Entendo o que está em jogo e não queria deixar você, mas terei de arriscar. Estou ansiosa para voltar ao trabalho, ocupar minha mente como você e Joly. E tentar esquecer toda essa loucura, mesmo que por poucas horas.

A nova declaração varreu o ressentimento e o impulsionou a dar um passo à frente. Precisava senti-la.

– Queria que fosse diferente – disse sincero, roçando os lábios nos cabelos de doce. – E como está Joly?

– Eu a deixei dormindo – Dana respondeu, trêmula. Seu corpo era mesmo um traidor!

– Isso é bom! – Ethan exclamou e afundou o nariz entre os fios macios, sem se importar com os riscos: ela o queria, sabia.

– Ethan, por favor... Pare.

– O que estou fazendo? – Desentendido, segurou uma mecha de cabelo para aspirá-la, ruidosamente.

Torturava-a, Dana pensou ao fechar os olhos. Cada pequeno gesto de Ethan a excitava e enfraquecia, mas agora, com a descrença e uma hóspede no quarto ao lado, precisava ser ainda mais forte.

– Está invadindo meu espaço – murmurou.

Sem ouvi-la, Ethan deslizou dois dedos, de leve, pela curva do pescoço que expôs, provocando várias descargas elétricas antes de sussurrar:

– Expulse-me.

– Ethan, por favor... – Dana voltou a pedir num sopro.

– Sinto sua falta, Danielle. – Ele eliminou a distância ao segurar-lhe o ventre e trazê-la para junto de si. – Estou no inferno por não poder tocá-la.

– Você disse que respeitaria... – ela murmurou.

– Não disse... Mas se acreditou que sim, não deveria me provocar. Toda ação gera uma reação – retrucou, junto ao seu ouvido, desenhando pequenos círculos com os dedos longos e experientes sobre a camisola de fino cetim.

– Não o provoquei – ela se defendeu. – Por favor, Ethan... Pare com isso...

– Provoca-me por existir, Danielle. E como se não bastasse, terminou de se vestir na minha presença, sabendo que eu nada poderia fazer... E agora desfila pelo quarto sob esse tecido quase invisível e vem se colocar aqui, onde posso ver claramente tudo que me nega... Se isso não for provocação, diga o que é então, senhorita Hall.

– Quando me vesti, acreditei que estivesse dormindo.

– Não estava e, para piorar, agora esse seu cheiro de fêmea me faz precisar de você mais do que antes. – Ato contínuo Ethan a apertou na prova de sua excitação. – Vê?

– Ethan, não...

– Considere uma trégua – ele sugeriu, mordiscando-lhe o lóbulo da orelha. – Até as grandes guerras as têm... Podemos tentar um acordo de paz o que me diz?

– Ethan... – ela chiou entre os dentes, incapaz de ser coerente.

– Considerarei que sim!

Uma vez dito, virou-a e a prendeu num beijo urgente. Dana pôde prevê-lo, mas não teve como impedir. Na verdade descobriu que esperou por aquele assalto o dia inteiro. Tal atitude condizia com seu noivo, respeitar limites impostos, não.

A droga toda é que não poderia ceder. Não com tanto que estava em jogo. Morrendo lentamente consumida pelas chamas que tomavam seu corpo, Dana se deixou beijar, inerte,

até que tivesse forças para pará-lo. Como se adivinhasse sua intenção, Ethan capturou-lhe a língua e a atou à sua em uma dança invasiva. Dana retribuía o beijo, contudo não se movia.

– Abrace-me – Ethan pediu, sem deixar de beijá-la.

Se o atendesse seria seu fim. Doce, desejado, mas ainda assim, inoportuno fim. Juntando toda a força que se permitiria usar contra ele, Dana correu as mãos por seu peito forte e tentou afastá-lo. Antes que percebesse se tratar de um distanciamento, Ethan gemeu ao toque, obrigando-a a exercer maior firmeza. De imediato Ethan interrompeu o beijo para encará-la.

– Por quê? – perguntou roucamente, seus olhos brilhavam de desejo.

– Você sabe. – Dana sussurrou com seu coração fundo no peito. – Joly está no quarto ao lado.

– Venha – Ethan a chamou, pegando-a pela mão para levá-la até o *closet*. – Vamos sair daqui. Não terá problema se passarmos essa noite no Plaza. Seria interessante... Consigo a melhor suíte e...

– Não podemos sair – Dana negou ao ser solta diante do nicho onde estavam suas roupas.

– Então descemos até meu escritório, venha! – ele voltou a puxá-la.

Mortificada por ter que encerrar tamanho entusiasmo, Dana estacou e libertou sua mão do aperto. Apesar da penumbra, ela pôde ver claramente a confusão nos olhos inquiridores. Antes que Ethan perguntasse, explicou em voz baixa e pausada:

– O problema não é que Joly possa nos ouvir, Ethan...

– Então qual é? – ele perguntou duramente. Toda confusão e alegria deixando seus olhos, consumindo-a.

– Não pode estar pensando em deixá-la passar a noite sozinha. Não depois do que fez... Não pode ser assim tão insensível.

– Acaso é insensibilidade desejar fazer as pazes com você? – sibilou.

– Não distorça minhas palavras, senhor advogado! – pediu gentilmente, não queria brigar. – Sabe muito bem à que me refiro, não podemos ficar aqui como se nada tivesse acontecido e muito menos deixá-la.

– Pelo visto há dois advogados nesse quarto, não? Joly está bem representada. Já que minha sorte está atada à de sua cliente, o que a nobre colega me sugere?

Em primeiro lugar, desejava que ele não fosse cabeça dura e descrente quanto à própria destruição caso se batesse contra Graco, ela pensou. Desejava que ele não fosse egoísta nem indiferente ao drama de uma amiga, uma irmã, mas não lhe diria.

– Sugiro que volte para a cama e durma. Acho que vou ficar com Joly ao menos essa noite, será melhor para nós dois.

– Não se atreva – ele rosnou entre dentes, reduzindo os olhos a finas fendas.

Enquanto sua própria irritação afluía, Dana se perguntou por que Ethan tinha de ser também tão controlador. Não desejava discutir com ele, mas não tinha a mínima colaboração.

– Quando vai entender que o mundo não gira ao seu redor? Joly, não...

– Joly está dormindo! – Ethan ciciou. – Pode voltar a pastorá-la pela manhã, mas não irá dormir longe de mim. Nem hoje nem nunca.

– Acho que não é você quem decide – Dana retrucou sem se importar com o tom enfurecido. – Boa noite, Ethan!

O vampiro não fez qualquer movimento para detê-la então, confiante de que ele respeitaria sua decisão, ela caminhou até a porta. Ao girar a maçaneta nada aconteceu. Dana imprimiu maior força sem que a porta abrisse. Ethan!

– Está travando a porta?

– Quem decide afinal? – Ele ergueu uma sobrancelha, desafiador.

Sem nada dizer, Dana apenas bufou exasperada e marchou para a cama. Depois de deitar, cobriu-se inteiramente e lhe deu às costas. Deveria estar furiosa, mas, apesar da leve irritação por ser mantida cativa, não conseguia detestá-lo. Ambos sofriam com aquela situação então não deveria tê-lo levado ao limite.

Expectante, fechou os olhos quando Ethan se juntou a ela e esperou pelo toque que a venceria, contudo este não veio. Deveriam, mas estava claro que nenhum dos dois descansaria aquela noite.

Capítulo Doze

Enquanto mirava o teto, Ethan tentava acalmar seu corpo e seu coração. Nem mesmo em sua raiva momentânea após a rejeição e a ameaça de ser deixado mitigava seu desejo, ainda assim, intimamente agradecia por Danielle tê-lo freado. Precisava de sua vampira inteira – amante e cúmplice –, não apenas rendida por uma trégua, pensou ao mirar os cabelos castanhos espalhados pelo travesseiro.

Se em seus sonhos mais delirantes tivesse previsto que um convite ébrio e mal ponderado o levaria àquela situação, jamais teria proposto uma partilha à Joly. E acima de tudo, não deteria ter faltado ao respeito com Thomas.

Não poderia proclamar seu amor ali, ou em qualquer lugar, quando duas pessoas queridas sofriam por sua culpa, reconheceu. Contrafeito, capturou uma mecha de cabelo castanho para levá-la ao nariz. Bastou Danielle se mover para que ele soltasse os fios macios e estacasse.

Ao notar que sua noiva dormia, Ethan sorriu escarninho. Poderia ser incrivelmente forte, esbravejar, soprar, quebrar janelas ou travar portas, mas, ao final de suas explosões, Danielle era quem detinha o comando. Ele ainda sorria, quando ela mais uma vez se moveu, agora para correr a mão pelo espaço mínimo entre seus corpos até encontrá-lo.

Imediatamente Ethan se retesou e prendeu a respiração ao ser tocado e ter a cabeça dela pousada em seu peito. O vampiro refreou toda a paixão que o gesto inconsciente lhe despertou e a abraçou ternamente, permitindo-se afundar o nariz em seus cabelos para ter sua cota da droga preferida.

– Eu queria contar... – ela murmurou junto à sua pele, causando-lhe arrepios de desejo e expectativa. Finalmente o inconsciente!

– Contar o que, meu amor? – arriscou.

– Sobre Andrew, mas Ethan não deve saber...

Ethan eriçou-se. Quando falou sua voz saiu em meio a um leve rosnado:

– O que Ethan não pode saber sobre Andrew?

– Que ele... Que eu... – Silêncio.

– Que Andrew e você, o quê, Danielle? – Ethan ciciou.

O silêncio foi sua resposta. Sua noiva omissa não lhe daria nada mais. Foi preciso certa dose de autocontrole e muita boa vontade para não acordá-la. Alguma coisa se passava entre ela e Andrew, estava claro. Não bastava ter se livrado do rábula infernal ou

descoberto outro com um dragão igual ao dela, agora teria de lidar com alguma espécie de interesse por seu sócio recém-chegado?

Sem conciliar o sono, Ethan atravessou a noite em sua totalidade enervante. Depois de correr por todas suas lembranças à procura de possíveis encontros entre Danielle e seu sócio, chegou à conclusão de que estes não aconteceram. Com exceção à noite do baile de Halloween e o breve instante no qual Andrew invadiu sua sala durante a briga com Paul, ele e sua noiva jamais estiveram juntos.

Se existia algum interesse – e que os deuses o evitasse! –, este era recente. Com a dedução, decidiu dar-lhe espaço, porém observado. Qualquer movimento favorável em direção ao seu sócio seria flagrado, então estaria em seu direito de interrogá-la da forma que bem o aprouvesse.

Resignado, sentiu Danielle se mover sobre seu peito logo na primeira hora da manhã. Ela despertou lentamente e pelo acelerar gradativo de seu coração, ele soube que a proximidade inesperada a perturbava. Constrangida, ela abriu os olhos e mirou o peito que lhe serviu de apoio durante toda a noite antes de encarar seu dono.

– Bom dia, Danielle! – cumprimentou-a, roucamente.

Dana se afastou, ajoelhou-se aos pés da cama e cruzou os braços na tentativa inútil de ocultar as formas que o tecido fino da camisola branca revelava.

– Bom dia! – disse receosa, então pediu, indicando os dois: – Me desculpe por isso.

– Está se desculpando por ter dormido abraçada a mim? – ele indagou, franzindo o cenho.

– Acho que sim... Não foi minha intenção.

– Sei que não foi – Ethan retrucou secamente. – Afinal não quer que eu a toque.

– Ethan, não complique – pediu num murmúrio. – Sabe o que eu quis dizer.

– Não, Danielle, na verdade não sei. E no momento tenho receio de distorcer suas palavras. Diga-me com clareza o que quis dizer.

Antes que Ethan se aproximasse, Dana saltou para longe.

– Apenas não quero que me acuse de te provocar. Não temos tempo para discussões agora, e... Se me der licença, eu...

Irrequieta, sem terminar a frase, Dana se refugiou no banheiro. Precisava de ar como se ele lhe fosse estritamente necessário. Alarmada, percebeu que não conseguiria fugir por

muito mais tempo. Não tinha opção. Seu corpo queimava e Ethan sabia. Recostando-se contra a porta, ela colocou as mãos sobre o coração na tentativa de acalmá-lo. Precisava se afastar. Ir para a redação, qualquer lugar.

No quarto, Ethan ainda permaneceu a olhar a porta do banheiro por alguns instantes, antes de se conformar com a fuga covarde de Danielle e deixar a cama. O que decidiu para ela ainda não poderia ser colocado em prática, então, melhor seria ir até Joly.

Não seria fácil, mas começaria aquele dia de forma positiva. Se é que teria algo de positivo em se desculpar. Fosse como fosse, seria sincero. Ao parar diante da porta do quarto reservado à amiga, respirou profundamente. Quando acreditou estar preparado, deu dois leves toques na madeira. Não obteve resposta.

Ethan bateu por mais duas vezes antes de tomar a liberdade de entrar. Não estranhou ao encontrar o cômodo vazio, a cama arrumada, os móveis nus de qualquer objeto pessoal: Joly partira. Sem pensar duas vezes, correu escada abaixo e seguiu para seu gabinete. Sua amiga insubordinada atendeu ao segundo toque de seu celular.

– O que pensa que está fazendo? Volte imediatamente – ordenou.

– Bom dia, *mon ami* – cumprimentou-o, calmamente.

– *Mon ami*, uma ova. Volte!

– Desculpe-me, Ethan, mas não vejo a necessidade de ficar com vocês quando tenho dois apartamentos. Não se preocupe comigo.

– Não é seguro, Joly – retrucou num espirar cansado. As mulheres de sua vida estavam decididas a enlouquecê-lo, aquela era a única explicação lógica, pensou passando uma das mãos pelos cabelos.

– Sei dos riscos e estou disposta a corrê-los.

De súbito, uma ideia lhe ocorreu, deixando-o apreensivo.

– Não está se arriscando por que Thomas se foi, não é? – Também desejou a morte ao ser deixado.

– Não sou suicida, Ethan. Não vou me colocar em perigo, caso seja isso que esteja pensando... Só quero ficar no meu canto para lamber minhas feridas em paz, não ouvindo duas pessoas que amo desentenderem-se por minha causa.

Maldita audição dos imortais!

– Joly, escute...

– Não, Ethan, escute você... Não sei o que fez, mas saiba que a bronca de Dana nada tem a ver com o assunto da manhã passada. Então, descubra o que fez de errado e conserte. Esse não é o momento para brigas.

Aquilo era novidade, Ethan pensou intrigado. E logo se irritou. Um homem saber o que fez de errado sem que a mulher lhe dissesse era praticamente impossível! Mil vezes inferno!

– Obrigado por me ajudar! – disse sinceramente, após um suspiro exasperado. – E, não vou obrigá-la a voltar, mas prometa-me que não irá se colocar em perigo.

– Prometo. Agora vá cuidar de sua noiva e tente não ser você mesmo por algum tempo. Como disse esse não é o momento para desavenças.

– Sei disso! – ciciou. – Ajudaria se Danielle também não fosse ela mesma por um tempo.

– *Daí, pois, a César o que é de César...* – Joly cantou, profética. – Agora preciso desligar. Depois nos falamos... Vou tentar não me atrasar para chegar ao escritório, chefinho.

– Diga-me ao menos para onde foi – pediu, sem achar graça alguma na colocação bíblica.

– Voltei para onde Thomas me deixou... Quero acreditar que havia um motivo para isso... Tchau, Ethan.

– Tchau, *ma chère*.

Apesar do carinho, Ethan ainda se encontrava contrafeito. Ao voltar para o quarto, ouviu que Danielle estava no banho. Refreando o desejo de invadir o banheiro, foi até a grande janela. Danielle saiu em silêncio, decentemente enrolada na toalha branca e, sem olhá-lo, caminhou para o *closet*. Instintivamente, seguiu-a. Analisando-a, passou por ela e se apoiou em uma das estantes, para ver-lhe o rosto.

– Sairia um instante se eu te pedisse privacidade? – Dana pediu, sem olhá-lo.

– Não – respondeu lacônico.

Sem nada dizer, ela continuou a escolher as roupas que usaria. Ethan podia ouvir-lhe o coração. Danielle estava tão abalada quanto ele próprio. Em momentos como aquele era inevitável invejar seu rival. Fosse como fosse, ele tinha seus próprios métodos para saber o que Danielle tinha na mente.

Enquanto escrutinava-lhe o rosto contrito, Ethan antecipava-se à sua falta e se desculpava, dizendo a si mesmo que dera a Danielle chances de explicar-se por si só. Até mesmo esperou por seu tagarelar noturno, sem que nada conseguisse. Estava no seu limite,

mas, por mero desengano de consciência, antes de quebrar sua palavra, tentaria pela última vez.

– Danielle, acha que agora conseguiria expor suas cismas? Eu preciso saber.

Dana enregelou. Algo no tom denunciava a decisão, mas não via como atendê-lo. Ao olhá-lo de esguelha, viu nos olhos verdes que ele adivinhava seu pensamento. Igualmente soube o que estava prestes a acontecer. Ethan queria induzi-la, e não poderia permitir.

– Por favor, Ethan, agora não – pediu. – Dê-me só mais um tempo.

– Paciência não está entre minhas poucas virtudes, Danielle. E eu realmente preciso saber – repetiu ao empertigar-se, decidido. – Olhe para mim! – demandou.

Dana não tinha um plano, estava nua sob a toalha, mas tinha de sair dali. Reflexiva, correu para o quarto. Evidente que Ethan a esperava na porta, bloqueando a única rota de fuga. Dana freou-se antes de ser agarrada, saltou para trás e correu na direção da cama, passando sobre o colchão, sem tocá-lo.

– Acredita mesmo que possa fugir de mim? – Ethan esbravejou.

– Não acredito é que queira me induzir – ela retrucou, desviando ao deparar-se com o vampiro. Era como se ele se multiplicasse no espaço, de súbito, exíguo.

Ethan não retorquiu, apenas continuou a cercá-la, antecipando-se aos movimentos dela para barrar-lhe o caminho até que a capturou e prendeu fortemente em um abraço. A velocidade imprimida e a violência do impacto os lançaram à cama, que estalou em protesto sob o peso excessivo.

Dana ainda lutou por liberdade, ao que foi subjugada, presa contra o colchão pelo vampiro que, obviamente, se valia de sua força extra.

– Não resista, Danielle – pediu em meio a um urro.

– Por favor, Ethan! Não faça! – Dana fechou os olhos, alarmada por sentir seu corpo reagir positivamente a ele em momento tão inoportuno.

– Olhe para mim, Danielle. – Agora não teria subterfúgios, a ordem rosnada fora clara e firme.

– Não faça! Vou contar, prometo.

– Não disponho de tempo! – rosnou bravio. – O que me pede vai muito além do que sou capaz de dar, pois se não souber agora o que me esconde sobre Andrew e você, enlouquecerei.

Ante ao choque, Dana o encarou. Oportunista, Ethan ordenou:

– Conte-me o que não devo saber, Danielle.

Presa em seu pavor, Dana esperou perder sua autonomia, tornando-se alheia e suscetível às vontades de seu captor, porém, nada aconteceu. Ela ainda mirava o rosto sombrio acima do seu e era senhora de sua vontade. Dividida entre a confusão e o alívio, Dana sequer teve tempo de especular sobre a novidade.

Sua atenção estava voltada aos olhos verdes que gradativamente se maximizavam nas órbitas, enquanto Ethan compreendia o fracasso. Dentre todos os sentimentos reconhecíveis, o constrangimento predominava sendo ainda suplantado pelo pavor por falhar. De súbito, Dana estava livre.

Ao sentar, ainda confusa, viu que fora deixada. Ethan não estava em parte alguma.

Ainda abalada pelo ocorrido, sem entender como pôde resistir a uma indução, Dana deixou a cama e seguiu para o *closet*. Não poderia ir atrás de Ethan, enrolada em uma toalha. Vestiu o que viu primeiro e seguiu os passos do vampiro, guiada por seu cheiro. Encontrou-o no gabinete, junto à parede de vidro, com as mãos postas para trás, mirando a cidade.

– Agora sou eu que peço. Importar-se-ia de me deixar sozinho? – Ethan sussurrou guturalmente.

– Claro que me importo – disse séria, aproximando-se.

– Entendo. Sei que perdi todo o direito de pedir alguma coisa, mas, por favor, deixe-me só.

A vergonha o consumia, assim como não entender porque falhara, então não queria vê-la.

– Já disse que não – ela teimou a alguns passos de distância.

– Por que sempre faz o contrário do que peço ou espero?

– Porque não me importa o que quer, sim, o que considero ser o melhor para você.

– Então, será benéfico ver-me consumido pela vergonha? Eu me afastei como tanto queria. Aproveite.

– Não quero que se envergonhe, ou que fique distante. Sabe que não é nada disso, Ethan.

– Eu sei? – Ethan se voltou para encará-la. – A verdade é que eu nunca sei de nada quando o assunto é você. Perco-me no seu raciocínio. Confundo-me com seus odores e humores. Seu corpo me chama e sua boca me repele. E agora... perdi o controle por completo.

– Não tem que sentir assim. Tudo bem que não deveria ter quebrado sua palavra, mas não me importo. Eu apenas pedi um tempo. Só isso.

– Só isso?! – Ethan escarneceu. – Como não posso tocá-la *só por isso*? É preciso que haja mais, Danielle, ou vou acreditar que valho muito pouco.

– Por favor, Ethan, só preciso ordenar meus pensamentos... Não devemos brigar por isso.

– Concordo! Diga-me então o que há para ser ordenado? Diga-me o que fiz *a você*. Todo homem tem direito à defesa, Danielle. Nomeie as minhas faltas para que eu entenda o castigo. E ainda, me diga o que pode haver entre Andrew e você.

– Ethan...

– Não são apenas cismas. Estas não a abalariam ao ponto de tocar nesse assunto enquanto dorme.

Então era isso! Delatou-se em seu sono. Evidente que Ethan estaria no limite. O estava fazendo, afinal? Questionou-se, comovida.

– Sei que não está assim por solidariedade a Joly – Ethan prosseguiu, encarando-a duramente. – Ainda assim, saiba que reconheço meu erro e verdadeiramente lamento ter sido um canalha insensível, contudo é impossível voltar no tempo e mudar minhas ações.

Era o fim! Dana reconheceu.

– Bem... – Ethan acrescentou quando não obteve resposta. – Espero que ordene já lá o que for, o quanto antes, pois não suporto ser deixado de fora. Sabe disso.

– Eu sei.

Ao responder-lhe, placidamente, Dana se colocou diante do vampiro. Ethan a encarou, mas não se moveu. Mantinha o queixo ereto, os lábios cerrados formando uma linha dura. Sem se deixar abater pelo ar sombrio, Dana tocou-o no rosto com ternura. Precisava ganhar tempo, sem magoá-lo.

– Eu não sei o que disse enquanto dormia, mas se em algum momento citei seu sócio, foi porque não confio nele. Estou cismada desde que me levou até seu edifício, por saber que mora no bairro de Graco, mas não posso ser leviana e fazer acusações sem provas.

Aquela parecia ser a verdade, Ethan pensou. Atenuada, editada, mas de certa forma, a verdade. E a sinceridade, antes de trazer alívio, consternou-o.

– E como deseja ter certeza? Agirá como repórter investigativa para segui-lo? É nisso que vem pensando? Sabe que não aceitarei.

– Não tinha pensado nisso – disse sincera. – E esse também é um detalhe que me aflige. Como saber se ele é um traidor.

– Se esse é o problema, vamos mantê-lo sob vigilância. Juntos – enfatizou.

– Juntos! – anuiu. Contente por ter encontrado uma forma de contornar a desconfiança de Ethan, Dana sorriu para dissipar de vez a tensão e o provocou: – Já que chegamos a um acordo, admita... Gostou que eu ficasse.

– Não admito coisa alguma – ele ciciou. – Parece-me convencida o suficiente para que eu ainda a estrague mais.

– Certo. – Dana deu de ombros. – Não diga. Eu sei que gostou e isso me basta – assegurou, sendo ela a invadir-lhe o espaço, tocando-o no peito. – Também não o quero constrangido por reagir como pode quando eu o tirar do sério. Sei que sua impetuosidade faz parte do pacote.

– Bom que se lembra de minhas características, pois não vou me desculpar.

– De todas elas – Dana assegurou languidamente. – E não precisa pedir desculpas. Sabe que eu até gostei de aquele... destempero?

– Danielle... – Ethan sibilou quando ela passou a desenhar círculos em seu peito.

– Verdade – garantiu. – Quando me perseguiu e depois me derrubou sobre a cama... Suas demonstrações de força me excitam. Como ontem quando travou a porta. Foi tão...

Dana nunca terminou a frase. Com um urro incontido, Ethan a puxou para si e a beijou possessivamente, reclamando a posse de sua língua, rolando-a de forma faminta. Nesse momento Dana se obrigou a pensar. Sentia-lhe a falta, mas não estavam sós. Tentando interromper o beijo, falou com a boca ainda cativa.

– Ethan... Joly...

– Joly se foi – ele grunhiu antes de retomar o beijo e recostá-la contra o vidro. – Acha... que se a abelhuda estivesse aqui... não teria vindo... se intrometer em nossa conversa?

De fato! Sem dúvida aquela era uma notícia ruim, mas naquele instante, com o corpo de Ethan colado ao dela, Dana não conseguiu alcançar a gravidade. Liberada de todo receio, rendeu-se à paixão desenfreada, segurou-o pela nuca para incentivá-lo a aprofundar o beijo.

O vampiro não a atendeu. Em vez disso, separou as bocas e rasgou a gola da blusa azul, escolhida às pressas. Sem aviso, afundou o rosto na curva do pescoço e o mordeu. Antes de machucá-la a urgência do ataque, agravou o excitamento.

– Ethan... – chiou entre os dentes.

Saudoso, ainda influenciado pelo ciúme, pela falta, Ethan não tinha medida. Precisou que sua noiva choramingasse para que percebesse sua ação. Depois de lamber-lhe a ferida, voltou a beijá-la. Com mãos aflitas procurou a frente intacta da blusa e rasgou-a, dando o mesmo tratamento ao sutiã.

Ato contínuo girou-a, obrigando-a a se apoiar no vidro quando a abraçou por trás para ocultar-lhe os seios nas mãos experientes. Com o peito ainda a protestar a separação, mordiscou-lhe o ombro, agravando sua excitação, apertando-se a ela.

– Não faça isso outra vez – rosnou em seu ouvido, com furor apaixonado. – Seja por qual motivo for... Sua rejeição é mais do que posso suportar.

– Me perdoe, meu amor, eu... – Dana se calou ao ter os bicos dos seios apertados sem cuidado. – Ethan...

Estimulado, Ethan tentou afastá-la da parede de vidro.

– Não.

– Não?!... – ele indagou confuso.

– Faça amor comigo, aqui... – pediu rouca. – Com a cidade aos nossos pés... Como teria acontecido ontem, em nosso quarto.

– Acha que pode controlar suas garras? Se partir o vidro, a queda será feia – grunhiu junto ao seu ouvido.

– Qual a graça de uma vida sem emoção? – Dana o provocou, oferecendo-se.

– Nenhuma – Ethan retrucou antes de baixar o olhar para as nádegas cheias.

Atento às próprias mãos, ele apertou as nádegas cheias e ergueu a saia preta, justa, de modo lento. Ao livrá-la da calcinha, despiu-se parcialmente e, liberando um urro gutural, uniu-os.

Abraçado a Danielle, serpenteando seu quadril, o vampiro recordou os primeiros dias antes de reencontrá-la. Quando por várias vezes parou ao lado da mesma parede e especulou se voltaria a vê-la, sendo aquela cidade tão grande e corrompida por odores variados. Agora, além de tê-la para si, igual a ele, faziam amor animal com Nova York aos seus pés.

Ethan alimentou a satisfação de ser seu senhor absoluto até inoportunamente lembrar que havia outro desejando seu lugar.

– Não! – bradou. Sentindo a necessidade crescente de reclamar o que era seu de direito, moveu-se com maior vigor no corpo que deveria ser sempre seu, só seu. – Diga que é minha – ordenou roucamente, segurando-a pelos cabelos da nuca.

– Sou sua... – ela gemeu sem hesitar.

– Somente minha, Danielle? – rosnou.

Por um instante as palavras lhe faltaram, pois a iminência do êxtase era insuportável, ameaçava parti-la. Impaciente, igualmente em seu limite, Ethan puxou-lhe os cabelos, fazendo com que ela erguesse mais o quadril, e repetiu a questão, em um novo rosnado:

– Somente minha?

– Sua! – Dana gritou por fim, sucumbindo ao gozo. – Só sua!

– Minha bruxa – Ethan vociferou, curvando-se sobre ela, acompanhando-a na vertigem. Quando a sentiu estremecer e urrar em agonia, Ethan a mordeu com furor.

Dana tornou a gritar: de dor, de prazer. Com o corpo em festa pela reconciliação.

– Machuquei você? – Ethan afastou-se e analisou o local mordido. – Não minta, por favor.

Dana se voltou, sorriu languidamente e acariciou a testa vincada, fazendo com que ele ocultasse os olhos verdes e brilhantes por um segundo.

– Doeu... Mas já passou. Sabe que não pode me machucar.

Ethan realmente sentia pela dor causada, mas não lamentava nem se desculparia. Depois de erguê-la nos braços, seguiu até sua cadeira.

– Estamos em paz? – perguntou encarando-a, ao acomodá-la em seu colo.

– Estamos em paz – Dana assegurou, cheirando-lhe o rosto então a lateral do pescoço.

– O que está fazendo? – sibilou, voltando a se excitar.

– Matando a minha saudade. Ficar longe foi ruim para mim também. Mas não tinha como me aproximar ao ver sua indiferença ante ao sofrimento de seus amigos.

– É inacreditável que meu egoísmo ainda a espante.

– E seu ceticismo, seu egocentrismo, sua insensibilidade e, acima de tudo, sua perversão... – A cada palavra, Dana mordiscava um pedaço de pele, instigando-o.

– Está nomeando minhas faltas como pedi? – Ethan indagou roucamente. Era bom tê-la de volta. – Será preciso que eu formule alguma defesa?

– Não, brilhante advogado, eu estou apenas enumerando o óbvio. É simples assim, eu o confundo? Você me espanta! Mas... mesmo assim eu não deveria ter feito o que fiz. Sinto muito!

– Não sinta, pois tenho consciência de que provoquei todas as suas ações. Se alguém tem de sentir alguma coisa esse alguém sou eu. Nem Joly deveria estar pagando por meus erros.

– Não sabe como me alegra ouvir isso. Entenda que não dizendo que seja alguém que não é. Muitas vezes me espanta, mas o amo assim. Mas passar a ver as coisas pela visão dos outros antes de tomar algumas atitudes não vai te fazer mal e com certeza vai te deixar ainda melhor.

– Não tenho como ser melhor, Danielle. Sou o que sou! Então não se anime com o que ouviu. Eu me arrependo, única e exclusivamente, do que fiz a Thomas e Joly. Pode entender?

– Claro que sim! Eu te amo.

– Até quando? Qual o limite?

Dana sorriu, confundindo-o.

– Desculpe ter que lembrar senhor – disse antes que ele a questionasse –, mas já esqueceu que me tirou de sua vida três vezes? Isso até onde me lembrei... No entanto, onde estou? Bem aqui, perdida de amores por você. Se isso por si só não é prova cabal de meu amor ilimitado, nada mais poderá ser.

– Então não há um limite para tudo – comentou, convencido. Comprazendo-se com o clima ameno depois da tempestade.

– Eu sabia! Basta eu me declarar um pouquinho e você já tenta tirar alguma vantagem? Tsc, tsc, tsc...

Ainda sorrindo, Ethan escorregou uma de suas mãos pela nuca feminina e a prendeu firmemente.

– Sempre, Danielle! Saiba que além de cético, egoísta e egocêntrico sou também um aproveitador.

Ela sabia, e não se importava.

Capítulo Treze

– Fique – Ethan pediu ao entrarem no *closet*, abraçando-a pela cintura. – Telefone para Cindy, diga que volta amanhã ou depois.

– Não posso. – Queria ficar com ele, mas também queria viver. – Já estive longe tempo demais para uma recém-contratada.

– Ou participativa demais para uma proprietária – ele retrucou. – Sabe que aquele jornal é seu, não sabe?

– Eu sei... E por isso devo dar o bom exemplo. Já imaginou como será quando todos souberem?... Cindy está presente todos os dias.

Às suas palavras, Ethan se afastou e endireitou os ombros. Depois de prender-lhe o queixo para que o encarasse, falou seriamente:

– Cindy e os funcionários daquele jornal são apenas vítimas em potencial dos perigos que rondam essa cidade, não minha noiva ameaçada por vampiros lunáticos e vingativos.

– Sei disso, mas temos de arriscar, não?

– Eu, não você! – Antes que ela retrucasse, acrescentou: – Não estou tentando interferir em sua profissão, apenas pedindo que não se exponha.

– Tentador, mas, como você mesmo diz, temos de agir normalmente, só que atentos. Se não for assim, passaremos a impressão de que estamos amedrontados. Não que eu não esteja, mas acredito que demonstrar confiança nos ajude.

– Essa é nova! – Ethan exclamou, encarando-a, incrédulo. – *Você* está amedrontada? E toda aquela conversa de que poderia destruir a todos por ser mais forte?

– Não zombe de mim, por favor. Ainda acho que posso, mas não tenho como ter certeza... E também, boa parte de meu medo se deve à sua segurança, não à minha.

– Está vendo? – Ethan ciciou. – Como posso ficar em paz? Se não teme por si, pode inventar de fazer alguma bobagem que a coloque em perigo. E acredite... Iria atingir-me mais do que se ferissem diretamente a mim.

– Prometo não fazer nada enquanto estiver sozinha.

– Então não se importará se eu levá-la e depois buscá-la?

– Não me importo. – Restou assegurar.

Com a satisfação evidente no rosto perfeito, Ethan a puxou de volta ao *closet*. Entre olhares mal disfarçados, desejo contido e sorrisos de encorajamento, vestiram-se em silêncio apenas ouvindo as gotas da chuva prometida desde a noite anterior batendo contra o vidro.

Uma vez prontos, partiram. Já no interior da SW4, alguns quarteirões além da Wall Street, Ethan apertou levemente a mão que segurava desde a saída do NY Offices e quebrou o tenso silêncio:

- Como tudo até agora, você vai estranhar a redação. Ela será extremamente barulhenta.
- Imagino que sim... Se for demais para mim, eu *inspiro* Cindy a me mandar fazer algo externo.
- Se acontecer, avise-me que venho buscá-la, de imediato.
- Não acho que seja necessário – ela tentou dissuadi-lo. – Estava pensando em ver como está o conserto de meu carro e também tenho outras coisas a resolver... Serei breve e logo voltarei para o apartamento. Não precisa vir me buscar e...
- O que tem a resolver? – Ethan a interrompeu.
- Pequenas coisas, bobagens minhas...
- Mais segredos?

Não era segredo algum, apenas bobagem, como colocou. Enquanto se vestia e tentava se distrair do corpo forte e convidativo ao seu lado, cogitou ver seu carro e providenciar um novo celular. Não correria perigo, nem Ethan deveria sofrer por algo tão banal, por essa razão expôs suas intenções.

- Pode comprar um celular pelo telefone – ele retrucou secamente ao final de sua explicação.
- Sei que posso, mas prefiro continuar a fazer as coisas do meu jeito. Por favor, Ethan... Não estou pedindo nada demais. Prometo que ao sair eu te aviso e assim que vir tudo o que desejo eu volto correndo para nosso apartamento. Acredite, não sou irresponsável.

Ethan apertou a ponte no nariz e bufou exasperado, contudo aquiesceu.

- Não posso impedi-la. Então me prometa que voltará voando.
- Voando – Prometeu e lhe sorriu quando já paravam diante do *Today*.

Como um entendimento conjunto, ambos não se perderam em lânguidas despedidas. O beijo foi intenso, porém breve antes que Dana deixasse o carro. Sua intenção era esperar que ele partisse – como fazia com o antigo namorado –, contudo, Ethan não saiu do lugar. Encarava-a com uma sobranceira erguida. Dana maneou a cabeça e se dirigiu à entrada. Somente ao cruzar a porta principal, ouviu o cantar dos pneus e o acelerar ruidoso.

Dana olhou em volta e prendeu a respiração ao compreender que a partir dali, estava por si só. Que os deuses a ajudassem!

Pouco mais de dois minutos, depois de paradas e subidas, entradas e saídas de humanos no espaço limitado do elevador, Dana soltou sua respiração ao se afastar. Não estava preparada para a sede que irritou sua garganta ao sentir tantos odores atraentes. Agora, a caminhar por entre as mesas, tentava evitar olhar os rostos que se voltavam para ela e ignorar a cacofonia – antes tão apreciada – que agredia sua excelente audição.

No curto percurso até a sala da editora-chefe, Dana cumprimentou brevemente os poucos que se permitiu falar nos raros momentos de lucidez nos seus dias de *zumbi*.

– Bom dia! – Dana cumprimentou a secretária de Cindy, sem se lembrar do nome. – Poderia avisar a Sra. Howden que desejo lhe falar?

A moça a encarou então piscou algumas vezes, até que perguntasse:

– Você é Dana Hall, não?... A novata?

– Se não contrataram outra depois de mim, sim... Sou a novata – respondeu indiferente. Não simpatizava com a funcionária especuladora. – E então, vai me anunciar?

– Vou – a moça respondeu num sussurro incerto sem deixar de analisá-la. – O que houve com você? Parece mais...

– Disposta – Dana completou. Não devia explicações à secretária, mas achou conveniente ter alguém que a ajudasse a explicar sua nova tez de palidez tão evidente. – Estive doente... Uma virose fortíssima. Ainda estou me recuperando.

– Faz sentido – a moça novamente sussurrou. – Parecia mesmo doente dos dias em que estive aqui.

– Sim... Agora poderia, por favor, me anunciar?

– Um momento.

Sem desviar os olhos até que fosse extremamente necessário, a moça seguiu até a porta da editora e bateu contra o vidro antes de entreabrir a porta. Dias atrás seria impossível, contudo naquele instante Dana pôde ouvir a resposta de Cindy. Quando se encaminhou para a sala, sabia que seria bem recebida.

– Nossa, Dana, quanto tempo! – Cindy deixou sua mesa e foi até ela para cumprimentá-la. Antes que pudesse prever, Dana foi puxada para um breve abraço. Ao afastá-la, a editora lhe escrutinou o rosto. – Está gelada e pálida. É o frio e a chuva ou ainda está doente?

– Em recuperação – Dana respondeu entre confusa e agradecida por todos lhe indicarem uma desculpa plausível. – E realmente parece que tem muito tempo desde que saí daqui.

– Para fazer as pazes com Ethan, e nunca voltou – observou com leve acusação. – Sei que tudo terminou bem, mas até ter notícias, fiquei preocupada. Você estava transtornada quando saiu daqui. Sente-se e me conte... Como foi?

Dana fez como indicado, contudo sem vontade alguma de narrar os assuntos permitidos sobre sua história de amor. Até porque os motivos reais que a mantiveram afastadas por 11 dias eram inenarráveis.

– Sua ajuda foi muito importante para que, não só reatássemos como... – ao se interromper estendeu a mão, exibindo o anel em seu dedo. Aquela era a parte *publicável*.

– Ficaram noivos! – Cindy completou enlevada. – Dana, meus parabéns!

– Obrigada! Devo te agradecer por ter me mostrado o quanto sou importante para Ethan. Se não fosse por você talvez ainda estivéssemos separados.

Ou ela estivesse sendo forçada a ficar o resto de seus dias ao lado de Paul, Ethan estaria morto. Seu estremecimento não passou despercebido.

– Ainda não está bem, não é? – Cindy indagou. – Semana passada me disse que Ethan preferia que repousasse mais tempo que o prescrito pelo médico. Talvez fosse o caso de atendê-lo.

– Foi apenas um calafrio – Dana tranquilizou-a –, talvez resquícios da febre.

– Se é apenas isso... Estou feliz que esteja de volta, mas não colocarei empecilhos caso queira ficar mais alguns dias em casa. – Baixando o tom segredou: – Não precisa ocupar sua posição de jornalista, talvez Ethan esteja pensando em lhe dar outra função...

O momento de felicitações e preocupação tinha passado e a editora tentava – sem nenhum tato – saber o que esperar da união. Aquela não era a primeira vez que Cindy citava veladamente um nepotismo futuro então, exercitando sua paciência e se preparando para mais especulações como aquela que fatalmente viriam, Dana sorriu.

– Não tratamos sobre esses assuntos – assegurou – e de toda forma, me considero uma iniciante que tem muito a aprender antes de aspirar novas ocupações. Vou dar tempo ao tempo... Não tenho pressa e conto com sua experiência para me indicar o caminho, como fez com as últimas matérias que escrevi nos meus dias negros. Então, agradeço o oferecimento, mas prefiro ficar.

– Bom – Cindy mal disfarçava seu contentamento. – Você é quem sabe... Só não quero que tenha uma recaída ou que Ethan se aborreça comigo. Devo muito a ele.

– Não vai acontecer – Dana afirmou.

– Então pode contar comigo sempre. – A editora lhe estendeu a mão por sobre a mesa. – Bem-vinda de volta! Vá! Junte-se a nossa família e me prepare uma boa matéria. As pautas

já estão dividas, mas pode fazer algo aleatório sobre o tema que desejar. Como fazia antes de vir definitivamente e então usaremos no Caderno de Variedades.

– Farei isso, mas antes gostaria de saber se não tiveram notícias de Jeff – disse despretensiosamente. – Não vi nada sobre seu desaparecimento.

– Lembra-se do que eu lhe disse? – Antes que respondesse a editora se adiantou: – Tudo perda de tempo, o deles e o nosso. Essas investigações não dão em nada. Esse rapaz é apenas um número na estatística.

– Temo que seja realmente dessa forma – Dana exalou num lamento antes de levantar. – Ainda não dei meu depoimento, vou fazê-lo o quanto antes, mas nada tenho a acrescentar.

– Ao menos fará sua parte na tentativa de acabar com essa loucura.

– Por certo. Farei o possível para acabar com essa loucura – Dana murmurou intimista antes de rumar para sua mesa, como se aquela fosse, realmente, a primeira vez.

∞

– Assim fica difícil conversar alguma coisa com você, Ethan. Onde está?

Ethan apenas moveu os olhos para a secretária, sentada à sua frente. Antes que pudesse responder, ela lhe poupou o trabalho.

– Mas que pergunta à minha!... Tem certas coisas que jamais mudarão e sua dispersão ao ficar afastado de Dana é uma delas.

– Acredite... Esse déficit de atenção também me incomoda – informou taciturno.

E não mentia. Dar-se conta de estar de volta ao NY Offices sem nem ao menos perceber o caminho, exasperou-o sobremaneira naquela manhã. Já deveria estar acostumado à dispersão citada, mas a cada novo desligamento ficava mais alarmado. Obrigando-se a dar a devida atenção ao assunto corrente, indagou em tom de escusa:

– Poderia repetir o que disse?

– Disse que tenho dois possíveis casos que talvez lhe interessem. Ao que parece nem mesmo você é capaz de acabar com sua fama. Eu agendei um deles para essa amanhã – disse Joly, profissional. – Se for um homem pontual, em uma hora o senhor Jackson estará aqui.

– Pode me adiantar alguma coisa?

– Ele deseja contratá-lo para que defenda a esposa. A senhora Jackson foi denunciada por lesão corporal dolosa contra uma de suas empregadas.

Para alguém que sempre nutriu respeito por seus funcionários a perspectiva de defender uma mulher descontrolada e provavelmente detestável, não lhe trouxe interesse

algum. Não por qualquer impedimento moral, mas por saber que não apreciaria matá-la tão logo a deixasse livre de uma possível indenização ou reclusão. Verdadeiramente – há muitos anos – não lhe agradava matar mulheres e três exceções desde que Danielle se instalou em sua vida já era considerado um número excessivo.

Que graça teria brincar com a comida se não a comeria?

– Quando o senhor Jackson chegar o encaminhe para a sala de reuniões – pediu resignado, tinha de continuar atuando, afinal.

– Por que não recebê-lo aqui? – Joly indagou confusa.

Porque essa sala está lotada de Danielles, pensou angustiado. Tinha lembranças demais! Decididamente precisava ficar longe de todas elas, pois mesmo apreciando a companhia incorpórea e múltipla, tinha plena consciência de que não conseguiria ceder mais do que dois minutos de sua atenção ao novo cliente, ainda mais por um caso tão desinteressante.

– Preciso de novos ares – explicou lacônico. Na esperança de ter ao menos uma alegria, indagou: – E quanto ao outro caso?

– Latrocínio... O caso já está em andamento, mas parece que a família está insatisfeita com os serviços do advogado contratado.

– Nós o conhecemos? – perguntou, recostando-se em sua cadeira de couro.

– O nome não me foi passado, apenas sei que é um dos advogados de Turner.

– Entendo a insatisfação! – soou soberbo, enfadado. – Ao menos terei *um* réu dessa vez?

– Terá – a secretária confirmou, contrafeita. – Já está fazendo planos de matá-lo?

– Basta ter minha vitória – retrucou e estalou a língua nos dentes, saboreando certo divertimento ante aos pudores de Joly.

Antes que este ganhasse força e sobrepujasse sua irritação anterior, Ethan atinou que faltava uma personagem essencial naquele teatro. Evitou o assunto durante quase uma hora, mas estava claro que mesmo tratando de seus afazeres, ambos mal disfarçavam a ansiedade em comentá-lo.

– Nenhuma notícia de Thomas? – Ethan indagou por fim. Ao notar o súbito desconforto, soube que havia algo novo. – Conte o que há, Joly.

– Bem... – ela começou receosa. – Não queria preocupá-lo mais, mas...

– Mas...? Fale de uma vez.

– Antes de voltar ao East Village, eu fui ao meu antigo apartamento e descobri que Thomas passou por ele antes de ir embora.

– E...? – Ethan a encorajou, ansioso. – Thomas levou todos os seus pertences?

– Não – Joly respondeu, impassível, como se de alguma forma tentasse conformar-se. – Pegou apenas algumas roupas, dinheiro e... o passaporte.

– Thomas deixou o país?! – Não era a intenção imprimir tamanha incredulidade em sua voz, mas Ethan simplesmente não se conteve. – Mas para onde ele iria?

– Não tenho a mínima ideia, Ethan, e toda essa falta de notícias está acabando comigo.

Frente ao lamento novo e condizente com a situação, o vampiro foi obrigado a refrear sua curiosidade especulativa.

– Sinto muito Joly – disse de chofre.

– Ah, não sinta por isso... Eu deveria saber que se Thomas resolveu colocar distância entre nós, iria para o mais longe possível.

O Ethan de um dia atrás se aproveitaria do mal-entendido e intimamente se consideraria quites com suas desculpas incompletas, não o daquela manhã.

– Não me refiro a isso – falou seguro. – Estou declarando meu pedido sincero e formal de desculpas por todas as vezes que lhe faltei ao respeito. Antes de ser um devasso fui um cretino com quem merece tão somente meu respeito e admiração.

– Você está falando sério! – Joly maximizou os olhos. – Falando sério, de verdade!

– Estou – confirmou sem se deixar abalar pela incredulidade. – Pode me perdoar?

– Para isto... – ela o indicou como se nomeasse o gesto – eu jamais estive preparada. Diante dessa novidade promissora nada mais me resta do que perdoar suas faltas em definitivo.

Como dito a Danielle, o arrependimento era único e exclusivo por ter magoado seus amigos e não que tivesse adquirido uma alma nobre e benevolente da noite para o dia. Mas quem era ele para roubar a felicidade alheia? Se Joly queria crer que teria recuperação, amém!

– Obrigado – agradeceu, sinceramente. – De minha parte não esquecerei. Deixarei como um lembrete perpétuo para evitar dissabores futuros.

– Faça como achar melhor – ela retrucou e então, ainda incrédula exclamou: – Nossa! De repente me senti presa a um sonho...

– Não tripudie, Joly – advertiu-a. – Pedi-lhe desculpas sinceras, mas ainda sou o mesmo e continuo exigindo respeito, mesmo sendo complicado para você entender o conceito.

– É verdade... Continua sendo o mesmo – ela constatou, esboçando um sorriso que logo se apagou. – Pena que Thomas não esteja aqui para ver essa mudança.

– Ele saberá – Ethan falou mais para convencer a si mesmo.

– Assim espero. Bem... Vou cuidar de meus afazeres. Assim que seu cliente estiver na sala de reuniões e lhe comunico. – Eficiente, Joly se colocou de pé. – Gostaria que Dana estivesse aqui para parabenizá-la. Ela conseguiu o impossível!

– *Suum cuique* – disse em latim. – *Para cada um o seu*, parafraseando sua citação à Bíblia. Somente alguém tão obstinada quanto eu para conseguir o impossível.

Joly esboçou um novo sorriso e se foi. Uma vez sozinho, sem que pudesse evitar, Ethan deixou que as muitas versões de Danielle viessem lhe fazer companhia. Acariciando o nó da gravata escolhida, o vampiro foi até suas bebidas e se serviu de uísque. Bebericando, mirando a cidade, Ethan tentou sufocar um crescente sentimento de inutilidade por estar confinado em seu escritório. Seu espírito ansiava por ação.

∞

– É bom tê-la conosco, Hall... – disse um dos repórteres ao se acercar de Dana, apoiando-se contra o vidro que a separava da mesa de Jeff. Ainda desocupada, esperando em vão por seu ocupante.

– Também estou feliz por estar de volta – disse ela, indiferente, não pela interrupção de seu trabalho, mas pelo odor masculino. Ethan a preveniu do barulho excessivo, contudo ter consciência do desejo coletivo era o que mais a exasperava.

– Eh... Vou pegar um pouco de café... Gostaria que eu trouxesse para você também? – perguntou solícito.

Dana se lembrava daquele homem. Ele a abordara na manhã seguinte ao seu episódio desagradável com o jornalista esportivo. Não aceitaria nada de alguém tão malicioso nem mesmo se ainda apreciasse a bebida quente.

– Não tomo café – disse, encarando-o intensamente. – Nem converso durante o expediente, somente o essencial. Entendido?

– Entendido.

Após a resposta débil, o homem se afastou esquecido do café, pois retornou a sua mesa e voltou ao trabalho. Depois de correr os olhos brevemente por todos na redação, Dana seguiu-lhe o exemplo e dedicou sua atenção à sua matéria: temores infantis. Chegou ao tema ao recordar Jack e seu medo de altura. O problema era que nem mesmo a leveza do assunto a mantinha focada.

Como se não bastassem todas as incertezas quanto ao futuro, a saudade de Ethan e seus próprios temores, ainda sofria com o burburinho incessante da digitação enfurecida de seus colegas, os toques telefônicos, as conversas paralelas; e o maldito desejo.

A orgia sonora e olfativa lhe roubava toda e qualquer concentração fazendo com que se arrependesse de estar ali. Bem, segundo seu noivo, ela era a dona. Assim sendo, não tinha

sentido permanecer onde se sentia tão incomodada. Ao pensamento, Dana desligou seu computador.

Por ser ainda cedo, decidiu não ligar para Ethan, como disse que faria. Depois de vestir seu *trench coat* vermelho e pegar sua bolsa, sem se incomodar com a nova onda de comentários acerca de sua breve permanência, tomou o rumo da sala de sua editora-chefe. Mesmo com o espírito acalmado, não estava com paciência para lidar com a secretária então apenas informou que entraria. Fez como o dito, após dois breves toques contra o vidro da porta.

– Algum problema, Dana? – Cindy retirou seus óculos de leitura e a encarou, preocupada.

– Nenhum... Só vim dizer que vou continuar a fazer a matéria em casa, como sugeriu. – sustentando-lhe o olhar, afirmou: – Dirá a todos que me incumbiu de trabalhos externos, por isso venho esporadicamente.

Cindy assentiu.

– Obrigada. Até breve, Cindy.

– Até breve, Dana.

Sem olhar para os lados, a vampira seguiu até o elevador. Após a torturante descida no espaço exíguo, marchou apressada até a rua. Ao chegar à área aberta, livre de odores, agradeceu o pouco alívio que trazia à sua garganta e também entendeu todas as vezes que Ethan explicou sobre como a chuva os encobria. Com seu olfato limitado, quase se sentia humana. A parte preocupante era saber que igualmente não sentiria caso algum imortal se aproximasse.

Inconscientemente Dana recuou um passo. Amedrontada, cogitou retornar ao jornal e pedir que o noivo viesse buscá-la. Contudo logo descartou a ideia covarde. Como seria se recusasse diante da primeira provação?

Sabia como seria. Ethan a cercaria de mais cuidados até que ela, como a boa medrosa que se revelou ser, se tornasse dependente dele. Não, obrigada! Pensou resoluta. Depois de arrumar a bolsa sobre o ombro, Dana voltou à calçada.

Faria o que pretendia e voltaria para Ethan, senhora de si. Sã e salva.

Capítulo Quatorze

Sentado confortavelmente à cabeceira da grande mesa da sala de reuniões, Ethan olhava na direção de Silas Jackson, contudo, sua atenção era direcionada para além do rosto vermelho e flácido, com bochechas tão expandidas que o assemelhavam a um cão. O homem que gesticulava em demasia perdera a atenção do advogado tão logo passou a expor os motivos frívolos que levaram sua adorável esposa a espancar a criada, quase até matá-la.

Enquanto assistia as gotas que batiam na parede de vidro se juntarem e formarem filetes que desciam rápidos como pequenos rios, Ethan tentava convencer a si mesmo que Andrew não seria louco o bastante para procurar por Danielle enquanto ela estivesse sozinha. Não, ele não seria suicida.

Alheio a Joly e ao seu cliente, Ethan conferiu as horas em seu *Bremont*: 11h17. Talvez devesse ligar para Danielle e a convidar para encenarem um almoço. Seria interessante estar com ela num restaurante. Animando-se pela primeira vez depois que a deixou, Ethan se preparou para tatear a procura de seu celular, porém interrompeu o movimento quando um pigarrear insistente chamou sua atenção.

– Pois não, Joly? – indagou secamente, irritado pela interrupção.

– O senhor Jackson espera sua resposta – ela esclareceu. Para salvá-lo, completou: – Quer saber quais as chances de absolvição da senhora Jackson.

Baseando-se no pouco que ouviu, Ethan falou seriamente:

– Bem... Não será fácil convencer alguém de que sua esposa apenas agiu por instinto, visto que no laudo médico de sua criada consta danos faciais, tímpanos perfurados e um trauma craniano.

– Mas a infeliz está bem – retrucou o *Bulldog*. – E viva.

– Ora, faça-me o favor... – Ethan exalou com enfado, deixando no ar o pedido para que o senhor se calasse. – A futilidade que resultou em uma semana de internação da *infeliz* é outro fator negativo, não importando o detalhe de ela estar viva. Sua esposa foi indiciada por tentativa de homicídio. E não me surpreenderá se o promotor usar o fato de a criada ser angolana naturalizada, e insinuar que a agressão foi motivada por racismo cultural e étnico, não por algo tão irracível quanto os danos a uma pele, por mais valiosa que seja.

– Então o senhor está me dizendo que é um caso perdido? – O homem indagou alarmado, tinha os olhos maximizados. – Não há saída para minha esposa?

– Bem, teria sido preferível que a senhora Jackson fosse comedida ao defender seu precioso *Sable* e apenas tivesse demitido a criada descuidada ou feito com que pagasse pelo prejuízo. No entanto... – Ethan deixou a ação no ar. Todos ali sabiam o que se deu. – Reafirmo que não será fácil defendê-la. O caso se tornou público e a classe menos favorecida espera por uma justa punição. Contudo, o senhor procurou a mim... Não tenho por hábito assumir defesas brandas e não me recordo de ter perdido uma causa afanosa. Então, senhor Jackson, não se preocupe, todas as chances estão com sua adorável esposa.

– Obrigado, Sr. McCain! Confio em sua defesa.

– Eu também – Ethan respondeu ao cumprimento, apertando a mão do senhor. – Encerramos por hoje. Até breve.

– Sabe... – Joly começou ao serem deixados por um novo cliente endinheirado e esperançoso. – Sua falta de modéstia sempre me surpreende. Fico me perguntando se esse aspecto também poderia ser trabalhado por Dana.

– Lamento informá-la de que Danielle é beneficiada por várias qualidades minhas para se ocupar com um defeito tão insignificante.

– É um fato! – ela disse, marcando algo em sua agenda antes de fechá-la e concluir: – Você nem ao menos sabe o que é modéstia.

Ethan ensaiava um sorriso complacente ante o olhar reprovador de sua amiga, quando sentiu a aproximação de um dos seus funcionários. Não sabia o que o levava até ali, mas podia sentir o cheiro de seu temor ao chegar à porta.

– Com sua licença, senhor McCain... – disse o advogado, colocando as mãos nos bolsos da calça social.

– Tem toda – Ethan consentiu ao se recostar, curioso.

Mario Ortega entrou, demonstrando uma submissão que Ethan rogava não ser exposta também no tribunal. Ainda incerto, olhou para Joly, então novamente para seu chefe.

– O assunto é particular, senhor.

– Pode falar o que deseja na presença de minha secretária, Mario. – Seus advogados deveriam saber atuar sob pressão, mesmo que esta viesse na forma de uma bela mulher.

– Bom... – Mario começou, ignorando Joly, bravamente. – É apenas uma pergunta um tanto delicada, senhor... Se não quiser me responder eu entenderei.

– Qual o propósito de talvez constranger seu chefe com uma pergunta delicada se passaria bem sem a resposta? – Ethan replicou, divertindo-se com o embaraço masculino.

– Desculpe-me, senhor McCain. – Após um respirar profundo, Mario prosseguiu com maior firmeza: – O senhor tem razão e acredite, não é minha intenção constrangê-lo. Eu me expressei mal... O que quis dizer é que... Preciso expor uma dúvida que paira entre nós e que entenderei se o senhor quiser se reservar ao direito de guardar sigilo sobre o assunto. Mas...

Mario ergueu a mão, freando Ethan quanto este se preparava para retrucar-lhe mais uma vez. Apreciando a ousadia, o vampiro moveu a mão, liberando-o para que prosseguisse.

– Eu gostaria de ter uma resposta senhor, pois todos nós estamos preocupados com nosso futuro. – Ethan assentiu. – É que... eu e todos os outros advogados gostaríamos de saber se a McCain & Associated atravessa alguma crise.

– De toda forma não foi uma pergunta, sim a tentativa de conseguir confirmação de uma impressão pré-estabelecida – Ethan salientou sisudo, livre do humor anterior.

– Perdoe-me mais uma vez senhor, mas é que de uns dias para cá o clima tem estado estranho... Se a movimentação fosse entre os não sócios talvez não nos alarmássemos tanto, mas a estranheza está com os senhores. Não que fiquemos tomando nota de seus passos, mas... Desde sua súbita viagem, nada mais pareceu normal. Tivemos a demissão de Collins... O senhor Kelly também viajou logo em seguida... Ainda vimos o senhor Miller e o senhor Holmes, mas sempre brevemente e agora... – Ao se interromper, Mario olhou na direção de Joly como se decidisse se concluiria ou não. Após instantes, arrematou: – O senhor Miller parece ter saído também.

– Para alguém que não esteve tomando nota, sabe bem de nossa movimentação – Ethan retrucou secamente. Contudo, amenizou o tom ao entender que o mortal não tinha culpa por ver o óbvio. – Sei que o clima tem estado estranho, principalmente depois de meu desentendimento com o senhor Collins, mas aquele episódio fez parte de assuntos particulares que não exerce qualquer influência sobre o futuro de nosso escritório. Portanto não afeta o emprego dos nossos contratados. Quanto aos senhores citados, cada um apenas cuida de seus afazeres da forma que lhes agrada. Todas as dúvidas foram esclarecidas?

– S-sim, senhor McCain. Não era minha intenção questionar sobre como os senhores cumprem suas agendas.

- Eu entendi. Agora vá e transmita nossa conversa aos que temem por seus cargos.
- Farei isso, senhor McCain. Com sua licença.

Ethan o dispensou com um aceno indiferente. Não era seu feitio dar satisfações de sua vida, especialmente a mortais, mas achou por bem acalmá-los, visto que o clima tenso gerado por seus inimigos ficava tão evidente.

- Já tinha ouvido algum comentário mais leve sobre esse temor, mas não dei importância
- disse Joly segundos depois.

– Bom... – Ethan exalou, cansado. – Se voltar a ouvir, tranquilize-os. Tudo que não preciso agora é ficar me ocupando de dar explicações a subalternos humanos.

- Acho que não se repetirá – Joly retrucou. – Mas seria bom se tudo voltasse ao normal.

– Não acontecerá, Joly – assegurou convicto. – Nada mais será como antes. Nossa ruptura é inevitável. Não vamos citar Thomas porque esse eu tenho fé que retorne, mas... Já sabemos que Seager não é um dos nossos e talvez esteja morto... Andrew está estranho, não inspira confiança.

– Ainda assim acho que com o tempo, depois que essa confusão terminar, tudo voltará, sim, ao normal. Com menos *sócios*, contudo em paz.

- Amém, Joly, amém! Agora... Poderia me deixar sozinho?

– Claro! – Joly se levantou e passou juntar suas anotações. – Vou sair para cuidar dos carros agora.

- Obrigado!

Logo Ethan estava de pé, olhando a cidade. A intensidade da chuva tinha aumentado. Ele queria acreditar que aquele fosse um fator favorável a Danielle quando ela estivesse na rua, resolvendo suas *pequenas bobagens*. Ele entendia a necessidade de independência, mas seria preferível que ela se ajustasse à nova condição, física e financeira. Poderia esquecer aquela lata-velha que chamava de carro, assim como encomendar um celular novinho pela internet. Seria assim complicado? Era só a porcaria de um celular, inferno!

Bufando exasperado com as idiossincrasias de Danielle, Ethan sacou seu celular e ligou para a redação com o firme propósito de convidá-la para o almoço. Saber que ela saísse sem avisá-lo não deveria surpreendê-lo, ainda assim, sobressaltou-se. Aborrecido, ao desligar Ethan olhou seu relógio: 11h40.

Danielle permanecera no jornal pouco mais de duas horas. Se a intenção era ficar tão pouco por que insistir em ir à redação em primeiro lugar? Questionou mal-humorado. Nem ao menos tinha como contatá-la. Exasperado, Ethan maldisse a teimosia de sua noiva que lhe atava as mãos. Novamente ela estava solta na cidade inodora, sozinha, há mais de meia hora.

“Assim como Andrew”, uma voz agourenta soou em sua cabeça.

Ethan não acreditava que o sócio se atrevesse a procurar Danielle, contudo... O que impediria *Danielle* de procurá-lo? Não que acreditasse em uma aproximação, mas sua noiva poderia inventar de segui-lo e assim se colocar em perigo. Infelizmente, concluiu, uma jornalista curiosa era bem capaz de agir com tamanha irresponsabilidade. Mil vezes inferno!

Impaciente, Ethan deixou a sala de reuniões e, depois de pegar seu sobretudo, saiu. Iria até o edifício de seu sócio. Se não encontrasse sua noiva pelos arredores, morreria aos poucos enquanto a procurasse às cegas por uma cidade livre de odores, mas não retornaria ao NY Offices sem ela.

∞

Fora complicado escolher seu novo celular entre as muitas novidades oferecidas pela Apple. Eram tantos! Por fim Dana se decidiu pelo último modelo lançado, apresentado pelo excitado atendente. Antes não se atreveria, contudo, ao se espantar com o valor e calcular quanto de suas economias seria comprometido, percebeu o ridículo da situação. Em sua carteira, ao lado do velho cartão de crédito, tinha um novinho, com limite obsceno. E mesmo que não o usasse, agora possuía contas até em países estrangeiros. Era estranho, mas devia se habituar.

Por fim, pagou o aparelho com seu antigo cartão, considerando que aquele seria um bom destino para parte do pagamento recebido do *Daily News*. Depois de ouvir do atendente, toda explicação necessária sobre sua aquisição, Dana deixou a loja e encheu os pulmões com ar limpo, livre de desejos masculinos.

Era hora de voltar para Ethan! Ao pensamento, sentindo uma falta súbita e doída, Dana sacou seu novo celular e ligou para o noivo.

– *Danielle, é você?* – A voz poderosa e inquiridora soou após o segundo toque.

– Se não fosse, teria sido uma forma interessante de cumprimentar outra pessoa – gracejou.

– *Não reconheci o número, mas imaginei que fosse você, afinal é a única que me deve uma ligação* – ele retrucou muito sério.

– Está bravo comigo? – Dana uniu as sobrancelhas.

– *Assegurou-me que avisaria quando deixasse a redação* – ele disparou. – *Onde está?*

Era evidente que ele a repreenderia, pensou Dana, um tanto culpada.

– Estava cedo – justificou-se. – E eu não ia demorar. Já estou livre. Logo...

– *Onde você está?* – Ethan a cortou.

Dana calou uma resposta malcriada ante o autoritarismo ao imaginar o quanto fora frustrante para alguém, preocupado e saudoso, descobrir que não cumprira sua palavra.

– Estou voltando para você – disse conciliadora.

– *Não foi o que perguntei* – ele salientou ainda sério.

Ethan sempre seria Ethan!

– Estou no Soho – disse, depois de um suspiro resignado. – Já deixei a loja da Apple. Agora vou direto para nossa cobertura.

– *Espere aí que irei buscá-la* – ordenou e desligou.

Dana permaneceu a olhar o aparelho, incrédula. Sua falta justificava a seriedade, não a grosseria. Ethan nem ao menos lhe deu a chance de avisar que estava com seu carro. Novamente refreando o mau gênio ela tentou contatá-lo. Ethan não a atendeu.

Irritada, Dana considerou desobedecê-lo. Mas descartou a infantilidade e olhou ao redor. Era impossível ficar parada à porta da loja, com isso ela passou a vagar pela calçada, distraidamente. Quando fazia o caminho de volta, olhando algumas vitrines, uma em especial capturou sua atenção. Era uma boutique de vestidos para noivas. Jamais pensara em casamento – não efetivamente –, mas, de imediato se imaginou num dos modelos expostos.

Rolando seu anel de noivado, ela se aproximou da vitrine. Em meio à confusão, não tivera tempo para pensar como se daria sua união ao vampiro sistemático. Criaturas como eles casavam-se em igrejas? Dana acreditava que não. Mesmo que a entrada não fosse restrita, seria uma afronta a Deus pedir Sua benção à união de dois assassinos. Fosse como fosse, seria interessante se vestir com aquele pedaço de nuvem em organza e cetim delicadamente bordada.

– Ficaria esplendida em qualquer um deles, Danielle.

Apesar do susto, Dana não se sobressaltou ao ouvir a voz junto ao seu ouvido. Ela apenas mudou o foco de seu olhar e mirou o reflexo do homem parado às suas costas. Foi inevitável lembrar seu sonho ao ficar cativa dos olhos azuis. Para completar o quadro, faltou apenas Betânia e Raquel.

Respirando profundamente, amaldiçoando sua distração e a chuva que não lhe permitiram notar a aproximação, Dana se voltou. Andrew – Graco – a encarava com leve ar divertido, nada hostil. Sem conseguir decifrar sua intenção, e tentando conter a inquietação por saber que seu noivo viria buscá-la, Dana apenas retrucou:

– Não sei se esplendida seria bom o bastante para Ethan.

– De fato, Ethan é exigente – Graco comentou, exibindo um belo sorriso –, mas arrisco dizer que em se tratando de você, mesmo que se apresentasse em trapos, seria o bastante.

Incomodada com a conversa e a presença daquele que poderia ler tudo que se passava em sua mente, Dana ignorou o comentário.

– O que faz aqui? Acaso esteve me seguindo? – indagou, seriamente.

– Direta – Graco observou, ainda sorrindo. – Gosto dessa qualidade nas mulheres.

Ela era mais forte do que ele, Dana pensou. E, apesar da chuva, a rua se encontrava movimentada. Graco não tentaria nada contra ela, considerou. Confiante, retorquiu:

– E eu abomino o defeito masculino em protelar as coisas.

– Tudo bem! – Graco ergueu as mãos em sinal de rendição. – Começamos da forma errada. Está lembrada de mim, não?

– Estou – ela murmurou, controlando-se ante ao tom pacificador e a pergunta desnecessária. – E ainda não me respondeu.

– Certo! – ele aquiesceu. – Não fique brava comigo, mas... Sim. Estou seguindo-a desde que saiu com Ethan, esta manhã.

Surpresa com a confissão, por fim Dana agradeceu o mau tempo. Nem se atrevia a imaginar o que teria acontecido caso Ethan percebesse aquela proximidade. Instintivamente ela olhou os dois lados da calçada. Não podia ficar ali, conversando com Graco, mas não se furtou em encará-lo e perguntar:

– Por quê? O que deseja de mim?

– Gostaria de conversar com você. Em particular, por isso esperei pelo melhor momento.

Aquele não era o melhor momento, Dana pensou, olhando os extremos da rua mais uma vez. O que Graco poderia querer? Pedir-lhe que não revelasse sua identidade? Sequestrá-la? A última hipótese a preocupou. Saindo de sua inércia, decidida a resistir se fosse preciso, Dana deu meia volta e tentou retornar à loja da Apple.

– Espere! – Graco a seguiu. – Só quero conversar com você, por favor...

Dana sabia que não deveria. Era arriscado, estava sozinha e talvez corresse perigo real ao atendê-lo. Porém a curiosidade a deteve.

– Vamos sair da chuva – ele sugeriu quando ela parou e o encarou. – Conheço um pequeno Café aqui perto.

Dana analisou-o por um instante. Era estranho imaginar que Graco pudesse ler seu pensamento. Àquela altura ele tinha certeza de que ela conhecia sua real identidade, que seu sócio logo estaria presente, no entanto, convidava-a gentilmente para conversarem.

Talvez fosse essa a resposta. Talvez Graco desejasse afrontar Ethan, finalmente. Ou talvez...

– Vamos, então – ela se ouviu dizer, sem coragem de concluir o pensamento súbito.

– Vamos.

Satisfeito, Graco se curvou num floreio que ela considerou exagerado. Com sua dedução a ganhar força, Dana seguiu na direção indicada. Pedia aos céus para que Ethan ainda tardasse a chegar. Graco tentou segurá-la pelo braço, contudo ela se esquivou num movimento brusco. Ele nada comentou, somente a acompanhou nas largas passadas, em silêncio, até o final da rua.

Quando Graco tentou pará-la diante de um Café, a apenas duas quadras da loja, Dana negou com um manear de cabeça e prosseguiu. Precisava de uma distância maior. Com o cenho franzido sobre os olhos inquiridores, Graco a seguiu até que ela resolvesse parar e encará-lo, tão logo virou à esquina.

– Não temos nada a fazer num Café – disse Dana. – Então aqui está bom. Agora, me diga o que quer.

– Queria tirá-la da chuva – Graco se justificou.

– É só um chuveiro, não me importo com ele – retrucou. – Por favor, me diz o que quer, pois não vejo o que podemos ter para conversar.

– Você não tem – ele salientou ao colocar as mãos nos bolsos de seu sobretudo cinza, escurecido nos ombros pela chuva leve. – Mal me conhece.

Conhecia-o mais do que deveria, Dana pensou. Acaso ele não sabia? Sentindo o coração acelerar por acreditar estar certa em sua dedução, falou:

– Nós nos encontramos poucas vezes.

– Foram suficientes para que eu me interessasse por você. Já que devo ser direto... Quero-a para mim!

Dana se concentrou em manter a expressão estável. Aquela era a confirmação de seu sonho? Graco queria que ocupasse a *vaga* de amante, citada por Betânia? Era muita desfaçatez segui-la para declarar sua intenção à noiva de um rival.

– Como espera que eu responda a isso? – Dana continha a raiva crescente.

– Não diga nada, apenas me escute – pediu ele, manso. – Perdoe-me a ousadia, mas acho que não conhece bem esse mundo ao qual foi trazida. E arrisco dizer que não conhece os motivos que levaram Ethan a transformá-la.

– E suponho que você os conheça – replicou.

– Capricho, puro e simples – Graco disparou seguro. – Desculpe dizer isso assim, mas você não era diferente das outras que ele usava e descartava. No seu caso, com o tempo passou a ser uma queda de braço com seu namorado. No fim, Paul foi destruído e Ethan levou o prêmio. Não sei quais subterfúgios românticos ele usou, mas a verdade é que tudo não passou de disputa masculina, um homem levando vantagem sobre o outro.

Dana nada disse, apenas relutava em se manter estável.

– E foi daí que meu interesse surgiu – ele prosseguiu. – Sempre que Paul me falava de você eu sentia seu amor e senso de proteção. Infelizmente ele nada pôde contra Ethan, mas eu posso fazer o que seu namorado não fez. Posso protegê-la.

– Agradeço a preocupação, mas não preciso de proteção.

– Como não? Ele a maltrata! – Graco apontou a base de seu pescoço. Dana se lembrou de como cada uma de suas marcas foram feitas e estremeceu. Sua reação não passou despercebida ao vampiro milenar. – Entendo que Ethan a mordesse antes, não agora... Sangue imortal nada nos acrescenta. Não nos alimenta nem acelera nossa cura. Ele apenas a machuca. Se me deixar cuidar de você, isso nunca se repetirá.

Então Dana teve a confirmação: Graco não lia sua mente! Antes que soubesse como agir após a descoberta, o novo celular tocou em seu bolso. Ethan! Afastando-se alguns passos, ela o atendeu e ergueu uma das mãos, pedindo, em silêncio, para que Graco não a acompanhasse.

– *Onde você está? Não a vejo em parte alguma* – Ethan inquiriu. Ele estava tão perto!

– Eu tentei avisá-lo que peguei meu carro e...

– *Deixe-o onde está e venha para onde disse que estaria* – ordenou.

Dana não poderia discutir ou mentir para seu noivo diante do inimigo.

– Está bem – anuiu. Ao desligar, voltou até Graco e disse segura: – Escute... Não preciso de seus cuidados. E, se fosse o caso, o que propõe? Que eu o deixe e vá ficar com você? Vamos supor que não fosse um completo estranho para mim e eu o seguisse... Acha que Ethan aceitaria? É essa sua intenção? Uma nova disputa para que seja você o homem que leva a vantagem? Não vai me usar desse jeito. Ethan pode ter sido movido pelo capricho, mas eu sempre correspondi por amor. Nunca vou deixá-lo, Andrew. Por ninguém!

– Vejo que errei ao deixá-la escolher – comentou Graco, seriamente. Logo franziu o cenho e fixou seus olhos azuis aos dela. – Venha e se junte a mim, Danielle! – ordenou, estendendo-lhe a mão esquerda.

Dana revisou os olhos e retrucou impaciente:

– Se isso foi uma tentativa de me induzir, devo alertá-lo de que esse truque não funciona comigo. E se deseja tanto assim que eu vá com você, tente me levar à força, mas saiba que não vou sem lutar.

– Sem lutas! – Graco assegurou, indecifrável, recuando um passo. – Mas não retiro o que disse. Eu sou paciente, Danielle. Agora que está aqui, posso esperar um pouco mais.

– Será inútil – ela redarguiu –, mas o tempo é seu, desperdice-o como bem quiser.

Graco assentiu, altivo. Então disse:

– Que seja! E, já que não haverá uma luta entre nós nem tenho como impedir que volte para Ethan, eu posso, ao menos, pedir que mantenha nossa conversa em sigilo?

– Não se dê ao trabalho – Dana respondeu num sussurro.

Graco Demini conteve a respiração e escrutinou o rosto resolutivo, ergueu uma das mãos como se fosse tocá-la, porém parou ao vê-la se esquivar. E então, se foi.

Capítulo Quinze

Aqueles que passavam ao lado notaram o desaparecimento e todos, sem exceção, olharam para Dana com espanto, indagadores. Ignorando a reação dos humanos ao seu redor, ela fez o caminho de volta. Enquanto corria, rogava para que Graco não a estivesse seguindo.

Ao contornar a esquina e avistar Ethan, que vagava impaciente em frente à loja, Dana passou a caminhar para não denunciar sua pressa. A cada passo, reforçava sua decisão de contar tudo o que sabia, mas não ali. A rua não era o melhor lugar para a conversa que, depois daquela aproximação – e do oferecimento –, passou a ser essencial.

Mesmo com seu porte marcante, Ethan pareceu tão frágil, o único que precisava de real proteção. Ao se aproximar, Dana quis abraçá-lo, pelas costas. Sua ação, contudo, fora interrompida por Ethan que se voltou bruscamente e a segurou pelos ombros.

– Onde esteve? – inquiriu, perscrutando-lhe o rosto. – Eu disse que esperasse aqui.

– Você sabe. Fui ver meu carro... Eu tentei pedir para que não viesse, mas você não me atendeu. Poderíamos estar na cobertura à uma hora dessas.

Ignorando seu comentário, Ethan continuou a analisá-la, minuciosamente. Vagou seu olhar pelo cabelo e pelo rosto molhado antes de se fixar nos olhos.

– Não conhecia essa sua predisposição em passear pela chuva – observou, seriamente.

– Apenas quando necessário – ela retrucou. Para Ethan foi impossível acreditar. A boca dizia uma coisa e os olhos, outra. – Sei que não mereço, afinal o desobedeci duas vezes, mas está tão bravo que nem vai me deixar te abraçar, né?

Com as palavras mansas Ethan teve sua confirmação. A Danielle que conhecia não reagiria tão brandamente às suas cobranças. O mau gênio já teria sido oposto. Exasperado, apenas a liberou. Imediatamente sua noiva o abraçou, fechando os braços em sua cintura.

– Senti tanto a sua falta! – ela declarou contra seu peito.

Ethan retribuiu ao abraço, apertando-a com força. Também sentira a falta dela. Era lamentável que suas questões sem respostas não o deixassem aproveitar o reencontro.

– Vamos embora. Já nos expomos por tempo demais – disse ao afastá-la. Sem dar margem a réplicas, segurou-a pela mão e a levou até seu carro.

– Talvez eu devesse ir com o meu...

– Não, não deveria – cortou-a.

Nenhum dos dois falou. Nem mesmo quando já estavam acomodados no Bugatti, a caminho do NY Offices. O carro negro e caro era intimidador, como Ethan. Vez ou outra Dana arriscava um olhar furtivo para o duro perfil, para as mãos de ferro que apertavam o volante. Era impossível, mas parecia que seu noivo sabia do encontro e fizesse um esforço além de suas forças para não interrogá-la.

Naquele instante Dana entendeu a gravidade de seu erro. Se antes não sabia como atenuar a fúria do vampiro ao revelar a verdade, agora tinha certeza de que seria impossível contê-la. Sua única esperança era que, uma vez na cobertura, conseguisse impedi-lo de sair.

– Não quer saber como foi lá no jornal? – perguntou Dana, para amenizar a tensão.

– Talvez, outra hora. – A resposta foi seca.

– Certo... E como foi no escritório? Muitos clientes? Achei que sim, por isso não quis te incomodar tão cedo.

– Você sabe que não seria incômodo.

Sim, ela sabia. Aquela fora uma tremenda bola fora. E como não poderia argumentar, Dana suspirou, olhou além de sua janela e voltou ao silêncio. Com a direção nada cautelosa de Ethan, em um carro potente, logo entravam na garagem subterrânea. Bastou que a porta fosse destravada para que Dana a abrisse e saltasse.

– Preciso tirar essa roupa molhada, nos vemos lá em cima – disse já a correr para as escadas.

Sua tentativa de ganhar tempo durou até que fosse interceptada e derrubada por um Ethan furioso, poucos andares acima.

– Não me telefona como disse que faria. – Ele não continha a rouquidão em seu ciciar, mantendo-a presa aos degraus, com o rosto muito próximo. – Não me espera onde ordeno. E agora, foge?

– Não estou fugindo! – Dana retrucou bravamente, ignorando a excitação por ter sido *abatida*. – Eu disse que iria me livrar dessas roupas. Afinal o que há com você?

– A pergunta é... *O que há com você?* Teme um resfriado?

Danielle tornava dura a tarefa de não dar asas a sua fértil imaginação com aquela atitude sem sentido. Naquele instante, enfurecia-o e encantava-o na mesma proporção ao encará-lo suplicante enquanto acariciava a gola de seu sobretudo.

– O contato do tecido úmido em minha pele é ruim – ela alegou. – Acho que é impressão do meu tempo de humana. – Após um suspiro profundo, acrescentou, languidamente: – Se bem que... ser caçada por você não foi de todo ruim.

Inacreditável como Danielle o distraia. Quão fácil e prazeroso seria aplacar o próprio desejo despertado ao caçá-la? Seria muito fácil, porém Ethan relutou e não se deixou levar pelos apelos de sua bruxa.

– Você tem dois minutos para se livrar das roupas molhadas e me encontrar na sala, devidamente vestida – disse duramente, rouco, e a libertou. Então anunciou soturno ao ser apenas encarado: – Já estou contando, Danielle.

O vampiro ainda permaneceu onde estava, ordenando seus pensamentos e sentimentos contraditórios; domando sua fantasia antes que seguisse pelo mesmo caminho. Entrou na cobertura em tempo de ver Danielle descendo a escada. Vinha descalça, com os cabelos escurecidos pela umidade emoldurando seu rosto, acentuando a cor do vestido escolhido, vinho.

Ambos moviam-se lentamente, observando-se. Seguindo ao sofá, Ethan se livrou do sobretudo, do paletó. Ao se sentar passou a desfazer o nó da gravata. Se cerimônia sua noiva se acomodou sobre suas coxas, com uma perna de cada lado para que ficassem de frente.

– Deixe que eu faça isso – pediu, assumindo a tarefa de desfazer o nó da gravata. – Dois minutos e estou aqui – vangloriou-se.

Ethan exalou um longo expirar. Se os detalhes infernais daquela história não o levassem às raias da loucura, explodia de orgulho por confirmar que Danielle, verdadeiramente, era uma versão dele próprio, muito pronta a seduzir para distrair. Não funcionaria daquela vez, pensou decidido. Teatralmente, ele conferiu as horas.

– Está atrasada, mas seria complicado reclamar os segundos. – Ainda mantendo o foco, mas incapaz de ignorar as coxas pálidas que contrastavam com a barra do vestido, tocou-as. Ao ouvir o gemido baixo e vê-la fechar os olhos, correu a palma por sua pele até alcançar as nádegas. Ao descobrir que ela não usava nada além do vestido, acusou: – Não foi de todo obediente. Eu disse... devidamente vestida.

– Não quis me atrasar... – murmurou, simulando inocência, acomodando-se sobre ele. – Estou perdoada?

– Por essa desobediência e por não ligar para meu escritório, está. Mas... E quanto às outras faltas?

– Sobre as outras faltas, discutiremos depois – Dana retrucou, livrando-o da gravata.

Relutando em não sucumbir ao massagear ritmado que Ethan aplicava em sua carne nua, sob a barra do vestido, decidida a amansá-lo como sabia antes que provocasse a tempestade, ela começou a desabotoar sua camisa.

A intenção era despi-lo por completo, pois Ethan teria de se vestir caso quisesse sair, o que lhe daria mais algum tempo de ação. Contudo Ethan lhe segurou uma das mãos e beijou a palma antes de rolar a língua em toda sua extensão enquanto ainda acariciava a curva de sua nádega com a mão livre antes de insistir:

– E se eu perguntar agora qual o real motivo de não estar na porta da loja?

Ao se calar ele roçou os dentes na pele sensível do pulso dela. O toque era poderoso apesar de delicado, mas manter a lucidez era essencial.

– Eu diria que temos algo mais interessante a fazer.

Uma vez dito, curvou-se e beijou o pescoço másculo.

– Por favor, Danielle, não é prudente que me morda, nem que beba de mim. – Caso o fizesse ela o enfraqueceria.

Acreditou que a vampira o desobedeceria, porém ela interrompeu a ação e tomou sua boca de assalto. Restou corresponder ao beijo. Era dono de sua vontade, mas não resistiria a Danielle. Não quando ela entregava seus lábios com paixão desmedida e arremetia o quadril contra o seu, endurecendo-o. Com um urro gutural, segurou-a pelos cabelos e aprofundou o beijo com fúria enquanto a mão que lhe apertava o quadril aventurou-se além para acariciá-la, intimamente.

Os gemidos e rosnados se misturavam e antes que pudesse perceber, Danielle tinha feito os botões de sua camisa saltarem. Sem desfazer o beijo, estocou-a com os dedos, ansioso por acomodar seu membro dentro dela. E então sua vampira estacou, mantendo a boca imóvel na sua.

Dana entendeu que não poderia ir adiante. Da mesma forma que não teve coragem de beber dele para enfraquecê-lo, não poderia fazer amor com Ethan e depois confessar que esteve com outro.

Como as bocas ainda estavam unidas, Ethan tentou retomar o beijo, porém Dana ergueu a cabeça para encará-lo. Ele soube pelos olhos dela, o que viria. Então afastou suas mãos para não ir contra a razão e disse sem medo de errar:

– Vai me dizer agora o que tem me escondido e por que não estava na Apple.

– Vou – Dana admitiu, sentando-se ereta sobre as coxas masculinas. – As duas situações estão relacionadas, mas antes que eu explique, quero que me prometa que vai me ouvir até o fim e que não vai tomar nenhuma atitude impensada.

– Por que insiste nesse pedido quando sabe que não vou prometer porcaria nenhuma? – Impossível não concluir o óbvio após tal pedido. Sem domar o ciúme que voltava em toda sua magnitude, derrubou-a sobre o sofá e se pôs a andar de um lado ao outro, diante dela. – Não acredito que mentiu para mim, Danielle! Nem ao menos estava na loja, não é? Apenas chegou atrasada ao endereço escolhido à revelia para me enganar. Esteve seguindo Andrew, não esteve?

– Não é nada disso – negou sem se mover. Não o temia, temia por ele que ainda não acreditava na maldição. Sabia que estava brincando com fogo ao enfrentá-lo: – Mas não vou dizer nem mais uma palavra se dessa vez não prometer como pedi.

– Não jogue comigo, Danielle! – Ethan alertou entre dentes e avançou, para erguê-la, presa pelos ombros seminus. Com o rosto muito próximo, ordenou: – Fale de uma vez!

– Não pode me forçar – lembrou-o, calmamente. – E eu já dei minhas condições.

Era inexplicável, mas ele sabia. Via o que se deu nos olhos âmbar.

– Estiveram juntos! – vociferou. – Procuraram-se às escondidas! – Quando a máscara de passividade caiu, Ethan teve a confirmação. Com um urro próprio às feras feridas, que fez trepidar todos os vidros de sua sala, ele a lançou de volta ao sofá. – Pois considere seu novo amigo um vampiro morto!

Depois de se livrar da camisa sem botões, Ethan rumou decidido até seu sobretudo. Antes que o pegasse, Dana se colocou à frente dele, segurando-o com as mãos espalmadas no peito nu.

– Ethan, pare com isso e me escute.

– Não tenho de escutá-la – rosnou, enraivecido. – Agora, saia da minha frente!

– Não! – Dana segurou a mão que a afastou. – Mas que droga, Ethan! Será que dá para parar de soprar e bufar e me escutar, sem tirar conclusões precipitadas?

– Essa será a última vez que peço – ele ciciou. – Solte-me, Danielle. Ou...

– Ou, o quê? Ou você me mata? – ela indagou muito séria.

O vampiro respirava pesadamente, sua boca tinha gosto de sangue e fel, o ar se agitava, contudo a pergunta mitigou sua fúria. Jamais a machucaria, mesmo que o apunhalasse ao defender outro.

– Agora Andrew é importante para você. – Não foi uma pergunta, Ethan apenas deu voz ao pensamento, terrificado. O que tinha perdido?

– Você é importante, Ethan, não ele. Por favor... Apenas me escute.

Ethan ainda lhe sustentou o olhar, sem se mover. Então se deixou levar quando sua noiva os conduziu de volta ao sofá. Sem soltar-lhe a mão, incerta, ela começou:

– Certo... Não tenho como mentir e nem era minha intenção, então... Sim, hoje eu me encontrei com Andrew. – Ethan rosnou e tentou se soltar, porém Dana o conteve. – Apenas conversamos. Eu estava na calçada, ao lado da loja, esperando por você e ele apareceu.

– Por que não permaneceu onde estava? Para onde foram?... E por quê?

– Nos afastamos algumas quadras porque eu não queria que você nos visse juntos.

– Não! – Ethan urrou, enraivecido. Tentou puxar a mão com violência, contudo ela não somente a prendeu como o segurou pelo cotovelo.

– Pare quieto, Ethan! – ela ordenou firmemente. – Prometeu que ouviria.

Danielle nem precisaria lembrá-lo. Ao receber a voz de comando, toda a força que exercia para se libertar se extinguiu, deixando-o inerte; e estarrecido. Danielle tinha real poder sobre ele!

Ainda digeria aquela descoberta, quando ela esclareceu:

– Não era como se eu quisesse me encontrar com Andrew às escondidas. Eu nem ao menos queria estar com ele, sabe disso. Se saí de onde estava, foi apenas para evitar uma briga.

– Acredite, Danielle, ainda que não pareça, sou civilizado. Por que supôs que brigaríamos?

– Por suas constantes reações intempestivas? – indagou como quem sugere, erguendo uma sobrancelha, desafiadora.

– Ponto para você! Eu não penso, reajo. Mas afirmo que não brigaria na rua. Andrew inventaria uma desculpa qualquer para estar com você, eu fingiria ter acreditado e quando tivesse a oportunidade, acabaria com ele. Simples assim.

– Não seria simples assim – desdisse-o, juntando toda sua coragem. Era hora! Após um suspiro profundo, disparou: – Você não pode tramar contra Andrew.

– E lá vamos nós!... – Ethan debochou, odiando o fato de não poder se mover. Agora sabia como era incômodo ser o lado subjugado da história. – Por que não, Danielle?

Por não saber que o tinha sob seu domínio, Dana se aproximou mais e o segurou com maior firmeza, prendendo-o pelos pulsos. Sem deixar de encará-lo, disse:

– Ele saberia de sua intenção e daria um jeito de evitá-lo. – Às suas palavras Ethan riu com zombaria, própria aos superiores. – Estou falando sério e seria bom se acreditasse – ela pediu.

– Ora, por favor, Danielle! – Ethan retorquiu impaciente. – Andrew não é um adivinha.

– Não se trata de adivinhação. – Agora iria até o fim. – Eu descobri que Andrew é Graco, e sabemos que ele pode ler mentes.

– Impossível! – Ethan escarneceu. – Andrew não tem mais de dois mil anos de idade. É fraco, desregrado e está comigo há seis anos. Tempo mais do que suficiente para ter tentado algo contra mim. E o mais importante, meu amor... Ele não tem dragão nenhum naquele corpo que em breve terei o prazer de decapitar.

– Acho incrível que não acredite!

– O que há de concreto que me faça crer? – Ethan rebateu. – Nada. Então diga de uma vez o que Andrew queria. E explique de onde tirou que ele possa ser Demini.

– Acredite, Ethan, ele é! – Dana assegurou, analisando-o. – Paul me manteve presa no apartamento dele. Eu reconheci o prédio.

– Por isso estive estranha todo esse tempo? Você estava nervosa. Pode ter se confundido.

– Não me confundi! – Dana se pôs de pé, livre para soltá-lo uma vez que Ethan não acreditava nela. – Estive no apartamento. Já contei a você tudo o que descobri. Vi os quartos e, se restava alguma dúvida, eu vi o vestido que Samantha usou no baile de Halloween. Andrew é Graco. Por que é tão difícil aceitar?

– Porque como também já disse, ele está comigo há tempo demais. Se fosse quem você acredita, já teria tentando algo contra mim... E não se esqueça da maldita marca. – Ethan

respondeu sem desviar os olhos dela que vagava à sua frente, de um lado ao outro. – Poderia parar, por favor... Ou... – Era estranho pedir por aquilo – Permitir que me levante?

– Como? – Dana se refreou e o encarou, admirada por notar que o pedido fora *real*.

– Você me prendeu aqui quando ordenou que eu parasse. – Ethan explicou a contragosto. Ao perceber o leve curvar dos lábios rosados, exclamou irritado: – Não é engraçado!

– Não acho que seja, mas tem de admitir ser diferente.

– Sim. Deve ser uma daquelas piadas do destino, justiça poética... Ou qualquer outra bobagem que sirva para descrever um castigo merecido.

– Considera mesmo um castigo?

– Por todas às vezes que apaguei sua memória ou a induzi de alguma forma, sim. E agora estou subordinado a você – disse sem ocultar seu desagrado. – Talvez devesse aproveitar para apenas manipular minha mente e me fazer crer nessa loucura.

– É uma boa ideia. – Dana se curvou sobre ele e segurou o rosto rígido, obrigando-o a encará-la. Ethan suspendeu a respiração até que ela dissesse: – Seria mais fácil te fazer acreditar e até mesmo ordenar que não lute. Mas prefiro detê-lo pela razão, não te privando de sua vontade. Apenas levante, Ethan. Está livre.

Liberto da ordem, de imediato Ethan segurou sua noiva pelos pulsos e a derrubou sobre o sofá, prendendo-a sob seu corpo.

– Por que me provoca, Danielle? – indagou, perscrutando-lhe a face. – Já está bem ruim não entender o que se passa, então, como já lhe pedi, não jogue comigo.

– Não o fiz em momento algum – ela falou sem se importar com sua demonstração de força. – Sei que está confuso. Eu também estou. E garanto que mesmo considerando diferente, não acho que seja um castigo... Deve haver uma explicação como tantas outras coisas que não conhecemos. Se eu não gosto de ser induzida, não o faria com você.

– Seria mais fácil – disse rouco. – Fazer-me esquecer seria muito mais fácil.

– Não quero o que é fácil. Quero que acredite em Raquel e que me escute. Depois de hoje, consegue ver que eu estive certa em esconder? Eu nem disse nada e você já queria arrancar cabeças.

– Se sou assim, tão previsível, também tem de admitir não ter sido sábio agravar minha irracionalidade.

– Sei que errei, mas não tinha como ser diferente. Tenho medo do que possa acontecer... Entende que não pode lutar com Graco? – ela perguntou expectante.

– Ainda não sei se acredito no que me disse – Ethan revelou, temendo o desconhecido. Não conseguia aceitar que Graco, aquele rapace de vidas e esposas alheias, fosse alguém que já se acercava de sua noiva.

– Por favor, meu amor, acredite – pediu ela, tocando-lhe o rosto soturno. – Não sei como responder sobre a falta da marca, mas é verdade... E mesmo que não acredite na maldição, dê o benefício da dúvida.

– O que Andrew queria com você? – Ethan indagou, prevendo a resposta ao senti-la se encolher minimamente. Respirando fundo, lembrou-a: – Já dei minha palavra.

Dana analisou o rosto muito rígido. Tinha de confiar.

– Queria que eu fosse com ele.

– Desgraçado! – bradou antes de saltar para longe.

Alarmada, Dana o imitou, preparando-se para segurá-lo, porém Ethan apenas seguiu para a área aberta, próxima a piscina. Encontrou-o com as mãos fechadas na grade, com a cabeça baixa.

– O que exatamente ele disse? – Ethan perguntou sem olhá-la.

Na verdade não faria a mínima diferença saber, mas precisava conhecer a real intenção de seu atual rival. Também queria ganhar tempo para decidir como agir. Estava claro que não conseguiria sair pela força, porém sairia. Não poderia deixar tamanha ousadia sem resposta.

– Acho que não importa o que ele disse, sim, que estou aqui. Eu... – Antes que concluísse foi contida pelos ombros e fuzilada por olhos verdes beligerantes.

– Importa para mim! – Ethan vociferou. – Quero cada palavra, Danielle.

– Ethan, eu já disse... Andrew queria que eu fosse com ele. Como recusei, ele tentou me induzir, mas você bem sabe que comigo esse expediente não funciona mais. E isso é tudo. Não vou ficar entrando em detalhes irrelevantes. O que é preciso para você acreditar de uma vez por todas que ele é Graco Demini?

– E quando vai parar de minimizar sua importância? Pare de quer poupar-me, proteger-me, ou seja lá o que pretende quando se expõe. Ele tentou levá-la, inferno! Se quiser que eu fique bem, mantenha-se em segurança em primeiro lugar. – De súbito a soltou e lhe deu às costas, trêmulo por conter sua força.

– Deixe-me só, por favor – Ethan pediu ao sentir a mão delicada em seu ombro

– Ethan, eu não...

– Não vou fazer nada impensado – falou sem olhá-la.

Dana o olhou por alguns segundos. Não queria deixá-lo. Não sem antes saber que Ethan acreditava. E definitivamente, não quando ele poderia sair depois de pensar detalhadamente no que faria com Graco.

– Fico na sala então – ela disse na tentativa de respeitar o espaço pedido sem deixá-lo na verdade.

– Prefiro que suba. Espero que sua palavra tenha valor quando diz que confia em mim. Asseguro que não sairei sem antes conversarmos... Apenas preciso pensar e você me distrai.

– Ficarei em nosso quarto. – Antes de partir foi decidida até ele e depositou um leve beijo nos lábios cerrados. – Eu te amo.

Ao ver-se sozinho, Ethan se livrou da calça e se atirou na piscina, passando a nadar de um lado ao outro. Naquele instante travava uma luta interna entre o desejo de ter a cabeça de Andrew entre suas mãos e o de cumprir sua promessa. Freando seu desejo sanguinário, Ethan focou na revelação extraordinária.

Sem muito esforço vasculhou sua memória e reviu seu sócio, naquela mesma piscina, anos antes, quando, atendendo a uma das ideias estapafúrdias de Joly, permitiu que Samantha e Andrew viessem visitá-lo. Depois de mais de três anos de convivência ele precisava deixar de ser separatista e dar espaço às novas amizades, dissera sua amiga.

O encontro fora extremamente enfadonho e improdutivo, pois nada mudou. Sempre manteve a distância cordata e a boa convivência necessária para o relacionamento que mantinham. Fosse como fosse, por essa única visita, na qual vira seus seguidores em trajes mínimos, sabia que Andrew não possuía marca alguma. Então, como poderia ser Demini?

Ainda a nadar, Ethan se obrigou a considerar a possibilidade. Esquecendo-se da maldita marca, especulou sobre os motivos que levariam Andrew a uma mudança drástica em seu comportamento. Como disse a sua noiva, o vampiro sempre fora desregrado e fraco; na maioria das vezes um bonachão que o distanciava de um imortal milenar. Então Ethan se lembrou de suas últimas conversas. Do brilho raivoso que por vezes flagrou no olhar azul. Da postura estranha após seu sumiço e no tratamento galante tão destoante do que sempre fora. E agora tinha a confirmação de que Andrew queria Danielle.

Ethan ainda não sabia em que acreditar, mas teve certeza de que havia somente uma forma de obtê-la. Talvez a tarefa não fosse fácil, mas precisaria convencer Danielle a deixá-lo sair. Ao deixar a piscina, caminhou a passos humanos até sua suíte para encontrá-la. Danielle estava sentada sobre a cama, abraçada aos joelhos. Tão logo entrou, ela se voltou em sua direção. Sem nada dizer, Ethan foi à caça de uma toalha no banheiro anexo e, secando-se, voltou ao quarto.

Dana nunca acreditou ser possível, mas, pela primeira vez o corpo despido de seu noivo não a acendeu. Esteve ansiosa, esperando pelo momento que ouviria a porta principal sendo fechada e agora ele estava à sua frente, secando-se enquanto a encarava de forma

estranha. Logo ele enrolou a toalha em volta da cintura e se sentou à sua frente. Assim como ela fizera antes, segurou-lhe uma das mãos.

– Preciso me encontrar com Andrew.

– Não, Ethan... – ela pediu sem se mover. – Por favor, não faça isso. Não pode lutar contra ele. Acredite em mim.

– Talvez eu acredite – admitiu, chamando-lhe a atenção. – Não é minha intenção lutar, mas preciso vê-lo. Assim poderei ter certeza. Se ele é quem você diz, não planeja me atacar tampouco, então você não tem com o que se preocupar.

– Ethan...

– Entenda que não estou pedindo permissão, Danielle – salientou seriamente. – Apenas quero evitar brigas entre nós, pois de um jeito ou de outro, vou encontrá-lo. Se eu não for até ele, ele virá até mim... Não se esqueça de que Andrew é meu sócio. Ele trabalha comigo.

– Sei disso – Dana retrucou a contragosto. Não poderia tentar dissuadi-lo quando se mostrava ponderado e cumpria sua promessa. – No que depender de mim não brigaremos nunca mais. Não gosto desse encontro, mas, se somente assim vai crer... Vamos até ele.

– Você fica! – Ethan exclamou ao se pôr de pé. – Não os quero perto um do outro.

– Entenda que também não estou pedindo permissão – disse ao deixar a cama.

Capítulo Dezesseis

– Poderíamos ligar para Joly? – Dana arriscou, tão logo Ethan assumiu seu lugar ao volante da SW4. – Seria bom que ela estivesse conosco. Não precisamos entrar em detalhes se você não quiser.

– Joly está cuidando de alguns assuntos para mim. E não quero envolvê-la, ainda – Ethan dispensou a ideia, colocando o carro em movimento. O que não queria, na verdade, era correr o risco de colocá-la diante de Thomas caso o encontrasse com Andrew. Estar de posse do passaporte não era indício de que ele tivesse, de fato, deixado o país. – Fez bem em não contar suas desconfianças nem mesmo a ela.

– Não tive escolha, pois Graco saberia que ela conhece sua verdadeira identidade.

– É essa sua mania de tomar toda a responsabilidade para si que me exaspera – Ethan apertou o volante, irritado, enquanto se misturava ao trânsito. – Tudo bem ele descobrir que *você* sabe, não é?

– Eu não tive escolha – repetiu. – Paul, em sua loucura, o delatou... Mas de toda forma, Graco não sabe. Descobri hoje que ele não pode ouvir minha mente.

Ethan freou o carro de imediato para encará-la, sem se importar com as buzinas repreensivas.

– Está me dizendo que não tocaram nesse assunto quando estiveram juntos?!

– Não tocamos – ela admitiu. – Ele saberá por você.

– Isso, meu amor, *se* ele for quem você imagina... – retrucou, colocando o carro em movimento, considerando a nova informação.

– Não deixe esse detalhe te iludir. Espere até estar diante dele para confirmar ou refutar o que digo. E mesmo que não acredite, por mim, não faça nada contra Graco. Você sabe... Benefício da dúvida.

Ethan a encarou e ao flagrar o olhar suplicante, tocou-lhe o rosto. Satisfeito, viu-a fechar os olhos e mover a cabeça para transformar o toque em um carinho.

– Por você, meu amor. Apenas por você – concordou ao voltar sua atenção ao trânsito. – De toda forma, não se preocupe ainda. Nem sabemos se o encontraremos em seu apartamento.

Impossível não se preocupar, Dana pensou. E ao comentário rogou que o encontro fosse frustrado.

– Obrigada! – disse apenas.

Absortos em seus pensamentos, ambos se mantiveram em silêncio até chegarem ao seu destino.

– Lembra-se qual o apartamento? – Ethan indagou ao estacionar.

– Sétimo andar, apartamento 705.

– Ótimo, não nos faremos anunciar. Vamos subir e ver o que acontece.

Incapaz de pronunciar qualquer palavra Dana se deixou conduzir. Passaram pelo porteiro sem maiores problemas e seguiram ao elevador. Particularmente, mesmo que não desejasse aquele encontro, ela odiou ter de prolongar sua aflição ao subir tão lentamente.

Sentindo a inquietação de sua noiva, Ethan a trouxe para perto e a abraçou.

– Não se aflija. Está tudo sob controle – assegurou contra os cabelos dela, antes de beijá-los.

Dana o enlaçou pela cintura. A única certeza, em meio àquela loucura, era a de que ninguém tinha o controle de coisa alguma, mas não diria. Separaram-se quando as portas se abriram no andar indicado. Ainda sem nada dizer, Dana segurou seu noivo pela mão e o levou até o apartamento conhecido.

Antes que Ethan tomasse qualquer atitude, a porta foi aberta de súbito. Muito à vontade, vestindo apenas uma calça *jeans*, Andrew o encarou.

– Ora! Ora!... Ao que devo a honra?

– Eu não colocaria dessa forma – retrucou Ethan, refreando sua noiva ao sentir que ela estava pronta para se colocar entre ele e seu Graco Demini.

De imediato, após sua zombaria intimista, o ar debochado de Andrew se desfez. Ato contínuo, seus inquiridores olhos azuis escrutinaram a expressão sombria de Ethan, vagaram para Danielle e novamente para seu sócio, que o encarava, impassível. Sim, por um instante, baseado na aparente reação, alguém poderia acreditar que ele fosse Demini, mas... Como crer que aquele à sua frente – o mesmo que dividiu o escritório por anos – fosse uma criatura milenar? Andrew era um ser apenas risível. Inconformado, sem notar, maneou a cabeça em negação.

– Poderia se surpreender com aparências que enganam – Andrew comentou como em resposta. Tinha o rosto endurecido, livre de emoção.

– Graco! – Ethan exalou num murmúrio feroz.

– Caro colega, eu admito! Não sei como soube, mas, sim... Graco. – Andrew abriu os braços para indicar a si mesmo.

Ante a confirmação improvável, Ethan não soube como agir. Estava preparado para mostrar a Danielle seu engano, não o contrário. Antes que decidisse o que fazer, o vento contrário denunciou a presença de sua intrusa, atordoando-o mais. Agora, não restariam dúvidas!

– Não precisa se esconder, querida – Andrew falou sem deixar de encará-lo. – Eles já sabem que está aí. Também sabem sobre mim. E eu ainda gostaria de saber... como.

– Betânia! – Ethan sibilou trêmulo, e segurou a mão de sua noiva com maior força ao ouvi-la rosnar. – Não, Danielle!

– Isso! – Andrew se dirigia à vampira raivosa. – É melhor que pare, pois não admitirei que ataque minha mulher.

– Ninguém vai atacar ninguém aqui, Andrew – Ethan sibilou entre dentes. – Ou prefere ser chamado de Graco?

– Andrew, por favor – este pediu, dando um passo atrás para ser abraçado por Betânia que finalmente se revelou, vestida em peças íntimas. – Graco é ultrapassado... Somente minhas esposas resistem às mudanças e me chamam assim.

Apesar da raiva, para Ethan, tudo parecia ser um sonho ruim. Tentava digerir a informação, sempre atento à sua noiva, indômita, às suas costas.

– Se ela não fosse uma chatinha fiel, também poderia chamá-lo assim – disse Betânia, indicando Danielle, com evidente malícia. – Não vou com a cara dela, mas reconheço que está uma delícia, assim, bravinha. Seria animado se ela se juntasse a nós, não seria, Graco?

– Faça-a calar a boca! – Ethan ordenou a Andrew, avançando um passo. – Ou eu me esqueço que aqui não é o lugar e faço com que engula cada palavra. E quando você vier me impedir, veremos se a tal maldição é verdadeira.

De súbito, Ethan sentiu que os ânimos sofreram forte abalo. Danielle silenciou e recuou um passo. Andrew abandonou o deboche e se desvencilhou de Betânia. Esta, animada com a possibilidade de luta, moveu as mãos, convidando-os a entrar como se a sala pudesse ser seu campo de batalha e pediu:

– Deixe que eles venham, meu senhor!

– Vá para seu quarto! – Andrew ordenou. – E não volte sem ser chamada.

– Mas... – Betânia exalou incrédula.

– Agora! – seu líder imperou, cortando-a, sem altear a voz.

Antes de obedecê-lo, Betânia encarou Danielle com altivez. Esta lhe sustentou o olhar, reconhecendo nos olhos azuis a promessa de um encontro futuro, particular. Ela estaria esperando. No momento, preocupava-a mais a ameaça de Ethan. Graco demonstrou compartilhar seu receio.

– Sabe até mesmo da maldição – ele comentou pausadamente. Sem deixar de encará-los, foi até o sofá e vestiu uma camiseta, esquecida no estofado. Ao sentar, fez um gesto amplo, em um convite mudo para que Ethan e Danielle se juntassem a ele.

– Vamos embora – Dana pediu, puxando Ethan pelo braço, sem conseguir movê-lo. – Já tem sua resposta.

– Isso foi antes, Danielle – disse Graco, sem se mover. – Agora, Ethan está curioso.

De fato estava! A despeito do ódio visceral por ter sido ludibriado durante anos, e pela tentativa de lhe tomar Danielle, Ethan considerava surreal que seu sócio fosse um vampiro milenar, ligado a ele e a sua noiva por laços que transcendiam parentescos sanguíneos. Gostaria de entender como um afetaria a existência do outro. Igualmente perturbador era ter sua mente invadida e ouvir comentários sobre questões silentes. Simplesmente precisava de mais!

– Sou educado e geralmente evito irritar as pessoas – Andrew garantiu.

– Pois então, demonstre desde já – retrucou Ethan, aborrecido pela constante invasão de sua mente.

– Se lhe serve de consolo, não gosto de decifrar a mente alheia.

– Por alheia você diz...

– A mente dos imortais... Mas não todos – explicou ao fixar o olhar em Danielle. – Melhor entrarem e se sentarem – sugeriu, novamente indicando o sofá. – Eu permito.

– Não preciso de sua permissão – Ethan replicou. – Ainda não entrei porque não quis.

– Então descobriu que pode entrar no território de seus iguais! – Andrew maneou a cabeça, admirado. – Parabéns! E entre de uma vez. Afinal veio para conversarmos, não?

– Entre outras coisas.

– Ainda prefiro ir embora – Dana sussurrou, incomodada com a ameaça velada de Ethan, fazendo com que a encarasse. – Não é seguro.

– Se a tal maldição for verdadeira, nenhum de nós pode nada um contra o outro – replicou. – Não queria que eu acreditasse? Pois agora acredito. Venha... Nada acontecerá.

Dana ainda o encarou por segundos infinitos. Doía-lhe na alma permitir que Ethan entrasse em espaço inimigo, mas não poderia contrariá-lo diante de Graco. Restava resignar-se e confiar.

Ethan assentiu ao notar que ela não se oporia e, depois de voltar a encarar seu rival, sempre vigilante, entrou e se sentou no lugar indicado. Danielle se acomodou ao seu lado, ereta. Parecia pronta a saltar sobre Andrew ao menor movimento. Para acalmá-la segurou-lhe a mão.

– Pergunte, Ethan – Andrew liberou, ignorando a vampira beligerante.

Muitas eram as questões, todas relevantes, mas uma em especial, surgida minutos antes, inquietava-o.

– Disse que temos livre acesso ao território de outro imortal... Mesmo que haja um humano presente?

De súbito Ethan sentiu o temor tardio por imaginar o quão fácil teria sido para Paul capturar Danielle sem se valer de Carmem. Talvez ele estivesse errado em sua dedução, ou o rival não soubesse que nunca houve um impedimento.

– Humanos nos bloqueiam em seus territórios apenas – Andrew explicou e, respondendo a pergunta muda, acrescentou: – Sou um criador generoso e experiente. Paul sabia tudo o que deveria saber. Se em sua rebeldia não conseguiu raptar a humana dos locais onde a deixou, foi porque você, inconscientemente, os bloqueou ao confiá-los a ela.

A explicação tinha fundamento, Ethan pensou, apertando mais a mão de sua noiva. Desde que a aceitou em sua vida, Danielle era senhora absoluta de tudo o que fosse seu.

– Não poderia ter melhor beneficiária – observou Andrew, intimista. – Quisera tê-la visto antes como agora a vejo.

– Como se atreve?! – Ethan se pôs de pé, empertigado. Andrew reagiu instintivamente, imitando-o, alerta.

– Por favor! – Dana pediu ao se colocar entre eles, separando-os com os braços estendidos. – Ethan, lembre que não pode...

– O que espera que eu faça quando ele descaradamente a cobiça? – indagou raivoso, tentando controlar sua força. – Como será nossa vida? Não posso nada contra ele nem contra qualquer um de sua corja e isso sem que haja um lugar onde possa mantê-la em segurança.

– Não são muitas, mas ainda temos regras. – Andrew falou sem se alterar, com os olhos atentos na mão delicada, próxima ao seu peito, como se esperasse o toque. Quando Dana a recolheu, ele os encarou e se dirigiu diretamente a Ethan:

– No geral somos criaturas honradas. Agora, apenas fiz um comentário. Não pode reagir negativamente sempre que um homem admirar sua noiva. E não invadimos território inimigo para atacar à traição. Ninguém aqui quer ser considerado um covarde.

– Perdoe-me – Dana o encarou –, mas não me parece que usar um humano para fazer seu trabalho sujo seja um ato de bravura.

– É um tormento não poder entendê-la – ele lamentou, perscrutando-lhe o rosto. – Então, apenas suponho que esteja se referindo ao Paul... Saiba que, quando o acolhi, ele era o resto de um humano, levado ao limite por seu noivo. Eu lhe dei armas para lutar em

igualdade. O que fiz não me diminui. Lamento apenas que Paul tenha se revelado fraco e desregrado. Apenas não o culpo por ser movido por sua paixão – concluiu, ainda a avaliá-la.

Dana voltou a encarar seu noivo ao ouvi-lo rosnar.

– Acalme-se, Ethan – Andrew se adiantou a ela ao pedir, conciliador. – Vou me comportar. Não queremos chamar a atenção com vidros explodindo pelo ar. Eu sei quando recuar.

– Diria que sabe bem trapacear – Ethan sibilou. – Provocando e recuando. Muito nobre!

– Não admito que me julgue! – Andrew se exaltou, abandonando a condescendência. – Não você, que para mim não passa de um moleque mimado, brincando de liderar os ignorantes que criou.

– Não tive quem me instrísse – retorquiu Ethan, gélido. Preocupava-o mais como resolveriam aquele impasse do que a ofensa.

– Sim, você teve! A melhor, mas a matou! – Andrew bradou, deixando que sua máscara caísse de vez.

– Não pedi nada a Sabina. Se sempre passeou por minha mente sabe o que sinto em relação a tudo isso. – Ethan deu de ombros. – Jamais quis me tornar o que sou.

– Ah, sim! – Graco escarneceu, afastando-se para circular em sua sala espaçosa, obrigando Dana a acompanhar seus passos. – Esqueci que além de mimado é hipócrita, Ethan McCain. Você adora o poder que possui, mesmo não entendendo sua grandiosidade. E não entende porque é preguiço e frívolo. Ao se livrar de quem o criou, nem teve a curiosidade de procurar por ajuda. Apenas vagou pelo mundo acompanhado de sua primeira cria, aproveitando os prazeres que o sexo e o dinheiro podem proporcionar. Não os julgo nesse quesito, mas, sim, pela total inépcia. Thomas e você são criaturas patéticas, tão medíocres quanto os seres inferiores que nos servem de alimento.

– Se sou assim, insignificante, por que veio até mim? – Ethan inquiriu sem desviar os olhos dos movimentos lentos de Andrew. – Por que quis minha vida?

– Como sabe dessas coisas? – Andrew parou, de súbito, sustentando seu olhar. – Sabe meu nome, meu dom, conhece a maldição e até mesmo meus hábitos... Quem lhe contou?

Não era a intenção de Ethan denunciar sua informante, contudo foi impossível não pensar em seu nome.

– Raquel?! – Andrew ciciou: – Ela não me trairia.

– Por que o espanto? – Ethan não cairia em seus truques. – Não a fez em cinzas quando incendiou o apartamento de seu peão ao descobrir a traição?

– Traição? O que está dizendo? – Transtornado, Andrew veio até Ethan. – Seager e Raquel? Juntos? O que aconteceu na minha ausência afinal?!

Resistindo às mãos em seus ombros que tentavam lhe tirar do caminho, Dana se manteve sempre à frente de seu noivo, barrando o avanço do rival.

– Não espera que responda, não é mesmo? – Ethan retrucou irritado com a postura defensiva de Danielle e o teatro encenado por Andrew. – Quero é saber o que deseja. Se eu sou leviano e patético, qual o interesse? Por que não se voltou contra mim, antes? Desde que chegou.

– Não tenho pressa – Andrew explicou, de repente, centrado. – Possuo todo o tempo do mundo à minha inteira disposição. Para mim, um ano é como um dia. Passei apenas seis em sua companhia. E se quer saber a verdade, meu foco era Thomas. Quando os conheci, dividia meus dias com a aborrecida Samantha. Pareceu-me agradável a ideia de substituí-la por Joly. Então deixei que me levassem até você... Faria parte do grupo de imortais que brincam de humanos até o momento propício para a troca.

– Eu jamais permitiria que fizesse qualquer mal a Thomas. Ou a Joly – Ethan garantiu secamente, tomando as dores do amigo ausente. – E já que o citou, onde ele está?

– Não sei ao que se refere. Se seu amigo se retirou, nada tenho a ver com isso. E, apenas para que saiba, você não poderia me impedir caso levasse meu plano adiante. Se não o fiz foi por perceber que seria trabalhoso assumir a identidade de alguém estimado. Entre vocês há de fato sentimento fraterno. Estava prestes a ir embora quando soube de sua marca. Acredite, eu lhe tive certa simpatia por um tempo. Divertia-me vê-lo brincar de ser dono do universo. Contudo, com o tempo, essa convivência se tornou aborrecida. Eu estava decidido a partir, pois você jamais seria um companheiro à minha altura. Não reconheço em você um irmão de estirpe.

– Então o que mudou? – Ethan indagou roucamente. Apesar da animosidade, Andrew tinha todo seu interesse.

– Eu descobri que você era o responsável pela morte de minha Sabina – Andrew esclareceu num sussurro raivoso. – Minhas esposas o reconheceram tão logo o aponteí no parque. Não imagina o ódio que senti... O ódio que ainda sinto, McCain. Mas estou de mãos atadas por essa maldita ligação das marcas.

– Não sou supersticioso – Ethan o informou, contudo, antes que Andrew ou Danielle reagissem, acrescentou: – Porém, ainda não quero arriscar e ver se tudo não passa de blefe.

– É exatamente por isso que ainda está vivo – assegurou seu rival. – Se eu tivesse o mínimo conhecimento do que me aconteceria caso você deixe de existir, já teria permitido que uma de minhas garotas desse cabo de sua vida.

– Você permitiu – Dana lembrou-o, nervosa com o rumo da conversa. – Samantha.

Para surpresa do casal, Andrew irrompeu numa sonora gargalhada.

– Samantha foi minha pior cartada – disse ao se recuperar. – Acredita que a idiota era mesmo apaixonada por você? Não era como se eu a amasse e que isso me ferisse, mas eu a

fiz minha mulher, oras. Aturei seus pensamentos românticos por anos e quando precisei, tentei usar isso em meu favor.

– Então a induziu para que me matasse – Ethan completou.

– Não está acompanhando, Ethan! – Andrew ralhou, reprovador, estalando os dedos como se assim o despertasse. – Se pudesse eliminá-lo eu usaria alguém mais competente. A missão de Samantha era separá-lo da humana que, por milagre, conseguiu chamar sua atenção. Era inacreditável, mas você a ama de verdade então apostei minhas fichas que morresse ao perdê-la. Se você se destruísse não seria problema meu, não é mesmo? – concluiu com uma piscadela.

A aposta fora bem feita, Ethan pensou contrafeito, mirando o alto da cabeça de Danielle que mesmo tensa não desviava os olhos de Andrew. Por duas vezes a ruiva induzida esteve bem perto de conseguir realizar o intento de seu mandante.

– Quem sabe eu ainda possa usá-la, mesmo morta? – Andrew inquiriu de súbito, dirigia-se a ele, contudo encarava Danielle fixamente. – Você contou à sua adorada noiva que se rendeu aos encantos de Samantha?

– Não tenho o hábito de inventar histórias – Ethan sibilou, odiando o fato de não poder resolver suas diferenças de uma vez por todas. Caminhavam para um campo perigoso.

– Engane-se, McCain, mas quando um homem tem duas mulheres em sua cama, sendo comprometido com outra, soa como alta traição para mim.

– Cale-se! – Ethan vociferou entre dentes e cerrou os punhos, controlando-se para se manter no lugar. Como era possível que não pudesse matá-lo?

– Infelizmente não podemos – Andrew comentou seu pensamento. – E saiba que ainda não acredito no que pensa sentir, McCain. O mundo está repleto de belas mulheres, você é volúvel... Não merece Danielle e irá descartá-la... Saiba que eu estarei esperando.

Cego pela fúria, Ethan afastou sua noiva e avançou. Andrew não se moveu um milímetro, confiante de que a vampira o detivesse.

– Pare, por favor! – Dana pediu, novamente se colocando entre eles. Mesmo abalada com a descoberta, segurou-o pelo rosto e o obrigou encará-la. Aquela era a típica situação que quis evitar ao pedir que partissem. Cedo ou tarde o rival tentaria voltá-los um contra o outro. Lutando ferozmente contra seu ciúme, Dana tentou desviar-lhe a atenção: – Ethan, você prometeu. Por mim, lembra?

A promessa perdera a validade ao constatar o quão baixo seu rival poderia descer. Estava claro que naquele jogo, criado e jogado única e exclusivamente por Andrew, todos não passavam de peões. Peças com as quais ele se divertia até que o considerasse terminado e viesse requerer seus prêmios. E de antemão deixava claro que a taça da vez era Danielle. Ele não poderia permitir. E, se para manter as mãos odiosas de Andrew longe de sua mulher fosse preciso arrancá-las, amém!

Antes que Dana pudesse prever, Ethan voltou a afastá-la e partiu ao ataque, alarmando seu rival pela primeira vez. Igualmente alarmada, ela tentou detê-lo, sem sucesso. Agravando o quadro, Betânia surgiu do nada e se lançou em sua direção.

– PAREM!

Graco foi atendido de imediato. Apenas Dana ficou livre de sua influência e recuou alguns passos, atordoada. Ethan e Betânia pareciam duas estátuas de cera, imóveis.

– Volte para o quarto. Eu avisei que não a queria aqui sem ser chamada – Graco disse a Betânia, libertando-a. Ao ser atendido, admirado, voltou sua atenção a Ethan. Depois de passear ao seu redor, indagou: – Se pudesse me mataria, não é mesmo?

– Liberte-me e terá sua resposta – Ethan sibilou.

– Por favor, Ethan... – Dana pediu num lamento.

– Não se preocupe, Danielle. – Graco a encarou com ternura, sem se importar com os rosnados cada vez mais audíveis de seu rival. – Não vai acontecer. Nem agora, nem nunca. Não cheguei até aqui para ser morto por um vampiro suicida.

– Você também não está acompanhando e não gosto de me repetir – Ethan ciciou. – Não dou a mínima para suas crenças.

– Acontece que as regras valem para ambos, independente do que crê ou não. Acha mesmo que algum dia eu permitirei que se aproxime o suficiente para tirar minha vida? Até mesmo alguém disperso como você tem de ser mais inteligente do que isso.

– Então como será? – Ethan inquiriu, irritado. – Serei obrigado a aturar sua ousadia? Vamos resolver isso de uma vez por todas... Lembre-se de que com prazer arranquei a cabeça de uma de suas prostitutas – provocou-o, tentando ferir na proporção de sua humilhação.

Satisfeito Ethan ouviu o grito odioso vindo do quarto enquanto via uma veia saltar no maxilar do rival que o encarava, altivo, inexpressivo. No momento não tinha medida e prosseguiu, mesmo que se autodestruísse:

– Acho interessante que queira vingar a morte de Sabina... Ao menos sabe que ela escolheu a mim? Sabe que sua preciosa esposa me queria como companheiro? Se não a tivesse matado, hoje estaríamos juntos. E você? O que acharia disso?

– Sabina era uma mulher romântica – Andrew falou ao recuperar a empáfia. – Tão ou mais supersticiosa do que eu. Ela também o deixaria, afinal não carrega uma serpente, sim, um dragão.

– Ela o deixou por isso? – Dana indagou num sussurro. A voz represada pelo ciúme, agora potencializado pelas palavras de Ethan.

– O que aconteceu não importa. Estou cansado. Quero que saiam – Andrew retorquiu exausto, encarando Ethan. – Está livre, mas, por favor, nada de ataques. Não vou brigar com você.

– Não tem como sair sem chegarmos ao fim – Ethan retorquiu.

– Este é o fim – Andrew assegurou. – Eu vou partir.

– *Não, meu senhor!* – ouviram o grito tétrico de Betânia mais uma vez. – *Não pode deixá-los sair assim! Não, Graco! Acabe com ele... Inferno!*

Ignorando-a, Andrew prosseguiu:

– Esse é o único fim aceitável para nós dois. Um não pode matar o outro. Eu tentei encontrar uma forma, mas não há.

– Quem garante a legitimidade dessa maldição entre nós? – Ethan insistiu. Concordava com Betânia, aquele não podia ser o fim. – Você não tem nenhuma marca que comprove nossa ligação.

– Andrew não tinha uma marca – corrigiu-o. – Mas meu verdadeiro corpo a tem. E agora você está fortalecido. Mesmo que não saiba o que possui, tem Danielle... Estou sob dupla ameaça ao ficar aqui.

– E então vai embora? – Ethan perguntou, mirando-o incrédulo. – Simples assim?

– Considera simples eu engolir meu orgulho e ver minha superioridade diminuída? – Andrew rebateu, sustentando-lhe o olhar. – Coloque-se em meu lugar, valoroso Ethan McCain, e me diga, o que vê de simples em tão humilhante retirada?

Capítulo Dezesete

Enquanto guiava, ruminando seu temor, constrangimento e inconformidade, Ethan ainda considerava as palavras do rival. De sua parte, para vingar Danielle, morreria mil vezes se fosse possível, então, reconhecia não haver simplicidade na partida prometida. Talvez, por esse motivo não acreditasse que Demini partiria. Contudo, no momento, nada restava além de aceitar e tentar digerir o que vivenciou em território inimigo.

Ao seu lado, Danielle seguia muda, rígida. Enquanto desciam ou caminharam até seu carro, quis abraçá-la, mas não se atreveu, receoso, esperando a explosão baseada nas intrigas de Demini, contudo esta não veio. Olhando-a de esguelha, considerou quebrar o silêncio. Bufando exasperado, impaciente, passou uma das mãos pelo cabelo.

– Escute. O que ouviu sobre Samantha...

– Não quero saber – Dana o cortou. Quis acreditar que Graco apenas os envenenasse, mas, o tom empregado por Ethan para introduzir o assunto indicava que esteve errada, então, não... Não queria saber! – Você assegurou certa vez que não existia nada entre vocês – falou num sussurro.

– Jamais houve – Ethan confirmou incontinente. – Com ela ou qualquer outra.

– Então que os mortos descansem em paz! Fico com sua palavra e nunca mais quero voltar a esse assunto. – Como olhava à frente, apenas sentiu sua mão ser tocada e em seguida apertada fortemente por dedos de ferro.

Era contraditório. Ethan agradecia a confiança, mas a condescendência o irritava. Em especial quando esta vinha depois de sua humilhação. Não queria ser poupado por piedade, não queria a falta de ação. Todavia não voltaria sua frustração contra Danielle, nem provocaria uma discussão que não o levaria a lugar algum.

Era preferível aproveitar a oportunidade e, de fato, ordenar os pensamentos. Assim como reconheceu a complexidade de Demini aceitar a derrota, tinha de reconhecer a verdade em sua acusação. De fato, nunca se esforçou em saber mais sobre sua espécie. Precisava sanar aquele déficit e seria um bom começo aprendendo com o que ouviu.

Demini lia a mente de imortais, mas não de todos. Se um vampiro doasse sua casa a um mortal, outros como ele não poderiam entrar. E o mais importante, deveria existir uma maneira de burlar a maldição uma vez que ele tentou encontrá-la. Seria útil descobrir qual seria, nem que fosse por precaução.

– O que me diz de caçarmos agora? – perguntou de súbito. Precisava de alguma ação.

– Ainda está cedo, não? – Dana comentou.

– Está escuro o suficiente – Ethan retrucou, olhando à frente, assim como ela, sentindo sua inquietação. – Já que é cedo e temos uma trégua, vou levá-la ao Central Park.

– Encontrará o que tanto aprecia, sendo tão cedo?

– Não preciso tirar a vida de ninguém – falou, apertando a mão que não liberou um segundo sequer. – Estou considerando adotar uma nova dieta. Comer sem esvaziar o prato – troçou para distraí-los.

– Me parece um bom estilo de vida – ela retrucou, sem se render ao gracejo.

Praguejando silenciosamente todas as blasfêmias conhecidas contra Demini, Ethan por fim soltou a mão de Danielle e assumiu o domínio total do volante. A condescendência não era plena, afinal.

Ao estacionar e saltar numa rua próxima, Ethan tomou a mão de sua noiva e, praticamente, a arrastou até as vias internas do Central Park, vazias àquela hora – pelo frio do inverno próximo e o temor pelos desaparecimentos recentes. Sem nada dizer, Dana se deixava levar pelos caminhos desertos, por um Ethan taciturno.

Ambos encontraram o sangue vital às suas vidas em um trio de corredores noturnos: homens fortes, bem dispostos. Distraídos pela beleza de Danielle, Ethan os induziu e os levou a uma área mais reservada. Entre as árvores, compartilhou-os, bebendo em seus pescoços enquanto Danielle tinha acesso aos pulsos.

– Podemos ir embora agora? – Dana perguntou depois de serem deixados a sós, já se encaminhando para a calçada.

Antes que saltasse a grade, foi detida pela cintura por mãos férreas e levada de volta à proteção das árvores centenárias. Demonstrando não se importar com a umidade das folhas caídas, Ethan a derrubou ao chão sem muito cuidado e se estendeu sobre ela.

– Sou eu quem determina quando podemos ir embora – ciciou.

– Não determinei coisa alguma – Dana se manteve impassível. – Perguntei antes.

– Pareceu uma ordem – Ethan retrucou num rosnado baixo.

– Está exagerando – Dana tentou trazê-lo a razão. – Entendo que essa tarde foi um teste e tanto para alguém como você, mas não desconte em mim. Ainda mais que não posso mudar o que aconteceu.

Ethan bufou, exasperado. Danielle tinha razão.

– Gostaria que pudesse – disse num murmúrio rouco –, pois a cada minuto fica pior. Como pode acabar assim? Com ele a dar a última palavra? Posso aceitar a sua voz de comando, Danielle. A de Demini, nunca! Não importa o que ele diga, eu sou o líder, não o contrário.

- Não houve questionamentos quanto a isso, Ethan – Dana o lembrou, brandamente.
- Não seja condescendente. Ele me parou! – bradou.
- Somente porque você o atacou. Exatamente como disse que não faria. Foi legítima defesa, não demonstração de força. Graco foi correto.
- Não o defenda! – Ethan rugiu, atingido em seu orgulho, enciumado. – Não o admire por uma nobreza que não possui, não o nomeie.
- Então voltamos ao problema com os nomes? – Dana começou a achar certa graça da birra possessiva. Se verdadeiramente riu após o comentário não se lembrava, somente pôde crer que sim ao ter seu queixo contido pela mão indelicada de seu vampiro enfurecido.
- Não é engraçado! Não se engane com ele. Os motivos que o movem são fortes demais para serem deixados de lado. Eu o privei de quem mais amava e agora tenho você, tão ou mais importante para mim do que Sabina deva ter sido para ele. Eu sinto em meu âmagô, Danielle, Demini não vai sossegar enquanto não tirá-la de mim.
- Não há a mínima possibilidade, Ethan. Para onde voltei tão logo me livrei dele? Quem eu amo incondicionalmente, ainda que seja a criatura mais mal-humorada, possessiva, autoritária, mimada e cabeça-dura que possa existir?
- Quem é essa criatura, Danielle? – perguntou ansioso, incapaz de calar os sons em seu peito revolto. – Como pode amar alguém com tantos defeitos, que a cada minuto a magoa com detalhes torpes de seu passado obscuro e não obstante, agora perdeu a identidade? – Sem esperar resposta acrescentou: – Talvez devesse me fazer esquecer. Existia certo conforto na ignorância.
- Se é o que quer, vou te fazer esquecer – Dana assegurou, acariciando-lhe o rosto, movendo-se sob ele. – Mas não da forma que imagina.
- Sem aviso, girou os corpos e se colocou acima dele para beijá-lo com paixão. Não usaria sexo para ludibriá-lo, mas para apaziguar seu coração, que mal teria? Nenhum, então o provocou, movendo seu quadril até enrijecê-lo, quando então quebrou o beijo.
- O que...? – Ethan a encarou, aturdido ao vê-la se colocar de pé.
- Venha me caçar. Quem sabe assim eu entenda quem é que manda.

Ethan hesitou por alguns segundos depois que sua noiva desapareceu. Logo seu instinto de caça, somado ao excitamento, impulsionou-o a segui-la. Danielle tinha a vantagem, mas logo a encontrou. Ela vagava pelas calçadas, por entre as poucas pessoas que se aventuravam no parque. Ao espreitá-la, o desejo do vampiro era elevado consideravelmente por recriar a noite na qual a seguira pela primeira vez, sentindo seu cheiro de cio.

Danielle era boa naquilo que fazia, pois ao menos naquele instante nada mais lhe importava a não ser capturá-la. Por vezes conseguiu. Sempre que ela voltava a correr por entre as árvores, Danielle se deixava beijar e ser acariciada, contudo, antes que a subjugasse, ela escapulia de seus braços e imprimia nova fuga. Ao prendê-la pela derradeira vez, Ethan segurou-a pelos pulsos contra o tronco de um velho olmo.

– Peguei você – disse contra a boca rosada, entreaberta. – Agora mostro quem manda.

– Tente – ela provocou uma última vez, lutando por liberdade.

– Já chega, Danielle!

E como não obedecê-lo? Rendida, não mais lutou. Ethan tinha pressa. Afastando a lateral de seu casaco, apalpou-lhe os seios cobertos. Logo corria a mão decidida pelo ventre plano e invadia a barra do vestido para tocá-la intimamente. Uma vez dentro dela, arremetia com força, mordida-a.

A selvageria a excitava, fazendo com que o abraçasse com braços e pernas até que o gozo viesse forte. Não era como se eles pudessem perder as forças depois da intensidade com que foram arrebatados, porém, desabaram ao chão, lado a lado.

– Nossa!

– Tomarei tamanha eloquência como elogio – Ethan troçou, recompondo-se, mirando a trama complicada da copa das árvores contra o pouco de céu que podia ver.

– É mínimo, mas abrangente. – Dana sorriu, igualmente ordenando suas roupas mexidas.
– Fico feliz de ver que o humor está melhorado.

– Ficará melhor quando toda essa história se resolver.

– E quando Thomas voltar. Se ele não está com Graco, onde estará?

– Essa é a pergunta milionária, Danielle! No momento fico satisfeito em saber que ele não é mais uma peça nesse jogo maluco. Resta-nos esperar que volte... E torcer para que tudo tenha acabado.

– Eu espero que sim.

Dana realmente gostaria que fosse o fim. Infelizmente no mundo ainda existiria Betânia, mas a vida não era perfeita. Ao pensar em vampiras ordinárias, indagou:

– O que será que foi feito de Raquel?

– No momento, não me interessa. Acredite ou não, estou cansado.

– Tão cansado que recusaria uma nova caçada?

Apesar das circunstâncias, Ethan sorriu.

– Você não seria páreo para mim.

Dana riu com gosto. Ao se pôr de pé, indagou:

– Ah! O que seria do mundo sem os homens arrogantes? – Sorrindo, passou a rosnar levemente. – Quem disse que me caçaria? Corra! Eu te dou cinco segundos de vantagem, Ethan McCain.

Ethan riu com gosto e sem aviso a derrubou, puxando-a pelas pernas. Ato contínuo a prendeu sob seu corpo.

– Ei, isso foi golpe baixo! – Dana protestou.

– Fui criado para caçar, não ser caçado. – Ethan voltou à seriedade. – Nem mesmo por você.

– Nossa! Isso é tão... tão...

– Machista?

– Tão Ethan McCain! Sabe que não pode ter o controle sempre, não sabe?

– Era bom acreditar que sim. – Sua expressão se tornou taciturna e ele se pôs de pé de um salto, levando-a atada a ele. – Temos de ir embora.

– Ethan... – Dana lamentava a volta da tensão. Evidente que a leveza seria fugaz.

– Não se preocupe. Cedo ou tarde vou digerir tudo que ouvi... Apenas quero ir embora. Esse dia foi massacrante para nós. Quero encerrá-lo em nosso apartamento. Sem Demini, Betânia ou qualquer outra criatura nefasta.

Dana não contestou. Queria o mesmo, pensou ao tocar-lhe a testa.

– Nunca vou conseguir eliminar essa ruga?

– Tampouco se preocupe com ela, meu amor. No momento oportuno, caso Demini não cumpra sua palavra, eu mesmo darei fim ao que me aborrece e a ruga sumirá.

– Ethan, você não pode...

– Já entendi que não posso – cortou-a, controlando seu gênio ruim –, mas deve ter algo que eu possa fazer sem sofrer as consequências dessa maldição.

A despeito da tensão, Dana sorriu e o abraçou.

– Ah, Ethan! Você aceitou a verdade!

– Eu entendi, contudo, aceitar... Jamais acontecerá!

Dana não se abalou. Aquele era Ethan novamente sendo *tão* Ethan! Entender era mais do que ela poderia esperar e em seu íntimo, considerava uma vitória. Com o tempo, seu vampiro veria que também venceu uma batalha, afinal, mesmo usando palavras que feriam, o inimigo baixou as armas e se retirou de campo.

∞

Mirando a textura escurecida do teto, Ethan invejava sua noiva que dormia plácida em seus braços. Ele, apesar da exaustão mental, não conciliou o sono um instante sequer. Poderia chamar de intuição, mas a cada hora duvidava mais da palavra de Demini. E havia Betânia. Por seus protestos a vampira deixava claro que não seria obediente por muito tempo. Para piorar, ela não possuía ética. Admirável que nunca tivesse invadido seu apartamento, e nada seria garantia de que não o fizesse quando bem entendesse.

Seu grupo ainda tinha a vantagem numérica, eram fortes, mas a louca era ágil e poderia fazer um estrago – talvez irreparável – antes que fosse morta.

Como em resposta ao pensamento, o vampiro ouviu o mover da porta principal. Alerta, sem desejar que Danielle despertasse, deslizou para fora da cama lentamente. Depois de conferir que sua noiva ainda dormia, deixou o quarto. Já no corredor exalou um suspiro, porém o alívio não durou. Joly carregava sua carga de tensão e uma visita fora de hora não seria um bom sinal.

– Quer me matar de preocupação? – ela o repreendeu ao vê-lo no alto da escada, surpreendendo-o com o tom alarmado.

– Sou eu quem deveria estar preocupado. O que faz aqui uma hora dessas?

– Como, o que faço aqui? – Joly levou as mãos à cintura. – Vocês sumiram! Venho deixar seu carro e não encontro nenhum dos dois. Depois tentei telefonar a noite inteira e não me atendeu. O que aconteceu com seu celular? Aonde foram?

Intrigado como estava, ele não se lembraria de levar seu celular. De toda forma, Joly estava ali e tinha o direito de conhecer a verdade. Depois de passar as mãos pelos cabelos, Ethan revelou:

– Fomos ao apartamento de Andrew.

– Fazer o quê? Aconteceu alguma coisa na minha ausência?

Sim, a Terra inverteu sua rotação, Ethan escarneceu intimamente.

– Acho melhor se sentar – disse apenas, indicando o sofá. – E se possível não se altere ao ouvir o que tenho a contar. Quero que Danielle descanse.

– Descansar do quê? Está me deixando mais preocupada, Ethan. O que tem a dizer está relacionado com o sumiço estranho de Andrew? O quê...?

– Acalme-se – Ethan a obrigou a sentar, uma vez que ela não se moveu. – Lembra-se que comentei sobre uma peça solta em toda aquela estranha história sobre Graco que Raquel me contou? – Ethan perguntou, ao se sentar ao seu lado.

– Como se tivesse sido ontem – ela falou nostálgica. – Thomas estava conosco...

– Sim, ele estava. – Ethan não se aborreceria com a divagação, mas preferia que ela mantivesse o foco. – E passou a seguir os passos de Seager.

– Certo! E o que isso tem a ver com Andrew?

– Ele é nossa peça solta – Ethan ciciou. Depois de um longo expirar, narrou a descoberta de Danielle.

– O quê?! – Joly se levantou de súbito. – Isso é impossível! Andrew é Graco?!

– Eu confirmei. – Ethan demonstrava uma paciência que não possuía. – Tenho muito a contar e se me interromper a cada absurdo, nós não encerraremos essa conversa.

– Desculpe-me. – Joly voltou a se sentar, ainda com os olhos maximizados. – Mas tem de concordar que é demais para digerir de uma só vez.

– Acredite, querida Joly. Se eu pude engolir várias verdades a seco, você sem dúvida conseguirá – Ethan sibilou. E tentou contar em detalhes inquietantes, tudo o que se passou depois que se separaram naquela tarde. Até o ocorrido naquela sala, antes que saísse para confirmar as palavras de Danielle.

– Não entendi. – Joly o encarava com as sobrancelhas unidas. – Disse que Danielle o parou?

– Sim, agora Danielle me comanda. – Sentindo um gosto amargo em sua boca, acrescentou: – Até mesmo Andrew tem esse poder. Agora sei que foi ele quem me induziu a dormir para que Samantha viesse e...

– Ethan – Joly o interrompeu mais uma vez. – Considero-me uma pessoa inteligente, mas tem de concordar que o que me conta é demais para aceitar... Dana tem mais poder do que você. E Andrew, deliberadamente, enviou a esposa para assediá-lo?

– Não Andrew, Graco Demini – ele a corrigiu. – Samantha era somente a esposa que ele tomou do marido original ao matá-lo e assumir a sua forma.

– E todo esse teatro, ano após ano, foi somente para fazer o mesmo com você?... Por isso tentou levar Dana com ele essa tarde? Espere... Não pode ser, pois ela chegou agora... Têm mais coisas nessa história.

– Evidente que tem e vou contar-lhe se me deixar – Ethan falou exasperado, porém se conteve e segurou-lhe as mãos, fazendo-a encará-lo. – Mas saiba que quem o trouxe até mim foi você...

– Agora vai culpar a Thomas e a mim por incluí-lo no grupo?!

– Cale a boca, Joly. E preste atenção. – Sua pouca paciência chegou ao limite. – Não há culpados aqui. Todos nós fomos vítimas de uma terrível coincidência, mas é importante que saiba que Graco queria Thomas, não a mim. Ele queria você. – Quando a amiga fez menção de soltar-se, Ethan segurou suas mãos com maior firmeza. – Acalme-se, isso foi antes. Deixe-me contar tudo o que conversamos e então entenderá.

Joly pareceu relaxar antes mesmo de assentir. Acreditando que ela por fim escutaria, Ethan retomou a narrativa, afrouxando o aperto em suas mãos. Contou-lhe em detalhes sobre a visita feita ao apartamento que serviu de cativeiro para sua noiva. A confirmação pelos lábios de Andrew/Demini sobre a verdadeira identidade, sobre seu próprio passado desinteressado e irresponsável que o privou de saber mais dos de sua própria espécie.

Contou-lhe ainda da sua limitação em resolver o problema sumariamente por estar atado à maldição que ela já conhecia. A cada palavra proferida – já livre da autocomiseração que o abateu no parque – Ethan sentia que a verdade tomava corpo, fazendo com que agradecesse a intervenção de Danielle. Devia-lhe a vida.

– Então, Thomas não está com ele como acreditou? – Joly indagou por fim.

– Felizmente, não. – Apesar de ser uma boa notícia ambos não tinham motivos para comemorar. – Thomas se foi por conta própria.

Com um suspiro cansado, Joly se levantou. Dessa vez sem alardes, apenas demonstrando sua intenção de encerrar o assunto.

– Acho que não quero saber de mais nada por ora. Vou deixá-lo descansar, *mon ami*.

– Já que está aqui, fique – Ethan sugeriu, respeitando sua vontade. – Ainda não considero seguro que fique sozinha.

– E eu ainda acho importante ficar onde Thomas me deixou. – Após um novo suspiro ela avisou em tom profissional: – As chaves do BMW estão em seu escritório, e seu outro pedido estará disponível na quarta, à tarde.

– Não esperava menos de você – disse a guisa de elogio, então insistiu: – Não tem como fazê-la mudar de ideia?

– Não, mas agradeço mesmo assim.

– Então só me resta agradecer pela rapidez em atender meus pedidos. Obrigado! Boa noite, Joly!

Ethan ainda queria alertá-la para os possíveis perigos, mas não se sentiu inclinado ao ver-lhe o sofrimento impresso no olhar. Antes de sentir pena, encheu-se de admiração pela amiga abandonada. Sem Danielle, ele definharia, sabia por experiência. Ao pensamento o vampiro olhou para o alto da escada. Queria voltar para junto de sua noiva, mas sua garganta clamava por alguma ardência.

Rendendo-se ao desejo, seguiu para suas garrafas e se serviu de uísque. Novamente acomodado em seu sofá, bebeu um grande gole e fechou os olhos enquanto o calor conhecido o envolvia. Quisera que todas as coisas continuassem conhecidas como o sabor e a ação daquele líquido âmbar. Porém tudo tinha mudado e ele nunca se sentira tão velho e defasado quanto naquele momento. Precisava saber de si, atualizar-se, mas não atinava como.

Fosse como fosse, Demini que fosse ao inferno com sua análise hipócrita. Um usurpador de vidas alheias, fugitivo covarde, não tinha muita moral para julgá-lo.

Depois de beber todo o uísque a um só gole, Ethan depositou o copo vazio aos pés do sofá e seguiu para seu quarto. Ao se deitar, sorriu de puro contentamento quando Danielle tateou o colchão até encontrar seu corpo e se acomodar sobre seu peito.

– Você não me deixou – ela resmungou em seu sono.

– Eu morreria mil vezes antes que acontecesse, meu amor – murmurou e beijou o alto da cabeça castanha. Afinal, nem tudo estava fora do lugar!

Capítulo Dezoito

Ao acordar, antes que se movesse, Ethan pôde sentir os olhos de Danielle em si, assim como o odor que ela exalava tão fortemente.

– Se não me falha a memória eu já disse que não é educado ficar encarando – disse, sem abrir os olhos.

– Está acordado, seu trapaceiro! – Danielle puxou os pelos de seu peito, vingativa. – Também não é educado fingir que dorme.

– Então combinamos na pouca educação – ele retrucou, abrindo os olhos lentamente para mirar sua noiva. Percebeu naquele instante que jamais estaria preparado para sua beleza, nem para a atração que os unia. Com um lamento gutural, lançou-se sobre ela e lhe prendeu os pulsos contra o colchão. – Também seria pouco educado me colocar em você sem nem desejar bom dia?

– Faça primeiro, questione depois – ela instruiu, fitando a boca bem marcada.

O beijo foi terno até que a paixão os arrebatasse. Ethan não se importou com a claridade que indicava o adiantado da hora. Ao menos por alguns instantes protelaria a retomada da vida que os esperava fora daquele quarto. Sua noiva sentia o mesmo. Estava claro na falta de pressa, na falta de reserva ao se entregar e exigir dele o que dava em troca. Minutos depois, com seus corpos ainda trêmulos, satisfeitos, Ethan a puxou para si e a abraçou.

– Bom dia, Danielle!

– Muito educado de sua parte dizer isso agora – ela troçou, apreciando o bom humor matinal, tão divergente do esperado. – Bom dia para você também, meu amor.

– Já começou muito bem! – Ethan esboçava um sorriso. – Sabe o que o deixaria perfeito?

– Tenho uma vaga ideia, mas não podemos ficar nessa cama o dia inteiro. – Dana sorriu. A possibilidade era tentadora.

– Não podemos? – Ethan uniu as sobrancelhas. – Somos donos absolutos de nossas vidas, Danielle. Podemos tudo! Mas não ia sugerir o que sua mente depravada imaginou.

– Ah, não?! – Ela se admirou cada vez mais rendida ao bom clima.

– Não – ele confirmou, beijando-a de leve. – O que deixaria esse dia perfeito seria se você me fizesse companhia. Você se importaria de não ir ao jornal?

– Não me importaria. Já cuidei disso desde ontem. Eu pedi a Cindy que me deixasse trabalhar aqui. Ainda não estou preparada para todo aquele barulho.

– Seria uma declaração egoísta desejar que nunca se habitue?

– Não. Seria apenas você *McCainziando* mais uma vez – Dana gracejou.

– McCainziando? – Ethan indagou e riu do novo absurdo. – Virei um verbo e sou conjugado. Gosto disso!

– Evidente que gosta! – ela revirou os olhos para provocá-lo.

O vampiro riu, divertido. Envolto no clima pacificado, deixaram a cama e se vestiram para iniciar seu dia. Cada qual imerso em seu silêncio avaliativo, mirando o outro no processo meticuloso de cobrirem-se, sabendo que a vontade era de fazer o inverso; poderiam, mas não o fariam. Seu futuro ainda era incerto, Joly provavelmente já estivesse no escritório e ambos tinham de zelar pelas obrigações que escolheram para si.

Uma vez arrumados, deixaram o quarto. O advogado, impecável num terno preto, completo, e camisa branca. E a jornalista muito confortável num vestido de lãzinha vermelha que cobria suas pernas até acima dos joelhos.

– Eu já lhe disse o quanto a aprecio em vestidos? – Ethan indagou, pousando a mão nas costas de sua noiva, na curva do quadril, enquanto desciam os degraus.

– Sim. E também sei o quanto me aprecia fora deles – Dana retrucou, rogando aos céus que nada quebrasse o encanto daquela manhã.

– Não me dê ideias, mulher! – Ethan a freou ao pé da escada para abraçá-la, contudo antes que a beijasse, sentiu o celular vibrar em seu bolso. Com um suspiro resignado, atendeu-o sem desprender Danielle de seu abraço. – Bom dia, Joly, o que...?

– *Desça, imediatamente* – ela o cortou com um sussurro alarmado. – *Andrew está aqui.*

A menção do nome, todos os pelos de Ethan se eriçaram. Controlando-se para não partir o aparelho ao meio, meteu-o no bolso, olhando incerto para sua noiva. Não a queria perto do rival, mas sabia que não adiantaria pedir que ficasse.

– O que aconteceu? – Dana indagou. – Parecia a voz da Joly, mas não ouvi o que ela disse.

– Problemas urgentes. – A voz de Ethan saiu rouca, enquanto pensava. E se implorasse para que ela permanecesse na cobertura?

– Nada referente ao escritório, suponho... – Dana comentou séria. – Você está rosnando.

O vampiro sequer notava os protestos de seu peito e, conhecendo bem Danielle, sabia que nada poderia fazer para deixá-la longe agora que conhecia a gravidade do chamado.

– Mas que droga! – ele vociferou antes de tomá-la pela mão e arrastá-la em direção a porta. – Por que inferno você tinha de ser tão teimosa, Danielle?

– Mas eu não...

Ethan não a ouvia, apenas se concentrava para domar os rosnados. Para alguém que não acreditava na partida anunciada, fora ingênuo ao se deixar levar pela falsa calma. Estúpido!

Dana se deixava levar escada abaixo pelo vampiro furioso, questionando-se o que poderia ter feito para que fosse repreendida. Mas não perguntaria. Quando Ethan abriu a porta que os levaria aos escritórios – já com seu peito silenciado – ela entendeu a razão do descontrole. Graco estava ali. Sem que percebesse, tentou emparelhar-se com Ethan, porém fora firmemente mantida às suas costas.

– Não se atreva a se colocar entre nós dois – ele ciciou antes de irromper porta adentro, sem se dirigir à secretária humana, questionou o rival: – O que faz aqui?

– Bom dia, Ethan! – Andrew cumprimentou com estudada educação. Vestira-se formalmente como se estivesse em um dia normal de trabalho. Depois de colocar as mãos nos bolsos da calça, mediu a recém-chegada, sempre mantida atrás do vampiro, antes de acrescentar: – Um bom dia para você também, bela Danielle!

Ethan travou seu maxilar. Tentou soltar a mão de sua noiva por medo de machucá-la, contudo fora ela quem o prendeu com força, quase ao ponto de doer. Ele não lia mentes, mas entendeu o recado; não deveria aceitar provocações.

– Acho que devemos manter a calma – Andrew comentou, sem se importar em demonstrar que sabia o que se passava na mente de Ethan.

– Sendo assim seria interessante acabar de vez com os rapapés e dizer de uma vez o que quer aqui – Ethan ciciou, atento. – Pensei que estaria longe uma hora dessas.

– Eu avisei que ele não era bem-vindo – disse Joly, encarando-o.

Dana estranhou a animosidade no tom da amiga. Como resposta, ouviu Graco dizer para seu noivo.

– Já soube que a notícia sobre mim correu...

– Eh, desculpem-me... – a humana iniciou após um pigarro. – Mas o que está acontecendo? Qual notícia? O senhor vai embora?

– Lamento dizer que sim, minha querida Barbra – Andrew confirmou entendendo-lhe a mão. Quando sua secretária a tocou, ele a puxou para si.

– Mas eu pensei que o senhor estivesse de volta para ficar – ela choramingou, olhando de seu patrão a Ethan. – O Sr. Holmes, ao que parece, também se foi... Vou perder meu emprego?

– Não – Ethan afirmou, incomodado com a presença dela naquela sala e com a forma como era contida.

– Ou você pode vir comigo – Andrew sugeriu, galante, medindo seu rosto, tão próximo que parecia cheirá-la. – Gostaria disso? – perguntou, umedecendo os lábios.

“Encerre os jogos”, Ethan pensou. “A humana não está relacionada aos nossos problemas, deixe-a ir”. Então, procurando por toda sua boa vontade, acrescentou: “Por favor!”

– Volte para sua mesa, Barbra – Andrew a soltou. – Depois veremos o que fazer com você.

Após pestanejar, aturdida, a secretária se foi.

– Obrigado! – Ethan se esforçou em agradecer. – Agora, agradeceria se dissesse o que ainda possa querer aqui.

– Quero muitas coisas, Ethan – disse didático. – Tantas que sua mente limitada não alcançaria. Porém de você queria apenas duas: sua ruína e sua mulher. Não necessariamente nessa ordem.

– Desapareça de uma vez, Andrew – Ethan sibilou. – Ou Graco. Ou qualquer outro nome que tenha. Apenas suma de minha frente e nunca mais volte!

– Não gosto desse tom. Lembre-se de que estou partindo por conta própria, não porque me escorraçou. Apesar do que pensa essa cidade não é sua.

– Tanto faz! Apenas vá.

– Não tão rápido! Antes quero saber onde está minha mulher.

– Procure nos buracos – Ethan sugeriu, cinicamente. – Talvez pelos esgotos. Pragas peçonhentas costumam se esconder nesses lugares. Betânia deve...

– Raquel! – Andrew o cortou. – Quero saber de Raquel. Afinal na minha ausência, ficaram bem próximos, não é mesmo?

– Não tanto quanto Seager – Ethan replicou, apreciando vê-lo travar o maxilar. – Está perguntando ao vampiro errado. Não tenho por hábito aproximar-me de qualquer um.

– Foi ela quem lhe falou a meu respeito – Andrew soou seco, ignorando o comentário. – Exijo saber tudo o que ela lhe disse.

– Exige saber?! – Ethan se surpreendeu. – Não é o senhor supremo da onisciência?

Andrew não respondeu de pronto. Apenas o encarou fixamente, como se a esperar que algo acontecesse. Ethan lhe sustentou o olhar, analisando-o com curiosidade. Não bastaria que o rival vasculhasse sua mente para saber? Ou talvez induzi-lo? Por que não fazia uma coisa nem outra.

Por alguns instantes nenhum dos dois se moveu, até que Andrew finalmente bufasse, exasperado.

– Pelo o que vejo não está disposto a colaborar.

– Com você?! – Foi impossível conter um sorriso mordaz. – Não entendi a piada, mas devo dizer que foi engraçada.

– Escute aqui...

– Escute você, Demini – Ethan o cortou. Não o temia. – Não temos o que conversar e uma vez que não podemos resolver nossas diferenças nem mesmo há razão para ocuparmos o mesmo espaço. Se o que quer é encontrar Raquel, repito o conselho. Caso ela não tenha virado cinzas com seu amante lacaio, deve estar rastejando por algum buraco imundo. Colaborei?

A animosidade furiosa surgida entre eles fazia os olhos verdes e azuis faiscarem um no outro. Ethan não seria capaz de saber o que se passava na cabeça do rival, mas esperava que Demini visse nele a determinação em arriscar o que quer que fosse para livrar o mundo de sua existência nefasta, independente do que tenha dito a Danielle.

– Não vamos medir forças – Andrew garantiu. Desarmando-se, passou a recolher papéis dispostos sobre a mesa. Ethan reconheceu alguns como sendo passagens aéreas. – Vou cumprir minha palavra, somente não desejava sair da cidade deixando uma esposa para trás. Conste nos altos que Raquel não é de minha responsabilidade depois que eu deixar Nova York – ironizou.

– Raquel sempre foi um mal menor. Era só isso? Queria se certificar de que deixaria a casa limpa e arrumada antes de apagar a luz e sair? – Ethan rebateu a ironia.

– Como sempre faço antes de longas ausências.

Ethan nada retrucou. Permaneceu com as mãos nos bolsos, porém alerta, quando Demini contornou a mesa e passou ao seu lado para deixar a sala. Sem desviar seu olhar, acompanhou-o até que chegasse à porta.

– McCain, eu admiro a lealdade dos seus – Andrew ainda comentou com velado rancor, sem se voltar. – Quisera notar a mesma deferência nos meus.

Sem mais, partiu. Ainda descrente de que aquele seria o fim, Ethan o seguiu até o elevador, para onde o rival caminhou de cabeça erguida, sem nem mesmo atender ao chamado preocupado de sua secretária.

Como se pressentissem o clima tenso, nenhum outro funcionário que aguardava o elevador o acompanhou na descida. Permaneceram do lado de fora, olhando ora para Ethan, ora para Andrew, até que as portas prateadas cerrassem.

Ethan podia sentir as duas vampiras às suas costas, e notar a indagação em cada rosto dos humanos presentes, mas se voltou sem lhes dirigir uma palavra e seguiu para sua sala. Somente ao ocupar sua mesa, pediu a Joly:

– Por favor, vá acalmar Barbra. Depois vejo como poderemos reaproveitá-la.

– O que digo aos outros, caso perguntem sobre essa saída esquisita de Andrew? – perguntou já a porta.

– Que a McCain & Associated está com um sócio a menos – respondeu de olhos fechados.

Apenas ouviu a porta ser fechada. A força de sua ira estremecia seu corpo. Sentia em seus ossos que não tinha acabado. Não importava o que pensou antes, aquela retirada estava sendo rápida demais, fácil demais!

∞

Por sorte, toda contrariedade do dia ficou por conta da visita indesejada. Como um acordo conjunto os vampiros evitaram assuntos inquietantes, cada qual cuidando de sua parte na encenação junto aos mortais. Na manhã de quarta-feira, Ethan e Dana se vestiram em silêncio, encarando-se, mal ocultando seus temores um do outro.

Desceram expectantes, temendo encontrarem o visitante inoportuno, sem que revelassem. Apenas Joly os aguardava em seu posto, cuidando de seus afazeres com devotada atenção. Após os cumprimentos matinais, o casal seguiu para o escritório.

Ao se livrar do paletó e se sentar, Ethan fechou os olhos e suspirou sem notar. No segundo seguinte sentiu os dedos de Danielle em seus cabelos e na sequência o massagear de suas têmporas.

– Isso é bom! – De fato era, mesmo que não surtisse efeito.

– Acabou, Ethan. – Dana tentou animá-lo.

– Se acredita, diga com segurança para que eu me convença – pediu.

Dana desejou demonstrar a firmeza necessária, mas a verdade era que não confiava em Graco. Apenas queria crer que estavam livres da presença dele em suas vidas. Em sua hesitação, Ethan teve a resposta. Qualquer afirmativa depois do silêncio seria vã.

– Foi o que pensei. – Ethan ergueu o rosto para olhá-la, invertida.

– Estamos juntos – ela disse, como se a união bastasse para eliminar todo o resto.

Naquele momento, para Ethan foi o bastante. Danielle lhe dava força. E uma vez que o temor de encontrar Demini na McCain & Associated se mostrou infundado, ele não viu motivo para manter a tensão ou protelar o que queria desde seu despertar. Antes que ela pudesse prever, ele a puxou para o colo e a beijou.

Dana correspondeu ao ataque com a mesma paixão, segurando seu vampiro pelos cabelos enquanto as línguas se exploravam mutuamente, sentindo os primeiros rosnados sufocados no peito.

– Arrumem um quarto, afinal aqui ainda é local de trabalho.

Poderia ser um gracejo se a voz não soasse aborrecida. O casal se separou, em alerta. Para consternação de Ethan, Danielle materializou-se entre a mesa e o recém-chegado, pronta para um possível ataque.

Passado o susto, Ethan esboçou um sorriso e imediatamente se pôs de pé, enquanto Dana – num ato reflexivo – desarmou-se e reduziu a distância para abraçar Thomas que, de imediato, correspondeu-a.

– Estou feliz que tenha voltado! – disse ela ao se afastar. – Sentimos tanto a sua falta!

– Folgo em saber. – Thomas lhe sorriu com afeto. Por um segundo perscrutou-lhe o rosto. – Você está muito bem! Tornou-se uma bela vampira, Danielle. Bem-vinda!

– Obrigada! – Após agradecer, agitou-se. – Joly já te viu? Ela vai enlouquecer... Ela esteve muito triste esses dias.

– Ela não estava onde a deixei – disse sério, voltando o olhar para Ethan. – Sabia que vocês a encontrariam e cuidariam dela durante minha ausência.

– E para onde você foi? – Ethan perguntou sem sair do lugar, sentindo um distanciamento incômodo mesclado ao alívio por ter o amigo de volta.

Ignorando-o, Thomas tocou o ombro de Dana.

– Não vi Joly na antessala, mas sei que ela está aqui. Poderia ir buscá-la?

– Está tão sério – ela observou. – Não vão brigar, não é?

– Não – Thomas garantiu.

Indecisa, Dana encarou seu noivo. Ethan assentiu ao se aproximar. A vampira ainda olhou de um ao outro e então se foi.

– Vai me dizer agora por onde andou esses dias? – Ethan perguntou e levou as mãos aos bolsos.

– Não lhe devo satisfações – respondeu Thomas, indiferente. – E como sei que Joly já os colocou a par de que Betânia está viva, o importante é que todos nós estamos bem e que estou de volta, pronto para assumir minhas obrigações. Tenho certeza de que esses dias de afastamento em nada alteraram meu trabalho.

Thomas estava estranho, arredio, tentando encobrir certo nervosismo sob uma camada de polida frieza, Ethan considerou. Apenas poderia crer que a postura era resultado do rancor que ainda sentia então, na tentativa de evitar que o clima persistisse, falou:

– Devo lembrá-lo de que, sim, deve-me satisfações. Mas vou relevar caso não queira dá-las. Joly me contou o motivo de sua partida, então vou me contentar que tenha voltado. Espero que um dia possa me perdoar. Até lá, apenas saiba que lamento.

Thomas mediu-o de alto a baixo, sem nada dizer. Ethan recordou outra ocasião, de anos atrás, e soube o que viria. Como na vez passada, não se moveu.

Capítulo Dezenove

O soco veio potente, atingindo-o no maxilar, desequilibrando-o. Por ser merecido, Ethan apenas aprumou os ombros dignamente, sem revidar.

– Se é assim, esse foi por ter tentado seduzir Joly quando nos casamos. – Thomas desferiu novo golpe, no mesmo ponto, trincando-lhe um osso. – E este por se atrever a repetir o convite nos dias de hoje.

– Sente-se melhor agora? – Ethan perguntou sem rancor após, mais uma vez, vacilar e endireitar os ombros, tentando ignorar a dor latejante. Thomas sempre fora bom em acertar seu maxilar, mesmo quando ainda era humano.

– Bem melhor! – Thomas afirmou muito sério.

– Thom!

Ouviram a voz de Joly que irrompera sala adentro. Num único salto ela se atirou nos braços do marido, enlaçando-o com braços e pernas. Dana fechou a porta, sorrindo, enlevada com o reencontro, porém seu enternecimento se esvaiu ao notar algo estranho no rosto de seu noivo. Num segundo estava ao seu lado, tocando-lhe o queixo não ferido, porém deformado.

– Mas o quê...? – começou e se calou. O entendimento a atingiu como um raio e antes de qualquer ponderação, vociferou acusadora para Thomas: – Você me disse que não iam brigar e *bateu* nele?!

– Foi menos do que Ethan merecia – Thomas retrucou, inabalável, depositando a esposa de volta ao chão.

– Não tinha o direito! – ela insistiu, dando um passo a frente, rosnando enraivecida.

– Não, Danielle! – Ethan a deteve, segurando-a pelo ombro.

– Ele bateu em você! – Dana sibilou, incrédula. – Machucou você!

– Como Thomas disse, eu mereci – lembrou-a com calma não sentida.

– Mas... – Dana balbuciou, confusa. Entendia e até mesmo concordava, pois a falta de Ethan era grave. Gravíssima! Mas ver o queixo levemente fundo, escurecido, era demais. Cegava-a.

– Agradeço a defesa, Danielle. – Ethan lhe acariciou o rosto. Estava orgulhoso, ainda que preocupado. – Mas sua intemperividade pode se tornar um problema, meu amor. Seja ponderada em todos os sentidos. Sabe que não quer brigar com Thomas.

Ethan tinha razão. E o ferimento não era grave. Gradativamente, ele se regeneraria. Calando seus rosnados, Dana lhe tocou o rosto com delicadeza, sentindo seu coração doer por seu sangue não servir para acelerar o processo. Sequer poderia lambê-lo, pois não havia cortes. Além da preocupação, sentia-se envergonhada por ter se rebelado contra Thomas. Após um suspiro resignado, encarou-o.

– Me desculpe.

– Não há a necessidade – Thomas a tranquilizou. – Qualquer um de nós agiria da mesma forma caso visse quem ama ferido.

– Mas foi só isso, não é? – indagou muito séria. – Vocês não vão mais se bater, espero.

– Estamos bem agora – Ethan garantiu seguro. Conhecia o amigo.

– Fale por você – Thomas replicou.

O líder o encarou, confuso. Não via razão para que Thomas continuasse arisco. Sentindo a agitação de Danielle, ele a enlaçou pela cintura, na tentativa de acalmá-la.

– Ainda tem algo a me dizer, Thomas? – perguntou na defensiva. Não o reconhecia.

– Quero apenas ir para minha sala e retomar meus afazeres – disse Thomas, secamente.

– Pois eu acho que devemos conversar – Ethan insistiu. – Não sabemos nada do que aconteceu a você e...

– Ainda não vi os outros – Thomas o cortou. – Seager ou Andrew.

– Andrew nos deixou – Joly anunciou.

– Como assim?! – Thomas indagou diretamente para Ethan.

– Ele foi embora. Saiu da sociedade e deixou a cidade.

– Agora?! – Thomas não ocultou sua admiração.

– Não, ontem. – Ethan escrutinava-lhe o rosto. – De verdade, Thomas, qual é o seu problema?

– Deixe que eu converse com ele, Ethan – pediu Joly, tentando levar o marido em direção a porta. Thomas sequer se moveu.

– Eu prefiro é saber se ainda tem algo contra Ethan – Dana falou, encarando o vampiro que agora se mostrava indeciso. – Não vou me voltar contra você, mas também não vou deixar que volte a encostar um dedo em Ethan. Contenta-se com o que fez até aqui.

– Não vai acontecer – Thomas confirmou e perguntou a Dana, cauteloso: – Sabe por que eu o agredi?

– Sim, ela sabe – Ethan respondeu por sua noiva. – Assim como eu, descobriu quando encontramos Joly.

– Então entende que isso era algo que eu precisava fazer – Thomas disse para Dana, livre da postura anterior. – Estive guardando esse soco há anos.

– Anos?! – Ethan quase engasgou e, atônito, encarou Joly.

– Eu sempre disse que Joly não mente – Thomas respondeu por ela. – Estava inferido que também não omite. Eu sempre soube de sua insinuação.

Com a revelação, a dor física se tornou nula e seu embate com Demini pareceu nada se comparados à vergonha que o acometeu.

– Não tenho palavras para descrever o quanto lamentei. O quanto lamento – Ethan se corrigiu – por tamanha canalhice para com vocês que nunca foram menos do que minha família. Thomas...

– Pare, Ethan! – o amigo o deteve quando tentou se aproximar. – Dei-lhe esses socos, pois o homem, o marido, guardou-os por muito tempo. Mas o amigo jamais se surpreendeu com sua investida, eu sempre soube que aconteceria.

– Essa é mais uma razão para me desculpar – retrucou com o resto de dignidade que ainda possuía. – Por ser um amigo inadequado do qual se espera atitudes menores.

– Apenas amigo, Ethan. – Thomas lhe estendeu a mão. – Apenas amigo.

– O mais sortudo por ter um como você ao lado. – Ethan apertou a mão estendida e, mesmo ainda receoso com a postura anterior, puxou-o para um abraço. – Estou feliz que esteja de volta!

Dana se sentou sobre a mesa, satisfeita com a cena. Ao que parecia, estavam bem. Joly se manteve calada até que Ethan afastasse o amigo e a provocasse:

– Você é uma criaturinha má! Por todos esses anos deixou-me acreditar que Thomas não sabia.

– Encare o temor de ser descoberto como castigo – retrucou ativa, enquanto Thomas ria pela primeira vez após seu retorno e a abraçava pela cintura. – Se lembrasse que não minto, não teria sofrido tanto.

– Corta essa, Joly! – Dana se intrometeu. – Mentiu para mim, dizendo que me deixaria quando descobri sobre vocês e na verdade ficou no apartamento ao lado todo o tempo.

– E fez o mesmo comigo ao dar a entender que Danielle tinha morrido – Ethan acrescentou, erguendo uma sobrancelha, desafiador.

– Isso não foi mentir. – Joly deu de ombros. – Em ambos os casos considere como um blefe necessário.

– Por falar naquela noite... – Dana encarou Thomas que ainda sorria do gracejo da esposa. – Já que tudo parece estar resolvido entre nós, poderia nos dizer o que aconteceu? Até onde eu sei você saiu à caça de Betânia e... O quê?

– Eu não sei se devemos falar sobre isso agora. – Thomas se enrijeceu.

– Não há hora melhor. – Ethan cruzou os braços e se recostou contra a mesa, ao lado de Dana. – Quero entender o que aconteceu. Para onde foi e por quê?

– Não basta eu estar de volta? – Thomas indagou visivelmente incomodado. – Ainda não acredito nessa viagem de Andrew... E tem Seager também.

– Andrew nos deixou de verdade – Joly reafirmou.

– Estou achando isso muito estranho... – ele uniu as sobrancelhas.

– Tem algo sobre ele que você ainda não sabe – ela disse, afastando-se.

– O quê? – Thomas olhou consternado para cada rosto.

– Eu acho que ele sabe – Dana opinou segura.

Poderia ser um tiro no escuro, mas se Thomas sempre soube do assedio de Ethan, deixara Joly por outra razão: a descoberta da verdadeira identidade de Andrew.

– Thomas? – Ethan disse apenas, esperando por sua confirmação.

– Prefiro que digam primeiro.

– Acho que não é preciso – Ethan comentou, ao acreditar ter sua resposta. – Danielle está certa, você sabe.

– Acho que não é seguro conversarmos sobre isso aqui. – Thomas insistiu e olhou para a porta. – Talvez devêssemos subir.

– Ninguém aqui pode nos ouvir – disse Joly, afastando-se. – E eu tenho o direito de saber. Fiquei todos esses dias sem notícias. Morrendo aos poucos sem entender por que foi embora com uma desculpa tão esfarrapada. Sem saber se voltaria ou...

– Shhh... – Thomas a puxou para um abraço. – Perdoe-me por fazê-la sofrer, mas não consegui pensar em nada melhor. – Para Ethan falou: – Já que deixou de ser segredo, não tenho mais o que esconder. Sim... Danielle está certa. Descobri sobre Andrew na noite do feriado.

– Foi Betânia quem contou? – Ethan perguntou entre interessado e irritado, por ser deixado de fora também por seu amigo.

– Não. Foi o próprio Andrew... Eu estava prestes a capturar a vampira, quando ele apareceu. Inocente, fiquei feliz em ter ajuda. Porém ele a defendeu. Quando Andrew me paralisou, pensei que seria eliminado. Ao invés disso ele se apresentou como Graco. Contou-me de onde veio... Disse que primeiramente se aproximou para tomar minha vida, mas que tinha mudado de ideia e que preferia ter-me como aliado.

– Não... – Joly murmurou.

O marido acariciou seu rosto e prosseguiu, falando diretamente para Ethan:

– Evidente que me neguei. Então ele questionou nossa amizade e sua fidelidade, Ethan. Quando repliquei, Andrew me colocou a par das suas canalhices para com Joly. Mesmo que eu entendesse, esse assunto sempre me aborreceu. E Andrew confundiu minha irritação com rancor. Quando percebi a confusão, usei isso em meu favor e prometi pensar.

– Disse a verdade, por isso ele acreditou. – Ethan se admirou. Agora entendia a inveja de Andrew quanto à lealdade dos seus.

– Acredito que sim... De toda forma, minha promessa o alegrou. Andrew me deu alguns dias para tomar minha decisão e me libertou. Quando fiquei sozinho, não sabia o que fazer, mas tinha a certeza de que ainda não poderia revelar o que descobri. Estávamos em maior número, mas ele tem a vantagem de ouvir nossa mente... Eliminei o cheiro dele em minhas roupas para que Joly não o sentisse. A essa altura já havia policiais por todos os lados, então deixei o parque. Perambulei um pouco pelas ruas até decidir sair da cidade com Joly.

– Por isso chegou molhado e estranho, apressando-me para viajarmos – disse Joly.

– Usei esse tempo em Sterling Forest para decidir o que fazer e também para exercitar minha raiva contra você, Ethan. Caso tivesse de cruzar com Andrew mais uma vez, eu queria que ele acreditasse em minha possível adesão.

– Até aí, tudo bem. – Ethan correu as mãos pelos cabelos. – Mas você partiu. Por que e aonde foi?

Antes que respondesse, ouviram batidas incertas na porta. Falavam baixo e não havia a possibilidade de serem ouvidos, ainda assim Ethan se aborreceu. Não queria ser interrompido, mas por estarem no escritório, não tinha o que fazer, além de liberar a entrada do humano.

– Perdoe-me por interrompê-los, senhor McCain – começou Mario, que sorriu timidamente para Thomas.

– Diga de uma vez – ciciou Ethan, virando o rosto para que o humano não visse o queixo que ele sabia ainda estar escurecido.

– É o mesmo problema de antes senhor... Todos viram a saída do senhor Kelly e alguns estão preocupados... A senhora Miller disse a Barbra que ele está fora, então...

– Então eu tenho a mesma resposta de antes – Ethan o cortou, duramente. – Kelly está fora, mas nós estamos aqui. Diga isso a todos e, por favor, não volte a me interpelar com esse assunto. Se isso for tudo, pode ir.

– Espere – Dana o parou, quando este estava prestes a fechar a porta.

Mario a encarou e então baixou o olhar. Antes que Ethan a interrogasse, Danielle murmurou para que somente os vampiros ouvissem:

– Se beber um pouco de sangue, seu queixo se curará mais rápido.

Ethan sorriu para ela. Esteve tão concentrado nos modos estranhos e depois no relato do amigo que tal expediente sequer lhe ocorreu. Depois de piscar para ela, ordenou que o humano fechasse a porta. Ao ser atendido, o vampiro já se encontrava ao lado de seu funcionário. Em choque, este viu seu patrão se curvar e mordê-lo logo acima do colarinho. Ethan bebeu pouco, o suficiente até que sentisse seu queixo recuperado, então lambeu a pele daquele que o serviu.

Ignorando os olhos vidrados, mais uma vez ordenou:

– Esqueça o que fiz e volte ao trabalho.

– Sim, senhor.

Com a saída de Mario, Ethan voltou para junto de sua noiva que o recebeu sorridente por vê-lo recuperado.

– Obrigado! – murmurou antes de depositar um beijo leve em seus lábios.

– Então já que estamos todos bem e inteiros – disse Joly, voltando-se para Thomas – conte de uma vez para onde foi.

– Bom... Eu estava disposto a guardar essas informações para mim. Diria a Andrew que fui pesquisar somente para confirmar sua história e o deixaria acreditar em minha ligação com ele.

– Estava mesmo disposto a me deixar acreditar nessa traição? – Ethan custava a crer.

– Estava disposto a qualquer coisa que pudesse ajudá-lo – Thomas assegurou. – Nunca passamos por nada parecido.

Ethan olhou o amigo e sua noiva. Os dois tiveram o mesmo pensamento protecionista. Talvez devesse ser-lhes grato pelo pronto sacrifício, mas apenas sentiu-se diminuído. Andrew invejava a lealdade, mas ali estava o motivo de nunca reconhecer sua liderança. Como poderia se até mesmo os seus não confiavam em sua supremacia?

– Até que se prove o contrário, Andrew partiu, então pode nos contar tudo o que fez. Diga para onde foi – ordenou, mascarando seu aborrecimento.

– Para a Grécia.

– Grécia... Era lá que Demini vivia antes de fugir para Roma – Ethan observou.

– Ele não me disse nada sobre ter fugido – Thomas falou –, mas contou que foi onde passou grande parte de sua existência, então me ocorreu procurar por informações sobre ele onde considere ser seu lugar de origem.

– Mas, onde? – Dana perguntou a Thomas, porém com os olhos fixos em Ethan. Estava mesmo interessada, mas a postura rígida do noivo a preocupava.

– Andrew citou um nome – Thomas esclareceu, chamando sua atenção. – Celetrum.

– Nunca ouvi falar – comentou Ethan, sucinto.

– Também não – Thomas prosseguiu –, mas quis arriscar. Depois que deixei Joly, pesquisei e descobri que hoje a cidade se chama Kastoria. Para minha sorte ela é pequena. Depois de vagar pelas ruas por quase uma noite inteira, cruzei com um vampiro.

– Quem? – diante daquilo, Ethan deixou sua consternação, alerta.

– O nome dele é Siro Demini.

– Você conheceu o imortal que acolheu Andrew? – Dana desceu da mesa, empolgada com a informação.

– Como sabem disso? – Thomas estranhou.

– Está desatualizado nos acontecimentos dos últimos dias. Depois lhe contamos – Ethan retrucou impaciente. – Apenas prossiga.

– Tudo bem! – Thomas anuiu. – Sim, Siro me disse exatamente isso. Que acolheu Graco e deu-lhe um nome. Eles pertenciam à mesma linhagem. Ambos têm um dragão em seus corpos... Como você, Ethan.

– Pois é. Estamos ligados por uma porcaria de símbolo – Ethan desdenhou e ansioso indagou: – Conheceu apenas Siro? E Seth?

Segundo a carta de Raquel este seria o vampiro disposto a comprovar a veracidade da maldição. Seria útil ter alguém tão temerário quanto ele próprio como aliado. Esperou pela resposta, contudo antes que Thomas dissesse alguma coisa todos ouviram passos e vozes na antessala.

– Inferno! – Ethan exclamou, irritado. – O que querem agora?

– Acho que é um de seus clientes – disse Joly, encolhendo os ombros. – Esqueci de avisar que viriam.

– Despache-os – Ethan ordenou. – Remarque para amanhã, mas faça alguma coisa.

Assumindo a postura da secretária, Joly se foi sem qualquer palavra.

– Pode continuar – disse para o amigo. Se Thomas pensou em esperar pela volta da esposa, nada falou. Após um instante de hesitação, finalmente respondeu:

– Não conheci esse. Fui convidado a ficar com Siro em seu castelo nos arredores de Kastoria e lá fui apresentado apenas a outro vampiro, Laryn. Esse que você perguntou nem mesmo foi mencionado. – Talvez por ver a consternação explícita que cruzou a face do vampiro, Thomas indagou: – Qual o problema? Quem é esse Seth?

Ethan não respondeu. Intrigado contornou a mesa para se sentar em sua cadeira. Coube a Dana esclarecer, contando os detalhes contidos na carta de Raquel.

– Justamente por isso que não faz sentido ele nem ter sido mencionado – observou Ethan, intimista.

– Pronto! – Joly voltou à sala. – Eles voltarão amanhã.

Seu patrão apenas assentiu, ocupado demais tentando encaixar mais aquelas peças soltas.

– Tudo bem! Vamos esquecer Seth por um instante e focar em Siro – Dana sugeriu. – Você foi à procura de informações... Siro falou alguma coisa que possa nos ajudar?

– A meu ver, sim. Eu lhe contei sobre o que estava acontecendo aqui... Descobri que não era novidade para ele. Não percebi qualquer rancor, mas Siro se mostrou irritado ao descobrir que vampiros experientes estão agindo como novatos inconsequentes e se mostrou satisfeito ao saber de nossa existência. Para Siro, somos capazes de resolver o problema, pois estamos em igualdade numérica e vocês dois são muito fortes.

– Nós dois somos fortes?!... Você falou para ele que eu também tenho a marca? E o poder de Graco? – Dana dividiu a aflição de Ethan. – Ele é um vampiro milenar, experiente... E apesar de nossa força nada podemos contra ele. Descobrimos que por sermos marcados não podemos destruí-lo senão também morreremos. Siro não disse nada a esse respeito?

– Sim, ele falou.

Ligados pela tensão, Ethan e Dana prenderam a respiração ao mesmo tempo.

– Tenha misericórdia, Thomas! Conte de uma vez – Ethan rogou. – O que Siro falou?

– Ele me perguntou qual a procedência dos dragões. Ao saber como cada um de vocês os adquiriu, ele assegurou que no seu caso Ethan, não teria problema caso matasse Graco. Disse que não lhe agradava imortais tirando a vida uns dos outros, mas que se fosse o caso, você seria o indicado para eliminá-lo.

– Como assim? – Dana indagou, trêmula. – Ethan pode morrer se o matar.

– Segundo Siro, essa possibilidade é nula.

– Ele disse isso? – Dana insistiu. Não podia crer. – Disse com todas as letras que Ethan, mesmo sendo marcado, poderia destruir Andrew? O que o diferencia?

– Disse com todas as letras. Siro deixou claro que a maldição só vale para as mesmas características. Vampiros que carregam símbolos iguais desde o seu nascimento. O dragão de Ethan não é de nascença, Danielle, veio depois.

– Mas então...? – Dana sentia o corpo dormente. Ainda incrédula procurou Ethan com o olhar. – Sou eu... Eu não posso...

– Vampira desgraçada! – Ethan vociferou, cortando-a ao se pôr de pé. Sentindo-se sufocar, afrouxou o nó de sua gravata. – Por que aquela cretina não deixou essa informação na maldita carta?

– Acalme-se, Ethan – Dana pediu, preocupada que alguém pudesse ouvi-lo.

– Acalmar-me?! – ele retorquiu, irritado. – Por conta desse pequeno *detalhe* eu o deixei ir embora... Eu podia... A essa altura ele estaria...

Exasperado, Ethan se calou e foi até suas bebidas. Depois de despejar uísque num dos copos o entornou de uma só vez. Nenhum dos vampiros presentes se atreveu a dizer qualquer palavra. Deixaram que ele se colocasse diante da parede de vidro e bufasse enraivecido até que silenciasse. Ainda com Ethan a dar-lhes as costas, Dana se aproximou lentamente.

– Ethan – começou, sem tocá-lo. – Ela não sabia.

– Não acredito que esteja defendendo Raquel – ele retrucou sem deixar de olhar a cidade aos seus pés. Demini ainda poderia estar por perto.

– Não estou defendendo, sim, falando o óbvio. Nem mesmo Graco sabe desse detalhe, como disse. Se ele soubesse dessa diferença já teria tentado te matar. Essa informação nem mesmo nos coloca em vantagem.

– Acho que isso é algo que nunca teremos... Vantagem – Ethan escarneceu, encarando-a por fim. – Mas não me importo. Vamos ver se Siro está certo, agora.

Ethan não poderia enfrentar Demini, Dana pensou, aflita. Seria possível que não percebesse?

– E não se atreva a me deter, Danielle – ele ciciou antecipando-se a ela. – Por assimilar seus medos e crendices deixei que Demini saísse vivo daqui. Não quero mais ninguém tomando as decisões por mim ou me dizendo como agir. Agradeço o sacrifício de ambos, mas tanto você, quanto Thomas... E até mesmo você, Joly, precisam se lembrar de que eu sou o líder. Toda e qualquer descoberta tem de ser dita a mim, sem hesitação. Juntos nós decidiremos o que fazer, mas eu dito a ação. Não quero ser poupado, excluído ou até mesmo castigado como se fosse um moleque. Quem quiser vir comigo que venha, mas hoje essa história tem um fim.

– Ethan, eu não acho boa ideia – Thomas tentou dissuadi-lo. – Vocês me disseram que Andrew foi embora, então por que...

Thomas se calou quando Dana sinalizou uma negativa com a mão erguida e então para que esperasse. Voltando a olhar para seu noivo, sentindo o rancor em cada palavra e vendo a decisão em seu olhar endurecido, falou com uma tranquilamente que não sentia:

- Não vou te impedir de sair se for o que determinar e o ajudarei se assim quiser.
- Prefiro que você e Joly fiquem aqui. Thomas pode vir comigo.
- Não vejo a necessidade de luta já que foram embora, mas se é o que quer... – disse o amigo, resoluto.
- Eu não vou ficar longe de você – Joly segurou a mão do companheiro, decidida.
- Também não ficarei para trás, Ethan – disse Dana, resoluta.

Ethan sabia que nada poderia para obrigá-la a não se colocar em perigo. Nem seria correto visto que Thomas e Joly o seguiriam. Então, sufocando sua preocupação, beijou-a na testa e tomou-lhe a mão. Se tivessem sorte, talvez Andrew ainda estivesse em seu apartamento. Mesmo antecipando os movimentos e com a ajuda de Betânia, ele nada poderia contra os quatro.

Ethan tentou fazer Danielle se mover, porém ela não cedeu um milímetro. Quando a encarou, irritado por descumprir sua palavra, ela falou:

- Vou para onde determinar, basta você me dizer que ir à caça dele é mesmo o que deseja. – Antes que Ethan confirmasse sua decisão, ela se colocou nas pontas dos pés e, como se fosse beijar-lhe a face, sussurrou ao seu ouvido: – Apenas se lembre de *tudo* que aconteceu quando estivemos com Graco.

Dana então o encarou e esperou. Ethan sabia que Thomas ou Joly não ouviram o conselho. Por um instante ele cogitou reafirmar seu discurso e sair, porém fez como Danielle sugerira. Ao acreditar ter entendido seu recado, Ethan aprumou os ombros e falou seguro, sem deixar de encará-la:

- Pensando bem, acho que Thomas tem razão. Demini foi embora, então o melhor que temos a fazer é cuidar de nossa vida.

Mesmo contrariado, entendia que saber recuar era também atribuições de um líder.

- Tenho razão? – Thomas perguntou, enquanto Dana suspirava aliviada.
- Por que o espanto? – Ethan retrucou, voltando a se sentar, mesmo que sua vontade fosse sair correndo até que toda a força que corria nele se esvaísse. – Invariavelmente você a tem.

– Não sei o que fez com que mudasse de ideia – disse Thomas, olhando para Danielle de esguelha. – Mas acho que tomou a decisão correta.

– Obrigado – Ethan ruminou o agradecimento. Quando sua noiva o cercou, Ethan deixou sua cadeira para servir-se de mais uísque. – Já que não vamos a lugar algum e estamos livres de nosso sócio, acho que poderíamos retomar nossas vidas.

– O que quer que façamos? – indagou Joly.

Ethan não respondeu de pronto. Olhou para todos e então disse a Thomas:

– Agradeço pelo o que fez. Pena que o sofrimento de Joly e seu esforço tenha sido em vão.

– Ethan...

– Acho que você e sua esposa têm muito a conversarem, Thomas – cortou-o, dando um gole em sua bebida. – Tirem o dia de folga. Joly, conte a ele tudo o que aconteceu aqui nos seus dias de ausência.

– Mais tarde conversamos – Thomas insistiu.

– Amanhã então. Por hoje estou farto desse assunto.

Antes que saíssem, Ethan ignorou-os e voltou a olhar a cidade. Quando ouviu a porta ser aberta e fechada, sem mais nenhuma palavra ser dita, tomou um novo gole e falou para sua noiva:

– Gostaria de ficar sozinho.

– Ethan, me desculpe, mas eu tinha de te lembrar. Sei como se sente. Também não confio nessa mudança de planos repentina, queria que tudo fosse diferente, mas a verdade é que não temos opção. Depois do que aconteceu ontem, saber que não se enquadra na maldição não muda muita coisa.

– Claro que não muda. Demini saberia tão logo me visse e ficaria livre para me paralisar e se valer da informação.

– Isso! – Dana estremeceu e o abraçou por trás. – E o que aconteceria então?

Mesmo que não a sentisse trêmula, Ethan sabia que estava apavorada e se recriminou por sua intemperividade. Deveria ter pensado em todos aqueles detalhes sem que fosse preciso ser lembrado. E era esse ponto que mais o exasperava. Queria manter sua posição, mas apenas soprava e bufava como ela bem o comparou ao lobo de histórias infantis. Era previsível. Sem tocá-la, bebeu o restante do uísque e pediu:

– Deixe-me só.

– Vamos conversar...

– Por favor.

O tom decidido fez com que ela recuasse. Em momento algum Ethan retribuiu seu abraço, nem mesmo tocando suas mãos. Dana não gostava de vê-lo daquela maneira, mas achou por bem atendê-lo. Mortificada por ter de se afastar, parou diante dele e fez com que ele a encarasse. Ao ter os olhos verdes, duros e frios, nos seus, avisou num murmúrio:

– Estarei na cobertura.

Após um beijo leve, onde somente seus lábios atuaram, Dana o deixou. Enquanto subia pelo elevador particular, rogou para que Ethan a perdoasse – e aos amigos – por tentar protegê-lo apenas, não ignorar sua liderança. Ethan tinha de ver a diferença e desarmar-se.

Ao descer no hall, sua atenção foi desviada para a movimentação que ouvia no apartamento. Eriçou-se somente para relaxar no segundo seguinte. Avançou sabendo quem encontraria, contudo o susto causado na empregada igualmente sobressaltou-a.

– Credo, senhorita Hall! – Martha exclamou lívida, abraçada às toalhas usadas que trazia da suíte. – Não a ouvi chegar!

– Me desculpe – Dana falou, perscrutando-lhe o rosto. – O que faz aqui?

– Sei que agora tenho de tratar os dias de vir com a senhorita, mas achei que poderíamos fazer isso hoje.

– Não... – Dana se apressou em dizer. – Fique à vontade para manter sua rotina. Apenas queria saber se está bem disposta para o trabalho... Parece abatida.

Dana sentia um leve remorso por ser a causadora da palidez e também alguma culpa por salivar ao lembrar o quanto o sangue dela era agradável. Engolindo em seco, recuou um passo, evitando olhar a artéria pulsante, visível acima da gola do casaco.

– Obrigada por reparar e pela preocupação. – A mulher encolheu os ombros, agradecida.
– Estive mesmo doente durante o final de semana, mas desde ontem me sinto melhor.

– Se é assim, fique à vontade para voltar ao seu trabalho.

– Farei isso... – disse Martha e, incerta, olhou para o alto da escada.

Dana acompanhou seu olhar, antes de encará-la e indagar:

– Aconteceu alguma coisa? – Ela sabia que estavam sós, então não temeu que estivessem em perigo.

– Bem... – Martha mirou o chão. – Pode perguntar ao Sr. McCain. Sempre fui muito cuidadosa. E... vi que a banheira está quebrada... Não sei se viram, mas... eu não queria que pensassem que a culpa é minha...

– Sabemos que não foi você, Martha – Dana a tranquilizou. – Fique sossegada. Ou melhor... ignore – ordenou.

Era preferível que a humana o fizesse. Não estava em seus planos quebrar nada mais, mas... Quem poderia prever tais *acidentes*?

Apegando-se à breve diversão, Dana seguiu até o *closet* para pegar seu netbook. De posse de seu aparelho, desceu ao gabinete e se forçou a esquecer Ethan por alguns instantes. Ele precisava daquele tempo e ela o daria. Digitar um texto deveria distraí-la, considerou. Demorou, porém a técnica surtiu efeito. Esteve tão absorta na construção do texto, que se esqueceu da presença humana na cobertura e sobressaltou-se ao ouvir a voz de Martha.

– Desculpe-me incomodá-la, mas ligaram da portaria. Dois senhores procuram pela senhorita.

– Disseram os nomes?

– Um deles é Joseph Holt. Conhece?

– Sim. Deixe que subam – ordenou Dana, deixando seu posto à mesa.

A estranheza estava em ser procurada no NY Offices, contudo não os temia. Caso fosse alguma armadilha, estaria preparada. Sequer cogitou procurar por Ethan, pois aquele era um problema seu.

Os homens que encontrou ao abrir a porta não condiziam com a imagem de investigadores que criou em sua mente. Um era corpulento e calvo, vestia um blazer xadrez de gosto duvidoso. O outro era magro e altivo. Ignorando o acelerar dos corações, Dana falou em tom de escusa:

– Bom dia! Sou Danielle Hall. Lamento que tivessem de vir até aqui.

– Então sabe quem somos? – indagou o magro altivo.

– Reconheci pelo nome – ela esclareceu sem convidá-los a entrar. – Qual de vocês é o senhor Holt?

– Apenas Joseph – disse o mesmo, estendendo-lhe a mão que Dana apertou sem hesitar.
– Prazer em conhecê-la, Danielle Hall.

– O prazer é todo meu – disse por reflexo. – Posso saber como chegaram até mim?

– Quem faz as perguntas aqui sou eu – Joseph a lembrou num gracejo, então após uma piscadela, falou: – Mas vou lhe dizer como a encontramos. Fomos procurá-la em seu apartamento e uma de suas vizinhas nos disse que agora a senhorita *namora* Ethan McCain, então... Arriscamos procurá-la aqui.

– E me encontraram... – ela sorriu, dando-lhes passagem. – Entrem.

Não esperaram por um segundo chamado, seguindo-a de bom grado até que Dana se sentasse em um dos sofás e indicasse o disposto à sua frente. Por um instante ela cogitou oferecer água ou café, porém decidiu abreviar a visita.

– Digam o que desejam, por favor.

– Estamos tentando encontrá-la há dias, senhorita Hall, porque precisamos que nos diga como foi seu último encontro com Jeff Davis. Fomos informados de que foi a última a estar com ele.

– Ninguém tem como afirmar tal coisa – retrucou segura. – Jeff apenas me deu uma carona. Não o vi depois que nos despedimos. E isso é tudo!

– Como disse?! – Joseph a encarou, aturdido ao vê-la levantar. – Ainda nem começamos. Está se recusando a...

– Senhores... – chamou-os, docemente. Quando tinha a atenção de ambos, ditou: – Vocês já ouviram tudo o que eu tinha a dizer e concluíram que nada tenho a acrescentar. Sequer precisam de um depoimento formal. Podem ir agora.

Ambos sorriram e se colocaram de pé.

– Obrigado por sua ajuda, senhorita Hall – disse Joseph ao apertar-lhe a mão.

Após as despedidas, Dana os acompanhou até a porta. Ao fechá-la, olhou em volta. Antes de se sentir orgulhosa ou envaidecida com seu feito, sentiu-se sozinha. Suas habilidades para se livrar de assuntos indesejados ou o zanzar de Martha pela cozinha não importavam. Queria seu Ethan de volta.

Capítulo Vinte

Ethan escolheu o JFK a revelia. Poderia ter dirigido até o La Guardia, não faria diferença. Caso Demini tivesse partido, poderia ter sido de qualquer lugar, mas gostava de imaginar que tivesse sido dali e que assistia seu distanciamento enquanto os aviões ganhavam altura.

De pé, com as mãos nos bolsos da calça, próximo à mureta de concreto que cercava uma das vias de acesso ao aeroporto, Ethan não se importava com os carros que passavam velozes às suas costas ou com as buzinas repreensivas por manter o seu BMW estacionado em local proibido, com o pisca-alerta ligado.

Na verdade nem os ouvia. Todo o som que chegava aos seus ouvidos era os das turbinas das grandes aeronaves. Precisava daquela despedida simbólica para então trabalhar sua mente e coração à procura de algo raro nos últimos tempos: paz. Antes disso, queria ainda saber como lidar com a mágoa incômoda que passou a nutrir por Danielle e Thomas.

– Inferno! – resmungou enquanto via mais um avião deixar o JFK. Foi nesse momento que uma figura feminina se materializou ao seu lado. Ela estava contra o vento, não lhe sentia o odor, ainda assim retesou-se em alerta. Quando falou, a voz não passou de um sibilar muito baixo: – Nem o diabo a quis?

– Também estou feliz em ver você, Ethan! – Raquel ignorou sua hostilidade.

– Onde está Seager? – indagou, sem olhá-la.

– Está seguro – ela garantiu como que para si mesma. Algo em seu tom fez com que Ethan a olhasse. A vampira mantinha seu olhar em frente, observando os aviões. – Seager se feriu, mas nada tão grave que um pouco de sangue humano não resolvesse.

– Não direi que sinto muito – Ethan anunciou friamente, analisando o rosto bonito da mulher ao seu lado.

– Não precisa. Sua sinceridade, mesmo que grosseira, é uma das coisas que aprecio em você.

– Em você, não há nada que me agrada. – Ethan voltou a olhar os aviões. – Nem sua companhia, então seria melhor se dissesse logo o que faz aqui. Esteve me seguindo, Raquel?

– Estive – ela confirmou sem rodeios – Desde segunda-feira, quando deixou o edifício de Graco... Com Dana...

– Seguiu-nos até o parque? – vociferou num rosnar, ao entender a insinuação no que sequer fora dito.

– Não queria perdê-los de vista – Raquel confirmou sem se abalar – Eu estava monitorando a movimentação de Graco e Betânia, mas quem apareceu foram vocês. Percebi que foi contra minha recomendação e a transformou. Segui-os imaginando uma forma de abordá-los... No parque, pensei que fossem apenas se alimentar... Não tenho culpa se não se comportam.

– Cretina! – Ao rosnar Ethan retirou as mãos dos bolsos e tentou segurá-la.

– Pare com isso, Ethan – ela pediu saltando de lado – Estamos na beira da autoestrada. Acha que não darão importância a um homem estrangulando uma mulher? – Quando ele se conteve, ela sorriu mais uma vez e lhe piscou depois de correr os olhos famintos por seu corpo. – Não fique preocupado, está em ótima forma. Sua vampira tem sorte!

– Diga de uma vez o que quer – ele ordenou, apagando de sua mente tudo o que ele e Danielle fizeram diante dos olhos da maldita *voyeur*. – Não me seguiu até aqui para enaltecer a boa estrela de Danielle.

– A palavra seria *invejar*... Bem, não quero aborrecê-lo – atalhou rapidamente ao ouvir mais um rosnado. Recompondo-se, séria, prosseguiu: – Quero me juntar a você, Ethan.

– Você não se cansa? Já deixei claro que mal a suporto! Não há a mínima possibilidade de ficar com...

– Não seja presunçoso – Raquel o cortou – Com tudo o que vem acontecendo não me daria ao trabalho de segui-lo à procura de sexo. O que quero é entrar para o seu grupo. Seager e eu. Precisamos nos unir.

– Não vejo motivos... – Ethan retrucou secamente. – Você e seu amante não têm o que temer. Ontem seu adorado marido deixou a cidade.

– Eu não acredito! – retorquiu convicta. – Ele pode até sair de cena, mas tenho certeza de que voltará e temos de estar preparados.

Ethan se afastou mais um passo até se recostar em seu carro, sem deixar de encará-la. Tal declaração o exasperou mais do que se Raquel de fato desejasse se entregar a ele. Não confiava nela ao ponto de colocá-la junto aos seus. E não lhe devia favores.

– Deve-me no mínimo dois favores – disse ela, como em resposta ao seu pensamento.

– O que disse? – Ethan empertigou-se.

– Que me deve dois favores – ela repetiu, segura. Os olhos femininos os encaravam brilhantes, expressando a satisfação de sua dona por surpreendê-lo.

– Você sabe o que pensei? Como pôde? Você é como Demini?

– Não como Graco – explicou –, mas pensamentos mais fortes, de pessoas muito próximas, chegam a mim com nitidez.

– Então... – A mente do vampiro vagou para muito longe. – Quando despertei você sabia o que eu faria e não me impediu.

– Sua raiva não era direcionada a mim então quis acreditar que não me faria mal. – Raquel deu de ombros. – Como lhe disse no Café, nunca desejei vingança. Não tinha motivo.

– Pensei que amasse suas irmãs – Ethan comentou ainda alheio, admirado com a revelação.

– Eu as amava! – assegurou, ofendida – Jamais questione meu amor.

– Estranha forma de demonstrar seu afeto – Ethan escarneceu, odiando ter sido ludibriado.

– Não me julgue! – Raquel replicou. – Não o enganei, apenas omiti algo que você deveria saber. Quanto a Sabina e a Betânia eu, de fato, as amava. Eram minhas amigas, irmãs...

– Companheiras – Ethan a corrigiu, seguro. Em outros tempos teria se excitado com a compreensão e a imagem de tão belo triângulo. Naquele momento, somente a desprezava mais.

– Nós nos amávamos, era o que importava. Mas elas se tornavam um problema maior a cada dia. Sempre insubordinadas. Atacavam os humanos quando sabiam que não deveriam nos expor. Betânia ao menos os matava, mas Sabina, com sua fixação romântica de que encontraria sua metade, poupava-os e com isso me irritava.

Exasperada, Raquel se interrompeu e lhe deu às costas, passando as mãos trêmulas pelos cabelos, após um suspiro profundo retomou a narrativa com voz embargada:

– Ainda assim, ela era minha preferida. A preferida de todos nós, na verdade – divagou. – Se acaso não tivesse se voltado contra ela, fatalmente seria a sua também...

– Pouco provável – Ethan retrucou, insensível. Não conseguia imaginar outra preferida além de Danielle.

– Pensa assim porque não a conheceu. – Raquel se voltou e o encarou, comovida. – Sabina era sonhadora e doce. Carinhosa, atenciosa... Generosa até. Desde sua transformação

não apresentou o instinto ruim dos vampiros. Era cerimoniosa quanto a matar humanos, diferente de Betânia que tem prazer até mesmo em torturá-los. Seu pai teve sorte por ela tê-lo matado enquanto copulavam... Vários não tiveram a mesma.

– Suas chances de se juntar a mim são mínimas – Ethan ciciou. – Se não deseja anulá-las, não volte a citar meu pai. Sorte seria ele não ter sido descoberto por sua companheira asquerosa. E até mesmo eu, se não tivesse conhecido sua adorável vampira de nobre coração.

– Deixe de lamentações, Ethan! – Raquel colheu duas lágrimas errantes, recompondo-se. – Iluda-se o quanto quiser, mas se Sabina tivesse lhe dado a opção, se ela tivesse lhe contado sobre todo prazer, todo poder, vindo com a imortalidade, você a seguiria de bom grado. E a amaria loucamente. Seu único problema seria que, cedo ou tarde, quando passasse a novidade, ela se conformaria por seu desenho ser diferente e partiria à caça de outro prometido.

Domando sua irritação por não poder contestá-la em suas primeiras afirmativas, Ethan focou sua atenção ao que lhe interessava: as marcas. Ainda alimentava a curiosidade de saber todos os detalhes que as cercavam.

– Por que Sabina queria um prometido com uma marca igual à dela se ele apenas a subjugaria?

– Ela morreu sem encontrar, mas você está com seu par. Diga-me então o que tem de tão especial em uma prometida. Danielle é sua perdição?

– Ela é! – reconheceu, sem rancor. – Como praguejou na madrugada de meu despertar, Danielle me subjugou. E como você me alertou antes que a transformasse, hoje, ela me domina por completo. Minha existência ou destruição estão nas mãos dela.

– E isso o incomoda? – Raquel indagou sem demonstrar altivez. – Você se livraria dela para ter o domínio de sua vida em suas próprias mãos?

– Se dissesse que não me importo eu estaria mentido, então, sim, incomoda-me – respondeu contrafeito. – Contudo, se retomasse o controle não saberia o que fazer. Danielle é meu Norte. Dona de minha vida e senhora de minha morte. É minha tristeza e minha alegria. Aquela que me atormenta e a única que me dá paz.

Ao se calar entendeu o que Sabina procurava. Não alguém com o poder de destruí-la, sim, que a manteria viva e vibrante, que traria luz para uma monótona e talvez infeliz imortalidade. Sua criadora procurava apenas os sabores e dissabores de um amor genuíno. Naquele momento, Ethan lhe teve alguma simpatia e acreditou que, mesmo que não a amasse, talvez tivesse se afeiçoado a ela.

O riso manso de Raquel recordou-o de que não estava sozinho com suas elucidações. Quando a encarou, tendo o cenho franzido, ela lhe sorriu satisfeita.

– Vê?... Sabina conseguiu cativá-lo mesmo depois de morta. Ninguém resistia a ela! E você está certo. Minha preferida procurava um tipo de amor que nenhum de nós foi capaz de lhe dar. E sua procura me ofendia, enciumava. Não me importava dividi-la com alguém de igual estima, mas sabia que não suportaria caso um dia ela encontrasse sua metade. Sabina nos rejeitaria. A prova está em você com sua cega fidelidade a Dana.

E, mais uma vez, o vampiro não teve como contestá-la. Depois de Danielle, nenhuma outra serviria.

– Também me irritava sua falta de consideração – Raquel prosseguiu. – Nós estávamos naquela selva para protegê-la. Betânia e eu resolvemos fugir de Graco quando a violência dele passou de todos os limites ao ser desprezado por ela.

– Por isso ele não estava presente quando as conheci – Ethan murmurou, satisfeito em ter mais algumas respostas. – Como ele poderia ser violento? Todos são imortais.

– Somos, mas ele sempre foi o mais forte, cruel e intolerante. Não morremos facilmente, mas sentimos dor, sufocamos e agonizamos. Então não é agradável ter nossos membros quebrados, ser sepultada por meses ou trancada por algumas horas em esquifes de vidro cheios de água apenas por desobedecê-lo ou por defendermos umas às outras.

– Ele as tratava dessa forma?!

– Graco é de outra época, um sádico. Não tinha pudores quanto a castigos físicos. Ele até mesmo os apreciava. Sempre o desculpávamos, pois ele era nosso senhor e de certa forma o amávamos. Mas como agora bem sabe, Sabina queria mais e não era como Betânia ou eu. Ela era transparente, não tentava dissimular seu pensamento para que ele não o ouvisse. Nosso arranjo ia bem até que ele sentiu o distanciamento por parte dela.

Ethan não a interrompia, estava interessado.

– Para não perdê-la, Graco quis se valer do romantismo de Sabina e das marcas que ambos possuíam. Numa noite, depois que ela esteve relativamente dispersa enquanto todos nós nos *relacionávamos*, ele nos contou sobre uma lenda muito antiga... – Raquel se calou como se visse a cena e a apreciasse, nostálgica.

– Prossiga – pediu Ethan, expectante. – Conte-me a lenda. O quanto é antiga?

– Tão antiga que ele nos contou da mesma forma que a ouviu, em Aramaico.

– Demini fala Aramaico? – Impossível não se surpreender – E vocês podem compreendê-lo?

– Sim – Raquel confirmou sem orgulho algum. – Graco nos ensinou. E também Latim, Hebraico, Alemão, Inglês, Japonês, Português e tantas outras línguas que nunca tivemos oportunidade de utilizar.

– Muito bem. Em Aramaico... – Ethan murmurou, ruminando um fio de despeito por conhecer somente quatro Línguas – Então a lenda é mesmo muito antiga.

– Muito antiga – ela repetiu. – Ele a conheceu quando esteve em Maalula, cidade ao noroeste de Damasco. Deus criou a Terra e todas as coisas que havia nela, inclusive o ser que era sua imagem e semelhança. Ele escolheu um de seus anjos para dar alma a Adão. Acabou por fazer o mesmo quando criou Eva. E continuou quando eles foram expulsos do Éden e procriaram. Muitos outros anjos foram convocados para descer à Terra e dar vida aos novos homens e mulheres que nasciam.

– Fale sobre a marca – Ethan pediu, sem se importar com um carro que passou muito próximo ao seu, lembrando-o de onde estavam.

– Nem todos os anjos estavam satisfeitos com a nova atribuição. Muitos nutriam sentimentos de afeto uns pelos outros e não desejavam ser separados. Amavam-se.

– Pumft!... – Ethan bufou entre os lábios, revirando os olhos.

– Certo! Sei que anjos não têm sexo – ela atalhou repreensiva –, mas nem toda forma de amor tem de envolver fornicação.

– Perdoe-me – disse sincero. – Prossiga, vou ficar quieto.

– Bem, a lenda conta que, quando Deus escolheu um desses *casais* temerosos, eles marcaram seus corpos com fogo sagrado. Fizeram desenhos semelhantes na esperança de que seus corpos humanos levassem a mesma marca. Dessa forma eles se reconheceriam. Animados com a possibilidade de estarem juntos, outros anjos fizeram o mesmo. Essa lenda correu de geração em geração, muitos fizeram suas adaptações. Logo nomearam esses anjos marcados como sendo almas gêmeas.

Ethan jamais ouviu nada parecido, somente tinha a certeza de que Danielle era seu anjo marcado, ainda que ele nada tivesse de angelical mesmo em seu tempo como humano. Ao pensamento algo lhe ocorreu. Não uma lembrança do passado, mas sobre o que ouviu há poucas horas. Sem nem perceber falou automaticamente:

– Minha marca não é de nascença.

– Acha que se esse detalhe fosse relevante Sabina pediria para que eu queimasse a pele de incontáveis homens? – Raquel retrucou aborrecida. – Nem todos nascem marcados, mas se fazem parte dos anjos apaixonados sentem a necessidade de marcarem seus corpos. Há quantos anos acha que as tatuagens existem?

– Nunca me interessei por tatuagens, eu... – ele ainda não processava a informação.

– Por tudo o que você considere sagrado, Ethan, entenda que é só uma lenda! – Raquel exclamou, exasperada, antes de medi-lo, incrédula. – Quem poderia imaginar que fosse se mostrar tão romântico quanto Sabina! Você seria bem capaz de não reconhecer o amor verdadeiro por estar preso a detalhes.

Ele já cometera esse erro: por três vezes. E por muito pouco não repetiu o feito, preso a uma interpretação errônea das primeiras palavras de Raquel.

– Eu apenas disse a verdade. Nunca acreditei muito nisso de almas marcadas, mas considero que o verdadeiro amor nos enfraqueça. Somente sua metade seria capaz de freá-lo. E foi o que aconteceu... Minutos atrás confirmou o que sei desde que prendi sua humana no banheiro daquela casa noturna... Ela o tem por completo. Você seria capaz de fazer como Sabina? Renegaria o que sente só porque o dragão de um e de outro veio em momentos diferentes? Agora que conhece a lenda, ama menos sua vampira?

– Algum dia a lua deixará de orbitar em torno da Terra? – retrucou, enraivecido consigo mesmo ao aceitar que por quase 200 anos fora refém de sua descrença. Não acreditava no amor logo lhe restava esperar a destruição em meio à guerra.

– Agora tem todas as respostas – ela disse impassível.

Ele de fato as tinha. E, repassando o que ouviu, outro detalhe lhe ocorreu:

– Você disse desenhos iguais, mas pelo o que me lembro, Sabina tinha uma serpente.

– Sim – ela confirmou sem emoção – Esse foi o erro de Graco. Contar algo tão belo e puro a alguém como Sabina. Quando ela fez essa mesma observação ele quis consertar a falha, mas já era tarde. Sabina passou a procurar por sua metade perdida. Ela não o abandonou, gostava dele a sua maneira, mas não o amava e o que era pior, demonstrava. Como lhe disse, desculpávamos a insanidade possessiva de Graco... Porém quando ele quebrou os ossos dos pés de Sabina e a sepultou para que não saísse atrás de outros homens, com ordens expressas a mim e a Betânia para que ela não fosse sequer alimentada até que voltasse a amá-lo, resolvemos deixá-lo.

– Foi quando fugiram – ele murmurou, mais uma vez chocado com as práticas de Demini. Não conseguia associar tais ações ao vampiro bonachão que conviveu ao seu lado por seis anos da mesma forma que não conseguia imaginá-lo tão antigo, culto e plurilíngue.

Sem reservas, demonstrando lhe depositar confiança – ou apenas estivesse muito envolvida pelas próprias declarações para dosar o que revelava –, Raquel continuou com sua história:

– Após os primeiros anos de convivência aprendi a encobrir meus pensamentos. Ensinei a Betânia a despistá-lo. Juntas nós fingimos acatar suas ordens e até nos mostramos solidárias a dor que alardeava. Quando ele nos deixou para se alimentar e se divertir com algumas humanas, nós libertamos Sabina e fugimos. Não levamos nada de valor, somente uma a outra.

Raquel se interrompeu para logo em seguida retomar a narrativa.

– Quando encontraram você, estávamos no Brasil há pouco mais de cinco anos. A floresta nos dava uma boa cobertura. Os selvagens às vezes nos incomodavam, mas invariavelmente terminávamos por nos divertir com seus temores. Tínhamos sangue animal à vontade. Poderíamos ainda nos valer de alguns fazendeiros ricos para enchermos nossas bolsas com joias, ouro e prata. Eu gostava daquela vida meio aborígine, mas Betânia e Sabina sempre foram resistentes à adaptação.

– Por isso deixou que eu me voltasse contra elas – foi uma constatação, não pergunta.

– Eu estava cansada! – Raquel exclamou quase a gritar, deixando que seus ombros tombassem. – Eu vivia amedrontada, imaginando que Graco de alguma forma nos encontraria caso um dia elas fizessem algo estúpido que chamasse a atenção para a existência de demônios bebedores de sangue nas florestas brasileiras.

– Algo estúpido como matar exploradores estrangeiros – Ethan observou, sem emoção.

Raquel assentiu, derrotada.

– E eu nem precisava saber a importância que pudessem ter. Somente por serem de outro país chamariam a atenção por suas mortes. E como se não bastasse, Sabina o trouxe para que eu revelasse a maldita marca. Mais uma vez eu era obrigada a procurar por aquele que a tiraria de mim. E daquela vez eu senti que seria diferente. Ela estava diferente. Acho que se encantou de verdade por você. Tanto que não desgrudou do pano onde o coloquei para que padecesse até a completa transformação. Sabina tentou acalmá-lo todo o tempo. Limpou seu suor e acarinhou seus cabelos, acreditando que assim lhe traria algum alívio.

Não precisava ser leitor de mentes para saber o sentimento despertado por aquele cuidado. Caso Danielle vivesse a procurar por outro, ele não deixaria que tal criatura vivesse até a completa transformação. Ao ver um brilho fugaz correr os olhos marejados ele concluiu:

– Você matou todos eles.

– Matei e não me arrependo – Raquel sibilou, demonstrando o quanto a lembrança a magoava. – Ao menor descuido de Sabina, ao afastamento mais breve, eu os matava. – E sem mascarar a verdade, acrescentou: – Teria matado você caso ela tivesse me dado a chance.

– Mas ela não deu. – Ethan sentiu a simpatia por sua criadora crescer e não alimentou qualquer desejo de represália contra Raquel, compreendia-a. – E como tanto salientou, Sabina era transparente. Ainda mais para você que podia ler a mente dela. Algo me diz que ela, e até mesmo Betânia, não sabiam dessa sua habilidade. E Sabina provavelmente não saiu do meu lado por estar desconfiada de suas ações. Você poderia conviver com vampiros marcados que logo fossem desprezados, mas teve a certeza de que com a vigilância dela, um dia uma serpente surgiria. Você preferiu vê-la morta a assisti-la com outro ou arredia.

– Como eu poderia saber o que preferia? Fui arrogante! – Raquel voltou a lhe dar às costas, ocultando duas novas lágrimas. – Quando eu perdi alguém importante para que pudesse comparar a dor? Se eu pudesse voltar no tempo... Se pudesse prever o que aconteceria, eu teria dado um jeito de afastá-la e o teria matado antes que fosse forte o suficiente para lidar com todas nós. Porém eu não tinha como prever... Você despertou, entendeu o que acontecia e seu ódio somou ao meu despeito. Vi então a oportunidade de ser livre daquele amor incerto. A merda toda é que eu também não pude prever a dor que sentiria ao perdê-la.

Desde o feriado Ethan entendia aquela dor, e nada disse.

– No momento eu fui forte – ela prosseguiu. – Deixei Betânia e parti. Mas não se passou meia hora para que a realidade aterradora se descortinasse diante meus olhos. Minha preferida estava morta!... Aquela que dividia o mesmo amor também... Não pensei duas vezes e fiz o caminho de volta. Estava disposta a provocá-lo para que também tirasse minha vida, mas não o encontrei... Chorei sobre o corpo de Sabina até perceber que Betânia ainda estava viva.

– Você a salvou – Ethan disse o óbvio, sem notar.

– Eu consegui um humano, um índio. O sangue dele salvou-a. Betânia ainda tentou se voltar contra mim, mas logo estava também massacrada pela perda de Sabina. Alimentando o ódio crescente por você, ela me convenceu a voltar para Graco. Foi o que fizemos... Nós o

encontramos dois anos após deixarmos o Brasil. Eu estava disposta a acatar qualquer castigo que ele nos aplicasse. Eu sabia que o meu seria pior pela desobediência que lhe roubou as três mulheres, pelos sete anos de separação, pela perda irreparável...

Raquel caminhava junto à mureta, mirando o chão.

– Os sentimentos de Betânia eram fortes demais para pedir que ela os encobrisse, então ele logo soube. Para minha surpresa, fui perdoada. Graco me acolheu em seus braços e me fez ver que a culpa não era minha. Disse saber como eu me sentia e que em meu lugar talvez tivesse feito o mesmo. – Ao encarar Ethan, ela acrescentou: – Porém você não teria perdão. Graco considerou alta traição de sua parte se voltar contra quem o criou sem tentar compreender o que acontecia, sem uma única chance de defesa.

– Da mesma forma como aconteceu comigo e meu pai – Ethan replicou, taciturno – E você não comentou o que eu disse. Elas não sabiam desse seu dom, não é mesmo?

– Não sabiam. Apenas desconfiavam, pois é algo natural entre imortais. É comum nos depararmos com vampiros que *escutam* os pensamentos de seus semelhantes.

– Como?! – Ethan se agitou – Como assim, comum?

– Como lhe disse você não conhece nada sobre os de sua espécie, mas estou disposta a ajudá-lo. Comigo ao seu lado saberá como lidar com Graco quando ele voltar. Posso ensiná-lo a canalizar essa nova força que descobriu. Você é um dos fortes, Ethan, apenas está perdido.

Era tentador. Acreditava em tudo o que ela lhe propunha, o único problema era que não confiava nela. Nesse momento, para confundi-lo, sentiu a aflição de Danielle. Ele sabia que aconteceria quando ela desse por sua falta. Conferindo as horas viu quanto tempo esteve longe. Ato contínuo seu celular vibrou em seu bolso. Ainda não desejava falar com sua noiva então o ignorou. Precisava decidir o que fazer com o pedido/oferta de Raquel.

Quando a encarou, encontrou-a com um sorriso satisfeito nos lábios. Antes que a questionasse, ela o parabenizou:

– Esse desprendimento é auspicioso. Você tem conserto, Ethan McCain, basta querer. Quanto a confiar em mim, não há nada que eu possa fazer a respeito, mas posso lembrá-lo dos dois favores que me deve.

– E quais seriam? – indagou, incomodado com a insistência de sua noiva que fazia o celular vibrar, logo se renderia.

– Vou lhe dar um conselho mesmo não sendo sua aliada... Não se renda sempre. O amor que sente por Dana ou ela por você não diminuirá caso fique afastado alguns pares de horas. Estar tão focado nela desconcentra-o, enfraquece-o.

Antes que lhe respondesse, ela assumiu a postura de vampira fatal e lhe piscou em claro flerte.

– Também ajudaria se ficasse com outras mulheres para dividir sua atenção. Veja Graco, por exemplo... Sempre com três esposas. Apesar dos castigos de antes, ele sempre nos amou. E arrisco dizer que amava Sabina como você ama sua Danielle, mesmo não sendo sua alma gêmea. Ainda assim nunca perdeu seu comando. E sua força e habilidades só fizeram crescer.

– Obrigado pelo conselho – retorquiu secamente. Raquel não dissera nada que ele mesmo já não tivesse percebido. – E diga de uma vez o que lhe devo.

– Não sei se encontraram, mas deixei uma carta para Dana, contando com sua previsibilidade em transformá-la e na dela de continuar bisbilhoteira.

– Danielle a encontrou – informou, evitando pensar a respeito. Raquel tinha lhe dado mais *conselhos* do que poderia imaginar durante aquela conversa. – Devo agradecer por poupar minha vida?

– Não se não for sincero – ela rebateu, unindo as sobrancelhas – Apenas por estar aqui e Graco distante já é prova de que valeu alguma coisa.

– E o segundo favor?

– Seager e eu recolhemos os corpos do Central Park.

A primeira reação de Ethan foi desmenti-la, entretanto lembrou que não tinha ninguém que pudesse ter feito a limpeza antes que os policiais chegassem à cena horrenda. Joly estava com Danielle, Thomas com Andrew e ele próprio tentando manter sua sanidade enquanto seguia a recomendação da amiga e voltava para a cobertura.

– Por que fez isso? Disse que não ajudaria quando fui procurá-la.

– Mudei de ideia! – Raquel deu de ombros – Gosto de provocá-lo... Quem sabe um dia se renda aos meus convites e eu possa saber o que de tão especial Sabina viu em você. Apenas saber, pois ver, eu já vi...

– Não vou responder a isso – Ethan ciciou – Prefiro entender por que me ajudou.

– Apesar do que fez eu não tenho motivos para odiá-lo, Ethan. Independente do que Graco tenha me dito, reconheço a minha culpa. Você mataria a todas, mas eu poderia ter tentado impedi-lo. E, como já disse, estou cansada de tudo isso. Com o passar dos anos minha relação com Graco e Betânia, desgastou. Ele civilizou-se com o tempo, não nos castiga. Mas a falta de Sabina pesa sobre nós... Betânia, de tempos em tempos, culpa-me e cobra por tê-la abandonado, por ter chorado somente por outra.

Ethan assentiu para demonstrar sua atenção.

– Nossa forma de manter uma boa convivência – ela continuou – é nos separarmos por alguns períodos, sem perdermos o contato. Às vezes, passamos vários anos, longe um do outro, pois não percebemos o tempo quando o temos em sua totalidade. Foi o que aconteceu agora. Fazia quase oito anos quando eu e Betânia resolvemos nos juntar a Graco, mais uma vez. Já sabíamos sobre a nova esposa, então apenas fomos *apresentadas* a você. Já sabe que o vimos no parque e o reconhecemos... Não preciso repetir a história.

– Não precisa – confirmou atento a tudo o que ela lhe dizia.

– O que não sabe é que dias depois fui apresentada a Seager... Não sei explicar, mas ele me atraiu. Talvez eu tenha me compadecido por vê-lo usado sem cerimônias. Não acho que alguém deva ser privado de sua vontade, mesmo sendo inferior. E então veio Paul... Estou cansada de jogos, de cobranças e de amores doentios. Quero a calma que Seager me proporciona... Foi por isso que o levei ao parque naquela noite. Eu...

Raquel se calou ao ouvirem o som da sirene da viatura que se aproximava. Ethan poderia dizer que demorou para que alguém o denunciasse à polícia por arriscar provocar um acidente na via expressa.

– Entre no carro! – Ethan ordenou, dirigindo-se ao lado do motorista. Com Raquel acomodada ao seu lado, partiu fazendo os pneus cantarem no asfalto.

– Não seria melhor esperá-los e induzi-los?

– Está com medo de morrer? – ele debochou. – Não temos tempo para teatro. Prefiro que continue o que dizia. Por que devo acreditar em você? Esteve todo esse tempo falando sobre sua relação com Graco e Betânia. Como posso acreditar que quer vê-los destruídos? Pois saiba que é o que quero, ambos mortos.

– Não pode matar Graco, esqueceu? Quanto a Betânia... Deixei que matasse quem me era mais preciosa, alguém que me amava. Acha mesmo que faria objeção quanto a alguém que deseja minha destruição? Ela tentou me matar, Ethan.

Mesmo que dirigisse em alta velocidade, desviando dos carros enquanto deixava a viatura para trás, Ethan a ouvia com clareza. A revelação não o surpreendia.

– Então foi Betânia... Tem certeza? Caso aceite sua proposta, não quero que se arrependa depois.

– Foi ela... E olhando em meus olhos enquanto ateava fogo na mobília de Seager. – Antes que Ethan perguntasse como ela conseguiu tal façanha, Raquel explicou: – Assim como ela não sabia que eu poderia ouvir seus pensamentos quando estivesse perto, eu sempre a deixei acreditar que conseguia me paralisar e foi o que fiz... Seager a obedeceu e quando ela acreditou que estávamos imobilizados, destilou sua raiva contra mim. Acho que no fundo sempre esperei por isso. Tudo o que fazemos um dia se volta contra nós... Se eu estou aqui, devo agradecer à índole tão cruel quanto a de Graco que não a deixou atear fogo em mim por desejar que eu tivesse uma morte lenta, enquanto visse as chamas acabarem com Seager.

– Por isso Seager se queimou... – ele murmurou para si.

Odiava admitir, mas sentiu certo pesar pelo vampiro ter sido quase queimado vivo. Baseado no que ouviu Ethan até entendeu porque Andrew não sabia quem era o responsável pelo ataque, ele não era onisciente afinal. Betânia e Raquel ocultavam dele suas ações. E não tinham como saber que a amante continuava viva.

Que belo trio! Unido pelo amor e pelo ódio, Ethan pensou com sarcasmo.

Se fosse verdade tudo o que Raquel lhe dizia, se estivesse mesmo interessada no imortal e em viver um amor sem sobressaltos, também entendia seu pedido. De toda forma, precisava mesmo de ajuda e não estava em posição de recusar aliados. Com um suspiro resignado, Ethan determinou que, a partir daquela tarde, seu grupo possuía dois novos integrantes.

– Obrigada, Ethan! – Raquel falou tocando em seu braço. – Não vai se arrepender...

– Assim espero – falou, secamente. A aflição de sua noiva se tornava mais forte, preocupando-o. Quando seu celular vibrou, ele o atendeu.

– *Ethan!* – Danielle exclamou, alarmada – *Onde está?*

– Precisei sair um instante... Ordenar os pensamentos.

– *Mas você está bem?*

– Melhor do que antes. – Quis acalmá-la, porém ao ouvir-se, descobriu que dizia a verdade. Sua cabeça no momento processava outras informações, sem tempo para remoer suas mazelas egocentristas. – Sim, meu amor, eu estou bem!

– *Fico feliz em ouvir isso* – ela murmurou – *Mas volte logo, sinto sua falta.*

– Logo estarei com você – assegurou. Após a breve despedida, ele desligou e voltou o aparelho ao bolso, então provocou a vampira ao seu lado: – Vai me recriminar por me render?

– De forma alguma. Isso não foi uma rendição. Você somente quis acalmá-la. Foi atencioso com sua mulher. Antes, mesmo contra sua vontade, queria apenas se justificar e se desculpar por estar longe, como um subalterno que deve satisfações a uma patroa.

Ethan poderia tirar-lhe a razão. Ignorando o comentário, perguntou apenas:

– Onde devo deixá-la?

– Hamilton Heights, 145.

– Mas essa é...

– Onde fica sua casa queimada. Devo dizer que foi um pecado que ela tenha se perdido.

– Como você...? – Ethan a encarou, incrédulo.

– Tomei conhecimento da casa através de Paul. Consegue imaginar outro lugar onde Graco ou Betânia não nos procurasse?

Não imaginava nem tentou atinar quando um pensamento lhe ocorreu, antes que lançasse seu carro contra os demais veículos, rumo ao acostamento. Queria atirá-la longe.

– Você sabia que Paul tinha planos de sequestrar Danielle e não o impediu – vociferou.

– Eu não sabia! – Raquel gritou, alarmada, tentando se segurar onde pudesse para manter o equilíbrio. – Juro, Ethan! Se soubesse teria avisado.

– Não teria – ele acusou. – Você estava com raiva por que não a ajudei. Saia do carro!

– Negar ajuda por rancor é uma coisa, mas deixar que ele executasse algum plano contra você e sua mulher era outra bem diferente. Eu soube da casa quando ele voltou de lá, vocês tinham lutado, ele estava com raiva, confuso, querendo vingança, mas em momento algum pensou em sequestro.

– Saia do carro antes que eu adote as práticas medievais de seu senhor e lhe quebre algum membro... Isso se não lhe arrancar a cabeça. Fora! – rosnou.

– Eu o ajudei, droga! – Raquel ainda gritava, irritada – Confiei segredos meus que até mesmo Betânia ou Graco desconhecem. Como pode ser tão mal-agradecido?

– O que me parece, Raquel, é que você ajuda a si mesma. – Ethan a encarou raivoso. – Talvez tenha mesmo ajudado Sabina a fugir de Graco, mas foi só. A impressão que tenho é a de que você pende de um lado ao outro. Para quem mais lhe favoreça.

– Desculpe-me derrubá-lo de seu pedestal, mas não vejo que vantagem possa ter contra Graco, sendo disperso e irascível como é. Fora o fato de não poderem se destruir mutuamente, você não...

– Eu posso e você sabe, não insista, nem tente negar – ele acusou seguro. – Senão, qual a razão de querer me preparar para enfrentá-lo caso volte?

– Como descobriu isso? – Raquel indagou sem se importar em denunciar a verdade.

– Não vem ao caso – ele ciciou – O que interessa é saber que eu estava certo. Alega estar cansada de jogos, mas possui os seus... Qual é o de agora, Raquel? Por que não colocou esse pequeno detalhe na carta que deixou para Danielle?

– Não estou jogando com você. Se não citei nada sobre isso na carta foi porque eu não confio que seja verdade. Tenho uma teoria, mas não me atrevo a pensar sobre ela ou arriscar anunciá-la.

– Então por que quer me ajudar se não acredita que posso derrotá-lo? – ele insistiu.

– Não ofereci ajuda para que o mate, mas para estar preparado. No momento Graco é superior a você. Lê sua mente assim como eu... Você está tão vulnerável que ele pode até mesmo contê-lo com seu poder caso deseje, mas não precisa ser assim... Eu já disse. Você é um dos fortes, pode fazer exatamente tudo o que Graco faz ou ainda mais, pois ele não tem sua força.

– Pois eu ainda...

– Droga, Ethan, não consegue perceber que Graco tem medo de você?!

A pergunta que o interrompeu também o desarmou por completo. Andrew ter receio por sua intemperividade talvez, mas, temê-lo? Não se vangloriaria nem acreditaria em tanto.

– Acredite! – Raquel falou, tomando a liberdade de apertar-lhe o ombro ao notá-lo mais calmo. – Algo me diz que essa retirada de Graco é estratégica, justamente para tentar descobrir porque você tem um poder que ele desconhecia. Acredite em mim... Não nego que muitas vezes quis o seu mal, quis até que sofresse quando me procurou para dizer que Paul tinha levado sua humana, mas não desejo que morra... Proteja a mim e a Seager. E me deixe

ajudá-lo... Não seja estúpido de tentar comprovar a veracidade dessa nova informação. Apenas mostre para Graco que é como ele e o mantenha afastado para sempre. Ele respeita seus iguais. Não se lembra do que escrevi sobre Siro e Seth?

Mais uma vez Ethan se negou a pensar a respeito. Estava confuso com tantas descobertas num único dia. Apenas se deixou acalentar pela possibilidade de ser uma fortaleza contra Demini, e talvez...

– Saia, por favor... – pediu calmamente, antes que concluísse o pensamento.

– Ethan...

– Por favor, Raquel... Apenas saia. Pode voltar para minha casa. Sinta-se à vontade no que sobrou dela. Assim que puder eu irei encontrá-la, mas no momento preciso digerir tudo o que me disse.

A vampira fez como pedido, porém antes de fechar a porta, perguntou:

– Devo ter esperanças de que continuarei no grupo?

– Talvez eu esteja fazendo uma grande besteira ao seguir meus impulsos, mas não seria a primeira vez, não é mesmo? Não se sinta bem-vinda, mas você e seu amante estão ao meu lado.

Sem encará-la, fechou a porta com violência antes de partir. O cheiro de Raquel estava em seu carro e impregnava suas roupas: teria problemas com Danielle. Mas tudo que o abalava eram suas palavras. De fato não confiava nela. Porém a possibilidade de se equiparar ou até mesmo ser superior ao rival o encorajava a arriscar.

Assim como talvez, nunca mais estar subordinado fisicamente a Danielle. Queria sua vampira ao seu lado, como iguais. Agradava-lhe a ideia de ter sua soberania restaurada. Seria mais forte!

Capítulo Vinte e Um

Esfregando os próprios braços para espantar o frio que enregelava seus ossos, Dana vagava de um lado ao outro no gabinete. Conhecia Ethan o suficiente para acreditar que um passeio tivesse arrefecido seu ânimo bravio.

– Terminei meu serviço, senhorita – Martha anunciou do limiar.

– Obrigada! – Dana esboçou um sorriso. – Eu te devo algo? Não sei como Ethan costuma efetuar seus pagamentos.

– Não. O senhor McCain deposita o valor de meus serviços e meu transporte numa conta bancária. A senhora Miller disse que ele prefere assim.

– E o arranjo está bom para você?

– Sim, está...

– Então, se não tem mais nada a fazer, acho que pode ir agora. – Dana desejava ficar sozinha.

– Antes de ir embora, gostaria de saber se deseja que eu venha mais vezes... Talvez para cozinhar. O senhor McCain não queria que eu...

– Não será necessário – Dana a interrompeu, gentilmente. – Obrigada pela preocupação.

– Então, até breve, senhorita.

Uma vez sozinha, Dana bufou exasperada. Não por Ethan ter saído sem avisá-la, mas por ficar ali, inerte, a remoer sua preocupação. Impaciente, mais uma vez o procurou. Ethan atendeu ao primeiro toque. Sua voz soou tranquila, como se, de fato, ele estivesse bem.

– *Danielle? Aconteceu alguma coisa?*

– Estou preocupada! – disse sinceramente, segura de que em seu lugar, ele fizesse o mesmo. – Disse que logo voltaria, no entanto...

– *Não se preocupe. Ainda não voltei porque me lembrei de algo que precisava resolver.* – A animação que notou na voz, confundiu-a.

– Está sozinho? – Não soube o que a levou a perguntar.

– *Estou* – Ethan disse de pronto. A resposta a tranquilizou. Acreditava nele. Antes que dissesse qualquer coisa, ele pediu persuasivo: – *Tente distrair-se, meu amor. O que tenho a fazer talvez me tome algum tempo, mas antes que perceba estarei com você.*

– E não pode me contar o que é? – ela indagou, desconfiada.

– *Conto, quando estivermos juntos.* – Ele parecia sorrir, mas Dana não tinha como ter certeza.

– Está bem! Apenas não... Não faça nada impensado.

– *Não farei* – assegurou. – *Até breve, meu amor.*

– Até breve, meu amor.

Ao desligar, Dana ficou a olhar o aparelho. Evidente que preferia Ethan em seu bom humor, mas, naquele momento, este destoava. Teria que esperar até tê-lo diante de si para entender a súbita mudança. E a espera parecia que seria longa.

“Tente distrair-se”, ele dissera. Com as palavras em sua mente e o celular em sua mão, Dana soube o que fazer para atendê-lo. Depois de vestir uma calça *jeans* e um casaco de lã preta, ela pegou a bolsa e deixou a cobertura. O resgate de seu Accord seria breve. Foi no que acreditou até que o taxi a deixasse ao lado de seu carro. Considerando que Ethan ainda demorasse a voltar, Dana decidiu seguir até a loja de vestidos de noiva. Seria uma boa distração.

Teve a confirmação ao estar diante da vitrine. Confiante de que não veria Graco refletido no vidro, perdeu-se na análise dos vestidos. Não saberia o que tinha mudado, mas, aquela tarde, usar um vestido, poder ou não entrar numa igreja, bênçãos divinas, nada, nada parecia ter importância se tivesse Ethan ao seu lado.

– Não prefere entrar para ver outros modelos? – indagou a atendente que Dana vira se aproximar.

Na verdade não queria, mas ajudaria na distração. De súbito, sentiu-se observada. Paranoia pela tensão dos últimos dias talvez, ainda assim era preferível atender aos seus instintos.

– Hoje não, obrigada! – disse para a moça vestida num *tailleur* azul claro.

– Tem certeza? Temos modelos para todos os tipos de cerimônias. Para quando é seu casamento? Seria pela manhã, tarde ou noite? Na igreja ou...

– Eu ainda não sei – Dana a cortou rindo da sequência acelerada de perguntas –, mas prometo voltar tão logo saiba de todos esses detalhes.

– Ah... Não vá! Veja! – disse, indicando o vestido que a encantou na tarde de segunda-feira. – Experimente ao menos este.

Dana desejava ir embora, mas considerou interessante ver-se naquele pedaço de nuvem.

– Está bem! – anuiu, acompanhando a atendente para o interior da loja. Avistou três atendentes, mas apenas uma se ocupava de uma futura noiva e sua acompanhante.

– Deseja algo? Água, café, champanhe? É cortesia da loja – a moça ofereceu prestativa.

– Apenas experimentar o vestido, obrigada. – Dana já se arrependia por ter cedido.

Tinha algo estranho no ar. Quando a vendedora se aproximou com o vestido branco e Dana correu os dedos pelo tecido delicado, as cismas se foram. Precisava sentir aquela maciez na sua pele.

– Onde posso prová-lo?

– Venha comigo – chamou a atendente, seguindo para um corredor anexo a loja.

Este era curto e possuía duas portas. Uma delas estava aberta, foi para onde foi levada. Logo estavam em um cômodo espaçoso, repartido em cinco ambientes menores por divisórias forradas com um delicado papel de parede. Abrindo a primeira porta a atendente indicou que entrasse.

– Fique à vontade. Estarei aqui para ajudá-la a fechá-lo, basta me chamar.

Dana lhe sorriu antes de se fechar no provador. Despiu-se na velocidade humana, e fez o mesmo ao deslizar o vestido de cetim sobre sua pele. A frieza e a maciez assemelhavam-se a certa carícia, excitaram-na. Antes mesmo de fechar o vestido, Dana se admirou no grande espelho.

– Poderia me ajudar? – perguntou à moça.

Viu a porta ser aberta e o rosto sorridente da atendente que se posicionou às suas costas para fechar o zíper. Dana lhe retribuiu o sorriso e voltou sua atenção ao vestido, alisando a saia forrada com organza enquanto admirava sua imagem, satisfeita.

Não soube o que chamou sua atenção, pois a moça agiu com cautela, impassível. Ainda assim, Dana procurou por seu reflexo no espelho em tempo de vê-la com o braço erguido, determinada a acertá-la com algo que trazia em sua mão.

Num átimo Dana se voltou e segurou-lhe o pulso. Somente então reconheceu o objeto como sendo uma estaca improvisada com a perna de uma cadeira. Segurando facilmente sua agressora, Dana pôde notar que esta estava induzida. Contudo não sentia o odor de qualquer imortal presente. Ainda assim, sabia de quem se tratava.

– Durma – ordenou à vendedora. Quando esta tombou, Dana deixou o provador, ciente de que aquela era a hora da verdade. – Ainda está aqui Betânia? Ou apenas mandou que executassem o que é incapaz de fazer?

O silêncio foi sua resposta por apenas cinco segundos. Por fim sentiu o cheiro de sua rival. No segundo seguinte, Betânia a atingiu, surgida do nada para empurrá-la de volta ao provador. Com o impacto, Dana se desequilibrou no corpo caído e arriou-se sobre ele. Envergada, tentou segurar Betânia que tentava segurar seu pescoço.

– Sempre fui capaz de desprender sua cabeça, porcelana – vociferou Betânia.

Sem sustentação, Dana somente conseguia segurar-lhe os pulsos para que as mãos não se fechassem em seu alvo. Como estava não teria espaço para a ação, então tombou sobre a humana, ficando de cabeça para baixo. Na nova posição, apoiou seus pés no peito da oponente e a empurrou com toda sua força.

Betânia voou de encontro ao provador oposto e caiu, espatifando a porta, a divisória e o espelho do cômodo improvisado. De imediato Dana se pôs de pé e, sem cuidados, rasgou a saia do vestido para ter mobilidade. Não demorou um segundo e Betânia partia para o contra-ataque, Dana aproveitou que os braços da rival estavam entendidos e os segurou. Depois de girá-los, manteve-os cruzados às costas da vampira.

– Não acho que possa comigo – Dana se vangloriou da fácil contenção ao derrubar Betânia e se sentar sobre seu quadril. – Não iam embora? O que ainda faz aqui? Graco sabe que...

– Não fale dele! – Betânia vociferou entre rosnados enfurecidos enquanto tentava se libertar – Graco está confuso, mas vou ajudá-lo. Posso aceitar que ele sinta receio quanto a Ethan e queria sair de cena, mas não vou permitir que seu amante assassino saia vencedor dessa batalha. Ele não a terá de volta!... E nem Graco fará de você uma nova esposa!... Não vou permitir que a coloque no lugar de Sabina. Você não é ela! Não é ela! Você é só uma vaca em pele de ovelha. Nunca chegará aos pés dela!... Não sei onde eu estava com a cabeça quando não a matei assim que a vi!

A lembrança do primeiro encontro encheu Dana de um asco visceral. Contudo, antes que pudesse retrucar ou tentar calá-la, Betânia notou seu fraquejar e rolou o corpo sob o de sua captora. Dana caiu de lado no espaço exíguo, mas não soltou sua presa. Entre urros e rosnados de ambas, Dana prendeu com mais força o braço que ainda segurava.

– Não vai à parte alguma, sua nojenta! – anunciou.

Girando o corpo, Dana a envolveu entre suas pernas. Tentaria mantê-la imóvel num travar de coxas para, enfim, girar-lhe a cabeça. Porém com a mão livre, Betânia capturou a estaca caída ao lado da vendedora e cravou em uma das coxas que a prendia. Dana gritou de dor intensa e, por reflexo, soltou sua rival.

Quando viu Betânia de pé diante de si, ela mordeu o lábio inferior com força odiando-se por demonstrar sua fraqueza, temeu ser morta e nunca mais voltar para Ethan.

– Está com medo, porcelana? Agora não há Graco nem Ethan... Muito menos o idiota do Paul, para salvá-la.

– Nunca tive medo de você! – Dana vociferou num bufar enraivecido – E não terei agora que posso me defender sozinha.

Betânia gargalhou, porém sem baixar a guarda.

– Eu quase acredito em tamanha coragem, porcelana. Pena que nem esse surto feminista me faça considerá-la digna de viver.

No breve discurso, Dana viu o brilho assassino cruzar o olhar azul e tudo que lhe restou foi esperar pelo ataque. Este veio a seguir, em meio a um rosnado furioso. Quando Betânia estava prestes a alcançar seu pescoço, Dana prendeu a respiração, arrancou a estaca improvisada de sua coxa e, ato contínuo, fincou-a entre as costelas de sua agressora.

Betânia emitiu um grito agudo e tombou sobre ela, inerte. Repugnada com o contato e com o sangue pegajoso que corria sobre seu peito, Dana a empurrou para o lado e levantou. Nesse momento sentiu a fígada lancinante em sua coxa esquerda e o sangue escuro que escorria da grande ferida. Sabia o que deveria fazer, então, com o pé cutucou a vampira caída. Esta não se moveu, contudo Dana precisaria de mais para acreditar que estava morta.

– Acho que é hora de aprender a arrancar cabeças... – murmurou.

Antes que se movesse, Betânia levantou de súbito, porém não retomou a luta. Debitada, valeu-se da surpresa e empurrou Dana, tirando-a de seu caminho. Depois de arrancar a madeira de seu corpo, partiu por onde entrou. Dana quis segui-la, mas a dor na perna ferida a freou.

Com a coxa a latejar, restou beber da atendente para se recuperar, conformar-se e também partir. O sangue fresco reduziu a ferida, contudo não eliminou a dor. Dana cogitou beber de qualquer outra, porém não considerou seguro. Logo ouviu a aproximação humana, os corações acelerados, os murmúrios, as respirações entrecortadas.

Era óbvio que somente uma estava induzida e que a breve luta no provador chamou a atenção das demais. De fato, tinha de sair dali. Num movimento rápido, Dana terminou de rasgar o vestido e vestiu suas roupas, calando lamentos de dor. Pronta, escovou os cabelos com os dedos, alcançou sua bolsa e seguiu para a porta. Sua aparição assustou as cinco mulheres receosas que bloqueavam a saída.

– Quem é você e que droga aconteceu aqui? – uma delas indagou.

Dana apenas as induziu e saiu, manquejando, rumo ao seu carro. Na rua o movimento continuava o mesmo, a contenda não fora notada. As marcas ficariam naquela parte reservada da loja e em sua coxa dolorida.

– Biscate desgraçada! – ciciou.

Voltar à Wall Street não foi tarefa fácil. Assim como caminhar até o edifício e seguir ao elevador particular sem chamar a atenção para si, entretanto, Dana cumpriu sua pena com louvor.

– Biscate desgraçada! – xingou mais uma vez, quando o elevador começou a subir. Sua perna ainda doía de forma inexplicável. Nesse momento, seu celular vibrou.

– Alô... – falou, modulando sua voz.

– *Danielle!* – Ethan quase gritava. – *Essa é a quinta vez que ligo! Onde está? O que aconteceu?*

– Estou bem, Ethan, eu...

– *Bem porcaria nenhuma!* – ele sibilou – *Conheço sua voz. Onde está?*

– Indo para a cobertura, já estou no elevador privativo. Ethan...

Incrédula, Dana se calou ao notar que a ligação fora interrompida. Ethan nunca perderia aquela péssima mania? Evidente que não. Guardava o celular em sua bolsa, preparando-se para o que viria, quando sentiu o elevador perder força. Ao conferir no painel, ela viu que faltavam sete andares para acessar a cobertura.

Não a surpreendeu se deparar com Ethan quando as portas se abriram. Ele estava de banho tomado, calçado, usava calça *jeans* e camiseta preta. E encarava-a, beligerante.

– Saia! – ordenou. Sua postura rígida se desfez ao ver sua noiva falhar um passo. – Danielle!... Está machucada?

Antes que ela pudesse responder, Ethan a ergueu em seus braços, encarando-a agora com um misto de sentimentos nos olhos verdes escurecidos: preocupação, interrogação, indignação.

– Você fede àquela víbora! Eu sabia que não tinham ido embora! E o que você fez? Voltou ao apartamento de Demini?!

– Prefiro falar quando estivermos na cobertura – disse ela, perscrutando o andar.

Descobriu se tratar de um espaço vazio, sendo preparado para receber novos escritórios. Não tinha viva alma que testemunhasse a impaciência de seu noivo. Se ele quis contestá-la, Dana jamais saberia. Ethan apenas correu escada acima, carregando-a, taciturno.

Ethan entrou no apartamento a passos largos e acomodou Danielle no sofá. Ao se afastar, de imediato retirou os sapatos e as meias. Empertigando-se, cruzou os braços depois de correr as mãos pelos cabelos úmidos.

– Vai me contar de uma vez? – indagou, seriamente.

– Promete que vai ficar calmo?

– Nunca vem nada de bom quando faz esse pedido, Danielle. Apenas conte. Onde encontrou Betânia? O que ela lhe fez para deixá-la aflita e dolorida? Sabe que senti... Você foi mesmo ao apartamento deles enfrentá-los? Foi forçada a ir? Demini tentou...?

Ethan calou suas suspeitas, cerrando os punhos. Sabia que o rival tentaria mais uma vez, mas não havia se passado 48 horas desde sua suposta partida.

– Não me encontrei com ele... – Dana garantiu e contou de uma vez. – Foi Betânia quem me atacou enquanto eu experimentava roupas numa loja do Soho.

– Você saiu para experimentar roupas?... Agora?! – Ethan indagou num rugido aflito. – Onde estava com a cabeça? Poderia ter sido morta por... Por futilidade feminina!

– Não saí para comprar roupas novas – ela afirmou dignamente, tentando não se abater com o tom ofensivo – Sabe que não sou assim.

Ethan bufou enfurecido, com ela, consigo. Recriminava-se por ter agradecido o fato de ela não estar na cobertura ao chegar, o que evitou a provável discussão que se seguiria quando ela notasse o odor de Raquel em suas roupas. Ao invés de procurá-la, tratou de se livrar do cheiro num banho rápido. Acreditou que ela estivesse se distraindo, em seu escritório, talvez.

O arranjo era perfeito. Quando ela voltasse, indicaria que estava bem, entregaria os presentes que lhe trouxe, somente então contaria sobre o encontro. E ainda, enquanto aprimorava seu plano, tentou exercitar o desapego que o fortaleceria, mas este durou até que sentisse a primeira fígada de aflição. Ao descobrir que ela não estava na McCain & Associated, tentou encontrá-la pelo maldito celular somente para ser ignorado.

Lutava contra as imagens das mais mirabolantes ações das quais ela poderia ter participado, mas deveria saber que Danielle, de fato, não era aquele tipo de mulher.

– Perdoe-me – pediu, passando a andar de um lado ao outro. – Não foi isso que eu quis dizer. E não teria problemas caso estivesse comprando roupas novas. Isso se Demini tivesse deixado a cidade. Agora temos a prova de que ele mentiu.

– Tenho certeza de que essa ação foi isolada e particular – Dana replicou, um tanto sentida. – Graco não deseja que eu morra. Betânia, sim.

Mesmo enciumado com o que soou como defesa, Ethan lhe seguiu o raciocínio e lhe deu razão. Ele não sabia o que fazer, mas teve certeza do que não faria. Sentia o desejo real de arrancar algumas cabeças, mas tinha uma consciência, nova e apaziguadora, de que ação sem ponderação jamais os ajudaria.

– Ethan, diga alguma coisa... – Dana pediu com cautela. O silêncio era estranho, perturbador.

– Acalme-se. Não vou fazer nada contra Betânia. Não no momento.

– Não vai...?! Ai! – Dana mordeu o lábio inferior para abafar seu grito de dor ao se mover sobre o sofá.

– O que ela fez com você? – Ethan se ajoelhou aos pés dela, esquecido de seus desafetos, apenas preocupado. Sem saber em quais parte de seu corpo poderia tocá-la – Onde dói, Danielle?

– Minha perna...

Antes que indicasse qual delas, Ethan já rasgava a calça sobre suas coxas. Dana conteve a respiração ao ver o escurecimento da pele estufada e ensanguentada que cobria onde, antes, estava a ferida pouco maior do que a circunferência de um limão. Ethan rugiu antes que perguntasse:

– O que causou isso?

– Uma estaca de madeira.

– Desgraçada! Maldita!

Ethan se pôs de pé, cerrando as pálpebras com força, tremendo violentamente, revendo sua decisão de ser ponderado. Respirando fundo algumas vezes, procurou por uma calma que jamais possuiu e disse a si mesmo que o primordial era cuidar de Danielle.

Ouvindo o trepidar dos vidros à sua volta, soube que atingir a *iluminação* não seria algo fácil. Todavia, olhando aquele ferimento horrendo e, ciente do que deveria fazer para curá-lo, fez um juramento mudo: por Danielle, seria plácido como um monge budista – até que pudesse matar.

– Você bebeu sangue humano depois disso – falou seguro, atendo à Danielle.

– Bebi – Dana confirmou, analisando o rosto indecifrável. – O ferimento fechou, mas ainda dói muito e... está assim.

– Porque ainda tem madeira aí dentro – Ethan informou num murmúrio pesaroso.

– Tem madeira aqui?! – Dana mirou o machucado – E agora?

– Tenho de abrir – disse sem rodeios. Danielle o encarou, seu queixo estremeceu, porém logo assentiu.

Diante da resignação de sua noiva, não lhe restava nada além do que seguir até o gabinete para pegar seu abridor de cartas. Este, mais uma vez, serviria para trazer dor à Danielle. De volta à sala, Ethan tomou sua noiva nos braços e seguiu escada acima. Uma vez no banheiro da suíte, sentou-a sobre a tampa do vaso sanitário.

– Aquela desgraçada! – Dana ciciou ao ver o que Ethan tinha nas mãos. Aquilo iria doer.

– Sim, amor. – Ethan se ajoelhou diante da perna ferida. Ao encará-la, disse o que ela já sabia: – Vai doer.

– Tudo bem! – Dana acariciou-lhe o rosto. E para acalmar a ambos, troçou: – Viver para sempre não poderia ser somente um mar de rosas. Às vezes teremos espinhos.

– O problema é que esse espinho parece ser dos grandes – ele rebateu, sem se deixar levar pelo tom ameno. – Seria muito egoísta de minha parte, pedir que não grite?

Não estava nos planos de Dana fazer um escândalo, mas não via como poderia dar sua palavra quanto àquilo.

– Ethan, ninguém pode me ouvir.

– Eu posso.

Diante da declaração, Dana se perdeu nos olhos verdes, tão raivosos quanto consternados e somente foi capaz de assentir.

Sem mais palavras, Ethan voltou sua atenção ao ferimento e o abriu a um só corte. Até ali, Dana poderia dizer que tudo bem. Não doeu mais do que já doía, porém, quando Ethan passou a afundar o abridor de cartas pela abertura, rasgando sua carne rumo ao osso, ela precisou travar os lábios para não descumprir sua palavra não verbalizada.

O sangue escuro vertia lento e viscoso, tingindo os dedos precisos de Ethan, maculando o piso branco do banheiro. Vez ou outra, seu *enfermeiro* a olhava furtivamente, com uma profunda ruga a vincar a testa, antes de voltar à ação. Logo o abridor tocou em algo que a fez saltar após uma fígada mais intensa.

– Encontrei – Ethan disse muito baixo, como que para si mesmo. Encarando-a, anunciou em tom de desculpas: – Terei de abrir mais o corte, pois quero me certificar de que não deixarei a mínima lasca.

Dana novamente moveu a cabeça. Caso falasse, não calaria sua agonia até então, somente exposta em grunhidos abafados.

– Está sendo mais difícil do que previ – ele completou. – O sangue humano que tomou luta para recuperá-la, por isso preciso feri-la mais... Perdoe-me.

– Hum-hum... – concordou com os lábios travados.

– Continue sendo forte, amor... – Ethan pediu, encorajador.

Teria acrescentado “por mim”, mas naquela questão, esgotara sua cota de egoísmo ao pedir que ela não gritasse. Sentindo doer em si, Ethan girou o abridor no interior do corte até desprender a fina tira de madeira, próxima ao fêmur. Após retirá-la, pinçando-a com seus dedos, ele a colocou sobre a pia e voltou ao trabalho. Dispensando o instrumento, vasculhou a ferida com seu dedo indicador, confiando mais em seu tato. Encontrou ainda duas lascas menores.

– Acabou – anunciou.

Ato contínuo se levantou e lavou as mãos. Sem secá-las pegou a pequena toalha disposta ao lado da pia e se abaixou para retirar o sangue que corria pela perna de Danielle. Imediatamente lambeu o que ainda estava ao redor e continuou a rolar a língua em torno no machucado que agravou.

– O que está fazendo? – Dana indagou, surpresa, sua voz muito rouca mesmo que a dor tivesse cedido quase que imediatamente após a retirada da última farpa.

– Estou cuidando para que cicatrize logo – Ethan explicou antes de repetir a ação. Daquela vez suas lambidas lentas arrepiaram-na.

– Ethan, pare! Logo vai fechar...

– Não! – ele negou, com súbita rispidez.

Uma vez que a livrara do que a mantinha machucada, tinha de fazer o que estivesse ao seu alcance para recuperá-la o quanto antes. Bastava ter assistido seu sofrimento durante a transformação e agora. Não a queria ferida.

Dana não cogitou contestar. A repentina mudança de humor indicava que Ethan estava preso a um daqueles momentos nos quais remoia suas cismas depois que algo ruim acontecia a ela. Como prova, seguiu-se o mesmo ritual. Calado, ele se despiu, ficando somente com sua boxer antes de fazer com que Dana se levantasse. Sem encará-la, livrou-a das roupas. Ao ver os resquícios do sangue de Betânia em seu colo, torceu o nariz e abafou um rosnado.

– Vou querer saber exatamente o que aconteceu – falou sucinto.

Dana nem se deu ao trabalho de responder, sabia que sequer seria ouvida. Logo era colocada sob o chuveiro para que Ethan a ensaboasse por duas vezes, certificando-se de que o fedor de Betânia seria eliminado.

O machucado retrocedera a olhos vistos. Ethan tinha razão, sua saliva, em conjunto com o sangue humano, ajudou em sua pronta recuperação. E por estar refeita, passava a sofrer com aquele banho que, para ela, perdera por completo a conotação terapêutica.

– Ethan... – gemeu, quando a mão masculina alisou o meio de sua coxa esquerda e subiu até sua marca. Tentou abraçá-lo, porém o vampiro se esquivou.

– Agora não! – disse rouco. Estava afetado como ela, mas ainda muito sério.

– Estou bem – Dana assegurou. – Já passou... Você me salvou.

– Você não morreria, Danielle. Eu apenas a livre das dores – falou, ainda a ensaboar a marca de nascença, torturando-a.

– Então me salvou das dores, droga! – ela teimou. A dor era uma lembrança esmaecida. Agora o que sentia era o latejar lancinante em seu centro. Correndo a mão pelo peito de seu vampiro, disse rouco: – Mas você está provocando outras...

– Pare, Danielle! – Ethan a colocou sob a água para retirar a espuma de seu corpo.

– Ainda está com raiva de mim? – Dana perguntou depois que ele fechou o chuveiro e a tirou do box – Disse que estava bem ao telefone. Sugeriu que eu me distraísse... Ficou com raiva porque saí?

– Não estou com raiva, Danielle. – Ethan passou a secá-la, excitando-os mais. Talvez devesse deixá-la se ocupar daquela tarefa, mas era mais forte do que ele. Precisava cuidar dela até o fim.

– Se não está com raiva, me beija – desafiou-o.

Ethan franziu o cenho, soturno. Danielle não ajudava. Ao descer os olhos ao chão e ver as gotas de sangue que maculavam o piso branco, exasperou-se. Poderia tê-la perdido antes mesmo de viverem a primeira semana de sua eternidade. E isso, depois de não retribuir ao abraço que recebera em seu escritório, não ter correspondido a um beijo, não atendê-la ao celular...

Que se danassem suas manias protecionistas! Pensou antes de segurar Danielle fortemente e beijá-la com violência, enquanto suas mãos tateavam-lhe os seios, sem cuidados.

Dana jamais saberia o que desencadeara tamanha paixão, contudo apreciava e agradecia. Não precisava de estímulos, então não se importou de ser erguida e prensada contra a parede para receber a estocada de um membro rígido, liberado sobre o cócs da boxer molhada.

Com grunhidos guturais, Ethan comprimiu o rosto na curva do pescoço de sua noiva enquanto a abraçava e arremetia o quadril contra ela, com vigor. O gozo veio da mesma forma com que fora agravado: violento e intenso. Provocando rosnados que mais pareceram lamentos de agonia.

– Eu a amo tanto, tanto que esses são os únicos gritos que desejo ouvir, Danielle – Ethan falou num fio de voz, tendo os olhos verdes a brilhar, em chamas. – Somente esses.

– Cuidarei disso... – prometeu Dana, rouca.

Ethan novamente a beijou com devoção, antes de tomá-la nos braços e carregá-la até a cama. Tinham muito que dizer um ao outro. Brigariam, então Ethan começou com o primordial a esclarecer:

– Eu não estava com raiva de você essa manhã, apenas aborrecido por ter me deixado de fora de sua descoberta. – Quando ela tentou interrompê-lo, ele pousou o indicador sobre seus lábios. – Sei que já tinha perdoado, mas Thomas ter feito o mesmo voltou a me aborrecer. Perdoe minha frieza.

– Como soube o que eu diria? – Dana uniu as sobrancelhas, curiosa.

– Eu apenas sabia. – Ele deu de ombros, o que ela diria lhe pareceu óbvio. – Estou perdoado?

– Só se me perdoar por ter sido estúpida, saindo quando não deveria – pediu Dana, antes de escorregar para baixo da coberta.

– Estamos quites – Ethan considerou sábio primar pelo perdão. – Agora, conte-me o que aconteceu.

Após um suspiro, Danielle relatou sua saída para a recuperação de seu carro, que a levou à loja de vestidos de noiva. A revelação o surpreendeu, e amoleceu seu coração.

– Mesmo com tudo que vem acontecendo, pensou em nosso casamento?

– Pensei... Na segunda-feira descobri uma loja bem ao lado da Apple. Gostei de um vestido. Eu o admirava, quando...

– Eu entendi – ele resmungou. Sabia o que ela diria sobre a abordagem de Demini. – Fale-me de Betânia.

– Não sei como ainda pude cair no truque da humana induzida – Dana se recriminou, exasperada. – O fato é que eu entrei na loja, provei o vestido...

Ethan não mais a interrompeu. Ouvir quieto, os detalhes da primeira luta, travada em espaço tão diminuto e público, demandou dele doses e mais doses de autocontrole. O orgulho que crescia nele pela desenvoltura e coragem dela ajudou a mantê-lo no lugar.

– Ethan, eu estou bem – Dana assegurou, tocando-lhe a coxa.

– Mas poderia estar morta! Tem ideia do que teria acontecido se aquela estaca fosse cravada em seu coração?

– Não – ela disse sincera. – Você tem? Eu teria morrido como nos livros e filmes?

– Não sei lhe dizer com certeza, mas acredito que sim. Você acaba de sentir na carne o estrago que a madeira nos causa – lembrou-a. – E não quero saber, tendo você como exemplo. Acredito que com essa luta tenha visto que guerrear não é tão fácil como imagina.

– Confesso que por um instante temi morrer... Betânia é rápida!

– Sei disso – Ethan murmurou, esboçando um sorriso que não chegou aos seus olhos, segurou-lhe a mão esquerda e beijou o anel de noivado. – Já que temeu, vou confiar que nunca mais se exponha ao perigo.

– Pode confiar – assegurou, amolecida com o carinho. Contudo não ao ponto de esquecer que Ethan também lhe devia uma narrativa. – Agora que já sabe tudo pelo o que passei, conte para onde foi.

Era hora, Ethan pensou, ainda a comprimir os lábios contra o símbolo de sua união. Ele sabia que não tinha atenuantes para o que diria. Naquele instante, entenderia as vezes nas quais Danielle lhe pediu paciência antes de tratar de assuntos indigestos.

– Danielle... Preciso lhe dizer uma coisa, mas gostaria que ouvisse sem se alterar.

– Ei, essa fala é minha! – Ela se sentou para encará-lo. – O que aconteceu, Ethan?

– Quero lhe contar uma história – ele falou, descobrindo-a para indicar sua marca. – Sobre isso...

Dana seguiu com o olhar o movimento do dedo indicador sobre sua marca de nascença. Imediatamente se pôs em alerta.

– Conte...

– Bem... – Ethan correu o dedo sobre o desenho. – Ouvi sobre uma lenda que explica o significado de sermos marcados.

– Ouviu onde? De quem?

Ethan não respondeu. Apenas repetiu a história contada por Raquel, sobre anjos que se marcaram com fogo santo para se encontrarem na Terra.

– Nossa! – ela sussurrou sem saber se de encantamento pela breve e bonita história ou pelo eletrizar que o dedo a correr seu desenho lhe causava.

– Nós nos reconhecemos... – Ethan murmurou, apreciando as reações dela. Antes que sua noiva dissesse qualquer palavra, ele a beijou. – Você confia em mim, Danielle? – indagou ao senti-la amolecida.

– Confio... – a resposta saiu sufocada por entre a dança das línguas.

Era o que Ethan queria ouvir. Ainda assim, conhecia-a. Como uma carícia, correu as mãos ao longo dos braços dela, erguendo-os para prendê-los pelos pulsos antes de dizer:

– Então confiará que as decisões que tomo serão para nosso bem, não?

– Sempre – Dana murmurou, lânguida, ao sentir a força imprimida em seus pulsos enquanto a boca vagava para sua orelha e lhe chupava o lóbulo. – Está me distraindo não está? Diga de uma vez, Ethan...

– Eu permiti que Seager e Raquel viessem para nosso grupo – sussurrou-lhe ao ouvido.

Capítulo Vinte e Dois

Imediatamente Dana reagiu tentando se soltar, porém mesmo, afetado Ethan estava preparado para ela e a conteve.

– Não quero ser contestado – antecipou-se. – Fiz o que achei que deveria ser feito, como você e Thomas. Entenda que não a procurei. Foi ela quem me seguiu e me abordou.

– Raquel te seguiu?! – ela novamente se debateu. Toda excitação tinha se extinguido. – Ethan, me solta! Não pode me prender para sempre.

– Vou soltá-la, mas, por favor, nada de discussões.

– Já entendi! – ela retrucou ao ser solta. – Questiona, mas não quer ser questionado... E eu terei de engolir Raquel sem nem uma explicação?

– Raquel e Seager, apenas estão do nosso lado agora. Foi Betânia quem os tentou matar. Elas romperam.

– Disso eu não duvido, mas com qual intuito ela quer se juntar a você? E nem venha citar Seager novamente, pois bem sabemos que ele não tem a mínima importância nessa história. O interesse é único e exclusivo dela.

– E meu também – Ethan declarou. Mais uma vez se antecipando, esclareceu: – Não há razão para ter ciúmes, Danielle. Sabe que não confio nela... Mas Raquel é antiga... Pelo o que pude perceber, é tão antiga quanto Demini e se está disposta a ajudar, temos de aproveitar a chance.

– Pelo o que eu percebo, conversaram bastante... – observou, sentida, puxando o lençol para se cobrir. Entendia-o, mas se sentia desamparada. – Estava com ela quando eu liguei?

– Quando me perguntou se estava sozinho, de fato estava – garantiu. – Quanto à minha decisão, acredite, fiz o certo. Raquel é como Demini. Ela pode ler mentes e disse que outros também podem... Ela disse que sou mais forte do que ele, que o rapace tem medo de mim!

– Ou seja, fora a novidade de ler mentes, ela fala o que você já deveria ter percebido sozinho. Se Graco não o temesse não agiria à surdina. Já teria encontrado um meio de eliminá-lo. Arrisco dizer que ele até mesmo o inveja e por despeito o diminua. Graco é vivido e esperto. Ele o conhece bem e sabe o que dizer para desestabilizá-lo. Assim como alguém tão antigo, deva saber dizer para agradá-lo, mesmo não tendo muita intimidade.

– Danielle...

– Escute – ela o cortou. – Não vou questionar sua decisão, afinal é o líder. Para mim, basta eu saber que não confia em Raquel. Devo reconhecer que ela nos ajudou com a carta, então vamos ver o que ela quer, mas... Por favor, Ethan, não se deixe iludir por aquilo que *quer ouvir*. Isso de Raquel revelar somente agora que pode ler mentes é mais uma prova do que ela é capaz para ter o que deseja.

– Sei disso e acredite... Eu os aceitei mais por todas as coisas que Raquel ainda não disse. Não me deixarei iludir por ela, então quanto a isso, não se preocupe. – Correndo a mão que lhe segurava o queixo pela lateral do rosto sisudo, ele pediu: – Agora... Diga que me entende... Não somente que aceita minha decisão porque sou o líder.

– Você deixou claro essa amanhã que é o líder e é quem decide a ação. Apenas pôs sua palavra em prática. – Dana lhe sustentava o olhar. – Não o julgo por isso e confio que saiba o que está fazendo.

– Fico contente que entenda, Danielle. – Ethan lhe sorriu. – E feliz por não termos brigado... Precisamos também de paz, meu amor. Parece que essa nunca fica ao nosso lado mais do que breves instantes.

– Estamos em paz agora – Dana assegurou, ainda que digerisse a novidade.

– Se estamos bem, acho que agora posso lhe mostrar a surpresa – disse Ethan, deixando a cama para voltar com uma caixinha preta que logo estendeu para sua noiva. – Boa, espero.

– Estou ganhando uma joia? – Ela uniu as sobrancelhas. – Não é tipo, presente por bom comportamento, não é?

– Amor, acredite! Se eu fosse lhe presentear por bom comportamento eu não precisaria me ocupar por décadas... – Ethan troçou.

– Agradecida por tamanha confiança – ela retrucou. Porém sorriu, cedendo ao clima bom, obrigando-se a esquecer Raquel.

– Sério, Danielle, caso eu pudesse envelhecer já estaria com alguns cabelos brancos por sua causa.

– Me desculpe...

– Se abrir seu presente – Ethan tentava manter a leveza.

Dana lhe seguiu no sorriso e finalmente abriu a caixinha. Para sua surpresa, não encontrou qualquer joia, mas a chave de um carro.

– Ethan?! – Encarou-o, incrédula.

– Espero que goste! Vamos ver? – ele exclamou e, incontinenti, deixou a cama. Antes que ela se movesse, Ethan vestira uma calça e se considerava pronto. – Vamos!

Com o novo incentivo Dana o imitou, ainda descrente. Porém, enquanto se cobria com a primeira calça e camiseta que encontrou, perguntou-se qual o espanto. Para alguém que pagou suas dívidas e lhe presenteou com contas bancárias e cartões, um carro seria pouco mais de um mimo. Para ele, pois, para ela, era algo grandioso. Temia o tipo de carro que a esperava na garagem ao lado de um BMW, um Bugatti e uma SW4.

– Ethan, você não comprou um carro muito caro, não é?

– Você está muito devagar, Danielle, deixe-me ajudá-la. – Sem aviso, Ethan a tomou nos braços e deixou o quarto, a cobertura. Antes de chegar à garagem, pediu: – Feche os olhos!

Dana o obedeceu, desejando mantê-lo naquele clima bom – mesmo que frágil – então, de olhos bem fechados, deixou-se ser levada até um ponto determinado. Imediatamente ele lhe cobriu os olhos com uma das mãos e sussurrou, movendo os lábios em sua orelha:

– Antes que o veja quero que saiba que escolhi esse carro tentando imaginar seu gosto com o tanto que a conheço. E a cor significa o que você é para mim... Pode me enlouquecer na maioria das vezes, com atitudes que não entendo, mas sempre é sincera em suas crenças e segue seu coração, o que a torna pura, como o amor que tenho por você.

Dana saboreava cada palavra, quando Ethan ergueu a mão para revelar o carro mais bonito que ela poderia se lembrar de ter visto. Um Mégane CC conversível, branco – como o amor que Ethan tinha por ela.

– Ele é... lindo! – Dana exultou e se voltou para beijá-lo e abraçá-lo. Estava agradecida, ciente de que deveria aprender a viver naquele mundo. Ethan retribuiu, porém logo a afastou.

– Gostou, de verdade? Acertei o seu gosto?

– Devo dizer que sim. – Ao se calar Dana tentou dar um passo a frente, porém seu noivo a deteve. – Ethan o que foi?

– Escute – ele pediu, segurando-a no lugar.

Dana o obedeceu, em alerta. Com ambos silenciados, ela ouviu o som fraco e ritmado. Não se alarmou, pois sabia não se tratar de nada que lhes oferecesse perigo, contudo sua curiosidade aflorou.

– É um coração, mas não humano... – disse, mirando os olhos verdes que brilhavam intensamente para ela. – O que é?

– Seu segundo presente – Ethan anunciou. – Vá procurá-lo.

Como se fosse preciso! Àquela altura, Dana sabia exatamente de onde vinha o som. Bastou ser solta para que corresse até seu primeiro presente. Por estar com a capota recolhida, ela pôde ver a caixa de papelão perfurado sobre o banco traseiro.

Com o coração fundo no peito por se lembrar de outra caixa de tamanho similar, Dana se recostou contra a porta novinha e estacou. Nem por um segundo ela compararia as ações, mas titubeou. Seu receio se baseava na lembrança horrenda.

– Não queria fazê-la lembrar... – Ethan já estava ao seu lado e novamente falava como se soubesse o que sentia. – Pode abrir sem medo.

– Não estou com medo – falou sincera. – Foi apenas uma lembrança ruim.

Antes que Ethan dissesse qualquer outra palavra, Dana retirou a tampa da caixa. Ao ver o que tinha em seu interior, recuou um passo, comovida.

– Ethan...?

– Minha bruxa adorada precisa de um gato preto – ele falou, mirando o pequeno animal que dormia enrolado em si mesmo, sobre o tecido que forrava o fundo da caixa. – Gostou?

– Eu... – Ela não tinha palavras. Ansiosa, ela pegou o gatinho e o acomodou em seu colo. Segurando uma pata diminuta, indagou: – O que há de errado com ele?

Ethan riu mansamente e passou uma das mãos pelo cabelo da nuca.

– Digamos que o bichano não estava muito animado em deixar a loja na companhia de um vampiro.

– Ele se agitou? – Dana o encarou, curiosa.

– Digamos que todos os animais da loja não gostaram muito da minha presença – ele comentou, sorrindo. – Como era um segredo entre predador e possíveis presas apavoradas, a vendedora não mediu esforços para se desculpar e ministrou um calmante no animal.

– E como será quando ele acordar? – Dana indagou, preocupada, levantando o frágil gatinho para analisá-lo. Já o amava tanto! Era como o Black, quando foi dado a ela.

– Estive pensando em deixá-lo conosco essa noite, assim, quando despertar, estará acostumado com nosso cheiro.

– Acho que deve funcionar – concordou animada e, refreando o impulso de batizá-lo de Black Dois, perguntou: – Como devo chamá-lo.

– Acredito que Black ainda seja um bom nome... Talvez com alguma alusão à sua posição, como... Segundo ou dois...

De imediato Dana o encarou.

– Hoje está afiado para saber o que penso, não?

– Acho que a conheço bem. – Ethan deu de ombros. Apenas soube que era o desejo dela e não se enciumava. Aquele Black não era em homenagem ao ex-namorado humano, sim, ao antigo gato. Arriscando fazer um afago na cabeça pequena com o dedo indicador, perguntou: – Então, como o chamaremos?

– Black Dois. – Dana sorriu. – E não gostei, eu adorei meu segundo presente!

– Só o segundo? – Ethan franziu o cenho.

– Você sabe que gostei dos dois, porém um carro, sem desmerecer seu gesto, é o tipo de presente que você me daria, mas este... – indicou o gato ao acariciá-lo com o queixo. – Eu jamais poderia esperar. Foi surpreendente, delicado de sua parte pensar em algo que nem me ocorria. Foi lindo! Perfeito, como você.

E lá estava a luz que Ethan viu se apagar ao citar Raquel. Os olhos âmbares novamente se iluminaram e brilhavam para ele com uma felicidade quase palpável que refletia em seu próprio coração. Estava feliz com ela e nunca se sentira tão realizado por fazer algo muito simples.

Ainda assim, começava a enciumá-lo ver o desvelo direcionado ao gato, que dormia em um espaço que lhe pertencia.

– Já que é assim... – começou ao capturar o gato para colocá-lo de volta na caixa. – Se dispensar mais atenção a ele eu o jogo pela janela.

– Ethan *McCainziando*... – ela revirou os olhos.

– Exatamente! – falou, empurrando-a de encontro à porta do carro para prendê-la com seu corpo. – Como está sua perna?

– Está recuperada – Dana respondeu, sem entender. – Por quê?

– Porque agora quero saber, de forma efusiva e convincente, o quanto gostou dos seus presentes.

∞

– Isso não vai se tornar um hábito, não é? – indagou Ethan, contrariado.

– Evidente que não! – Dana riu da carranca de seu noivo enquanto acariciava a cabeça do gatinho preto. – E lembre que a ideia de mantê-lo perto foi sua. Deixe Black onde está para que nos veja ao acordar.

– Sei que a sugestão foi minha, mas acredito que ele nos veria se ficasse sobre a cama – argumentou, tentando não se enciumar com as atenções dadas a um mísero filhote.

– Não seja chato – pediu Dana, conciliadora, passando a acariciar o queixo rígido da mesma forma que fazia com seu presente, aconchegando-se ao corpo forte. – Não conheço melhor lugar no mundo para despertar do que seu peito. Deixe o pobrezinho aí por alguns instantes.

– Disse isso horas atrás e ele ainda não acordou.

De fato, caso não fosse o calor emanado e a pulsação regular, o vampiro juraria que Black Dois estava morto. Decidiu comprá-lo quando já voltava ao NY Offices, depois de retirar o Mégane da concessionária, tão somente com o intuito de alegrar sua noiva. Nunca fora sua intenção criar qualquer vínculo com o novo gato, então não via a razão de acolhê-lo ao peito.

– Realmente ele está demorando a acordar – Dana comentou preocupada. – O que será que deram a ele?

Não era o caso, mas ante a lembrança do alvoroço que causou na loja de animais, o ciúme abrandou, levando Ethan a rir, divertido.

– Caso tenha sido algo de acordo com sua agitação ao me vir, foi bem forte.

– Eu gostaria de ter visto isso – Dana o acompanhou no riso, tranquilizando-se após a resposta. Seu bichinho apenas dormia em seu sono induzido.

– Também queria que estivesse comigo. Assim aquela desgraçada não a teria ferido.

– Não pense nisso – ela pediu, tocando-lhe o peito para acalmá-lo, movendo os dedos no espaço ao lado do gatinho, num carinho.

– Impossível! Mais uma vez você é o alvo principal – ele ciciou.

– Como, mais uma vez?

– Antes, você era objeto de disputa entre mim e aquele... Paul – lembrou-a, contrafeito, reprimindo um xingamento. – Agora, tudo se repete com Demini.

– Como?! – Dana exclamou, aborrecida. – Não acredito no que acabo de ouvir. Eu não sou um objeto pelo qual se disputa.

– Não é o caso de se sentir ofendida – Ethan rebateu entre enraivecido com a visão obtusa dela e incrédulo com ele mesmo por não ter se movido para não perturbar o gato. – Entendeu muito bem o que eu disse.

– Pois eu não vejo dessa forma. Paul estava louco e nós tivemos uma história. Com Graco é apenas capricho. – Como se entendesse muito além do que foi dito, Dana o encarou duramente e disparou: – Sabe que não pode me manter presa, então nem tente. Vou trabalhar com você uma semana no máximo, depois vou tentar me adaptar ao barulho da redação e volto a frequentar o jornal, todos os dias.

– Considero louvável que honre sua profissão, Danielle, mas não que se faça de desentendida – Ethan replicou acidamente, finalmente retirando o gato de seu peito com cuidado para que pudesse sentar. – Não importa o nome que dê ao que Demini possa querer com você. A verdade é que não acabou. E tem Betânia.

– Betânia é tão louca quanto Paul, então...

– Então – ele a cortou, incisivo –, baseando-nos nas loucuras de seu ex, não devemos subestimá-la, não acha? Qual o problema em se precaver?

– Eu já disse! – Dana exclamou, deixando a cama, aflita como se Ethan fosse prendê-la no lugar. – Não quero ser obrigada a ficar trancafiada, justamente agora que aquela... Biscate mor está no grupo.

Ante a exasperação inflamada, Ethan sentiu sua consternação arrefecer e sorriu. Não de sua noiva, mas da situação em si ao se lembrar de que ele mesmo nunca foi muito racional nas vezes em que esteve preso ao seu próprio ciúme.

– Você está rindo de mim? – Dana indagou ao cruzar os braços.

– Não quero acordar Black Dois – falou, ignorando a pergunta aborrecida, orgulhoso de sua pose altiva. – Então venha aqui! – ordenou e estendeu a mão.

Não via a graça do comentário, contudo, Dana não conseguiu resistir ao chamado. Era estranho. Não estava induzida, mas se sentia daquela forma. Tanto que mesmo contra a vontade, caminhou até Ethan e segurou a mão estendida. Este de imediato a puxou para o colo, prendendo-a no cerco de seus braços. Com os rostos muito próximos, falou:

– Jamais riria de você. Quando muito das bobagens que diz, como agora... Não vê que seu ciúme é infundado?

– Veja quem fala! – ela rebateu desestabilizada com aquela proximidade junto ao corpo forte e nu. – Quantas vezes eu tenho de dizer que Graco não me interessa até que reconheça o *seu* ciúme infundado?

– *Touché!* – Ethan exclamou, apertando-a mais, pousando sua testa à dela. – Entendo seu ponto de vista, então quero que entenda o meu. É fato que sempre padeceremos com nosso ciúme, mesmo sabendo que ninguém é uma ameaça real ao que sentimos um pelo outro. Mas isso não anula o que eles querem ou possam fazer para nos separar, então... Por favor... Pelo bem de minha sanidade... Não se exponha.

Levava em consideração o que ele dissera – e concordava –, mas o que lhe chamava a atenção era o torpor que o pedido manso lhe causou, reforçando a sensação de indução, quando sabia que ele não podia fazê-lo. Rendida, perguntou:

– Como está fazendo isso?

– Isso o quê, Danielle? – ele indagou junto aos seus lábios e moveu uma das mãos pelas costas eretas até pousá-la na nuca e nela fazer um carinho manso.

– Você está me *encantando!* – ela acusou, fechando os olhos, amolecida com o carinho.

Aquilo era novo, pois, apesar de querer encantá-la, não poderia. Com estranheza, Ethan afastou o rosto e a encarou, sem nunca deixar de acariciá-la. Danielle tinha a cabeça tombada, os olhos fechados e os lábios entreabertos. Parecia mesmo estar encantada, quando ele nada fizera; não tinha poderes sobre ela.

Estava ali outro detalhe a reparar. Na noite anterior estava muito sensível ao que ela sentia, tanto que por varias vezes lhe adiantou um comentário. E naquele momento, sem nada fazer, parecia induzi-la. A novidade o agradou, restaurando mais um pouco a confiança fortemente abalada nos últimos dias.

– Não estou... – disse rouco, aproveitando-se do pescoço exposto para beijá-lo. – Sabe que não posso.

– Exatamente... – Dana murmurou, excitando-se com o mover compassado nos dedos em sua nuca e os lábios em seu pescoço.

– Como prova, perceba que está lúcida, conversando comigo...

– Mas também dispersa e fraca – ela retrucou, lânguida. – Está, sim, fazendo alguma coisa...

– Se é o caso, é algo que desconheço, mas devo dizer que estou gostando. – Ethan lhe beijou o colo. Confiante, arriscou: – Será que eu poderia obrigá-la a prometer que se comporte?

– Sabe que não pode mais me obrigar a nada – Dana teimou, queimando sobre as coxas do vampiro que no momento baixava a alça de sua camisola.

– Será que não? – Ethan provocou, gostando de senti-la rendida. Depositando um beijo sobre o bico de um seio, ordenou: – Prometa! Prometa que ficará aqui ou em meu escritório e que não sairá sem me comunicar.

Ethan não lhe demandava nada do que já não estivesse disposta a fazer, mas por seu espírito combativo queria fazê-lo sem estar presa a alguma obrigatoriedade. Sabia que Ethan, nem ninguém, possuíam algum poder sobre ela, contudo, bastou ele separar os lábios e cobrir o bico de seu seio e chupá-lo, para se ouvir dizer:

– Eu prometo. – Era como se fosse humana e ele a seduzisse com sua lascívia. Seu corpo ardia ao repetir. – Droga, eu prometo! Eu prometo! Agora acabe com a tortura.

Satisfeito, mesmo que no fundo soubesse que provavelmente a promessa não seria acatada, Ethan abocanhou todo o bico do seio e o chupou. A tortura era bilateral. Sentia-se muito pronto para possuí-la, quando um chiado estranho chegou aos seus ouvidos. E então o encantamento se perdeu.

– Black Dois acordou! – Dana exclamou, despertando do estranho torpor. Ainda ardia, mas, completamente lúcida, não poderia deixar de dar atenção ao seu presente.

– Ele está sonhando – Ethan sugeriu sem soltá-la, tentando livrá-la da camisola. O miado fraco veio indicar que o filhote, de fato acordara, mas não era problema seu. – Deixe-o!

– Não posso, Ethan... – Dana lhe segurou o rosto. – Ele deve estar com fome.

– *Eu* estou com fome, Danielle! – salientou, exasperado. – Não me obrigue a jogar o maldito gato pela janela.

– Você não teria coragem. – Dana girou-lhe o rosto para que visse o gatinho. – Veja como é indefeso.

Ele teria coragem de muitas coisas caso fosse preciso fazê-las, inclusive tomar um amontoado de pelos em sua mão e espremer como se fosse uma esponja velha. Mas não faria nada com *aquela* amontoado de pelos, admitiu, aborrecido com a interrupção. Reter seu desejo seria massacrante, contudo não privaria sua noiva de se divertir, cuidando do filhote. Não depois do que acontecera ao Black original.

– Indefeso? – Ethan perguntou com jovialidade questionável. – Eu diria, no mínimo, audacioso por se interpor entre um vampiro excitado e seu objeto de desejo.

A menção a um objeto de desejo remeteu Dana ao início da conversa, quando protestou por ter sido comparada a um. Lembrando-a também de como, inexplicavelmente, entregou-se sem garantir sua autonomia. Livre da estranha influência do vampiro Dana cogitou argumentar, porém ele não lhe deu a chance.

– Sei que não é um objeto, Danielle. É apenas uma forma de me expressar – ele disse apaziguador, depositando um beijo leve sobre os lábios da incrédula vampira. – Agora, vá cuidar desse monte de ossos e pelos.

– Ethan... – Dana não tinha palavras. Como ele estava fazendo aquilo?

– Parece que minha percepção quanto ao que diz respeito a você está mais aguçada depois que desisti de lutar contra minhas contrariedades.

Ethan comentou, mais uma vez, como se respondesse a um pensamento. Coincidentemente ou não, tal feito o assemelhava a Graco, no que se referia aos outros imortais, pois ele não lia sua mente.

– Interessante... – Dana murmurou.

Gostaria de discorrer a respeito, mas Ethan depositou sua atenção em Black Dois que tentava levantar, cambaleava e caía de volta ao colchão. Dana seguiu seu olhar e, para sua surpresa, apesar da resistência inicial, viu-o estender o dedo e deixar que o gato cheirasse. O filhote ameaçou um rosnado, fraco e inofensivo, provocando o riso no vampiro.

– A ingenuidade infantil é graciosa até mesmo nos seres irracionais – disse antes de depositar um beijo leve nos lábios rosados de sua noiva e se lamuriar: – Como perdi sua total atenção, vou me vestir e descer para o escritório. Acredito que Thomas e Joly já estejam me esperando. Ontem mal conversamos.

– Prometo não demorar. – Dana prendeu o rosto anguloso para beijar seu noivo da forma correta. Não fariam amor, mas ao menos mereciam uma despedida satisfatória.

Por um instante, Ethan se esqueceu de Black Dois, Thomas, Joly, todo o resto e segurou sua Danielle pelas costas, unindo o dorso ainda nu contra o seu. Cogitou arrastá-la para o chão e nele possuí-la sem correr o risco de esmagarem o filhote, porém tal atitude continha uma impulsividade que, desde o dia anterior, tentava domar.

– Estou contando que não demore – disse antes de deixar a cama.

Após o banho breve Ethan voltou ao quarto e o encontrou vazio. Sentir a falta imediata de sua noiva lhe mostrou que desapegar-se, como Raquel recomendou, não seria tarefa das mais fáceis.

– Essa discrepância, sim, é interessante – Ethan falou a si mesmo, enquanto dava o nó em sua gravata. – Apegar-me a ela fora tão fácil... O mesmo deveria ocorrer quando se necessita o oposto.

Ao descer a escada, devidamente vestido, ele ouviu Danielle envolvida em uma conversa unilateral com o bichano, como tantas outras que manteve com o falecido Black.

– Você precisa se alimentar, Black Dois – ela dizia com voz mansa, enquanto o gatinho insistia com os rosnados, cada vez mais fracos. – Essa rebeldia não o levará a lugar algum.

– Posso me livrar dele agora? – Ethan perguntou ao entrar na cozinha e avistá-la debruçada sobre o balcão, tendo o gato e um pires com leite diante de si. – Nesse grupo já bastam você e Joly para serem insubordinadas.

Dana não retrucou ao gracejo. Apenas endireitou o corpo e o admirou, considerando-o muito apetitoso no terno azul escuro que lhe acentuava o porte ativo de advogado bem-sucedido.

– Depois, meu amor... – ele prometeu, tomando-a nos braços para roubar-lhe um beijo.

Pela expressão de sua noiva, soube que se adiantar ao que ela diria, mais uma vez. Mas naquele momento nem era preciso possuir uma grande percepção para tanto. Bastava decifrar o brilho em seu olhar e sentir seu cheiro. O mesmo que o torturaria até que pudesse eliminá-lo.

– Até breve! – despediu-se antes que fosse tarde. Sem mais palavras Ethan se foi, deixando-a com o gatinho.

Dana permaneceu a olhar a porta, assombrada com aquela percepção afluída de Ethan. Tinha algo mais ali, ela sentia.

– Mas, o quê? – ela indagou ao gatinho arredio.

Capítulo Vinte e Três

Sentado à sua mesa, Ethan olhava para cada um dos membros de seu grupo: quatro ao todo. Para sua surpresa, ao descer, encontrou a mesa de Joly vazia, dois clientes induzidos e o odor nada animador de Seager e Raquel no ar. Agora o assumido casal encontrava-se sentado à sua frente, enquanto sua secretária, excepcionalmente muda, estava sentada no pequeno sofá e seu amigo permanecia de pé, próximo à parede de vidro. Desde que chegara Ethan podia sentir o questionamento mudo do casal amigo, assim como a condenação pela contraditória aceitação do outro casal.

– Então, Ethan? – Seager repetiu a pergunta que levou Ethan considerar a hipótese. Estava incomodado com seu silêncio, pedia sentir. – Por favor, diga. Posso voltar ao trabalho na McCain & Associated?

– Pode confiar, Ethan – Raquel o encorajou. – Estamos no mesmo barco agora.

– Sendo assim, eu preferiria que estivessem num bote salva-vidas, navegando a estibordo, não em nosso barco – Joly resmungou.

– Temos interesses em comum – Raquel retrucou, voltando-se para encará-la. – Não represento perigo.

– Jamais poderíamos desconfiar de Andrew ou do próprio Seager, no entanto... – retorquiu Thomas, sugestivo. – Na verdade, não sabemos em quem confiar. E, sendo sincero, como o segundo membro mais antigo desse grupo, gostaria de ter sido ouvido quanto a essa adesão.

– Concordo com Thomas – Ethan se recostou no espaldar da cadeira, ignorando o último comentário, encarando Seager ao finalmente se decidir. – Não vou fazer o jogo do contente e fingir que está tudo bem entre nós quando não está. Mas vou lhes conceder o benefício da dúvida. Pode retomar seu serviço.

– Obrigado, Ethan. Quero que saiba que nunca gostei de ficar sob o domínio de Andrew, mas nada podia fazer... O máximo que conseguia era tratar você com cerimônia, esperando que notasse algo errado. Porém nunca aconteceu.

– Falha minha – Ethan ciciou, aborrecido. Sem que pudesse evitar, lembrou as palavras de Andrew quanto à sua dispersão inconsequente. Caso conhecesse mais das artimanhas de seus iguais, reconheceria tais truques.

– Ethan, não se recrimine – Raquel aconselhou solícita, inclinando-se em direção à mesa. – Foi uma tentativa pueril de toda forma.

– Não me recriminaria por isso – ele retrucou seguro. – Apenas reconheci minha falha ante ao esforço de Seager – voltando-se para o vampiro, falou sincero: – Agradeço por tentar.

– Esperem um pouco – Thomas pediu ao amigo. – Por que ela fica respondendo a palavras não ditas? Acaso Raquel também pode ouvir nossa mente?

– Exatamente – Ethan confirmou.

– *Magnifique!* – exclamou Joly, zombeteira. – Esse é o tipo de informação que se dá logo de início. Com Andrew foi o mesmo. Acho que antes não foi falha de nenhum de nós. A partir de agora, sim – acrescentou olhando diretamente para Ethan. – O que fizerem para nós será uma tremenda falha, pois não deveríamos confiar em quem não se expõe.

– Estaremos vigilantes – disse a ela e, voltando-se para Thomas às suas costas, indagou: – Não é mesmo?

– Por certo que sim – o amigo concordou sem esconder seu desagrado.

– Já que todos concordam – Seager retomou a palavra com voz decidida, sem a subserviência conhecida. – Tenho outro pedido a fazer.

– O que seria? – Ethan estava curioso com aquela nova versão de seu associado.

– Gostaria que Raquel pudesse ficar comigo, aqui.

– Raquel!

Os olhos de Ethan correram para a porta no milésimo de segundo que Danielle a abriu, assim, ao ouvir a exclamação, olhava diretamente para ela.

– Raquel... *Aqui?* – ela repetiu.

Seager e a amante citada se levantaram.

– Danielle... Deixe-me cumprimentá-la – Seager pediu e estendeu a mão.

Dana lançou um breve olhar para Ethan que, imperceptivelmente, assentiu. Somente então, sem desviar os olhos do vampiro loiro, ela aceitou o cumprimento. Com sua visão periférica, mantinha uma constante vigília sobre Raquel, que a olhava com evidente curiosidade.

– Danielle, seja bem-vinda! – Seager desejou.

– Obrigada! – Dana libertou sua mão, considerando estranha tamanha amabilidade.

– Sim... – Raquel se manifestou, estendendo a mão em sua direção. – É uma alegria que agora seja imortal.

Dana relanceou o olhar para Ethan mais uma vez, então o pousou nos olhos da vampira à sua frente, dispensando a palma estendida.

– Por quê?

A tensão entre elas podia ser sentida. O silêncio era cortado pelo burburinho distante, audível apenas aos ouvidos imortais. Raquel arqueou uma das sobrancelhas e a mediu, antes de baixar a mão e responder:

– Porque era o desfecho esperado: προορισμός!

– Desfecho esperado – Dana repetiu, ignorando a estranha palavra final, sem desviar os olhos de Raquel. – Não confio em tanta alegria de sua parte, uma vez que não pode mais me usar para nada.

– Danielle – Raquel sorria ao contemporizar –, você guarda uma péssima impressão de nosso único encontro, mas lhe asseguro de que nunca quis seu mal.

– A transformação não afetou minha memória – Dana retorquiu, enfática. – Eu me lembro de cada detalhe daquela noite. Tudo o que foi dito *antes* e *depois* da chegada de Ethan.

– Danielle, por favor – Seager tentou intervir, porém sua amante o impediu:

– Ela tem razão! Mas antes a situação era outra, agora estamos juntas com um mesmo propósito. Com a convivência, logo verá que pode se desarmar.

– Eu preferia exercitar a confiança, à distância – Dana retrucou, antes de ir até Ethan.

Ao parar ao lado de seu noivo, apertou-lhe o ombro, demonstrando sua contrariedade. Não sabia se era uma resposta, contudo Ethan imediatamente lhe cobriu a mão, fazendo com que a mantivesse no lugar.

– Eu estou com a Dana – disse Joly. – Tudo bem que está conosco, mas não vejo a necessidade de ficar aqui o tempo todo. O que faria além de nos espionar?

– Desculpe-me lembrá-la, minha cara – Raquel começou com indisfarçado enfado, demonstrando não ter pela francesa a mesma deferência que dispensava a Ethan e Dana –, mas não há nada sobre vocês que Graco já não conheça. Todos aqui conviveram com ele durante seis anos, confiantes e felizes, sem que eu nem estivesse na cidade.

– Agora tudo é diferente – Thomas respondeu por sua esposa. – Podemos ter sido ingênuos uma vez, mas reincidir no erro seria estupidez. Acho estranha essa mudança repentina. Então... Também estou com Danielle. Você tem todo o direito de mudar de lado e pedir asilo, mas também preferia que alguma distância fosse mantida.

– Eu estou sendo julgada aqui? – Raquel olhou para cada um antes de pousar os olhos incrédulos em Ethan. – É isso? Se for, em minha defesa eu alego que nunca fiz nada contra qualquer um de vocês.

– Ninguém está sendo julgado – Ethan assegurou, impassível, sem soltar a mão em seu ombro. – Se fosse o caso sua alegação não seria atenuante de coisa alguma, pois considero conivência tão ou mais grave do que o delito em si. Comparsas têm o poder de mudar toda a ação caso queiram.

– Não cabia a mim! E mesmo assim eu tentei. Eu fiz sua humana refém? Sim, mas já expliquei minha intenção. Isso deveria contar... E também lhe alertei sobre o dom de Graco e deixei a carta contando mais sobre ele.

– Mas se negou a participar diretamente quando lhe pedi ajuda para resgatar Danielle. – Ethan replicou.

– Essa foi uma falha tremenda da minha parte – ela retorquiu exaltada –, mas tudo ainda estava indefinido. Não ajudei quando pediu, mas depois Seager e eu fomos até o parque e o limpamos para você.

– Foram vocês?! – Thomas se aproximou da mesa, incrédulo.

– Sim – Seager respondeu. Depois de tomar a mão de sua amante e a beijar. – Foi naquela noite que Raquel tomou coragem e eliminou a indução de Graco. A partir dali não tinha volta, então depois de conversarmos, juntos decidimos que seria melhor ajudar... Só que já era tarde.

– Providencialmente tarde – Dana salientou, nada impressionada. – Até para mim, uma *novata*, está claro que manter nossa condição em segredo é o primordial, então o que fez pode muito bem não ter sido com o intuito de ajudar, e, sim, manter a clandestinidade. Por Graco, ou até por vocês mesmos.

– Pelos deuses! – Raquel clamou, sem desviar os olhos dos de Dana. – O que preciso fazer para que acredite que minhas intenções sempre foram às melhores?

– Disso eu nunca duvidei – ela retrucou. – Resta saber, melhores em benefício de quem.

– Ethan – Raquel recorreu ao advogado, visivelmente derrotada. – Não sei mais o que dizer... Se quiser rever sua decisão, fique à vontade. Seager e eu podemos...

– Não tenho que rever coisa alguma! – Ethan a cortou. – Minha palavra é uma só. Mas se não suporta a desconfiança que você mesma gerou, fique à vontade para partir.

Seager apenas trocou o peso do corpo sobre seus pés, imitando Thomas ao colocar as mãos nos bolsos. Coube a Raquel sustentar o olhar de Ethan por alguns instantes, correr os olhos pelos vampiros presentes até pousá-los sobre a noiva de seu novo líder. Havia um brilho indecifrável em seu olhar quando falou:

– Na verdade, não posso reclamar. Sei que confiança não se ganha e estou disposta a conquistar a de vocês. Eu fico.

– Pois bem! – Ethan se reacomodou na cadeira, finalmente soltando a mão de sua noiva que ainda apertava seu ombro. – Sendo assim, vamos acabar com esse assunto.

Ainda com os olhos presos aos de Raquel, Dana lamentava por todos, que em seu entendimento, não estariam seguros com a *antiga* por perto. Ainda digeriria a novidade, quando Ethan encerrou a questão definitivamente dizendo ao sócio mais novo:

– Raquel pode ficar com você. Já que agora ela atuará no nosso teatro, para todos os efeitos, será sua secretária.

– E Barbra? – Joly perguntou, contrariada.

– Dê-lhe férias, ou faça dela sua assistente, entregando a agenda de Thomas para que cuide. – Ethan opinou não muito interessado.

O futuro da humana não lhe interessava. Bastava se ocupar dos imortais ao seu redor. Principalmente de Raquel. Ela poderia se mostrar ofendida e injustiçada, mas conhecia sua capacidade de dissimulação e o declarado pendor pela traição àqueles aos quais alegava amar. Justamente por aquela razão, mesmo não confiando, por fim considerou mais seguro tê-la perto.

– Pequenas férias, então – Joly decidiu. – Alguns dias de afastamento lhe fará bem.

– Tem toda a liberdade para fazer o que achar melhor – Ethan retrucou. Encarando Seager, sugeriu: – Agora que está de volta, desculpe-se como achar melhor com seus clientes e volte ao trabalho.

– Obrigado por deixar que tudo voltasse ao que era antes – este agradeceu, estendendo a mão ao seu líder.

– Não como antes, espero – rogou ao apertar-lhe a mão.

– Agora serei eu mesmo. – Seager esboçou um sorriso, quando Ethan finalmente o deixou se afastar. – Venha, querida! – disse à Raquel. – Você verá que pode ser divertido. Mais uma vez, obrigado, Ethan!

Ethan apenas inclinou a cabeça antes que seu sócio se fosse, levando uma vampira arreliada pela mão.

– Ethan! – Thomas se pôs a frente da mesa e se inclinou sobre ela para segredar sua exasperação. – Você enlouqueceu? Seager eu até entendo, mas aceitar Raquel?!

– Ela é um mal menor – comentou inabalável.

– Ela é uma das esposas! – Thomas insistiu.

– Somos a maioria – Ethan o lembrou. – Não foi o que Siro Demini lhe disse? Ela não se voltará contra nós... Não com Andrew fora da cidade.

– Sim, foi o que ele disse, mas ainda não me sinto confiante e acho tudo isso muito estranho. Num dia eu a vejo nos enfrentando, no outro eu a sigo e então ela é boazinha e está conosco?!

– E eu que nem a conhecia? – Joly se aproximou da mesa para igualmente falar num murmúrio. – Tomei um baita susto quando Seager chegou com ela e nos apresentou, dizendo que ela faria parte do grupo. E com seu consentimento, Ethan! Fiquei tão atordoada que nem soube o que fazer... Obrigada por nos proporcionar tamanha surpresa... Custava ter avisado?

– Foi inesperado – Ethan disse aos dois, para Thomas acrescentou sugestivo: – E não sou o único aqui a fazer o que considera o melhor sem avisar ninguém. A situação é a mesma.

– O que pode vir de bom com ela aqui? – Thomas se mostrava inconformado.

– Ela é tão antiga quanto Andrew – Ethan esclareceu sem se abater. – Conviveu com ele por séculos, então não conheço ninguém melhor para me ensinar como enfrentá-lo.

– Foi isso o que ela lhe disse ontem? – Dana fechou as mãos, ansiosa por bater em alguma coisa. – Que poderia te ensinar?

– Ethan... Você deveria ter conversado conosco antes... – Thomas murmurou como um lamento repreensivo.

– Eu já disse que não tive tempo, muitas coisas aconteceram depois que deixei o escritório... Eu iria colocá-los a par quando chegasse esta manhã. Não percebem? Para mim está claro que essa leitura de mentes não é um dom, apenas uma técnica que todos podemos dominar. Eu preciso entender como funciona e ela está disposta a ajudar.

– Raquel será o quê?... A versão feminina do mestre Yoda? – Joly troçou.

– Já basta! – Ethan sibilou sem se alterar. – Eu lhes disse ontem, mas parece que não me fiz entender, então repito. *Eu sou o líder aqui. Vocês têm todo o direito de não aprovarem o que faço, opinar e até questionar minhas decisões, não ridicularizá-las.*

– Ethan... – Joly se afastou surpresa. – Eu estava só...

– Debochando – Ethan corrigiu, antecipadamente, a palavra que ela usaria. Sem ser grosseiro, prosseguiu: – Conheça-a o suficiente para saber quando está brincando e agora não era o caso. Sei que a culpa por me tratarem assim é toda minha, mas agora chega! E da mesma forma que não aceitarei gracinhas fora de hora, não admitirei reprimendas como se eu fosse um maldito moleque.

– Ethan? – Thomas o encarava incrédulo. – O que deu em você?

– Se quer mesmo saber... A verdade sobre minha insignificância me foi cuspidada na face. Com muito prazer, Demini pontuou cada falha de minha existência e eu tive de engoli-la a seco.

– Joly me contou de seu encontro – Thomas comentou com pesar. – Mas isso não justifica se voltar contra nós.

– Isso jamais! – Ethan o corrigiu. – Quero apenas respeito de todos vocês e uma obediência sincera, não aceitação condescendente. Se hoje estamos nessa situação foi justamente por nenhum de nós levarmos a sério nossa condição. Até ontem estive de fato brincando de ser líder, e vocês compactuavam. Mas a farra acabou. Para todos nós!

Ao final de seu discurso, Ethan podia perceber o olhar admirado de Thomas e até mesmo o de Joly que murmurou:

– Não está querendo dizer que a partir de hoje irá se tornar um ditador cruel, não é?

– Talvez, um pouco. – Ethan lhe piscou para quebrar a tensão.

Naquele momento em que Thomas apenas o encarava com crescente e evidente orgulho, Joly sorriu e de fato brincou:

– Eu sempre soube que um dia o poder lhe subiria à cabeça, *mon ami*!

– Gosto disso! – Thomas falou por fim. – Pensei que nunca veria uma mudança na qual acreditasse. E já que aconteceu, e está mesmo disposto, acho que deveríamos ir todos à Kastoria para vocês conhecessem Siro pessoalmente. Tenho certeza de que ele poderia nos contar muitas coisas sobre nossa espécie. O tempo de minha hospedagem foi breve, conversamos basicamente sobre Graco.

– Essa é uma viagem a se pensar, mas não agora – Ethan comentou, olhando sua noiva de esguelha. – Temos de ficar aqui e consertar toda essa confusão criada por Andrew. Eu preciso retomar meus casos e enquanto isso me fortalecer mais... Ver o que Raquel me acrescenta. Depois, com tudo estabelecido, farei questão e conhecer Siro Demini.

– Que assim seja! – Thomas concordou de pronto, tomando Joly pela mão. – Então vamos também voltar à nossa rotina. Vamos?

– Já que voltamos ao trabalho, posso mandar que seus clientes entrem? – perguntou Joly.

– Dê-me alguns minutos e os envie.

Ao ficar a sós com sua noiva, Ethan afastou sua cadeira e estendeu a mão para ela. Dana a segurou relutante, contudo se deixou ser levada para o colo oferecido.

– Sei como se sente – disse ele, apaziguador.

– Acho que não – Dana retrucou, cruzando os braços, defensiva. – Você não precisa dela para nada! Veja como está seguro e decidido. Se tudo é como Raquel disse, com o tempo qualquer um de nós será como ela ou Graco.

– Não creio que seja tão simples assim, meu amor. – Ethan lhe acariciou os lábios rígidos com o polegar.

– Tenho certeza de que foi *ela* quem fez parecer complicado – Dana teimou. Seu aborrecimento se voltando para si mesma por ser fraca e se deixar envolver pelo magnetismo de seu noivo, quando deveria ferrenhamente protestar. – Aquela lá joga com as palavras... E é tão cara-de-pau que teve a coragem de me parabenizar! Vadia!

– Também estranhei, mas não comentaria. – O carinho que fazia nos lábios evoluiu para o pescoço delicado. – Você sabe que não confio nela, amor, e nem espero isso de você, mas entenda que é melhor mantê-la aqui. Onde, por algumas horas, poderemos controlar seus passos.

– Eu entendo – Dana se desarmou e o enlaçou pelo pescoço. – E acredite, não estou sendo leviana ou ciumenta. Eu tenho medo. Não sei o que ela pode tentar contra você.

– Somos a maioria – Ethan repetiu num murmúrio contente por estarem se entendendo sem argumentações acaloradas. Seria o equilíbrio, enfim?

– E ela é mais velha, falsa e ardilosa.

– E você é forte, determinada e super protetora – ele retrucou, beijando-lhe levemente e bochecha. – Estaremos bem!

– Fala como se me deixasse lutar com ela livremente.

– *Touché!* – Ethan exclamou com um sorriso orgulhoso. – Hoje você está impossível!

– Hoje eu estou é uma rendida, isso sim... – Dana exalou antes procurar a boca que a instigava e prendê-la num beijo.

Antes que aprofundassem o contato das bocas, ouviram os toques de Joly anunciando sua entrada. Imediatamente se afastaram. Quando a secretária abriu a porta, Dana já se encontrava afastada a alguns passos. E Ethan estava de volta em seu lugar.

– Você disse alguns minutos – Joly o lembrou.

Ethan apenas assentiu e se pôs de pé para contornar a mesa, assumindo seu papel. Joly então deu passagem aos dois humanos livres da indução e com eles avançou pela sala.

– Sr. McCain, este é Daniel Brown, o processo dele se encontra sobre sua mesa.

Ethan apertou a mão que lhe era estendida, não muito satisfeito em ver que o ato fora reflexivo, pois tanto seu cliente quanto o acompanhante dispensavam total atenção a sua noiva.

– Vou aguardar na antessala – Danielle anunciou. – Quando se desocupar nós retomamos nossa conversa.

– Obrigado!

– Nossa! – Daniel exclamou cenicamente, finalmente olhando para Ethan com verdadeira atenção. – Confesso que já estava de queixo caído pela beleza de sua secretária e agora essa! Quem é ela?

– Minha mulher – Ethan respondeu, secamente.

– Ah! – Daniel exalou com falso embaraço. Dando uma palmada amistosa no ombro do advogado, falou a guisa de desculpas: – Foi mal aí! Mas não pode culpar os pobres mortais por olhá-la mais de uma vez.

– Acredite, não os culpo – Ethan retrucou, encarando-o com uma sobrancelha erguida, transformando seu breve ciúme em diversão.

Comprazendo-se com o que viria, Ethan apertou a mão do homem que fora apresentado como sendo amigo de Daniel e, sem nem registrar o nome, convidou a ambos a sentarem. Então, reassumiu sua cadeira e antes de qualquer outra palavra, abriu o processo para descobrir que diante de si estava o cliente vindo do escritório de Harry, indiciado por latrocínio. Perfeito!

– Então, Sr. Brown... – Ethan começou, recostando-se em sua cadeira, com o olhar fixo em Daniel. – Gostaria que me contasse em detalhes como se deu o roubo do qual é acusado e como este resultou em assassinato.

Capítulo Vinte e Quatro

Poucos passos. Pouquíssimos passos a separavam de Raquel e nada podia fazer além de ficar sentada diante de Joly que trocava algumas palavras com Thomas, algo referente aos processos. Voltavam ao trabalho, como seu noivo recomendou. Deveria tentar fazer o mesmo. Escrever algo relevante, de preferência à mão, mas nem tentaria.

Olhando a porta fechada do escritório, Dana manteve sua atenção na voz máscula e compassada de Ethan, que exprimia seu sarcasmo, notoriamente não entendido pelo cliente humano, todas às vezes que repreendia uma contradição em suas explicações. Evidente que Daniel Brown seria mais um a virar história tão logo seu competente advogado levasse o júri a acreditar em sua inocência.

Paul nomeou a prática de hipocrisia. Dana ainda não concordava de todo, mas agora entendia se tratar de um senso desvirtuado de justiça. Aquele era Ethan!

– Mas essa agora...

Dana ouviu Joly murmurar. Bloqueando a voz do noivo em sua mente, olhou em volta. Percebeu que Thomas já tinha partido e que ela própria aparentemente participava de uma conversa da qual não ouvira uma palavra. Sentindo-se culpada, indagou:

– Joly, o que há?

– Não ouviu o que eu disse? Tudo está muito estranho, é isso o que há! – Joly falou baixo para que somente a vampira a ouvisse. – Não gosto de saber que essa mulher está aqui.

– Não está mais incomodada do que eu, acredite! – Dana assegurou, roucamente.

– Você... – Joly começou cautelosa – sabia disso? Dessa... Adesão?

– Sabia! Ethan me contou ontem à noite. – Poderia acrescentar que soube após o ataque de Betânia, mas ali não era o lugar indicado para tratarem daquele assunto.

– O que ele disse?

– Não muita coisa – Dana reconheceu, aborrecendo-se mais por ter sido fraca. – Desconhecia, por exemplo, essa súbita necessidade em saber o que ela tem a ensinar.

– É exatamente o que penso – Joly concordou num murmúrio. – Acho que Thomas tem razão, deveríamos ir até Kastoria. Lá encontraríamos respostas concretas e confiáveis.

– Concordo com vocês, mas nesse ponto estou com Ethan. Agora não é o momento para viagens.

Conversar com Joly a distraiu definitivamente da voz de Ethan, deixando-a livre para olhar o corredor principal. Raquel estava tão perto...

– Dana, você ouviu o que eu disse? – Joly resmungou. – O que há com você, afinal... Está tão dispersa!

– É que... – De súbito se pôs de pé. – Vou resolver isso agora – anunciou decidida. – E não me siga!

– Dana! – Joly também se ergueu, alarmada. – Se vai fazer o que imagino, deixe-me ir com você... Não é seguro.

– Ela não faria nada contra mim aqui. Sossegue, Joly – pediu e indicou a porta fechada, num pedido mudo para que se contivesse. – Quero somente conversar.

– Dana... – Joly tentou insistir num murmúrio.

– Eu já volto, vou ficar bem... E não me entregue – pediu, indicando a porta mais uma vez.

Em instantes Dana entrava na antessala do escritório de Seager. Como a porta da sala se mantinha aberta, aproximou-se e espiou. Encontrou Seager a analisar alguns papéis e Raquel de pé, junto à mesa.

– Eu esperava que viesse – esta falou. – Até que demorou!

– É verdade! Ela disse mesmo que você viria, Danielle – Seager comentou olhando-a rapidamente antes de voltar à atenção aos papéis. – Você tem razão de não confiar em nós... Afinal, não fomos legais.

– Não foram – Dana concordou ao entrar. Não usaria uma palavra tão branda, mas aquela serviria. Revezando a atenção entre um e outro, tranquilizou-o: – Particularmente não tenho nada contra você. Até onde sei, não era dono de sua vontade.

– Não era – Seager assegurou, encarando-a.

– O mesmo não se dá comigo, não é mesmo? – Raquel indagou, cruzando as mãos às costas, assumindo uma postura altiva. Pareceu que ela viu sua mente, mas Dana não tinha certeza. Seria estranho uma vez que Graco não conseguira.

– Exatamente! – confirmou, encarando-a. – Gostaria de conversar com você a sós.

– Eu preciso pegar alguns papéis e... – Seager anunciou prestativo.

– Não – Dana o deteve quando ele fez menção em sair. – A sala que era de Graco está vazia. Nós iremos para lá.

Sem esperar por aceitação, Dana saiu rumo ao local indicado. Como esperado, Raquel a seguiu. Ao abrir a porta do cômodo desocupado, deu passagem à vampira. Esta passou muito perto, eriçando-lhe os pelos em desagrado.

– Eu não mordo, Danielle!

– Temo uma punhalada, não uma mordida.

– Devo ter merecido! – Raquel deu de ombros e foi até a parede de vidro para olhar os prédios à frente, demonstrando confiar em Dana ao lhe dar às costas. – O que quer?

– Pensei que soubesse – Dana falou, impassível. – Se tirarmos o fato de que pode ler mentes, ainda resta a sua certeza de que eu viria.

– Não é preciso ser um gênio para saber o que faria. Você é vampira agora, somos curiosos... Como jornalista você naturalmente o era e a transformação com certeza potencializou essa característica, então...

– Somou dois mais dois – Dana arriscou a comparação simples.

– Exatamente! – Raquel exclamou sem orgulho pelo acerto. – Quase todas as pessoas são previsíveis e agem com precisão matemática, basta saber elaborar as equações.

– Visto dessa forma – Dana começou sem se importar com o que seria um demérito. – Tenho certeza de que você sabe utilizá-las muito bem... As equações.

– Você está aqui agora, não está?

Dana não saberia explicar, mas sabia que tinha mais na indagação além do fato de estar ali, naquela sala.

– E chegou até Julian Felker – Raquel acrescentou antes que ela se pronunciasse.

– Sim, pelo visto sou mesmo previsível. – Dana colocou as mãos nos bolsos. – Espera que eu lhe agradeça pela ajuda trucada?

– Com o que vem acontecendo, toda ajuda é válida – ela novamente se absteve de aceitar a provocação. – Se sabem mais sobre Graco, devem a mim.

– Que seja! Mas não me sinto em débito com você.

– Nem eu quero que se sintam! – Raquel a encarou, de súbito, e sem desviar o olhar, reiterou: – Você não me deve coisa alguma.

– Evidente que não! – Dana exclamou com um riso incrédulo. – Acredito que nem mesmo Ethan lhe deva algum favor... Para mim, tudo o que faz é por interesse pessoal, não por ele e muito menos por mim.

– Se é no que quer acreditar... – Raquel retorquiu, sugestiva, antes de voltar sua atenção à cidade.

O comentário teve o poder de inflamar o ânimo a muito custo controlado. Dana diminuiu a distância entre elas até ficar a um passo de Raquel.

– Que porcaria quis dizer com isso? – sibilou. – Cheguei agora, mas sei que é assim que age... Fala um pouco e engole o resto... Acena com possibilidades sem revelar tudo... Quer saber? Eu não a considero útil e duvido muito que vá acrescentar algo a nós ou brincar de secretária. Deveria dizer de uma vez o que quer e nos deixar em paz.

– Ou o quê? – Raquel se voltou para encará-la. O desafio estava inferido na questão, não na voz, não no olhar.

Dana não queria se alterar, pois fatalmente Ethan sentiria e viria para levá-la embora, porém tamanha falsidade agitava o sangue em suas veias. Estavam tão perto que bastaria erguer a mão para prender-lhe o pescoço, mas não o fez.

– Sabe que não faria nada contra você, *aqui* – Dana salientou, cerrando os punhos.

– Não faria nada contra mim em lugar algum – Raquel observou, correndo os olhos castanhos pelo rosto tão próximo ao seu. – Sei que não me tolera, mas não tem uma razão lógica para tanto ódio... Você é nova, forte, impulsiva, mas posso afirmar, sem medo de errar, que não é injusta e eu nunca lhe dei motivos para que me atacasse.

Dana odiava reconhecer que não os tinha. Com exceção ao ciúme violento, nascido quando ainda era humana e a antipatia pela clara dissimulação, não possuía razões concretas que justificasse um embate. Ainda assim, não queria deixar Raquel com a última palavra.

– Você é uma ameaça para Ethan e eu prefiro acabar com você antes que o machuque.

De súbito Raquel sorriu escarninho. Então o sorriso se tornou riso e este ganhou força atingindo níveis quase histéricos.

– Pare com isso! – Dana ordenou, dando um passo atrás. Ethan viria. – Pare já!

– Perdoe-me... – a vampira pediu ainda a rir, lutando para se recompor. Segundos depois, apenas sorrindo, passou as mãos pelos fartos cabelos e, ainda os segurando, repetiu de olhos fechados: – Perdoe-me... Foi mais forte do que eu.

– Você é louca! – Dana a olhava, incrédula. – Não é seguro que fique perto.

– Eu já pedi desculpas! – Raquel salientou totalmente livre do humor, aborrecida. Encarando Dana com olhos escurecidos. – Você tinha de ser sensível não é? Esse é mais um detalhe que confirma minhas impressões. Eu só queria entender como isso é possível!

– Como o que é possível? – Dana indagou incisiva, novamente aproximando-se.

– Danielle!

A voz de Ethan chegou à sala antes que ele aparecesse no limiar. Joly surgiu logo atrás e em seu olhar havia um claro pedido de desculpas. Eram desnecessárias, pois Dana sabia que ele estava ali por sua culpa.

– O que pensam que estão fazendo? – indagou rouco ao entrar e se colocar entre as duas vampiras, afastando sua noiva à distância de seu braço, mantendo-a longe de Raquel.

– Não estávamos brigando se é o que imagina – esta esclareceu com estudada neutralidade, mirando o casal atentamente.

– Estávamos apenas conversando – Dana assegurou, por fim. Ficaria sem sua resposta.

– Não era o que parecia! – Ethan ciciou para Raquel. – Se vai ficar afrontando Danielle serei obrigado a...

– Ela disse a verdade.

Nem mesmo Dana acreditou que defendia Raquel então não estranhou que os olhos verdes chispassem para ela. Ethan não precisou verbalizar o que lhe ia à mente para que acrescentasse:

– Eu sei que não deveria ter vindo, mas quis saber o que ela deseja de nós.

– Proteção – Seager afirmou, da porta, levando os quatro vampiros a encará-lo. – Se era somente isso poderia ter perguntado para mim. Sei que é cedo para confiar em nós, mas precisamos de vocês. Senti na pele o que Betânia é capaz de fazer e posso muito bem imaginar o que me espera caso Andrew resolva me eliminar.

– Não diga isso! – Raquel o repreendeu com veemência. – Não vou deixar que ele faça nada contra você.

– Sei disso, querida. – Seager lhe sorriu manso antes de novamente olhar para a noiva de seu líder. – Seriam dois contra dois, mas apenas ela é experiente.

– Eles também não têm experiência, meu amor – Raquel comentou, encarando o casal.

Dana sustentava o olhar, ainda lamentando a interrupção. Não importava o que dissesse, ou o quanto tentasse parecer amorosa com Seager: as palavras eram vazias. A verdadeira Raquel era a exasperada que ciciava questões incompreensíveis. E era a *verdadeira Raquel* que Dana gostaria de ver mais uma vez. Era aquela que lhe daria as repostas.

– E qual é a sua experiência, Raquel? – Ethan indagou incisivo. – Alguma vez já lutou contra outro vampiro?

– Algumas vezes – ela falou, olhando-os. – Nem todos os vampiros são amigáveis e é preciso saber como se defender.

– Desculpe-me, mas ter sido bem-sucedida em lutas passadas não a torna melhor do que nenhum de nós nessa sala. – Dana comentou, rogando para que seu noivo pensasse como ela e não se deixasse enredar. – Nunca precisei brigar com alguém quando humana, no entanto, ontem enfrentei Betânia e aqui estou.

– Dana, não... – Joly murmurou alarmada, porém se calou quando a amiga sinalizou para que se contivesse.

– Betânia atacou você? – Raquel maximizou os olhos castanhos e deu um passo a frente.

– Afaste-se – Ethan a deteve com a mão estendida, sem tocá-la, franzindo o cenho em estranheza. – Ela atacou você e Seager, por que não o faria com Danielle?

– Ela está desesperada, agora tenho a certeza – Raquel falou, recuperada, afastando-se um passo. Olhando para Dana como se tentasse adivinhar como estava ileso, indagou: – Ela a feriu?

– Isso não vem ao caso – Dana retrucou, não perdendo o foco, insistiu: – O que importa é que estou viva.

– Teve sorte – Seager opinou. – Não deve subestimá-la, Danielle.

– Não subestimo, mas quero que entenda que nessa disputa não conta quem é forte ou mais experiente. Betânia me feriu, eu a feri, ela fugiu... Então, nunca saberemos como teria terminado... Quem teria morrido.

Ao se calar Dana pode sentir a repreensão vinda de Ethan quando o olhar de esmeralda novamente chispou em sua direção.

– Caso não a tivesse ferido, teria sido você – Raquel murmurou roucamente, levando Ethan a também encará-la. – Betânia é rápida, não tem escrúpulos nem joga limpo. Precisamos ficar juntos. Por favor, Danielle, vamos ficar em paz.

– Estamos em paz – Ethan interveio. – E por hoje acho melhor você ir para casa.

A vampira assentiu e seguiu até seu amante sem argumentos, encerrando todas as chances de ser novamente abordada. Evidente, Dana pensou, odiando o fato de deixá-la ir sem que nada pudesse fazer. Impaciente, ela passou a andar de um lado ao outro.

– Joly, volte para sua mesa – Ethan ordenou. – Logo farei o mesmo.

– Depois vou saber mais desse ataque? – ela indagou diretamente para Dana.

– Depois, Joelle! Agora vá, por favor – disse Ethan. Ao ser atendido se voltou para sua noiva que ainda zanzava pela sala, indócil. – O que faço com você, Danielle?

– Eu só queria conversar – ela se defendeu. – Não tinha como ela estar tão perto e ficar parada.

– O que você pode ter para conversar com ela? Encontraram-se uma única vez!

– E foi suficiente para detestá-la – Dana murmurou, não queria que Seager ouvisse, gostava dele. – Ela é falsa, Ethan, diz uma coisa e no segundo seguinte fala algo

completamente diferente. Em nosso primeiro encontro ela... – calou-se exasperada ao se lembrar.

– Ela o quê? – Ethan questionou preocupado, pondo-se ereto, a mente criando várias possibilidades. – O que ela fez Danielle? Sei que ela não a feriu, então...

– Acalme-se – Dana pediu, aproximando-se para tocá-lo no peito. – Ela não fez nada contra mim... Ao menos não fisicamente, mas ficou me sondando... Curiosa quanto ao que você poderia ter visto em mim para estarmos juntos, como se...

– Como se...? Por favor, Danielle.

Ela não diria, pois simplesmente explodiria se Ethan minimizasse sua impressão.

– Como se ela fosse melhor para mim? – Ethan indagou, estarrecendo-a com a precisão.

– Como está fazendo isso? – Dana perguntou, impressionada.

– Fazendo o quê?

– Desde ontem, diz coisas como se respondesse ao meu pensamento.

– Você faz o mesmo. Aqui mesmo, quando não pude repreendê-la... Não quero ouvi-la dizer que poderia ter morrido ontem. Já me basta saber...

Dana sequer se desculpou, interessada mais naquele novo detalhe.

– Será que isso significa alguma coisa? – indagou intimista.

– Significa que estamos ligados... Infelizmente não ao ponto de saber o que pretende fazer – observou contrariado. – Afinal, o que conversava com Raquel quando cheguei?

– Nada, como sempre... Raquel fala em código.

– Essa é nossa Raquel! – Ethan exclamou em sarcástica admiração, então com um suspiro cansado, insistiu: – O que quero saber é o que ela disse para exasperá-la. Quando cheguei parecia que iria atacá-la.

– Esse é o problema! – Dana se exasperou. – Eu não sei. Você chegou antes que eu descobrisse. É algo sobre o que ela *não* disse, apenas insinuou. Não saberia explicar.

– Tente.

– Primeiro ela falou sobre a previsibilidade das pessoas. Disse que cada um tem uma forma de agir. Nas palavras dela, insinuou que bastava observar e encontrar um padrão para saber o que fariam. Então ela comentou, como um exemplo, o fato de eu estar aqui e isso me incomodou. Foi quando ela me irritou mais.

– Aqui?! – Ethan não entendeu. – Nesta sala?

– Não creio. Tinha mais. Acho que ela quis dizer...

– Que você está aqui... Como uma de nós?! – Ethan externou o pensamento num ciciar incrédulo sem nem filtrá-lo, sem ponderá-lo. – Ela quis dizer que me usou?!

Seria possível que Raquel quis sua humana transformada desde o início e tratou de garantir que o fizesse usando a maldita psicologia reversa? Mas por quê? Sem que notasse, Ethan estendeu a mão e puxou sua noiva para um abraço apertado. Por que todos a queriam?

– Ethan, você está me machucando... – Dana protestou num murmúrio.

– Perdoe-me. – Ethan a soltou, mas não a deixou se afastar, segurando-a pelos ombros, procurou pelos olhos preocupados. – Preciso ordenar os pensamentos, mas não pode ser agora. Deixei Brown e o amigo induzidos em minha sala. Tenho que liberá-los. Serei breve, prometo.

– Está bem! – ela anuiu.

Ethan a tomou pela mão. Ao passarem pela sala de Seager viram a porta fechada, mas souberam que o advogado estava só. Puderam ouvir-lhe ao telefone com um cliente e o odor de Raquel rumo à saída. Ambos fungaram, aborrecidos. Nesse momento se olharam e sorriram, achando graça na coincidência, mesmo que a situação ainda os consternasse.

Ao entrarem na antessala encontraram Joly em seu posto, com o olhar fixo na porta, ansiosa. Antes que os interpelassem, Ethan a questionou sobre os compromissos do dia.

– Quer mesmo saber sua agenda? – ela maximizou os olhos negros, incrédula.

– Sei que quer mais detalhes, Joly, mas devemos deixar essa conversa para depois, quando Thomas se juntar a nós. Não fique preocupada, está vendo que Danielle está bem.

– É... – ela mediu a amiga, um tanto sentida. – Estou vendo.

– Desculpe contar daquela forma, Joly – Dana pediu, verdadeiramente arrependida pelo destempero que levou a amiga a se sentir excluída.

– Ah, tudo bem!... Não liguem para mim. Estamos todos exaltados nos últimos dias e tantos desencontros não ajudam. Thomas teve de atender seus clientes na rua, então uma reunião à noite será perfeito. – Para Ethan, perguntou em tom profissional: – Quer mesmo sua agenda?

– Não precisa me dizer, apenas remarque para a tarde que viria essa manhã. Tenho algo a discutir com Danielle, na cobertura.

– Danielle e você? – Joly novamente mediu um e outro. – Discutindo algo na cobertura? Sei! – Dando de ombros acrescentou: – Prefiro vocês se engalfinhando em lua de mel do que guardando segredinhos, mas pode ir sossegado. Não virá mais ninguém essa manhã, mas tem um cliente às três da tarde.

– Perfeito!

Ethan se despediu antes de voltar à sua sala.

– Não vai me desculpar, não é mesmo? – Dana indagou à amiga ao flagrar-lhe o olhar ressentido.

– Você tem ideia de como me senti quando ouvi aquilo? – Joly rebateu. – Logo eu que todo esse tempo estive protegendo você... Se alguma coisa tivesse acontecido...

– Não! – Dana se aproximou da mesa. – Joly, a culpa não seria sua. Está maluca? Sou responsável por mim agora.

– Isso ainda é estranho para mim – ela admitiu. – Tudo está acontecendo ao mesmo tempo, tantas mudanças...

Parecia que o remorso vinha, enfim, quando a falta estava relacionada àqueles a quem amava, Dana reconheceu. Não estava sendo boa amiga. Não ouvia, não compartilhava. Nem esteve presente como deveria durante os dias de afastamento de Thomas, nada. Intimamente tinha de admitir que gostasse de ter Ethan pendido para o seu lado, mas não deveriam deixar quem sempre lhes serviu de suporte, fora de sua bolha.

– Joly, me desculpe – disse, sinceramente. – Tudo está mesmo estranho. As coisas acontecem tão rápido e não nos encontramos como antes agora que estou com Ethan, mas vamos achar uma forma de melhorar nossa comunicação. Nem perguntei como foi com Thomas!

– Foi perfeito! – Joly esboçou um sorriso. – Eu estava morrendo a cada dia, pois nunca nos separamos antes. E não saber o que tinha acontecido tornava tudo pior, mas eu sentia que ele voltaria. Antes de confiar nele, confio em nosso amor.

Talvez fosse errado, mas Dana invejou aquela tranquilidade confiante no amor. Queria um dia sentir aquela cumplicidade inabalável. Era aquela a explicação para a resignação, mesmo que Joly sofresse com a falta.

– E você esteve certa todo o tempo. Thomas voltou!

– Sim, voltou... E não desconverse – pediu Joly. – Quero saber de Betânia. Onde ela a atacou?

– Não fique brava comigo – ela pediu. – É uma longa história e a contarei em detalhes, mas...

Foi interrompida por Ethan ao abrir a porta, despedindo-se de seu cliente, apertando-lhe a mão.

– Vemo-nos na semana que vem para que eu possa instruí-lo a relatar os fatos – disse a Brown. – Minha secretária marcará uma hora.

– Combinado – Daniel murmurou desatento, mirando as duas mulheres lado a lado. – Até semana que vem, Sr. McCain.

Ethan então o liberou, ignorando a reação ante Joly e Danielle. Sinalizando para que sua noiva fosse até ele, disse à secretária:

– Veja o melhor dia e horário e reserve-o para o Sr. Brown, sim? – Joly apenas assentiu e assumiu seu papel. Danielle, sem nada dizer, seguiu até a sala, obediente. – Podemos conversar aqui mesmo, venha.

Depois de dar-lhe passagem, Ethan fechou a porta e foi até sua mesa, recolher alguns papéis.

– Você se diverte com seus clientes, não? – Dana indagou ao recordar a forma como se dirigiu a Daniel Brown.

– Com os assassinos sociopatas, admiradores de mulheres alheias? – Ethan perguntou inocentemente, então parou sua tarefa e admitiu: – Sim, eu me divirto.

– O que farei com você, Ethan? – Dana o imitou, simulando pesar.

– Quanto a mim, não faço ideia – ele voltou à organização dos documentos e anotações –, quanto ao seu admirador, eu mesmo cuidarei dele.

– Eu poderia ver isso? – A ideia de acompanhá-lo na caçada, movida pelo senso torto de justiça a excitou. Daniel nada valia, afinal.

– Está falando sério? – Ethan fechou o processo e a encarou. O velho coração falhava uma batida em expectativa.

– Deve ser interessante ver como os persegue... – ela se aproximou da mesa, sem deixar de encará-lo, perdida nas nuances dos olhos verdes que gradativamente escureciam. – Já caçamos juntos, mas, por necessidade. Imagino que por diversão deva ser ainda melhor... Como fez com King, só que dessa vez verei e não sairei correndo, apavorada.

A lembrança daquela noite, dita justamente por ela, exalando aquele odor, fez o sangue do vampiro correr mais rápido, excitando-o. Finalmente alguém para entendê-lo! E para o bem de seus pecados, era ela, sua Danielle!

– Eu quero que veja – anuiu.

– Perfeito! E depois que terminar o real julgamento, você pode caçar a mim – ela sugeriu. Os rostos quase se tocavam com ambos inclinados sobre os papéis.

– Pervertida – Ethan acusou, chegando ao seu limite.

Com um movimento preciso, capturou-a e a puxou mesmo sobre o tampo da mesa, sem se importar em derrubar o que estivesse no caminho. Beijou-a furiosamente enquanto retirava o paletó e ela desfazia o nó de sua gravata. Dela, ergueu o casaco para ver os seios

nus. Sua própria camisa foi apenas aberta, antes que ele se curvasse e provasse cada mamilo com furor.

– Ethan... – ela grunhiu ao ser tocada sem cuidado, intimamente.

O desejo era urgente, inflamado pela cena sugerida por ela. Em seu limite, Ethan apenas abriu ambas as calças e, depois de girar a bruxa provocadora e arriá-la de bruscões sobre a mesa, abaixou-as. Apertando as nádegas cheias, assistindo o mover de seus dedos na carne firme, ele a estocou.

– Ethan... – Dana choramingou. Oferecendo-se, ergueu o quadril para que Ethan se movesse nela, aumentando o prazer e a agonia até que tudo explodisse em sua mente e seu corpo vibrasse com o orgasmo libertador.

– O que faz comigo? – Ethan indagou junto ao ouvido dela, ainda abalado pela poderosa satisfação. Enlouquecia-o, qual a dúvida? – É melhor nos recompormos.

– Fiz alguma coisa errada? – Dana indagou ao ser solta. Confusa com a mudança repentina ela o obedeceu e arrumou suas roupas. Ethan fez o mesmo sem deixar de olhá-la.

– Não, meu amor... O erro foi meu. Não deveria tê-la atacado. Principalmente com a porta destrancada. Perto de quem pode nos ouvir.

– Ah... – Ela o queria tanto, provocou-o desde cedo, sem pensar no perigo que correriam caso ele cedesse. – A culpa também é minha, então... Prometo me comportar. Era melhor que tivéssemos subido de uma vez.

– Melhor ainda se aprendermos a nos controlar – Ethan salientou, estendendo-lhe a gravata para que a recolocasse. Sua noiva o atendeu e enquanto se ocupava em refazer o nó, ele prosseguiu a contragosto: – Somos mesmo previsíveis, Danielle. Você pode ser mais ponderada, mas sob certos aspectos é tão intempestiva quanto eu. Não resistimos um ao outro, nos dispersamos... Temos tanto a conversar, no entanto...

– Bastou eu distraí-lo para que perdesse o foco – ela completou por ele.

– Exatamente! – Ethan concordou, admirado. – O bom de tudo isso é que estamos cada vez mais ligados. Essas eram basicamente as minhas palavras. Apenas não lhe creditava toda a culpa. Nós nos distraímos mutuamente, meu amor. – Após dar-lhe um beijo sobre os lábios, falou: – Obrigado pela gravata... Agora me ajude a recolher esses papéis. Não se preocupe com a ordem das folhas. Joly pode...

– Joly vai sair para sua hora de almoço, *chère* – anunciou a francesa ao entrar sem bater. – Já que tudo está tão calmo ao ponto dos pombinhos arrulharem sua devassidão para ouvidos sensíveis e inocentes, não vejo problemas em sair. Estarei de volta em breve. Volto com Thomas, tudo bem?

– Sim – Ethan a liberou. – Sabe que não vamos nos desculpar, não?

– Por favor! – Joly pediu e ergueu as mãos. – Chega de mudanças esquisitas por aqui. Você pedir desculpas sinceras duas vezes no mesmo mês será como um prenúncio do Apocalipse. Cuidem-se e... da próxima vez arrumem um quarto a prova de som.

Antes que qualquer um dos dois pudesse retrucar, Joly se foi. O casal nada disse, sabiam que tinha razão. Ainda sem proferir palavra, recolheram papéis e pastas. Com tudo acomodado sobre a mesa, Ethan estendeu seu paletó no espaldar da cadeira, sentou-se e trouxe Danielle para seu colo. Tinham de exercitar o controle, não ficar afastados.

– Ethan... – Dana achou por bem, conversarem como devido. – Vai me dizer por que me abraçou daquele jeito?

– Acho que percebi o que aconteceu – disse ele, seriamente, mirando-a. Sabia que ela se referia ao abraço na sala de Andrew. – Acredito que Raquel tentou me usar para transformá-la.

– Como assim? – Dana uniu as sobrancelhas.

– Ela me mandou um recado no dia em que você foi até... Paul, dizendo que eu não deveria transformá-la, Danielle.

– Você me transformou para contrariar Raquel?! – Dana se agitou, estarrecida.

– Até mesmo seus absurdos devem ter um limite, não? – Ethan a segurou firmemente, aborrecido com a dedução. – Assumi o risco por minha conta e a transformei porque você me fez ver que eu estava errado. Muito antes daquele rábula dos infernos a arrastar para a morte, então nunca se atreva questionar minha decisão.

– Ethan, me desculpe – ela pediu segurando-lhe o rosto, unindo o seu ao dele para repetir: – Me desculpe... Eu sei disso, mas ela me tira do sério, não sei o que pensar.

– Ela também me confunde, mas se você está aqui é por minha determinação, não dela... E se Raquel acha que tem algum mérito, está muito enganada.

– Deixe que ela acredite, Ethan – Dana pediu, encarando-o. – Vamos fazer o jogo dela, deixando que acredite que nos engana.

– Esqueceu que ela é como Andrew? Raquel saberá.

– Escute... Posso estar enganada, mas cada vez mais duvido dessa leitura de mentes.

– O que quer dizer com isso? – Ethan uniu ainda mais o cenho.

– Eu acho que eles não podem saber o que pensamos porcaria nenhuma!

– Vamos com calma, Danielle – Ethan pediu, segurando-lhe as mãos. Doía-lhe lembrar, mas não poderia deixar sua noiva confiar num erro. – Demini ouviu meus pensamentos, quando estivemos no apartamento dele.

– Pode ser que sim. Não tenho como saber, pois não sei com exatidão o que pensou, apenas ouvia os comentários dele, mas... E se por acaso não for bem assim? – insistiu. Cada vez mais sua teoria ganhava força. – E se ele apenas... intuiu o que você pensou?

– Não pode ser tão simples – Ethan reforçou sua negativa com um manear de cabeça. – Como comentou, não sabe o que pensei, mas eu posso afirmar que as respostas eram exatas. Batiam com cada pensamento.

– Como fazemos desde que passamos a conviver um com o outro. Ontem e hoje você respondeu a vários pensamentos meus.

– E você aos meus... – Ethan divagou, recordando todas às vezes, ainda que se recusasse a acreditar na simplicidade do que acreditava ser um dom. Como a sua força que era algo real. Seria temerário confiar quando precisavam ter cautela.

– Ethan, pense bem... – Dana pediu ao se reacomodar sobre as coxas dele, animando-se. – Gosto disso de estarmos mais ligados, mas e se não for o caso... E se for tão somente por estarmos em paz, sem grandes desavenças ou contrariedades. Quantas vezes nos desentendemos depois de minha transformação?

– Mais do que eu gostaria – ele assegurou, sem numerar, afagando-lhe a nuca.

– Isso! – ela exultou, arrepiando-se com o carinho, porém sem distrair-se. – Eles são frios e calculistas, meu amor. Centenas de anos mais velhos do que nós... Tiveram muito tempo para observar as pessoas. Com certeza conhecem cada expressão facial, o mínimo tique nervoso que denuncie um pensamento fortuito e então... Bingo! Eles lançam uma frase de efeito e o leva a crer que leram sua mente.

– Bingo?! – Ethan não se furtou de provocá-la. Tinha de pará-la ou enlouqueceria. Precisava pensar, pois estava muito tentado a acreditar no que ouvia.

– Ah, não! – ela se deixou levar. – Não é possível que não saiba o que...

– Sei o que significa – ele a cortou divertido, intensificando o carinho. – Já tive o desprazer de participar de bingos beneficentes. Sei que não é nada que vá desejar comer.

– Você está me distraindo... – Dana o acusou, novamente sentindo-se eriçar com o carinho mais forte em sua nuca. – Temos de conversar, Ethan. O que aconteceu com o que disse ainda há pouco?

– Ainda vale – ele assegurou, beijando-lhe o canto da boca. – Mas o que me diz é sério demais. Temos de analisar sua teoria com calma. Não podemos errar quanto a isso, Danielle.

– E sua forma de analisar minha teoria é me seduzindo? – Dana indagou, amolecida, pendendo o pescoço para receber um beijo enquanto Ethan abria um botão de seu casaco.

– Só um pouquinho. A senhorita tem alguma objeção? – Ethan perguntou roçando os lábios na curva do pescoço.

– Nenhuma! Mantenha essa intenção enquanto tranco a porta.

Capítulo Vinte e Cinco

Era eticamente incorreto permanecer com sua noiva seminua sobre as coxas, no sofá de seu escritório, a portas fechadas. Em tese, deveria ser ele a dar bons exemplos, porém Ethan não se sentia inclinado ao bom comportamento. Muitos ainda trabalhavam, incessantemente, apesar de ser hora do almoço, então, ao lado, estava seus funcionários, um possível inimigo, perigo, blá-blá-blá... Entretanto, seria estupidez não aproveitar o momento de paz.

De toda forma, nunca se encaixou nos padrões, então não destrancava a porta, nem pedia a Danielle que se vestisse. Era bom poder acariciar as coxas expostas enquanto se mantinha calmo a despeito do que conversaram até ali.

Sendo sincero, reconhecia estar mais incomodado com os interesses de Demini e Raquel em relação à Danielle do que em saber como decifravam as mentes. Poderia entender caso a usassem para atingi-lo, não que estivessem verdadeira e sentimentalmente interessados nela. Por incrível que pudesse parecer, a única que agia de acordo era Betânia. E, em qualquer um dos casos, exasperava-o.

– Ethan? – Danielle o chamou. O vampiro resmungou algo ininteligível junto aos cabelos, levando-a a sorrir e gracejar. – Amo seus abraços, mas não precisa me quebrar.

– Perdoe-me – pediu, afrouxando o abraço.

– Também ajudaria se parasse de rosnar – falou mansamente, massageando-lhe o peito, como se daquela forma pudesse silenciá-lo. – Divida comigo... No que está pensando?

– Não consegue adivinhar? – Ethan igualmente gracejou, reprimindo os roncos que também não reparara, deixando-se levar pelo carinho tranquilizador entre sua camisa aberta.

– Não... E isso só reforça minha teoria. Não estou olhando para você, estamos calmos – ele riu, pois entendeu a referência à sua falsa mansidão. Ela prosseguiu: – Não tenho como intuir o que se passa por sua cabeça. Tenho apenas uma vaga ideia de que seja algo sobre o que conversamos, mas não tenho como saber exatamente, o quê.

– Estou pensando nos interesses de Raquel – admitiu.

– Então entendo os rosnados – ela comentou, apertando-se contra ele. – Ela pode fazer toda aquela encenação com Seager, mas, para mim, Raquel o usa tanto quanto Graco. Sei que ela quer algo com você, a vadia!

– Eu penso o contrário – Ethan começou cauteloso. – Por favor, não se exalte, mas... Eu acho que ela quer você.

– O quê?! – ela indagou num murmúrio incrédulo. – Não pode estar falando sério!

– Infelizmente, estou... Percebi o quanto ela ficou abalada quando contou sobre o ataque.

Dana também lhe flagrou o olhar consternado, mas não acreditava que seu noivo estivesse certo. Ele não poderia estar!

– Pare com isso, Ethan. Aquela cretina dissimulada sempre quis você.

– Será? – A cada minuto sua dúvida se fortalecia. – A preocupação era real. Ela realmente temeu que Betânia a tivesse machucado. Você é o alvo, Danielle, e agora com mais uma a desejá-la.

– Pare de repetir isso, por favor!

– Estou seguindo sua linha de raciocínio, meu amor... Temos de ser frios se quisermos descobrir alguma coisa.

– Você tem razão – Dana desarmou-se. – Não acredito nessa dedução, mas não vou descartar a hipótese... Até mesmo porque, por um instante, tive a impressão de ter visto a verdadeira Raquel.

– Não estou entendendo, Danielle – Ethan a obrigou a encará-lo. – Como pode saber quem é a verdadeira Raquel? Vocês duas se encontraram duas vezes e por um tempo mínimo.

– Eu já lhe disse... – Dana falou aflita, pois nem ela entendia. – Não sei explicar. É como uma... impressão. Chame de instinto se quiser, mas é algo que para mim, é concreto e certo, mesmo sem precedentes.

– Meu amor – o vampiro começou mansamente, cauteloso, segurando-lhe o rosto com ambas as mãos. – Isso pode ser só uma cisma.

– Não – ela negou segura, cobrindo-lhe as mãos com as suas para no mesmo tom, exemplificar: – É o mesmo que a princípio, senti por você... Já expliquei como sentia medo sem nem entender... E no fim, você me mostrou que...

– Já entendi – ele a contou, contrafeito. – Era seu senso de preservação, alertando sobre algo que você não poderia sequer imaginar.

– Exato.

– Certo! No meu caso você tinha todos os motivos para sentir medo, mas o que isso tem a ver com Raquel? Está querendo me dizer que a conhece de *antes*?!

– Não, Ethan! – Dana respondeu no mesmo tom. – Apenas quero que entenda como me sinto. A sensação é a mesma. Eu não sei explicar, não sei o que significa, mas é forte, palpável... Eu tenho certeza de que aquela Raquel, a que vi por poucos segundos, é a

verdadeira. E se sua impressão estiver certa, podemos dizer que ela se mostrou apenas *para mim*.

Ethan nunca fora afeito a superstições, mas se impressionou com um calafrio agourento que lhe subiu a coluna ao ouvir tais palavras. Reflexivo, puxou Danielle para si e, novamente a prendeu num abraço esmagador. Ao externar sua conclusão a voz saiu estrangulada, furiosa:

– É uma troca! Eu os privei de Sabina, agora eles querem me privar de você.

– Não sabemos, Ethan – ela tentou tranquilizá-lo. Com o queixo comprimido contra o ombro largo, ela retribuiu o abraço. – Pouco importa o que eles querem. Podemos estar errados.

– Não creio! – Ethan finalmente a liberou. – Sua impressão sobre mim sempre esteve certa.

– É melhor paramos com as especulações. E agir. Vamos esquecer Raquel por um instante e falar de Seager? Estava pensando em conversar com ele.

– Conversar com Seager? Por quê? – O absurdo, sem dúvida, distraiu-o.

– Você não o sente isolado? Não sei você, mas eu acho que ele é sincero.

– Outra intuição? – Ethan indagou, secamente.

– Um palpite. – Intimamente Dana agradeceu a bronca. Era preferível ao temor. Evitando sorrir, correu o indicador no encontro das sobrancelhas unidas sobre a ponte do nariz, adulando-o. – Vamos... Acho que podemos fazer com que venha para nosso lado.

– Ele já está do nosso lado, Danielle – ele retrucou duramente, incomodado. Depois de colocá-la sobre o sofá, passou a se recompor. O recreio chegara ao fim.

Dana o imitou, vestindo-se apressadamente, sem desistir.

– Por favor, meu amor – ela pediu. – Eu só quero ajudar.

– Em que me ajudaria você ir conversar com Seager? – indagou enciumado. Sentimento infernal que não conseguia evitar.

– Eu não sei – disse sincera, era um palpite. – Mas acho que ele se sentiria mais a vontade comigo... Dá para perceber que você o intimida.

– Essa é justamente a parte que me incomoda – retorquiu Ethan, taciturno. – Não quero ninguém, vampiro ou humano, *à vontade* com você.

– Por favor, Ethan! – ela implorou. Desde que a ideia lhe ocorreu parecia tão certa e importante. – Sei como se sente, mas entendo que no mundo onde habitamos vamos estar

com homens e mulheres. E teremos de fazer coisas separadamente. Teremos de nos desligar às vezes... Por que não começamos de agora?

Desligar. Desapegar. Inferno! Ethan blasfemou incrédulo. Agora Danielle falava como Raquel! Pior era não falarem nada que ele mesmo já não soubesse.

– Tem de ser aqui, agora – anuiu roucamente. Segurando-a pelo pulso, recomendou: – E não demore, pois esse desligamento está em teste.

– Dará certo! – Dana lhe sorriu encorajadora. Com uma piscadela tentou desanuviar o semblante carregado. – É isso ou nos mudamos para o pólo Norte.

– Onde tentaria os esquimós? – Ethan se forçou gracejar. – Eu passo!

Dana alargou o sorriso e se lançou sobre ele para beijá-lo. Seria breve, próprio para o tempo que ficaria longe, porém Ethan a fechou num abraço férreo, prendendo seus lábios possessivamente. E da mesma forma que a prendeu a soltou, afastando-a a distância de um braço.

– Vá de uma vez! – ordenou.

Ela ainda o encarou por um segundo, não por reconsiderar, mas estranhando a vontade imediata de obedecê-lo. O desejo duelava com sua estranheza, quando recebeu um olhar severo. Sem nada dizer, apenas cumpriu a vontade premente, não sua, mas *dele*! O que estaria acontecendo?

Todo questionamento se foi ao chegar à sala de Seager e o encontrar, mais uma vez, entretido com papéis e, agora, também com frenéticas anotações.

– Atrapalho? – Dana soou o mais jovial possível. Seager deitou a caneta sobre a mesa e ergueu os olhos. Sem responder, olhou além dela. – Ethan não vem – ela comentou ao imaginar ser essa a questão. Como o vampiro não respondeu, insistiu: – Estou atrapalhando, não é?

– Não! Nossa! – Seager exclamou, pondo-se de pé para indicar a cadeira diante de sua mesa. – Que falta de educação a minha, fique à vontade. Entre! Sente-se!

– Espero mesmo não estar atrapalhando – disse Dana tão logo Seager voltou a se sentar –, mas eu tive de vir.

– Por quê? – Seager se recostou contra o espaldar da cadeira, não por comodidade, mas para manter maior distância. Num ato reflexo de proteção.

– Acalme-se, vim em missão de paz – disse apaziguadora.

Seager uniu as sobrancelhas e lhe perscrutou o rosto, deixando transparecer sua dúvida. Dana reparou o quanto ele era bonito. O tom loiro de seus cabelos combinava perfeitamente com o azul dos olhos. Era tão alto e forte quanto Ethan, Thomas ou Graco.

Dana se compadeceu por sua pouca valorização. Como não tinha um plano e ele ainda a analisasse sem nada dizer, acrescentou:

– Na verdade, vim te pedir desculpas.

– Desculpas?! – Seager estranhou e novamente olhou a porta.

– Como já disse, Ethan não vem – ela o tranquilizou. – Pedi que me deixasse concertar minha indelicadeza.

– Por interpelar Raquel? – indagou. Dana imediatamente assentiu. – Sabe que não considere indelicadeza. Sabe que não tenho o que desculpar, mas se precisa ouvir, eu desculpo. E me atrevo a dizer que deveria pedir desculpas a Raquel.

– Pedirei. – Não mentiu. Queria muito encontrá-la a sós e um pedido de desculpas viria a calhar. Porém, no momento, seu alvo era ele, que por duas vezes atribuiu a ela uma certeza que não tinha. – Também gostaria de saber como se sente... Depois do atentado.

– Estou bem. – Seager se moveu, incomodado. – Você sabe que Betânia ateou fogo ao meu apartamento. Se Raquel não me salvasse não estaria aqui.

– Então você deve sua vida a ela – Dana concluiu, desanimada. Gratidão era um elo eterno. Seager era, de fato, uma peça perdida. Para sua surpresa ele desviou o olhar, claramente incomodado. – O que foi? Eu disse algo errado?

– Não é isso... Não me interprete mal, por favor... Você sabe, gosto de Raquel, ela salvou minha vida, mas...

– Mas...? – Dana o encorajou com renovada esperança, ainda mais curiosa.

Seager novamente lhe analisou o rosto. Quando falou a surpreendeu com a pergunta direta:

– Por que me pergunta se sabe as respostas?

– E como eu saberia? – Dana uniu as sobrancelhas em estranheza.

– Não precisa ser educada – Seager pediu um tanto ressentido. – Já deixou escapar que é como eles.

– Me desculpe, mas não sei do que está falando... Eu sou como quem?

– Andrew, Raquel... Antes eu achei que Ethan fosse igual, mas com o tempo vi que não – explicou de forma truncada. Então se calou um instante e, depois de novamente analisar o rosto de Dana, perguntou surpreso: – Você não sabe o que penso?

– Parece que eu sei? – Dana não queria demonstrar seu espanto, mas foi inevitável. – Por que achou isso?

– Você disse que Ethan não viria quando me questionei. Depois me disse que veio em paz, novamente respondendo a uma pergunta muda.

– Juro que foi coincidência – ela assegurou, encobrindo sua satisfação: estava certa!

– Então não pode mesmo ouvir meus pensamentos? – Seager ainda desconfiava.

– Não. E pior que nem posso provar. – Dana deu de ombros.

– Tanto faz! Eu acredito em você – ele aquiesceu, relaxando por fim. – Eles ficam tão orgulhosos desse dom, então não vejo porque você negaria.

– Eu te asseguro que meu único dom é ser forte e mesmo assim, acho que não dura por muito tempo.

– Não dura... Minha força valeu por, mais ou menos, um mês.

– Um mês?! – Dana se moveu na cadeira, aproximando-se da mesa. – Só isso?

– Ethan não lhe disse? – Seager se mostrou desconfortável.

– Está tudo bem – tentou tranquilizá-lo. – Não conversamos sobre isso.

– Eu imagino que não...

Quando seus olhares se cruzaram, Dana pode ver o brilho malicioso, não maldoso, nos olhos azuis. Era como se Seager apenas insinuasse saber sobre a *fome* que sentiam um pelo outro. E então a expressão do vampiro fechou.

– Me perdoe. Fui indiscreto.

– Tudo bem... Acho que falou em causa própria. – Dana sorriu e esperou por algum comentário, porém Seager sequer se moveu. – Eu... Disse algo errado?

– Você se importaria de me deixar sozinho? – Seager pediu, passando a mexer em alguns papéis dispostos sobre sua mesa, dando-lhes uma repentina e exagerada atenção.

Dana não queria ir embora. Não agora que sua curiosidade estava no limite. Seager se mostrou ser mistério e ela queria desvendá-lo. O desejo foi tão forte que agiu por instinto ao se aproximar e segurar as mãos ocupadas. Assustado, Seager as recolheu, quase com violência.

– Me desculpe, não queria assustá-lo, só... – Ela se sentia culpada e nem mesmo sabia a razão.

– Eu que peço desculpas – Seager afastou a cadeira e, sem levantar, passou as mãos pelos cabelos. – Você foi tão atenciosa vindo aqui e eu... Me desculpe. É que eu não queria falar a respeito.

– Tudo bem – Dana repetiu, verdadeiramente envergonhada. – Eu entendo e de toda forma, acho que ultrapassei um limite. Pode, ao menos, me dizer quantos anos você tem?

Seager uniu as sobrancelhas em estranheza, encarou-a por um instante, como se estudasse a pergunta e qual sua relevância no contexto. Pareceu desistir ao bufar cansado e responder:

– Morri aos vinte e cinco. Isso há seis anos, então, pode-se dizer que tenho trinta e um.

– Vinte e cinco – ela repetiu. – Como eu tenho agora, então, teoricamente temos a mesma idade.

– Acho que sim – ele novamente estranhou, porém não silenciou. – Por que a pergunta?

– É que me ocorreu que somos os mais novos aqui. Acho que poderíamos ser amigos.

Seager a encarou como se ela possuísse muitas cabeças, então, após nova deliberação consigo mesmo, perguntou:

– O que Ethan pensaria sobre isso?

– Não sei – Dana tentou transparecer tranquilidade, rogando para que Ethan a entendesse, pois sua boa impressão somente aumentava. – Veremos com o tempo. Você tem razão quando diz que é cedo para confiar, mas sinto que posso te dar algum crédito, então... Saiba que pode contar comigo. Caso queira conversar.

– Se Ethan não se opor... – Seager deixou no ar, incerto.

– Fechado! – Dana lhe sorriu.

– Obrigado por ter vindo – Seager arriscou sorrir –, mesmo sem precisão. Jamais vou esquecer esta atenção.

– É isso que os amigos fazem – ela brincou, antes de apontar para a mesa. – E também deixam os outros trabalhem. Não vou mais tomar seu tempo.

– Preciso mesmo cuidar disso. Esse cliente estava louco atrás de mim. – Seager se levantou, sorrindo sem reservas. – Até breve, Danielle!

– Até breve! – Dana lhe acenou e enfim deixou a sala, contendo-se para não correr; estava ansiosa para relatar a Ethan tudo o que conversaram.

Particularmente gostou mais do que não ouviu. Seager não se sentia em dívida com Raquel, nem a considerava ao ponto de se preocupar com sua opinião quanto a uma possível – ou talvez improvável – amizade entre eles.

Dana lutava contra um sorriso, quando ergueu o rosto e descobriu Ethan em seu elevador, de braços cruzados, rosto sério. Algo estava errado, ela sabia. Assim como tinha

certeza de que era esperada, então, livre do contentamento anterior, sem deixar de olhá-lo, caminhou para encontrá-lo.

– Oi – ela cumprimentou ao entrar. Seu noivo nada disse, apenas se aproximou para apertar o botão, rumo à garagem. – Para onde vamos?

– Conversar.

A voz saiu dura e rouca, calando a pergunta seguinte: Para onde?

– Não seria melhor subirmos?

– Não quero distrações.

Com a preocupação a tomar o espaço do contentamento anterior, Dana correu as mãos pelos cabelos e alisou sua roupa, muito consciente de que Ethan não perdia um de seus movimentos.

– Vai me dizer o que aconteceu depois que o deixei? – indagou por fim. – Ou para onde vamos? Não tem de atender a um cliente?

– Mesmo com a necessidade de encenação, você sabe que receber clientes é minha última preocupação, não?

– Sim, eu sei... Então posso também saber o que há de errado? Está bravo comigo?

Não parecia possível, Dana pensou, afinal não fizera nada além do que disse que faria com o consentimento dele. Ao flagrar o brilho fortuito nos olhos verdes, ela soube.

– Você ouviu nossa conversa! – exclamou segura, sem acusação.

– Está ficando boa em *ouvir* pensamento – Ethan admitiu, soturno. – Não pude evitar.

Ou assim ele queria acreditar, afinal escolher um escritório próximo ao de Seager para sua visita depois que decidiu se distrair, não fora coincidência.

– Mas posso imaginar o quanto tentou – retrucou Dana, relutando em não recriminá-lo. – Pensei que confiasse em mim.

– Sabe que não se trata de confiança. E, sim, eu tentei evitar.

– Ah, tudo bem! – Dana desarmou-se, não deveriam brigar e de toda forma... – Eu ia mesmo contar o que conversamos. Já que ouviu, o que achou?

– Ainda estou decidindo sobre serem amigos – Ethan cruzou os braços, empertigando-se –, mas reconheço que fez bem em ir até ele.

– Não sei você, mas eu acho que Seager pode, sim, vir de verdade para o nosso lado. Ele é novo, assim como eu... Talvez por isso tenha sido uma presa fácil para a dominação de Graco.

– Sim, sim... – Ethan agitou a mão, aborrecido. – Os dois são novos e se deram bem, mas ele ser fraco nada tem a ver com pouca idade. Fui transformado com apenas quatro anos a mais e nunca fui subserviente. Homem algum é tão submisso. Tem de haver algo mais.

– Eu senti que tem – assegurou Dana, abrindo um sorriso.

– Não duvido – replicou secamente, olhando o marcador de andares ao sentir o elevador perder força. Ao novamente encarar sua noiva e vê-la ainda a sorrir, aborreceu-se mais. – O que é tão engraçado?

– Ver um vampiro bicentenário com ciúmes de um que é praticamente um menininho se for comparar.

– Um menininho sexualmente ativo, carente, muito interessado em uma amizade que você sugeriu – Ethan rosnou entre dentes, conduzindo-a para fora do elevador ao chegarem à garagem.

Dana não se atreveu a retrucar. Apenas se deixou levar até estarem próximos aos carros, onde Ethan se voltou e lhe segurou o rosto.

– Não preciso de mais problemas com Seager do que os que eu já tenho – prosseguiu. – Eu imaginava que ele fosse novo, mas não pensei que fosse tanto. Como você observou, são os mais jovens desse grupo e não foi agradável perceber que possam ter muito mais coisas em comum. Ele fala a sua língua.

– Certo, Ethan! – Dana falou livre de humor, arrependida por provocá-lo – A culpa é minha por te lembrar o quanto é antigo, mas *você* fala a única língua que me interessa. Eu sugeri essa amizade por reflexo, me pareceu certo. Acho que pode vir a ser útil para nós. E, você sabe que não houve qualquer indício *de interesse*... Sim, você sabe, afinal ouviu.

– Ouvi, não vi nem senti – ele retrucou ainda raivoso. Respirando fundo, como se o ar fosse acalmá-lo. – E não quero pensar nisso agora. Como eu disse, viemos aqui para conversar, sem distrações.

– Eu pensei que fosse para falar sobre o que ouviu. – Ethan a confundia.

– Em parte, mas não quero me ocupar disso e, sim, dizer que você tem razão.

– Exatamente em quê? – Dana ainda não entendia.

– A confusão de Seager, ao imaginar que você pudesse ler a mente dele, com o comentário sobre ter imaginado que eu pudesse fazer o mesmo, fez-me analisar certos acontecimentos.

– Como assim? Quais?

– Eu me lembrei de todas às vezes nas quais intui um pensamento apenas por flagrar alguma expressão. Como você sugeriu ser o caso de Demini e Raquel.

– De verdade? – Dana sorriu expectante.

– De verdade. – Ele não a acompanhou no sorriso. – E não somente com imortais, mas com humanos também, desde que fui transformado. Nunca dei maior atenção ao fato, pois era tão corriqueiro.

– Bem, sem dúvida você fez isso comigo algumas vezes. Era como se visse a minha alma. Como o dia no qual descobriu que Ron Blackwood foi mais do que um simples amigo. Nossa! Fiquei furiosa com você aquela noite, e...

– Eu fiquei furioso com você naquela noite – Ethan a cortou, aproximando-se para segurá-la pela nuca. – O brilho em seus olhos falou mais do que mil palavras o quanto Blackwood tinha sido especial, tanto que o homenageia.

– Não, Ethan, por favor... – Dana maximizou os olhos, preocupada com a lembrança que inadvertidamente provocou. Agora tinha uma criaturinha indefesa com o mesmo nome.

– Tudo bem, Danielle. Não vou atirar aquele pulguinto pela janela – disse ele, não mais a surpreendendo, somente reforçando sua tese ao acalmá-la tão prontamente. – O que quero é que não me distraia. Não quando é tão difícil manter minha decisão.

– Qual decisão? – Dana gemeu. – Ethan, eu não consigo te acompanhar.

– Eu sei, pois igualmente não me entendo – ele uniu as testas e fechou os olhos, sem soltá-la. – E está bem ruim sentir essa inquietação, mas devo seguir sua intuição, afinal tudo o que tem dito tem sido válido até aqui.

– Seguir minha intuição? – Dana entendeu menos ainda.

– Esteve certa ao seguir a pista deixada por Raquel. Certa sobre Andrew ser Graco e agora ao desmascarar a farsa sobre seus dons, então... Quero que você vá encontrá-la.

– Raquel?!

– Sim. Por incrível que possa parecer – ele confirmou. – Mas tem de ser agora, antes que eu me arrependa.

– Ethan...

– Está com seu celular? – perguntou ele, sem nunca soltá-la.

– Estou, mas...

Ethan a calou com um beijo possessivo. Dana correspondeu, aquecendo-se com aquela paixão repentina, mesmo ainda confusa. Não sabia o que pensar ou como Ethan chegara àquela decisão, nem teve tempo de descobrir. Muito menos seguir com tudo o que aquele beijo lhe inspirava, pois Ethan, da mesma forma que a prendeu, soltou-a.

– Aqui está! – Estendeu as chaves do Mégane. Tinha os olhos escurecidos, a voz, rouca. – Vou confiar também em meu instinto e acreditar que Raquel não tentará nada contra você. Eu queria segui-la e esperar por perto, mas é melhor que Seager me veja aqui.

– Tem certeza? – Ela queria aquilo. Era repentino, mas se sentia pronta para prosseguir com a conversa interrompida, contudo não lhe agradava ver a força extrema que Ethan fazia em aceitar a própria decisão. – Talvez fosse o caso...

– Não há hora melhor – Ethan a interrompeu. – Joly e Thomas logo estarão de volta e eu tenho o maldito cliente para ocupar minha mente. Quando Seager souber que vocês duas conversaram irá acreditar ainda mais em você, então, por favor, evite brigas. Apenas se defenda caso ela...

– Raquel não vai me atacar – Dana completou, quando Ethan não foi capaz. Ele apenas assentiu. – Obrigada por me deixar fazer isso.

– Desligar. Não foi o que disse? – Ethan a lembrou. – Estou tentando, então não me agradeça. Apenas faça o que tem de fazer e volte. Você tem uma hora. Se não estiver aqui ou ligar, vou entender que algo está errado. E que os deuses me defendam, Danielle, pois acabo com seu novo amigo e saio à caça de Raquel.

– Por favor, Ethan – ela pediu alarmada. – Não vá fazer nada impensado, afinal posso não cumprir essa determinação por algum impedimento bobo, como... ficar sem sinal.

– Pois verifique as barras de conexão, assim como as condições do trânsito e dê sinal de vida em uma hora. Agora vá!

Com sua ordem definitiva, Ethan depositou a chave na palma da mão de sua noiva e, refreando o impulso de beijá-la, partiu decidido até a escadaria. Não queria vê-la sair, parecia-lhe dramático. Definitivo.

Capítulo Vinte e Seis

O vampiro ainda tentava domar os tremores de seu corpo quando se fechou em sua sala. Precisava de fato se acalmar, então tornou a recorrer ao seu velho paliativo. Terminava de completar o copo com uísque, quando bateram à porta. Antes de responder, bebeu todo o líquido a um só gole, abriu os últimos botões do paletó e assumiu sua cadeira.

– Entre! – Percebeu que sua voz soou impaciente, mas não se importou. Era como se sentia.

– Com sua licença... – Seager pediu ao abrir a porta.

– Tem toda – liberou.

Era lamentável não poder, de fato, ouvir pensamentos, pois caso pudesse, Ethan iria querer adiantar a razão daquela visita, em vez de esperar pelas reações faciais ou palavras do vampiro que avançava receoso, seguindo até sua mesa. A inquietação de Ethan alcançava picos desconhecidos quando indagou, depois de meio minuto:

– Tenciona me dizer alguma coisa, Seager, ou veio apenas olhar para mim?

– Desculpe-me, Ethan. – Ele correu uma das mãos pelos cabelos. – Vim dizer uma coisa a você, mas aqui, não sei como soar.

– Só saberemos quando disser – Ethan retrucou, lamentando não ter bebido mais um pouco. Talvez agora sua garganta ardesse por outra razão.

– Bem... Sua noiva foi conversar comigo... – começou incerto. – Posso me sentar?

Ethan apenas indicou a cadeira, pois sua voz não soaria das mais amigáveis. Deveria estar satisfeito por Seager estar ali, vendo que não espreitava sua amante enquanto Danielle a interpelasse, contudo, não apreciava aquele tema.

– Pois bem... – Seager prosseguiu. – Não sei se ela contou o que falamos, afinal vi que desceram e você já está de volta.

– Ela não disse. – Mentir era fácil.

– Bem... Então... Veja... – Seager se moveu, incomodado, irritando Ethan ainda mais. – Não conversamos nada de muito importante, mas... Ela me propôs uma coisa que me levou a pensar. Mas antes...

– Fale de uma vez – ordenou Ethan, enrouquecido, cerrando os punhos fortemente. Seager estava ali para lhe pedir permissão?!

– Bom... Danielle me ofereceu amizade – disse Seager, obediente –, mas depois que ela saiu, pensei que não poderia aceitar uma vez que nem você, nunca quis me conhecer a esse ponto.

– De fato eu nunca quis – Ethan reconheceu sem remorsos, tentando acalmar seu gênio por notar que Seager apenas reconhecia a importância das convenções. – Hoje vejo que errei. Quando se juntou ao grupo eu deveria tê-lo acolhido dessa maneira. Deveria ter perguntado de onde veio, sua história pessoal...

– Teria sido interessante, pois quando soube de seu estilo de vida acreditei ter encontrado meu lugar no mundo. Infelizmente a realidade não foi bem como eu imaginei. Samantha, assim como você, sempre foi indiferente. Os Millers são educados, mas por obrigação, sendo que o único que demonstrou algum interesse genuíno fora Andrew. E hoje bem sabemos o motivo.

– Comparada à manipulação, minha indiferença não parece tão ruim, afinal – retrucou.

Para sua surpresa, Seager riu brevemente, descrente, maneando a cabeça ante uma contrariedade particular. Ato contínuo se levantou e o encarou com seriedade.

– Quer saber? Sua indiferença sempre será ruim. Principalmente agora. Não sei onde eu estava com a cabeça, quando pensei que alguma coisa pudesse ter mudado. Não vou mais tomar seu tempo...

– Sente-se, Seager. – Ethan lhe indicou a cadeira, sem se alterar, quando este fez menção de partir.

– Isso é uma ordem, senhor? – Seager sustentava seu olhar, resignado.

– Não, é um pedido. Por favor, sente-se. E me desculpe se fui cruel. Minha frieza se equipara ao oportunismo de Demini e é igualmente inaceitável.

Seager ainda permaneceu de pé, escrutinando-lhe o rosto, indeciso.

– Como disse, foi um pedido – Ethan acrescentou. – Tem toda a liberdade para sair caso queira, mas, por favor, não volte a me chamar de senhor. Isso, sim, é uma ordem.

Seager respirou profundamente, então ajeitou o paletó impecável, e voltou a se sentar.

– Prefiro ficar, pois não disse tudo.

Ethan consultou seu relógio: 14h28. Não teria muito tempo, porém não queria apressar o *rapaz*, com isso avisou:

– Fique à vontade, mas saiba que às quinze horas, tenho um compromisso.

– Não vou demorar tanto – assegurou Seager. – Eu gostaria de dizer que, antes de temê-lo, Ethan, eu o admiro. Sempre considerei incrível essa ideia de viver integrado aos humanos. Tudo bem que você os mata, mas já me acostumei a isso. Não conheci muitos

vampiros. Antes de ser transformado, nem acreditava que criaturas como nós pudessem ser reais e, a que conheci era bem diferente de todos vocês. Então, foi como falei... Ver que existiam criaturas civilizadas, pareceu ser a solução que eu imaginei nunca existir. Quando humano, nunca fui irritadiço, nunca me saí bem em brigas, reconheço que era um *nerd*.

– Certo! Você admira meu estilo de vida não convencional a um vampiro e era um *nerd*. O que mais? – repetiu apenas para fazê-lo prosseguir.

– Sim, eu era, e acho que por isso hoje sou tão fraco. Cresci sendo intimidado por caras como Andrew ou você. Na faculdade ficava no meu canto e não tive maiores problemas, mas o estrago já estava feito. Eu não curto desavenças e, caso possa, faço tudo para evitá-las. Talvez você me considere um covarde, eu prefiro acreditar que sou pacifista. De qualquer forma, não tenho o perfil de um vampiro convencional. Nem sei por que ela me escolheu afinal.

Ethan não precisava de mais palavras ou ler mentes para saber que Seager se referia a quem o transformou. Portanto indagou, seguro:

– Sua criadora não lhe disse?

– Ester disse algo sobre eu ser o preferido dela – Seager respondeu, incomodado. – Mas não é sobre isso que quero falar. Quero que entenda o que vocês representam para mim.

– Eu creio que já entendi. – Ethan se reacomodou sobre a cadeira, tendo a nítida sensação de que, naquele momento, caso Seager ainda acreditasse, poderia soltar algumas frases de efeito para impressioná-lo, fazendo parecer que lia sua mente. A certeza era tamanha, que novamente falou sem medo de errar: – Essa Ester, de quem não se sente à vontade para falar, não é como nós. É violenta, sanguinária, e você não se identificou com o modo de vida dela, estou errado?

– Não está. – Seager perscrutava-lhe o rosto muito atento.

A informação não era relevante, contudo, Ethan quis saber como Seager estava sozinho ao chegar, uma vez que era o preferido de sua criadora. Baseado nos relatos conhecidos, e agora por própria experiência, sabia que vampiros não eram volúveis. Polígamos algumas vezes... Passionais, sem dúvida. Mas não volúveis.

– Se estou certo, diga-me... Onde está sua criadora? O que aconteceu a ela? – Tinha de ter acontecido algo, Ethan sabia. Ao flagrar o terror nos olhos azuis, disparou: – Ela morreu?

– Ethan... – Seager se moveu, incomodado, receoso. E Ethan soube. Simplesmente soube.

– Você a matou – disse, não questionou. – Você matou sua criadora.

Seager maximizou os olhos, contudo não negou. Depois de deixar a cadeira e passar a andar de um lado ao outro, admitiu, rouco, sofrido:

– Não tive escolha. Eu a amava, mas Ester era cruel ao extremo. Eu tentei mudá-la... Tentei entendê-la... Perdoá-la... Mas a cada dia ela ficava pior. Se matasse para se alimentar, vá lá... No entanto, não era o caso. E ela não fazia distinção...

Ethan, mais uma vez soube o que ele diria, mas não se atreveu a se antecipar. Expectante, sentindo surgir o asco póstumo, ouviu Seager concluir os feitos abjetos de sua amada morta:

– Ester tinha predileção por crianças... Quanto mais novas, melhor... Quando a flagrei com um menino que não deveria ter mais de quatro anos, eu enlouqueci. Ester sequer viu o que a atingiu. Eu lhe cravei uma estaca, bem aqui... – Seager indicou o próprio coração. – Então... Arranquei-lhe a cabeça.

– Lamento – disse solidário. Não lamentava pela vampira morta, mas por Seager. Compreendia sua dor.

– Mas isso é passado – Seager voltou a se sentar. – Hoje tenho Raquel. Ela parece ser diferente.

Ethan assentiu. Não tiraria a ilusão do vampiro.

– Quando conheceu Thomas e Joly, os considerou quase como pessoas normais – disse.

– Isso! Eu também não queria matar pessoas. Não sou um assassino, não queria ser obrigado a ser um. Nem mesmo quando Betânia quase me matou eu fui capaz de beber do humano trazido por Raquel até o fim. Eu teria preferido morrer, mas não fui ouvido.

– E por que iria querer morrer? – Ethan estava, de fato, interessado.

– E por que alguém iria querer viver para sempre? – Seager rebateu. – Ainda mais alguém como eu. Era um meio homem, agora sou um meio vampiro.

– Escute – pediu Ethan, desconfortável com aquela demonstração de fraqueza. – Nunca fui bom em animar as pessoas, então, pare. Agora... Será possível que em todo esse tempo não se deu conta de que é como qualquer um de nós? Eu não pedi para ser transformado, Thomas repudiava a ideia, mas cá estamos!... O que o torna fraco, Seager, é acreditar que seja. Demini percebeu essa falha e como o bom oportunista que sempre foi, tirou o máximo proveito enquanto eu estava centrado em mim mesmo para lhe dar alguma atenção. Fomos dois imbecis, à nossa maneira, mas tem de reconhecer que você facilitou para que fosse assim.

– Eu não sei se foi apenas isso... – Seager negou também com a cabeça. – Não me sinto como vocês.

– Pois deveria. Se não acredita apenas tente. Sinta que é forte e será... Essa dominação de Demini tem mais a ver com a mente do que qualquer coisa. Não sei o quanto Raquel lhe falou, mas ela me disse certa vez que Thomas e Joly não serviriam para serem induzidos

porque são leais a mim. Lealdade não é força física. É algo que está na sua cabeça e no seu coração.

– Pois aí está! – teimou incrédulo. – Eu sempre senti que era leal a você e fui usado.

– Mas não completamente. Mesmo sob a influência de Demini, por todos esses anos, tentou me alertar. Se acaso eu tivesse lhe acolhido como deveria, teria notado.

Seager abriu a boca para retrucar, porém calou o que diria. Sem deixar de olhar para Ethan, pensou por alguns segundos.

– Acredita nisso? – indagou por fim. – Acha que, se eu estiver firme no propósito de não ser induzido, não serei?

– Acredito que sim – Ethan confirmou num murmúrio intimista. Tudo o que dissera, deveria ter sido percebido por ele dias antes, talvez assim Demini não tivesse tido poder para contê-lo; para humilhá-lo.

– Sim, Seager. Acredito que sim – repetiu.

– Você me induziu certa vez. No tribunal... – Seager o lembrou. Não parecia ressentido, apenas a comentar a realidade. – E Raquel também... Você acha que, se eu me recusar a ser induzido, não voltaria a acontecer?

– Como disse, tem a ver com fraqueza, mas também com lealdade. Você pode ser forte, mas se for leal a mim, eu o influenciaria. Assim como Raquel caso você... a ame.

A frase terminou num murmúrio. Como não tinha percebido nada daquilo antes?! Não era um fraco perante Danielle, apenas sempre lhe seria fiel, leal e acima de tudo, sempre a amaria. Era isso!

– Ethan? Você me ouviu? – Seager o livrou do pensamento, não do choque.

– Perdoe-me... O que disse?

– Disse que talvez você tenha razão.

– Sei que tenho – garantiu duramente. Novamente consultando o relógio. – E se acaso já tenha dito tudo, logo meu cliente chegará.

Nesse instante, providencialmente a porta foi aberta para dar passagem a Thomas e Joly. O casal olhou de um ao outro com indisfarçada curiosidade.

– Atrapalhamos? – indagou Thomas.

– Não. Já estava de saída – Seager se apressou em responder. Para Ethan falou: – Obrigado por tudo o que me disse. Vou pensar a respeito e tentar ser como sugeriu. E... Posso contar que a fase da indiferença acabou?

– Certamente. – Ethan assegurou sincero, mas sua voz exprimia a aridez de sua alma ao acrescentar: – Contudo amizade se cria com o tempo. Ainda não o considero um amigo, mas se foi sincero em tudo o que disse, acredito que um dia venha a sê-lo.

– Ser um colega respeitado já será uma honra. – Seager lhe estendeu a mão, a qual Ethan apertou fortemente ao se por de pé.

– Acredite, hoje tem meu respeito.

– Obrigado, Ethan... Thomas, Joly... – Seager se despediu com inclinar de cabeça.

– O que foi isso? – perguntou Joly.

– Seager veio falar um pouco sobre ele – Ethan disse vagamente ao se sentar, ainda pensando em Danielle.

– Hoje o dia está sendo bem agitado, não? – indagou Thomas, pousando sua pasta sobre a mesa. – Joly me contou sobre a conversa entre Danielle e Raquel. E agora, Seager vem aqui... Os ânimos estão acirrados.

– Estão sim, mas logo tudo se ajeita – Ethan retrucou sem olhá-los.

– Ethan – Thomas chamou. – Você está bem?

– Como você disse, o dia está agitado. E ainda tenho um cliente que já deve estar chegando...

– Onde está Danielle? – Joly especulou. – Está na cobertura?

– Não... Ela saiu.

– Saiu?! É seguro depois do ataque que sofreu? – Joly não ocultava seu pavor.

– Danielle vai ficar bem e...

– *Boa tarde!* – Ouviram o cumprimento vindo da antessala.

– O Sr. Waltham chegou – anunciou Joly, desnecessariamente. – Devo retê-lo?

– Não. – Ethan voltou a se levantar. – Deixe que entre. Assim que eu me livrar dele poderei subir... Vocês podem ir assim que terminarem também seus afazeres. Conversamos na cobertura, como combinamos.

– Mas, Ethan? E Danielle? – ela insistiu.

– Ela estará lá – assegurou. – Agora... Se puderem me dar licença...

Ambos anuíram com um manear de cabeças. Ethan podia captar a estranheza e a curiosidade ganhando força ao deixá-lo, no entanto, nada comentou. Precisava que saíssem, precisava se ocupar de seu cliente para não sucumbir aos pensamentos turbulentos.

Enquanto esperava a entrada do senhor Waltham, seu celular vibrou. Como sempre o capturou no segundo seguinte, trêmulo. Muito pronto a cumprir sua palavra, não importando o quanto tivesse acreditado nas palavras de Seager.

– O que aconteceu, Danielle!

– *Acalme-se. Achei melhor ligar quando chegasse para que não fique assim como está. Vai dar tudo certo, meu amor. Prometo tomar cuidado e não fazer nada estúpido.*

Ouvir-lhe a voz, tenso como estava, levou o vampiro a rever seu plano.

– Danielle... Talvez fosse o caso de desistir.

– *Ethan, eu estou diante de sua casa. Eu acho que devo entrar, mas se não vai ficar bem com isso posso voltar.*

– Eu não sei... – disse indeciso. Sua mente e coração guerreando quanto à qual decisão tomar. Antes que prosseguisse, Joly despontou à porta, seguida por um senhor.

– Já que chegou, vá em frente – Ethan se ouviu dizer. Desapegar-se era um inferno!

– *Obrigada, meu amor. Serei breve, prometo. Raquel não me fará mal.*

– Vamos confiar – retrucou para si.

– *Vamos! E Ethan... Eu te amo para sempre!*

∞

Dana mirava o portão acorrentado e o pouco da casa que podia ver. Chegar até ali fora fácil, agradável até, pois seu presente era potente, contudo a aventura começaria depois que cruzasse os portões. Ainda se sentia pronta, segura. Mas a insegurança de Ethan a refreava.

– Não agora que estou aqui! – murmurou para si antes de avançar.

Despretensiosamente, olhou os extremos da calçada para se certificar de que não fora seguida, nem que era observada por algum humano antes de saltar o portão. Enquanto seguia até a porta principal, Dana se perguntava como poderia ter se passado apenas pouquíssimos dias desde que saiu dali. A casa, antes bem-cuidada, agora parecia envelhecida, estava parcialmente destruída, o que colaborava com a impressão.

Era estranho saber o que ocorreu ali antes daquela calma e aparente abandono. Tanto, tanto tinha mudado e ali estava ela, também mudada, pensou Dana a analisar as faixas restritivas, de listras amarelas e pretas, deixadas pelas autoridades competentes para inibir a entrada, anunciando o perigo, a precariedade da estrutura.

Após um suspiro, Dana se afastou e analisou as janelas do andar superior. Raquel estava ali, e provavelmente sabia de sua presença. Com isso, reafirmando em pensamento que a vampira não a atacaria, Dana saltou até o parapeito da única janela aberta.

– Não acreditei no meu olfato – comentou Raquel, da penumbra.

– Pois é... – disse Dana, ainda agachada sobre o parapeito, com voz modulada para não denunciar seu sobressalto. – Tive de vir.

– Não seria você se não viesse – retrucou a vampira, ainda sem se mostrar.

Dana agradeceu intimamente por agora poder distinguir esses detalhes. Não a via, mas sabia exatamente de onde vinha a voz, então entrou sem temer, mirando o lado esquerdo do quarto, para a sombra enegrecida ao lado de um grande guarda-roupa.

– Não está acuada por minha causa, não é? – perguntou Dana, tentando não soar tão provocativa, mas gostava de acreditar que sim.

– Evidente que não – Raquel negou segura, avançando um passo, expondo-se. – Mas cautela nunca nos fará mal algum, concorda?

Dana assentiu, analisando-a. A face impassível não denunciava seus pensamentos, sentimentos, nada. Evidente, afinal a vampira era antiga e mestre na arte da dissimulação.

– Veio para concluir nossa conversa – observou Raquel, indicando que sempre *somaria* com perfeição.

– Tenho de saber o que quis dizer com aquilo de eu estar aqui – Dana disparou, sem rodeios. Tinha menos de uma hora. – Mas não quero brigar. Ainda mais que estamos do mesmo lado. Não é assim?

– O que aconteceu com sua ideia de que eu ajo em causa própria? – desafiou-a Raquel.

– Nada aconteceu. Nós duas sabemos que estou certa – Dana retrucou –, então não vejo razão para tocarmos nesse assunto. Vou tentar entender que é da natureza dos vampiros e ficamos assim. Especialmente se o que for melhor *para você*, for o melhor para todos nós, do grupo.

Raquel nada comentou, apenas permaneceu a escutiná-la, medindo-a de alto a baixo. Logo Dana se impacientou com a descarada avaliação, porém tentou domar seu mau gênio. Deveria também domar suas reações se desejasse deixar de ser calculada como uma equação matemática.

De súbito Raquel sorriu e riu brevemente, maneando a cabeça, negando algo íntimo, sem deixar de olhá-la. Dana contou até dez para si e pigarreou antes de indagar:

– O que te parece impossível?

– Ora veja! – Raquel arqueou uma sobrancelha, admirada. – Você é rápida! Está me elucidando?

– Não sei? – Dana sorriu. – Estou?

Quando Raquel se moveu, sem respondê-la, Dana precisou de todo seu autocontrole para não saltar. Mantendo-se estática junto à janela – sua rota de fuga –, esperou alerta até que a vampira se prostrasse à sua frente.

– Você é esperta, Danielle – disse Raquel, muito perto. – Acho que é seu sangue jovem. Dessa geração tão pouco impressionável, na qual as mocinhas suspiram por vampiros bons e gentis. Ou talvez estejamos obsoletos, de fato, benevolentes, fáceis de sermos desvendados... Ou talvez seja apenas porque me conhece muito bem!

– Acredito que esteja obsoleta – foi inevitável provocá-la –, afinal, ainda existe uma boa leva de vampiros cruéis. E ainda, como eu te conheceria bem ao ponto de te elucidar?

– Boa pergunta! – Raquel voltou a se afastar. Poderia ser impressão, mas, para Dana, ela parecia muito à vontade ao lhe dar às costas. Ainda sem se voltar, prosseguiu: – Você não tem razão para me odiar, eu já disse isso. Parece até que se esforça a tanto. Não se pergunta, por quê?

– Seria por você ser dissimulada, vira-casaca, duas caras e se considerar melhor para Ethan? – Dana enumerou sugestiva, aborrecendo-se. – Então, vai dizer o que quero saber ou não?

Raquel novamente riu. Um riso breve, incrédulo, que terminou num longo, audível e exasperado expirar antes que resmungasse:

– Ethan! Ethan! Ethan! Tudo se resume a Ethan?

– Para mim, sim. – A resposta era fácil. – Agora, vai me dizer o que...

– Droga! – Raquel a interrompeu, voltando-se para encará-la. – Por que tinha de vir tão você mesma? Você não podia ter vindo menos obstinada?

– Olha! – Dana moveu as mãos, apaziguadora. Mais para si do que para a vampira desconexa. – Acho que já entendi. Você tem problemas de comunicação. Diz as coisas truncadas, imaginando que está sendo clara como água, mas acredite... Não está.

– Bem, o deboche é algo novo – Raquel replicou num novo expirar. – E lhe dá certo charme, mas preferia que o guardasse para si. Esse momento é muito importante. Estou decidindo o que fazer...

“Decidindo o que fazer?!” Dana gritou em pensamento, rogando aos céus que a exasperação não transparecesse em seu rosto.

– Escute! – Dana pediu, conciliadora. – Vamos ao que me trouxe aqui. Por favor, Raquel. Será que poderia me explicar, o que quis dizer com aquela história de eu estar *aqui*?

– Eu já disse – respondeu a vampira. – Na sala do seu noivo. Mas repito, sem problemas... προορισμός!

E lá estava a palavra estranha, em outra explicação trucada. Dana conteve a respiração, então expirou lentamente.

– E o que isso quer dizer? – indagou com uma calma que não possuía.

– Destino! – Os olhos de Raquel brilharam ao traduzir. – Em Greco. Não sei como, apenas o porquê, e seja como for, era exatamente *aquí*, com todos reunidos, que você deveria estar.

Profético, Dana ironizou intimamente. Não era o momento, mas tinha de fazê-lo caso contrário explodiria. A imortal apenas dava voltas, inconclusiva. Como sempre! Dana tentava se acalmar, quando Raquel a encarou com... ternura?

– Eu não quis acreditar no que senti quando toquei seu pulso antes de deixá-la ir para Ethan, lá na casa noturna. Neguei minha impressão inúmeras vezes, mas... Depois que a vi mudada... E se existe um Deus onisciente Ele sabe que eu não queria vê-la transformada por Ethan... Eu tive a certeza.

– Certeza do quê? – Dana simplesmente não se dominava mais e avançou um passo, cerrando os punhos para não estrangular a vampira desconexa. Raquel, por sua vez, não saiu do lugar, o que as deixou face a face. – Fale a minha língua, criatura! – ordenou. – Teve a certeza do quê?

Inabalável, Raquel lhe escrutinou o rosto, com a respiração contida. O próximo movimento fora rápido. Sem que pudesse prever ou evitar, Dana teve seu rosto contido para que Raquel unisse suas bocas. Reflexiva, feroz, Dana a empurrou.

– Sua louca! – vociferou enojada, limpando os lábios com as costas da mão, como se assim pudesse também limpar a impressão deixada. – Que porcaria foi essa?!

– Eu precisava... Eu tinha de... – Raquel balbuciou, sem se mover, onde caiu, encarando-a com um misto de esperança e a inexplicável ternura no olhar, exalando um odor diferente.

Dana supôs se tratar de desejo feminino que, antes de atraí-la, irritou-a mais.

– Você é maluca de pedra! – gritou.

Tentada a ignorar tudo o que conversou com Ethan e simplesmente atacar, Dana achou por bem sair dali. Era isso ou colocaria tudo a perder. Decidida, saltou para o parapeito.

– Sabina, não! – Raquel igualmente gritou.

Dana estacou, freando o salto que a afastaria da imortal. Não por reconhecer o nome, mas por sentir ser um chamado real, como se a defunta estivesse ali, em alguma sombra. Ao se voltar, incrédula, esperava ver a criadora de Ethan, sentindo os calafrios em sua coluna. Mas estavam sós.

– Não aqui – Raquel esclareceu, lendo-a. – Em você. Eu senti quando a toquei. Será que é tão difícil ver?

– Não tenho nada para ver além de uma vampira louca – Dana ciciou, ainda imóvel, sobre o parapeito. E, farta daquela maluquice, simplesmente saltou. Diria a Ethan que Raquel surtara e...

– Não pode partir agora que sabe! – Raquel surgiu no caminho, retendo-a, assustando-a.

– Eu não sei de nada! Saia da frente, sua louca! – Dana se armou para a briga, flexionando os dedos.

– Deixe de bobagens! Não quer lutar comigo, assim como eu nunca machucaria você – pediu Raquel, amável. Dana começava a detestar aquela versão amorosa.

– Pare de falar comigo nesse tom! E não se atreva a me tocar! – avisou com o dedo em riste.

– Não vou fazer – prometeu Raquel, apaziguadora. – Quero apenas que me escute. Não foi para isso que veio, afinal? Não pode ser assim, tão cética. Não é como se me conhecesse? Arrisco dizer que, desde que descobriu sobre Andrew, nunca mais se referiu ou pensou nele usando esse nome. É sempre Graco, não é? Responda! No fundo, você sabe... Sente.

Novamente a vampira conseguia lê-la. Sua máscara não funcionava ante a crença insólita. Ela não poderia ser Sabina, Dana negou para si. *Não mesmo!*

– Vampiros são demônios – retrucou, empertigando-se. – Não têm alma, logo não podem reencarnar. É isso que sugere, não é?

– Você não sabe nada sobre sua raça! – Raquel rebateu. – Somos ligados por um humano amaldiçoado, o primeiro assassino! Acredita mesmo que a sua alma deixou de existir depois da transformação?

– Que seja! Ainda assim a alma de assassinos, corrompida pela crueldade, não teria a liberdade para ir e vir.

– Acredita, realmente, no que acaba de dizer? – condescendente, indagou.

Dana desacreditava de suas crenças. Há quase dois meses jamais apostaria na existência de vampiros e agora era um deles. Cresceu sob dogmas indubitáveis de que a morte era a punição que antecedia o Julgamento Final, no entanto, era também a prova viva de que fora e voltara. Seria leviana e afirmaria conhecer o que se passava no céu ou no inferno? Não seria tão soberba. Mas ter sido Sabina?!

– Se abrir sua mente, e seu coração... Se não resistir, eu posso despertar sua memória – Raquel ofereceu.

E ela queria lembrar? Não, não queria! Dana decidiu.

– Saia da minha frente, Raquel. E guarde suas impressões malucas para você – aconselhou, avançando para seguir seu caminho.

Raquel tentou detê-la, ao que Dana saltou, livrou-se da contenção, e correu. Não queria mais estar ali. Aquela conversa a angustiava, a desestabilizava. Porém, antes que chegasse ao portão, a vampira experiente surgiu em seu caminho. Cega, sentindo uma ânsia feroz de sair daquela casa, sim, infernal, Dana simplesmente avançou.

Capítulo Vinte e Sete

Descalço, livre do paletó e da gravata, Ethan vagava de um lado ao outro na ampla sala de sua cobertura. Mantinha o novo Black preso pelo dorso, como se este fosse um amuleto e dele tirasse força para não irromper porta afora, rumo a Hamilton Heights. O filhote não mais se debatia ou miava há bons minutos, mas permanecia vivo. O vampiro sentia a respiração e o estremecimento em sua palma.

Ao subir, depois que se livrou de Waltham, pegou o gato que dormia em sua caixa, deixada na cozinha, por ser aquilo que mais carregava o cheiro de Danielle. Ele precisava daquele contato indireto depois que conversaram ao celular, há menos de meia hora – a exatos cinco minutos de expirar o tempo que estipulou para o contato final ou seu retorno.

Danielle lhe assegurara estar bem e já a caminho. Tanto melhor! E para não denunciar sua ansiedade aos amigos, Ethan preferiu subir a esperá-la na garagem, isso porque sentiu no tom estranho que algo estava errado.

Inferno! O que Raquel... O movimento da porta interrompeu seu pensamento beligerante.

– Danielle! – exclamou, finalmente libertando o gato, que partiu em disparada.

– Ethan?! – Ela uniu as sobrancelhas ao encará-lo, indicando o vulto negro que desapareceu sob o primeiro móvel em seu caminho. – Era o Black? O que você...?

– Esqueça-o! – pediu imóvel, analisando-a atentamente. – Como foi?

– Eu gostaria de tomar banho, se não se importar. – Dana agitou a frente de seu casaco, incomodada. – Gostaria de me livrar do cheiro *dela*.

O vampiro ainda a mediu, detendo-se no rosto ineditamente inescrutável, e aquiesceu.

– Não demore.

Ethan ainda tentou dizer a si mesmo que nada estava errado, mas ao vê-la passar, sem aproximar-se para um beijo, soube estar enganado. O rosto de sua noiva poderia estar magistralmente moldado pela placidez, no entanto, suas ações a desmentiam. Fosse como fosse, ainda estava em teste, exercitando o desapego, então que ela desfrutasse o banho. Uma hora teria de descer, e então...

O vampiro olhou para sua porta antes mesmo que esta voltasse a ser aberta, calando uma imprecação. Não poderia reclamar, visto que deixou combinado que subissem. Em segundos, Thomas e Joly estavam ao seu lado, fazendo dele o alvo de observação.

– Sério, Ethan – disse Thomas. – Você não me parece nada bem.

– Onde está Dana? – indagou Joly, simultaneamente. – Avisaram-me quando ela chegou.

– Sim, eu estou bem – disse a Thomas e para Joly apenas indicou o andar superior. – Vamos esperar que ela desça, então conversaremos.

– Espere! – Joly olhou em volta, esquadrinhando o ambiente. – Há um gato aqui?!

– Um presente para Danielle – Ethan esclareceu, não muito animado em tocar naquele assunto. Ainda assim, esperou pelo comentário, que não veio.

Somente então se obrigou a sentar. Evitando até mesmo respirar para não denunciar sua irritação num expirar mais alto, abriu os braços no espaldar do sofá e ignorou a clara inspeção a qual era submetido.

– Não sei se gosto dessa sua versão de líder seguro – comentou Joly ao sentar em uma das poltronas, encarando-o. – É assustador.

– Não o provoque – Thomas a aconselhou, sentando-se no braço do estofado, próximo a ela. – Vamos apenas esperar, *ma chère*.

Ethan assentiu em agradecimento e estacou, mantendo a postura de líder seguro, mesmo que parecesse assustador para seus amigos. Sua mudança tinha de ser completa, então não deveria voltar contra eles sua frustração por ter de adiar o assunto reservado que tinha a tratar com Danielle.

O silêncio os envolveu até que a nova imortal despontasse no alto da escada, quando todos, sem exceção, giraram suas cabeças para encará-la.

– Nossa! – Dana levou a mão ao coração. – Por um segundo imaginei que tivessem saído.

– Esperávamos por você – Ethan explicou e pôs-se de pé para recebê-la. Thomas e Joly tiveram o mesmo cuidado e lhe sorriram.

– Me desculpem pela demora – Dana pediu ao segurar a mão de seu noivo. Depois de tudo, o toque era novo – como ela se sentia –, estranho e bom. Ao receber um olhar intenso, aliado a um forte aperto em sua mão, ela baixou o olhar, temendo que Ethan lesse sua alma.

– Vamos saber aonde foi? – Joly estourou a bolha que se formava.

– Ethan não contou? – Dana testou as possibilidades para não haver desencontros. Ao ver a amiga manear a cabeça, utilizou a mentira que ensaiou durante a volta. – Fui ao jornal.

– Ah, a vida que segue! – a amiga exclamou. – Ethan poderia evitar o suspense já que era algo banal.

– Pensarei sobre isso da próxima vez – ele replicou sem ser grosseiro; não gostava de lhes mentir. – Sentem-se.

Ao seguir sua própria indicação, Ethan puxou Danielle para que sentasse ao seu lado e a manteve sob seu braço, prendendo-a pelos ombros. Graças aos deuses ela não carregava o mínimo odor de Raquel, estava ilesa, mas algo tinha mudado.

– Então, Thomas, conte-me mais sobre sua viagem... Sobre Siro. Como ele é? – Dana iniciou a conversa.

Thomas, que inverteu de posição com sua esposa, estando ele a ocupar a poltrona, abraçando Joly pela cintura, animou-se ao dizer:

– Incrível! Não me lembro de me impressionar com um homem sem que este fosse meu pai.

Ethan o entendia. Theodore Miller fora um homem admirável, e não comentaria. Aquele era o acordo firmado há anos: nada de mencionar os Millers perdidos no tempo.

– Agora que o citei – disse Thomas, um tanto saudoso –, acho que foi exatamente assim que o senti. Como um pai. Siro parecia tão... Adequado.

– Adequado? – Ethan uniu as sobrancelhas, nunca usaria a palavra para Theodore. – O que deseja ilustrar?

– Exatamente o que disse. Siro é pasmoso, e sem dúvida sabe tanto. É muito antigo, mas, fisicamente, é tão novo!

– Quão novo? – Ethan indagou.

– Não saberia dizer, mas Siro não tem mais de trinta anos.

– Vejo que, de fato, ficou impressionado – Ethan observou –, pois é basicamente como nós. O que tanto ele sabe?

– Infelizmente ele não disse muito. Talvez dissesse se eu não o tivesse citado como sendo o líder do nosso grupo. Está claro que Siro dá valor à hierarquia. E também ficou explícito o desejo de conhecê-lo, Ethan. Por isso sugeri que fossemos até Kastoria.

– Agora também quero conhecê-lo. Mas me diga... O que conseguiu descobrir se Siro não dividiu com você o que sabe?

– Siro é uma criatura convencional, dorme ao dia e se alimenta à noite, então nos encontramos duas vezes apenas e falamos basicamente sobre Graco – esclareceu Thomas. – Ele não disse, mas estava claro que se arrependeu de tê-lo acolhido. Contou que foram tempos difíceis e que, de certa forma, sempre soube que não terminaria bem. Não comentou o que houve, mas possuía certa raiva velada. Com a explicação de Danielle, eu entendi a razão. Laryn também se mostrou bastante incomodado sempre que citávamos nosso amigo fujão.

– Nosso amigo... – Ethan repetiu intimista. Deveria ter sabedoria para prever que sua acolhida também não terminaria bem.

– Joly me contou o que o levou a se juntar a nós – Thomas prosseguiu. – Não sei o que pensar sobre isso, nem posso agradecer que tenha mudado de ideia, por que, de uma forma ou de outra, tornou nossas vidas num inferno.

– Poderia ter sido pior. – Ethan olhou para sua noiva ao senti-la estremecer, mas não comentou. – Até mesmo Siro teve de aprender com o erro, então façamos o mesmo. Agora, me fale desse outro vampiro, Laryn.

– Não tenho o que dizer. Ele não dirigiu a mim, mais do que os cumprimentos essenciais. Não sei se por reserva, ou por não dominar nosso idioma. Percebi sua dificuldade.

– Então foi apenas isso? – indagou Ethan, descrente. – O que tinha a me dizer se não há nada de novo?

– Minhas impressões – Thomas retrucou inabalável. – Eu já disse o que sinto sobre Siro, agora vou dizer a conclusão à qual cheguei depois de pensar sobre tudo o que vi, ouvi e senti. Eu acho que essa maldição sequer existe.

– O quê?! – Dana se agitou.

– Nem pense nisso! – Ethan ciciou, segurando-a no lugar, como se ela fosse irromper porta afora à caça de Andrew. – Existindo ou não, não caberá a você fazer algo a respeito.

Não era essa a intenção. No momento ela sequer sabia como agir. Apenas não queria que Ethan alimentasse falsas esperanças ou se colocasse em perigo. Não queria que ele lutasse com Graco.

– Por que acha isso, *mon amour*? – Joly o incentivou a prosseguir, mirando o casal, de esguelha.

– Pensei sobre isso ao reparar quantas vezes Siro lamentou que vampiros eliminassem uns aos outros. Ele citou vagamente disputas antigas, ferrenhas e por vezes catastróficas, entre descendentes do *Original*. Foi assim mesmo que ele disse. Como se fosse um nome ou título.

– Evidente que falava do primeiro vampiro – considerou Ethan, ainda domando seu gênio por ter de domar Danielle, novamente agitada sob seu braço.

– Sim. E quando o questionei, Siro comentou que certos assuntos são tratados entre líderes. Por isso eu entendi que só falaria mais para você. – Quando Ethan assentiu, Thomas acrescentou: – Mesmo que não tenha ido além, ficou claro que abominava tais disputas, então entendi que a tal maldição fora criada, talvez por ele mesmo, para conter o que chamou de *nova geração*.

– Graco é da nova geração?! – Joly maximizou os olhos. – Segundo a carta da Raquel ele se separou de Siro há mais de mil anos antes de Cristo! *Mon Dieu!*

– Acredito que Siro tenha até o dobro, talvez o triplo dessa idade – disse Thomas, com evidente admiração. – Ethan, não seria o caso...

– Sim – anuiu Ethan, ainda mais intrigado quanto a tudo o que desconhecia. – Façamos assim... Vamos nos ater às audiências marcadas, então viajamos. Poderemos ir durante o recesso forense. Provavelmente, nossa visita não ultrapasse uma semana.

– Será perfeito! – Thomas exultou.

– E quanto a Seager e Raquel?

– Até nossa viagem, eu decido o que fazer com eles – Ethan disse a Joly, estranhando que a pergunta não tenha vindo de Danielle, trêmula e muda. Já era hora de agir. – Escutem... Acho que já dissemos tudo e...

– Não! – Joly o interrompeu. – Não disseram nada sobre o ataque de Betânia.

– Exatamente. Joly me contou sobre isso – comentou Thomas, agora mirando Danielle com curiosidade, e certa admiração. – Como se livrou dela?

– Eu a feri. – Dana se afastou de Ethan, minimamente, pois ele não a deixou levantar. – Ela me seguiu até uma loja e, quando eu estava distraída, me atacou. – Como nenhum deles nada comentou, ela prosseguiu: – Lutamos e eu consegui cravar uma estaca em seu peito, mas errei o coração. Se tivesse acertado um pouco mais para cima...

– Importa que você esteja viva – Ethan acariciou-lhe as costas.

– Acham que depois disso, ela foi embora com Andrew? – indagou Joly.

– Sinceramente? Acho que nem Demini deixou a cidade – disse Ethan.

– Odeio essa indefinição! – Thomas ciciou raivoso, como nunca antes. – E ele ainda pode ouvir nossos pensamentos. E temos Raquel! Como será viver com nossa mente exposta?

– Sobre isso, Danielle tem algo a dizer a vocês... Conte – Ethan a encorajou.

Após um suspiro, Dana se acomodou na beirada do sofá, com as costas eretas e, depois de encarar Thomas e Joly, contou-lhes sua dedução sobre a interpretação de ações e gestos faciais.

– Então... Tudo o que devemos fazer é mantermo-nos impassíveis? – perguntou Thomas, incrédulo.

– Eu acho que faz todo o sentido! – Joly comentou segura. – Sempre apontamos as reações de Ethan, mas a verdade é que somos todos transparentes. Sempre deixamos nossos sentimentos estampados em nossa face. Bastava que Andrew nos estudasse por um tempo para nos conhecer à perfeição. E ele teve seis anos para tanto.

– Exatamente! – Ethan lhe sorriu. Agora que acreditava, queria que seus amigos fizessem o mesmo. – Devemos manter o controle. Para você será mais fácil, Thomas. Acredito que esta tenha sido a razão de Demini desistir de você. Ele não conseguia ler sua expressão. Só aconteceu quando lhe falou de mim...

– E eu reagi de imediato – Thomas completou, considerando a possibilidade. – É... Talvez Danielle tenha razão. Eu particularmente quero acreditar que sim. Não quero que Raquel saiba o que se passa na minha cabeça.

– Ela não saberá! – disse Dana, segura.

– Bem... Agora consideram que isso seja tudo? – Ethan indagou sem preâmbulos ao se levantar, imitando Danielle, não se importando em parecer grosseiro.

– Vamos, Thomas... – Joly deixou o braço da poltrona e puxou o companheiro pela mão para que também levantasse. – Estamos atrapalhando os arrulhos.

Ethan não a repreendeu, em vez disso agradeceu que a francesa tivesse uma desculpa perfeita para sua ansiedade. A cada minuto era imperativo conversar a sós com Danielle que vagava, ensimesmada, atrás das poltronas.

– Algo me diz que não é nada disso, mas tudo bem – Thomas alternava seu olhar entre Ethan e Danielle. – Isso era tudo, de toda forma. Vamos!

– Vemo-nos amanhã e... – Ethan passou as mãos pelos cabelos. – Obrigado por tudo! Por ter se aventurado pela Grécia... Por tentar conseguir informações com Siro, por considerar se arriscar ficando junto a Demini...

– Faria qualquer coisa que estivesse ao meu alcance por todos nós – disse Thomas, sem orgulho. – Incluindo você, Danielle.

Dana assentiu, agradecida. Faria o que estivesse ao seu alcance por todos eles também. Especialmente por Ethan. Ela estar ali, era a prova, pensou ao encontrar seu olhar.

– Boa tarde e até amanhã – despediu-se Thomas.

– Boa tarde e até amanhã – Ethan e Dana disseram em uníssono, encarando-se. Assim se mantiveram até que estivessem sozinhos.

– E então? – Ethan indagou depois de levar as mãos aos bolsos da calça.

– Não prefere se trocar? – Dana indicou a roupa social. – Ficar confortável.

– Estou confortável. – Ethan olhou seus pés descalços, então a encarou. – Agora diga como foi lá, com Raquel? Sei que descobriu alguma coisa.

Descobrira muitas coisas! Dana pensou, ainda tentando manter suas emoções ocultas. Sabia que não iria longe, mas precisava tentar; por enquanto.

– Descobri que Raquel é louca – disse, minimizando a verdade.

– Pouco provável – Ethan comentou, medindo-a. – Está me escondendo alguma coisa, Danielle?

– Raquel não se mostrou como eu esperava – disparou, fugindo da pergunta direta. – Continuou a dizer que precisa de proteção, que está cansada... O papo furado de sempre.

– Então, ir até ela, não teve qualquer serventia? – Ethan custava a crer.

Dana soube que deveria dizer algo concreto, então aproveitou para endossar o que já tinham aceitado.

– Serviu para que eu confirmasse o que conversamos. Não existe esse negócio de ler mentes. Eu pude facilmente adivinhar os pensamentos de Raquel.

– Pensei que precisasse de experiência e convivência para estudar as ações – Ethan retrucou, avaliando-a. – Você não conhece Raquel para tanto.

Conhecia. Não quem era hoje, mas, alguém que um dia fora. Raquel reavivara sua recordação mais antiga e as cenas vistas, agora a aterravam. Não reincidiria no erro, cedo ou tarde contaria tudo a Ethan, contudo, mais uma vez, temia a reação quando ele soubesse que...

– Bem – Ethan cortou a linha de seu pensamento. – Acho que se baseia em sua intuição e eu seria obtuso se a negasse. Esta tem nos ajudado nos últimos dias.

– Sim – Dana se apegou à desculpa perfeita, como um naufrago agarrado a uma boia. – Acho que você está certo em mantê-la perto. Minha ida até sua casa serviu ao menos para isso. Descobri que posso aturá-la.

Mais do que isso, na verdade. Depois do que vira, por mais que tentasse, não conseguia odiar Raquel. Antes até, tinha-lhe certa simpatia, gratidão. Movendo a cabeça para dispersar a lembrança, indagou:

– E aqui? Acha que deu certo? Com Seager, digo...

Ethan scrutinou o rosto de Danielle por um instante. A mudança estava *nela*. Sentia-a distante. Havia algo novo na forma como citava Raquel, contudo, não conseguia identificar. De súbito, um calafrio eriçou os pelos de sua nuca e seu velho coração se enregelou, como se... Como se pudesse perdê-la.

– Vem cá... – Ao chamá-la, puxou-a pela mão, de volta ao sofá. Com ela acomodada sobre suas coxas, tentando afastar o sentimento daninho, disse: – Seager foi me procurar. Ele queria conversar a respeito de sua visita à sala dele.

– E...? – Dana o encorajou a prosseguir. Falar dos outros ajudaria a não pensar no que não queria. Para senti-lo, tocou-lhe a testa, acariciando uma ruga.

– E... Devo dizer que simpatizei com ele – disse, sincero, apreciando o carinho. – Ainda tenho reservas quanto a uma amizade entre vocês, mas, não o considero um traidor, ou um peão. Com um pouco de autoconfiança e força, ele será um aliado valioso.

– Sentimos o mesmo, então – Dana lhe sorriu. – É bom saber que ele estará do nosso lado. Posso saber o que te levou a mudar de ideia?

– Conhecer um pouco da vida de Seager ajudou – ele admitiu. Não diria aquilo a mais ninguém, apenas para ela. – Identifiquei-me. Ainda que nossa transformação tenha se dado de forma diferente, ambos estávamos perdidos com o poder que nos deram. E, assim como eu, Seager se voltou contra quem o criou.

Dana conteve a respiração. Quais as chances de tocarem naquele assunto, aquela tarde?

– Ah, sim? – indagou, rogando para que seu espanto fosse mascarado pela conhecida curiosidade. – Ele te disse isso?

Ethan assentiu, mirando os olhos de sua noiva, fixamente. O que mudara? Sem conseguir uma resposta, ele considerou ser melhor narrar a história de Ester, vampira sanguinária que, mesmo amada, fora morta por seu preferido.

– Danielle, o que há? – Ethan indagou ao senti-la estremecer.

– Bem... – Dana optou por dizer parte da verdade. – Essa Ester fez com eu me lembrasse de Sabina. Ethan, como seria se não a tivesse matado?

– Isso nós jamais saberemos, não? – Ethan tocou-lhe o rosto, queria poder decifrá-la, contudo, apesar dos tremores, ela não lhe dava nada. Na tentativa de conseguir alguma reação, contou: – Ontem, Raquel me falou sobre Sabina. Disse que era romântica e que vivia à caça de sua metade. Como não encontrava um homem com a marca semelhante, ia atrás de outro e mais outro... Segundo Raquel, ela teria me abandonado, afinal, como bem sabe, nossas marcas não eram iguais.

Contrariando o esperado, Danielle não esboçou qualquer reação possessiva ao citar Sabina, apenas opinou:

– Talvez ela não se importasse. Talvez você fosse seu preferido e, mesmo que as marcas fossem diferentes, ela não o deixasse. Talvez Sabina fosse capaz de fazer o impossível para ficar com você. Talvez...

– Por que está dizendo essas coisas? – Ethan a afastou minimamente, encarando-a, com o cenho franzido. – Não me importa o que Sabina seria capaz de fazer. Para mim, ela não passava de uma louca e eu a matei.

Dizia a verdade. Mesmo que a narrativa de Raquel tenha trazido certa ternura ao seu coração, não estava interessado em Sabina. Relevante era a súbita fixação de Danielle no tema. Estava prestes a questioná-la, quando ela pediu, de chofre:

– Ethan, case comigo.

– O quê? – Danielle estava incoerente. – Acho que não entendi. Já estamos comprometidos.

– Case comigo, Ethan – ela repetiu, segurando-lhe os ombros. – Hoje! Agora!

– Danielle... – a súbita aflição após a estranha placidez, confundiu-o.

– Por favor, Ethan! – rogou, encarando-o intensamente. – Não quero vestido de nuvem, não quero bênçãos divinas, não quero nossos amigos, meus pais, cerimônia, nada... Quero você! Só você! Sempre foi você! Por você!

– Danielle... – A inquietação o dominava. O que acontecera em Hamilton Heights?

– Por favor, Ethan!

– Danielle... – Como, porcaria, ele poderia se desapegar quando, de súbito, ela parecia tão necessitada *dele*? Apreciava a dependência, mas precisava entendê-la. – Vamos conversar.

– Não! – ela negou, veementemente. – Já conversamos demais! Sempre falamos em mortes, em perdas, em traições, guerras... Vamos nos esquecer dessas coisas por um tempo. Vamos viver, Ethan!

De repente, Ethan considerou o improvável e se questionou se Danielle estaria induzida, sendo usada para arrefecer seu espírito combativo. Ela, quando humana, demonstrou o desejo de elucidar todo aquele mistério, de auxiliá-lo na luta, indo até mesmo contra ele. Como, agora, de uma hora para outra, queria esquecer? Não que viverem suas vidas não fosse tentador, mas... No momento, era inviável.

– Danielle, escute! – ele pediu, segurando-lhe o rosto.

– Não, Ethan... Por favor... – ela implorou. – Vamos agora, apenas nós dois.

– Danielle, você está me preocupando. O que Raquel fez a você?

– Através dela vi o quanto tudo isso é inútil. Também estou cansada, Ethan. Não vê? Já sabemos tudo... Agora, basta ficarmos preparados. E não estou pedindo nada demais. Eu só queria, em meio a essa confusão, ter mais alegrias compartilhadas com você. Não somos um casal normal... Não precisamos seguir os padrões pré-estabelecidos pela sociedade. Não devemos satisfações a ninguém. Somos donos de nossas vidas, pertencemos um ao outro. Então, por favor... Vamos nos casar... Agora!

Ethan concordava com o que ouvia. Eram senhores não apenas de suas vidas, mas do tempo. E, sim, sempre soube que não formavam um casal convencional. Seguiu o roteiro, única e exclusivamente afetado pela humanidade *dela*. Uma que não mais existia. Assim como ele, parecia que Danielle não se sentia atada a ninguém, pensou, analisando-a.

E lá estavam o olhar suplicante, os lábios rosados torcidos pela ansiedade, tornando-a tão desejável, presa à sua aflição. E ele seria o refrigerio... Sim, ela estava diferente, mas ainda era sua Danielle e por ela, sempre se renderia. Poderia entendê-la e desapegar-se em outra ocasião.

– Tem certeza? – indagou, rouco, perscrutando os olhos âmbar, sentindo a expectativa tomar seu peito. – Sem seus pais? Sem Thomas? Sem Joly?

– Só com você – ela repetiu. De imediato a aflição se fora. Danielle lhe sorriu, contente. – Não creio que Thomas dê alguma importância a essas coisas e com Joly eu me entendo depois.

– E seus pais? – Ethan não queria que ela se arrependesse.

– Meus pais me amam, querem o melhor para mim. Eles não de me entender.

Mentir para quem a trouxe à vida era incômodo, mas, agora, Dana não se sentia presa a sentimentalismos daquela ordem. Se ela comunicasse sua união, seria obrigada a ir até Albany, com Ethan. Martin insistiria em celebrar o casamento da filha, Tracy lotaria a casa com amigos e parentes... Não!

Mesmo que sentimentos perturbadores, dirigidos aos seus rivais, tenham se instalado em seu coração, Ethan era quem ela queria, desde que fora Sabina. Tudo estava claro! Com ele ali, à sua frente, encarando-a sem ocultar a ansiedade nos olhos verdes, ela confirmava o que vira. E não mentia, nem se arrependeria ao repetir quantas vezes fossem preciso até que o convencesse:

– Só com você.

Ethan liberou sua respiração e sorriu, satisfeito.

– Façamos assim... – disse ele ao colocá-los de pé. – Sairemos separadamente e nos encontraremos daqui a... – conferiu seu *Bremont* – duas horas.

– Onde? – indagou Dana, expectante.

– Você sabe.

– Ethan?! – Dana o chamou, quando se viu sozinha. Imediatamente seguiu seu rastro. Encontrou-o no *closet*, abotoando uma calça *jeans*. – Ethan, vai me explicar o que está fazendo? Onde devemos nos encontrar?

– Não quer se casar comigo? Hoje? Agora? – Ethan lhe sorriu antes de vestir uma camisa preta e passar a abotoá-la rapidamente. A urgência dela contagiara-o.

– Sim, mas...

– Sem, *mas*, Danielle, agora não tem volta! – Arrumado e pronto para sair, Ethan se aproximou e a beijou levemente. – Não esqueça... Daqui a duas horas. Sei que é de praxe as noivas se atrasarem, então... Não faça!

– Onde? – ela insistiu, quando ele saiu para o quarto.

– Você sabe.

Então ela estava sozinha.

Abraçada ao próprio corpo, mirando a porta fechada, Dana recordou o momento exato no qual Raquel a capturou e derrubou. Por mais que negasse e vociferasse, ao cair já estava vencida por sua curiosidade. Sequer tentou lutar e assentiu. Foi quando Raquel sugeriu que abrisse sua mente e se lembrasse, chamando-a de Sabina. Por ser a verdade universal, Dana não teve dificuldade para ver um passado perdido no tempo. Um no qual ela, no corpo de outra, conviveu com Graco, sendo uma de suas mulheres.

Agora ela conhecia a verdadeira face do vampiro milenar, sabia que seu cabelo era negro e espesso, a sua pele era morena, seu porte, altivo e atlético. Sabia que fora Raquel quem levava Sabina até Graco e pedira que ele a acolhesse. Isso depois de já tê-la transformado por ser sua preferida. Betânia viera depois, pelas mãos de Graco. Juntos, formaram uma família.

Ela sabia também que o dragão do seu primeiro líder, amante, marido era ostentado no lado esquerdo do peito largo, livre de pelos. O Graco original era um homem bonito, viril, mais velho do que Andrew, pois fora criado aos 45 anos.

Dana também sabia que Sabina o amara, mas não tanto quanto fora amada por ele, não da forma insana como agora ela, Danielle, amava Ethan. Ainda assim, amara-o. E amara Betânia, Raquel... E, mesmo que todas aquelas lembranças lhe parecessem insólitas, sentia-as. Se acaso não tivesse passado pelo mesmo, quando Ethan permitiu que visse suas outras vidas, talvez fosse mais fácil negá-las.

Agora não tinha dúvidas. Ainda mais por não ser influenciável. Raquel não poderia *plantar* tais cenas e sentimentos em sua mente e coração. Viu a versão que dera início àquele ciclo porque fora, sim, Sabina. A louca romântica que oferecera a eternidade a Ethan – ele não lembrava, mas teve escolha. E fora escolhido não por capricho nem por leviandade, mas por ser o preferido de Sabina. Por isso ela não o deixou. Porque sabia que Raquel não reagiria bem caso desconfiasse. Temeu que fosse morto e no fim, ele a matara, pela primeira vez.

E de alguma forma extraordinária, ela não se importou. Ethan é quem importa desde então. Por ele renascera com uma marca modificada até que sua serpente se tornasse um dragão idêntico ao que a real estirpe dele revelou. Desde Maria o ciclo estava completo, contudo ela não tivera a chance de conquistá-lo. Tal graça fora reservada a ela, Danielle, e não a desperdiçaria. Correria para Ethan e a ele se uniria num casamento simbólico, porém extremamente significativo.

Ele também seria seu líder, seu amante, seu marido para que não houvesse dúvida ou contestação. Evidente que temia a reação de seu vampiro quando lhe contasse, contudo, no momento, a única questão que importava era saber... Onde se daria a união?

Capítulo Vinte e Oito

Mesmo sem sua resposta, Dana espantou o temor, as imagens antigas, e se pôs diante de suas roupas para escolher o que vestiria. Ao pousar os olhos sobre as peças organizadas, ela teve sua resposta. Sorrindo, agradecendo intimamente por Ethan tê-la obrigado a trazer todos os seus pertences, recolheu uma das peças, pegou sua bolsa e saiu.

Fora sincera, não fazia questão de um vestido de noiva, mas queria estar bonita para Ethan. Ele merecia o cuidado. E ela dispunha de duas horas!

Depois de colocar o celular no bolso – para o caso de estar errada e precisar pedir uma direção a Ethan –, Dana partiu. Seu noivo ordenara que não se atrasasse, e não estava em seus planos desobedecê-lo. Ao sair para o trânsito, seguiu direto para a Barneys, situada na Madison Avenue, a mais próxima ao seu ponto de encontro.

Uma vez na loja, seguiu ao departamento feminino à caça de um vestido adequado. A variedade poderia se tornar um problema caso não tivesse seu tempo limitado. De posse do modelo escolhido, com a ajuda da atendente influenciada, Dana deixou a loja vestida em sua aquisição. As roupas que usava foram deixadas para trás. Apenas a peça que recolheu no *closet* fora levada.

Enquanto guiava até o Central Park, Dana rogava para que acertasse em sua dedução. Expectante, depois de estacionar o Mégane em uma rua próxima, ignorando os humanos que a cercavam nas calçadas, Dana ergueu a barra do vestido e correu – na velocidade aceitável – rumo ao Boat House, ao seu destino, à sua vida.

Estava adiantada, contudo não se surpreendeu ao avistar seu vampiro parado ao lado do banco no qual ela divagara – pensando em criaturas como ele –, depois de deixar o Café. De imediato parou para admirá-lo. Ethan olhava para o lado oposto, não a vira. Como ela, ele trocara de roupa. Ela via a mudança na barra da calça social preta que o sobretudo da mesma cor não cobria.

As mãos de seu noivo estavam metidas nos bolsos do grosso casaco, porém, os cabelos revoltos indicavam que elas não permaneciam quietas todo o tempo. Longe de sentir ciúmes, Dana sorriu ao reparar que as humanas não disfarçavam sua admiração ao passar por ele, altivo e indiferente; divino!

De súbito, o vento mudou de direção, denunciando sua posição. E em um piscar de olhos, Ethan a encarava. De onde estava, Dana não poderia ver com clareza, mas, pela intensidade do olhar, sabia que as íris estavam enegrecidas. Igualmente sabia que cabia a ela ir até ele, pois Ethan já estava em seu posto, como um verdadeiro noivo.

Sorrindo, contente, sentindo seus olhos arderem, Dana retirou seu casaco bege, respirou profundamente e deu o primeiro passo, e depois outro e outro, caminhando sem pressa... Como uma verdadeira noiva.

Ethan tinha seu decrepito coração aos saltos. O temor de que ela não entendesse seu recado se mostrou infundado. Ali estava sua Danielle, usando o mesmo casaco bege para deixar aquele momento perfeito.

Na ocasião, ele não vira, mas sabia que o vestido usado não era aquele, e novamente agradecia o cuidado. A roupa que não pôde ver fora escolhida para um encontro com o rábula, aquela fora escolhida para ele. Era um vestido novo, branco, longo, com camadas do tecido leve emolduradas no corpo perfeito, formando um decote profundo e frouxo, divino.

O vento gélido que trazia o cheiro dela até ele e agitava a saia do vestido, tornava sua noiva em uma visão etérea, efêmera. Ethan cerrou os punhos nos bolsos de seu casaco, ordenando-se que esperasse até que pudesse tocá-la para confirmar que ela não se dissiparia com a brisa.

– Eu disse que você sabia – comentou, sorrindo, ao tê-la diante de si. – Você está linda! E não está atrasada!

Eles estavam atrasados, ela pensou. Mais de 160 anos! Mas não comentaria.

– Você está lindo! E também se adiantou – disse, acompanhando-o no sorriso radiante. – Esse lugar é perfeito!

– Como pede a ocasião. Não teremos cerimônias, reverendos, padres, amigos ou pais, então nossa união tinha de ser aqui, onde tudo começou. – Ao acariciar o musseline, logo acima de um seio, comentou: – Imagino que este seja o vestido de nuvem.

– Sim – disse, abalada com o toque. – Não pude dispensá-lo, afinal, a ocasião pede.

– Exatamente – Ethan anuiu. – No entanto, falta uma coisa.

– O quê? – A surpresa mitigou o leve excitação vindo com o carinho. Dana uniu as sobrancelhas e olhou para si mesma, depois em seu entorno. Ao olhar para ele, flagrou-o a retirar algo que ocultava em seu sobretudo: uma coroa de flores e folhas mínimas. – Ethan...?

– Considero dispensável a maioria dos símbolos matrimoniais – disse ao acomodar a coroa de flores sobre os cabelos de doce, acariciando-os no processo. – Contudo, vi ou ouvi em algum lugar que grinaldas elevam as noivas ao status de rainha, então, não poderia faltar. Agora, venha!

Sem dar chance a Danielle de comentar a delicadeza de seu gesto, Ethan segurou-lhe as mãos e fez com que sua vampira se sentasse no banco em que a vira pela primeira vez: frágil, desprotegida, esperando por *ele*, ainda que nenhum dos dois soubesse.

Abandonando a postura formal, Ethan abriu seu sobretudo, os dois últimos botões de seu novo paletó, passou uma das pernas sobre o banco antes de se sentar e se aproximar, deixando sua noiva no espaço entre suas coxas.

– Não consegue ficar longe? – Dana gracejou. Estava feliz.

– Você consegue? – Ethan ergueu uma sobrancelha, desafiador, contudo ocultava um sorriso.

– Desde que o vi pela primeira vez, eu nunca pude.

Ethan sentiu seu corpo enregelar após o convicto retrucar e soube que nele continha mais do que pôde compreender. Aquela era a verdade inquestionável! Após um expirar profundo, ele aprumou os ombros, assumindo a postura solene que o evento requeria e tomou as mãos de Danielle nas suas.

– Podemos começar? Estou ansioso para ouvir seus votos.

Aquela era sua deixa, Dana pensou. Imitando-o no profundo expirar, procurou pelos olhos verdes – escurecidos como imaginou –, e disse o que guardava em seu coração:

– Quando te vi pela primeira vez, eu me encantei por seu porte, por sua postura indolente, por seu cabelo bagunçado, de brilho tão intenso. Ao me aproximar, me perdi em seus olhos verdes, em seu sorriso surpreso, e soube, por seu cheiro, que era meu e que o seria para sempre... Desde que te conheci, Ethan, assumi os riscos e estou disposta a enfrentar o que for para ficar ao seu lado.

– Danielle... – Ethan não a entendia.

Quando se mostrou indolente à porta da Cielo? E como ela soube por *seu cheiro* que seria dela? E também, no início, ela não fora tão decidida para ficar ao seu lado. Contudo, ele ainda conseguia sentir a verdade nas palavras e mesmo confuso, derretia-se ao ouvi-las.

– Quando não pude ficar com você – ela prosseguiu, encarando-o –, corri ao seu encontro até que me aceitasse. E, a cada obstáculo, a cada morte, a cada renascer, meu amor se fortalece. E cresce a cada sorriso, a cada riso, a cada rosnado... – Dana sorriu e piscou um olho, matreira. Porém logo voltou à seriedade e lhe tocou o rosto com ternura. – Não me importa quantas vezes mais eu tenha de morrer porque eu sempre voltarei para você, meu amor... O que não suportaria seria perdê-lo ou ser desprezada. Você é meu ar, Ethan McCain... Se não te respiro, morro.

Danielle nunca fora tão efusiva, Ethan considerou enquanto escrutinava o rosto adorado. O que pretendia dizer nos seus votos perdeu-se na eloquente declaração. Não lhe importava os comentários desconstruídos... Ele era o ar que ela respirava! Sem contar as muitas voltas. Talvez fosse sobre elas que Danielle se referira ao citar a determinação para estar ao seu lado.

Por não conseguir manter suas mãos longe dela, segurou-lhe o rosto e uniu as testas. De olhos fechados, rouco, indagou:

– Danielle, acha que poderia me perdoar caso fique a dever meus votos?

– Eu já perdi a conta dos votos que declarou... Considere-se perdoado, Ethan.

Ethan soltou sua respiração e sorriu antes de beijá-la com paixão. Dana correspondeu tendo o coração em festa. Seu amor – agora que sabia como surgira – era novo, forte, desesperado. Tanto que ela achou por bem interromper a dança das línguas antes que o casamento ficasse pela metade. Quando, por fim, conseguiu afastar-se, gracejou:

– Acho que ainda não era o momento de beijar a noiva.

– Tem razão! – Ethan a encarava de modo intenso. Sem quebrar o contato visual, ele novamente tomou as mãos dela nas suas. – Eu, Ethan Smith McCain, recebo-te por minha companheira, Danielle Hall, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria ou na tristeza, na calma ou no caos, a cada minuto de minha existência.

Dana sorriu ante a pertinente substituição quanto à saúde e à doença. Ethan a acompanhou no riso, divertido pela piada particular.

– Eu, Danielle Hall – ela o imitou na postura solene –, te recebo por meu companheiro, Ethan Smith McCain, e prometo te ser fiel, te amar e respeitar, na alegria ou na tristeza, na calma ou no caos, a cada minuto de minha existência.

– Amém! – Ethan murmurou.

– Espere! – Dana uniu as sobrancelhas. – Acho que pulamos a parte do sim. Não seria antes dos votos?

– Nunca fui um convidado atento nos poucos casamentos para os quais fui convidado – Ethan admitiu.

– Pelo visto, nem eu... E meu pai é um reverendo! – Dana riu. – Acho que não somos bons nisso.

– Não precisamos ser – Ethan retrucou antes de acomodá-la em uma de suas coxas e abraçá-la pela cintura. Com ela a segurar-se em seus ombros, ele retirou uma caixinha preta de um dos bolsos e estendeu-a para ela. – Precisamos apenas disso.

Dana sabia o que encontraria, mas foi impossível não se surpreender com as alianças. Eram largas, de ouro branco escovado, semelhantes. Divergiam apenas pela circunferência e pelo acréscimo de mínimos diamantes que enfeitavam aquela que ela usaria.

– Ethan, elas são lindas! – murmurou, já a estender sua mão.

Ethan retirou o anel de noivado e o depositou no dedo da mão direita, antes de retirar a aliança dela da caixa e exibi-la, para que sua esposa visse a inscrição gravada no interior: **Ethan ∞ Amor.**

– Você é... – ela murmurou, comovida, enquanto Ethan escorregava o anel por seu dedo.

– Eu sei – disse ele, rouco, depois de beijar-lhe os dedos. – Danielle, receba esta aliança como sinal do meu amor e fidelidade... Agora sua vez.

Dana recolheu a aliança com dedos trêmulos e procurou pela inscrição: **Danielle ∞ Amor.** Com a respiração contida, admirou a mão estendida para ela antes de depositar a joia no dedo anelar.

– Ethan, receba esta aliança como sinal do meu amor e fidelidade.

Sua voz saiu num murmúrio rouco. A simplicidade do gesto não mitigava a magnificência do momento. Dana sentia sua garganta arder ao beijar a mão de seu companheiro, marido.

Ethan se sentia capaz de urrar tamanho era o contentamento vindo com aquele beijo em seus dedos. Estava feito! Tendo Deus, os deuses e os poucos desocupados à volta deles por testemunhas, estavam casados.

– Acho que acabamos de nos declarar marido e mulher... Posso beijar a noiva agora?

Dana não respondeu, simplesmente estreitou mais seu braço nos ombros de Ethan, com a mão livre segurou-lhe o rosto e o beijou. Nesse momento a bolha se rompeu e ela pôde ouvir palmas discretas, risos.

– Temos uma plateia – ela comentou em meio a um sorriso, junto à boca de Ethan.

– Estão nos observando há algum tempo – disse ele, sem se afastar, sem acompanhá-la no riso. – Eu deveria ter marcado para mais tarde. Não suporto abelhudos.

– Ignore-os, meu amor – Dana sugeriu antes de retomar o beijo.

Era o que ele vinha fazendo desde que sentira a primeira aproximação, pensou enquanto aprofundava o beijo e apertava a cintura que o vestido acentuava.

– Agora arrumem um quarto! – disse um dos curiosos antes que todos rissem e dispersassem, ainda a gritarem suas felicitações.

– Um conselho útil. – Foi a vez de Ethan falar sobre a boca de Danielle. – Tive também esse cuidado.

– Temos um quarto? – Dana indagou, esperançosa. Seria o desfecho perfeito.

– Olhe para mim com atenção e diga. – Ethan se afastou, minimamente, para que ela analisasse sua expressão.

Era novo e libertador permitir a eles dois aquele momento de leveza, esquecido dos perigos, de seus rivais. Vivendo suas vidas, como Danielle dissera. Mal ocultando um sorriso, esperou até que visse o misto de malícia e encantamento iluminar os olhos âmbar e ouvir sua esposa, segura, dizer:

– Temos um quarto no Plaza. E não um quarto qualquer... – acrescentou, admirada. – Como conseguiu tudo isso em menos de duas horas?

Ethan deu de ombros.

– Sou persuasivo, tenho um bom sobrenome, dinheiro, um celular... – Apertando-a num abraço, acrescentou: – E motivação. Vamos?

Uma vez dito, Ethan fez com que ela sentasse no banco e se levantou. Nesse momento os pelos de sua nuca eriçaram e ele correu os olhos em seu entorno, alerta.

– Ethan, o que...? – Dana se pôs de pé ao notar a postura rígida do vampiro. Não via ou ouvia nenhum movimento fora do normal, nem sentia o cheiro de outro imortal.

– De repente, senti que estamos sendo observados – ele murmurou, sempre escrutinando o espaço ao seu redor, agora a segurar o braço de sua esposa, contendo o impulso de colocá-la às suas costas.

Seria um cuidado inútil, visto que não sabia de onde poderia vir um ataque.

– Pode ser um humano – ela opinou. – Curioso quanto ao que fazíamos.

– Não! – Um humano seria ignorado. – É um imortal.

– Ethan, eu não... – Dana se calou ao sentir o odor. Seu marido sentiu o mesmo, pois imediatamente mudou-a de lado, protegendo-a de um vampiro que se aproximava, sem ser visto.

– Venho em paz.

O casal ouviu a voz marcante, com forte sotaque, próxima, porém ainda não viam o recém-chegado.

– Quem vem em paz? – Ethan indagou, olhando em frente. Não o via, mas agora sabia onde, quem quer que fosse, encontrava-se. – Se diz a verdade, por que não se mostra?

– Não sabia como me era recebido, perdoe por assustar.

De súbito, o imortal surgiu diante deles. Dana estremeceu ao considerá-lo semelhante a Graco, o verdadeiro, porém mais jovem. Era alto, tinha a tez morena, os olhos e os cabelos eram castanho escuro. Seu rosto era anguloso, o nariz, reto; os lábios cheios. Se suas características não denunciassem a origem mediterrânea, o sotaque, somado ao péssimo domínio do inglês, o fariam. Era elegante. Vestia terno completo, azul-escuro, sob um sobretudo preto. E não disfarçava a curiosidade ao encará-los.

– Quem é você? – insistiu Ethan. Não estava assustado, apenas aborrecido pela abordagem.

– Chamo Laryn Demini – disse o grego ao estender a mão. – E você, Ethan McCain.

– Sim... Sou Ethan McCain. – Ethan apertou a mão estendida, medindo o visitante, sem cerimônia. Entenderia se Siro estivesse em Nova York, alguém que mal falara com Thomas, não. Ainda assim não teria motivos para ser hostil com o imortal. Confiando que estavam seguros, apresentou a vampira inquieta ao seu lado: – Esta é minha esposa, Danielle McCain.

– Presenciei união – disse Laryn, ao se inclinar, reverente. – Aceitem cumprimentos.

– Obrigada. – Dana estava curiosa quanto àquela visita. – Thomas nos falou de Siro e de você, mas não disse que se chamava Demini. Também foi adotado?

Laryn uniu as sobrancelhas, em estranheza.

– Por que diz, também adotado?

– Ela se referia a Seth – Ethan esclareceu por Danielle. – Soubemos que Siro o acolheu e deu-lhe o nome... Como fez com Graco.

– Ah, entendo! – Um brilho fortuito cruzou os olhos castanhos. – Sim, sou um adotado.

– E Seth? Onde está? – indagou Dana, cada vez mais curiosa. – Por que Thomas não o viu?

– Porque Seth não apresentou ele mesmo – fora a resposta.

– Por quê? – ela insistiu.

– Ele não viu razão – Laryn replicou antes de se voltar para Ethan, encerrando aquele assunto. – Vim conhecer você. Apenas eu, digo antes que perguntem.

– Pois aqui estou... – Ethan uniu as sobrancelhas. – Posso perguntar a razão?

– Também quero parar Graco. Se puder dizer onde encontro... Agradeço.

Ethan empertigou-se, assim como Danielle. Ela lhe apertou o braço, como um sinal que ele não compreendeu. Se fosse um pedido mudo para que se calasse, ele o ignorou.

– Graco deixou a cidade – Ethan comunicou, mesmo que não acreditasse.

Sem ocultar sua descrença, Laryn riu mansamente, olhou para Danielle por segundos inquietantes, mediando-a, então voltou a encarar Ethan – impaciente àquela altura.

– Graco não partiu – Laryn assegurou. – Não se tinha interesses.

Graco Demini queria muitas coisas, Ethan pensou antes de pousar a mão no ombro de Danielle. Em seu lugar, não iria sem conseguir a mais importante. Sinceramente não queria ser grosseiro, mas não via como ser educado.

– Se ele ainda estiver na cidade, estarei preparado – ciciou.

– Para destruir você mesmo? – Laryn ergueu uma sobrancelha, desafiadoramente. – Seu amigo falou da marca. Não pode matar seu igual sem morrer.

– Thomas também me disse que não acredita na existência dessa maldição – Ethan replicou. – Pelo o que ouvi, penso o mesmo. Não há garantias de que esta não seja uma invenção de Siro para reduzir a disputas mortais entre iguais.

– Dedução bonita! Eu penso o mesmo – admitiu. – Mas nunca comprovam.

– Estou disposto a comprovar, assim que tiver a chance – Ethan assegurou, seu tom era beligerante, detalhe que inquietou Danielle, porém ele não se abateu. – Como disse, estarei preparado.

– Não foi que disse seu amigo – retrucou Laryn, impassível. – Ele demonstra sede de saber. Tem a mesma, Ethan?

– Ethan... – Daquela vez seria pouco prático ignorar a súplica implícita no nome sussurrado e no novo aperto em seu braço. O recado era claro: não seja também orgulhoso.

– Sim, possuo – admitiu. – Está em meus planos ir até Kastoria para conhecer seu líder.

– Acredita ter tempo?

– O que me resta? – indagou, movendo-se minimamente, impaciente. Sim, o que restava quando lhe atavam as mãos?!

– Será honra receber você em Kastoria, mas outra ocasião. Caso tem sede de saber, pergunte mim.

– A você? – Ethan franziu o cenho, escrutinando-lhe o rosto, a postura.

– Por que não eu? Acredita não tenho conhecimento?

– Ele não quis dizer isso – Dana interferiu, temendo que Ethan confirmasse. – É que, segundo Thomas, apenas Siro diria o que queremos saber. Mas se não é o caso, ficaríamos agradecidos por sua ajuda.

Laryn se moveu pela primeira vez desde que se mostrou e caminhou de um lado ao outro, mediando-os, avaliando-os, elevando a irritação de Ethan com o súbito silêncio.

– Sendo assim... – ele disse ao estacar. – Pergunte.

Ethan olhou de um lado a outro. Considerou sugerir que tivessem aquela conversa em sua cobertura, pensou que seria interessante ter a presença de Thomas e Joly, contudo, agora tinha pressa.

– Conte-me o que ainda resta saber – pediu.

– O que falta? – indagou Laryn, curioso. – O que sabe, Ethan?

– O básico.

Ethan contou o que sabia sobre sua raça, as recentes descobertas e sua força. Laryn ouvia atento, avaliando-o, sem interrompê-lo.

– Hoje – Ethan concluiu –, controlo meu poder, mas gostaria de saber mais... Disseram-me que há mais.

– Sabe muito, Ethan! – Laryn disse, por fim. – Não sabe só sobre essa força. Algo que possui desde que o mudaram e não que despertou por sentir raiva de um rival. Assim...

A frase morreu no vazio antes que Laryn se afastasse um passo, sempre encarando Ethan, que lhe sustentava o olhar. Quando nada aconteceu, ele trocou olhares com sua esposa e novamente encarou o grego. Antes que bufasse exasperado e perguntasse qual o teor da piada, Ethan sentiu o ar se agitar ao seu redor. Entendeu que Laryn demonstrava ser capaz de fazer o mesmo; que tinha a mesma força.

Ethan permaneceu a encarar Laryn, condescendente, sentindo o vento gélido se tornar mais forte. Então, o grego ergueu a mão esquerda, com a palma virada para cima. O vento soprou mais rápido, ruidoso. De súbito, um clarão iluminou a noite e o ronco de um trovão fez tremer o chão. Danielle se colocou diante de Ethan, fascinada, antes de olhar o céu.

Preso em sua própria inegável admiração, Ethan sequer cogitou colocar sua esposa de volta ao lugar. Apenas imitou-a e mirou o céu em tempo de ver a aglutinação de nuvens negras, algumas desafiavam as leis da natureza, aproximando-se contra o vento, para se juntarem acima deles, encobrindo a lua e as estrelas.

Surpreendidos, alguns humanos gritaram, outros correram para fugir do súbito mau tempo, impressionados com o fenômeno. Apenas os três imortais se mantinham imóveis. Agora, Ethan encarava Laryn, perplexo com o fato de o imortal não esboçar o mínimo esforço.

Considerava-se forte por quebrar vidraças, acender ou apagar luzes, travar portas?... Ele era uma criatura risível!

– Como faz isso? – indagou sem ocultar sua ansiedade.

– Sou bom mentor?

– O melhor! – Ethan assegurou. Laryn moveu a mão, como quem espanta um besouro, e a ameaça de tempestade, gradativamente, se dissipou. – Por favor, diga como isso é possível.

- Como possível não sei dizer... Importante é que podemos.
- Todos nós? - Dana encontrou sua voz, ainda maravilhada.
- Todo imortal tem algum poder, mas só marcado, como Caim, tem domínio total.
- Caim? - Ethan repetiu, incrédulo. - Caim... Caim? O da bíblia?
- O primeiro assassino... - Dana murmurou ao recordar as palavras de Raquel. - É dele que descendemos? - indagou a Laryn. - Pensei que Siro fosse o imortal mais antigo.

Era o que dizia a carta. Enquanto esperava por sua resposta, Dana notou que Laryn moveu uma de suas sobrancelhas, sugestivo. O gesto fora mínimo, mas teve um poder arrasador sobre ela ao considerar o impossível.

- Siro é...
- Não diz! - Laryn ordenou, erguendo uma das mãos. - Deve respeitar a identidade escolhida. Não importa quem foi, mas quem é hoje. Se for até Kastoria, e encontrar Siro, e ele quiser apresentar a si mesmo, tudo bem.

- Minha nossa!

Ethan entendia o espanto de sua esposa. Ele mesmo custava a crer que Thomas tenha estado cara a cara com uma personagem bíblica, que um dia, ele mesmo estivesse... Era demais!

- Certo! - disse por fim ao superar seu espanto. - Então descendemos de Caim. Como?
- Sim... E conto como. É dele que vem maldição. Contam que, depois de seu ato, Caim foi condenado não morrer, nunca, para padecer de culpa. O Criador marcou sua pele com serpente alada, terrível, para amedrontar e afastar todas as pessoas. Prevendo que alguém, um dia, teria coragem e tentava matá-lo, Ele ditou que, aquele que matasse o marcado, teria o mesmo fim.
- Então, você também tem uma marca - disse Dana. Laryn apenas assentiu.
- Mas, de acordo com essa maldição, qualquer um que o matasse, morreria - Ethan observou.
- Sim. - Laryn confirmou também a mover a cabeça - Ninguém pode matar marcado de serpente alada.

Ethan uniu as sobrancelhas, remoendo a novidade.

- Então, o que devo entender uma vez que Siro disse a Thomas que eu poderia matá-lo, uma vez que meu dragão não é de nascença? Se o fizesse, eu morreria de qualquer jeito!
- Morreria - Laryn confirmou, levando Dana a estremecer.

Imediatamente procurou pelos olhos de seu marido, esperando que apresentasse seu mau gênio ao estrangeiro. Para sua surpresa, Ethan apenas assentiu, tendo o rosto impassível.

– Não é pessoal, Ethan – disse Laryn. – Não fique...

– Não fico – disse, seguro por entender o pensamento de seu *parente* distante. – Eu seria o sacrifício necessário para parar um vampiro temerário. Que, para Siro, ameaça expor nosso segredo.

– Sim!

– Não me importa! – Ethan reiterou. – Siro não espera de mim mais do que eu já não estivesse disposto a fazer. – Ignorando a negativa aflita de sua esposa, ele conduziu a conversa para as explicações sobre o primeiro assassino. – Agora nos diga, como Caim se tornou um vampiro?

– Caim fez pacto com demônio. Ele bebeu sangue oferecido acreditando em promessa de descanso eterno.

– E era mentira – Dana murmurou, ainda a mirar seu marido. De repente era como se já tivesse ouvido aquela história; talvez de Graco.

– Era – Laryn confirmou. – E o sangue ruim trouxe horrível doença. Aumentou martírio do assassino, com a sede que nunca cessa, com a dor nos olhos, pele ardida ao sol. Mas trouxe também o poder de controlar todas as coisas, as formas de todas as gentes. E quem bebe sangue doente fica igual.

Dana recordou que certa vez, Joly se referiu à transformação como sendo um contágio. A francesa dissera que a pessoa seria *infectada*.

– Teria cura? – Dana se ouviu indagar.

Ethan faria a mesma pergunta, então apenas esperou a resposta, com evidente ansiedade.

– Não. Não tem cura – disse Laryn, seguro. – Apenas a morte encerra a doença. Pela madeira, pelo fogo, por perder o coração... A cabeça.

E lá estava a confirmação do que todos sabiam, Ethan pensou ao soltar sua respiração. Revoltou-se ao despertar, no entanto, se existisse uma cura, dispensá-la-ia. Agradecia que esta sequer fosse possível. Apreciava ser imortal, ter poder... E, agora, queria o que faltava.

– Mostre-me como ter o domínio total – pediu.

– Queira – Laryn retrucou, sustentando-lhe o olhar. – Você é como nós.

– Queira?! – Ethan repetiu. – Não pode ser tão simples!

– Não pode? – Laryn sorriu escarninho. – Você um cético, Ethan? Precisa ter lógica? Motivo? Ou não entendi seu amigo? – o grego semicerrou as pálpebras, como se assim enxergasse melhor. – Não tem um dragão? É ordinário? Incapaz?

Ethan sentiu algo se agitar em seu peito. Não era ridicularizado, contudo, foi impossível não associar a cena à outra, indigesta, quando sua liderança fora questionada de forma acintosa.

Não havia engano algum! Ele tinha um maldito dragão nas costas! Não de nascença, e, pelas palavras de Raquel, o detalhe não fazia a mínima diferença. Aquele era o momento de descobrir se a vampira dizia a verdade.

Decidido, ciente de que a demonstração de Laryn deixou-os sozinhos – ao menos naquela parte do parque –, Ethan se afastou alguns passos. Por sua vontade, o vento novamente soprava. Então, sem deixar de encarar o visitante, estendeu a mão esquerda, com a palma para cima e... quis.

Capítulo Vinte e Nove

Ethan não foi ganancioso. Desejou apenas que o vento soprasse com maior velocidade.

Não confessaria, mas, nos segundos iniciais, sem que nada acontecesse, considerou-se um tanto ridículo. Entretanto, bastou sentir a mudança para que sorrisse confiante, satisfeito. Ao saber que podia, sim, acelerar o vento, Laryn deixou de ser seu foco. Ethan agora olhava para sua vampira, sua esposa, que lhe sorria de volta, livre dos tremores causados por tudo que ouviu, claramente a conter a respiração, maravilhada.

– Danielle, veja! – ele pediu, como se ela já não o fizesse.

Enfim, tornou-se ambicioso e quis mais. Quis as nuvens, os relâmpagos, os raios. Quis a tormenta. Logo as copas das árvores se agitavam ruidosamente e Danielle segurava sua grinalda para que esta não alçasse voo.

– Ethan! – ela o chamou, com um misto de divertimento e repreensão, quando a chuva veio forte.

– Sinto como se criasse você, Ethan – disse Laryn. Parecia orgulhoso, mas Ethan não poderia ter certeza, pois a diferença estava no tom. O vampiro não sorria. – Tem a mesma empolgação dos novos.

– Sinto-me novo! – Ethan garantiu de braços abertos e a cabeça tombada para trás, sentindo a *sua* chuva bater no seu rosto. A sensação era indescritível. – Obrigado!

– Considere presente de casamento.

Dana apreciou o presente. Sem medo de errar, poderia dizer que o saboreava com a mesma intensidade de seu vampiro. A realização dele contentava-a. Ela não se lembrava de vê-lo livre da tensão, por completo, como naquele momento.

– Danielle, queira! – ele a exortou a fazer o mesmo, sorrindo. – Você pode!

De fato, juntos seriam fortes, Ethan considerou. Contudo, Danielle moveu a cabeça em negativa.

– Por hoje, basta você – disse.

Com sua recusa, ela passou a ser analisada por Laryn, no entanto, ele nada comentou. Em instantes, mais uma vez, o alvo era sua criação.

– Feliz em ajudar. Agora, vou partir.

Ethan baixou as mãos, esquecido de sua intervenção no tempo.

- Vai deixar a cidade? – Dana estranhou. Laryn teria vindo apenas para aquele encontro?
- Não! – ele lhe sorriu, mansamente. – Vou para hotel.
- Qual? – Ethan se aproximou. – Onde podemos encontrá-lo?
- Estarei perto. Esperando por Graco.

Sem despedidas, Laryn se foi. Reflexivo, Ethan olhou seu entorno, mesmo sabendo que não o veria. Então encarou sua esposa. Os olhares se encontraram quando ela finalizou a própria inspeção ao seu redor. O casal permaneceu imóvel, calado, sentindo a água escorrer por seus rostos.

Através dos brilhantes olhos verdes, Dana podia ver o contentamento ganhar força no íntimo de seu vampiro. Para confirmar sua impressão, Ethan sorriu e riu até que gargalhasse. Antes que Dana pudesse prever, ele a pegou pela cintura, a ergueu e a girou.

- Ah! Acredita no que fui capaz de fazer? – indagou em meio ao riso.

Sim, o que ela não acreditava era em sua adoração. Esta não tinha fim e no momento a emudecia ao ver Ethan exultar.

- Acredita nisso? – ele insistiu. – No quanto, sempre, fora simples?
- Hoje acredito em muitas coisas – Dana retrucou, contagiada pela euforia de seu marido.
- Foi o que aconteceu! – Ethan exclamou, agora revendo suas ações. – Inconscientemente eu direcionei uma fúria para a janela do rábula. Por isso esta se espatifou. E quando eu não quis que a porta de minha casa fosse aberta, esta se manteve trancada. Foi o mesmo com as luzes, mas... Como eu imaginaria que poderia controlar o tempo?!

- Devo ter medo da próxima vez que brigarmos? – ela troçou.

Divertido, Ethan sorriu.

- Deve correr antes que eu me enfureça – recomendou. – Na verdade... Deve correr agora, pois prevejo que teremos um pouco mais de chuva.
- Não, Ethan! – a repreensão veio em meio ao riso.
- Corra, Senhora McCain, corra! – ele ordenou antes que a chuva viesse.

Obediente, Dana vestiu seu casaco, ergueu a barra do vestido encharcado e correu, sendo seguida por Ethan. Ao sair para a 5th Avenue, misturou-se às pessoas que também fugiam da chuva. Depois de atravessar por entre os carros, entrou no Plaza, sem se importar com o estado de seu cabelo ou de suas roupas.

Ao alcançá-la, Ethan tomou sua mão e a guiou até a recepção. Antes que o horrorizado atendente se pronunciasse, ele disse, impassível:

– Senhor e senhora McCain, temos reserva.

Dana estremeceu ao ouvir Ethan dizer o nome. Não era a primeira vez, mas, ali, soou como real. Ela ainda saboreava sua nova condição, tentando manter-se calma, quando o recepcionista liberou a entrada para que fossem guiados até o 18º andar.

– Edwardian Fifth Avenue Suíte – anunciou Ethan ao erguê-la nos braços.

Dana o enlaçou pelo pescoço, sem se importar com o humano que os acompanhou até aquele ponto. Se Ethan lhe deu gorjeta, ela nunca saberia. Estava atenta à suíte que, na verdade, era como um pequeno apartamento. O espaço não era o mesmo ocupado por ela e Joly. Dana deduziu então que deveria ser a suíte ocupada por Ethan na noite do Halloween.

– É perfeito! – elogiou a saleta ao ser posta de volta ao chão. Quando seus olhos encontraram os de seu marido, ela conteve a respiração. O vampiro encarava-a intensamente. – Ethan?

– Sabe o quanto eu a quis aqui, não sabe? – ele indagou, sem se mover.

Dana assentiu. Não a surpreendia que Ethan tivesse colocado os acontecimentos do parque em segundo plano para dar atenção exclusiva a ela. Compreendia-o, pois, agora que sabia quem era, mais do que nunca, ele era o seu eixo; como sabia ser o dele, depois de várias tentativas. Por isso e muito mais, não suportava a ideia de saber que ele ainda estava disposto a arriscar sua vida, caso tivesse a chance. E agora, com a bênção de Siro – ou Caim. Para ela pouco importava! Já não tinha tanta vontade de conhecê-lo.

Bem! Ela pensou, sem deixar de encarar seu marido enquanto seguia para o quarto. Aquele não era o momento de pensar sobre o assunto. Tinham outros tantos a tratar aquela noite. Antes de seguir até o banheiro, descalçou-se, retirou o casaco molhado, sua grinalda de folhas e flores – danificadas pela ação de Laryn e Ethan –, depositou-a no criado-mudo e sorriu para seu marido.

Ao fechar a porta, Dana procurou por sua imagem no espelho. A surpresa por se descobrir linda, mesmo com os cabelos molhados, prendeu sua atenção por míseros segundos. Não deveria se iludir ou divagar. Poderia ser o eixo de Ethan, mas o fato não o distraia; ele tinha uma nova questão. Quando a lua de mel fosse consumada, ele iria querer saber a razão de ter se negado a *querer*.

– E eu vou dizer – falou, escrutinando seus olhos âmbar.

No quarto, Ethan imitou sua esposa e retirou os sapatos, as meias, despiu suas roupas molhadas. Ele sorria, ainda a sentir o corpo vibrar. Não era despreparado, afinal. Não tanto quanto seus desafetos se empenharam em fazê-lo acreditar.

Agora estava claro que a diminuição por parte de Andrew e o deboche vindo de Raquel não passou de uma tentativa – bem-sucedida – de desestabilizá-lo. Pois teriam uma surpresa, todos eles!

Confiante, Ethan riu mansamente antes de caminhar até o frigobar e de lá retirar a garrafinha de uísque. Na saleta tinha champanhe e morangos. Cortesia aos recém-casados, que ele aproveitaria com sua esposa.

Ao pensar em Danielle, sorriu, contudo logo voltou à seriedade. Tão logo tivesse a chance, tentaria conseguir uma explicação para a recusa. Parecia-lhe impossível que houvesse alguma, afinal, dentre todos, ela sempre se mostrou a mais ferrenha militante naquela luta, pronta para o ataque.

Foi inevitável não cismar com o súbito entusiasmo que os levou até ali. Evidente que estava contente, feliz, entretanto aquela não parecia uma atitude que a Danielle que ele conhecia, tomaria. Ela...

O pensamento do vampiro dispersou com o mover da porta do banheiro. Ao se voltar, Ethan conteve a respiração. Danielle já se encontrava sentada na beirada do colchão, tendo uma das pernas apoiada sobre o mesmo. Seu corpo estava coberto pelo roupão personalizado do hotel e em uma das mãos tinha a loção cremosa; como se estivesse prestes a usá-la. Para instigar sua imaginação, sorriu e disse:

– A porta está aberta, pode entrar.

Ethan riu de puro contentamento antes de embarcar na brincadeira:

– Boa noite, Danielle. Joly está por aqui?

– Felizmente, não – disse Dana, exibindo o frasco para Ethan. – Você se importaria?

– Absolutamente.

Ethan dispensou a garrafinha de uísque e caminhou até a cama. Ao sentar, tomou o frasco para si e despejou loção em sua própria mão, enquanto sua esposa descobria uma das pernas.

– Sabe que não precisa desses paliativos, não sabe? – indagou Ethan, rouco, espalhando o creme sobre a pele que, para sempre, seria macia, sedosa.

– Sei... Mas que graça teria se eu dispensasse esse cuidado, Sr. McCain?

– Nenhuma, Sra. McCain – concordou, subindo sua palma pelo interior de uma coxa, quase a tocando intimamente, para então recuar. – Nenhuma.

Em chamuscas, vítima da brincadeira que sugeriu, Dana abriu o roupão para revelar sua nudez e se deitou, deixando que seu marido a provocasse o quanto quisesse ao espalhar a loção. Era excitante imaginar que aquele poderia ter sido o início de sua noite no Halloween, caso não fosse comprometida, caso não o temesse... Caso soubesse que sempre lhe pertencera.

Ethan compartilhava o pensamento. Não fossem todos os impedimentos que os separavam, naquele último dia de outubro poderia tê-la seduzido para fazer o mesmo...

Correr suas palmas por toda extensão da pele delicada, eriçando-lhe os pelos, os bicos dos seios nos quais espalhava creme para que ela o inebriasse com seu cheiro, como agora.

Com o fogo a consumi-la, Dana encerrou o jogo e atraiu Ethan para si. Em meio ao beijo foi estocada. Calando seus gemidos, atou suas pernas do quadril masculino e se deixou arrastar pelo turbilhão de sensações, até que um grito aflito, vindo com o gozo, reverberasse nas paredes do quarto. Inadequado ao local, porém incontrolável.

– Chocaremos os hóspedes – Ethan troçou, minutos depois, com ela presa num abraço enquanto rolava a aliança na mão feminina.

– Vou tentar me conter da próxima vez – disse ela, sem comprometimento, assistindo o mover de sua aliança.

– Prefiro que escandalize os hóspedes – ele retrucou, sorrindo. – Essa é nossa lua de mel.

Dana o acompanhou no sorriso, contudo, logo respirava profundamente, juntando coragem para fazer o certo.

– O que tem a me dizer, Danielle? – Ethan indagou de chofre, surpreendendo-a.

– Como sabe que vou dizer alguma coisa? – Ela se apoiou sobre o peito largo para encará-lo.

Encontrar uma sobrancelha erguida e o brilho sagaz nos olhos verdes, fez com que se arrependesse de sua pergunta. Estava claro que Ethan a conhecia ao ponto de saber que estava estranha desde que voltou do encontro com Raquel. Tentar omitir o que descobriu, indefinidamente, teria sido estupidez.

– Certo, não precisa responder – liberou-o.

– Apenas conte-me. – Quando sua esposa abriu a boca para tendê-lo, Ethan acrescentou: – Sem rodeios ou pedidos de promessas que não vou cumprir.

Ethan sabia elucidá-la muito bem, ela pensou contrariada. Com a observação ele eliminou sua introdução. Agora teria de ir direto ao ponto. Depois de, mais uma vez, aspirar e expirar profunda e lentamente, disparou a questão:

– O que aconteceria se descobrisse, um dia, que Regina não foi minha primeira versão?

– Nada – Ethan disse de pronto, unindo as sobrancelhas. – Por que essa descoberta seria pertinente? Outra versão seria apenas uma que não conheci. – Nem matei, ele acrescentou em pensamento.

Seu marido tinha razão, Dana concluiu, frustrada, pela tentativa inútil de, sim, dar voltas. Sustentando o olhar intenso, inquiridor, disse com cautela, testando limites:

– Raquel acha que eu posso ter sido Sabina.

Ethan piscou algumas vezes, não confiando na capacidade de seus ouvidos. Deu-lhes crédito ao reparar que não havia a mínima sombra de gracejo no rosto de sua esposa. Reflexivo, sentou recostado ao travesseiro, obrigando Danielle a se afastar e, também se sentar. Era desnecessário pedir que ela repetisse, assim como perguntar se tinha acreditado em tal disparate. Tinha todas as respostas nos olhos âmbar.

– Danielle – disse com o máximo controle que fora capaz de juntar –, eu a proíbo de repetir esse absurdo.

– Não é absurdo – ela replicou. Estava preparada para a incredulidade, o questionamento, não para tão soturna negação.

– Que eles queiram me desestabilizar, através de você, eu entendo – ciciou. – Mas *você* se deixar usar, é novo para mim. Sei que acreditou no que aquela cretina lhe disse, então vou apenas pedir para que repense... Considera, de verdade, que eu manteria minha lucidez se você fosse quem me criou? Alguém que odiei tão ferozmente ao ponto de matar ao despertar?

Apenas a primeira ação de outras já conhecidas, ela não o recriminaria pelo ato. Era passado! Para ela importava que tivessem encerrado o ciclo e estivessem juntos. No entanto, ainda a mirar os olhos verdes, Dana viu algo além da ferrenha negação. O tom brávio encobria algo pior: pavor!

Caso quisesse, facilmente provaria que não se tratava de um embuste, contudo, não o queria temeroso. Muito menos desestabilizado, quando acabara de restabelecer sua autoconfiança.

– Ethan... Seria isso? – ela indagou, unindo as sobrancelhas, imitando-o na estranheza. – Será possível que Raquel estivesse apenas me usando?

Ethan sentia seu velho coração oprimido, a muito custo reprimia os tremores de seu corpo. Não conseguia decifrar o que se passava no íntimo de sua esposa, mas, considerou ser sua obrigação fazê-la refutar tamanha temeridade. Com um movimento veloz, atraiu-a para si e lhe segurou o rosto.

– Ela está! – garantiu entre um rosnado raivoso. – Meu amor, esqueça! Raquel é antiga, esperta. Ela joga com o romantismo natural às mulheres. Imagino que para você deva ter parecido perfeito o fato de ter me transformado.

– Pareceu perfeito – Dana murmurou. De verdade, era o elo perfeito!

– Não! – O brado veemente a assustou. Ethan segurou-lhe os braços, ao ponto de doer, e sibilou: – Seria horrível! Tornaria tudo pior! Você teria sido... Você teria sido a mulher *dele*!

– Ethan...

– Não! – voltou a bradar. – Você seria a razão de toda essa história ter começado! Você se lembraria que o amou, antes de amar a mim! – Ethan não a ouvia. O ciúme, a raiva e o medo o cegavam.

– Sabina te escolheu, Ethan – Dana alteou a voz, tentando trazê-lo à razão. – Você estava lá. E sabe que é verdade.

– Por capricho! – ele gritou. Alguns vidros trepidaram em seus encaixes. – Ela me descartaria! Procuraria outro ou voltaria para Demini! Se eu passasse a sentir por ela, o que sinto por você, sabe que eu não suportaria!

– Está me machucando, Ethan – ela o alertou. Mais um pouco e perderia seus braços.

– Perdoe-me! – Ao se dar conta do descontrole, Ethan a apertou de encontro ao corpo, mantendo a cabeça dela presa ao seu peito com a mão direita, enquanto o braço esquerdo aprisionava-a pelo dorso nu. – Perdoe-me, meu amor... Não sei como lidar com essa ameaça!

– Não há ameaça. – Dana lhe beijou o peito, apaziguadora. – Você é especial, Ethan! Nunca seria um capricho. E o mais importante... Eu, Danielle, te amo. Esqueça o que eu disse, por favor!

– Vou esquecer depois de expulsar Raquel de nosso grupo – Ethan rosnou. – Se Seager quiser ficar, será bem-vindo. Mas, dela, quero distância. A partir de hoje, não permitirei que se aproxime de você.

– Não precisa tanto, Ethan...

Ethan a derrubou sobre a cama e a encarou.

– Agora, que tentou interceder por ela, justo você que há poucas horas sequer podia ouvir-lhe o nome, expulsá-la tornou-se indispensável.

A expressão do vampiro era bélica. Dana soube que não seria sábio retrucar ou insistir. Após um suspiro resignado, esboçou um sorriso.

– Não o fiz... Estava pensado apenas na sua determinação de mantê-la perto, para vigiá-la. Por mim, é indiferente se ela fica ou vai.

– Ela vai! Nem que eu tenha de mandá-la para o inferno!

Dana estremeceu. Não queria que brigassem. E, acima de tudo, não queria que Ethan sofresse. Depois de um novo suspiro, procurou por uma leveza que não sentia e sorriu.

– Essa conversa está séria demais. Até nos esquecemos de que estamos em lua de mel.

Ele não esquecera e o detalhe igualmente o abalava. Criaturas como ele não poderiam experimentar a felicidade plena, afinal, como pensou antes de perdê-la ao se revelar, criaturas de histórias de terror nunca tiveram finais felizes.

O contentamento vindo com seu casamento e a proveitosa visita de Laryn afrontou aos deuses. Deveria esperar por algum castigo.

– Ethan, você me fez ver que estava iludida – Dana lhe tocou o peito agitado. – Amanhã pode fazer o que bem entender com Raquel... Mas hoje, por favor, esqueça. Vamos voltar ao meu pedido e vivermos a nossa vida?

– Amanhã nós nos casaremos no civil – Ethan anunciou, sufocando seu temor. – Quero que todos saibam de nossa união formal. Quero que use meu nome. Ao menos a primeira vez eu faço questão que seus documentos como senhora Smith McCain, sejam verdadeiros.

– Ao menos a primeira vez? – Dana agradeceu a mudança de assunto e o fato de sua curiosidade ser real. – Como assim?

– Sabe que, daqui a alguns anos, vai ter de usar documentos falsos, não? – Ethan se apegou a explicação para acalmar seu coração.

– Ah, isso! – Dana revirou os olhos. – Você nunca teve problemas por ser varias versões de si mesmo?

– Nunca. – Ethan sentou sobre o quadril de sua esposa para admirá-la enquanto falava. – Meu relacionamento com os humanos é transitório. Posso ser meu sucessor e herdeiro sem problema algum. Sem precisar roubar a vida de outro imortal para encobrir minha identidade.

Dana já se dera conta de que aquele era um dos motivos que levava Graco a matar seus iguais, mas não comentaria. Aquela noite bastaria o arrependimento por ter citado sua primeira versão.

– Acho isso interessante! Sabe, quando fui à cobertura pela primeira vez, reparei nos seus diplomas. Você gosta muito do seu nome, pois não o troca.

– Troquei duas vezes – revelou –, mas o sobrenome se mantém o mesmo. E já que estamos no assunto. Meu *sucessor* terá outro nome. Até já existe um testamento.

– Não quero falar sobre isso – Dana dispensou o assunto. Seria apenas uma encenação, porém a remetia à uma perda real.

– Não quer nem saber como vou me chamar? – Ethan provocou-a, apreciando a distração. Precisava esquecer o que ela dissera. – Será...

– Não quero saber – Dana o calou também lhe tapando a boca. – Você sempre será Ethan, para mim.

Ethan sorriu e lhe beijou os dedos. Compreendia-a. O tema carregava certa morbidez.

– Tudo bem... Não vou dizer – anuiu.

Dana assentiu, agradecida. Não voltaria a falar dos métodos utilizados por ele, mas nada a impedia de trocar outra impressão.

– Acha que Laryn faz o mesmo? – perguntou. – Não o considerou estranho?

– No que está pensando, Danielle?

– Bem... Ele admitiu que veio à procura de Graco. E mesmo não deixando que eu falasse, deixou claro que Siro é o próprio Caim. – Quando Ethan se moveu, incomodado, ela se apressou em concluir: – Acho que ele é o Seth, usando apenas um novo nome.

– Pois eu rogo para que o seja – disse Ethan, considerando a hipótese. – Seria de grande ajuda.

Dana engoliu em seco e tentou manter-se impassível. Depois de expor a verdade, deveria tomar cuidado e jamais deixar que seus novos sentimentos viessem à tona. Não havia a mínima possibilidade de trocar seu marido por quem quer que fosse, e, sem dúvida, jamais declararia, mas não queria que Graco morresse. Talvez sempre fosse estranho, mas, agora, lhe tinha algum afeto.

Ao encontrar os olhos verdes atentos em seu rosto, Dana entendeu que Ethan aguardava por algum comentário.

– Sim – disse apressadamente –, se eu estiver certa, Seth será de grande valia para nós. Até porque, não quero ouvi-lo dizer que está disposto a se matar. Agora sabe que a maldição é verdadeira.

– Não vou dizer – prometeu. Mas nada o impediria de pensar. Evidente que não queria morrer, mas o inimigo avançava usando armas perturbadoras. Faria o que fosse preciso para pará-los, com ou sem a ajuda de quem quer que fosse. Para eliminar o olhar desconfiado de sua esposa, sorriu e pediu: – Pode confiar. Não farei nada impensado.

Disso Dana não tinha dúvidas. E não sabia o que mais temia: ações reflexivas ou as friamente estudadas. Escrutinando os olhos de seu vampiro, decidiu ignorar a questão. Aquele, de fato, era o momento deles dois apenas.

– Já que é assim... – aliciadora, Dana correu as mãos pelas potentes coxas, flexionadas ao lado de seu corpo – O que me diz de encerrarmos a conversa séria e comemorarmos nossa eterna união? Lembro que vi champanhe e morangos. Acho que estou preparada para testar meu paladar antes que seja preciso sair para nos alimentar.

– Soube que o tempo está péssimo – Ethan comentou, provocando-a. – Acho que seria melhor se conseguíssemos uma ou duas camareiras. O que *você* me diz?

O ciúme que espetou seu coração não fora nada agradável, e fez com que Dana entendesse exatamente como Ethan se sentiu ao sugerir o mesmo.

– *Touché*, Sr. McCain! Vou fazer o possível para não destroçar nenhuma delas, e poderá ter suas camareiras.

∞

– Traidores, os dois! *Traitres sans coeur!*

– Baixe o tom, Joelle. E entenda... Não se travava de você, apenas de nós dois – disse Ethan, estreitando o abraço na cintura de sua esposa, parada ao lado de sua cadeira, de pé.
– Não somos traidores sem coração. Encerre o drama.

– Você será testemunha da nossa união formal, *ma chère*.

– Nem vem, Dana! Já basta Ethan usar essa voz mansa comigo. Não perdoo! Eu participo disso desde o início – resmungou a francesa, indicando o casal, com o dedo em riste. – O mínimo que poderiam ter feito era me avisar que casariam às escondidas. Estivemos juntos ontem, no final da tarde! E já inventaram o celular...

– Se avisássemos, não seria às escondidas – Ethan replicou, não como troça.

Começava a perder o que restava de sua paciência. Já reduzida a um terço desde a noite anterior – depois da conversa insólita sobre Danielle ter sido Sabina –, e em declínio constante por saber que Raquel estava na sala de Seager; como se não o tivesse traído à primeira oportunidade.

Com ela, entender-se-ia depois. No momento queria calar a francesa, que surtou ao ver as alianças. Entendia que Joly se sentisse excluída, não que reclamasse como se ele ou sua esposa lhe devesse explicações.

– Pare com isso, Ethan! – Dana interveio, livrando-se do abraço. – Joly, não foi às escondidas, só... às pressas. Nunca sentiu vontade de fazer algo que queria muito, assim, de repente?

– Sim, ela entende o conceito – falou Thomas ao entrar, sem bater. Depois de fechar a porta, aproximou-se da mesa de Ethan e depositou uma pasta, antes de se colocar ao lado da companheira carrancuda. – Não foi exatamente o que fizemos? – indagou a ela, com carinho. – Quando nos unimos não avisou seus parentes ou seus amigos. Acompanhou-me sem sequer se despedir. E Ethan também não estava presente.

– Foi diferente – ela retrucou sem convicção. – Ninguém iria entender nada, afinal, nunca o viram comigo. E meu pai tinha acabado de ser sepultado. Sobre Ethan, eu mal o conhecia... E Dana, bem, nem era nascida. Não era minha melhor amiga na época, mas agora, sim.

Dana se enterneceu, porém, não tanto que se arrependesse de sua intempestividade. Como Ethan dissera, o assunto era pertinente apenas aos dois, exatamente como ocorrera com Thomas e Joly. Não importava os motivos, cada casal teve o seu. De toda forma, não queria que sua amiga ficasse magoada.

– Me perdoe, Joly – pediu, adúladora, segurando-lhe as mãos. – Se ficar aborrecida conosco, a alegria do momento será perdida. Eu estava tão ansiosa para chegar aqui e dividir minha felicidade com você. Não contei nem aos meus pais, pois queria que você fosse a primeira a saber.

Joly olhou-a de esguelha, mantendo os lábios unidos em uma linha rígida. Entretanto, logo sorriu e a abraçou.

– Sabe que não consigo sentir raiva de você – disse ainda a estreitar Dana num abraço. – E agora me olha de um jeito...

Aquele *conceito* Ethan entendia. Ao que parecia sua Danielle aprendera a usar seu olhar súplice como forma de persuasão. Tinha pena dos pobres mortais. E dos imortais... Ninguém resistiria a ela!

O vampiro estremeceu ao constatar a similaridade de seu pensamento às palavras de Raquel ao se referir à Sabina. “Ninguém resistia a ela”, dissera.

– Não! – Ethan ciciou, sem notar, cerrando os punhos com força.

– Ethan? – Thomas o chamou, olhando-o com estranheza. Danielle e Joly fizeram o mesmo.

– Está tudo bem? – Dana voltou para junto de seu companheiro, preocupada com a expressão taciturna.

– Sim! – disse rapidamente. – Fico feliz que Joelle tenha entendido.

– Entendo desde que eu seja mesmo a testemunha da união oficial – ela retrucou. – E meus parabéns! Mesmo sendo deixada de fora, estou feliz pelos dois.

– Digo o mesmo. – Thomas sorriu para os dois. – Parabéns ao casal.

– Ouvi direito?

Todos se voltaram para a porta em tempo de ver Seager cruzar o limiar, seguindo Raquel, que não escondia sua curiosidade.

– Então... – ela insistiu. – Ouvi direito? Felicitações e citações a uma união formal? – Antes que qualquer um respondesse, ela escrutinou Ethan e Dana com atenção, até deter seu olhar nas alianças. – Oh!

– Sim, nós nos casamos – Dana confirmou.

– Meus parabéns! – Seager se adiantou para cumprimentá-la. Depois de apertar-lhe a mão, fez o mesmo com Ethan, que se colocou de pé, ao lado da esposa.

– Obrigado! – disse a Seager, porém com os olhos postos em Raquel. – Você, não diz nada?

– Digo que fico feliz... Pelos dois. E confesso que, por essa eu não esperava.

Dana sentia o olhar atingir sua alma. Não era como se estivesse arrependida. Isso, jamais! Mas, depois do que vira, incomodava-a trazer dissabor à vampira. Era um sentimento incômodo ao extremo, que não conseguia evitar.

– Como não esperava? – Ethan franziu o cenho. – Era o curso natural.

– Não esperava que fosse assim, às pressas – ela explicou.

– Olhe para mim quando falar comigo – Ethan demandou, odiando a forma como Raquel encarava Danielle.

– Perdoe-me – pediu a imortal, contudo não o atendeu. Apenas baixou o olhar e recuou um passo.

– Bem... – Seager tomou a palavra, quebrando o silêncio constrangedor. – Eu vim dizer que vou me ausentar por uns dias. Consegui o nome de uma testemunha para um dos casos que cuido e quero encontrá-la. Tudo bem para você, Ethan? Sei que não é o momento, então se...

– Pode ir sossegado – Ethan o cortou, mantendo Raquel sob sua vigilância.

– Prometo não demorar – Seager assegurou.

– Bom, pelo visto, tudo está de volta ao normal – comentou Thomas. – Vejo-os mais tarde. Vamos, Joly.

– Dana – disse a francesa, deixando-se levar em direção à porta –, depois quero detalhes.

Dana sorriu, e assentiu.

Ethan queria encontrar com os amigos, mais tarde, em sua cobertura, mas nada disse no momento. Não queria deixar explícito, para Seager e Raquel, que guardava algum segredo.

– Se está tudo bem para você – disse Seager, seguindo os passos de Thomas –, também vou cuidar das minhas obrigações. E, mais uma vez, meus parabéns!

Ethan assentiu, porém não sorriu. Antes disso, manteve sua seriedade e disse, em tom que dispensava recusas ou argumentações:

– Danielle, Seager... Eu gostaria de falar com Raquel, a sós. Se nos deixassem, eu agradeceria.

Dana olhou de um ao outro, como Seager o fizera. Divergindo do companheiro de Raquel, que logo assentiu e marchou para a porta, ela abriu a boca para protestar, contudo, o olhar bélico de seu marido a calou. Depois de, mais uma vez, olhar de um ao outro, Dana seguiu os passos de Seager.

– Agora nós dois – disse Ethan, cruzando os braços sobre o peito, em tom baixo, para que apenas Raquel o escutasse. – O que pretende?

– Ajudaria se me dissesse a que se refere – ela retrucou, no mesmo tom.

– Eu tinha entendido que não seria preciso colocar tudo em palavras – ele salientou. E se congratulou ao ver o constrangimento cruzar o olhar castanho. – Mas já que sua leitura de mente não está afiada hoje, eu digo... O que pretende conseguir quando tenta fazer Danielle acreditar que foi sua adorável Sabina?

Raquel empertigou-se.

– Então, ela lhe disse – falou, antes de correr as mãos pelos longos cabelos castanhos, talvez a procura de uma resposta satisfatória, não verdadeira.

– Não era para ter dito? – Ethan ergueu uma sobrancelha, inquiridor. – Seria um segredo entre velhas amigas?

Raquel ergueu o queixo, também em desafio, porém se conteve. E baixou o olhar.

– Não era segredo. Eu falaria com você sobre essa impressão, apenas contei para ela porque fui procurada. Nós não nos vimos desde então, não é mesmo? E não pretendo nada. O que poderia querer? Mesmo que Danielle tenha sido Sabina, hoje ela é outra pessoa, com outros interesses.

– Ou os mesmo – rebateu Ethan, sugestivo. – Nós dois sabemos a quem ela queria...

– Antes que você a matasse? – Raquel ciciou, deixando cair sua máscara por um instante. Logo respirou fundo e tentou consertar seu deslize. – Desculpe-me. Eu não deveria ter dito isso. É que toda essa história é demais para mim. De verdade, Ethan, eu não quero nada com sua esposa. Queria apenas que ela soubesse. Não vê? É uma história bonita, afinal...

– Seria – ele a corrigiu –, se fosse verdadeira. Danielle não foi sua... irmã. Não tente resgatar sentimentos que nunca existiram.

– Não tentaria – garantiu Raquel, mirando o chão.

– E já que estamos nos entendendo, saiba também que pode fazer parte do meu grupo, se quiser. Mas não preciso mais de você.

– Não?! – Raquel o encarou, sem ocultar sua curiosidade. – Por que não?

Ethan torceu o rosto, dramatizando uma estranheza que não sentia, antes que zombasse:

– Hoje, realmente, não é um bom dia para os leitores de mente! E eu estou tão perto... Talvez, se eu me aproximasse mais um pouquinho... – Ao se calar, colocou-os face a face, sem deixar de encará-la. – Tente agora.

– Está bem! – Raquel exasperou-se. Ao se afastar, admitiu: – Não consigo saber o que pensa. Não sei o que aconteceu, mas hoje você não está... óbvio.

– Era o que me ensinaria? – Ethan apurou os ombros e levou as mãos aos bolsos da calça. – A não ser óbvio? Era essa sua grande ajuda contra Graco? Ou foi uma desculpa para se aproximar de Danielle já que acredita nessa fantasia romântica de que ela seja sua... irmã?

– Olha... Se você quiser, eu posso ir embora – disse Raquel, empertigada. – Mas se ainda permitir que eu fique, dispensaria o sarcasmo. Pode parecer pouca coisa, mas não ser óbvio perante a um inimigo, pode ser de grande valia.

– Conheço uma ou duas outras coisas que ajudariam ainda mais – replicou ele, enigmático.

– Pelo o que eu vejo essa união com Dana lhe fez muito bem. Você está mais confiante.

– A união foi um mero detalhe. – Ethan a analisava, tentando provocá-la para que, mais uma vez, deixasse a máscara de passividade cair. – Mas, sim... Danielle me dá força. E, mais do que nunca, agora somos indivisíveis.

– Como deve ser – ela disse de pronto, incomodada. – Se era tudo... Eu gostaria de voltar para junto de Seager.

– Fique à vontade – liberou-a.

Ainda que seu desejo fosse ver Raquel pelas costas, durante a noite, enquanto Danielle dormia apoiada em seu peito, ele reconsiderou a decisão de expulsão. Por não saber o que a imortal pretendia, decidiu ser preferível tê-la sob suas vistas; como determinado no início da semana.

Danielle e ele eram inseparáveis, pensou, girando a aliança em seu dedo anelar, reafirmando o que dissera. Mas não estavam fora de perigo. Estava claro que não era apenas Graco que tinha interesses que não o deixavam partir.

Capítulo Trinta

Com Danielle ao seu lado, Ethan esperava que Thomas e Joly absorvessem tudo que lhes contou. Estavam na cobertura, no encontro marcado por mensagens discretas, via celular. Seus amigos encaravam-se, comunicando-se através do olhar. Aquela conexão entre casais era a real leitura de mentes. Ethan os invejava, pois, por mais que compreendesse as expressões de sua esposa, não tinha ilusões: nunca seria capaz de lê-la por completo.

Logo Thomas e Joly o encaravam, contudo, apenas seu amigo falou:

– Está nos dizendo que aquela mudança de tempo que assustou a todos e enlouqueceu os meteorologistas da cidade, foi provocada por você?

– E por Laryn. Não se esqueça de nosso ilustre visitante – pediu Ethan, sem pretensão.

– E mais essa! – Thomas exclamou, ensimesmado. – Eu não contava que ele viesse até aqui, ainda mais para parar o Andrew! Ele disse como? Pelo pouco que vi, ele não me pareceu interessado em uma luta.

Ethan trocou olhares com Danielle ao recordar a especulação quanto a Laryn ser, na verdade, Seth. Por estar farto de suposições, não compartilhou a impressão. Igualmente achou por bem não citar que Siro pudesse ser o próprio Caim. Quando, um dia, fossem até Kastoria, o Original se apresentaria, caso assim quisesse.

– Não perguntei o que Laryn pretendia – disse apenas.

– Mas perguntou sobre nosso poder – Joly se agitou. – Acha que eu também teria algum?

– Segundo Laryn, basta querer. Agora vejo que foi o que nos aconteceu. Quando Thomas pensou que eu fosse atacá-la, e quis me afastar, ele o fez. – Ethan lhe sorriu, encorajador. – Por que não tenta? Queria algo, *ma chère*.

Dana se moveu, incomodada com o tema. Ethan não tocou no assunto na noite anterior, no Plaza, nem aquela manhã, quando já estavam no apartamento. Mas nada o impediria de incluí-la nas demonstrações que se seguiriam. E ela não poderia querer, não quando sabia que não seria como ele. Ela não tinha o poder que enlouqueceria os especialistas do tempo.

– O que você quer, querida? – Thomas indagou, olhando sua esposa com atenção.

– Não seja gananciosa – pediu Ethan, divertido. – Não vá destruir meu apartamento.

– Engraçadinho... – Joly se pôs de pé, ao que foi imitada por seu marido. Depois de olhar com receio para Dana e Ethan, passou as mãos por sua calça, como se as preparasse, então as ergueu.

Expectantes, todos olharam em volta. Quando parecia que nada aconteceria, um copo de uísque, deixado sobre a mesa de centro, se moveu. Contagiada pelo ânimo de sua plateia, Joly moveu a mão, num movimento brusco que fez com que o copo alçasse voo e se chocasse contra a parede, logo abaixo do Caravaggio.

– Esqueci de incluir no pedido que não destruísse minhas obras de arte – Ethan troçou ao se pôr de pé, sorrindo, orgulhoso pelo feito de sua amiga. Estava satisfeito por finalmente ter algo a acrescentar.

Joly não retrucou, empolgada, atirou-se no pescoço de seu companheiro.

– Thomas, você viu isso?

– Eu vi, querida. – Depois de beijá-la, ele se voltou para Dana. – E você? Também tem um dragão. Com Ethan, poderia causar uma calamidade.

– Creio que sim. – Dana esboçou um sorriso.

– Mas a calamidade não virá hoje – Ethan determinou ao puxá-la para si e abraçá-la pela cintura. – Creio que já conversamos tudo. As instruções continuam as mesmas. Não baixem a guarda, pois não temos garantias de que Andrew deixou a cidade. Mantenham a atenção em Raquel. E em Seager – acrescentou a contragosto.

Seria decepcionante se o vampiro se voltasse contra ele, ou fosse novamente induzido.

– Pode ficar sossegado – disse Thomas. – Ficaremos bem.

– E não vamos dar mostras de que agora sabemos mais – acrescentou Joly.

– E seria sábio não citarmos Laryn – Ethan salientou. – Ele não disse nada a respeito, mas imagino que não queira alardes sobre sua presença.

Sem novos assuntos a tratar, o casal de amigos se despediu e partiu, deixando Ethan e Danielle a sós. Sem deixar de olhá-la, ele fez com que se sentasse no sofá e imitou-a, porém sentou na mesinha, ficando de frente para sua esposa. Depois de segurar-lhe as mãos e beijá-las, indagou:

– Não vai perguntar o que conversei com Raquel? Estranhei seu silêncio quanto a isso... Assim como acho estranho que não tenha se entusiasmado nem tentado experimentar seu poder.

– Nossa! – Dana revirou os olhos, para minimizar sua inquietação. – São muitas questões. Bem... Não perguntei sobre Raquel porque não me importa saber o que conversaram.

– Isso é novo! – Ethan franziu o cenho. – Ou é o mesmo de ontem? Ainda acredita na mentira que ela inventou? Agora simpatiza com Raquel?

– Entendi que ela não é uma ameaça... Não no sentido sentimental – Dana tratou de salientar. – Raquel não está interessada em você. Acho que nos usa para ter proteção, o que nos prova que, cedo ou tarde, Graco vai se mostrar.

Quanto a Demini, Ethan não tinha dúvidas. No mais, não a contestaria, mesmo sabendo que a vampira tinha, sim, um interesse.

– Muito bem... Aceito sua explicação. E quanto ao resto? Quando era humana estava disposta a tudo para nos ajudar. Queria bufar e soprar, como eu. Agora que descobriu do que é capaz, fica quieta? O que há?

Dana pensou nas possibilidades. Estavam juntos, casados para todos os efeitos, não cabiam segredos de qualquer espécie.

– Eu... – começou, desconcertada. – Eu acho que não poderia... Ser como você, digo. Sei que não quer voltar ao assunto de ontem, mas... Se eu tiver sido Sabina...

– De novo, não! – Ethan vociferou e se afastou até parar junto à porta que levava à piscina. – Isso é mentira! Inferno!

O vampiro estava irredutível. Dana não gostaria de contrariá-lo, citando um tema tão delicado, mas não tinha como evitar. E se Ethan não queria ouvir, teria de ver.

Decidida, Dana foi até ele. Sem nada dizer, abriu as portas duplas e saiu para a área aberta. Sabia que Ethan a observava, então, concentrou-se. Logo o vento soprava um pouco mais forte, o que trouxe um sorriso ao seu rosto. Para alguém que, poucos dias atrás era humana, aquele mínimo poder era extraordinário.

Contudo, Ethan queria que ela pudesse mais. E ela poderia, caso seu dragão fosse legítimo. Como ela, seu vampiro queria uma resposta e ambos a teriam. Rogando aos céus que estivesse errada em sua dedução, Dana ergueu a mão esquerda, imitando o gesto visto na noite anterior, e quis.

Precisava provar sua tese, convicta desejou que as nuvens viessem, e os raios, os trovões. Com exceção ao avanço do vento, que formou ondas na piscina, agitou seus cabelos, a saia do seu vestido e a vegetação do jardim, nada de impressionante aconteceu. Infelizmente, ela estava certa!

De súbito, Ethan a abraçou por trás, prendeu-lhe o pulso e a obrigou a baixar a mão, com certa violência.

– Isso não prova nada! – ele ciciou junto ao seu ouvido.

– Ethan...

– Não prova! – ele insistiu em meio a um rosnado, girando-a para abraçá-la de encontrou ao peito. – Deve haver uma explicação.

– Há uma explicação.

– Outra explicação, inferno! – bradou, apertando-a junto a si.

Uma explicação que não envolvesse o fato de ela ter pertencido aos seus rivais, Ethan determinou, aborrecido. Como lidaria com o fato de ela ter lembranças de uma vida conjunta que durou centenas, milhares de anos provavelmente? Não tinha estrutura para tanto! Nem seria preciso ter, pois não era verdade. Não era! E por ele, Danielle não precisaria tentar alterar o tempo nunca mais. Quando fosse preciso, provocaria a calamidade por eles dois.

– Preciso de você – anunciou antes de segurar-lhe os cabelos da nuca e beijá-la, sem dar-lhe chance de resposta. – Agora – determinou entre o beijo – Sempre. Comigo.

Dana precisava dele com a mesma urgência. Correspondeu com paixão, abraçando-o com braços e pernas para que fosse levada para dentro, escada acima, até que Ethan a atirasse sobre a cama e unisse seus corpos. Dana não o forçaria a aceitar aquela verdade. Passariam muito bem sem aquele detalhe que a ambos aterrorizava.

∞

Como dito, Joly e Thomas testemunharam a oficialização da união, que se deu na manhã de sábado, no cartório especializado. A partir daquela data, Dana passaria a assinar, Danielle Smith McCain. O desfecho natural, contudo, estarrecia-a mais do que ser imortal, mais do que acelerar o vento.

A montanha russa de sua vida tinha mais voltas, descidas e subidas alucinantes do que sua limitada mente humana um dia poderia supor. O carrinho não tinha travas nem freios, mas ela estava imensamente feliz. Esperava que o extraordinário nunca tivesse fim.

– Parabéns! – Joly cumprimentou-a ao abraçá-la. – Eu nem acredito! Você conseguiu o que eu sempre considerei impossível! Laçou o Smith McCain!

A missão fora custosa, Dana gracejou em pensamento. Precisou morrer e nascer inúmeras vezes até conseguir o feito. Ethan, por sua vez, não retrucou. Por anos a fio, para ele, tal ligação fora considerada impossível.

– Cuide bem dela, hein? – Joly pediu ao abraçá-lo. – Não quero nunca me arrepender de ter bancado o cupido.

– Não tenha cuidados – disse Ethan, antes de depositar um beijo na cabeleira negra.

– Parabéns, Ethan! – Thomas igualmente os cumprimentou, sem recomendações. – Parabéns, Danielle!

– Obrigada! – responderam em uníssono ao se abraçarem.

Por não serem casais normais em cerimônias habituais, despediram-se na calçada, depois de novos cumprimentos. Não teria comemoração, e Dana não se importou com o

fato. Tudo que queria estava ao seu lado, olhando-a com a peculiar intensidade, mitigando a sensação de observação que, desde que deixaram o NY Offices, acompanhava-a.

Sem medo de errar, diria se tratar de Raquel. Dana ainda se lembrava da forma como fora encarada quando a vampira deixou a sala de Ethan, depois da conversa particular. Ela conhecia o tema. Como se não bastasse conhecer seu marido, viu na expressão de Raquel o que se passara. Vira também que era considerada uma traidora por ter contado sua lembrança a Ethan, por ter se casado às pressas.

Ainda na casa infernal, depois que viu o passado, Raquel tentou levá-la para seu lado.

“Ethan vai desprezá-la!”, ela dissera. “Se não agora, um dia vai se voltar contra você, pois não entende a magnitude do significado das marcas iguais e sempre há de considerá-la uma ameaça. Mas se vai mesmo correr para ele, ao menos não conte a verdade. Pense sobre o que viu.”

A partir dali nascera seu temor. Em especial por saber que Raquel não estava de todo errada. Mas não se acovardara ao ponto de aceitar a sugestão e ficar afastada de Ethan. Jamais teve o que pensar. Separar-se do vampiro nunca mais seria sua primeira opção. Temendo-o ou não, preferia pagar para ver.

Infelizmente Ethan se recusava a aceitar a verdade, com isso, o medo de ser desprezada ainda existia, mas preferia confiar nas declarações de seu vampiro. Agora ela era a senhora Smith McCain. Sentia-se amada e protegida, com Ethan a esbanjar confiança, liderando a todos, tendo ela ao lado, não acima dele, subjugando-o.

Restava retomarem suas vidas, rogando para que Laryn estivesse errado e que Graco se mantivesse longe, deixando-os em paz.

– Um dólar por seus pensamentos – disse Ethan ao atraí-la para um abraço, sem se importar com os transeuntes.

– Não precisa pagar *tanto* por eles – Dana gracejou depois de apoiar os braços nos ombros largos e fortes, ignorando a observação. – Sabe o que estou pensando.

– Seria algo relativo à placidez do momento? – ele arriscou.

– Está ficando afiado. – Ela sorriu. Poderia ser fugaz, mas a calma contentava-a. – Sim, tem a ver com a paz. Não vou me iludir, mas acho que agora poderemos, de fato, retomar nossas vidas. – Após um riso breve, admitiu: – Será péssimo ficar longe de você, mas devo voltar à redação.

– Meu computador está a sua disposição – retrucou Ethan, sem acompanhá-la no humor. – Ainda acho que devemos ficar juntos.

– Seria perfeito, mas, nada saudável – Dana replicou, com afeto. – Não devemos viver sob uma redoma protetiva.

Ethan odiava admitir, mas o conceito do desapego sempre seria válido. Tinha de aprender a lidar com a distância e, acima de tudo, confiar no amor que os unia. A droga toda era que, nem na teoria, parecia fácil.

– Se não estivessemos em tempos de guerra eu a tiraria daqui – ciciou. – Seria como uma lua de mel, de verdade.

– E para onde me levaria? – Dana tocou-lhe a testa, para acariciar a ruga de aborrecimento, adulando-o. – Algum lugar na Europa? Para a Inglaterra, talvez? Eu adoraria conhecer seu país natal e...

– Para a Floresta Amazônica – Ethan a cortou com um murmúrio.

– Para a selva?! – Dana uniu as sobrancelhas. – No Brasil? Por que iria querer me levar aonde foi transformado?

– Pode parecer estranho, mas... É onde sinto que meu pai está – disse sem comoção, apenas como quem relata um fato simples. – Gostaria de levá-la até o lugar onde o enterrei.

– Você o enterrou?! – Em seu assombro, Dana se afastou um passo para encará-lo. – Você não tinha me dito isso.

– Estou dizendo agora. – Ethan deu de ombros, banalizando o gesto.

Dana escrutinou-lhe o rosto impassível e especulou se, depois de tantos anos, também lidaria com a morte de seus pais com o mesmo desapego. No momento, apesar de tudo, ainda parecia insólito. Então, ao ver o brilho fortuito que cruzou os olhos verdes, entendeu que não era o caso. Ethan sentia. Apenas não se permitia sofrer com o que não poderia mudar.

– Eu adoraria ver o lugar onde meu sogro repousa – anuiu, sem mais questões.

Ethan esboçou um sorriso e assentiu.

– Assim que for possível, levo-a ao Brasil – anunciou. Antes que Dana pudesse responder, ele a beijou no alto da cabeça e a tomou pela mão. – Agora, vamos sair daqui. Laryn não representa perigo, mas não me agrada que fique à nossa espreita.

– Laryn?! – Apesar do espanto, Dana externou sua estranheza num murmúrio, olhando em volta. – Tem certeza, Ethan?

– Sim – ele assegurou, guiando-a rumo ao BMW. – Ele está nos seguindo desde que saímos do NY Offices. Não sei se queria que eu soubesse ou se foi um descuido, mas eu o vi.

– E por que ele nos seguiria? Antes, tudo bem... Mas depois do encontro no parque?

– Arrisco o palpite de que, para ele, eu seja uma isca viva – disse Ethan, enquanto abria a porta do carona para sua esposa.

Dana parou ao lado da porta aberta e o encarou, com ansiedade no olhar.

– Ethan... Se ele te usa, você acha que poderia mesmo ser...?

– Se aprendi alguma coisa em toda essa história, meu amor – Ethan lhe sustentava o olhar –, foi que nada é o que parece e que ninguém é quem diz ser. Se quem me persegue for Seth, tanto melhor para nós. Agora, vamos!

Dana se deixou levar em silêncio. Vez ou outra olhava para Ethan, para as mãos fortes ao volante. Sim, ele estava confiante. Sua força e determinação eram palpáveis. Estava satisfeita em vê-lo seguro, mas não negaria que, no fundo, sentia-se apavorada. Em meio a tanta falsidade, Ethan era autêntico e nunca escondeu o fato de ser temerário.

Que Laryn fosse Seth! Dana rogou. E, quando chegasse o momento, se não tivesse outra saída, que fosse ele o primeiro a colocar as mãos em Graco. Porque se fosse o vampiro altivo ao seu lado – agora que a farsa da leitura de mentes fora descoberta –, ele não hesitaria em dar cabo do rival. E, talvez, de si mesmo.

Dana se sobressaltou ao sentir o aperto em seus dedos. Trêmula, olhou para as mãos unidas.

– Agora não faço à mínima ideia do que esteja pensando – disse Ethan. – Vai ter de me dizer.

– Estou pensando que, se não estivéssemos em tempos de guerra, eu o tiraria daqui – parafraseou-o. Não era mentira.

– Enquanto não podemos nos tirar daqui, vamos seguir sua ideia, e viver nossa vida.

∞

– *Casada?! – Dana precisou afastar o fone do ouvido, incomodada com o grito repreensivo de Tracy. – Martin! Você precisa ouvir isso!*

Era domingo e, como sempre, Dana tinha de falar com seus pais. Evidente que tocaria no assunto. Depois dos cumprimentos de praxe e da conversa usual, revelou seu novo estado civil. Tentou minimizar a situação, mas uma união clandestina jamais seria bem recebida.

– *É isso mesmo que sua mãe me disse?* – indagou Martin ao ser incluído na conversa pelo viva-voz. – *Você se casou? Com um estranho?*

– Ethan não é um estranho, pai – ela o corrigiu, mirando os olhos de Ethan. Ele estava à sua frente e mal encobria sua diversão.

– *Até ontem era noiva de Paul* – Martin rebateu. – *Como agora está casada com outro? Por que não o trouxe aqui?*

Com a menção de Paul, o humor de Ethan se esvaiu. Depois de sinalizar para que Dana lhe passasse o fone, tomou-o e disse ao sogro:

– Bom dia, senhor Hall. Aqui é Ethan McCain, o...

– *Marido da minha filha* – o reverendo o cortou, aborrecido. – *Acabo de ser informado.*

– Senhor Hall, entendo como deva estar se sentindo, mas...

– *Por acaso o senhor tem filhos, senhor McCain?* – a voz de Tracy foi ouvida.

– Não, mas...

– *Então, não diga que entende!* – ela o cortou, mais uma vez.

– *Eu poderia pedir perdão por minha esposa, senhor McCain* – disse Martin –, *mas não o farei. Ela tem razão. Se nos entendesse não teria se casado com nossa filha sem nem ao menos se apresentar como se deve. Somos de uma família humilde, porém correta. Dana é nossa única filha. Não ocorreu ao senhor que gostaríamos de participar?*

Ouvia a reprimenda de humanos! Somente sendo os responsáveis por ter Danielle para conseguirem tal feito, Ethan pensou. Não tinha parâmetros, então procurou por condescendência ao imaginar como Henry se sentiria caso fosse excluído. Antes de ser grosseiro, quis aliviar a tristeza, mascarada de bronca e tentou influenciá-los, mesmo distante.

– Eu sinto muito! Nós nos conhecemos, nos apaixonamos e uma coisa levou à outra...

– E... – Dana começou, junto ao bocal, encarando Ethan, muito perto. – Ele não é de todo estranho para a senhora, mamãe. Eu falei dele da última vez que estive aí. Deve se lembrar...

– Falou de mim para sua mãe? – Ethan indagou num murmúrio, sorrindo, convencido.

Dana respondeu com uma careta repreensiva. Já fizera muito em se delatar.

– *Esse Ethan é... aquele do beijo?* – disse Tracy, mudando o tom. – *Acho que posso entender, então...*

– *Sou o último a saber? É isso?* – Martin se mostrava irredutível.

– Desculpe-nos, reverendo. Eu tentei agir com correção, na medida do possível. Amo sua filha, senhor e senhora Hall. Prometo que, assim que pudermos, iremos até Albany para que me conheçam. E, quando acontecer, rogo para que me aceitem porque sei o quanto a opinião dos pais é importante para minha Danielle. Acreditem! Ela esteve inconsolável por não comunicá-los. Sei que acumularei pontos negativos, mas... A culpa é única e exclusivamente minha. Entendam! – ordenou, por fim.

– Obrigada! – Dana sussurrou, de fato agradecida. Talvez a imortalidade já estivesse atuando em sua sensibilidade, desligando-a daqueles que, inevitavelmente, perderia. De fato não pensou que sua atitude causasse tamanha comoção.

– Bem... – disse Martin, após um instante em silêncio. – *Não aprovo o que fizeram, mas, sem dúvida, essa declaração, mesmo sabendo que a responsabilidade seria de Dana, conta pontos a seu favor. Parece ser atencioso e honrado, senhor McCain. Minha esposa e eu ficaremos satisfeitos em recebê-lo. Venham quando puderem. As portas estarão abertas.*

– *Será bem-vindo* – assegurou Tracy.

Vitorioso, Ethan sorria ao devolver o fone, após afáveis despedidas. Dana não voltou a ser repreendida, apenas fora obrigada a ouvir algumas recomendações de como lidar com um marido, repassadas por sua mãe; encantada.

– Obrigada por convencê-los – disse Dana, ao desligar. – E me diga, desde quando sabe que consegue induzir sem estar face a face?

– Raquel comentou a respeito, certa vez – ele admitiu, dando de ombros, ao se recostar na mesa de seu gabinete e cruzar os braços. – Eu tentei fazer o mesmo com o rábula, quando ele a sequestrou, mas não funcionou. Não era como se eu não quisesse que desse certo... Eu queria com todas as minhas forças, mas... Eu estava abalado, perdido sem você. Agora, eu me sinto seguro. E funcionou, simples assim. Percebo que estar estável, faz toda diferença.

– Acredito que sim – Dana lhe sorriu. Não se enganava com o comedimento, mas o admirava. Parafraseando Thomas, Ethan estava pasmoso, soberbo. – Eu mesma já lhe disse algo parecido. Que você se deixou conter, por mim e por... *ele*, porque estava sugestionado, sentindo-se inferior. Sem fé, Ethan, nada funciona.

Ethan a encarou por um tempo preocupante, em silêncio. Dana se arrependia de tê-lo lembrado de tais episódios. Iria se desculpar, quando ele pediu:

– Ordene que eu faça algo. Diga apenas para que fique quieto, como da outra vez.

– Ethan... – Ela não queria ser obrigada a subjugá-lo. Temia que, ao contê-lo, abalasse a renovada confiança. – Não...

– Faça!

Daquela vez fora uma ordem, alta e clara. Uma que levou Dana a unir as sobrancelhas, pois, mesmo mantendo sua lucidez, sentiu o desejo incontrolável de atender. Antes que se calasse, ordenou no mesmo tom:

– Ethan, não se mexa!

Impaciente, seu vampiro corria uma das mãos pelos cabelos quando, de imediato, estacou sem concluir o movimento. Horrorizada, Dana o analisou atentamente. Ele franziu o cenho, retribuindo seu olhar. Ethan poderia falar normalmente, porém ela não se atreveu a puxar qualquer assunto. Nem tampouco lhe ocorreu retirar a ordem, visto que ainda se sentia compelida a obedecer ao primeiro comando.

– Ethan... Me desculpe – ela murmurou, aproximando-se, sem conseguir ocultar seu assombro ou o seu pesar. Para minimizar seu feito, revelou: – Eu não queria, mas você me obrigou e eu, simplesmente, obedeci. Acho que voltei a acatar suas ordens... Ordene para que eu o liberte e nunca mais me obrigue a fazer isso de novo porque não...

De súbito, Ethan a prendeu num abraço restritivo. Com o susto, mirando o olhar brilhante, Dana precisou de alguns segundos para compreender que fora ludibriada. Ao ler o entendimento nos olhos âmbar, o vampiro riu com gosto.

– Ethan Smith McCain! – Dana o repreendeu. – Isso não teve a menor graça!

– Pareceu bem divertido para mim – ele retrucou, entre o riso. – Estou voltando à velha forma!

– E, eu, perdendo o jeito – ela resmungou, mirando Black Dois que entrou correndo, brincando sozinho, sem vê-lo na verdade. – Acha que isso significa que estou perdendo a força da transformação?

– Aconteceria, mais cedo ou mais tarde – disse Ethan, também com os olhos no filhote, perdendo o humor. – Mas não pense nisso. Sempre será forte o bastante.

– Mas é tão cedo...

Seager dissera que sua força durara, mais um menos, um mês. A dela já se esvaia em pouco mais de uma semana? Como enfrentaria Betânia quando fosse preciso? Questionou-se. Por ela, desistiria da luta, mas sabia que a vampira não era como Raquel ou Graco. Bete não acreditava que fosse Sabina e tentaria destruí-la para atingir seu vampiro.

– Não pense nisso – repetiu Ethan, beijando-lhe o alto da cabeça, ainda com os olhos postos no gato, que agora mordida a pata traseira.

– Tem razão – ela esboçou um sorriso, imbuída no repentino desejo de manter o clima anterior. – O importante é saber o que o *senhor* vai fazer já que está voltando à velha forma.

– Por ora, vou ordenar que me conte, com detalhes, o que falou sobre mim quando esteve em Albany. Confessou à sua mãe que beijou um estranho? Qual foi a opinião de minha sogra ante tanta liberalidade?

Estava claro que Ethan dividia com ela o desejo de manter o bom clima, então Dana apenas sorriu, antes de saciar-lhe a curiosidade, admitindo sua confusão depois do beijo fortuito. Evidente que Ethan se mostrou mais convencido, e Dana se divertiu com a falta de modéstia. Riu também de Black Dois que girava em torno de si mesmo, caçando o rabo.

O animal já dava mostras de confiança, os vampiros estavam em trégua, então, como dito, aquela não era hora para consternações, sim, para viver. Algo que, por si só, não seria fácil.

De fato, não seria, mas na manhã de segunda-feira, após um demorado e caloroso despertar – depois que Ethan espantou Black da cama – o casal se preparou para a retomada de suas encenações. A despedida, às portas do elevador privativo, fora igualmente longa, porém, por fim, apartaram-se.

Antes de entrar no prédio do *Today*, Dana conteve a respiração. Desta forma, não fora custoso estar entre tantos humanos, a subida até a redação não fora uma provação. Infelizmente não tinha como bloquear a cacofonia, mas teria de habituar-se, afinal, aquele também era seu mundo.

Cindy Howden, mais uma vez, recebera-a com alegria e, graças aos deuses, não a crivou de perguntas a cerca do casamento, nem voltou a especular sobre um possível nepotismo.

– Que romântico! – A editora suspirara. – Fico feliz por ter uma pequena participação nessa união.

– Uma das mais importantes – Dana dissera. Jamais esqueceria a ajuda.

Ansiosa por retomar sua função, Dana encerrou o assunto, colocando-se à disposição. Aquela manhã, ela pôde participar da reunião de pauta. Ciente de que, tão cedo não conseguiria ter paciência para se manter presa à cadeira, escolheu o tema que a colocaria na rua: cobrir uma passeata em prol da paz que teria início e fim em frente à sede da ONU.

– *Não gosto disso, Danielle!* – Ethan resmungou ao informá-lo que estaria na rua. – *Por que não fica onde está?*

– Não correrei perigo – prometeu. – Vou ficar atenta. Mas faz parte da minha vida, Ethan. É minha função.

– *Sabe que vou pensar nisso o dia inteiro, não sabe?*

– E será ruim pensar em mim o dia inteiro? – provocou-o, jocosa, desentendida. Não o queria preocupado, pois sabia que ficaria bem.

– *Não banque a espertinha, Danielle!* – Ethan ralhou. – *Você entendeu muito bem e...*

– Não brigue comigo, meu amor... – pediu languidamente, cortando-o, baixando a voz para que seus colegas não a ouvissem. – Quando eu voltar, nós conversaremos.

– Apenas volte – ele pediu, depois de alguns instantes em silêncio.

Ao desligar, Ethan se recostou no espaldar de sua cadeira. Como se não estivesse com clientes em sua sala, girou-a na direção da parede de vidro e olhou além, para os prédios, muito tentado a participar de uma passeata.

A ideia protecionista, contudo, não ganhou força. Largar tudo e todos para orbitar ao redor de Danielle não condizia com seu novo comportamento. E viverem era a nova ordem. Sua vampira – agora contraditoriamente pacifista – ficaria bem, tinha de confiar.

Desapegar-se também era a ordem, pensou resignado antes de girar a cadeira e encarar os homens que o olhavam com curiosidade.

Enquanto Danielle circulasse pela rua, ele ocuparia sua mente cumprindo a *sua* função. Como atenuante tinha a certeza de que Raquel se encontrava a algumas salas dali. Ele também estaria bem. Na medida do seu possível.

– Perdoem-me, era minha esposa. Onde paramos?

Capítulo Trinta e Um

O possível do vampiro se mostrou tolerável. Ao final do expediente, depois de se despedir do grupo, Ethan subiu para a cobertura. Sabia que encontraria Danielle, pois há meia hora ela anunciara sua chegada. O que não sabia era que seria atacado ao fechar a porta.

Com a esposa presa ao pescoço, mantendo sua boca cativa, Ethan pôde apenas abaixar-se minimamente para deixar o sobretudo e sua pasta com o computador ali mesmo, na entrada, antes de aprumar-se e abraçá-la.

Quando Danielle o enlaçou pela cintura, sustentou-a pelo quadril e, sempre seguindo até o sofá, participando daquela aflita dança de línguas, descalçou-se. Como lhe sentira a falta! Estava claro que ela sentira a mesma, pois, bastou que se sentasse para que o livrasse do paletó, da gravata. Em sua ânsia, Danielle fez saltar os botões de sua camisa, rasgando-a.

– Mais uma criação com nome sobrenome que se perde – ele troçou, rouco, quando sua esposa faminta fez com que deitasse a cabeça para atacar seu pescoço.

– Papai Armani não se importa – Dana retrucou ao morder o alto do peitoral largo enquanto desprendia o cinto. Ao abrir a calça e apertar a completa rigidez, acrescentou: – Não tem como ter cuidado quando estou queimando. Sinto tanto a sua falta!

Para endossar a declaração, Dana se livrou da própria blusa, deixando seu dorso nu.

– Ah, Danielle! – Ethan chiou ao apertar-lhe os seios, antes de beijá-los, prová-los.

O fogo e a falta que os atormentou durante o dia inteiro, foram aplacados quando se uniram, quando, juntos, atingiram o ápice.

– Boa noite, meu amor... – Dana murmurou, minutos depois, com a cabeça deitada sobre o peito de seu marido. – Como foi seu dia?

Ethan riu com gosto, depois de estreitá-la em um abraço. A pergunta correta era como foi seu inferno, pois padecera a cada hora, imaginando-a sozinha, na rua. Mas ali, com ela de volta, segura, a questionar sobre seu dia depois de praticamente abusá-lo, o tormento tolerável se tornou nulo.

– Já tive dias melhores – foi sincero, evitando declarações exageradas. – E o seu?

– Também já tive melhores – Danielle o imitou. Ethan acalentava a esperança de ela ter odiado o trabalho na rua, quando a ouviu acrescentar, com entusiasmo inquietante: – Mas fazer a cobertura da passeata o tornou melhor. Acho que é o que quero para mim. Sempre que tiver a oportunidade, vou escolher ficar fora da redação.

– Não gosto disso! – ciciou Ethan, perdendo o bom humor. – É como eu disse ao celular, já que insiste em ir para o *Today*, permaneça no prédio. Não é seguro ficar na rua, Danielle.

– Estou atenta – assegurou. Desenhando círculos com a ponta do indicador entre os pelos de seu *travesseiro*, revelou: – E nosso amigo estava por perto. Não o vi, mas por duas vezes senti o odor de Laryn.

– Saber disso deveria me acalmar? – Ethan se moveu, incomodado, depois de segurar-lhe a mão. – Eu queria acreditar que a isca viva fosse eu, mas agora não resta dúvida de que esta é você. Inferno! Até mesmo Laryn sabe que...

– Nada vai me acontecer – Dana tentou tranquilizá-lo, antes de passar uma das pernas por seu quadril, para encará-lo de frente. – Confie em mim. Não consegue ver que mudei? Não vou me colocar em perigo, prometo.

Aquele era o problema, Ethan pensou, odiando o fato de já amolecer ante ao lânguido olhar, aos lábios rosados, torcidos num muxoxo. Não a queria metida em disputas, mas a súbita placidez de sua esposa significava que ela acreditava no que dissera Raquel. Se Danielle tomava trabalhos externos para si, era tão somente por confiar em Demini e sua corja.

Na tentativa de apaziguar seu coração, Ethan moveu as mãos pelas ancas nuas, repetindo para si as palavras de Danielle, “nada vai acontecer”. Não importava o que sentiam por sua mulher, apenas o que *ela* sentia por *ele*.

Aquele pensamento se tornou um mantra diário, repetido ao longo da semana. Ter Raquel sob suas vistas todos os dias também ajudava. Depois da conversa que tiveram, às portas fechadas, a vampira nunca tentara uma aproximação com sua esposa. Antes disso, parecia empenhada em seu relacionamento com Seager, este, cada vez mais apaixonado; e também leal ao grupo.

Thomas e Joly eram os mesmos, os mais próximos, confiáveis. Não fosse a incerteza – ou a certeza –, quanto ao reaparecimento de Graco e Betânia, Ethan poderia dizer que tudo estava como antes de toda a confusão ter início. Ainda melhor, pois tinha Danielle.

O temor entre seus funcionários não mais existia, uma vez que a McCain & Associated seguia como a máquina perfeita que sempre fora, a número um de Nova York. Antes do recesso, Thomas e Ethan tinham audiências importantes, uma em especial, tiraria o amigo da cidade por três dias. Como Seager fizera semanas atrás, Thomas também partiria à caça de testemunhas.

– Sei que o momento ainda não é oportuno – disse Thomas, em reunião particular com seu líder. – Se quiser, eu não viajo.

Apesar de manter a mão no bolso, atada ao celular, tendo Danielle no pensamento, Ethan não dispersava. Não se desapegara, afinal, para ambos, o tempo mostrou ser impossível. Mas ele e sua esposa aprenderam que não morreriam se ficassem afastados, como todo casal normal. E os reencontros ao final do expediente eram os melhores!

– Não ficará fora mais do que nos dias de caça – salientou Ethan ao se recostar em sua mesa.

– É essa minha ideia – assegurou seu amigo. – Dessa vez não vou convencer o humano a testemunhar pelas vias normais, assim não perco tempo. Se homem se mostrar irredutível, eu o induzo.

Ethan maneou a cabeça, sem esconder sua admiração.

– Veja só! – Ele reprimia um sorriso, era bom poder arrelhar seu amigo, como antes. – Isso, sim, é um avanço! Sempre se mostrou contrário aos meus experientes e irá se valer dos mesmos

– Tempos difíceis pedem medidas desesperadas – retrucou Thomas, impassível. – Não faça com que eu mude de ideia e fique fora uma semana inteira.

– Acho que a expressão correta é... Situações desesperadas pedem...

– Ah, cale a boca, Ethan! – Thomas interrompeu a troça, também a ocultar o riso. – Você entendeu. E falei a sério. Sabe que aprecio o que faço, mas o grupo sempre virá em primeiro lugar. Se você acha que...

– Pode ir para Memphis, sem medo. – Fora a vez de Ethan interrompê-lo, antes de se dirigir às garrafas de uísque para se servir de uma dose. – Graco não se mostrou até agora e não temos como saber quando acontecerá. Da última vez ele esperou seis anos para iniciar a provocação. Para falar a verdade, acho que ele aprecia essa guerra de nervos. Sempre tenho a sensação que ele está à espreita, rindo às nossas custas, tentando farejar nosso receio.

– Então vamos mandá-lo ao inferno! – Thomas ergueu a mão, num brinde seco. – Não estamos com medo.

– Que vá ao inferno!

Ethan ergueu seu copo, antes de beber um generoso gole. Para si, desejou ser ele a patrocinar tão esperada partida. Esperava pela oportunidade todos os dias. Assim como Laryn. O imortal, que não voltou a se mostrar, continuava na cidade, ainda os perseguia. Em especial Danielle, que tomara gosto por trabalhar na rua.

Não dizia à esposa, mas a proximidade do vampiro, agora o tranquilizava. Como prometido, nunca mais voltou a dizer que, uma vez livre do temor de que Demini lesse sua mente ou que voltasse a contê-lo, ele estava cada vez mais decidido a provar que a maldição era um blefe. Seria um grande feito. Quando matasse o rival, e nada acontecesse, seria o líder absoluto. A criatura que desafiou a morte.

Era isso! Tomara gosto pelo poder e o queria inteiro. Para tanto, não queria envolver seus amigos. A briga era sua. Iniciou-a sozinho ao arrancar a cabeça de Sabina, seria dessa forma que a encerraria. E, para a vitória ou a derrota, não queria seguir em frente deixando

pendências. Comentara os seis anos, mas sentia que o embate entre Demini e ele estava próximo.

– Thomas – chamou a atenção do amigo, depois de finalizar seu uísque e pousar o copo sobre a mesa. – Acho que nunca o agradei pela extraordinária companhia, por todos esses anos.

– Nem seria preciso – Thomas comentou com estranheza. – Esses agradecimentos são feitos em despedidas, em encerramentos... E nós sabemos que nunca passaremos por isso. Terá minha extraordinária companhia por tempo indeterminado. Não tem o que agradecer.

– Ainda assim, eu insisto – replicou Ethan, sério. – Estamos juntos desde que usávamos calças curtas. Crescemos juntos, arreliando a pobre Anna...

– Ethan! Não! – o amigo empertigou-se.

– Perdoe-me – pediu, sincero. – Não era minha intenção. É que a lembrança veio nítida e verbalizei.

– Entendo. Apenas não fale de minha irmã, por favor. Esse não foi um bom episódio de nosso tempo juntos.

De fato, não o fora. E aquela era um história perdida. Fora inapto ao citá-la.

– E assim tem sido – retomou a palavra, pesando-as antes de externá-las –, uma soma de bons e maus episódios. Se eu tivesse a chance de escolher um irmão, não teria encontrado um melhor.

– Não estou gostando desse tom – Thomas se pôs de pé, escrutinando-lhe o rosto. – O que pretende? Aconteceu alguma coisa? Graco o procurou? Não está pensando em ir se encontrar com ele sem nos levar, não é mesmo? Danielle sabe disso?

– Nossa! – Ethan não queria Danielle envolvida. Depois de revirar os olhos, zombou: – É nisso que dá ser sentimental. Transformo meu bom e velho amigo na sua esposa. Por acaso é você, Joly?

– Não banque o piadista comigo. Que papo furado é esse?

Ethan bufou, correu as mãos pelos cabelos, encarou-o e disse a verdade:

– Eu só queria que soubesse o quanto aprecio sua amizade. Julgue-me!

Thomas ainda lhe perscrutou o rosto por um minuto, antes de desarmar-se. Depois de igualmente correr as mãos pelos cabelos, desconcertado, disse:

– Sabe que também aprecio a sua. Se um dia me faltasse, eu... Eu nem sei como seria.

– As meninas querem que eu traga lencinhos? – indagou Joly ao invadir a sala. – Tentei não ser eu mesma – ela salientou, indicando ter ouvido a comparação zombeteira –, mas ficou impossível. Parece que está se despedindo, *mon ami*.

– Não é uma despedida, inferno! – Ethan refutou, aborrecendo-se. Daquela abordagem especulativa ele não sentia a mínima falta.

– Então não se atreva e vir me dizer o quanto aprecia minha companhia – replicou Joly –, nem o quanto me ama como a uma irmã. Ainda terá de me aturar.

– E quem disse que eu diria? – Ethan a provocou. – Você é ônus de minha amizade com Thomas.

Antes de se ofender, Joly esboçou um sorriso, então riu aberta e musicalmente.

– Amo essa sua nova veia cômica, *mon chère*! – gracejou. – Crie novas piadas enquanto eu e Thomas estivermos fora. Fazia tempo que eu não ria tanto.

Ethan a acompanhou no riso. Joly sabia que era amada e nada do que ele dissesse mudaria o fato.

– Vou atualizar meu repertório – troçou, antes de voltar à seriedade. – Quando viajam?

– Amanhã, pela manhã – disse Thomas. – E espero não demorar os três dias. Farei como disse, caso seja preciso, assim estaremos de volta na quinta-feira.

– Caso consiga, seria interessante ter você comigo no julgamento de Daniel Brown. – De fato, Ethan gostaria da companhia.

– Farei o possível para estar presente – assegurou o amigo, aproximando-se da esposa para enlaçá-la pela cintura. – Já cuidou das passagens? – questionou-a.

– Já. Precisamos apenas arrumar nossas coisas. – Para Ethan, disse: – Deixei sua agenda com Barbra. Ela não é tão organizada quanto eu, mas vai cobrir bem a minha folga.

– Sendo modesta e obediente, será perfeita para mim – Ethan retrucou. – Tema por seu posto.

– Hoje você está impagável! – exclamou Joly, antes de voltar a rir, segura.

Sem que Ethan previsse, ela se afastou do marido e se aproximou para abraçá-lo. Estavam habituados com as demonstrações de carinho entre si, porém aquela foi a primeira vez que o gesto despertou nele um súbito calafrio, impedindo-o de acompanhá-la no bom humor. Para encobri-lo, Ethan retribuiu o abraço, então a afastou na direção do amigo.

– Leva-a daqui para que arrume suas coisas. Vemo-nos à noite, não?

– Sim, iremos até a cobertura – Thomas confirmou, antes que tomasse sua esposa pela mão e a levasse.

Ethan ainda permaneceu a olhar a porta fechada, tentando entender o que lhe dera para estremecer, trespassado por um arrepio agourento como se fosse uma maldita sensível. Os amigos ficariam bem. O perigo estava ali, não em Memphis.

– Não em Memphis – repetiu num murmúrio, antes de mais uma vez apertar seu celular.

Logo Danielle estaria de volta, então achou por bem arrumar seus papéis para então subir. Chegava à melhor hora do dia, a do reencontro. Daquela vez queria ser ele a surpreendê-la.

∞

Dana se deu conta de que mirava o fundo azul da tela de seu computador, quando Cindy pigarreou ao seu lado. Depois de piscar algumas vezes, para situar-se, ela encarou a editora-chefe, parada ao seu lado.

– Você está bem? – Cindy indagou, analisando sua repórter com interesse. – Voltou ao tempo do desligamento ou estava apenas pensando em certo advogado?

Um pouco dos dois, Dana pensou. Arquivava o que apurou na sua reportagem sobre os efeitos da guerra cambial sobre os nova-iorquinos das classes inferiores, quando um calafrio a estremeceu. De súbito Ethan lhe veio ao pensamento e... Era tudo o que lembrava.

– Sempre penso em Ethan – respondeu com a verdade, contudo em tom de gracejo. – Deseja alguma coisa?

– Na verdade, não. Apenas estranhei que ainda estivesse aqui, pois geralmente é uma das primeiras a sair. E isso não é uma crítica! – Cindy acrescentou em tom de escusa. – Sei que ainda está em lua de mel, e não a julgo.

Dana entendia o que a mulher dizia, compreendeu o teor da piscadela, mas ainda se sentia dispersa. Tinha de ir embora.

– Sendo assim... – disse ao desligar o computador e passar a juntar suas anotações. – Até amanhã!

– Até amanhã, Dana – Cindy respondeu, afastando-se. Logo parou e se voltou. – Ah!... Gostaria de parabenizá-la pelas excelentes matérias. Agora sei que tenho comigo a jornalista cujo trabalho me encantou. Estou feliz por tê-la na equipe.

– Obrigada! – Dana se esforçou para esboçar um sorriso. Estava satisfeita com o elogio, contudo sua mente e seu coração estavam em outro lugar, nada interessados no seu desempenho. – Também estou feliz por fazer parte da equipe.

Ao se calar, pegou sua bolsa e saiu. No elevador, cismou com a demora ao descer. Há dias não se sentia tão impaciente. Era como se algo de errado estivesse acontecendo e ela sentisse. Algo com Ethan.

Uma vez na garagem, Dana correu até o Mégane. Preparava-se para abrir a porta, quando foi chamada. A voz a sobressaltou, contudo não ao ponto de amedrontá-la. E, agora que conhecia alguns truques vampirescos, não a surpreendia sentir a brisa mansa, no espaço fechado, que soprava no sentido contrário, mantendo o odor da imortal longe de suas narinas.

– Raquel – nomeou, antes de se voltar para encará-la. – O que faz aqui?

– Hoje você demorou a descer – Raquel observou, sem respondê-la.

– O que isso quer dizer? Que tem me observado? – Laryn saberia dessa aproximação diária? Dana especulou, intimamente. Provavelmente, e não se mostrava, pois seu alvo era outro. Com um suspiro cansado, ante o silêncio avaliativo, ela repetiu a questão: – O que faz aqui, Raquel?

– Não estou seguindo você. Eu esperei que fosse até a casa do Ethan – disse, sem se mover. – Sabe? Fazer uma visita, agora que lembra o seu passado. Mas, os dias estão passando e como não aconteceu...

– Você veio até aqui – Dana completou.

– Foi o jeito!

Incomodada com a abordagem, Dana levou as mãos aos bolsos da calça. Por vezes tentava reavivar o ódio anterior, pois era um sentimento pertinente, confortável, com o qual sabia lidar. Entretanto, o que prevalecia era a simpatia inadequada, a gratidão por salvamentos feitos em outra vida, quando *Raca* e *Bete* davam sangue fresco a Sabina para que se recuperasse de alguma atrocidade cometida por Graco.

Talvez, pudesse ao menos tentar manter uma amizade, caso a situação fosse outra. Mas, Ethan não suportaria, e ela sabia que nunca seria o bastante. Infelizmente, para Raquel, não tinha nada a oferecer. Seria sábio não alimentar falsas esperanças.

– Não tenho porque te visitar, Raquel – disse, com toda condescendência que sua pressa permitia. – Sabe disso.

– Seager me contou que ofereceu sua amizade – comentou a imortal. – Poderia ir até lá, por ele. Ambos são jovens e, como era de se esperar, ele... gosta de você. Sempre elogia sua iniciativa de ir até ele, conhecê-lo, quando nenhum outro o fez.

– Raquel... – Dana preferiu manear a cabeça em vez de completar a frase óbvia. Também gostava de Seager, mas...

– Seu marido não aceitaria – Raquel deu voz ao seu pensamento. – A propósito! Nunca tive a oportunidade de parabenizá-la.

– Você me cumprimentou na sala de Ethan, no dia seguinte ao meu casamento – Dana a lembrou, começando a se impacientar. – Raquel, se não tem nada a me dizer, deixe que eu...

– Eu queria dizer uma coisa. – A vampira ergueu uma das mãos, impedindo um movimento que Dana sequer fizera. – Para Sabina.

– Raquel, Sabina está morta! – Dana não reprimiu um bufar aborrecido.

– Sei disso! Mas... Custa ouvir? Você tem um pouco dela, droga! – Raquel exasperou-se. Contrafeita, Dana anuiu. – Obrigada! Bem... Eu só queria dizer a *ela* que, sinto muito por ter deixado que Ethan a matasse. E que eu não tinha ideia do quando a partida dela afetaria a todos nós. Acreditei que Betânia e eu sofríamos até que contássemos ao Graco. Ele simplesmente enlouqueceu. Nunca mais foi o mesmo, literalmente. Foi nessa época que ele passou a assumir a identidade de outros imortais.

– Lamento – Dana foi sincera. O sentimento inoportuno dirigido ao trio inspirava-lhe tristeza pelo desenrolar da história. – Gostaria de poder ajudar, mas não posso.

Raquel assentiu, antes de acrescentar:

– Nem quando Seth matou Sulpicia, Graco sofreu tanto.

– Como sabe? – Seria impossível ignorar tal comentário.

– Graco nos disse – Raquel deu de ombros. – Depois que perdeu Sabina, em definitivo, ele deixou de agir como o homem que conhecíamos então não tinha como não acreditar. E nos tornamos mais unidos, pela dor. Espero que você nunca saiba como esse sentimento pode ser mais forte do que o amor.

– Se é assim – Dana lhe sustentava o olhar –, como pôde deixá-lo? Por que passou para o lado de Ethan? O responsável por tamanha dor.

– Você não entende, não é mesmo? – Raquel, sorriu com tristeza. – Acha que se Graco pudesse, ele também não estaria com Ethan? Se sua identidade não tivesse sido descoberta, não duvide... Ele sufocaria seu ódio apenas para orbitar à sua volta.

– Então, é o que você faz? – Dana uniu as sobrancelhas. – Orbita ao meu redor? Também sufoca seu ódio, Raquel?

– Não! – a vampira negou, veemente. – Estou do lado dele, agora. Droga! Estou me perdendo aqui... É melhor que eu vá embora.

Sem despedidas, Raquel se foi. Dana ficou a olhar o vazio por alguns segundos, e logo tratou de entrar em seu carro e partir. Esteve certa em não se iludir. Esperava que a imortal nunca tentasse nada contra Ethan, pois, não importa quem foi ou o que lhe fizeram de bom

no passado... Quem era agora não permitiria que tocassem em Ethan. Alguém que, mesmo a proferir ameaças aterradoras, jamais a torturou em nome do amor proclamado.

Se existisse uma balança, todo o peso do mundo a pendia para o lado de seu marido. Para quem sempre voltaria. E como não poderia ser voando, seria correndo. Para distrair sua mente, ligou o rádio e, com pressa, acelerou, aventurando-se na direção perigosa de seu vampiro.

Em minutos estacionava ao lado do BMW e se livrava do pressentimento ruim. Ansiosa por estar com ele, ela deixou o carro, sorrindo.

– Sempre impaciente – disse quando foi puxada de encontro ao peito forte. – Por que não me esperou lá em cima?

– Eu esperei – Ethan retrucou, escrutinando-lhe o rosto. – Mas você demorou. Por quê?

– Recebi uma visita à saída da redação – revelou, sustentando-lhe o olhar. – Raquel.

– Deixe-me adivinhar... – ao fazer o pedido, Ethan a moveu de forma estranha, serpenteando o corpo dela junto ao dele. Antes que Dana o questionasse, ele disse: – Raquel acredita que possam ser amigas.

Ethan poderia ser impaciente, contudo o domínio de seu gênio irritável era assombroso. Dias atrás, ao ouvir algo semelhante, ele vociferaria, faria vidros trepidarem, no momento, apenas aguardava uma resposta, ainda a movê-la junto a si.

– Sim, mas... Nós sabemos que não vai acontecer – disse Dana, mirando-o com estranheza.

– E é isso que nos importa – Ethan garantiu antes de mais uma vez movê-los num serpentear.

– Ethan? – ela indagou, mal encobrindo o riso. Aquilo era estranho, quente, porém divertido. – O que está fazendo?

– Estou dançando com você. Esse barulho é interessante...

Uma vez esclarecido, Ethan a afastou para, na sequência, atraí-la de volta. Dana então atentou à música. Deveria entender que para alguém tão antigo, o som de Usher pudesse ser comparado a um barulho. Ela, particularmente, preferia as baladas românticas, mas gostava daquela batida.

No momento, com Ethan segurando-a daquele jeito, movendo-os em ritmo lento e sensual, sentia-se pronta para considerar aquela uma de suas músicas preferidas. Para reforçar a impressão, seu vampiro mais uma vez a afastou e a trouxe de volta. Ao abraçá-la por trás, pousou uma das mãos em seu ventre, serpenteou como antes e soprou o refrão em seu ouvido:

– Venha e me pegue...

Era o que ela queria. Há alguns minutos aquele mover de corpos não tinha nada de divertido. Era apenas quente, muito quente, ter uma rigidez a roçar em suas nádegas.

– Ethan...

– Essa é dessas, Danielle – ele mais uma vez lhe soprou ao ouvido, agora a mover uma das mãos abaixo de seu ventre, despudorado, estimulando-a. – Uma dama aos olhos de todos e uma devassa na minha cama.

Aquele era o fim da tortura disfarçada de dança. Presos em sua bolha, não pensavam em ninguém. Estavam conscientes apenas um do outro.

– Acho que estou pronto para saber o quanto sentiu minha falta – disse ao girá-la e abraçá-la de frente.

Ethan não esperava palavras, sim, demonstrações. Em chamadas, obediente, saudosa, Dana o beijou com volúpia. Foi correspondida com a mesma fome, sendo apertada sem cuidados, despida. Igualmente o despiu, deixando-o com o dorso nu para sentir a trama que formava o dragão.

O amor entre eles era intenso, o fogo, imediato. Mitigado apenas quando se uniam, onde fosse. Agora, se apoiavam na lateral do Mégane, com ela a enlaçá-lo pelo quadril enquanto ele serpenteava em seu interior; embalados ao som de outra música. Logo ambos sucumbiam ao gozo, como sempre, avassalador.

Como alguém poderia imaginar que um dia, ela daria às costas ao que tinham? Aquela união ficava cada vez mais forte. Tão intensa que agora ela o sentia à distância, como acontecia com ele, há muito tempo.

– Ethan... – Dana o chamou como se não estivesse ao seu lado, minutos depois, ao entrarem no apartamento. – Hoje aconteceu alguma coisa que queira me dizer?

O vampiro parou e a encarou.

– Não – disse seguro. – Por que pergunta?

– É que eu senti algo estranho... aqui – Dana indicou o coração.

– Então – ouviram a voz de Joly, vinda da porta que deixaram aberta –, hoje foi o dia das sensações estranhas. Não quero me intrometer, mas nessa tarde Ethan estava esquisito.

– Isso é se intrometer, querida. Deixe Ethan em paz, por favor – pediu Thomas, paciente como de costume. – Boa noite, Danielle! Viemos nos despedir.

– Se despedir? – ela olhou de um ao outro. – Para onde vão? Acabaram de voltar do Maine!

– Preciso ir até Memphis, atrás de uma testemunha importante – Thomas explicou. – Ficaremos fora no máximo dois dias.

- É seguro? – Dana perguntou diretamente a Ethan, inquieta.
- Viver, Danielle – disse Ethan, depois de puxá-la para um abraço. – Lembra-se.
- Lembro, mas...
- Não se preocupe – ele a interrompeu. – Ficaremos bem, afinal, ainda temos Seager e... Raquel.
- Credo! – Joly, revirou os olhos. – Prefiro confiar no grego que persegue a Dana.

Dana sentia o mesmo. Em especial depois da conversa com a vampira. Não lhe agradava a iminente ausência de dois membros do grupo, mas não poderia ser paranoica, rogando para que se mantivessem juntos. Ethan tinha razão, viver ainda era a ordem. Se Ethan estava confiante, leve ao ponto de dançar com ela, deveria fazer o mesmo. Nada de ser refém do medo!

- Sendo assim... – Dana esboçou um sorriso. – Espero que façam boa viagem!
- Faremos. – Thomas lhe retribuiu o sorriso. – Bem, viemos mesmo apenas nos despedir. Até a volta, Danielle.
- Até a volta, Dana. – Joly se adiantou para abraçá-la. – Distraia-se com o novo pulguento e nem sentirá nossa falta.

As despedidas entre o casal e Ethan fora breve, um tanto desconcertada. Dana estranhou, comentou o fato, porém seu marido assegurou se tratar de mera impressão. Talvez fosse o caso, tendo em vista que, no final da tarde sentira uma aflição, atribuída a Ethan, e esta se mostrou sem fundamento.

Sim, Joly dissera que seu líder esteve estranho, mas, uma vez que entre eles as provocações eram constantes, não tinha como dar-lhe crédito. A verdade era que vivia impressionada, em alerta constante, esperando um ataque contra ele que nunca vinha. Era enlouquecedor.

- É melhor sairmos para nos alimentar, Danielle – disse Ethan, resgatando-a da divagação.

“Ficaremos bem”, ela leu nos olhos verdes. Os mesmos olhos que invadiram seus sonhos, que romperam as brumas da sua insegurança para guiá-la até ali. Confiava neles, então, segura, assentiu e sorriu. De toda forma, sair à caça, com Ethan, também seria uma distração eficaz.

∞

Deitado, mirando o teto do seu quarto, tendo Black Dois sobre o peito, Ethan rogava para que Thomas chegasse a tempo de se juntar a ele no julgamento de Daniel Brown, marcado para a tarde do dia seguinte. Agora, pedia mais para acalmar Danielle do que para ter a companhia de um competente colega na audiência.

Reconhecia que ela fazia o possível para demonstrar sua confiança, mas conhecia-a. Desde a partida de Thomas e Joly – no dia anterior –, Danielle estava agitada. Aquela tarde ela abandonara o trabalho para surpreendê-lo no escritório. Evidente que apreciou a iniciativa, no entanto, preferia que esta fosse motivada pela falta sentida ou pelo ciúme por ele ter a assistência de uma bela secretária humana; não era o caso. Sua esposa temia por sua segurança e isso o arreliava.

Se fosse possível, levá-la-ia para a Amazônia o quanto antes, pois começava a irritá-lo viver sob a sombra de Demini.

“Em breve”, Ethan disse a si mesmo. Ao ouvir a movimentação no banheiro, afastou o pensamento para que este não ficasse estampado em seu rosto. Valendo-se da desculpa perfeita, quando Danielle se acomodou ao seu lado, ele pegou o gato – sem se importar que dormisse – e o atirou no colchão, aos seus pés.

– Ethan! – repreendeu-o Dana, pronta para socorrer o filhote. – Por que fez isso?

– Espere! – ele pediu, segurando-a no lugar.

Sem entender o que se passava, Dana prestou atenção ao gato. Como esperado, Black se mostrou confuso, agitou a pequena cabeça negra, bocejou e olhou em volta. Depois de piscar, pousou os olhos em Ethan e, sem receio, subiu em uma de suas pernas. Por esta caminhou até o quadril, de lá ao abdômen até que chegasse ao peito. Preguiçoso, afofou o ponto no qual deitaria, sem o cuidado de ocultar as garras mínimas, girou em seu eixo e se acomodou.

Ethan então encarou sua esposa, ergueu uma sobrancelha e indagou:

– Agora eu tenho permissão para atirá-lo pela janela? Hoje descobri que esse monte de ossos não me respeita!

– Oh! – Danielle alternava o olhar brilhante entre ele e o gato. – Que fofo! Não pode culpá-lo por já saber o que é bom. E ele é o nosso bebê, um McCain. Não pode atirá-lo pela janela.

– Considera-me pai de um gato?! – A surpresa era real.

– Um pai que esbraveja, mas que no fundo ama essa coisinha linda – ela se dirigia ao animal, usando voz infantil, enquanto acariciava a cabeça diminuta.

Ethan sorriu, então riu. Não amava o gato, mas admitia que nos últimos dias divertia-se com suas estripulias, fosse a se bater com o próprio rabo, enquanto ele e Danielle estavam na sala, assustando-se com a própria imagem nos espelhos do *closet* e, agora, a escalá-lo como se não fosse um predador capaz de mastigá-lo e cuspir-lhe os ossos. Quisera distraí-la e conseguiu o feito para si mesmo.

Era isso, determinou. Deveriam ater-se às coisas simples, deixando o que fugia ao controle deles dois, fora daquela cobertura. Tinham um ao outro, e tinham Black Dois. Seu mundo era perfeito, afinal.

Capítulo Trinta e Dois

– Eu gostaria de assistir o julgamento, mas foi anunciada para hoje uma manifestação no Rockefeller Center e Cindy me pediu que fosse até lá – disse Dana, ao terminar de abotoar seu novo sobretudo branco.

Era abraçada por Ethan, também pronto para seu dia de trabalho. A partir dali se daria o longo processo de despedida.

– Manifestação? – ele a encarava com o cenho franzido. – *Isso é seguro?*

– Vários humanos aglomerados, clamando pelo fim da guerra? Claro que sim! Betânia não arriscaria expor nosso segredo com Graco por perto – comentou e rapidamente acrescentou: – Isso, se eles estiverem na cidade. Temo nos momentos quando estamos sós, como em nossas saídas noturnas, não quando estou na rua, ao dia, ou você no tribunal.

Ethan era obrigado a concordar. O rival era um pulha, mas não os exporia.

– Muito bem, mas mantenha-se atenta – recomendou, estreitando-a no abraço. – Ao menor sinal de perigo...

– Corro até você – ela completou e sorriu.

E, mais uma vez, Ethan sentiu o calafrio agourento. Por estar abraçado à sua esposa, não pôde mascarar o estremecimento.

– Ethan, o que foi isso?

– Falta antecipada – desconversou e, de súbito a beijou. Interrompeu o contato quando sentiu o despertar do desejo. – É melhor sairmos antes que nos atrasemos.

Poderiam, Dana pensou, ainda intrigada, mas não deveriam. Quando antes iniciassem o dia, mais cedo este findaria.

– Boa sorte no julgamento – ela desejou, depositando breves beijos na boca próxima. – Garanta nossa caça da noite.

– Considere-a garantida – Ethan lhe piscou. – E a senhora, escreva a matéria perfeita. Eleve o prestígio de seu jornal.

– É o que quero. Que o *Today* alcance o patamar da McCain & Associated.

– Você tem todas as bolas em suas mãos, meu amor – encorajou-a, apreciava o empenho de sua esposa. – Marque o *score*.

– Eu já disse que te amo? – De súbito, Dana não queria deixá-lo.

– Já! Agora, comporte-se – pediu ao afastá-la. – Quanto a mim, vou declarar meu amor somente à noite, assim não tardará a volta.

Por fim, despediram-se. Uma vez sozinho em seu escritório, Ethan se prostrou diante da parede de vidro e mirou a cidade. O movimento na Wall Street era intenso, como todos os dias, desde que vira aquela paisagem pela primeira vez. Era ingênuo na ocasião, admitia. Odiava recordar as palavras do rival, porém Demini tivera razão um dia: antes, era um tolo a brincar de líder. Soberbo. Ignorante.

Agora, parado no mesmo ponto de tantas outras vezes, tendo as mãos metidas nos bolsos de sua calça, era um líder de fato. Bastaria desejar para que o belo dia de sol se tornasse noite e assim seria. Continuava soberbo, porém com propriedade. Era o senhor absoluto!

Bastava apenas ter a boa sorte de eliminar seus rivais, para que aqueles malditos calafrios o deixassem, para vagar sem temor, ao lado de sua Danielle. Dois toques incertos à porta encerraram com sua divagação. Antes de liberar a entrada para a humana, ele sorriu. Era estranho não ter sua sala invadida por uma secretária abusada.

– Entre Barbra.

– Eh, senhor McCain – a secretária substituta olhava-o, desconcertada. – Seu encontro com o senhor Brown será daqui a duas horas. A senhora Miller ligou agora, e pediu que viesse lembrá-lo.

– Joly disse se já está a caminho?

– Os voos foram cancelados, devido ao mal tempo na região, senhor. Mas a senhora Miller avisou que embarcariam no primeiro avião que fosse liberado.

– Obrigado, Barbra – Ethan a dispensou, ignorando os batimentos acelerados, antes de assumir sua cadeira. Com aquela notícia, nem a divertida previsibilidade feminina o distrairia.

Paciência, ele pensou. Aquele era apenas mais um dia, como tantos outros. Estudava o processo e suas anotações, quando a porta de seu escritório fora aberta. Agora, a aproximação do imortal era segura, e contentava Ethan. Antes de encará-lo, esboçou um sorriso sincero.

– Seager!

– Bom dia, Ethan! – Seager se aproximou da mesa. – Vim apenas te desejar boa sorte no julgamento. Se não fosse estar preso em outro compromisso, iria com você. Se me permitisse, evidente.

– Seria bem-vindo! – Sim, seria. – Mas não se preocupe, tenho tudo sob controle.

– Disso eu não duvido. – Seager sorriu, com a admiração no olhar. – Você vai detonar.

– Como sempre. – Ethan não se deixou contagiar pelo entusiasmo. Cismava com uma falta. – Onde está Raquel?

– Está na minha sala. Ela vai comigo ao encontro com meus clientes.

Tanto melhor, Ethan pensou. Sabia que ela o evitava deliberadamente e, se estava por perto, ele não se importava. Mas a colocara de sobre aviso. Se voltasse a procurar Danielle, seria convidada a se retirar do grupo. Lamentaria se perdesse Seager, mas não estava disposto a conviver com uma presença indigesta. Fora tolerante com Samantha e vira como findou. Não voltaria a repetir o erro.

– Bem, boa sorte para você também – Ethan desejou, pondo-se de pé.

– Obrigado, Ethan! Farei o possível para não decepcioná-lo.

– Disso – imitou-o – eu não duvido.

∞

A iminência da caçada noturna dava ânimo ao vampiro, distraia-o da falta do companheiro e amigo, da preocupação por sua esposa estar na rua. Imbuído em sua tarefa, Ethan ouvia as declarações das testemunhas escolhidas pelo promotor Davidson, aprimorando sua estratégia de ataque para desestabilizar uma a uma. Por vezes objetava apenas para arreliá-lo. Apreciava a forma como o humano o encara aviltado e replicava com paixão.

Como sempre, o julgamento era lento, exaustivo. Até mesmo sua presa – o réu – não ocultava o cansaço nem a impaciência. Inabaláveis eram McCain e Davidson.

Horas depois, após um breve recesso, quando até mesmo o juiz demonstrava certa fadiga enquanto Ethan interrogava uma de suas testemunhas, a porta da sala foi aberta e fechada. Em geral Ethan não dava atenção a essas interrupções, contudo, o eriçar dos pelos de sua nuca fez com que se calasse e se voltasse. Encontrou três recém-chegados que avançavam lentamente. Dois deles eram negros atléticos, altos e muito fortes. O que vinha à frente era branco, comum, e Ethan o reconheceu dos noticiários. Segundo Danielle, ele deveria estar morto: Jeff Davis.

Com mais um vampiro na cidade, novos desaparecimentos eram noticiados todos os dias sem que dessem maior importância. Se Ethan vira algo sobre esportistas, não se lembrava. Fosse como fosse, a presença do repórter esportivo confirmava se tratar de imortais, e estavam ali por ele.

Por atitude de Jeff, ficava claro que Danielle e ele se enganaram ao acreditar que uma contenda pública não se repetisse. Demini não os acompanhava, contudo Ethan soube que aquele seria o enfrentamento definitivo.

Não seria fácil lidar com três vampiros – dois deles claramente sendo novos –, no entanto, Ethan se sentia pronto para o que viesse. Intimamente agradeceu por estar

sozinho. A briga era sua e não gostaria de se valer de outrem, como seu covarde rival sempre o fazia.

O silêncio e a expectativa envolviam a todos. Em alerta, Ethan não desviava a atenção dos imortais. De súbito, Jeff passou a bater palmas, lentas e acintosas. Seu gesto gerou um moderado burburinho.

– O famoso advogado fala bonito! – ele elogiou, com zombaria.

Logo o juiz chamava a atenção de todos, batendo seu martelo.

– Ordem! – ordenou. Para Jeff, disse: – Quanto ao senhor, sugiro que se sente ou se retire.

– Não posso meritíssimo, perdoe-me.

Ethan escrutinou a audiência, a bancada dos jurados. Não era como se aquelas vidas lhe importassem, mas não lhe agradava que fossem ceifadas desnecessariamente.

– Senhor, eu insisto – disse o juiz. – Sente-se ou saia.

– Como já disse, eu não posso. Obedeço apenas a uma pessoa.

– Sou a autoridade máxima neste recinto e se não sair por bem, serei obrigado a...

Adam Simpson nunca terminou a ameaça. Antes que Ethan pudesse prever, um dos gigantes negros se materializou às costas do juiz e, diante de todos os olhares, girou-lhe a cabeça em rotação anormal antes de soltá-lo para que tombasse sobre seus papéis.

Imediatamente Ethan despiu o paletó, arrebentou a gravata; tinha de estar livre para a ação. Ouvindo a gritaria ao seu redor, retirou ainda os sapatos e as meias, tentando manter os três imortais em seu campo de visão.

– Todos quietos! – ordenou um dos guardas, ao sacar sua arma. Todos os outros imitaram sua ação, em prontidão, olhando em todas as direções enquanto o promotor corria para a tribuna.

– Davis – Ethan chamou a atenção de Jeff. – Não precisa estar aqui. Essa briga não é sua!

– Passou a ser quando aquele animal me atacou só porque eu roubei um beijo da sua gata esquisita – retrucou Jeff. – Minha senhora me encontrou à beira da morte e me salvou. Agora, retribuo o favor.

Jeff falava de Betânia, Ethan elucidou. A cretina conseguiu outro peão para seu amante uma vez que Seager não mais o servia.

– Está morto! – gritou o promotor, afastando-se do corpo. Às suas palavras, o caos se instaurou. Todos na audiência correram, empurrando-se nos bancos, tentando chegarem ao corredor e de lá, à porta.

– Parados! – demandou os guardas presentes, apontando suas armas a ninguém em especial, para todos. – Quietos! Ninguém deixa esta sala!

Ethan alternava seu olhar entre Jeff e o promotor. Não gostaria que uma vida honrada como a de Davidson fosse perdida. Talvez o novo rival imortal tenha visto a preocupação no seu olhar, pois, de repente, lançou-se contra o promotor que, inocente, correu como os demais, desviando dos jurados que se encontravam em seu caminho.

Não havia sentido em manter seu segredo, então Ethan saltou até Davidson e, ignorando o olhar assombrado que recebia, segurou-o e novamente saltou rumo à porta. Não foi delicado ao atirá-lo para fora, mas tranquilizava-o saber que o humano sobreviveria ao tombo.

Logo era ele a ser perseguido por Jeff e por um dos negros avantajados. O assassino do juiz, descontrolado – talvez pelo odor de sangue – passou a atacar as pessoas que corriam por todo o lado. Apavorados, os guardas abriram fogo e atiraram a esmo.

Valendo-se de sua força, Ethan afastava seus perseguidores, atirando-os longe mesmo quando era preciso desviar dos disparos, porém os rivais logo se recuperavam e voltavam a avançar. Teria de ser rápido e eliminar um a um. Determinou que o primeiro fosse o vampiro que matava ao morder tantos pescoços quanto podia.

Saltando sobre alguns corpos, Ethan tentou chegar até seu alvo que, voraz, bebia do réu. Estava ali uma perda que Ethan não lamentava. No fundo, agradecia a Brown, pois mantinha o grande negro distraído. Bastaria girar-lhe o pescoço, como fizera com o juiz. O vampiro estava prestes a alcançá-lo, quando a ouviu:

– Ethan, pare!

A voz ecoou acima dos gritos e disparos. Danielle?! O que ela fora fazer ali? Ethan pensou, aflito. Ao se voltar, o ar lhe faltou. Para a ruína de sua sanidade, Danielle estava na companhia de Graco Demini. Antes que qualquer resposta coerente cruzasse sua mente, o desafeto a enlaçou pela cintura depois de passar o braço pelo interior do sobretudo branco e, esboçando um sorriso vitorioso, cheirou-lhe o cabelo, íntimo.

Cego, Ethan esqueceu-se de todo o resto e tentou avançar. Foi quando recebeu dois disparos: um em seu joelho e outro em seu peito, próximo ao ombro esquerdo. O ferimento na perna o desequilibrou. Antes que tombasse mãos potentes seguraram-no pelos cotovelos e pelos pulsos. Ethan urrou e lutou por liberdade. Por sua vontade, os vidros estremeceram e o ar à sua volta se agitou, contudo os negros não eram apenas grandes; a força que tinham quando mortais estava multiplicada pela recente transformação.

Ferido, em menos de um minuto Ethan estava contido, de joelhos, com pés de ferro sobre seus tornozelos, tendo os braços estendidos e erguidos ao ponto de doer. Mais um pouco e seriam arrancados, no entanto, o que mais lhe doía era ver sua esposa sorrir, reagindo positivamente aos afagos de Demini. O que Danielle pretendia?

Graco moveu uma das mãos e atirou os guardas de encontro à parede com violência para cessar os disparos antes de sustentar o olhar bravio de Ethan e responder à sua muda indagação:

– Ela escolheu a mim. Qual a dúvida? Era apenas questão de tempo, McCain. Como sempre, bastou esperar.

– Você foi uma distração divertida, Ethan – disse Danielle. – Foi útil, mas não tenho mais como negar o que sinto. Graco é meu amor, meu senhor.

Uma vez dito, Danielle se enroscou em Demini – como uma cobra – e lambeu-lhe o rosto antes de procurar a boca que beijou com paixão.

– Vagabunda! – Ethan sibilou, odiando-se por distrair-se ao ponto de se deixar capturar.

Apesar da dor, novamente lutou por liberdade ao desvendar a farsa. Danielle era adúltera, não pegajosa. E se este detalhe não bastasse para indicar que aquela não era sua esposa, a falta da aliança o faria.

– Como se atreve a usar a imagem de Danielle, sua cobra?

Antes que ela respondesse, Graco moveu sua mão brevemente e, de imediato, Ethan recebeu um violento chute em suas costelas, pelas costas.

– Covardes! – bradou para Graco, para Jeff. – Soltem-me e vão...

– Do que é capaz? – zombou Graco, avançando em sua direção. Nota-se o prazer em seus olhos ao mirá-lo de cima. – Você mataria minhas criações e então? O que faria? Sabe que não pode se voltar contra mim. Não é melhor que a disputa se encerre de uma vez por todas?

– Deixe que eu o mate! – pediu Betânia, ainda a se valer da imagem de Danielle, contudo, agora que estava perto, até seu cheiro a denunciava. – Deixe que eu o mate! Por Sabina!

– Nossa Sabina está...

Andrew se calou ao receber um tiro no ombro. Por engano, pois Ethan via que os policiais recém-chegados estavam descontrolados, trêmulos, apavorados, a escrutinar a cena horrenda de corpos e sangue que encontraram ao entrar. Graco novamente sinalizou, e então Jeff se lançou contra os homens para matá-los, sem piedade.

– Coloque-se à porta e não deixe que entrem – Demini ordenou a Jeff. – Faça o que for preciso.

– Está nos expondo – Ethan ciciou, enojado por sentir Betânia acariciar suas costas. – O que aconteceu com a necessidade de manter nosso segredo?

– Prefiro a prática de Vlad Tepes, que não escondia sua ferocidade ao matar e empalar seus rivais – retrucou Demini. – Já está na hora de a Humanidade saber de nossa existência

e se render à nossa supremacia. Os leões vivem escondidos nas savanas, caro irmão? Não! Eles dominam seu meio. Eu farei o mesmo.

Enquanto Demini falava, Betânia – livre do sobretudo já em sua forma real – rasgava a camisa de Ethan. Danificou-a até arrancá-la, deixando-o com o dorso nu. Agora ela passava o indicador pelo dragão, contornando-o, fazendo com que um bolo compacto se formasse na garganta do vampiro. Como ele a odiava!

Tentando ignorar o toque, Ethan replicou:

– Sabe que não irá longe! Siro e Seth não permitirão!

– Velhos obsoletos e dispensáveis – Graco escarneceu. – Depois que eu eliminar você, pelas mãos desses dois belos exemplares de força e boa vontade, darei a eles o mesmo fim.

– Seus peões sabem que morrerão caso me matem? – Ethan bradou, tentando alertar os novos vampiros. Particularmente não acreditava, mas, eles não precisavam saber.

Demini riu com gosto, zombador.

– Vejo que sabe mais! Mas a tentativa de criar uma rebelião é vã, maninho! Eles não se importam – anunciou. – Se eles morrerem, eu consigo outros. Confesso que procurei por meios de ser eu mesmo a me livrar de vocês. Seria digno, mas me ocorreu que grandes líderes sempre se valeram de bravos soldados para atingir a glória, então... Por que não eu?

– A mim não espanta – Ethan o provocou. – Sempre soube que era um covarde.

– O covarde que permanecerá vivo. – Demini deu de ombros. – E não terei ninguém no meu caminho, ditando o que devo fazer! Eliminarei tantos quanto forem preciso até ser o único líder!... E terei a adorável Danielle ao meu lado, ocupando o lugar que *você* deixou vazio.

– Não! – Ethan bradou, e mais uma vez lutou por liberdade. A dor em seus ombros e nos tornozelos, no joelho ferido, beirava ao insuportável, mas tinha de tentar. – Ah! – gritou de surpresa e dor ao sentir unhas afiadas cortarem a carne de suas costas.

– Antes que morra, eu vou arrancar esse dragão e guardá-lo para mim – disse Betânia ao surgir diante dele, lambendo as unhas ensanguentadas. – Já que terei de aturá-la, talvez dê a Dana, como consolação. Isso se ela ainda se importar com você.

Ethan não se rendeu à provocação. Tentando domar seu mau gênio, procurou por formas de se libertar, mas reconhecia que não tinha muito a fazer. Preso como estava, apenas *querer* era inútil.

– Graco, veja! Ele ficou sem palavras – zombou Betânia, passeando na frente de Ethan, medindo-o, igualmente deixando transparecer o quanto apreciava vê-lo de joelhos. – Prefiro assim. Não gosto de ser insultada. Mas aprecio os gritos. – Ao se calar, mais uma vez,

valendo-se das unhas, ela curvou e cortou o peito exposto, o rosto altivo. E sorriu, ao ver o sangue verter. – Deixe-me matá-lo, por favor – pediu.

– Sabe que não deve. Já basta ter me desobedecido e atacado Danielle. Lembra-se do que aconteceu, minha querida?

– Sim, Graco.

O estremecimento de Betânia não passou despercebido a Ethan. Naquele instante não lhe pareceu errado que o vampiro lunático a tivesse castigado de alguma forma dolorosa.

– Assim está melhor! – Demini a elogiou antes de liberar. – Não deve matá-lo, mas... Ethan é todo seu! Divirta-se!

Os olhos azuis de Betânia brilharam para Ethan e um sorriso sardônico torceu o rosto perfeito antes que ela voltasse a se curvar diante dele e dissesse:

– Acho que está na hora de fazê-lo repetir o nome de Sabina mil vezes para que seja a única coisa que tenha em mente quando for mandado ao inferno.

Capítulo Trinta e Três

Dana não se lembrava de outra vez que tenha sentido tamanha aflição. Nem na tarde de segunda-feira fora tão forte. Mas, novamente, era algo referente a Ethan. A certeza era tanta que, sem se despedir de Luca – o fotógrafo que a acompanhava na cobertura da manifestação –, ignorando o olhar curioso, ela simplesmente partiu, abrindo caminho por entre a multidão.

Chegava ao Mégane, que deixara estacionado em uma rua próxima ao Rockefeller Center, quando seu celular tocou.

– Alô! – ela atendeu ao segundo toque, mesmo não reconhecendo o número de quem a procurava.

– *Dana, Ethan está em perigo* – disse Seager.

– Ethan? – indagou sem notar, já a assumir o volante.

– *Sim. Raquel acabou de me dizer* – ele confirmou.

– E como ela sabe?

– *Ela disse que pressentiu um ataque vindo de Graco. Disse que ele está quieto há muito tempo e que hoje seria um dia perfeito para se expor, afinal, Ethan está no julgamento, sozinho. Eu acredito nela, Dana. Eles estiveram juntos por muitos anos. Estamos indo para lá.*

– Já estou a caminho – Dana avisou antes de desligar e jogar seu celular no banco do carona.

A opressão em seu peito não lhe deixava especular sobre a intuição de Raquel, apenas não confiava nela. Restava acreditar que estivesse sendo sincera e disposta a ajudar.

Enquanto acelerava, cortando por entre os carros ou furando semáforos fechados, Dana pensava também em Graco. Rogava para que não fosse tarde e que, talvez, pudesse tentar promover uma conciliação. Era mais forte do que ela, ainda não queria que lutassem.

Sua esperança se mostrou vã ao chegar a Center Street. A escadaria da Corte estava tomada por uma multidão, a rua fora interditada por viaturas, ambulâncias e um carro do Corpo de Bombeiros. Com suas luzes giratórias indicavam a gravidade do que se passava no interior do edifício. Ethan e Graco ainda estavam lá dentro, Dana sabia.

Depois de estacionar seu carro, ela correu até que se misturasse aos curiosos. Não levou seu casaco, pois o frio intenso – que prometia uma nevasca antes mesmo que inverno começasse – não a incomodava. O que a desestabilizava era não saber o que encontraria ao entrar.

– O que está acontecendo? – indagou a ninguém em especial.

– É muito doido, *cara* – disse um grande moreno ao seu lado. – Algumas pessoas que saíram dizem que têm vampiros matando nos corredores.

Dana se sentiu enregelar. Havia testemunhas? O que Graco estava fazendo?

– Impossível... – ela murmurou.

– Pois é, *cara*! – disse o mesmo homem. – É tudo doido! Acredito mais na ameaça terrorista. Já chamaram os caras do esquadrão antibombas.

– Alguém entrou?

– Parece que os caras estão detonando numa das salas e ninguém consegue entrar. Eu...

Dana deixou de ouvi-lo e seguiu adiante. Ao chegar à faixa de contenção, valendo-se da confusão, saltou-a e disparou porta adentro, seguindo contra a confusão generalizada. Ao parar e ser avistada por um dos policiais, fora prontamente abordada.

– Como chegou até aqui? Saia! Não é seguro.

– Sou da imprensa – falou para ganhar tempo, indicando seu crachá, antes que tentasse invadir a sala.

– Pior ainda, moça – retrucou com grosseria. – Não quero confusão com seus colegas se por acaso te acontecer alguma coisa. Vá...

– Cale a boca e saia daqui. – Dana ouviu a ordem de Raquel ao seu lado. Sem se dirigir a ela, a vampira alteou a voz e falou com quem estava no corredor. – Saiam todos daqui e não deixem que entrem no prédio.

– Dana, você está bem? – Seager a escrutinou, atenciosamente, tomando a liberdade de tocá-la nos braços, como se a examinasse. – Viemos o mais rápido que pudemos.

– Eu estou bem. Sabe se Thomas e Joly estão lá dentro?

– Não sei nem se conseguiram voltar de Memphis. Estavam presos. Mas vamos descobrir – ele garantiu a lhe sorrir, transmitindo-lhe confiança. Era inútil, mas Dana agradecia a atenção.

– Temos de entrar, Seager – disse para o amigo, já a se lançar contra a porta. Esta sequer se moveu. – Estão travando a entrada.

Não admiraria que fosse Ethan a manter a maldita porta fechada.

– Deixe-me tentar... – Ao se calar, Seager jogou todo seu peso e força contra a porta. E nada aconteceu.

Raquel tocou-lhe os ombros, contendo-os para que não voltassem a avançar. Tomando a dianteira, parou diante da porta e, em tom normal, disse:

– Graco... Sabemos que está aí. Permita que Danielle entre. Vamos conversar.

Não se passaram cinco segundos até que a porta fosse aberta. Ansiosa, Dana se lançou para dentro e estacou ante a cena que encontrou. Os corpos espalhados e o sangue que tingia o local não a impressionavam. O que a estarrecia era ver Ethan de pé, mas não sustentado pelas próprias pernas, estas arqueadas, inertes. Ele era erguido por dois fortes imortais.

Seu vampiro tinha a cabeça tombada para trás, parecia inconsciente. O peito largo estava coberto de cortes profundos pelos quais o sangue escorria. Assim como de uma larga mordida em seu pescoço. O ar rareou e Dana sentiu a dor de Ethan na própria carne. Com o peito a rugir, chispou seu olhar para Betânia, que a encarava com debochada inocência. Era ela a responsável pela tortura.

– Dana! – exclamou Betânia em saudação, antes de explicar com indiferença. – Eu estava tentando fazer com que ele repetisse o nome de Sabina, mas o verme é duro na queda.

Qualquer ternura deturpada que Dana tenha sentido por Betânia depois que descobriu ter sido Sabina, fora perdida no segundo no qual vira Ethan ferido. Estava pronta para se lançar contra a vampira odiosa, contudo, antes que o fizesse, Seager se atirou sobre um dos imortais que continham Ethan e, sem preâmbulos, arrancou-lhe a cabeça. No segundo seguinte, sem que qualquer um dos rivais pudesse detê-lo, deu o mesmo fim ao outro negro atlético.

Quando Ethan caiu, pesadamente, Dana se esqueceu de Betânia e quis socorrê-lo, porém se manteve no lugar ao ver um pedaço de madeira, comprido e pontiagudo, passar por seu campo de visão e atingir o peito de Seager, que se preparava para erguer seu líder.

– Idiota! Eu deveria saber que no final você faria alguma merda – ciciou Raquel.

– Mas o que...? – Incrédula, Dana se voltou e confirmou ter sido Raquel quem atacara Seager: seu amante. Não, apenas um peão.

Estava sozinha! Dana pensou em desespero. Ninguém a prendia, contudo tinha as mãos atadas. Se quisesse dar a Ethan alguma chance, teria de manter a calma. Agir sem ponderação não o ajudaria.

– Danielle – disse Graco com alegria, como se não estivessem em meio ao horror. – Você veio!

Ao ouvir o nome, Ethan ergueu a cabeça e a encarou. A dor que via nos olhos verdes massacrava-a. Entretanto, contentava-a ver que ele estava lúcido.

– Eu tive de vir, Graco – ela falou, sem deixar de encarar seu marido. – Por que está fazendo isso? Pensei que tivesse partido.

– Não sem você... Sabina – ele retrucou, saboreando o nome com evidente adoração, aproximando-se para cercá-la. – Sabe que é ela, não sabe? Comemoramos quando Raquel me disse que se lembrou, foi uma tarde de extrema alegria!

Dana procurou por Raquel e a encarou, inquiridora. Iria questioná-la, quando o movimento junto à porta lhe chamou a atenção. Como se não bastasse todos os detalhes da cena tétrica, ela reconheceu seu colega de redação.

– Jeff?! Você está...?

– Sim, estou vivo! Ela me ajudou depois que aquele maluco do seu ex me atacou – ele explicou, indicando Raquel. – Eu lhe devo minha vida. Não é incrível no que nos tornamos?

Descobrir que seus sonhos não eram infalíveis ou Jeff estar vivo, era um problema menor. Relevante era saber que Raquel o criara! Mais uma vez, Dana a encarou, com a questão em seu olhar, esperando que a vampira a *somasse*!

– O que posso dizer, Dana? – Raquel deu de ombros. – Há milhares de anos formamos uma família. Nós nos desentendemos, brigamos, mas nos amamos acima de tudo e cuidamos uns dos outros.

– Mas... Betânia tentou te matar! E ao Seager! – ao se lembrar da ação no Central Park, acrescentou: – E a mim quando se juntou ao Paul!

– Sim, Bete se rebelou quando eu disse que descobri Sabina em você – Raquel revelou. – Fugiu obrigando Graco a ir atrás dela e na volta, ainda rebelde, se juntou a Paul, mas não a mataria, pois sabia que não seria perdoada. E, caso tentasse, eu não permitiria. Quando Ethan me avisou do que acontecia fui ver com meus próprios olhos.

– Você estava lá?

– Sim. Vi quando a francesinha te salvou e mentiu para Ethan. Eu quis segui-la, pois aquele seria o momento perfeito para tê-la de volta, mas o incompetente do seu ex-namorado não foi capaz de matar o Ethan. Então Graco chegou e mandou que seguisse com o plano. Pediu que eu limpasse a sujeira.

– Mas... Seager estava com você – Dana observou. – Ele te ajudou.

– Sim, mas ainda estava induzido. Quando vimos que seria melhor usá-lo de outra forma, eu o fiz acreditar que tínhamos acabado de chegar para ajudar o Ethan.

– Mas ainda não faz sentido – Dana insistiu, estarrecida. – Betânia incendiou o apartamento!

– Fazia parte da encenação – Raquel confessou. – Eu precisava da confiança de vocês para ser aceita no grupo e não encontramos nada melhor do que fazer com que acreditassem num rompimento. Não bastava a necessidade de Ethan em saber mais ou seu desejo de ouvir o que lhe agradava, então, usamos a ingenuidade de Seager. Ele era nosso

melhor peão. Lamentável que nunca tenha deixado de ser fiel a Ethan. Eu fui obrigada a enganá-lo, porque a indução não surtia mais efeito, ele se fortalecia.

Compadecida, Dana olhou para o vampiro morto, ainda com a estaca improvisada presa ao peito.

– Mas... Por quê? – Dana insistiu ao novamente encarar Raquel.

– Por você, Danielle – Graco respondeu por sua amante. – Antes, apenas procurávamos uma forma de eliminar Ethan por ele ter tirado a vida de nossa Sabina, sem que isso nos afetasse, mas então... Raquel a descobriu em você ao tocá-la. Evidente que acreditei...

– Eu não, mas minha opinião não conta – Betânia ciciou. – Para mim, você sempre será a porcelana desse aqui.

Ao se calar, a vampira chutou o ombro de Ethan, ainda caído, antes de se afastar. Dana cerrou os punhos, conteve a respiração e se obrigou a olhar para Graco.

– E...? – ela o incentivou a prosseguir. – Ainda não entendo. E daí que eu fui Sabina. Hoje sou outra pessoa e estou com Ethan agora. Não podemos esquecer o que passou e seguir com nossas vidas?

– Não! – Raquel gritou veemente. – Seu lugar é ao nosso lado! Estamos incompletos sem você. E a culpa é toda dele! – ela apontou para Ethan.

Ethan estacou ao ouvir a acusação. Desde que caíra, aquela era a primeira vez que tentava se arrastar, e não poderia chamar a atenção. Odiava o fato de Danielle estar ali, mas agradecia a distração que ela lhe oferecia. Ele estava fraco. Precisa encontrar alguém que estivesse apenas ferido para que pudesse ter sangue fresco. Somente assim restabeleceria sua força.

– É passado! – Dana replicou, exasperada. Porém, respirou profundamente e conteve seu gênio antes de emendar, conciliadora: – Certo, eu fui Sabina. Eu sinto isso... Eu me lembro de muitas coisas que nós vivemos juntos. Eu sinto... o amor.

Ethan novamente parou, em choque, duvidando de seus ouvidos. Suas feridas não doíam mais do que seu coração. Estava, de fato, acontecendo o que temia caso aquela sandice de ela ter sido Sabina fosse verdadeira?

– Ah! – Graco exultou e num átimo estava diante de Dana, acariciando-lhe os cabelos, o rosto, escrutinando-a. – Você lembra que me amou?

– Lembro – confirmou, sustentando-lhe o olhar, rogando para que Ethan a compreendesse.

– Ah, minha adorada! – Graco murmurou, arfante, mirando sua boca. – Seria possível que ainda...?

Seria beijada! Era evidente. Para evitar o contato, Dana tocou o rosto de Graco e assegurou:

– Acho que sim, mas de outra forma. Não quero o seu mal, Graco. Assim como não quero que nada de ruim aconteça a Raca ou a Bete.

– Não me chame como Sabina o fazia, porcelana! – Betânia ciciou. – Essa sua conversa mole não me comove. Eu já disse, se você for conosco, vou apenas suportá-la.

Calando um urro aflito, Ethan ignorou a conversa insólita, os carinhos que Graco e Danielle trocavam, decidido a confiar. Aquela era sua bruxa, sua esposa, alguém que o amava. Estava claro que usava o embuste de Raquel, dizendo o que seus inimigos queriam ouvir, distraia-os para que ele tivesse tempo.

Era hora de fazer a sua parte, sem alimentar seu ciúme, ou tudo estaria perdido; os esforços dela seriam vãos. Com determinação redobrada, apesar da fraqueza, Ethan voltou a rastejar. Agora tinha um alvo: os guardas caídos próximo a Seager.

Suportar Betânia era mais do que ela conseguiria, Dana pensou. Assim que tivesse a chance, matá-la-ia por se atrever a torturar seu marido, por mordê-lo. Ao pensamento, ela baixou o olhar para vê-lo. Ao notar que Ethan deixara seu lugar, imediatamente procurou por Betânia e Jeff. Assim como Raquel, eles mantinham sua atenção no que se passava entre ela e Graco. Tinha de atraí-los mais até que Ethan se recuperasse.

Aproximando-se de Graco, ao ponto de seus corpos resvalarem, Dana lhe tocou os cabelos, adulando-o, antes que anunciasse:

– Vou com vocês... Meu senhor!

Raquel sorriu expectante e avançou um passo, deixando clara sua intenção de tomar Dana para si. Contudo, Graco adiantou-se à esposa. Pela proximidade, bastou enlaçar a jovem imortal pela cintura e eliminar a mínima distância. Trêmulo, ele fez com que ela deitasse a cabeça em seu peito, acariciando-lhe os cabelos.

– Será perfeito tê-la de volta. Não sabe o quando sofri com a sua falta.

– Depois que lembrei, também passei a sentir a mesma – disse, obrigando-se a retribuir o abraço. – Se prometer não me ferir, acho que será perfeito.

– Espero que entenda – Graco murmurou junto ao seu cabelo. – Castiguei Betânia por duas vezes. A última por atacá-la à traição. Sei que apenas se defendeu, mas para manter a ordem entre minhas esposas, sou obrigado a puni-la por ter ferido Betânia.

Dana estremeceu, pois em suas memórias restauradas, tinha as imagens e a aflição sentida ao ser castigada. O riso satisfeito de Betânia fez com que a odiasse mais. Apenas não conseguia se ressentir com Graco. Era algo mais forte do que ela.

– Mas não tema, minha vida, pois serei brando – ele sussurrou ao seu ouvido, para que apenas ela escutasse. Então alteou a voz e prosseguiu: – Depois disso, nunca mais as castigarei. Eu prometo! Não há um só dia em minha existência no qual não me arrependa das atrocidades que cometia. – Após um profundo expirar, Graco a afastou e segurou-lhe o rosto para que o encarasse. – Depois que eu cuidar de você para que se recupere, passará a ser tratada como uma rainha para que nunca mais me deixe. Apenas, volte! Adote o nome de Sabina. Dê-me a alegria máxima!

– Sim, volte... – Raquel fez coro, claramente comovida. Impaciente, avançou até eles para tocar os cabelos de Dana, o rosto de Graco.

Betânia se mantinha calada, distante, com satisfação no olhar indicando que ansiava pelo castigo anunciado.

– Volto – Dana assegurou, depois de notar que ainda tinha toda atenção na cena. – E pode me chamar de Sabina se assim desejar. Mas, por favor, deixe que Ethan vá embora. Não precisamos de mais morte entre nós.

– Nada nesse mundo me faria mais feliz do que poder atendê-la, minha adorada Sabina. Mas, infelizmente, não posso – ele negou, depois de mais uma vez pousar a cabeça dela em seu peito.

– Graco... – ela murmurou e tentou se valer do temor antigo: – Pense no que poderia acontecer.

– Ah! – Graco arfou e a afastou para encará-la. – Preocupa-se comigo?

– Sim – ela assegurou sustentando-lhe o olhar, não mentia afinal.

– Sabina... – ele murmurou em deleite. E então, diante dela não estava Andrew, mas o Graco original.

A surpresa lhe roubou o ar, as palavras, e antes que pudesse prever, foi beijada com paixão, saudade. O choque a paralisou, contudo, entendeu que no gesto estaria o livramento ou a condenação de Ethan. Após a compreensão, correspondeu o beijo. Para o bem de seu juízo, o afeto que sentia não se transformou em desejo. Para ela, era como se beijassem um velho amigo, não alguém que um dia amou.

Por sorte não durou, pois todo o tempo Dana temeu que Ethan os tivesse assistindo. Um dia saberia, no momento, precisava assegurar que fosse libertado.

– Agora que sabe o quanto me preocupo, vamos embora? – ela pediu, segurando-lhe o rosto. – Esqueça Ethan!

Para seu infortúnio, Graco meneou a cabeça, resolutivo.

– Ethan não nos deixaria em paz – disse num ciciar. – Sei disso, pois eu mesmo nunca seria capaz de partir, deixando-a para trás. Tanto que não o fiz. Se você o tivesse preterido

e voltado tão logo recordou, como nós esperamos que acontecesse talvez eu fosse magnânimo em meio à alegria, à vitória. Contudo não aconteceu. Em vez de odiá-lo e deixá-lo, você se casou com ele, confirmando o amor que lhe tem. Agora, roga pela vida dele! Eu não posso permitir que viva. Eu não poderia conviver com a incerteza a me assombrar.

Sem aviso, Graco a afastou e se voltou para procurar por Ethan. Dana lhe seguiu o olhar, aflita, porém soltou o ar ao ver que seu marido não estava onde o avistou pela última vez. De imediato, todos olharam ao redor, alarmados. Ethan não fora visto em parte alguma.

– McCain! – Graco bradou antes que uma força invisível o lançasse de encontro à parede.

– Ethan! – Dana exultou, mesmo sem vê-lo.

Evidente que ele estava recuperado. Feliz, considerando-se livre para agir, sem dar importância ao fato de a força extra vinda com a transformação não mais existir, Dana se lançou com toda sua fúria contra Betânia. Esta saltou antes que a alcançasse.

– Não! – gritou Raquel, seguindo-as, para evitar o confronto.

Desde que vira o beijo odioso Ethan entendia que *aquela* era o real momento do desapego. Domando seu ódio extremo, esperou que seu rival – agora a revelar sua verdadeira face – se afastasse de Danielle, pois não cometeria o mesmo erro do parque. E uma vez que engoliu seu ciúme cegante, atenuado apenas por entender que tudo fora feito *por ele*, deveria abandonar seu protecionismo. Não poderia se distrair ao ver Danielle lutar, então, confiante de que ela era forte o bastante para defender-se, ele focou toda sua atenção e força em Jeff e em Graco.

Ao inferno com os dragões em seus corpos! Um deles – ou os dois – morreria aquela noite, pois ele nunca mais daria a Graco a chance de tocar em sua mulher.

Ethan estava em desvantagem, pois Jeff se juntou a Graco para contê-lo. Temendo que Ethan cometesse alguma temeridade para por fim à contenda, Dana perseguiu Betânia com renovado empenho, ansiosa por matá-la para intervir na luta. Ela precisava parar os dois vampiros marcados antes que o pior acontecesse.

– Sabe? – optou por provocar Betânia para que ela parasse de se esquivar. – De todos, você sempre foi quem Sabina menos gostou.

– Mentirosa! – Betânia gritou. – Éramos amigas! Parceiras de caça! Nós nos divertíamos juntas com os humanos!

– Sabina tinha pena de você – Dana replicou –, afinal era insignificante para todos! Ríamos às suas costas

– Cala a boca! – Betânia urrou.

– Parem com isso! – Raquel ordenou, afastando-as com um movimento das mãos, sem tocá-las.

– Didyme?!

Ao ouvir o nome, as mulheres pararam, Betânia e Raquel tinham os olhos postos no recém-chegado. Por vê-las de frente, Dana notou quando Raquel abriu a boca em muda exclamação e maximizou os olhos castanhos. Ao se voltar, para seguir-lhe o olhar, Dana sabia quem veria, conheceu-o pela voz carregada.

– Seth! – Raquel sussurrou ao recuar um passo, terrificada, completamente esquecida da luta.

Graco, por sua vez, também se encontrava imóvel, assim como Ethan e Jeff, encarando Laryn, que avançava lentamente até eles. Na verdade, Seth Demini, como Dana deduziu na noite em que o conheceu. Estava certa!

A novidade era descobrir que *Raquel* era a esposa traidora, Didyme. Mas não causou estranheza, apenas justificou que soubesse tanto. Justificou a devoção.

– Seth, eu... – Raquel balbuciou depois de baixar o olhar.

– Não pronuncie meu nome, mulher! – Laryn ciciou, deixando de olhá-la, impassível. – Para mim, você morreu ao me deixar. Meu assunto é com ele.

Ao ser apontado, Graco recuou um passo e sinalizou para que Jeff atacasse. O jovem imortal não deu o primeiro passo na direção de Seth antes que Ethan movesse a mão, erguendo-o do chão sem sequer tocá-lo e o atirasse com toda força contra os bancos de madeira.

Não satisfeito, remoendo a lembrança de que ele igualmente beijou sua mulher e ali, prontamente o agrediu, Ethan voltou a erguê-lo com fúria renovada. Depois de fazê-lo se chocar contra o teto, atirou-o sobre a madeira quebrada. Pelos ferimentos que surgiram no peito de Jeff e por sua imobilidade, todos souberam que as grossas lascas atingiram seu coração.

Ao ver-se sozinho, agora acuado por dois vampiros marcados e igualmente temerários, Graco tentou fugir sem sequer tentar parar seus adversários, pois era evidente que seria inútil.

Uma vez livre da dramática entrada, apavorada com o rumo que a disputa tomaria, Dana se voltou contra Betânia, disposta a encerrar aquela questão de vez.

– Novamente é entre nós duas, *coisinha insignificante*.

Betânia não procurou por defesa, com a determinação no olhar, também atacou. Aflita, despertando do seu torpor, Raquel olhou indecisa para as duas contendidas, como se não soubesse a quem socorrer. Por fim, deixou que Graco se livrasse sozinho de seus atacantes e, mais uma vez, tentou evitar a briga entre as vampiras.

Antes que Raquel tentasse afastá-las com sua força, Betânia a atirou para longe, antecipando-se ao gesto.

– Não vai me trair mais uma vez! – ciciou para Raquel.

– Não a machuque, Bete! – Raquel implorou antes que se levantasse. – Graco não vai perdoá-la!

– Que seja! – Betânia gritou, voltando a atirá-la longe, assim como a Dana que saltou para atacá-la.

Dana pousou no corredor e, ainda agachada, viu que Raquel fora arremessada para junto de Seager. A imortal milenar se levantou de um salto, mas antes que se movesse foi atraída para trás por outra força e caiu nos braços de Seager. Para sua ruína, o peão usado fingira todo o tempo e, com fúria no olhar, prendeu-a pelo pescoço.

– Bete... – ela chamou, arranhando o braço que a prendia, esperneando, lutando. – Bete, me ajuda...

Por um instante Betânia a encarou, porém virou-lhe o rosto, deixando claro que nada faria. E então não tinha o que pudesse ser feito. Ao imprimir maior força, Seager desprende a cabeça de sua amante, sem nada dizer.

Era estranho, mas Dana sentiu aquela morte. Algo que não se repetiria com Betânia que avançava, gritando, com os braços estendidos. A forma como lutava era conhecida, então, Dana correu para encontrá-la. Valendo-se da força de sua rival, Dana desviou do contato e segurou um dos braços de Betânia, pelo pulso. Depois de girá-la algumas vezes – como nas brincadeiras infantis –, soltou-a para que se chocasse com estrondo contra a parede próxima. Ao vê-la cair, desnorteada, Dana saltou sobre ela.

– Não! – Betânia gritou ante que Dana pisasse em seu pescoço.

– Isso é por se atrever a tocar em Ethan! – ciciou. Ao se preparar para desprender-lhe a cabeça, bradou: – E isso, é para que veja como se mata uma cobra!

Não houve receio, não houve reserva. Com a imagem de Ethan ferido diante de seus olhos, em vermelho, Dana se agachou, prendeu a cabeça de sua oponente e a girou, separando-a por completo para que jamais tivesse recuperação.

Infelizmente Dana não teria tempo de congratular-se por seu feito. Livre, olhou em volta em tempo de ver que Ethan e Seth ainda tentavam conter Graco, que os repelia. Esteve tão absorta em sua disputa que não sentira o ar vibrante à sua volta. Aquilo não terminaria bem!

Naquele instante Dana entendeu a postura de Raquel ao tentar conter uma luta entre criaturas pelas quais nutria afeto. Dadas as devidas proporções, sim, ela gostava de Graco. E amava Ethan loucamente. Não suportaria se o perdesse.

– Parem! – ela ordenou. Não fora ouvida.

– Dana... – ela ouviu a voz de Seager, baixa.

Por um instante titubeou, atenta à luta, porém, rendeu-se ao chamado. Evitando olhar para Raquel, Dana se agachou ao lado do vampiro caído.

– Seager...?

– Poderia... me fazer o favor... de terminar o que essa traidora começou? – ele indagou. – A madeira me prendeu aqui, mas não chegou ao meu coração. Preciso que você a remova e...

– Está louco?! – exclamou ao entender o pedido. – Não vou te matar!

– Dana...

– Não! – ao negar, apenas arrancou a estaca e a atirou longe. Pegando-o pelos ombros, olhou em volta até avistar um homem que ainda se mexia. Sem tempo para reservas, sabendo que nada salvaria aquela vida, Dana levou Seager até ele. – Beba! – ordenou.

Mesmo atento às constantes tentativas de fuga de Graco, Ethan não perdia um movimento de sua esposa. Estava orgulhoso que tivesse matado Betânia, e que agora se ocupasse de Seager, mas queria-a fora dali. Quando chegasse a hora de fazer o que devia, ela não poderia estar por perto, pois tentaria impedi-lo.

– Graco, renda-se! – ordenou Seth.

– Jamais! – ele bradou, tentando chegar à porta.

Ethan se colocou à sua frente e o empurrou de volta, lamentando não ter um bom ângulo para segurar-lhe a cabeça.

Estava prestes a segui-lo, quando foi abraço por trás, tendo as mãos de Danielle em seu peito.

– Vamos embora, Ethan – ela pediu ao seu ouvido. – Deixe que Seth se ocupe de Graco.

Por sua vontade, nenhum dos dois morreria, mas Dana sabia que pouco poderia fazer para ajudar aquele que, num tempo remoto, fora seu senhor. Agora, seu amor puro e forte era de Ethan e era a ele quem devia total devoção. Tinha de tirá-lo dali.

– Vem! – implorou, tentando movê-lo.

Ethan não a atendeu, com os olhos postos em Graco, fez com que ela viesse para seus braços e a apertou junto ao peito, despedindo-se. Queria dizer-lhe tantas coisas, declarar o amor que negou pela manhã, mas não tinha tempo.

– Não posso! – disse apenas, junto aos cabelos dela, ignorando o odor deixado por seu rival.

– Ethan, por favor – ela voltou a implorar. – Se ficar, se o matar, não vai sobreviver. Eu não suportaria.

– Assim como eu não suportaria saber que ele vive, caso Seth falhe mais uma vez. Como Demini lhe disse, não desistiria de você. Nunca teríamos paz, Danielle!

– Que se dane! – ela explodiu, em desespero ante a determinação. – Eu nunca iria com ele!

– Sei disso! – garantiu, tocando-lhe o rosto. Logo seu olhar escureceu ao acrescentar: – Mas depois do que vi, tenho de garantir que ele sequer tente reconquistá-la. – Preocupado em ver que Graco conseguia repelir os avanços de Seth, Ethan empurrou sua esposa na direção de Seager que, recuperado, livre da camisa ensanguentada, juntou-se a eles. – Tire-a daqui! – ordenou.

– Não! – Dana tentou se livrar, contudo Seager já a prendia. – Me larga! Não! Ethan! Não!

– Não sofra, Danielle – Ethan pediu, sem olhá-la, movendo a mão para impedir que Graco avançasse na direção da porta. – Agora vá!

Ela não iria sem lutar. Seager não a soltou, mas tinha dificuldade em levá-la para fora. Assim, contida, sendo afastada contra sua vontade, Dana assistiu a contenda. Viu quando Ethan empurrou Graco em determinada direção e materializou-se às costas dele, prendeu-o pelos braços para encerrar com as fugas; para conter seu poder.

Logo Seth estava à frente dos dois e, com fúria em seu olhar, decidido, rasgou a camisa de Graco para expor o dragão que ele tinha no peito. Sem ofensas, sem preâmbulos, ele procurou pelo coração de seu desafeto milenar e o arrancou.

Dana sufocou e, sim, chorou. De pesar pelo fim de Graco, de alívio e felicidade extrema por não ter sido Ethan a matá-lo. Era o fim! Enquanto ainda se debatia e era arrastada, viu Seth recuar alguns passos, atirar longe o coração do inimigo e levar as mãos ao peito.

– Nós dois estava errado, irmão – disse a Ethan, antes de cair de joelhos. – Perdoe a demora. Perdi sua esposa e tardei a encontrar aqui.

– Não tem problema – Ethan o tranquilizou, olhando-o com atenção.

Não havia surpresa ou horror na face de Seth, apenas resignação e contentamento pelo dever cumprido. Depois de um violento estremecimento e de liberar um grito que não conseguiu conter, o vampiro tombou.

Sim, eles estavam errados! A maldição era verdadeira, afinal. Contudo, estavam livres! Dana exultou, segurando-se ao batente para que Seager não a levasse.

– Venha! – gritou para Ethan. – Vamos sair daqui! Acabou, meu amor! Acabou!

– Não acabou – Ethan negou, resolutivo, elevando os braços. – Os humanos não podem ver esse cenário. Limpar a sujeira. Lembra o que lhe ensinei?

E novamente o ar se agitava, os vidros trepidavam.

– Ethan... – ela choramingou, não tinha mais forças para lutar. Como ele pretendia encobrir tantos corpos? – Não...

– Leve-a daqui, Seager... Como um líder, tenho de assegurar que nosso segredo seja mantido.

Ao se calar, o chão estremeceu e partes do reboco do teto desabaram.

O que Ethan estava fazendo? Dana pensou aflita, sem encontrar sua voz ao imaginar o pior. Seu vampiro era obstinado o bastante para... ela se recusou a pensar. Mais uma vez tentou se soltar, contudo, restabelecido, Seager era mais forte. Valendo-se de sua superioridade, por fim fez com que ela largasse o batente, ergueu-a nos braços e correu para fora.

Novamente a se valer da farsa, Seager levou Dana até uma das viaturas e com ela tombou aos pés dos policiais, como se fossem sobreviventes do estranho ataque.

– Minha nossa! – exclamou um dos homens, abaixando-se para socorrê-los. – Vocês estão bem? Eu vou...

O oficial se calou ao ouvir o violento estrondo, seguido de um desmoronamento. Instintivo, abaixou-se sobre eles. Dana sufocou e lutou para se libertar de Seager, que ainda lhe prendia o braço. Ethan não poderia... Ele não estaria...

– Me solta, Seager! – gritou. Tinha de voltar.

– Ethan iria preferir que mantivesse nosso segredo – ele sussurrou em seu ouvido antes de atendê-la.

O segredo era a última coisa que lhe importava. Faria o que fosse preciso para estar com Ethan, Dana determinou ao ficar de pé. No entanto, não tinha para onde ir. Ao seu redor a cena era horrível. A poeira envolvia a todos, tornando o ar irrespirável, cegante, obrigando a multidão a dispersar. Onde antes estava a entrada da Corte, havia apenas entulho. Era admirável que as colunas e a fachada não tivessem desabado sobre os oficiais presentes ou os curiosos.

Era como se o interior do prédio tivesse implodido. Sobre Ethan? Esse foi o último pensamento que cruzou a mente de Dana, antes que ela sufocasse e fosse envolvida pela escuridão.

∞

Enfim veio a neve antecipada, trazendo o frio cortante que Dana não sentia. O manto branco obrigava os vampiros a usarem óculos escuros para preservarem seus olhos sensíveis da luminosidade extra, vinda do chão, dos trocos desfolhados, das campas ao

redor em *Cypress Hills*. Evidente que na despedida de Ethan não teria chuva, sim algo mais dramático.

– Ethan Smith McCain foi um cidadão exemplar – disse o prefeito, alto e em bom tom. – Jovem brilhante e promissor, em constante crescimento em sua carreira. Homem benevolente, consciente quanto à necessidade do próximo. Hoje, digo com certeza, que Nova York chora a perda de alguém especial em um atentado arbitrário. Alguém que escolheu nossa querida Manhattan para expandir seus negócios, fixar residência e nela constituir sua família. Deixo aqui minhas sinceras condolências à viúva, Danielle Smith McCain. Que Deus dê paz ao seu coração e que...

– Quando esse inferno vai acabar? – Dana indagou à Joly, que a amparava. – Quero sair daqui.

– Ethan iria preferir que ficasse até o fim – Thomas disse ao seu lado, este mantinha uma das mãos em seu ombro, confortando-a. – Imagino o quanto esteja sendo ruim, mas aguente mais um pouco. Está acabando.

– Devemos agradecer que não haja um corpo – Joly suspirou. – Se fosse o caso, seria ainda pior.

– Eu agradeço por isso – Dana garantiu, comovida, sufocada –, mas preferia estar na cobertura, juntando minhas coisas. Essa despedida está me matando!

– Já sabe para onde vai, Danielle? – Thomas indagou. – Talvez fosse o caso de esperar alguns dias antes de partir. Algumas instituições expressaram o desejo de prestar homenagens a Ethan e seria interessante que comparecesse.

– Eu não suportaria – assegurou. – Assim como está sendo insuportável ficar na cobertura sem ele... Você é tão importante quanto eu, Thomas. Vá em meu lugar, pois Ethan merece todas as homenagens. Quanto a mim, não se preocupe. Você sabe que vou manter contato. Não precisa se preocupar.

– Pede o impossível, Danielle. Você não está bem.

Ouvir o nome completo, em outra voz, reduziu o que restava de seu coração a pó. Como os amigos poderiam imaginar que ela ficaria onde Ethan não estivesse?

– Vou ficar – murmurou.

– Eu ainda não me conformo de não ter participado – Joly ciciou, aborrecida.

– Não mais do que eu. Fui incauto ao acreditar que pudesse deixar a cidade. Estávamos em guerra!

– Mas não conseguimos um voo de jeito nenhum, Dana – Joly repetiu a história pela quinta vez. – Nem jatinhos tinham permissão para a decolagem. Quando vimos o que acontecia pelos noticiários, enlouquecemos.

– Eu sei. Não se martirizem – Dana pediu. – Talvez tenha sido melhor assim. Se estivessem presentes, quem garantiria que não tivessem sido mortos? E mesmo que não acontecesse, não conseguiriam demover Ethan de sua decisão. Ele faria tudo igual e... estaríamos aqui, da mesma maneira...

– Sei disso, mas ainda assim... – Thomas cerrou o punho.

– Como Dana disse – falou Seager. – Thomas, não se martirize. Todos nós sabemos que teria dado seu melhor. A culpa maior foi minha, por ter acreditado em Raquel, pedindo por ela.

Thomas esboçou um sorriso e tocou o ombro de Seager.

– Também não se martirize – pediu. – Não conhecíamos as reais intenções de Raquel, mas sabíamos que não era confiável. Você era uma incógnita, mas agora sei que sempre estive do nosso lado. Fico feliz que tenha escapado e que continue conosco.

– Para onde eu iria? Ela salvou minha vida – Seager indicou Dana. – Lamento apenas que não me queira por perto. Eu poderia ir com você, sabe disso – disse para ela.

– Não seria adequado – Dana retrucou. – E não quero que se sinta em dívida comigo. Não o salvei como um favor, mas porque é meu amigo, igual a mim.

– E é exatamente por isso que a admiro mais. – Seager abaixou a cabeça em deferência. – Você tem minha lealdade eterna, Dana McCain.

Dana não retrucaria. Se pudesse, sorriria em agradecimento, mas não aconteceria. Desde que Ethan se fora não via motivos para sorrir. Queria apenas encerrar com as formalidades e partir.

E seria exatamente o que faria, determinou. Não tinha estômago para participar do velório de Ethan. Olhando para cada um de seus amigos, disse:

– Foi uma aventura e tanto essa que nós vivemos. Agradeço por tudo que cada um de vocês fez por mim, mas agora é hora de eu seguir meu caminho, em breve estaremos reunidos mais uma vez. Thomas, eu confio que vá cuidar bem da McCain & Associated. Seager, quando eu te reencontrar espero que tenha encontrado um amor verdadeiro, que valha a pena. E Joly...

– Eu sei, *ma chère*! – a amiga a cortou, comovida. – Eu cuido daquele pulguento. Já que está com tanta pressa, vá de uma vez. Odeio despedidas! E você já disse, em breve estaremos juntas.

Sim, estariam. Ela apenas precisava deixar aquela cidade enlutada pelas perdas no estranho ataque terrorista, cuja autoria não fora assumida por nenhum grupo extremista, por ninguém. Ethan era considerado um herói, pois Davidson alardeara que fora salvo pelo advogado. Evidente que a parte dos saltos absurdos era creditada ao choque sofrido e sequer era levada em consideração.

Ao estar face a face com o promotor, Dana tratou de editar esse detalhe na mente humana, com isso, apenas a bravura de seu marido seria lembrada. O sacrifício de Ethan não poderia ser em vão, o segredo tinha de ser mantido. Ela se orgulhava pelo desprendimento, mas a lacuna deixada por seu vampiro a sufocava. Não tinha como participar de homenagens sem que uma hora desmoronasse.

Se não partisse antes do esperado, seria ela a morrer.

O final – Brasil – 2013

A iluminação do bar do hotel sempre lhe chamaria a atenção, mas não naquele momento. Desde a primeira vez que se hospedara no Copacabana Palace, Dana considerava-o primoroso, assim como a vista para o mar, uma das mais admiráveis. Mas os detalhes agradáveis desapareciam sempre que sua presença causava frisson nos homens ao seu redor.

Naquela noite em especial, parecia que o lugar recebia a capacidade máxima – cerca de 200 pessoas – o que tornava o ar poluído pelo desejo conjunto, insuportável.

– A bebida não está do seu agrado, D. Danielle? – indagou o barman, solícito.

– Está deliciosa, obrigada! – Dana confirmou também com um aceno de cabeça, evitando sorrir para não atraí-lo mais. Agora que dominava o português, bastava usá-lo, sem se valer de mímica, como nos anos anteriores.

– Se precisar de algo mais, é só me pedir. Qualquer coisa, qualquer hora – ele acrescentou com uma piscadela, em tom confidente.

Dana o analisou por um instante. Era um rapaz bonito, sem dúvida, mas para ela nunca existiria alguém comparável a Ethan. Seu marido sempre seria insubstituível.

– Estou bem, obrigada. – Dana deixou o acento junto ao balcão, abandonando a bebida. – Mas se precisar, eu o chamo – garantiu rapidamente ao notar que ele endossaria o oferecimento.

Não tinha porque ser grosseira. E o belo brasileiro poderia sonhar, não poderia?

Aproveitando o pensamento divertido, Dana ignorou os olhares, as cantadas descaradas que recebia ao passar, os elogios ao seu vestido preto – de tecido brilhoso, curto, com decote em V nas costas –, e seguiu até o restaurante anexo. De lá foi para a piscina. Despretensiosamente caminhou pelo deck até a espreguiçadeira mais distante, na qual se sentou.

Ali, longe dos odores irritantes, Dana fechou os olhos e aspirou o ar perfumado, apreciando a noite primaveril. Em Nova York o clima era outonal. Poderia completar o pensamento, antevendo o inverno ou o Natal, que aconteceria no mês seguinte, porém o marco de dezembro nos últimos três anos era o ocorrido na Corte.

Talvez cada cidadão nova-iorquino sentisse o mesmo, afinal, tal incidente ainda não fora esquecido. Para ela representava a morte de Ethan McCain, um nome de peso, difícil de ser esquecido. Tanto quanto fora complicado abrandar seu restabelecido espírito combativo

depois de dias inteiros de tensão e falsa calma. A dor que trespassou seu peito na ocasião, apesar de tudo, nunca se extinguiu.

Com a lembrança seu coração afundou no peito. Queria *Ethan* de volta!

– Sozinha?

Dana suspirou e abriu os olhos após ouvir a pergunta feita em português, atraída pela voz mansa. Ao erguer o rosto, deparou-se com um belo moreno, parado ao seu lado.

– Sim, estou sozinha – disse também em português, antes de fechar os olhos, ignorando-o.

– Parece triste – ele comentou. Ao ouvir o som de tecido, ela soube que ele levou as mãos aos bolsos da calça caqui que usava.

– Não estou triste. – Dana mantinha os olhos fechados, mas sabia que era atentamente observada.

– Se não está triste, ao menos pensa em coisas que a entristecem – ele observou, tomando a liberdade de se sentar às suas costas, muito perto. – Uma linda mulher não deve se entristecer por coisa alguma. Quer dividir? Posso lhe fazer companhia.

– Não quero companhia – Dana refutou a oferta, secamente.

– Poderia, ao menos, me dizer seu nome? – ele insistiu. – Estive observando você desde que chegou ao bar.

– E achou que seria boa ideia seguir uma desconhecida até aqui? – Dana ainda não o olhava, apenas ouvia seus movimentos.

– Sempre me parece boa ideia seguir uma mulher bonita. Em especial uma que está desacompanhada. – Ao se calar, em nova ousadia, ele correu dois dedos por seu braço nu, do ombro ao cotovelo. – Quem pode saber o que o final da perseguição me reserva?

– Talvez consiga algo que não deseja – ela retrucou, contendo-se para não reagir ao toque. – Nunca te ensinaram que não se deve falar com estranhos.

– Nunca citaram estranhas gostosas, com cabelos castanhos claros e incríveis olhos caramelo... Viu só? Estive, mesmo, observando você.

– Parece que sim... – Dana sussurrou, deixando que ele fizesse o carinho em seu braço, agora no sentido contrário.

O cheiro de desejo, vindo dele, era bom. Excitava-a.

– E então... – Ele lhe afastou o cabelo, deixando um ombro nu, o pescoço livre. – Não vai me dizer o que a entristece? Talvez eu possa animar você.

– Acho difícil. – Mesmo afetada, ela recolocou o cabelo no lugar. – Resumindo a conversa, saiba que sou viúva e não pretendo trair meu marido.

– Se é viúva, não seria traição – ele rebateu, voltando a afastar o cabelo para deixar livre o pescoço delicado.

– Eu estaria traindo sua memória, então, desista!

Dana previu que receberia um beijo em sua pele nua, para evitar o contato, levantou e deu um passo à frente. Ao ouvir a profunda respiração masculina, abraçou o próprio corpo e esperou pela explosão.

– Mas que inferno, Danielle! Por que está sendo tão difícil esta noite?

– Está perdendo o jeito – Dana o provocou antes de se voltar. Ao vê-lo em sua verdadeira forma, sorriu. – Desistiu rápido demais, Ethan.

– Nunca perco o jeito – Ethan replicou, altivo. Então cerrou o cenho. – E o nome é Wade. Ethan morreu de modo honrado, num atentado ao país que adotou. Todos os anos, na mesma data, nós levamos flores ao tumulto dele. Esqueceu?

– Não para mim. Sabe muito bem que não gosto disso, mesmo que tenha sido necessário para manter nosso segredo seguro.

Dana nunca lhe diria, mas entendia Raquel e Betânia por não aderirem ao novo nome sempre que Graco assumia outras identidades. Quando se amava, amava o todo: corpo, alma, cheiro, identidade, tudo.

– E já que tocou no assunto, não gosto dessas visitas ao cemitério – Dana acrescentou, livre do humor. – É mórbido.

Ethan sorriu, erguendo mais um dos cantos da boca: irresistível!

– Somos vampiros! O que não é mórbido em nossa existência?

Dana gemeu e correu até ele para se acomodar em seu colo.

– Nós poderíamos nos mudar para outra cidade, em outro estado, onde você pudesse ser Ethan McCain de novo – sugeriu.

– Serei Ethan McCain muito antes do que você espera, meu amor. – Ele a abraçou pela cintura e aproximou seus rostos. – Para nós, vinte e cinco, trinta anos, não são nada. Sabe que essa não é a primeira vez que uso outro nome. A troca é necessária para encobrir nossa eternidade. Em breve você terá de fazer o mesmo.

Ethan lhe lambeu a lateral do pescoço, reacendendo o desejo mitigado pelo breve dissabor antes de expor a sua sugestão:

– Poderia escolher o nome de uma de suas versões anteriores. Regina, Valerie, Maria.

– Ou Sabina.

– Não! – Aborrecido, Ethan a deixou sobre a espreguiçadeira e se pôs de pé. Danielle deveria saber que ele nunca aceitaria que usasse tal nome. – Mas que inferno! Três anos se passaram e você ainda não esqueceu esse assunto? Continua impressionada?!

– O que são três anos para nós? – ela indagou, abraçando-o por trás. – E eu acho que já é tempo de falarmos abertamente sobre isso. Tudo seria mais fácil se aceitasse que não é uma impressão...

– Não, Danielle! – Ethan se voltou e a prendeu entre seus braços. – Eu não acredito que Raquel, mesmo morta, ainda a iluda.

Dana suspirou, então olhou para o céu.

– Está uma noite bonita, não? – comentou, simulando casualidade.

– Uma noite...? – Ethan ergueu o olhar, então voltou a encará-la. – O quê?!

Dana sorriu da confusão que via nos olhos verdes, e não respondeu. Como Ethan salientou, anos se passaram. Já era hora de ele encarar a verdade. E qual data seria tão significativa para a aceitação do que seu aniversário de 200 anos?

– Danielle?

Mais uma vez Dana não lhe respondeu. Agora, todos do grupo dominavam alguns poderes antes inimagináveis, graças às idas até Kastoria. Aquele ano, os ensinamentos de Siro – que jamais se apresentou como Caim – foram interessantes e naquele instante, seriam úteis.

– Danielle, o que pretende?

Sorrindo, Dana se desvencilhou do abraço e ergueu a mão direita, mantendo a palma voltada para cima, pensando, sem esforço, no efeito que queria. Não era uma legítima descendente do primeiro assassino, não dominava o tempo, mas tinha seu mérito. Logo o ar se agitou e uma fina camada de névoa cobriu a piscina e se elevou.

– Danielle? – Ethan a chamou, cada vez mais confuso, olhando ao redor, para a neblina que se formava. – O que pretende?

Tantos anos e não tinha aprendido a acompanhar seu raciocínio.

– Quero dar seu presente – ela esclareceu ao abaixar a mão –, mas não no quarto, depois que você seduzisse a desconhecida *gostosa*.

– Você está completamente fora no combinado – resmungou.

Ethan a queria, mas não tinha como esquecer a menção à Sabina. Melhor seria encerrar aquela ilusão de Raquel, definitivamente. Decidido ergueu a mão esquerda para dissipar a bruma.

– Não faça isso – Dana pediu, aproximando-se. Há tempos vinha aprimorando seu plano. Ainda temia, mas já era o momento de usá-lo.

– Vejo em seus olhos que tem uma Cruzada em mente – comentou o vampiro, aborrecido por seu corpo já reagir ao dela. – Por que está me distraindo quando devemos conversar?

– Não estou – ela simulou inocência, adúladora. – Só quero me redimir por te contrariar. E farei isso, amando você... – sussurrou enquanto abria os botões da camisa branca que ele usava. Ethan gemeu quando ela o despiu da peça e tocou seu abdômen. – Aqui... Com todas essas pessoas por perto, sem que possam nos ver... Não te parece altamente excitante? Ousado? Perverso?

– Danielle... – chiou ao ser tocado. Ela sabia como dobrá-lo, era um fato.

Os dias que passaram separados, após sua suposta morte – depois que partiu às pressas para Washington –, foram os piores de sua existência. Por sorte, movida por sua eterna rebeldia, Danielle adiantara o reencontro, que se deu onde estavam hospedados. Desde então os encontros no hotel carioca passaram a ser anuais. Mas nunca ousaram tanto!

– Depois conversamos – ela prometeu, apertando sua rigidez. – Que mal pode haver se ficarmos juntos um pouco... Só um pouquinho... O que me...

Ethan grunhiu e a calou com um beijo. Não tinha razão para ocultar sua fraqueza. Desde que Danielle despertou como imortal ele soube que estava perdido. E como se não bastasse, a diaba se transformou numa maldita bruxa completa, com poderes e tudo o mais que as de sua laia tinham direito. Não bastava controlar a água e o vento, ela também tinha de saber usar sua voz ronronante, seus olhos súplices, suas mãos macias; ela inteira.

Dana correspondeu ao beijo com ardor, e não se congratulou pela vitória. Imbuída em sua *Cruzada*, deixou o carinho íntimo apenas pelo tempo de expor a dura hombridade.

– Praga! – Ethan rosnou ao ser apertado sem barreiras e aprofundou o beijo, com fúria. Os comentários alarmados sobre a súbita mudança do tempo que lembrava a presença das pessoas próximas, excitavam-no mais.

Sem apartar as bocas aflitas, Ethan desprende o botão que mantinha a frente do vestido no lugar e libertou os seios fartos. De pronto os apertou, estimulando os bicos entre seus dedos.

– Ethan... – Dana gemeu em meio ao beijo.

Calando seu próprio gemido, Ethan ergueu sua esposa, amparando-a pelas nádegas e a encaixou em sua cintura para levá-la de volta à espreguiçadeira. Quis deitá-la, contudo ao entender o que ela queria, sentou, deixando-a em seu colo.

– Gosto quando me cavalga – ele sussurrou, entre o beijo que não desfazia.

Dana adoraria montá-lo, e naquela noite era imprescindível, mesmo sabendo que morreria a cada investida, antes de concluir sua ação. Resoluta, com um gemido incontido, encaixou-os.

– Você é perfeito... – ela exalou ao tê-lo em si, fazê-lo aceitar começaria dali.

Por um instante sua vontade esmoreceu e desejou apenas dar cabo daquele desejo instantâneo, sempre intenso, sempre insano, antes inexplicável. Porém não poderia. Por todos aqueles anos temeu o que viesse após a aceitação, mas tinha de seguir em frente. Ethan tinha de saber toda verdade.

– Você é forte... – murmurou ao mover o quadril de encontro ao dele. – Muito forte!

– Não sou – ele negou num gemido, teso pelo prazer que crescia em seu âmago ao receber as investidas vigorosas, ao ter as palavras cantadas em seu ouvido. – Já me rendi a você...

Não foi o que ele disse a Sabina, contudo, não importava. Dana seguiria com as falas que recordou e desde então sabia de cor.

– Você é incrível – novamente murmurou, sempre a serpentear sobre ele, indo e vindo, esforçando-se em não sucumbir agora que um de seus seios era sugado com força. – É viril... Nunca conheci outro assim.

Imediatamente o vampiro estacou com rosnados se instalando em seu peito. Danielle o comparava a outros homens que teve? Ao rábula? Ao namoradinho que dava nome ao gato? Era aquele o seu presente?!

– Seria perfeito se pudesse ser igual a mim – Dana prosseguiu. Ignorando a reação ciumenta que ameaçava terminar com sua ação, comprimiu intimamente a rigidez que tinha em si. – Se aceitasse minha oferta, ficaríamos juntos para sempre.

– Qual oferta? E estamos juntos... – Ethan grunhiu, excitado, aborrecido, confuso. – Juntos para sempre... Somos iguais.

– Não, Ethan!... Suas palavras exatas foram, seria perfeito tê-la para sempre, moça. Mostre-me como ser igual a você – Dana o corrigiu quando seu desejo estava prestes a explodir. Ao senti-lo se agitar sob ela, abraçou-o com força e prosseguiu: – E então *ela* te disse, se eu beber seu sangue e depois você beber o meu, seremos iguais e ficaremos juntos para sempre. Você teria poder ilimitado. Posso mostrar como?

Dana sabia a resposta. Simplesmente inclinou a cabeça do vampiro, agora estático, e o mordeu, não deixando alternativa a nenhum dos dois além de atingirem o ápice daquela dança lasciva enquanto bebia dele, minimamente.

Ethan queria afastá-la, porém na luta desigual seu corpo traidor subjugou sua mente em choque. Então, mesmo assombrado, abraçou-a e se rendeu ao ápice do prazer, deixando que os espasmos vindos com o gozo cumprissem seu ciclo.

– Sei que agora se lembra – Dana murmurou, abraçada a ele, sentindo o coração bicentenário pulsar algumas batidas a mais, junto ao seu. – Resta saber se aceita.

Aceitar? O que exatamente? Que acreditou em uma mentira por 171 anos? Como pôde esquecer um detalhe tão relevante? Desde o início... ele concordou!

Enquanto seu pai morria, sem opções, ele se rendeu à lascívia de Sabina e disse sim à oportunidade de estar com ela para sempre, aliciado pelo sexo, curioso quanto ao poder ilimitado. Deixou-se ser mordido e, quando a imortal cortou a lateral do próprio pescoço, ele bebeu o sangue vertido, sem hesitar.

“Agora ficaremos juntos para sempre”, dissera Sabina. “Resta apenas um detalhe para que nunca, ninguém, conteste nossa eterna união.”

Ele iria perguntar qual detalhe quando, mesmo com sua mente nublada, percebeu que havia algo errado com seu pai. Rindo feliz, Betânia o soltou para que caísse de lado, numa posição estranha. Foi quando soube que estava definitivamente sozinho. Ao se agitar para ir até Henry, Sabina o deteve e disse algumas palavras que o deixaram inerte, confuso.

A partir dali não importava que tivesse sido carregado como um saco de batatas, não importava a dor ao ter sua pele marcada, nem mesmo a perda de seu pai. Era a criatura que era por opção! O choque, a transformação, talvez a negação ou a perda em si, fizeram-no esquecer e então culpou, julgou e matou sua criadora por engano, por uma escolha sua.

Com a lembrança veio o entendimento aterrador. Raquel poderia ser eximia leitora de expressões, ter o poder de iludir, mas não tinha como saber tantos detalhes particulares de uma cena da qual não participara. Era espantoso, ele não sabia o que pensar, mas sua Danielle fora, sim, Sabina!

Em meio ao caos, ao interagir com Demini – ao ponto de se deixar beijar –, ganhando tempo enquanto ele, Ethan, se recuperava da tortura aplicada por Betânia, Danielle não dissera o que seu rival gostaria de ouvir. Ele esteve se enganando por três anos, reconheceu. Sua vampira dissera a verdade! Ele sabia que não seria preterido jamais, mas... As lembranças eram reais!

– Ethan, seu silêncio está me matando – Dana murmurou ao tentar se afastar.

– Não! – Ethan souou rouco, aflito, quando lhe segurou o rosto para que o encarasse. – Por favor, não volte a repetir isso. Estou farto de... matá-la.

Por não saber o que esperar, escrutinando o rosto próximo, Dana apenas assentiu.

– Vamos nos recompor – Ethan sugeriu, afastando-a, gentilmente.

Em silêncio ambos se colocaram de pé. Dana baixou seu vestido e voltou a prender a frente única, enquanto Ethan recuperou a camisa e a vestiu. Em seguida, arrumou as franjas dentro da calça e a fechou, afivelou o cinto. Somente então voltou a encarar sua esposa, sua criadora. Havia um brilho no olhar âmbar que não identificou.

Ethan precisava vê-la melhor então ergueu a mão esquerda e antes que fosse impedido, moveu-a no ar para dissipar a névoa. Foi quando leu a incerteza no belo rosto de Danielle.

– Está com medo de mim?! – admirou-se.

– Agora me odeia? – ela indagou.

– Impossível! – a palavra dele se sobrepôs à dela. Ao tocar-lhe o rosto, Ethan rogou para que Danielle lesse a verdade em sua alma. – Como eu poderia odiar você?

– Você odeia Sabina – disse ao cobrir as mãos pousadas em suas bochechas. – E agora sabe...

– Há muito tempo deixei de odiar – Ethan a cortou com ternura.

– Então aceita que eu seja ela?

– Então aceito que foi ela um dia. Agora sei que fui injusto e precipitado, mas não amei Sabina no instante em que a vi. Foi apenas desejo, inspirado pela beleza e o apelo da espécie. Não nego que entre nós começou da mesma forma, mas a forte atração se transformou. Você é outra pessoa. Minha Danielle!

Dana sorriu e sem aviso se atirou contra Ethan, abraçando-o pelo pescoço.

– Eu tive tanto medo! Acho que por isso não o forcei a ver a verdade.

– Teria sido chocante, exatamente como agora, e nada mudaria. Não se livraria de mim assim tão fácil – ele gracejou, apertando-a contra si.

Ela sorriu mais e se afastou para olhá-lo. Perdida na imensidão do olhar verdejante, sentiu seu coração inflar. Estava feliz por ser a mais importante, mas devia lealdade a si mesma; à sua primeira versão.

– *Você* é meu amor imortal e não se livraria de mim. Agora, mais do que nunca sabe que *eu* o cacei ao longo dos anos. Eu o amei desde o primeiro instante. Você era o preferido de Sabina, Ethan, mas era algo que ia além do apelo do sangue. E você se revelou um legítimo escolhido quando um dragão surgiu em sua pele, não uma serpente, como a de Sabina. É por isso que eu nunca pude comandar o tempo, como você. Eu sou uma fraude, pois meu dragão veio evoluindo a cada vida, até que ficasse exatamente igual ao seu, para que me aceitasse.

Era surreal, mas fazia sentido, Ethan considerou. As marcas das mulheres que, sempre, precipitadamente, eliminou eram diferentes, porém cada vez mais próxima a dele. Não tinha como negar a extraordinária verdade.

– Certo! Então você me caçou... O que pretende fazer agora?

– O mesmo de antes... Amar você, contrariar você – disse sugestiva. – Amar novamente e contrariar um pouquinho mais...

– E me confundir, não esqueça.

Ethan estava decidido a não dar importância à descoberta. Graco ou Raquel não mais existiam para tentar tirá-la dele. E saber que era imortal por sua espontânea vontade fez com que se agradasse ainda mais de sua condição, então não perderia seu tempo especulando porque esqueceu esse detalhe ou analisando como as constantes voltas de sua esposa foram possíveis. Estavam vivos e juntos, era o que importava.

– E não se atreva a deixar de ser absurda – troçou.

– Absurda então... – Dana sorriu. – Quer saber de uma coisa, Wade McCain? Você é tão mandão quanto seu irmão. Será por isso que ele nunca tenha me falado sobre você?

– Não tenho como saber... Mas ouvi dizer que Ethan era doentivamente ciumento, então não iria falar de um irmão, bem apessoado, tão competente quanto ele na arte de advogar, com o mesmo carisma e muito capaz de lhe roubar a esposa.

– Ethan também desconhecia a modéstia, assim como você – ela gracejou. Talvez um dia se acostumasse com o nome de seu atual marido.

– Eu não minto, não é mesmo? – Ethan lhe contornou o rosto com as pontas dos dedos, adorava aquele jogo. – Demorou quanto tempo até que eu assumisse o comando da McCain & Associated e conquistasse o coração da minha inconsolável cunhada?

– Eu deveria ter sido mais difícil – Dana comentou. – As pessoas reparam nesse tipo de coisa. Meus pais simplesmente piraram quando souberam que desfiz meu namoro, casei, enviei e voltei a me casar em menos de cinco meses.

– Quanto ao rábula... Livrou-se tarde demais. No mais, que culpa tem você de ser desejada pelos irmãos McCain?

– Nenhuma! – Dana riu da expressão falsamente consternada. Logo, porém, voltou à seriedade. Resolvido em definitivo o assunto Sabina, tinha outro que gostaria de discutir. – Ethan... Gosto muito do Brasil, mas quero voltar para casa. Podemos?

– Pensei em ficarmos mais tempo dessa vez. Gostaria de encontrar o lugar onde enterrei meu pai.

– Quer ir até a Amazônia?!

– Sim. – Ethan endossou a resposta com um amplo sorriso. – Quem sabe agora aquele seu gato folgado não seja comido por uma onça.

– Ethan!

– Um vampiro pode fazer pedidos de aniversário, não?

– Deixe Black Dois fora da conversa. – Ela o beliscou de leve. – Mas é sério. Quer mesmo ir até a Amazônia? Da última vez disse que não chegamos nem perto de onde enterrou seu pai.

– Estávamos na direção errada – justificou-se, animado com a empreitada. – Prometo que dessa vez ficaremos por pouco tempo. Depois voltamos para Nova York. – Por conhecê-la bem, acrescentou: – O cenário político não terá sofrido grandes mudanças, então a competente Dana Hall não estará perdendo grandes furos de reportagem.

– Não tem como saber disso – ela replicou, assumindo a altivez adquirida ao longo daqueles anos. – Hoje o *Today* é um dos jornais mais lidos e respeitados graças às minhas matérias exclusivas.

– Que eu ainda prefiro não saber como faz para conseguir – Ethan replicou; seu humor sempre sofria um forte abalo ao recordar o prestígio do qual sua esposa gozava junto aos políticos: conservadores ou republicanos. Todos, sem exceção, a adoravam.

– Apenas sorriu para eles – Dana o provocou, tocando-lhe o peito. – E eles cantam como rouxinóis.

– Eu poderia mastigar um rouxinol – Ethan ciciou, prendendo-a pelos cabelos da nuca. – Não gosto desse assunto e menos ainda que queira voltar para retomar seu trabalho.

– Quem citou o trabalho foi você – ela salientou roucamente, não ocultando o quanto os rompantes possessivos de seu marido a excitavam. – Eu quero voltar para nosso apartamento, para nossa cama... Gosto de estar em casa com você.

Sempre seria intempestivo, Ethan reconheceu não se recriminando por suas falhas.

– Tudo bem... Voltamos amanhã. Mas tem de me prometer que no ano que vem voltaremos e iremos direto para Manaus.

– Eu prometo. – Dana riu contente, voltando a abraçá-lo. – Você é o melhor marido do mundo!

– O mais rendido e apaixonado, com certeza. – Não se envergonhava. E afetado pela proximidade e o odor que ela exalava desde que lhe segurou os cabelos, correu as mãos ao longo das costas despidas para estimulá-la mais. – Você poderia providenciar uma nova névoa, não? Gostei da experiência e...

Ethan se calou ao ouvir o riso conjunto vindo do restaurante. Anos poderiam se passar, mas sempre se lembraria daquela risada acintosa, com notas de deboche, características daqueles que se consideravam donos do mundo. Humanos não tinham permissão para se sentir como tal. Em especial os assassinos. Estes eram uma raça inferior, alimento, diversão e só.

– Ethan, o que foi? – Dana o encarou por um instante, e ao notar seu olhar fixo na mesa mais próxima a eles, no restaurante ao lado, especulou qual daqueles homens lhe provocava aquela imediata e negativa reação. Ele estava rosnando. – Ethan...? Está me deixando preocupada.

– Não é interessante como o mundo, às vezes, se reduz ao tamanho de um quintal? – ele indagou sem desviar o olhar do grupo de homens elegantemente vestidos.

– Está claro que conhece alguém daquela mesa, mas... quem? E o que ele fez?

– Aquele homem... O de terno cinza claro – especificou. – É Pablo Mazzili.

– Aquele *Mazzili*? O que envenenou a esposa? – Dana analisou o homem com maior interesse, antes de responder a si mesma. – Sim, ele é aquele que você abandonou no meio da audiência.

– Sim!

A confirmação ciciada revelou a contrariedade de Ethan por recordar o motivo de ter abandonado a sessão em andamento. No momento, relevante era encontrar seu ex-cliente, ali, num hotel no Brasil. O vampiro se sentiu como a personagem de um livro, ou filme policial, onde o bandido se safava de pagar por seus delitos após uma fuga clássica para o Rio de Janeiro.

“Não em uma história de Ethan Smith McCain”, disse a si mesmo, decidido.

– Esse canário já cantou livremente por tempo demais. O que me diz de caçarmos essa noite? – indagou, já sendo visitado pela expectativa.

– Aqui? Sério? – Não havia repreensão na voz feminina, somente a mesma excitação que afetava o vampiro. – Como faremos?

– Direi o que faremos.

Conspirador, Ethan murmurou ao ouvido de Danielle o que ela deveria fazer. Não precisava sentir seu cheiro para saber que ela apreciava cada etapa do plano. Sua esposa se tornara uma eficiente colaboradora naquele tipo de ataque, não recusando matar um recém-absolvido, caso ele assim permitisse. O que não seria o caso aquela noite; Mazzili lhe pertencia!

– Agora vá! – demandou. – E não demore!

– Sim, senhor mandão!

Ethan sorriu satisfeito e levou as mãos aos bolsos da calça sem desviar os olhos da silhueta de Danielle. Pablo Mazzili não teria a mínima chance. Assim como ele mesmo, reconheceu. Três anos se passaram, mas ainda sentia o mesmo alvoroço ao vê-la pela manhã ou ao final do dia, quando ambos voltavam para a cobertura, depois do expediente.

Simular que a cortejava para resgatá-la do luto fora interessante, muito mais estimulante do que convencer a todos de que era o irmão renegado do falecido Ethan McCain, vindo de Washington para assumir o que o renomado advogado lhe deixou de herança. Sim, teria sido mais fácil mudar de país, escolhendo uma cidadezinha afastada de tudo onde pudesse ser ele mesmo, mas não deixaria Nova York no auge daquela temporada por causa de Graco e suas amantes malucas.

Mudar-se-ia e voltaria a ser Ethan aos olhos de todos quando bem lhe aprouvesse, não tinha pressa. Agora, graças ao ocorrido no Tribunal e os encontros com Siro, era um líder completo, seguro, com propriedade e senhor de si. Ainda tinha muito a aproveitar, tanto em sua carreira, quanto na vida que construiu.

Por sorte, Thomas e Joly pensavam da mesma forma e apoiavam sua decisão. Seager o seguia, devotado e feliz. Ethan não negaria que a indisfarçada predileção por Danielle o incomodava, mas a tolerava por saber não se tratar de desejo carnal. De todos os envolvidos na constante farsa, apenas Danielle por vezes se mostrava resistente. Porém, apenas por apego ao seu nome. Detalhe que o divertia e envaidecia na mesma medida. Com o apego ao seu nome de batismo, sua companheira lhe fazia uma das mais adoráveis declarações de amor.

Aliás, Danielle era uma declaração! Sempre desculpendo seus acessos de fúria e ciúme – nunca domados –, suportando seu egoísmo e ego elevado, amando-o além da morte. Desde sua criação, agora sabia.

Enquanto via Danielle se aproximar da mesa ocupada por sua vítima e amigos, Ethan tentou perceber nela algum traço de Sabina. Não encontrou nada que fosse perceptível aos olhos, mas baseado na ladainha devotada de Raquel, reconhecia que ela era apaixonante como sua primeira versão. Joelle era igualmente estonteante, mas apenas inspirava o desejo coletivo. Sua Danielle, além da forte atração sexual, inspirava amor.

Aquele era um motivo de orgulho? Sim, evidente. Porém era a ruína de sua alma possessiva. Naquele instante, ao ver Mazzili sorrir feliz, erguer-se e se colocar ao lado dela, abraçando-a pela cintura para acompanhá-la, seu ciúme alcançou picos alarmantes.

O antigo réu não teria uma boa morte!

Calando os rosnados em seu peito, Ethan se adiantou para segui-los. Logo cruzava o saguão rumo à saída, sempre mantendo uma distância segura. Da próxima vez deveria alertar Danielle para que evitasse o contato direto. Agora seria obrigado a arrancar as mãos do humano abjeto por acariciar-lhe as costas nuas.

Com um manto vermelho a lhe cobrir os olhos, Ethan atravessou a avenida sem nem olhar para os lados. Ouviu o frear dos carros e alguns protestos sonoros, xingamentos, mas ignorou a todos. Toda sua atenção era dirigida a Pablo Mazzili. Finalmente o teria, pensou enquanto via Danielle levá-lo mais e mais para perto do mar.

Preciso, Ethan parou quando Danielle fez o mesmo. Era hora!

– Então, Dana... – Mazzili estava de tal forma encantado que sequer notara a presença do vampiro. – Disse que queria conversar comigo. Sobre o que seria?

– Na verdade... – Dana suspirou e indicou que não estavam sós, movendo o olhar para Ethan.

Pablo Mazzili seguiu seu olhar e de imediato recuou um passo.

– Ethan?! – exclamou alarmado, porém logo elucidou. – Não! Você é o substituto. O gêmeo que ninguém conhecia.

– Que ninguém que não tivesse importância conhecia – Ethan corrigiu indiferente; era divertido ser usurpador de si mesmo.

– Que seja! – Pablo replicou antes de voltar a encarar Danielle, visivelmente aborrecido.
– Mentiu para mim... Disse que seu segundo marido não lhe fazia companhia.

– Não fazia – Dana deu de ombros, eximindo-se. – Não naquele momento...

– E o que querem? – Mazzili se colocou na defensiva, alternando seu olhar de um ao outro. – Até onde sei, não devo nada a nenhum dos dois. Aliás, quem morreu me devendo uma explicação foi o McCain. Aquele idiota *figlio di un cane*! Nunca engoli muito bem ele ter abandonado meu caso em pleno julgamento.

– Eu soube que ele o deixou bem representado – retrucou Ethan, também atento em como o cabelo de Danielle se movia em ondas perfeitas ao sabor do vento.

Depois que se livrasse de Mazzili, pediria mais presentes. Não era todos os dias que um homem completava 200 anos!

– Que seja! – Mazzili retorquiu. – O idiota estava sendo bem pago então o mínimo esperado é que faça direito seu trabalho.

– Está errado – Ethan o corrigiu. – Você não pagou o suficiente. Mas vamos resolver isso agora mesmo.

Dana riu, divertindo-se ao ver o contentamento de Ethan. Pablo olhou de um ao outro, confuso.

– É sério isso? Quer que eu lhe dê dinheiro? Você é tão louco quanto seu irmão. Eu não te devo nada, Wade McCain!

– Não preciso do dinheiro que roubou de sua esposa – Ethan redarguiu antes de rosnar e saltar para se colocar diante do homem, assustando-o. – Quero seu sangue.

– O que...? – Pablo recuou mais alguns passos, escorregando na areia grossa, olhando de um ao outro, assombrado. – O que é você?

– O que somos – Ethan corrigiu, divertido. Depois de puxar Danielle para junto de si, disse: – Sabe quem somos, mas não custa nada nos apresentar corretamente. Esta minha adorada Danielle... E eu? Sou o *filho de um cão* em pessoa, o próprio Ethan McCain. Advogado criminalista por profissão e defensor das leis... Ah, sim!... Infelizmente, para você, somos vampiros. E vamos ter seu sangue essa noite.

A incredulidade deixou os olhos do homem, que gritou e correu, pedindo socorro. Aquela era a deixa de Dana, que, usando seu poder, mais uma vez encobriu-os com a névoa. O que fariam não seria bonito de ver...

Depois de beijar-lhe o alto da cabeça, Ethan pediu:

– Abata-o para mim, amor.

Dana descalçou suas sandálias e correu. Nada lhe daria maior prazer do que contentar seu vampiro, a razão de sua existência.

Saboreando o poder absoluto, sabendo que teria a eternidade ao lado de Danielle para viver a plenitude de todas as emoções, Ethan a imitou, descalçando os sapatos e as meias para segui-la.

Durante cada ação, o vampiro sorria orgulhoso, satisfeito, feliz.

∞∞∞∞

IMPORTANTE: Se você comprou os 3 primeiros e-books antes de 12/12/14, tente atualizar os arquivos, pois foram substituídos depois de feitas as devidas correções.

∞

N/A: Quero agradecer a cada um (a) que me adicionou e enviou um recado contando o quanto apreciou a série, ou que deixou uma avaliação. Com Eterna União se encerra a história oficial de Ethan McCain. Espero que tenha gostado dessa aventura, escrita com dedicação e o coração, que teve hiatos e retomadas, desde 2010.

Obrigada por acompanhar minha “sandice”, pelo carinho e atenção! E me desculpe, caso tenha cometido algum pecado ou tenha deixado de atender às expectativas.

E em tempo, caso tenha curtido do início ao fim, mas ainda sinta o gosto de quero mais, mantenha-se perto, pois talvez haja novidades.

Sem mais... Beijos, Halice FRS

Página oficial: <https://www.facebook.com/SerieAmorImortal>

CONTATOS DA AUTORA:

E-mail: halicefrs@outlook.com

Facebook: <https://www.facebook.com/halice.frs>

Twitter: <https://twitter.com/HaliceFRS>

OUTROS TRABALHOS:

Guarde-me Para Sempre

Proibido Pra Mim

Teoria do Amor

Encontro Final - conto